HISTORIA
DO
ROMANTISMO
EM PORTUGAL

POR

THEOPHILO BRAGA

IDEIA GERAL DO ROMANTISMO

GARRETT—HERCULANO—CASTILHO

LISBOA
NOVA LIVRARIA INTERNACIONAL
96, Rua do Arsenal, 96
1880

EDIÇÕES DA NOVA LIVRARIA INTERNACIONAL

96 e 100 Rua do Arsenal — LISBOA

Da Educação moral, intellectual e physica por Herbert Spencer, 400 réis, elegantemente cartonado para brinde 600 réis. Edição superior, br. 600, cart... 800 réis

Materiaes para a Historia da Litteratura Brazileira. Cantos e Contos populares do Brazil, collegidos por Sylvio Romero, com estudos criticos, notas de Theophilo Braga, e musicas, 3 vol. br. 2$100, cartonados.................................... 2$700

Bibliotheca das Idéas Modernas: Controversia da edade da terra por DRAPER: Origens da familia por LUBBOCK; A theoria atomica na concepção geral do mundo por WURTZ; Natureza dos elementos chimicos por BERTHELOT; Reguladores da vida humana por MOLESCHOT; Os velhos continentes por RAMSAY; O que é a força por SAINT-ROBERT; Sociedade primitiva por TYLOR; Evolução dos seres vivos por O. Schmidt; As Evoluções da historia por LITTRE. Cada volume, 50 reis, os dez vols. elegantemente cartonados.. 700 réis

Comte e o positivismo, ensaio sobre a fundação e as bases da philosophia positiva por Teixeira Bastos, 200 réis.

Revista de Estudos Livres, orgão do moderno movimento litterario e scientifico do Brazil e Portugal, collaborado por novos e illustres professores e escriptores de ambos os paizes, taes como Theophilo Braga, Teixeira Bastos, dr. Antonio José Teixeira, dr. José Augusto Vieira, Martins Junior, Sylvio Romero, Julio Lourenço Pinto, Ramalho Ortigão, J. Leite de Vasconcellos, Carlos Kozeritz, Carlos de Mello, Luciano Cordeiro, Oliveira Martins, Reis Damaso, Sá Chaves, Clovis Bevilaqua, Filippe de Figueiredo, Frederico de Barros, Dr. Philomeno da Camara, Tobias Barreto, etc.
Grosso volume de 700 paginas 8.° grande br. 3$600; os 3 vols. encadernados. .... 11$000 réis

Miragens Seculares: Epopea cyclica da historia por Theophilo Braga. Ultimo volume da *Visão dos Tempos*. Edição esmerada, br. 800 réis. cart....... 1$000 réis

Projecto de um Programma federalista radical para o partido republicano portuguez por Teixeira Bastos, com prologo de Carrilho Videira,................ 60 réis.

A Cholera em Valencia e o systema de prophilaxia anticholerica do Dr. Ferran, por Philomeno da Camara. lente de medicina da Universidade 8.° br.... 400 réis

A Questão Social, as Bodas Reaes e o Congresso Republicano, discurso por J. Carrilho Videira..... 100 réis.

Curso de Historia da Litteratura Portugueza, adaptado ás aulas de instrucção secundaria e superior por Theophilo Braga. Grosso vol. de cerca de 500 paginas, 8.° grande, 1886.. 1$500 réis. Este livro approvado pelo Conselho Superior de Instrucção Publica, por proposta do Conselho do Lyceu Central de Lisboa e adoptado além d'este por outros Lyceus, é a mais

HISTORIA

DA

LITTERATURA PORTUGUEZA

ROMANTISMO

HISTORIA

DO

ROMANTISMO

EM PORTUGAL

POR

THEOPHILO BRAGA

IDEIA GERAL DO ROMANTISMO

GARRETT — HERCULANO — CASTILHO

LISBOA
NOVA LIVRARIA INTERNACIONAL
96, Rua do Arsenal, 96
1880

A difficuldade de escrever a *Historia da Litteratura portugueza moderna* não está em manter a imparcialidade no juizo que se emitte sobre cada escriptor; para isso, basta ter sempre presente que se dá uma prova de probidade diante do tempo que julga todos, para não ousar fazer da historia um tribunal de resentimentos pessoaes. De mais, a historia litteraria, como disse Guizot, tem sobre a historia geral a maxima vantagem de possuir e poder mostrar os objectos que pretende fazer conhecer, assim está tambem menos sujeita a aberrar da verdade.

Para nós, porém, subsiste uma forte difficuldade, que não será possivel vencer: n'este periodo da historia moderna da litteratura portugueza temos de pé com todo o seu perstigio a opinião fundada sobre as primeiras emoções produzidas pelas tentativas romanticas de 1824 e de 1838. Esta opinião está atrazada mais de meio seculo e em desaccordo com o estado actual da critica. Tendo de analysar aqui reputações que se nos impozeram por costume e auctoridade não discutida, e que vemos respeitadas por habito, quando procurámos o fundamento d'essas admirações,

só achamos com pasmo talentos sem disciplina entregues a um humanismo insciente e sem intuitos philosophicos. Foi por isso que essas reputações só produziram admiradores em vez de continuadores do seu espirito. Este livro vae de encontro a muitos preconceitos e será por isso bastante atacado, mas conseguindo agitar a opinião que se immobilisa em dogma, conseguiu-se tudo [1]; estamos na situação em que se achava Phocion, que suspeitava sempre ter dito alguma tolice quando se via applaudido pelo vulgo. As criticas acerbas e pessoaes com que temos arrostado em vinte e tres annos de actividade litteraria (1857-1880) têm-nos fortalecido profundamente, porque nos provam a cada instante a phrase de Hume, em uma carta a Adam Smith: «Nada produz uma maior presumpção de falsidade do que assentimento da multidão.» No dia em que nos cercassem os applausos unanimes julgavamo-nos perdidos, deixariamos de escrever.

[1] Aos que se julgarem offendidos por violarmos o culto dos seus idolos litterarios, apresentamos a maxima de Paulo Luiz Courier, que resume a nossa disciplina moral: «Embora vos accusem, vos condemnem, vos prendam e vos enforquem, publicae sempre os vossos pensamentos. O fazel-o não é um direito, é antes um dever; obrigação restricta é para todos os que tem ideias, o communical-as aos outros para o bem commum. A verdade inteira pertence a todos: o que entenderdes que é util, podeis sem receio publical-o.»

HISTORIA

DO

ROMANTISMO EM PORTUGAL

Como das luctas communaes e burguezas do seculo XIII, depois de anullado o feudalismo, se decaiu no cesarismo do seculo XVI, no absolutismo do seculo XVII, no despotismo do seculo XVIII, até que a Revolução veiu sacudir este pesadello de morto, affirmando a independencia da sociedade civil e generalisando as immunidades locaes da communa na *Declaração dos Direitos do homem*, eis uma tenebrosa solução de continuidade, que constitue por si o trama da historia moderna, e que influiu profundamente no modo de desenvolvimento das litteraturas. Desde que os dialectos romanicos receberam fórma escripta, até que o Romantismo se servisse d'elles para exprimirem conscientemente as caracteristicas nacionaes, e o espirito da nova civilisação que os produziu, houve um profundo esquecimento da Edade Media, que durou seis seculos, e em que as litteraturas da Europa se exerceram em falso, imitando as obras da cultura greco-latina, porque não se inspiravam das suas origens tradicionaes, onde encontrariam uma natural fecundidade, bem como o seu destino social.

A transformação das litteraturas modernas, ou o Romantismo, encetou no mundo intellectual o que a Revolução franceza iniciara na ordem politica; estes dois factos resumem-se na dupla expressão do *genio* e da *vontade* nacional, pelo individualismo da inspiração e pela universalidade do suffragio. Existe uma relação historica entre esses dois factos. O phenomeno social da revolução franceza foi precedido por um extraordinario sentimentalismo e paixão pela naturesa, que principiou pela litteratura até penetrar nos costumes; um tal exagero, proveniente de uma nova actividade moral, provocou como consequencia a condemnação do falso idylio, e uma mais vasta communicação com o sentimento humano. Gervinus conheceu a importancia d'esta phase espontanea do romantismo, iniciada por Montesquieu com o seu enthusiasmo pela constituição ingleza, por J. Jacques Rousseau, trazendo ao criterio da naturesa a noção do estado, da arte e da educação, por Diderot recompondo philosophicamente as paixões, renovando assim as theorias dramaticas, fazendo prevalecer a ideia sobre a fórma, a espontaneidade á imitação, a simplicidade á belleza affectada. A este periodo, a que chamaremos *Proto-Romantico*, succedeu-se uma reacção pseudo-classica, que predominou emquanto se manteve o regimen espectaculoso e mentido do primeiro Imperio. Gervinus explica por outra fórma a interrupção: «Esta primeira phase de um romantismo inconsciente e ainda não denominado, foi interrompida e atrazada pela revolução franceza. A França só se occupou da independencia politica, ao passo que a Allemanha insistiu mais em querer realisar a sua emancipação intellectual.[1]» A melancolia romanesca do fim do seculo XVIII, que apparece na Allemanha e Inglaterra, é que põe em evidencia a connexão historica com esse periodo inconsciente, ou proto-

[1] *Hist. du XIX siècle*, t. XIX, p. 141.

romantico, que revive na *sensiblerie* da epoca da Restauração. Mas, a emancipação intellectual conduzia logicamente ao progresso moral iniciado na independencia politica; o philosopho inglez Mackintosh o sentiu: «A litteratura allemã foi apontada como cumplice da politica revolucionaria, e da philosophia materialista.[1]» Gervinus chega á mesma conclusão, dizendo, que a Allemanha attinge o desenvolvimento nacional, completando a sua educação intellectual, antes de realisar a transformação politica.[2] Foi por isto, que o impulso do Romantismo veiu dos povos germanicos, allemães e inglezes, para os novo-latinos, propagando-se do novo centro de elaboração, a França, para a Italia, Hespanha e Portugal. O Romantismo, alheio a doutrinas philosophicas, sem uma intenção clara do que pretendia, rompia com o passado, do mesmo modo que as novas instituições politicas se haviam elevado sobre as ruinas do regimen catholico feudal. Na sua vacillação doutrinaria, o Romantismo reflectiu todos os movimentos reaccionarios e liberaes da oscillação politica.

Depois da queda do imperio napoleonico, os reis do direito divino colligaram-se para extirparem os fermentos de liberdade deixados pela Revolução; vendo que essa aspiração á independencia politica se manifestava simultaneamente em todos os estados da Europa, suspeitaram na sua insensatez egoista, que essa aspiração era produzida por uma immensa liga secreta, e ligaram-se tambem na chamada Santa-Alliança para restabelecerem na sua integridade o antigo regimen. A Europa soffreu essa estupenda vergonha e atraso systematico infligido pela realesa moribunda. N'este periodo historico conhecido pelo nome de restauração, o Romantismo serviu a causa reaccionaria, for-

[1] *Essais philosophiques*, p. 264. (Trad. Leon Simon).
[2] *Hist. du XIX siècle*, t. XIX, p. 5.

talecendo a propaganda clerical com a exaltação mystica do christianismo, e idealisando o ritual cavalheiresco da Edade media para lisongear a aristocracia que julgava recuperar os seus fóros. Este periodo romantico, a que em França deram o nome de *emanuelico,* acha-se representado em Chateaubriand e Lamartine; a idealisação cavalheiresca, empregada no drama e no romance historico, em breve se achou transformada em critica scientifica no estudo das Canções de Gesta da Edade media. Foi o romantismo emanuelico o que entrou tardiamente em Portugal, predominando a feição religiosa em Herculano, e a medieval e cavalheiresca em Garrett; Castilho, como uma especie de Ducis, representava o pseudo-clacissimo post-revolucionario. As torpesas da Restauração, as agitações da Inglaterra provocando a implantação do regimen constitucional, as revoluções liberaes nos diversos estados, fizeram renascer nos espiritos mais intelligentes os principios de 1789; as naturesas ingenuas e fortes protestaram contra o obscurantismo da Santa Alliança, como Byron, ou pugnaram pela independencia nacional, como Thomaz Moore, ou Mickievik, ou perderam a esperança na causa da justiça, e formaram o grupo dos incomprehendidos, como Shelley, Espronceda, Leopardi e Heine. É este propriamente o periodo do romantismo liberal, tambem conhecido por duas manifestações distinctas, os *satanicos*, cuja exaltação sentimental é conhecida pelo nome de *Ultra-Romantismo*, e essa outra eschola que se distingue por ter sabido introduzir na idealisação litteraria os interesses reaes da vida moderna, a que se deu tardiamente o nome de *Realismo*. É esta a ultima phase do Romantismo, que subsiste identificando os seus processos descriptivos com a disciplina da sciencia; falta-lhe ainda o intuito philosophico, ou o processo deductivo, para poder tomar como objecto da arte o condicionalismo da actividade e das relações humanas. O fim do Romantismo na Allemanha foi a

sua dissolução em trabalhos de sciencia, que Gervinus define: «transição da poesia para a sciencia e do romantismo para a critica.[1]» E accrescenta: «Os proprios mestres da poesia, cuja vida se prolongára até aos novos tempos, os Goëthe, os Rückert e os Uhland, seguiram a grande direcção d'esta época, e reconcentraram-se cada vez mais no seio da sciencia.[2]» Egual dissolução se operou em França, com a renovação dos estudos historicos, com a erudição critica da poesia da Edade Media, e com a concepção realista na arte; mesmo a Portugal chegou essa corrente de dissolução critica do Romantismo, que ainda persiste como no seu ultimo reducto em Hespanha.

Expôr as causas que levaram a Europa a esquecer-se das suas relações com a Edade Media, como conseguiu descobril-as, comprehendel-as e renovar n'esse conhecimento as suas instituições politicas, litterarias e artisticas, tal é a ideia geral, que julgamos indispensavel para a intelligencia da Historia do Romantismo em Portugal.[3]

[1] Op. cit., p. 107.
[2] Ibidem, p. 109.
[3] A difficuldade que todos os criticos experimentam em definir o Romantismo, bem como a incertesa de doutrinas dos escriptores d'essa época de transformação litteraria, que obedeciam inconscientemente a uma necessidade resultante da transformação social, só se explica pela complexidade dos factos contidos sob esta designação. Decompondo-a nos seus elementos, taes como o *Proto-Romantismo*, o *Romantismo religioso* (christão e medieval) o *Romantismo liberal* (nacional, e satanico ou ultra-romantico) e por ultimo a sua *Dissolução* (realismo e disciplina scientifica) depois d'esta analyse, que resulta do estudo comparativo da politica e da litteratura moderna, a verdade estabelece-se por si mesmo.

IDEIA GERAL DO ROMANTISMO

---

§ 1. Como a Europa se esqueceu da edade media.—§ 2. Marcha da renascença romanica.—§ 3. Causas do Romantismo: A.) A erudição medieval dos historiadores modernos: a) O que se deve ao elemento romano; b) O que se deve ao elemento christão; c) O elemento barbaro ou germanico.—B) A creação da Esthetica pelos metaphysicos.—C) As revoluções nacionaes entre os povos modernos.—§ 4. Porque chegou o Romantismo tão tarde a Portugal.—§ 5. Como foi comprehendido o Romantismo em Portugal: a) Estado da sciencia historica;—b) Estado das ideias philosophicas sobre Arte; c) Renascimento de um espirito nacional phantastico.—§. 6. Consequencias contradictorias.

§ 1. COMO A EUROPA SE ESQUECEU DA EDADE MEDIA.— Quando a Edade media acabava de sair da elaboração syncretica e lenta de uma civilisação, quando estava terminado o cyclo das invasões, criadas as linguas vulgares, caracterisadas as nacionalidades, definidas as fórmas sociaes, inventada a poesia sobre tradições proprias, quando lhe competia dar largas a uma plena actividade, tudo isto foi desviado do seu curso natural, pelos dois grandes poderes que dirigiam o tempo. A egreja modelando a sua unidade sobre a administração romana, e a realesa fortalecendo a sua independencia sobre os codigos imperiaes, fizeram como estes proprietarios das margens dos rios tornados inavegaveis por causa dos açudes, torceram a corrente, violaram a marcha historica dos tempos modernos a bem das suas instituições particulares. No meado do seculo XV a Europa

estava quasi esquecida de que provinha da Edade media; no seculo XVI era essa edade considerada um estadio tenebroso pelo qual se passara como provação providencial. O modo como o conhecimento das relações da civilisação moderna com a Edade media se obliterou, é um problema historico de alta importancia: as linguas vulgares foram banidas da participação liturgica, e o latim a pretexto da universalidade tornado a lingua official da egreja e das suas relações com os estados; como nas mãos do clero estava a exploração litteraria, por um habito inveterado o latim tornou-se até ao fim do seculo passado a linguagem exclusiva da sciencia. D'aqui uma impossivel vulgarisação. As linguas romanicas, por esta dependencia constante da auctoridade do latim, soffreram uma aproximação artificial da affectada urbanidade; os grammaticos, imbuidos dos typos linguisticos dos escriptores do seculo de Augusto, chamaram ás construcções mais peculiares e originaes das novas linguas, *idiotismos!* Se observamos nos factos juridicos dá-se a mesma violação; o direito communal, passado á fórma escripta no meio das grandes luctas das classes servas que se levantaram á altura de povo, foi de repente substituido pela vontade ou arbitrio real; o renascimento do direito romano interessava a realesa e por isso voltou ao seu vigor, serviu de modelo para a codificação. Em quanto á poesia a mesma deturpação; as Canções de Gesta, espontaneas e repassadas das tradições mais vivas das luctas para a civilisação moderna, foram substituidas pelos feitos dos gregos e romanos, que terminaram no extenuado idylico do paiz de *Tendre*, dos interminaveis romances de *Brutus* e *Clelia*, e das imitações de Fénelon, e dos embellesados polvilhos de Tressan. A epopêa da Edade media, inspirada pela obra da consolidação das nacionalidades, perde o seu espirito para calcar-se sobre os moldes de Virgilio. Ariosto ridicularisa o fundo epico das principaes Gestas; Camões imita a

Eneida, para cantar a nacionalidade portugueza; Tasso segue a mesma corrente erudita para cantar o feito que assegurou indirectamente á sociedade medieval a sua estabilidade.

Na arte repete-se a mesma violação; a architectura gothica é despresada pelas ordens gregas; o estylo ogival, creado ao mesmo tempo em que o povo assegurava a sua independencia de terceiro estado, e assimilava á sua indole aryana o christianismo semita, ligado á vida nova por esta augusta tradição da crença e da liberdade, foi banido das construcções para seguir-se a louca parodia de uma arte que nada tinha de commum com o estado actual. A historia, escripta sobre a pauta rhetorica de Tito-Livio, tornou-se por essa falsidade da narração declamatoria, a effemeride das côrtes. Imitou-se o theatro romano; nas tragedias chegou-se a ignorar completamente a existencia do povo; em vez de crear, traduziu-se e commentou-se laboriosamente os escriptos que nenhumas ideias trouxeram á civilisação, obras de rhetoricos, que empeceram o labor intellectual pelo perstigio da auctoridade. A critica tornou-se uma simples comparação material ou craveira dos typos do bello da Grecia e de Roma. As consequencias palpaveis d'esta longa desnaturação vêem-se no seculo XVI: A egreja proclama-se *aristocratica*, no Concilio de Trento; a realesa, cria os *exercitos permanentes*, e torna-se cesarista, isto é, corrompendo para dominar com segurança. A unidade papal foi quebrada pela Reforma; o cesarismo foi sentenciado e executado pela Revolução. Mas o estado de atraso em que ficaram os espiritos, desnorteados do seu fim, durou mais algum tempo; os factos de prompto se tornam consummados, as ideias por isso que vão mais longe, difficilmente se recebem.

A Allemanha, original pela sua raça forte, ainda rica de mythos proprios, com uma lingua de radicaes, com um in-

dividualismo espontaneo e bellas tradições epicas, desnatura-se ante o catholicismo, fica imitadora da poesia da Provença, esquece as suas epopêas, adopta a Biblia em latim, gasta as suas forças em uma phantastica reconstrucção do Santo Imperio, e por fim annulla-se na imitação servil da litteratura official da côrte de Luiz XIV. Na Inglaterra, o veio normando abafa por vezes a genuina impetuosidade saxonica; predominam os imitadores classicos, os Pope, os Dryden, os lyricos lakistas. Mas n'estes dois povos havia um nucleo de tradições vigorosas resultantes da vitalidade da raça; esta força natural havia de impellil-aś á originalidade.

De facto a Allemanha, resgata-se da subserviencia da França, e imitando provisoriamente a litteratura ingleza, achou de prompto a sua feição nacional.

A França, a nação que provocou a creação da poesia moderna em todos os povos, pelo enthusiasmo que produziam as canções dos seus trovadores, pelo interesse que se ligava ás Gestas dos jograes, esqueceu este passado esplendido, para contar a actividade litteraria desde Malherbe. A Italia, tornada a séde da erudição, venceu muitas vezes a corrente deleteria, pelo encyclopedismo dos seus grandes genios que presentiram e aspiraram a unidade nacional; a pintura, como não teve que imitar da antiguidade, attingiu logo no seculo XV a maxima perfeição; a musica, procurando os modos gregos, e querendo harmonisar-se com a tradição gregoriana da egreja, jazeu embryonaria até ao seculo XVIII. A Hespanha, perdeu a creação do seu Romanceiro, já extincta no seculo XV; os poetas traduziram e imitaram a antiguidade, como Santilhana ou Vilhena, mas o theatro foi original, não só porque sob a pressão catholica era o unico orgão da opinião publica, mas porque se baseava sob o fundo tradicional e historico da nacionalidade. Portugal nunca dera fórma ás tradições, que possuia; a sua

litteratura, como o notou Wolf, teve de imitar sempre, attingindo por isso uma prioridade de quem não elabora, e uma perfeição de quem só reproduz mechanicamente; em vista d'este caracter o Romantismo só podia apparecer n'este paiz, quando elle estivesse auctorisado, e se admittisse como imitação. Logicamente foi Portugal o ultimo paiz onde penetrou o Romantismo. Por uma connexão evolutiva profunda, em todos os paizes onde se estava operando uma nova ordem na fórma politica, seguiu-se egualmente essa crise litteraria, que fazia com que se procurasse reflectir a expressão ou caracter nacional nas creações da litteratura. Por isso durante as luctas do Romantismo, muitas vezes os partidarios dos novos principios litterarios fôram accusados de perturbadores da ordem publica, como em França, e até assassinados como demagogos pelo despotismo na Italia.

§ 2. MARCHA DA RENASCENÇA ROMANICA. — Competia á Allemanha, que iniciará com a Reforma a *liberdade de consciencia*, completar a obra proclamando a *liberdade do sentimento*. O movimento do Romantismo partiu da Allemanha, porque era a nação que pelos seus habitos philosophicos mais depressa podia chegar á verdade de uma concepção racional, e porque os thesouros das suas tradições, apesar dos seculos que se immolou ao catholicismo, eram por tal fórma ainda ricos, que ao primeiro trabalho de Graaf, reconstituiu-se a velha lingua allemã, pelo trabalho de Jacob Grimm, a mythologia e o symbolismo germanico, pelo trabalho de Guilherme Grimm e Lachmann, as Epopêas da Allemanha, a ponto de um Stein levar o espirito nacional para a independencia, e Bismarck aproveitar esta mesma corrente da renovação das tradições e fundir todas as confederações em uma absurda unificação imperial.

Depois da Allemanha, era á Inglaterra, pelas condições de independencia civil e politica provenientes das suas in-

stituições, que se podia ir procurar o segredo da originalidade litteraria. Pela justa coexistencia entre uma aristocracia territorial e as classes industriaes, a realesa não pôde usar as forças sociaes segundo o seu arbitrio; a crise religiosa provocada por Henrique VIII, e a revolução politica de Cromwel, foram dois dos maiores impulsos para a dissolução do regimen catholico-feudal. Uma sociedade trabalhada pelas emoções de tão importantes movimentos, não podia deixar de se inspirar da sua actividade organica; os escriptos de um Shakespeare, de Ben-Jonhson, de Marlow, de De Foë, de Fielding, de Swift, de Richardson, têm todos os caracteres da litteratura moderna: a vida subjectiva da consciencia individual aproximada da generalidade humana, os interesses e situações de uma vida social que se funda em deveres domesticos ou de familía. Os romances de Walter Scott serão sempre bellos e um grande documento para extremar as litteraturas modernas das antigas, em que a vida publica era o objecto da idealisação artistica; por esta clara concepção de Comte, é que entendemos que a palavra *Romantismo* exprime cabalmente o facto da renovação das litteraturas da Europa no principio d'este seculo. A verdade existe quando a theoria condiz com o facto; effectivamente a Allemanha recebeu da Inglaterra o primeiro impulso para a renovação litteraria que se propagou aos povos do meio-dia.

Temos até aqui mostrado como a Europa perdeu o conhecimento das suas relações com a Edade media, e quaes os povos que estavam em condições mais favoraveis para as descobrir. Falta ainda seguir o trabalho d'essa renovação; é a esta parte que chamaremos causas do Romantismo. Desde o começo este seculo assignalou-se por um novo criterio historico; a erudição quebrou as estreitas faixas em que a envolveram os commentadores das obras da antiguidade, e exerceu-se sobre as instituições da Edade media.

O christianismo, tido até ali como unico mediador da civilisação, teve de ceder a maior parte de seus titulos ao fecundo elemento germanico modificado pela civilisação greco-romana. Diez cria a grammatica geral das linguas romanicas, e assim se descobre a unidade dos povos romanicos. Desde que Kant enceta a renovação philosophica, o problema da esthetica, ou philosophia da arte, nunca mais foi abandonado; por seu turno Fichte, Schelling e Hegel levam á altura de sciencia a critica das creações sentimentaes. A estas duas causas, accresce o dar-se em quasi todos os povos da Europa, em consequencia da revolução franceza, uma aspiração nacional em virtude da qual a realesa despotica teve de acceitar as cartas constitucionaes: ou tambem, no periodo das insensatas invasões napoleonicas, os povos tiveram de resistir pela defensiva, reconhecendo assim pelo seu esforço o gráo de vida da nacionalidade. As litteraturas tiveram aqui um ensejo para se tornarem uma expressão viva do tempo.

Sciencia complexa, como todas as que analysam e se fundam sobre factos passados dentro da sociedade e provocados por ella, a historia litteraria só podia ser creada em uma época em que o homem dotado de faculdades menos inventivas, está comtudo fortalecido com o poder de observar-se e de conhecer o gráo de consciencia ou de fatalidade que teve nos seus actos [1].

§ 3.º CAUSAS DO ROMANTISMO. A.) *Erudição medieval dos historiadares modernos.*—Apesar da immensa elaboração

[1] «A historia da litteratura é de origem moderna; pertence mesmo em grande parte a uma época quasi recente.» (Hallam, *Introd.*, p. 1, t. 1.) Era esta tambem a ideia de Bacon, no livro *De augmentis scientiarum;* elle considerava a historia litteraria, como a luz da historia universal; o seu plano para uma verdadeira historia era, investigar a origem de cada sciencia, a direcção que seguiu, as controversias que motivou, as escolas que desenvolveu, as suas relações com a sociedade civil, e influencia mutua que exerceram entre si.

economica e scientifica, o seculo XIX distingue-se principalmente pelo genio historico: a renovação intellectual partiu da abstração metaphysica para a critica, das hypotheses gratuitas para a sciencia das origens, do purismo rhetorico para a philologia, oppoz aos designios providenciaes o individualismo, deu ás sciencias academicas, que serviam para alardear erudição, um intuito serio indagando nos factos mais accidentaes os esforços do homem na sua aspiração para a liberdade; só em um periodo assim positivo é que se podia achar a unidade de tamanha renovação; essa unidade é a Historia. Quebraram-se as velhas divisões da *historia sagrada* e *profana*, de *historia antiga* e *moderna*; todas as creações do homem, por mais fortuitas merecem hoje que sejam estudadas nos documentos que restam; as instituições sociaes, as industrias, os dogmas, o direito, as linguas, as invasões, as obras inspiradas pelo sentimento, os costumes, superstições, são objecto de outras tantas sciencias, separadas por methodo para melhor exame, mas comparadas e unidas, em um unico fim—a sciencia do homem. Em todas estas creações da actividade humana, o fatalismo supplanta nos periodos primitivos a liberdade, o sentimento suppre a falta do desenvolvimento da rasão, a auctoridade impõe-se á consciencia e á responsabilidade moral, emfim a paixão não deixa ao homem a posse plena de si mesmo, o acto praticado revela quasi sempre um paciente em vez de um orgão activo. A historia religiosa ou politica, a historia das invenções, a historia da linguagem, mostram-nos o homem n'este estado secundario, n'esta dependencia de espirito; terror sagrado e auctoridade, acaso, e formação anonyma provocada pela necessidade de uma communicação immediata, são moveis violentos que arrastam o homem em vez de serem exercidos e dirigidos pela sua liberdade. Nas condições sentimentaes em que entra já um elemento de rasão não acontece assim: as creações artisticas não são provocadas pelo

interesse, não têm um fim calculado, não se impõem dogmaticamente, não se exigem, nem são fatalmente necessarias. Isto prova o seu grande valor, a sua proximidade dos resultados finaes d'esta grande e unitaria sciencia do homem.

É por isso que no seculo que soube conceber a philosophia da historia, que soube deduzir da discordancia das religiões e das linguas, das raças e dos climas uma harmonia superior, a tendencia para a perfectibilidade indefinida do homem, só a esse seculo competia lançar as bases positivas da *historia das litteraturas*. Dá-se aqui uma coincidencia que explica este facto; o primeiro que formulou o principio — O homem é obra de si mesmo, — que, na *Scienza Nuova* achou uma lei racional da vida collectiva do homem sobre a terra, esse mesmo, o inaugurador da philosophia da historia, Vico, propoz do modo mais racional as bases da critica homerica e a verdadeira theoria da evolução do theatro grego. N'estes dois processos estavam implicitos os modos como a moderna historia procede no exame das litteraturas. Foi tambem Schlegel, o que primeiro fez sentir a unidade das linguas indo-europêas, o mesmo que determinou a lei organica que dirigiu a elaboração das Litteraturas novo-latinas. Repetimos, a historia das litteraturas é uma creação moderna; quando Aristoteles ou Quintiliano observaram o modo de revelar os sentimentos nas obras da litteratura grega, achavam n'ellas, é verdade, um producto vivo, mas não procuravam a espontaneidade da naturesa, procuravam o canon rhetorico dentro do qual ella devia ficar restricta todas as vezes que precisasse exprimir sentimentos analogos. Eusthato e Donato, estudando Homero ou Virgilio, não iam mais longe do que a colligir as tradições da escola que bordaram a vida dos poetas, separados da sua obra e peior ainda da sua nacionalidade. Os trabalhos de Struvio e Fabricio reduziram-se a vastas indagações

bibliographicas dos monumentos que restavam da antiguidade. Os jurisconsultos da escola cujaciana, animados com o espirito critico da Renascença, tiveram por isso mesmo um vislumbre mais verdadeiro do que viria a ser a historia das litteraturas; elles foram ás obras litterarias do theatro romano, ás satyras de Juvenal e Horacio procurar a collisão dos interesses sociaes para recompôrem o sentido dos fragmentos das leis que se haviam perdido n'esta renovação da Europa chamada os tempos modernos.

Depois de havermos passado pelo periodo *theologico*, como diz admiravelmente Augusto Comte, sentimental, fatalista, auctoritario, e impondo-se no afferro da tradição; depois de exhausto o periodo *artistico*, ou *metaphysico*, já com o sentimento alliado a um elemento racional e por isso mesmo dignamente creador, succedeu-se o periodo *scientifico*, a que pertencemos, em que o homem tomando por meio unico do conhecimento — a rasão, procura ter a consciencia de tudo quanto se passa em si, na collectividade humana, e no meio em que existe.

Segundo esta direcção positiva, a litteratura fórma um todo organico, cujo valor historico consiste em não ser dominado por um criterio individual; analysada a obra litteraria sob o ponto de vista esthetico, é preciso conhecer o genio do artista, o estado do seu espirito, para ver como foi impressionado e como soube imprimir ao que era uma particularidade do seu *pathos* uma generalidade humana. Porém a historia não procura isto; vae considerar essa obra connexa com todas as outras manifestações da intelligencia, procurar n'ella mais do que o espirito do individuo, as ideias e as tradições da sua epoca, mais do que o caracter do artista, o genio da sua raça, todos os accidentes do meio em que foi concebida, o modo como a comprehenderam, a acção ou influencia que exerceu. Aqui a esthetica é especulativa, e a historia puramente objectiva. Mas, dirão, para que fa-

zer depender a historia das litteraturas de uma tal complexidade de processos, não separando a obra prima, pela sua mesma perfeição individualista, da fatalidade do meio social? Não será querer deduzir muito de uma observação que devia ser restricta? Não será difficultar o problema com o que lhe é accessorio e immanente? Não. A necessidade d'esta ordem de processos está na importancia excepcional da obra litteraria; vimos que era a creação em que a liberdade humana apparecia menos compromettida pela paixão interessada e pela violencia da auctoridade. Diante de táes documentos, procederá com verdadeiro criterio o que poder ler melhor todos os sentidos que exprime, mesmo aquillo que mais inconscientemente se repetiu. Assim a historia litteraria no seculo XIX procura de preferencia as obras espontaneas, de formação anonyma, aquellas em que menos se accusa a individualidade; para ella acabaram os modelos classicos, os typos do bello, os canones rhetoricos, e todas as obras são bellas, por mais informes, por mais rudes, quando no seu esforço para attingir uma fórma communicativa se aproximem mais da verdade.

Vejamos agora o methodo positivo na historia litteraria, como se formúla sobre o que temos dito. Primeiramente apparece-nos o *facto;* é o estudo da obra em si, tal como chegou á nossa observação; offerece-nos no seu primeiro aspecto um estudo comparativo, uma classificação em quanto á sua fórma, em quanto aos sentimentos que exprime, em quanto aos processos empregados para esse resultado. Depois do *facto*, o *meio* dentro do qual se effectuou; é o estudo da epoca em que foi sentida e realisada a obra, que reflecte em si a tradição, que é a parte fatalmente imitativa, e a aspiração moral, que é a parte que constitue a verdadeira originalidade. Depois do *facto* e do *meio*, segue-se o conhecermos o *agente;* é o artista, o pensador, em que, pelo gráo de consciencia moral que a obra revela, vamos

reconstruir o homem, restituil-o á sua individualidade permanente.

Assim d'este methodo positivo sômos levados a conhecer tambem o caracter experimental ou objectivo da historia litteraria. Uma vez considerada a obra intellectual como extranha a toda a arbitrariedade pessoal, a todo o capricho ou aberração, por isso que a sua generalidade provém da sua propria racionalidade, o conjunto de obras que formam uma litteratura, só póde ser bem comprehendido quando através das suas multiplices fórmas podermos fixar como o genio privativo de uma *raça* se revelou n'ellas, como ellas, apesar d'esta corrente fatal, tiveram um elemento livre para exprimirem a consciencia da *nacionalidade*, que se affirmou por essas obras, e com ellas fortaleceu a sua unidade, e finalmente, quando n'esse todo organico podermos discriminar ás diversas correntes da *civilisação* transmittida. Exemplifiquemos estas ideias: o estudo da *obra* em si vê-se nos processos de exegese praticados com a *Divina Comedia*, com o *Dom Quixote*, ou com o *Fausto*. Do estudo do *meio* em que ella foi concebida, temos o estudo particularisado de certas epocas, como a Renascença, de certas instituições, como a do Terceiro Estado ou da monarchia; com relação ao *homem*, temos o trabalho psychologico das biographias, fundadas sobre as duas relações antecedentes, como a vida de Dante, de Raphael, de Corneille ou de Saint Simon. Só assim, com todos estes elementos, se chega ao pleno conhecimento da historia litteraria.

Quando Jacob Grimm reconstituiu os velhos dialectos germanicos na sua assombrosa *Grammatica allemã*, quando reconstruiu os elementos de vida ethnica das raças germanicas na sua *Mythologia teutonica* e nas *Antiguidades do Direito*, a importancia das raças começava a occupar a sciencia. Sob o apparato formal da unificação catholica que destruiu durante seculos o que o genio allemão estava in-

troduzindo na historia, foi o inexcedivel Grimm, unicamente ajudado pela linguagem vulgar, pelas locuções, pelos anexins, pelos vestigios dos velhos poemas, pelos contratos civis, pelas chronicas, lendas e contos, que tornou a dar vida a essa raça violada por uma doutrina que lhe foi imposta. Desde que se viu que existia uma manifestação fatal da raça, é que o typo historico de Luthero foi comprehendido. Immediatamente o criterio novo trouxe novos documentos á historia das litteraturas; o incansavel Saint Pelaye La Curne procurava, á custa da sua vida, pelas bibliothecas européas as velhas Canções de gesta francezas, que até então só haviam merecido o despreso dos sabios. Todos os povos concorreram para este novo estudo com os seus cantos nacionaes, como o que havia de mais caracteristico da sua individualidade. Foi assim que se chegou a perceber o sentido das canções provençaes, onde o sentimento de *nacionalidade* e de independencia, se serviu d'essa fórma litteraria para apostolar a liberdade municipal contra a absorpção prepotente do feudalismo do norte da França. Sob este criterio da nacionalidade é que os *Luziadas* foram considerados a unica epopêa erudita dos tempos modernos. D'este modo as obras mais aproximadas dos typos bellos da Grecia, mais pautadas pelas poeticas de escola, quasi nada significam diante da historia em comparação de um velho canto de guerra, de uma tradição local, de um auto hieratico das festas nacionaes. O caracter da *civilisação* vê-se tambem contraprovado na historia da litteratura; a Allemanha que desde a Reforma começou a revolver-se sob o jugo da unidade catholica a ponto de a quebrar, continuou este esforço nos fins do seculo XVIII, sacudindo as fórmas da civilisação que recebia da França, para inspirar-se unicamente do seu genio nacional. No corpo geral das litteraturas modernas, o confronto da civilisação convencional recebida auctoritariamente pelas novas nacionalidades, com a direcção

que estava na vida e na nova ordem social, mostra-nos um conflicto constante: os dialectos vulgares tornados independentes do latim disciplinar e urbano, estavam aptos para exprimirem as necessidades da intelligencia; os novos sentimentos davam origem a outras paixões, á collisão de interesses de outra ordem; nada mais natural do que seguirem esta espontaneidade na sua creação. Não aconteceu assim: a tradição latina era forte, reconhecida, admittida, e demais a mais, restabelecida com o amor de quem acha e possue um thesouro. Assim na civilisação moderna, o espirito leigo, que se encontra nas luctas da burguezia, nas jurandas, nas universidades, nas communas, nos parlamentos, na Renascença e Reforma, é esta lucta da naturesa que segue a sua marcha espontanea, o seu desenvolvimento proprio e individual, contra a pressão auctoritaria e classica do dogmatismo da egreja.

Esta grande lei historica, achada nas litteraturas dos povos catholicos, por Schlegel, únicamente nas antinomias da civilisação, bastava para demarcar a área das litteraturas novo-latinas. Mas este grupo importante constitue-se por caracteres mais positivos: em primeiro logar, são essas litteraturas escriptas em linguas congenitas, chamadas *romanicas*, que são o italiano, o francez, o provençal, o hespanhol, o catalão, o portuguez, o gallego e o romanico. A lingua, que constitue hoje um dos elementos mais fortes da unidade nacional, indica tambem ao historiador a concatenação das litteraturas. Depois da lingua os sentimentos: a bondade e brandura celtica que abraçou facilmente o christianismo, facilmente esqueceu os seus dogmas druidicos pelas maximas do Evangelho. Não aconteceu assim com os povos do norte, germanicos, saxões, scandinavos e slavos.

Portanto n'este grupo de litteraturas modernas não apparece esse espirito implacavel e cosmogonico das mytholo-

gias do norte, esse individualismo forte, essa tenacidade, que tanto custou a ser penetrada pelos sentimentos christãos. O theatro hespanhol, pelo seu imponente catholicismo, nunca poderia confundir-se com um dialogo de Sigurd. Esse individualismo nacional é que dá ao hespanhol o typo da *capa e espada*, ao italiano a improvisação da *comedia del arte*, ao inglez a tremenda tragedia historica do genio saxão.

O estudo da historia das litteraturas modernas, em vista d'estes principios, comprehende a litteratura italiana, a franceza, a provençal, a castelhana, a portugueza, a gallega e a romanica. Onde começaremos este estudo? justamente no ponto em que uma nova raça entrou na historia. Com as invasões germanicas, quebra-se a unidade imperial, Roma deixa de ser a arbitra do mundo; os dialectos vulgares começam a ser reconhecidos no uso civil, e pelo seu desenvolvimento virão a fazer esquecer o latim classico, e a serem o caracteristico mais forte das nacionalidades. Pois bem, o estudo das litteraturas modernas deve começar mesmo antes da constituição das novas nacionalidades, no momento em que novas raças trabalham para se affirmarem historicamente. É por isso que antes de estudar em si cada uma das litteraturas novo-latinas, que foram o resultado e são a contraprova da autonomia, do organismo de nacionalidades feitas, temos de expôr esses elementos já formados, que foram aproveitados ou se impozeram á nova civilisação. Em todas estas litteraturas meridionaes, ha elementos communs, que eram coexistentes ao tempo da formação das nacionalidades; são elles, a tradição *greco-romana*, que em grande parte atrasou a originalidade d'estes povos meridionaes, principalmente depois que foi abraçada pelo catholicismo; o elemento *germanico*, resultado das invasões, e d'onde se deriva o que ha de mais original e independente n'estas litteraturas, como as canções

de gesta ou os romanceiros; o elemento *celtico*, o mais obliterado, porque constituia o fundo primitivo, que apenas se conserva em um cyclo poetico quasi erudito, e em vagas superstições populares; finalmente o elemento *oriental*, desconhecido na historia, emquanto se não estudaram as migrações indo-europêas, provado materialmente nas relações da Europa com o Oriente no tempo das cruzadas, e sobretudo, depois que a moderna sciencia da philologia, descobriu, com Bopp, a unidade das linguas da Europa, deduzindo-as de uma origem commum, actualmente representada pelo védico, e o encadeamento tradicional dos contos populares determinado por Benfey.

a) O QUE SE DEVE AO ELEMENTO ROMANO

Ao procurar nas litteraturas modernas o elemento *romano*, temos a distinguir o que pertence ás imitações forçadas, méramente individuaes, das epocas eruditas chamadas de Renascença, e as fórmas de civilisação transmittidas de um modo natural e aproveitadas como primeiro nucleo de um trabalho intellectual que as antecedeu. De ordinario confundem-se estas duas feições, sem discernirem que os conhecimentos da antiguidade classica de um Poggio ou de um Imola não existiam na epoca de labor escuro da consciencia, que vae desde a mudança da séde do imperio do Occidente para Byzancio até ao tempo de Carlos Magno. N'este longo periodo, chamado da *baixa edade media*, os monumentos litterarios do seculo de Augusto estavam mais do que perdidos, por isso que a sua importancia era já desconhecida durante os dois seculos que succederam a essa grande epoca de esplendor. Se a tradição da litteratura latina fosse transmittida como uma coisa viva, se coexistisse com a formação das linguas vulgares, e com o espirito das modernas nacionalidades que procuravam constituir-se, não

se teriam dado os seguintes factos: 1.º, a prompta dissolução do latim urbano e preponderancia dos dialectos rusticos, usados até nos actos juridicos; 2.º, a profunda antinomia entre o classicismo dos modelos rhetoricos e as primeiras tentativas litterarias, livres manifestações da lingua, da paixão, do interesse e da vida propria dos povos novo-latinos. O primeiro phenomeno ainda se poderá julgar sem solução de continuidade, em quanto á sua manifestação, apesar de significar que a vastidão das colonias romanas fazia com que a urbanidade latina fosse invadida pela forçada modificação da loquella estrangeira; porém o segundo phenomeno revela-nos precisamente que o estrangeiro trazia uma nova ordem de ideias, um outro estado de consciencia, um espirito em tudo desconhecido, que é o que produz essa antinomia entre a sua expressão litteraria e os modelos impostos da civilisação romana. Toma-se de ordinario como ideia de decadencia do imperio romano, o desabar de um sumptuoso edificio, cheio de apparatosas columnas, de maravilhas artisticas, sendo as nações modernas os espectadores d'esta catastrophe, que correm solicitas, depois de um lethargo de espanto, a colligirem com religioso respeito as venerandas reliquias, os fragmentos dispersos d'esta grandesa que foi.

Assim foi para os eruditos do seculo XVI, para os Aldos, os Etiennes, essa moderna antiguidade, como lhes chama Michelet, em que as proprias mulheres, como aconteceu em França, faziam a collação dos differentes manuscriptos de um Cicero. Os que partem d'esta impressão para julgarem a acção do elemento latino no periodo de elaboração que ultrapassa o seculo IX, obedecem a uma miragem, que os não deixa nunca chegar á verdade, e os obriga a um systema de perpetuas conciliações.

Para discernirmos esse elemento latino nas origens litterarias da Europa, precisamos propôr a questão em outros

termos: determinar o ponto em que começa a decadencia romana, procurar de preferencia as causas moraes, fixar os caracteristicos d'essa decadencia, vêr o que esta civilisação extincta deu ás novas raças que entram na historia, e explicar finalmente como o christianismo combateu a litteratura latina, ao passo que a Egreja foi successiva e calculadamente adoptando a tradição romana. Por este processo chegamos a saber o que entrou como elemento organico na civilisação moderna.

Antes das invasões dos barbaros na Italia, e da quêda do imperio do Occidente, já a litteratura latina estava morta em Roma; não era preciso que estes dois cataclysmos viessem pôr em evidencia esse grande collapso intellectual, por que elle já se estava dando em consequencia de causas immanentes da propria litteratura, que representava fatalmente o estado moral em que se caira. O cesarismo affrontoso dos imperadores que subiram ao throno depois de Marco Aurelio, á custa da corrupção que espalhavam no povo, dando-lhe *panem et circenses*, e lisongeando a protervia dos soldados pretorianos, que n'um grito de embriaguez lhe conferiam a soberania acclamando-os; o cesarismo, esta arte de firmar o poder sobre a degradação moral, creou por necessidade uma litteratura de poetas e de panegyristas, de rhetoricos e de chronistas officiaes, laureados nas recitações publicas, admittidos nos banquetes dos imperadores, elevados acima de Cicero, como aconteceu com o ignorado Cornelio Frontonio. Incapazes de comprehender que a litteratura é uma synthese do genio nacional, que exprime as necessidades intimas de um povo, as violações da sua justiça, o ideal da sua revolução, que lhe assignala a sua parte na vida historica da humanidade, esses desgraçados declamadores, vendidos ao louvor das arbitrariedades imperiaes, e victimas d'ellas, como succedeu com Serenus Sammonicus, assassinado por Caracalla, recuperavam

a perda do pudór compondo poemas didacticos e instructivos sobre a pesca, sobre a caça, sobre a astronomia. Era a negação do sentimento poetico; sob Galliano, cem d'estes versejadores appareceram celebrando em outros tantos epithalámios o nascimento de um neto do imperador.

Por qualquer aspecto que interroguemos os monumentos litterarios, acha-se sempre o symptoma intimo da decadencia. A historia, esse tribunal severo da consciencia e da critica, levantado por Tacito no meio da publica degradação, reduzia-se a ephemérides do paço, a pequenas intrigas de camarilha desenvolvidas nas suas minimas particularidades. Para a historia merecer ainda alguma importancia foi preciso que os rhetoricos gregos que estavam em Roma, e escrevendo na sua lingua patria, ensinassem a verdadeira importancia dos factos. Em philosophia succedia a mesma incapacidade para investigar; adoptaram um deploravel syncretismo de ideias, começado pelos eclecticos gregos. A eloquencia romana, essa maxima virtude do forum, estava reduzida a regras, a justas proporções ensinadas nas escolas dos declamadores; na parte pratica, exercia-se em immodestos panegyricos, ultrajantes da justiça para captar um patricio influente, ou o imperador sanguinario. Aulo Gellio declara, que no seu tempo só o grammatico Sulpicius Apollinarius entendia em Roma Sallustio! Emquanto novas ideias moraes entravam no mundo, e povos desconhecidos, como n'uma enchente terrivel se levantavam em volta de Roma, sem se atreverem a discutir o seu imperio, mas prestes a submergil-o ao mais leve signal de temor; na capital das gentes, em Roma, os grammaticos occupavam a attenção publica debatendo entre si minucias de syntaxe, propriedade de trópos, bellezas de gradações, do mesmo modo que em Byzancio nas vesperas da sua ruina se ventilavam questões theologicas, ou como nos salões das preciosas ridiculas pouco antes da Revolução franceza.

Quando uma litteratura chega a este estado de inanidade, é mesmo na sua decadencia uma prova do abaixamento do nivel moral de um povo. Isto era apenas a consequencia; as causas vêem-se atravez do esquecimento que Roma tinha de si mesmo. Como dissemos, a civilisação romana começou a decair antes de Constantino; abstrahimos das causas interiores e exteriores; bastam-nos aquellas que eram emergentes na indole d'essa civilisação. Em Roma o desenvolvimento dos direitos civis, foi de tal fórma formulado, que produzia esses codigos eternos, que mereceram ser chamados ao cabo de tantos seculos a *rasão escripta;* estava no genio romano a comprehensão da causa publica, e ao romano cabe o ter creado essa ordem nova de sentimentos chamados *virtudes civicas.* Mas o direito politico, a garantia do facto civil não passou de um estado rudimentar. O aphorismo de Bacon—*jus privatum latet sub tutella juris civili,* é a grande lei da decadencia achada por Guizot na civilisação romana. O individuo era nada em frente do principio da auctoridade; o cidadão romano só podia testar morrendo em Roma, isto é recebia um direito unicamente pelo facto de ter morrido no ponto em que a auctoridade publica podia manter-lhe esse privilegio. No tempo dos imperadores levaram mais longe esta violação, formulando que o direito de testar era uma graça concedida pelos imperadores. Uma vez esquecido este principio da independencia politica, elemento social que os povos germanicos e scandinavos trouxeram com o seu jury, com as assembléas ao ár livre, com a liberdade de escolher patrono, facil foi desenvolver esse outro principio dissolvente do cesarismo. Sem um protesto, sem um meio de participar da auctoridade e de a dirigir reclamando, o poder torna-se um apanagio divino, e por uma illusão facil de se incutir, a arbitrariedade substitue o dever, a graça antepõe-se á justiça. Creado o cesarismo romano, que tantas vezes tem reappa-

recido sob outras fórmas na historia, a corrente litteraria veiu exprimir estes sentimentos egoistas da bajulação ao prepotente. Foi então que a falta de uma originalidade organica na litteratura latina se tornou mais evidente. Roma fundada desde os seus primordios sobre um contrato juridico, um commum accordo entre os tres povos lucerenses, ticienses e ramnenses, attingiu mais depressa do que nenhum outro povo a comprehensão da ideia do *direito*. Passando rapidamente pelo periodo poetico do symbolismo, elevou-se muito cedo á fórma abstracta e quasi geometrica da lei. As tribus errantes vinham espontaneamente submetter-se á sua disciplina, pedir a sua legislação municipal. Para o romano, desde os seus tempos mais antigos, occupado n'uma laboriosa conquista, e n'uma larga e forte administração, a expressão do sentimento do *bello* foi-lhe quasi um luxo exterior, um accidente secundario. É por isso que a sua poesia não tem um visivel caracter de nacionalidade; Niebuhr mostra que as tradições romanas são em grande parte copiadas da Grecia, como a lenda das Doze Tabuas, de Tarquinio Prisco, que era estrangeiro, de Virginia, de Mnenio Agrippa; as danças populares eram tambem de origem grega; a metrificação era baseada sobre a *quantidade*, privativa da lingua grega, que veiu desnaturar o verso saturnino, antigo e nacional.

Uma vez esquecido o principio fundamental que o romano introduziu na civilisação, e que foi o vigor da sua nacionalidade, — a comprehensão da justiça, — a litteratura tornou-se esteril, sem ideia, uma artificiosa imitação das fórmas gregas. O theatro, a creação litteraria que melhor representa a sociedade, não chegou a ter uma feição nacional em Roma; se nos interesses civis, cujas collisões dão a acção dramatica, não havia caracteristico romano, como é que o sentimento vago, as descripções didacticas, e as noções scientificas se libertariam dos modelos gregos? A

mesma falta de caracter nacional se encontra na mythologia romana, que facilmente associou os deuses italicos a todas as divindades dos povos vencidos. Este syncretismo que vimos nos systemas philosophicos, no eccletismo, constitue o pantheon romano. A religião era uma instituição official, separada do sentimento, e por isso incapaz de servir de vinculo de unificação nacional. A todas estas causas, que accusavam desde longo tempo na civilisação uma dissolução fatal, veiu accrescer o desenvolvimento do *colonato*. Dois seculos antes de Christo, já o *colonato* estava introduzido nos costumes romanos; as novas povoações levavam á sua frente os *Triumviri ducendae coloniae*. As tribus errantes vinham offerecer-se á administração romana para receberem a sua lei colonial, para se fixarem nas suas conquistas, para se defenderem sob a sua égide. Em Jornandes vemos repetidos factos d'esta ordem. De facto o romano estava adiantadissimo na agricultura, e foi o primeiro povo que teve o estudo scientifico d'este trabalho; as colonias estrangeiras, tanto conquistadas como voluntarias, cresciam espantosamente; o edito de Antonio Caracalla foi uma consequencia forçada d'esse desenvolvimento. Com o seu genio unitario e centralisador, Roma, na impossibilidade de mantêr sob o jugo o mundo inteiro, foi unitaria na vertigem da impotencia, dando ao orbe o direito de cidade. O seu poder tornou-se puramente moral; governava pelo perstigio, pela auctoridade tradicional, reconhecida e nunca discutida. Era uma força phantastica, abstracta, prestes a reconhecer-se sem realidade desde que se tentasse resistir. Temos na historia um exemplo que explica este momento critico da vida de um grande povo; quando Rienzi quiz restabelecer a velha auctoridade imperial, teve unicamente a força de uma tradição colhida nos livros, dominando pela fascinação gloriosa; ao mais leve ataque, Rienzi caiu das suas alturas de tribuno de Roma, e a um

sôpro casual se esvaiu esse sonho que tanto embevecia Petrarcha. Roma estava n'estas circumstancias do seu extemporaneo tribuno; em volta d'ella agglomeravam-se as numerosas tribus germanicas. Não se atreviam a invadir a Cidade eterna; eram as feras da jaula que recuam diante da vara vermelha do domador. Mas ás illusões duram pouco; as tribus irrequietas conheceram que o jugo romano era apenas um simulacro risivel do antigo ferro em brasa. Ao primeiro arremesso de uma tribu germanica na Italia, com a irupção dos Hunos, desfez-se o phantasma da auctoridade; depois dos Lombardos, a Gallia romana é invadida pelos Frankos, a Hespanha romana é occupada pelos Godos, a Africa romana é senhoreada pelos Vandalos. As tribus, como os abutres sobre um campo de matança, vêm buscar um bocado do espolio do velho mundo. A mudança da séde do imperio do Occidente fôra um erro politico, que mais depressa fez sentir a inanidade de Roma. Por uma lei terrivel, mas inevitavel, Roma saiu da vida historica desde que realisou a ideia do direito; a arbitrariedade imperial, a devassidão dos pretorianos, a mediocridade da litteratura e a extincção do espirito publico, foram a consequencia da falta de um movel superior que desse vigor á consciencia da nacionalidade.

Todos os historiadores são conformes em affirmar o contagio invencivel de mediocridade da intelligencia humana desde a decadencia de Roma até ao seculo VII; era um grande collapso em que a natureza precisava de um repouso profundo para entrar em uma evolução nova; era a condemnação das individualidades caprichosas á nullidade para deixarem á natureza a livre espontaneidade na sua determinação. É o que se está dando hoje, na vespera de uma transformação social, em que por uma lei providencial, se ecclipsaram os grandes politicos europeus. Este parallelismo faz-nos comprehender esse momento tremendo em que as raças germanicas iam entrar na historia.

Traziam á civilisação na sua corrente indefinida, o factor estranho, cuja deficiencia produziu a ruina da unidade romana; traziam o *individualismo* germanico. Mais tarde este individualismo foi absorvido no poder feudal, quando os grandes senhores constituiram a sua hierarchia pelo molde da hierarchia ecclesiastica, que por si imitara a unidade romana; mas é inegavel que foi esta nova phase da consciencia humana que cooperou no que ha de mais esplendido na civilisação moderna. É admiravel o modo como Tacito descreve esta raça, que tirava todo o seu vigor da puresa de costumes, e em que as crianças ao tornarem-se homens vestiam as armas como a unica tunica viril; para quem as cidades romanas causavam horror, como diz Ammiano Marcellino, por lhe parecerem prisões e sepulchros. Os povos germanicos descentralisaram as accumulações immensas das grandes cidades; começaram a formar-se os *Pagi* e os *Vici*, esses dois elementos de força moral e material, das povoações *visinhas* que se defendiam, e das tradições populares, que o christianismo condemnou com o nome de *paganismo*.

Com que vigor falla Tacito, condemnando o seu tempo, quando diz dos povos germanicos: «Ali, corromper ou succumbir, são crimes que se não perdoam com dizer: *Tal é seculo.*» O mesmo repetia ainda no seculo v o sacerdote Salviano, de Marselha: «Envergonhemo-nos e corramo-nos com uma salutar confusão. Onde quer que os godos são os dominadores, não se encontra desordem senão entre os romanos. Os romanos corrigiram-se sob a dominação dos vandalos. Successo incrivel! prodigio inaudito! Os barbaros pelo amor da puresa dos costumes e pela severidade da sua disciplina, tornaram castos os proprios romanos.» Depois do individualismo, o germano estabeleceu o estatuto *pessoal* sobre o direito *territorial;* se em Roma a lei era «o que agradava á vontade do principe» nas povoações germani-

cas era o que se estatuia na assembléa ao ár livre, participando todos egualmente da auctoridade; se o direito de testar era para o romano um privilegio concedido pelo imperador, o germano não tinha crime todas as vezes que o não commettesse dentro da sua garantia. Mas em contacto com os restos da civilisação romana os povos germanicos deixaram-se penetrar, no meio da incertesa de direito, dos typos de legislação e de instituições que conheceram no tempo da sua conquista; a classe dos lites adoptou e transformou o *municipio* romano; os nobres ou *werhman*, á medida que iam dando a fórma hierarchica ao poder, constituindo-se em feudalismo, apropriaram-se dos codigos romanos do Baixo Imperio. Corre na sciencia, que a tradição municipal nunca se perdeu, quer isto dizer, que o colonato germanico a adoptou e a transformou até ao seculo VII; mais tarde no seculo XII deu-se o conflicto d'estas duas fórmas de direito colonial e de cidade ou codificado, quando no seculo XII começou a lucta entre os barões e as communas. Que era este conflicto senão a absorvente unidade romana que queria anullar a independencia colonial? Mas sustenta-se que o municipio é todo de origem romana; ha mesmo duas escolas contrarias, sustentando a segunda que o municipio é germanico.

Este problema historico tem sido sempre proposto de uma maneira absoluta, e como tal impossivel de chegar-se a uma verdade, porque em ambas as theorias ha documentos e factos egualmente convincentes. A questão propõe-se n'estes termos:

Ha no municipio moderno caracteres de uma instituição de garantias *civis*. Esta feição apparece entre todos os povos que obedeceram á dominação romana. No seu periodo de mais vigor, os seus magistrados eram electivos. Promulgada a unificação do direito romano, no edito de Caracalla, decáe a instituição municipal, porque acabou a des-

egualdade civil que a motivava; é n'este momento que perde o caracter electivo, e seguindo a condição mais ou menos importante do colonato, assim os seus funccionarios foram escolhidos entre os nobres ou entre os que o não eram. Os *Concelhos* em Portugal são esta tradição romana, tendo renascido por uma influencia cesarista.

Ha no municipio moderno caracteres de uma instituição de garantias *politicas*. Em consequencia da nova ordem social, produzida pelas invasões germanicas, as povoações ruraes adquirem importancia, a colonia tem vida propria e independente, e facil foi confundir a velha fórma municipal com a garantia local, a *Fara*. O municipio romano perde o nome, e fica principalmente politico; o *Foral* era estatuido e processado pelos homens bons no *mallum* ou assembléa livre. É então que o caracter electivo reapparece sob a acção do genio germanico, recebendo de novo esta feição que tinha perdido, para tornar-se a *Communa*, d'onde havia sair esse grande elemento social, o terceiro estado. No nordeste da França o municipio é de origem gallo-romana, e a Communa é uma imitação do ghild scandinavo; é n'esse ponto da França, onde foram mais intactas e mantidas as franquias germanicas, que é tambem mais frequente o regimen communal.

O *Defensor civitatis*, segundo Bouthers, nas *Origens do direito rural*, é imitado do Vogt das tribus germanicas. A communa rural da antiga Alsacia, conhecida pelo nome de Colonge, com lei commum, formando juntos o tribunal, é o municipio das garantias politicas creado por quem ignorou a primeira fórma exclusiva e romana. Uma vez determinadas estas duas caracteristicas, conciliam-se as duas escolas dissidentes dando a cada uma a sua verdade.

Fóra d'esta adopção juridica as raças germanicas nada tinham a receber da cultura romana, e ficaram com a sua espontaneidade até que o christianismo se tornou por sua vez romano, segundo o profundo verso de Dante:

Quella Roma onde Cristo é romano,

d'onde resultou o ser-lhes mais tarde imposta essa crúa unidade, que as levou ao feudalismo. A litteratura n'estes primeiros cinco seculos nada tinha que transmittir; infinitos grammaticos e rhetoricos gaulezes ou hespanhoes, cautelosos jurisconsultos, controversistas ecclesiasticos, valeram muito, mas não tinham communicação possivel com a alma germanica. N'este periodo que permaneceu intacto é que creou o grande cyclo das epopêas do mundo moderno.

b) O ELEMENTO CHRISTÃO

O estado dos espiritos em Roma, no momento em que o christianismo se radicou no occidente, é uma consequencia dos caracteres que esboçámos no quadro da decadencia da civilisação romana. Havia uma grande incapacidade para os estudos philosophicos, e as investigações da rasão não encontravam respeito; as leis imperiaes lançavam de vez em quando interdictos sobre os philosophos, e os grandes potentados formavam bibliothecas para alardearem as suas riquezas, como Lucullo ou Sylla. Perdida a existencia politica da Grecia, os philosophos trazidos para Roma eram tidos como sêres extranhos, especie de páreas da conquista. No meio do egoismo da grande capital, e do syncretismo indifferente de todas as religiões, perdido o sentimento da dignidade com a perda da constituição republicana, a sciencia tornou-se uma curiosidade absurda da theurgia e dos milagres. No meio d'esta dissolução, appareceu em Roma uma philosophia admittida pela necessidade de protesto. Foi o Stoicismo. Baseava-se sobre estes tres grandes factos do espirito, da observação e da acção, a logica, a physiologia e a moral. O grupo que abraçava estas doutrinas, facilmente acceitava uma qualquer doutrina que tivesse pelo menos pelo lado pratico certos pontos de analogia com o

Stoicismo. Não é sem fundamento que nasceu a tradição das relações, pelo menos litterarias, entre o stoico Seneca e o apostolisador Paulo. Antes de attingir uma fórma dogmatica no christianismo hellenico, antes de receber uma fórma theologica na controversia e nos concilios, a doutrina de Christo tinha por fundamento a moral. Bastava este principio commum, para o christianismo achar ecco em Roma; era elle que vinha aproveitar a base systematica, que os stoicos haviam formulado. O Stoicismo condemnava a escravidão como contra a natureza; o christianismo evangelisando a egualdade diante de Deus, propagou *Ubi dominus, ibi libertas*. Foi uma como especie de rehabilitação da natureza, em que os stoicos sentiam em um estado de immanencia, o mesmo que os christãos na correlação dos effeitos para a causa primaria. Quando o christianismo recebeu o vicio da unidade romana, condemnou a natureza, como vêmos no principio da ascese mystica do monachismo. Na logica, os stoicos tomavam a rasão como o meio consequente de chegar á verdade; os padres da egreja comprehenderam a força d'este novo meio, e usaram-no; foram polemicos, controversistas, trataram de propagar a doutrina á força de argumentos, oppozeram a simplicidade da moral ás caducas e contradictorias escolas philosophicas. Os afamados doutores dos primeiros seculos da egreja forám terriveis dialecticos; Justino, Athanasio, Tertuliano, Minucio Felix, Lactancio, Arnobio, Eusebio, Basilio, Hilario, os dois Gregorios, de Niceia e Nazianzeno, Ambrosio, Agostinho e Chrysostomo, consideraram a rasão e a sua actividade logica como um meio de defeza da doutrina de Jesus, como refutação das heresias, como elemento disciplinar e formulistico dos dogmas da fé, como o melhor escudo para a polemica, finalmente foram racionalistas do sobrenatural. Á medida que esta necessidade foi desapparecendo, e só quando acabaram as grandes intelligencias

d'este cyclo militante da egreja, é que a philosophia, se tornou a *scientia mundana*, a *ancilla theologiae*.

Foi por este trabalho de racionalismo sobrenatural, que S. Justino ia encontrar o mysterio da encarnação no paganismo, e que Clemente de Alexandria considerava a philosophia pagã como um primeiro esboço das doutrinas do Evangelho. Na parte moral, o christianismo venceu o stoicismo porque trocou a divagação philosophica pela pratica; a *apathia* do stoicismo, a isempção do homem justo das paixões, que é senão o rudimento da abnegação da individualidade, do nihilismo desenvolvido pelo christianismo? Tudo isto indicava uma ordem nova, já annunciada por Virgilio, mas diante da decadencia romana as conclusões foram tiradas prematuramente. O principio moral de vencer as paixões, de as extinguir em si, levou á severidade de Tertuliano, á amputação de Origenes, á condemnação dos monumentos litterarios da antiguidade como seducções peccaminosas dos sentidos. Salisbury accusa o papa Gregorio de ter queimado uma bibliotheca de auctores pagãos; na controversia religiosa escrevia-se contra a leitura dos livros dos infieis, e com que arrependimento se accusa a si proprio Santo Agostinho, quando no livro das *Confissões* descreve o peccado que commetteu deixando-se impressionar pelo quarto livro da *Eneida*, a ponto de derramar uma lagrima sobre o episodio dos amores da rainha Dido. S. Jeronymo tambem condemnou a leitura dos livros profanos. Esta direcção de espiritos tão potentes, como os primeiros padres da egreja, tornou mais completa a decadencia da litteratura romana; capazes de crear uma litteratura, por isso que estavam possuidos de um outro sentimento, exaltados, enthusiastas, ferventes, que fórmas de arte não conceberiam se a necessidade da polemica, a controversia aggressiva, o panegyrico eloquente lhes não tivesse absorvido e em grande parte annullado a actividade? As fórmas que seguiriam es-

tão indicadas n'essa assombrosa fecundidade de tradições populares, que formaram os Evangelhos apocryphos, e n'essa theoria do amor mystico exposta na allegoria do pastor *Hermas*.

Demais, uma raça tambem nova na historia, fecunda, original e forte, abraçara o christianismo; os barbaros do norte deram a essa doutrina a feição do seu caracter racionalista, e apaixonaram-se pela humanidade de Jesus. Mas a tendencia polemica recebia o vicio dos sophistas da civilisação decadente; a egreja procurou definir-se, disciplinar-se, teve necessidade de condemnar as suas mais bellas concepções sentimentaes, preferiu perder a espontaneidade da natureza, por uma unidade formal, impassivel e calculada. Era o principal vicio da decadencia romana, revelado na centralisação administrativa. Roma quiz centralisar o dogma; segundo o celebre verso de Dante, Christo tornou-se tambem romano; d'entre a egualdade dos bispos, o bispo de Roma tornou-se o apice de uma hierarchia unitaria.

O concilio de Niceia estabeleceu a primeira unidade na doutrina da egreja; os que até ao tempo de Theodosio se appellidavam christãos, ao verem assumir o poder imperadores dominados por seitas philosophicas adoptaram essa formula geral. Assim a decadencia romana incutia este vicio da forçada unidade á religião nova.

As raças germanicas, abraçando o christianismo reduziram-o, adaptaram-no ao seu sentimento individual. O arianismo não é mais do que esta modificação instinctiva caracterisada pela negação do dogma da divindade de Jesus. Até ao fim do seculo v quasi todos os principes eram arianos; estava recente na memoria a abjecção degradante da *apotheose* dos imperadores, e os barbaros do norte, tenazes e sinceros na sua crença, não acceitavam a *divinisação* de Jesus, porque não precisavam d'esse cunho religioso romano para comprehenderem a grandeza do sacrificio. É

no tempo de Theodosio que começa a introduzir-se nas leis o nome de *catholicismo* differente de christianismo; este mesmo facto assignala o momento em que a egreja começa a abraçar a unidade romana. O estado adopta uma religião que se torna uma fórma politica, um partido, que excluia dos empregos todos os que a não professassem. A serie dos imperadores do Oriente foi em grande parte acclamada pelo catholicismo. Anastacio antes de ser imperador foi patriarcha de Antiochia, e para se fortalecer contra a revolta de Vitaliano, prometteu aos catholicos o privilegio dos empregos publicos. Justino interrompeu a successão de Athanasio seduzindo os catholicos com mais garantias. Justiniano, pelo facto de uma religião de estado, convocou um synodo em Byzancio para destituir um patriarcha não *catholico;* a influencia de João de Capadocia e do jurisconsulto Triboniano junto do imperador, provinha de um calculado catholicismo. O grande principio da tolerancia inaugurado pelas raças germanicas, foi violado por Justiniano por causa da unidade da *religião do estado,* prohibindo aos christãos não *catholicos* o direito de testemunhar, de doar, de succeder, de herdar, condemnando-os até á morte. Antes dos Arabes trazerem á Europa no seculo VII o sentimento humanitario da tolerancia, já um ramo semitico da Persia a proclamava como uma provocação a Justiniano; Cosroes abriu a todos os que professassem qualquer religião o accesso aos cargos publicos. Como chefe do estado Justiniano intervinha na eleição e na inamovibilidade da gerarchia ecclesiastica, nomeando patriarchas, metropolitanos, bispos e abbades, e depondo outros a seu bel prazer; a ideia *unitaria* levava-o a ser injusto mesmo contra os *catholicos.* Justiniano, como Henrique VIII, tambem compoz hymnos religiosos, e como o antagonista de Luthero, tambem injuriou Origenes, representante do christianismo hellenico.

Depois de abraçar-se este vicio da civilisação romana, d'onde os imperadores queriam renovar a tradição cesarista, a litteratura que vae até ao seculo VII tornou-se nulla. A nova ordem de sentimentos que inspirou o pastor *Hermas*, e esses poeticos evangelhos apocryphos, o que nos dá a medida do seu alcance e do que teria sido a sua fecundidade, gastou-se em controversia esteril, em polemica tempestuosa, que não deixou aos espiritos essa serenidade necessaria para a concepção da obra d'arte. O proprio Justiniano, pontifice da religião de estado, disputava com o papa Agapito, e os negocios politicos eram para elle accidentaes diante das suas polemicas dogmaticas, a ponto que nas revoltas que procuravam desthronal-o refugiava-se entre os sacerdotes antigos deliciando-se com a controversia. Foi elle o inventor da inquisição, esta devassa affrontosa da consciencia, quando creou o funccionario encarregado da perseguição dos hereticos, que tinha o nome de *koiaistor*. Sob esta pressão official a favor do ramo *catholico*, desappareceu o genio fecundo dos primeiros doutores da egreja que estabeleceram a sua disciplina; estava-se seguro que Justiniano fazia pelas suas multiplicadas leis e extorsões a favor da egreja, o que a prédica fervente não alcançava tão de prompto; aconteceu por consequencia que no seculo VI o clero era estupido, ignorando a simples leitura das preces religiosas, e comprando as differentes dignidades da gerarchia ecclesiastica. O ultimo acto legislativo de Justiniano, de 564, faz o retrato d'esta profunda decadencia da nova litteratura ecclesiastica. Como na decadencia romana, o estado consultava o agouro das aves quando a invasão germanica rompia as portas de Roma, em Byzancio discutia-se qual a natureza da luz que envolvia Jesus no Thabor ao passo que Mahomet II destruia o poder de Constantinopla.

Uma vez tornado *religião de estado*, o christianismo pa-

rodiou a velha legislação romana e creou o seu *direito canonico*, invasão permanente da sociedade civil, e modelo da incerteza das jurisdicções feudaes. Guizot considera a egreja como tendo sido o typo das fórmas da sociedade moderna; mas esse typo reproduziu-se em um estado cujo principio se póde considerar depois do seculo VII, que foi o principio da *arbitrariedade* senhorial, analogo ao da *graça*, principio que tanto tem custado a extingir da vida social, o *Feudalismo*.

Todos estes vicios da *unidade* romana abraçados pelo catholicismo vieram encontrar um correctivo salutar, no apparecimento do Mahometismo na historia. Nascido no seio de uma poderosa raça semitica, o christianismo trouxe um caracter de abstracção, que o reduzia aos limites de uma philosophia; assim é que foi recebido em Roma. Por um lado os theologos hellenistas, por outro o caracter transformador e sentimental dos barbaros, ambos como indo-europeus, e como taes servindo-se mais do sentimento para a comprehensão, deram ao christianismo essa dependencia da imagem material, essa necessidade de fallar aos sentidos, d'onde procedeu a arte moderna. O christianismo deixava de ser semita ao entrar na Europa; de monotheista fez-se tritheista, reproduzindo os velhos mythos do Oriente, contra os quaes o judeu reagira com o principio abstracto do Jehovismo. Os Arabes formavam um dos ramos mais vastos da grande raça semitica; foram elles que reagiram contra esta desnaturação da ideia da divindade nua e absoluta. Mahomet seria incapaz de fundar uma religião, se não tivesse encontrado as tendencias de uma raça que reclamava uma direcção. Justiniano, com mais poder, influindo despoticamente nos concilios, não conseguiu mais do que dissolução. O genio semita temia que se fosse cair na idolatria, e proscreveu a imagem; viu um polytheismo e lançou a formula *só Deus é Deus*. Estes factos descobertos pe-

los novos processos da historia, acham-se fortalecidos pela authenticidade dos documentos. Procopio, historiador do Baixo Imperio, considera nas suas *Anedocta*, o apparecimento de Mahomet como uma consequencia das aberrações da theologia byzantina com que Justiniano tanto se alegrava. D'este capricho cesarista, diz Isambert, na *Histoire de Justinien*, (p. XXVIII) «não o temos por estranho aos fundadores do islamismo, que ditaram a Mahomet a fórma simples e verdadeira *Deus é Deus*, para assim pôr cobro ás estereis controversias theologicas do Baixo Imperio. É este o pensamento de Procopio, e dos espiritos esclarecidos do seu tempo.» As consequencias do apparecimento do islamismo seriam nullas se esse protesto monotheista não passasse á acção; o arabe errante conheceu o porquê da sua existencia, e entrou na historia, avassalou o mundo, veiu preencher o vacuo deixado pela extincção do imperio romano. Em menos de um seculo o islamismo constitue um grande povo pelo vinculo de uma mesma ideia; é então que os Arabes se apossam do Oriente e do Occidente, a sua lingua estende-se tanto como o latim, torna-se litteraria, e o vehiculo do que havia de pratico e util na civilisação grega.

É este segundo momento da sua vida historica que vamos expôr como um correctivo aos defeitos recebidos pela egreja quando adoptou na sua tradição os exemplares de uma litteratura decadente.

Uma vez possuida do espirito da *unidade* romana, realisada na summa hierarchia papal, a egreja adoptou a lingua latina para a expressão universal da sua liturgia. Ia de encontro á corrente natural; já desde o seculo de Augusto, as comedias de Plauto, algumas phrases de Cicero, accusavam de um modo inconsciente o desenvolvimento que se estava dando no latim fallado nas colonias e nas classes infimas da sociedade; era o chamado *sermo rusticus, vulgaris, pedestris*, que se ia estendendo a todas as necessida-

des da vida, á medida que o latim urbano se reduzia aos artificios dos rhetoricos. O apparecimento dos barbaros cõincide com este momento critico em que a linguagem rustica occupa o primeiro plano, e o latim erudito fica retrahido para a penumbra. Dava-se a profunda revolução social, em que novas necessidades moraes faziam valer uma linguagem até então desprezivel. Os padres da egreja adoptaram a lingua latina para a controversia, fazendo um esforço para se afastarem da corrente da dicção popular e aproximarem-se dos modelos cicerorianos. A força da corrente dialectal era tão violenta, que o proprio legislador Justiniano, segundo o historiador Procopio, ao ditar as suas leis, introduzia sem querer o latim barbaro; e Ludewig, diz que o imperador escrevia as cartas em latim dialectal da Ilyria, d'onde elle era natural. (Isamb., *op. cit.*, p. XLVI.) Foi contra esta corrente da formação das linguas vulgares que a egreja se oppoz, sustentando o uso do latim classico; as forças vivas venceram, e a egreja restringiu ás suas pretenções á universalidade da lingua liturgica. Santo Agostinho falla com assombro do facto de existir uma lingua tão conhecida como o latim, destinada por Deus para servir de meio geral de communicação a uma doutrina da humanidade. Mas as consequencias d'esta pretendida *unidade* foram funestas; perdeu-se o uso primitivo da participação do povo na liturgia; o hymno deixou de ser comprehendido, o enthusiasmo religioso extinguiu-se a ponto de se não encontrar na Baixa Edade Media, como provou Didron, o minimo vestigio de conhecimento de Deus nos monumentos iconographicos. Os livros biblicos foram traduzidos em latim por S. Jeronymo, e ficaram letra morta, incommunicaveis para o povo; até que uma revolução moral que quebrou a *unidade* do catholicismo, a Reforma do seculo XVI, fez traduzir em lingua vulgar os Evangelhos. Isto que vemos na parte litteraria é uma consequencia do que já apresen-

támos na parte politica. Os cantos vulgares foram banidos do templo, os *Lollards*, atirados ás fogueiras, e n'esta incommunicabilidade do latim, a egreja foi recebendo uma fórma aristocratica, para rivalisar com o feudalismo; o *vicarius*, o clerigo das povoações ruraes tornou-se servo, pertencendo ao dono ou patrono da egreja como uma alfaia d'ella; os grandes abbades, os bispos, que formavam o *alto clero*, tinham o seu corpo de direito canonico, com o fôro independente, com fórmas de propriedade suas, como a adopção da emphyteuse romana, com uma prescripção privilegiada de cem annos, com o direito de mão-morta. O ultimo esforço para manter esta unidade aristocratica, quebrada pela Allemanha, foi o Concilio de Trento, onde se reproduziram as scenas dos concilios byzantinos, como relata Sarpi.

Desde o momento que a egreja comprehendeu que lhe pertencia a tradição da *unidade* romana, e tendo até ali condemnado os monumentos d'essa litteratura, teve de commetter uma contradicção para os admittir e estudar. Assim, escolheu áquelles livros mais em harmonia com a doutrina Evangelica; Virgilio tornou-se um propheta, lido sob esse pretexto nos claustros da Edade Media. Um dos principaes escriptores adoptados pela egreja foi Boecio; nascido em Roma, de uma familia consular, e tendo vencido o caracter terrivel de Theodorico, foi victima da reacção que os godos provocaram no caracter d'este monarcha contra os romanos. Boecio morreu no martyrio, depois de seis mezes de prisão; foi n'estas condições que escreveu o *Tratado da Consolação*, em cinco livros, mixto de prosa e verso. O sentimento que inspirou este livro pertence á doutrina dos stoicos de Roma, como se vê por esta phrase: «Evitae o vicio e cultivae a virtude; que uma justa esperança sustente o vosso coração, e que vossas humildes supplicas se elevem até ao Eterno.» Bastava isto para fazer de Boecio um santo; os Bollandistas o accolheram nos seus in-folios,

e nas egrejas de Italia o adoraram. O *Tratado da Consolação* de Boecio, foi acceito por todos os povos da Europa, lido e decorado, e não só exerceu os dialectos vulgares na sua versão, como influiu sobre as lendas poeticas do christianismo. Um dos principaes monumentos escriptos nas linguas romanicas é a *Consolação* de Boecio, publicada no principio d'este seculo por M. Raynouard; João de Meung, o auctor do *Roman de la Rose*, tambem a traduziu para Philippe o Bello. Podemos dizer que pela leitura de Boecio entrou na egreja o mytho grego de *Orpheu e Eurydice*; o christianismo abraçou-o para symbolisar o dogma da redempção, e facil foi aos doutores da escola hellenica confundirem a lenda da Descida aos infernos para tirar as almas dos patriarchas, pela primeira vez exposta no *Evangelho de Nicodemus*, com o velho mytho pythagorico, renovado por Boecio. Mas a acção fecundante, que Boecio teria exercido com esse livro *De Consolatione philosophiæ*, na parte sentimental, foi anullada na parte intellectual; a egreja adoptou de Boecio o commentario á traducção da *Isagoge* de Prophyrio, feita pelo rhetorico Victorino. Foi d'este commentario que saiu esse problema inutil, que tanto esgotou a intelligencia humana na Edade Media, a lucta dos *Nominalistas* e dos *Realistas*. Boecio commentou esta celebre passagem de Prophyrio, que déu origem á questão: «Se os generos e as especies existem por si ou sómente na intelligencia; e no caso em que elles existam por si, se são corporeos ou incorporeos, se existem separados dos objectos sensiveis, ou n'estes objectos, ou constituindo uma parte d'elles.» Rebentou no seculo XI este problema trazido da decadencia através de Boecio, contra o qual se esgotaram Roscelin e Guilherme de Champeaux, Abailard e Santo Anselmo, Gilbert de la Poré, João de Salisbury, S. Thomaz de Aquino e Duns Scott, intervindo concilios tempestuosos, erros de fé, e esterilidade philosophica.

Um outro livro guardado pela egreja dos despojos da decadencia romana foi o livro de Marciano Capella, intitulado *Satyricon*, que é precedido pelo pequeno romance de prosa e verso *Das Nupcias de Mercurio e da Philologia;* d'este ultimo saiu para as escolas da Edade Media essa absurda classificação das sciencias, conhecida pelo nome de *Trivium* e *Quadrivium*. As ideias de Marciano Capella não tinham originalidade; eram um ecco das observações de Varro, Plinio e Solino. As sciencias estavam divididas em dois grupos arbitrarios, chamados as *sete artes liberaes*. O primeiro comprehendia a grammatica, a logica e a rhetorica *(trivium)*; o segundo comprehendia a arithmetica, a musica, a geometria e a astronomia *(quadrivium)*. Assim classificados os conhecimentos sem correlação, sem base dogmatica, a intelligencia humana contentou-se com este horisonte, fóra do qual os eruditos da Edade Media nada mais viram. No seculo VI o rhetorico Felix aggravou mais o livro de Marciano Capella com um commentario, ensinando por elle em Auvergne; Isidoro de Sevilha adoptou-o tambem; no seculo IX era seguido nas escolas de Paris; no seculo X encontra mais tres commentadores, e no seculo XI é traduzido em allemão.

É n'esta lethargia intellectual da Europa que torna a apparecer em todo o esplendor o novo elemento arabe, para corrigir com o seu positivismo as aberrações auctoritarias da tradição da decadencia. Sobre este ponto diz Jourdan: «A influencia de Capella dura até á epoca em que as obras de Aristoteles e dos Arabes se vulgarisaram no Occidente, deixando o logar aos modelos de um genio superior ao seu e mais dignos de serem estudados.» Depois que os Abassidas e principalmente Al-Manon, procuraram introduzir entre os arabes as sciencias da Grecia, o espirito semita, pratico, sem logar para se esgotar sobre a cassistica dos dogmas, lançou-se ao estudo das sciencias experimentaes, como á

medicina, a physica, a algebra, e astronomia; Aristoteles foi o que mais lhes satisfez esta tendencia. Coincide com o tempo de Justiniano o trabalho das primeiras traducções do grego para syriaco. Foram os Arabes, que communicaram á Europa as obras de Aristoteles, vistas até então através das laconicas e não comprehendidas allusões dos declamadores da decadencia. A cada magro capitulo de duas laudas, que em Marciano Capella resumia uma sciencia, os Arabes oppozeram-lhe Euclides, as *Cathegorias* de Aristoteles, a *Poetica*, a *Politica;* os judeus traduziram para latim as obras trazidas pelos Arabes, e a sciencia pela primeira vez abandonou a orthodoxia. Dante exalta esta direcção positiva symbolisada na influencia de Averoes:

> Euclide geometra e Tolommeo,
> Ippocrate, *Avicena*, e Galieno,
> *Averrois che'l gran comento feo.*

Dante egualava no seu poema (Inf. VI) os philosophos gregos e os arabes; S. Thomaz de Aquino e Alberto Magno procuravam n'elles a direcção scientifica, cuja primeira e principal manifestação foi o apparecimento de Galileo e de Bacon, tendo anteriormente provocado a expansão do lyrismo provençal.

c) O ELEMENTO BARBARO

No meio da influencia da cadente civilisação romana, e das tendencias para a tradição unitaria do catholicismo, é que apparece na historia o poderoso elemento germanico. Pelo conflicto entre o vivo e o morto, é que se vê a naturesa da lucta que o genio germanico teve de soffrer, e por isso mesmo se vê o alcance da sua força. Estudamol-o n'esta relação percaria, para assim caracterisarmos melhor a decadencia. Este nome de *Barbaros* dado aos povos germanicos, explica-nos o modo como elles vieram de encontro ao Imperio,

como assolaram as grandes cidades, como tornaram incerto o direito, como afrouxaram o seu impeto ante a disciplina moral do catholicismo; eram *Barbaros*, pelos caracteres primitivos que apresentavam, como o instincto da hospitalidade, da vingança hereditaria, da paixão ardente pelo jogo e pelas bebidas fermentadas, pelo exclusivo emprego da actividade nas armas, deixando ás mulheres o trabalho da agricultura. Este estado prevalecia pelo menos ainda no tempo de Tacito, que escrevia ácerca da Germania cento e oito annos depois que Drusus avançou com a sua esquadra até ao promontorio dos Cimbros; porém Tacito comprehendeu o alcance do vigor d'essa raça, que estava isolada dos vicios do Imperio para vir insuflar na vida social as suas nóvas forças. Tacito tinha o sentimento prophetico, quando exaltava a puresa da raça germanica: «Sou de opinião d'aquelles que pensam, que o sangue dos germanos nunca foi alterado pelos casamentos estrangeiros, que é uma raça pura, sem mescla, e que só se parece comsigo mesmo.» Bunsen, aceita estas palavras como a primeira comprehensão do destino historico das raças germanicas.

No catholicismo encontramos uma comprehensão egual; os padres da egreja soffrem o desastre da invasão, condemnam-a, mas reconhecem-na como um castigo de Deus, um facto providencial. Salviano, no livro quarto *De Gubernatione Dei*, condemna o seu tempo dizendo: «Vós pensaes ser melhores que os Barbaros... Respondo que sômos melhores emquanto á fé, mas sômos peores, eu o digo com lagrimas, pela nossa vida. Vós conheceis a lei e a violaes; ao menos elles peccam por ignorancia. Os *Godos* são perfidos, mas pudicos; os *Alanos* voluptuosos, mas fieis; os *Frankos* mentirosos, mas hospitaleiros; a crueldade dos *Saxões* horrorisa, mas louva-se a sua castidade... E nós espantamo-nos por Deus ter entregado as nossas provincias aos Barbaros, quando o seu pudor purifica a terra ainda

conspurcada das devassidões romanas.» Aqui se caracterisam as raças germanicas, tal como ellas estavam na sua rudeza, e com as feições profundas que ainda transparecem nos povos modernos, como no francez. Paulo Orosio, tambem escreve, fazendo sentir os destinos providenciaes das invasões: «Se as conquistas de Alexandre vos parecem gloriosas por causa do heroismo com que submetteu tantos imperios, se vós não detestaes n'elle o perturbador das nações, muitos louvarão tambem o tempo presente, exaltarão os vencedores, e tomarão as nossas desgraças por beneficios. Mas, dir-se-ha: — Os Barbaros são os inimigos do estado. — Responderei, que todo o Oriente pensava o mesmo de Alexandre, e que os romanos não pareceram melhor aos povos ignorados cujo repouso iam quebrar. Mas, dir-me-heis: — Os gregos fundavam imperios, os germanos os destroem. — Outros são os estragos da guerra, outros os conselhos que segue a victoria. Os macedonios começaram por domar os povos que depois policiaram. Os germanos agora lançam tudo por terra; mas se, (oxalá que não) elles acabassem por ficar senhores e por governar segundo os seus costumes, talvez que um dia a posteridade saudasse com o titulo de grandes reis aquelles que agora não sabemos vêr senão como inimigos.» Este texto foi pela primeira vez produzido por Ozanam; o que elle significa não é bem o que está nas palavras. Se as raças germanicas, assim caracterisadas por Tacito, Salviano e Paulo Orosio, fossem consideradas como um instrumento providencial, não se obliteraria o conhecimento da sua acção na historia, não se ligaria ao seu nome sómente a ideia de barbarie, não se attribuiria a sua influencia unicamente ao christianismo, e o espirito da civilisação moderna seria comprehendido antes de Hegal mostrar que o individualismo germanico trouxe a humanidade aos tempos modernos. Na phrase de Tacito ha uma paixão de colorista, para assim caracterisar os vicios

da civilisação romana pondo-a em contraste com essa naturesa primitiva; em Salviano, ha o espirito de condemnação catholica, exaltando acima da decadencia romana os Barbaros, do mesmo modo que os patriotas mais sinceros chamavam as raças errantes á traição para castigarem os defeitos do governo da sua terra. Em Paulo Orosio ha um mixto de ironia. Foi por isso que o periodo da elaboração das raças germanicas teve o nome de terrivel noite da Edade Media; dizia-se banalmente que as instituições e os codigos jaziam sob as ruinas da grande catastrophe; o espaço que vae do seculo v á Renascença do seculo xvi, em que se desenvolveu a civilisação germanica, era considerado como um periodo de lethargo da intelligencia e da consciencia humana, e contentaram-se com a supposição gratuita de que o christianismo fôra a luz salvadora n'esta procella tremenda.

Mas os factos estão em manifesta contradição com as affirmações declamatorias; n'este grande periodo da Edade Media crearam-se as linguas e nacionalidades modernas, as industrias, as fórmas de arte, as communicações internacionaes, a religião popular, a independencia individual, — em summa, uma actividade organica e fecunda, que não podia provir unicamente do christianismo, porque cedo recebeu a direcção mystica, que leva á aniquilação da personalidade, ao nihilismo da intelligencia, á suppressão da vontade como o supremo ideal da perfeição. A contradição entre os resultados e a força, levava a achar uma outra origem; quando Hegel veiu applicar á historia o subjectivismo do *logos* realisado nos factos, e elevando-se por elles á synthese ou consciencia da lei, achou n'essa grande elaboração que formou os tempos modernos mais uma confirmação da theoria verificada no Direito, na Arte, e na Natureza. Para elle, a historia era a narração das vicissitudes por onde a humanidade passava para chegar a alcançar a consciencia de si,

e como o espirito chegava á posse da liberdade, que é a sua essencia. Em nenhum periodo, como na Edade Media se vê tão claro este esforço, tão perto de nós, com tantos documentos vivos. Depois de estudar a civilisação *oriental*, baseada nos dogmas religiosos, em que a consciencia estava oppressa pelo principio divino, e a liberdade esmagada pela auctoridade tradicional, veiu encontrar na civilisação *greco-romana*, a consciencia elevando-se na philosophia e a liberdade fortalecendo-se na justiça, e finalmente encontrando esta conquista parcial no mundo moderno, mas generalisada, e produzindo o individualismo, chamou-lhe extensivamente pelo nome do elemento que a universalisou — civilisação *germanica*.

As consequencias d'esta grande restituição de Hegel foram uma revolução completa no criterio historico; viu-se que o elemento germanico era um dos ultimos ramos das migrações indo-europêas, e um dos que apresentava os caracteres mais aproximados da sua origem; assim pela primeira vez se comprehendeu o problema das raças para a vida da historia. A unidade das raças indo-germanicas, achou-se em seguida confirmada na unidade das linguas (Bopp); na unidade das tradições religiosas (Creuzer, Burnouf) e presentida na unidade das tradições e fórmas litterarias (Goethe, Benfey). Póde-se dizer, que desde que a historia entrou n'esta alta direcção, o homem teve tambem uma posse mais profunda da consciencia. N'esse dia acabou a revelação divina para ser substituida pela demonstração scientifica; a humanidade conheceu-se melhor ao encontrar os representantes da sua civilisação e das suas luctas.

Vejamos qual o estado das raças germanicas antes de entrarem na historia, ou antes de prestarem ás luctas da humanidade os esforços para que estavam aptas. No tempo em que Tacito escrevia, eram os Suevos os principaes senhores da Germania; os Cimbros e Teutones extinguiam-se,

os Anglos eram apenas conhecidos, e os Frankos estavam sem força pela desunião. De todas estas raças, o ramo gothico, que comprehende os Jutes, os Gépidas, os Lombardos e os Burgundios, era o mais forte, porque estava de posse de um dogma novo, a religião odinica, onde o sentimento da immortalidade se propagava pelo symbolo sensual do Walhalla. Foi ao contacto d'este dogma novo, que deu vigor ao naturalismo dos Saxões; que o ramo suevico se fortaleceu e não foi logo supplantado pelos Godos que o invadiam. Estas ideias religiosas da theologia odinica foram não só um dos moveis que determinaram as migrações das raças germanicas, mas tambem as tornaram aptas para receberem a doutrina mystica do christianismo. O Walhalla aproxima-se das descripções da bemaventurança christã; Asgard era o typo do Eden, d'onde as raças haviam sido expulsas. Facil era dar-se o mesmo syncretismo que se operou nas superstições. Os motivos que levaram os barbaros á migração e invasão, além do seu instincto errante e antipathico ás cidades, foram de um lado para evitar os assaltos do oceano, como os Cimbros, d'outro o procurarem terras mais ferteis, como os Frisões; outras vezes para se defenderem dos ataques mutuos, vinham offerecer-se ao colonato romano, como os Godos para se defenderem contra os Hunos; outras vezes eram assoldadados pelos romanos como mercenarios para combaterem contra os inimigos do imperio, como aconteceu nas Gallias, em que os Frankos são chamados para expulsarem os Godos, e para se oppôrem á invasão dos Suevos, Vandalos e Burguinhões. Taes eram as relações que os germanos tinham com o Imperio antes do seculo v; todas estas raças que communicaram com a civilisação romana e que se modificaram com ella, que são, por assim dizer, a primeira camada sobre a qual assentou a grande invasão, foram despresadas pelos novos barbaros, e depois que se recusaram a seguir o christia-

nismo, ficaram como malditas e vivendo sem direitos, e por muitos seculos conhecidas pelo nome de *Ca-goths*, *A-goth*. As *longas* extorsões fiscaes romanas nas Gallias, motivaram luctas violentas das classes servas, que seguiam o colonato, e protestavam em assembleia *(bagad)*; estes tambem, repellidos pela força armada, refugiados nas florestas, tidos como bichos medonhos, foram chamados por despreso *Bagaudes*, do mesmo modo que ainda hoje se usa o seu derivado pejorativo *bigot*. É esta uma das origens das raças malditas, condemnadas pelos magistrados romanos, desconhecidas pelos novos invasores, e perseguidas pelo catholicismo por causa das suas velhas tradições.

Depois que Theodorico se tornou senhor da Italia em 493, e Ravena ficou a capital dos imperadores godos, é que as raças germanicas se encontraram como dominadoras ante a civilisação romana, e o novo espirito catholico; eram duas forças deleterias que atacavam o seu vigor original. Vejamos como cada uma d'estas forças inertes tentou absorver a si este poderoso elemento, e como a parte viva da raça lhe soube resistir e oppôr creação fecunda. Os godos, que formavam o principal ramo germanico, distinguiam-se tambem pelo predominio dos chefes militares, que tinham geneologias aristocraticas como os Amali e os Balti; as classes inferiores obedeciam pela dedicação da fidelidade, e crearam para se fortalecerem a banda guerreira ou *comitatus*, que veiu no decurso da Edade Media a produzir esse orgão de resistencia, a *Compagnonage*. Em frente da civilisação romana as classes aristocraticas quizeram imitar a grandesa decahida, quizeram apparentar-se com ella, reconstituil-a e julgarem-se continuadores do Imperio. Theodorico havia sido educado no Baixo Imperio; assim a mythologia odinica desappareceu da memoria dos nobres, que abraçaram os incolores mythos gregos antes de acceitarem o christianismo, que lhes seduziu os sentidos com as exteriorida-

des do culto, como confessa Gregorio de Tours. Adoptaram tambem a velha litteratura romana; Cassiodoro, grammatico e copista, era o principal ministro de Theodorico, e Boecio, romano, um dos seus validos. Conservam a legislação dos codigos romanos, e deixam aos vencidos o uso das leis romanas; degradam a mulher *(frau)* á mesma condição que ella tem nos harens da Asia; absorvem a si a propriedade, substituindo a emphyteuse pela infeudação, e usam do nome de *romanos* para designarem aquelles que têm um fôro privilegiado. Mas a parte vital da raça não desceu a esta degradação; deixou as cidades pelos campos.

As povoações ruraes, que não tinham o espirito aristocratico dos Amali e Balti, conservaram a antiga instituição gotica do *comitatus*, o principio da alliança. Onde se encontra este meio de resistir á prepotencia dos nobres é n'essas povoações, conhecidas com o nome romano de *Vici;* á troca dos generos, em que consistia o commercio d'estas povoações, se chamava *vicariare;* o tributo que pagavam pela sua independencia, era o *vicanale;* o ajuntamento das pequenas localidades que accudiam ao apellido para mutua defesa se chamava *vicinancia;* o juiz pedaneo ou inferior era o *vicarius*, que administrava a *Vicana justitia*. Todos estes sentidos nos apparecem nos documentos consultados por Du Cange; eram os *Vici* que melhor correspondiam ao genio individual germanico, que se deixara seduzir pela unidade romana; nas cartas communaes, formuladas nas luctas burguezas, o direito de *visinhança* vem prescrito como uma conquista que se defende com anathemas. Esta lucta foi provocada pela absorpção dos *Vici* pelo poder senhorial que se prevalecia da jurisdicção do *comitatus*. Diz Guerard: «A maior parte dos *pagus*, tendo constituido *condados* do mesmo nome, e quasi sempre, sobretudo no começo, da mesma extensão, a divisão por *condados (comitatus)* sem

abolir a divisão por *paizes*, a substituiu muitas vezes, ou foi usada concorrentemente com ella.» [1]

Foi contra estes condes que se deram as revoltas das communas, chegando algumas até a prohibirem aos nobres o ficarem a noite, ou mesmo a entrarem nos seus burgos. A importancia dos *Vici*, ainda que pertencendo aos problemas da instituição social é indispensavel para conhecer esse gráo de liberdade que foi preciso para a formação das novas linguas romanicas, para a constituição do direito consuetudinario, para a realisação da propriedade livre ou o *alodium*, para a existencia das tradições germanicas e das jurandas. Estas povoações ruraes ou *vicanas*, constituidas por colonias romanas, por *lites* germanicos e por *aldius* vieram tambem a ser conhecidas entre nós pelo nome de aldeias. Mas esta lucta entre as classes obreiras e os chefes do *comitatus*, que absorviam a propriedade, tinha de dar-se tambem contra o catholicismo, que se moldara sobre a unidade romana. S. Prospero, poeta christão, e imitador da poesia latina, exalta a unidade do catholicismo recebida em Roma. Diz: «Roma, séde de Pedro, tornada a cabeça do mundo pela dignidade apostolica, tens pela religião, o que já não possues pelas armas.»

D'esta lucta com a unidade senhorial e com a unidade catholica, que as raças germanicas que não viviam nas cidades, e que conservavam pela rudesa a integridade dos seus caracteres, tiveram de sustentar até á elevação do Terceiro Estado, escreve Gervinus: «A aristocracia da christandade dividia-se em dois campos separados. N'esta nova fórma de religião, que é o christianismo, a cultura intellectual e os progressos operados na sciencia militar, levavam a duas vias differentes. Não sómente os esforços tentados pelo povo eram reprimidos, porque elle tinha a disputar a posse do

[1] *Cartulaire de Chartres*, t. x p. VIII.

poder a estes dois ramos da aristocracia, não sómente tinha a experimentar a força das armas contra as armas de uma nobresa secular, mas tinha a luctar tambem pela cultura intellectual com a cultura de uma nobresa intelligente. Era uma dupla revolução contra o poder ecclesiastico e contra o poder secular.» (*Introd. á l'Hist.*, p. 17.) As consequencias d'esta lucta contra a auctoridade ecclesiastica foram tão importantes, como as dadas contra a aristocracia; o baixo clero, foi constantemente absorvido pelo alto clero, predominaram as abbadias sobre o clero secular, mas o povo venceu o latim da liturgia com os seus cantos *farcis*, venceu os *pontifex*, architectos religiosos, com as suas jurandas leigas, impoz as suas santificações e lendas locaes contra a admiração dos heroes da antiguidade, creou a emancipação das egrejas nacionaes, como vemos pelos *Culdées* em Inglaterra, como no Pelagianismo em França, como no Mosarabismo em Hespanha; finalmente, oppozeram ao ensino das Collegiadas o livre exame das Universidades.

Assim como vimos as povoações dos *Vici* resistirem por essa sua organisação á auctoridade absorvente dos barões, tambem encontramos nos *Pagi* as condições para resistir ao canonismo unitario da egreja. O *Pagus*, d'onde se deriva o nome *paiz*, dado a toda a terra natal, e com o mesmo sentido de patria, conservou em virtude da sua constituição independente, as tradições germanicas e romanas. Um dos motivos da persistencia de tradições religiosas contrarias ao christianismo no *Pagus*, era o encontro dos restos da mythologia romana dos antigos colonos, com os elementos theogonicos germanicos. É sabido que os romanos ao encontrarem nas divindades estrangeiras analogias com os seus deuses, lhes davam logo os mesmos nomes; era talvez para assim fazerem um syncretismo mais facil, ou não crearem incompatibilidades com os sentimentos religiosos, que para elles eram dependentes dos planos politicos.

Diz Tacito, que Hercules era adorado pelos germanos, levado por uma apparente analogia; Nethon na Peninsula hispanica era tambem comparado e confundido com Hercules. Com este processo de assimilação, o germano do *Pagus* achava facilidade em conformar a sua crença com a das povoações preexistentes, e ao mesmo tempo se chegava a uma certa tolerancia, que os dogmas catholicos canonicamente definidos não podiam conceder. Além d'isso o *Pagus* tinha os seus direitos consuetudinarios, e não se incommodava a adoptor as subtilesas dos codigos romanos; nos documentos da Edade Media consultados por Du Cange, *Paganus*, é o nome dado ao que não foi baptisado; *paganus*, o que está sem direitos, e o que não foi recrutado; *paganum*, o predio rustico; *paganisare*, seguir o costume e superstição do pagão; *paganismus*, terra de pagãos. A egreja veiu a comprehender sob este nome, tirado de uma fórma da sociedade civil, todos aquelles que não abraçavam o catholicismo, todo e qualquer não baptisado.

As luctas entre o christianismo *catholico*, dos imperadores do Baixo Imperio e o christianismo *ariano* das raças germanicas, reflectiu-se nas conquistas de Africa e Italia, e lentamente e de um modo continuo na condemnação do *Pagus*.

Escreve Ramé, sobre documentos citados por Lebeuf: «É certo que ainda no seculo VII havia infieis em muitas partes de França. Caux era cheio de idolatras. S. Roman, que foi bispo de Ruão em 626, encontrou no seu territorio templos e idolos que destruiu. Havia-os consagrados a Jupiter, a Mercurio, a Apollo, e até um dedicado a Venus, na cidade de Ruão; e com effeito o *paganismo* subsistia ainda pelos principios do mesmo seculo em Berry e nos seus arredores.» (Ramé, *Arch.* p. 115.) O uso das imagens nas egrejas foi uma preponderancia exercida pelo costume do *paganismo*. O concilio de Elvira, de 205, declara-se contra

este uso, prohibindo que se adorem pinturas nas paredes; os que eram infieis e acreditaram em Christo, como Alexandre Severo, é que o introduziram; os gnosticos capocratianos collocavam a imagem de Jesus entre Platão e Aristoteles. Quando Clovis se converteu foi preciso usar as ricas alfaias e esplendor no culto para trazer pelos sentidos ao catholicismo as raças germanicas; por outro lado foi preciso acceitar os costumes e tradições inveteradas do *Pagus* e dar-lhes apenas um sentido christão, por meio de analogias sensiveis. Na chronica dos slavos, de Helmodus, se lê que a ilha de Rugen era um dos principaes focos do *paganismo;* adoravam ahi um deus chamado *Zwanthe With;* com os seus processos de apropriação analogica, a egreja querendo convertel-os, sem excluir o deus chamou-lhe *Santo Vito.* Innumeros processos d'esta ordem se podem vêr no *Ensaio sobre as lendas piedosas na Edade Media,* de Alfred Maury.

O instincto conservador da egreja encontra-se tambem no modo como até á moderna Revolução, deixou prevalecer na parte ecclesiastica as velhas divisões do *Pagus.* Seguimos Gerard, na Introducção ao Cartulario da Abbadia de Chartres: «A antiga divisão territorial da Gallia em *Pagi,* só se encontra nas cartas mais antigas. — A egreja sómente a conservou, modificando-a com prudencia até á Revolução, de tal fórma que a maior parte das divisões diocesanas representavam ainda fidelissimamente, sob Luiz XVI as divisões civis da Gallia sob os romanos.» (Op. cit. p. VI.) Segundo o mesmo Gerard, «o *pagus* correspondia algumas vezes ao territorio de uma cidade ou de uma diocese, e a mais das vezes a uma parte d'esse territorio; n'este ultimo caso formava de ordinario uma subdivisão diocesana tal como o arcediaconato, arciprestado ou o deado, e lhe dava o seu nome. Os *pagi,* muito mais numerosos que as cidades, multiplicaram-se cada vez mais pela elevação de paizes

secundarios, *pagelli*, a paizes de primeira ordem, *pagi*.» Era d'esta elevação de povoações inferiores, e além d'isso pela decadencia das egrejas parochiaes, pela absorpção das Abbadias, em que os monges tomavam a si a influencia dos padres seculares, que as tradições que vieram fundar as litteraturas modernas se conservaram nos *pagi*. N'este periodo de liberdade se creou o espirito leigo; o povo tornou a egreja o centro dos seus interesses, era ali que fazia as suas compras, que erigia muitas vezes os seus tribunaes, consultava as *sortes dos santos*, cumpria os *ordalios*, guardava as escripturas de contratos, celebrava as reconciliações. As predicas começaram a ser feitas no *sermo vulgaris*, ou lingua rustica, cujo predominio foi a creação dos novos dialectos em linguas independentes. Ali impoz as santificações locaes, que o clero aproveitou para os seus interesses dando fórma escripta, a *Legenda*, á tradição que tornava mais sympathica qualquer imagem, qualquer peregrinação. As festas populares do *Asno*, ou dos *Tollos*, as vigilias e representações dramaticas na egreja, os banquetes sobre as sepulturas e as danças em volta d'ellas, foram tudo consequencias da vida independente do *pagus*, mais tarde condemnadas como superstições do *paganismo*. O drama da paixão de Jesus, commoveu estes povos crentes pelo que havia de doloroso no lado humano; assim, os godos, que seguiram de preferencia o arianismo, deram fórma artistica ao christianismo, traduziram na pedra o sentimento, crearam uma architectura, que despontou pela primeira vez no tempo de Theodorico, ariano; as raças que tinham o nome generico de godos, como os bourguinhões, vandalos, lombardos, deixaram pelos estados meridionaes da Allemanha, França, Italia e Hespanha, essa architectura, caracterisada pela *ogiva*, o symbolo da arte leiga, cujo apparecimento coincide com a manifestação civil da *communa*, depois do seculo X.

Nas constituições episcopaes, partidas do alto clero, e inspiradas pelo espirito aristocratico da unidade romana, apparecem as condemnações mais duras contra as creações do genio popular que invadia a egreja. Mas o que era vivo triumphou; a hymnologia da egreja foi versificada sobre a *accentuação* da poetica vulgar; a missa chegou a ser dita na linguagem do povo, que communngava tambem com o sacerdote, como na egreja do Oriente; a lingua rustica supplantou o latim, que era obrigatorio na predica; a doutrina abstracta do Evangelho, e egualmente as parabolas, foram reduzidas á imagem, como nas vidraças, nas illuminuras, e na estatuaria. Assim a força da *visinhança* dos *Vici*, chegou a vencer o despotismo senhorial, e a força da tradição e do genio popular conservador nos *Pagi*, chegou a vencer a tendencia aristocratica da egreja, creando os elementos sobre que se fundaram a sociedade, as linguas, a arte e as litteraturas modernas.

A facilidade com que se vulgarisou por toda a Europa a designação de *Romantico*, para caracterisar o movimento das litteraturas modernas e differencial-as das litteraturas antigas ou *classicas*, designação estabelecida nas discussões criticas entre Goëthe e Schiller, e propagada pelos Schlegel, revela-nos um feliz achado, cujo valor importa conhecher, para o não abandonar. O *Romantismo* encerra a connexão historica com os dialectos romanicos da Edade Media; esses dialectos, desenvolvendo-se em linguas nacionaes, fixando as suas fórmas grammaticaes no uso escripto, tornaram-se litteraturas. As novas linguas, apenas falladas, eram chamadas pelos eruditos da Edade Media, *Romance*, pela indisciplina das suas fórmas com relação ao latim; Edelestand Du Méril, cita este trecho de uma traducção ainda inedita dos Psalmos: «Et pour ceu que nulz ne tient en son parleir ne rigle certenne, mesme, ne raison, est loingue romance si corrumpue qu'a poinne li uns entend l'aultre, et

a poinne peut on trouveir aujourd'ieu personne qui saiche escrire, anteir ne prononcier en une meisme semblant manieire, mais escript, ante et prononce li uns en une guise, et li aultre en me aultre.»[1] Este mesmo caracter foi comprehendido em Hespanha no seculo xv pelo erudito Marquez de Santillana, que chama *romance* aos cantares «sin regla ni cuento, de que la gente baja è de servil condicion se alegra.» A essa espontaneidade de linguagem correspondia a espontaneidade de novos sentimentos, que revelavam na civilisação do mundo moderno uma classe desconhecida nas sociedades antigas, o povo. Os criticos allemães ao caracterisarem o *Romantismo*, apontavam a independencia absoluta dos canones rhetoricos, o individualismo do sentimento, ou a inspiração como a verdade do modo de sentir individual, e as obras litterarias baseadas sobre as tradições nacionaes de cada povo, e por isso escriptas não para as academias, mas para actuarem no conflicto das transformações sociaes. A palavra *Romantismo* tem este sentido complexo e profundo, porque accentua na civilisação occidental a relação achada pelo espirito moderno entre as suas linguas e as suas litteraturas. É realmente lamentavel, que o *Romantismo* adquirisse a significação estreita do facto caduco e transitorio de byronismo, porque nenhuma outra palavra, como *realismo* ou mesmo *positivismo*, póde exprimir este grande phenomeno historico e ao mesmo tempo as suas vastas relações.

Tal tem sido o trabalho da historia moderna para reconstruir perante a critica a Edade Media. A par d'estes processos de erudição, a Philosophia procurava os principios fundamentaes da Arte e de todas as creações do sentimento. A marcha d'esta segunda evolução não é menos esplendida do que a dos medievistas. Sigamol-a.

[1] Doc. do seculo xiv. Ap. *Revue Contemporaine*, t. vii, p. 641.

B) A CREAÇÃO DA ESTHETICA PELA PHILOSOPHIA METAPHYSICA

Independentemente de todas as theorias, de todas as escolas, e só no campo da observação chega-se ao resultado definitivo — que ha uma ordem de phenomenos que nos levam a um estado de passividade agradavel, ou que correspondem aos sentimentos de que estamos possuidos, produzindo-nos impressões tanto mais profundas, quanto é o desenvolvimento que attingimos dentro da civilisação. Estes factos sensoriaes, em parte recebidos pela communicação directa com a natureza, e principalmente creados pela actividade da intelligencia no seu momento mais livre, agrupados e submettidos á analyse scientifica, constituem a *Esthetica*. Sciencia muito moderna, a sua historia é a evolução do pensamento procurando reduzir a processos logicos os phenomenos da impressionabilidade, e descobrir o fim racional das creações do sentimento; a *Esthetica* foi *sensualista* em Baumgarten, *idealista* em Schelling e Hegel; a feição *positiva*, dada pela renovação scientifica do fim do nosso seculo, baseia-se sobre o automatismo do elemento tradição, subordinado a um intuito individual.

A Philosophia *sensualista* tinha fatalmente de tocar os problemas da sensação, de descobrir-lhe a vasta complexidade, e de agrupar os factos mais caracteristicos em um dominio á parte; foi ella que creou a *Esthetica*. Baumgarten, que definia a Philosophia — a sciencia das causas e das *relações* que podem ser concebidas sem intervenção da fé — achou por essa concepção justa o fio conductor para esse mundo novo da observação. A ideia *positivista* da *relação* connexa, que leva á concepção da unidade do universo, entreviu-a vagamente Baumgarten; competia-lhe crear a *Esthetica* ou a Philosophia da Arte, que nos eleva ás maiores generalisações, sempre á uma synthese superior partindo unicamente de relações particulares. Para Baumgarten, o Bello

era «a perfeição concebida de um modo confuso.» Esta confusão resulta do fraco conhecimento das *relações* particulares, que não é indispensavel para descobrir através d'ellas, que ha uma certa unidade; era esta unidade, em parte concebida sem grandes processos analyticos, o que elle chama a perfeição, o facto da ideia do *Bello;* desde o momento que essa concepção da *unidade,* não resulta de uma analyse parcial das *relações,* o conhecimento não adquiriu toda a fórma logica, e por consequencia a perfeição é uma noção vaga, o Bello é um sentimento. A este modo de vêr, allia Baumgarten outros principios rigorosos na sua theoria, como este: o *Bello* não está na natureza, mas no nosso espirito. A intelligencia é que aproxima as diversas *relações,* que separadamente nada exprimiam; e d'esta aproximação resulta a descoberta de um principio superior, a noção da unidade, revelada sentimentalmente pela perfeição. O defeito da escola *sensualista* foi o rebaixar a ideia da perfeição á convenção arbitraria e consuetudinaria da moral, conformando-a com o bem. Foi como immobilisar-se, ficar sem progresso, como a propria moral.

O desenvolvimento scientifico dos problemas da Esthetica saiu da renovação metaphysica da primeira metade do seculo XIX; foi ella que lhes imprimiu uma unidade imponente. Pouco deve a Kant; essencialmente analysta e critico, o *bello* foi por elle bem observado no campo dos factos; no campo da generalisação pouco viu; o bello, era para elle um problema commum á psychologia e á logica, o accordo entre um producto da imaginação e uma certa norma do senso commum e gosto; tornava-o subjectivo, derivando-o d'esta correlação passada no espirito. Ainda assim este modo de vêr tem a importancia de haver suscitado em Schiller, a concepção da Arte, fundada no accordo da sensibilidade e da rasão, solução mais definitiva do que a conciliação entre a imaginação e o gosto, porque opéra sobre as

faculdades que comprehendem o Bello, o realisam e o communicam.

A elaboração metaphysica, com a audacia da abstracção, foi levada aos mais extraordinarios pontos de vista, na determinação do fim da Esthetica como sciencia. Quando Fichte succedeu a Kant, na inanidade da abstracção teve de fortalecer-se com esse terrivel rigor logico; esse rigor levou-o ao assombroso exagero, mas admiravel, da concentração do universo no *Eu*, unico conhecimento de um facto provado no acto da consciencia, e por isso tomado para servir de norma á realidade do universo. Na philosophia de Fichte ha um eterno antagonismo entre a natureza e o *Eu*; a natureza coarcta-lhe a liberdade, o Eu procura-lhe o seu fim racional, para assimilal-a a si. A Arte, para Fichte, era o instrumento d'esta lucta; o fim da Arte corresponde a esta actividade do Eu, é pelos productos da Arte, que vae realisando o seu poder como creador. Que importa que Fichte tratasse accidentalmente d'este problema, que o não tivesse bem definido á sua intelligencia; uma vez determinado este fim da Arte, acabou essa falsa ideia da escola *sensualista*, que lhe dava como fim a *imitação*. Dentro do criterio historico, as creações da Arte de todos os povos, de todas as civilisações, só se comprehendem, quando se descobre através d'ellas o esforço que o homem fez para com os objectos desconnexos da natureza exprimir as suas paixões, as suas ideias mal definidas, e a perpetuar as suas aspirações, na lucta da liberdade contra a fatalidade da natureza e contra a infallibilidade da tradição e da auctoridade. Fichte foi levado a este verdadeiro fim da Arte, porque em volta d'elle se estudava as obras de arte da antiguidade, com o amor do antiquario, com a vontade de perceber as civilisações antigas, como o faziam Lessing e Winkelmann. A par de uma corrente *positiva*, (na archeologia e na critica) recebeu a influencia directa da verdade dos

factos, e sem o sentir determinou para sempre esta conclusão geral. D'esta philosophia do individualismo saiu uma das fórmas mais originaes da Arte, a *ironia*, profunda não pelos seus resultados, mas pela sua origem, por isso que é uma *relação* que não existe na natureza, mas que é creada pela intelligencia por meio de um contraste directo entre idéia e ideia. João Paulo Richter formulou em systema este problema isolado, mas o seu alcance vê-se nas obras d'arte que escreveu. O principio *positivo*, de que não existe nenhum conhecimento fóra das *relações* que nos aproximam mais ou menos da verdade, acha-se realisado nas obras de João Paulo, que se lança á creação do *bello*, uma das fórmas da verdade, aproximando as mais impensadas relações.

A organisação do artista caracterisa-se pelo poder de achar o maior numero de *relações* entre as diversas fórmas da natureza; é o phenomeno da associação de ideias, do dominio logico, tornado objectivo; uma sensibilidade excessiva faz descobrir o lado ou a feição por onde uma dada fórma se assemelha ou faz lembrar outra, ou a traduz ou lhe serve de equivalente; um som corresponde a uma côr (Fechner), uma certa paisagem a um estado moral. É este o facto authentico; na evolução do universo não existe um unico momento que não seja fatalmente *correlativo* ao antecedente e ao consequente; não ha em um phenomeno solução de continuidade, tudo é um desdobramento seriario, omnipresente, em permanente actualidade. Os nossos fracos orgãos, a dependencia do tempo, a necessidade de dividir para comprehender é que nos têm falsificado o criterio da natureza. Foram as organisações artisticas as primeiras que sentiram essa continuidade, essa trama inteira da phenomenalidade; pelas obras de arte chegaram a realisar o *bello*, porque d'essas obras concluia-se esta verdade para a intelligencia. Os artistas mais completos, isto é, os que têm uma

maior receptividade, tiveram o poder de abranger e achar maior numero de *relações* na natureza: Miguel Angelo, estatuario, pintor, poeta, architecto, ou Leonardo de Vinci ou Raphael, foram vastos, porque necessitavam de todas as fórmas palpaveis para lhe exprimirem a comprehensão d'essas *relações* estranhas que alcançavam. Nas palavras de Goëthe sobre João Paulo, vemos uma perfeita descripção do artista: «Espirito tão bem dotado, lança sobre este mundo, de uma maneira verdadeiramente oriental, olhares cheios de atrevimento e de veracidade; *elle cria as relações as mais estranhas*, combina as cousas as mais incompativeis; mas de tal sorte que ahi se mistura secretamente um fio moral, que conduz o todo a uma certa unidade.» (Notas sobre o *Diwan.)* Depois d'esta ideia de Goëthe, que define perpetuamente o artista, vamos achar em um pratico, o estatuario Preault, a mesma noção d'esta capacidade: «O artista é o que vê maior, mais alto e mais claro do que os outros homens.» Quer dizer, é o que póde ter maiores *relações* com o mundo exterior, o que precisa tel-as, para vêr mais; através da variedade a unidade. Carlyle, especie de João Paulo na historia, tambem positivo nos seus processos criticos, concorda com o fim superior que se deduz do conhecimento d'essas *relações* mais intimas: «Em cada objecto ha uma inexgotavel significação; os olhos vêem conforme os meios que empregam para vêr.» *(Hist. da Rev.,* t. I, p. 7). Este sentido inexgotavel das cousas, só póde ser achado pela Arte; quando Schelling fez para a Philosophia de Fichte, o mesmo que Fichte fez para a Philosophia de Kant, elevou-se do modo mais franco e lucido a este ponto de vista. Elle não fundou uma Esthetica; mas nunca uma sciencia foi mais bem definida, melhor caracterisada, mais sublimemente evangelisada. No dia em que se serviu dos problemas da Arte para exemplificar praticamente o seu systema philosophico da *identidade*, o facto da creação na

Arte perdeu esse caracter de lucta de Ajax, e adquiriu a altura e serenidade de um *orgão* que serve para nos descobrir ao sentimento e á intelligencia as multiplas *relações* do universo, fixar as suas analogias secretas e dar-nos a consciencia da harmonia ou identificação do universo physico e moral.

A abstracção transcendental, por isso que não trabalha sobre factos reaes, mas simplesmente aproxima ideias, é um estado de syncretismo produzido voluntariamente; as ideias combinam-se, relacionam-se, levam a conclusões originaes e extraordinarias, do mesmo modo que acontece na Algebra, onde por ser mais facil operar com valores abstractos, se está sempre em permanente descoberta. O syncretismo, mesmo no estado de rudeza primitiva dos povos, é fecundo, caracterisa-se pela invenção, resultante da audacia de aproximar as relações das cousas e de fixar as mais reconditas analogias. No seu *Systema de Philosophia transcendental*, Schelling chegou a identificar o syncretismo philosophico, ou da abstração, com o syncretismo psychologico e natural das epocas primitivas. Elle proprio obedecia á verdade que alcançava. Vejâmos como Schelling foi levado a uma ideia tão sublime da Arte; partindo do ponto que nenhuma Philosophia póde existir sem ser fundada em um conhecimento completo, trata de mostrar que para conseguir o *conhecimento*, é necessario que se dê o accordo entre o *objectivo* ou a Natureza, e o *subjectivo*, ou o Eu; estes dois termos existem separados antes da comprehensão da verdade; o Eu é a intelligencia, a Natureza é o facto ou o producto, e quando essa manifestação revelar a lei superior que a produz, então a intelligencia identifica-se em uma suprema harmonia. Schelling corrigiu d'este modo o exagero individualista de Fichte; o seu systema da identidade precisava de ser contraprovado com um exemplo palpavel, e elle foi encontrar nos phenomenos da Arte uma

demonstração pratica e brilhante. O principio quasi incoercivel da *identificação* entre o infinito e o finito, entre a realidade e o pensamento, entre o mundo physico e o mundo moral, comprehendia-o diante de uma obra d'arte, na sua fórma ainda a mais particular; a palheta de um Raphael, por meio de um mero accidente material de combinações de tintas, consegue exprimir o sentimento moral o mais delicado, e n'esta justa conciliação da fórma com a ideia realisa uma harmonia intima a que chamam Bello. Schelling, porém, levado pelo transporte da abstração sacrificou o seu systema, porque não deu fórma scientifica a esta concepção da Esthetica; em vez de a fundar em bases solidas, de codificar-lhe os factos, foi arrebatado aos ultimos exageros, reduzindo toda a Philosophia a uma Arte final, a natureza a uma eterna poesia e a actividade da intelligencia a um sublime poema. Ouçamos as suas palavras: «Trata-se de mostrar no subjectivo, na consciencia, esta actividade, tendo e não tendo consciencia. Não ha actividade tal, como a actividade esthetica, e toda a obra de arte para ser comprehendida, é preciso que se considere como um producto d'esta actividade. O mundo ideal da Arte, e o mundo ideal dos objectos, são productos de uma unica e mesma actividade; o encontro d'estas duas actividades, sem consciencia no mundo real, com consciencia no mundo esthetico. O mundo objectivo vem então a ser a poesia primitiva do espirito, que não tem outra consciencia. O orgão geral da Philosophia e o fecho da abobada de todo o edificio é a Philosophia da Arte.» *(Systema de Idealismo transcendental*, p. 349 a 368.) E fortalece outra vez o seu systema metaphysico com esta theoria da Arte: «Se a intuição esthetica não é senão a intuição transcendental tornada objectiva, é evidente que a Arte é o unico e verdadeiro orgão d'esta philosophia, sendo ao mesmo tempo o documento que confirma sempre e sem cessar o que a philosophia não póde

expôr exteriormente, isto é, o que ha de inconsciente na actividade e na productividade, e sua identidade primitiva com o que n'ella ha de consciente.» (*Ib.*, p. 366.) Esta apotheose da Arte feita por Schelling, teve consequencias praticas e profundas na actividade scientifica do seculo XIX; o genio metaphysico, que inventou pela abstracção estes vastos systemas, logicamente architectados, veiu substituir d'este modo dentro das raças germanicas e em uma epoca de alta civilisação, pela fatalidade do atavismo, essas faculdades poeticas da raça ariana, a que pertencem, que crearam no seu primeiro syncretismo os immensos poemas do *Mahabharata* e do *Ramayana*. Ás epopêas theogonicas que se tornaram historicas, succederam-se as epopêas metaphysicas; a imaginação trabalha, em vez de ser sobre imagens da natureza, sobre postulados gratuitos com todo o rigor dos processos logicos. Se Schelling não construiu uma Esthetica, produziu em volta de si uma commoção sentimental, mystica, religiosa, em que a noção da sciencia se tornou para todas as intelligencias um fim sagrado da existencia; as obras de arte da antiguidade appareceram com um sentido recondito; os mythos dos diversos povos foram aproximados nas suas apparentes analogias, que mais tarde levaram ao seguro principio da filiação historica; as linguas estudaram-se sob o ponto de vista comparativo; as litteraturas sob o criterio das nacionalidades; creou-se a pedagogia, porque a perfectibilidade tornou-se o dogma da educação individual. Schelling deu este grande impulso com a sua vaga abstracção; o que ha de verdade n'ella não se perde mais. Após Schelling veiu Hegel corrigir as theorias metaphysicas, representando o principio creador, a força no seu estado immanente sob a designação de *ideia*, isto é, que pelo facto da sua existencia tende a realisar-se, limitando-se na *Antithese;* a elevação outra vez á *ideia* pela realidade com que communicamos, é ao que elle chama a *synthese*, ou

a plenitude do sêr pela consciencia. Os problemas da *Esthetica* tambem vieram fortalecer o systema de Hegel; a *ideia* do *Bello*, para existir completamente, precisa sair do seu estado de immanencia e communicar-se, exteriorisando-se na fórma limitada e palpavel; por meio d'essa fórma, que é a sua *antithese*, isto é, até certo ponto negação da sua infinitividade, é que nos elevamos outra vez á concepção da *ideia* do Bello, e é por esta evolução fatal que o sêr precisa passar para attingir a plena existencia na consciencia de si mesmo. A *Esthetica* tem sido considerada o reducto onde melhor se defende a philosophia de Hegel; os maiores criticos, como Standenmaier, ou Tiersch julgam-na uma obra prima, quasi inexcedivel. Vejâmos a rasão do facto. Hegel corregiu Schelling fortalecendo a especulação metaphysica com a investigação *historica;* insensivelmente e sem o querer, abandonou o seu methodo pelo criterio *positivista;* foi essa realidade, essa observação immediata sobre as creações dos diversos povos, que o levou á verdade, que torna apreciavel a sua *Esthetica*. Este livro, porém, não segue o methodo *positivo*, embora Hegel vá acomnhando a theoria transcendente com a evolução *historica* dos factos; porque não é a historia que o leva a uma theoria final, mas é a theoria que interpreta os factos submettendo-os ás suas formulas abstractas. O lado *positivo* da Esthetica, explica-se tambem pela propria biographia de Hegel; Rosenkrantz escreve a seu respeito: «Os thesouros artisticos de Berlim, as Exposições de todo o genero, excitavam o seu amor pelas artes até ao mais alto grão... Procurava com um encanto insaciavel e sem se cançar, os concertos, os theatros, as galerias, as exposições. Fazia extractos e notas para a historia das Bellas Artes. Amava apaixonadamente a musica; tinha para a pintura esse saber vêr innato. Na poesia era em toda ella familiar. Tinha para a esculptura a capacidade a mais evidente, que elle

procurava constantemente aperfeiçoar.» A organisação levava-o para o campo experimental; a direcção transcendental das escolas allemães attraía-o para as syntheses *a priori*. Já vimos qual o logar que a Esthetica occupa nos systemas metaphysicos; durante essa elaboração intellectual deu-se uma renovação scientifica, cuja synthese se chama o *positivismo*.

Desde Hume que as ideias metaphysicas haviam levado um terrivel golpe; como operar sobre vagos termos, sem realidade, sem mesmo terem rigor logico, e pretender chegar a uma verdade? O velho edificio da philosophia antiga e da Edade Media, que se impunha fatalmente pelo seu formulismo dogmatico, pelas suas cathegorias sacramentaes, foi expellido do mesmo modo que o que é organisado repelle o corpo extranho. A velha Psychologia, veiu renovar-se na atmosphera experimental da Biologia; a gasta Theodicea tornou-se a Sciencia das Religiões; a Grammatica geral, transformou-se na Linguistica e na Philologia comparada; a esteril Moral, a Politica do empirismo, o Direito constituido, a Arte, a Litteratura, o encadeamento da Historia, a Economia politica, agruparam-se como phenomenos dynamicos de uma nova sciencia superior, a Sociologia; a Logica tornou-se inductiva ou deductiva, segundo o processo scientifico ou philosophico. Cada uma d'estas sciencias teve os seus obreiros especiaes, que separadamente cooperaram para levantar o nivel intellectual do seculo; a um Bichat, a um Creuzer, a um Bopp e Grimm, a todos os que reconcentraram as suas forças na comprehensão exacta dos phenomenos, se deve a renovação scientifica, systematisada por Augusto Comte. Pelos elementos constitutivos d'essa renovação se vê claramente, que a Philosophia já não póde ser uma concepção individual e dogmatica; ella é um resultado geral, onde se harmonisam todas as concepções parciaes da intelligencia, com os progressos que se vão

realisando. Por isto se vê que o *Positivismo* não é sómente um methodo; é uma synthese permanente, é uma conclusão que qualquer sem ser genio póde tirar, dentro do meio em que vive. Sem os perigos da paixão egoista da theoria individual, e dirigindo os processos logicos pela evolução historica, ha muito mais segurança de chegar á verdade, de se aproximar d'ella quanto fôr possivel. [1]

C) A REACÇÃO NACIONAL ENTRE OS POVOS MODERNOS

Assim como se conhece a originalidade das litteraturas pelo fundo de *tradições* populares em que se baseam, do mesmo modo se contraprova a sua vitalidade pela *aspiração* moral ou politica de que ellas são a expressão. Pelo conhecimento erudito da Edade Media descobriu-se quaes eram as fontes das litteraturas modernas; pela especulação philosophica chegou-se a formular o criterio por onde ae devem julgar as creações do sentimento. Falta agora vêr, como a grande commoção moral e politica produzida pela Revolução franceza se reflectiu entre todas as nações, e como as litteraturas, na sua phase *romantica*, se tornaram a expressão viva da nova aspiração á liberdade. Foi n'este momento de enthusiasmo, em que se procurava a verdade no typo e espontaneidade da natureza, que as Litteraturas modernas proscreveram a *imitação* da antiguidade. Estabeleceu-se a lucta de preceitos e preconceitos de escola; o arsenal dos canones academicos recebeu o nome de *Classico*, e a livre manifestação do sentimento na arte, o nome de *Romantico*. Em quanto se debatiam em estereis objecções, em ironias auctoritarias, em acrobatismos phraseurgicos, dava-se entre todos os povos esse estado moral da aspiração, esse

[1] Na revista de philosophia *O Positivismo*, n.º 6, vol. I, esboçamos um estudo sobre a *Constituição da Esthetica positiva*, em que desenvolvemos o novo criterio.

anceio pela liberdade, que trouxe as litteraturas á sua manifestação de verdade. A marcha da Revolução franceza foi desviada por Napoleão do seu destino a bem da sua pessoa; mas a corrente de liberdade que ella insuflára na intelligencia moderna não foi extincta. O interesse que a critica impassivel de Kant mostrava pela Revolução, era para os artistas uma paixão vehemente que os inspirava. Foi n'esta corrente que se temperou o genio de Schiller; a Revolução reconheceu-o mandando-lhe o diploma de cidadão francez. N'este tempo os poemas gaëliços do bardo Ossian, repassados do anceio pela liberdade e d'essa vaga melancholia do genio celtico, vem descobrir ao mundo um novo ideal de poesia; Goëthe apaixona-se por esse novo lyrismo, e Napoleão prefere essas narrativas ossianicas ás epopêas de Homero. A discussão da authenticidade dos poemas publicados por Mac-Pherson leva a descobrir o problema da concepção da poesia nacional, e influe no lyrismo inglez da escola dos *lakistas*. A revelação do drama indiano de Kalidasa, *Sacuntala*, traduzido por Schlegel, dá a conhecer que para attingir-se o bello não era preciso moldar as paixões pelas receitas de Quintiliano; e que em todas as creações humanas existe uma unidade superior, uma harmonia da mesma origem, da solidariedade das civilisações, e da continuidade da vida. Na Allemanha, Grimm descobria o fragmento da Cantilena de *Hildebrand e Hadebrand*, que levava ao estudo da poesia nacional germanica. No entanto Napoleão tempestuava na Europa com o capricho das suas invasões; queria realisar o sonho de Carlos Magno quando constituiu a unidade europêa sobre a incoherencia do mundo barbaro. A Allemanha para resistir ás arbitrariedades do prepotente organisou-se em sociedades secretas, como a *Tugendbund*, da qual Fichte foi um dos fundadores, e a *Burchenschaff*, ás quaes pertenciam os estudantes, os poetas e os homens de sciencia.

Era n'esta crise violenta em que se luctava pela independencia da patria, que o genio nacional facilmente se manifestava pela litteratura. Aos desvarios audaciosos de Napoleão succedeu a reacção tenebrosa e não menos funesta dos diplomatas, que organisaram a chamada *Santa Alliança*, com o fim de assegurarem á Europa a estabilidade perturbada não pelos exercitos e guerras napoleonicas, mas pelas ideias da Revolução franceza! As Restaurações forçaram o tempo para impôrem estupidamente o *Statu quo* do antigo regimen que passára; fecha-se a porta para os cargos publicos a toda a mocidade revolucionaria, aproveitam-se os velhos caducos, o antigo acceita-se como convenção, perseguem-se as sociedades secretas, e considera-se como conspirador contra a patria todo aquelle que não exprimir os seus sentimentos segundo as obras primas da Grecia. Em quanto a Santa Alliança talhava a Europa conforme um apanagio do cesarismo que renascia, a Grecia, abandonada por todas as potencias politicas, luctava contra a Turquia para sacudir de si esse jugo de seculos. Ali se viu uma poesia popular levantar o espirito nacional, e dar forças para a resistencia tantas vezes frustrada. Fauriel colligiu os *Cantos populares da Grecia moderna*, que vieram mostrar á consciencia do nosso tempo como a unidade politica de um povo e a sua liberdade se funda e renova sobre o vinculo commum de uma tradição. O poeta Righas, como na Allemanha fizera Fichte, fundou a associação secreta *Hetaireia*, d'onde prorompeu a insurreição da Grecia. Mas no congresso da Santa Alliança, os diplomatas oppunham-se á heroica regeneração da Grecia, porque viam com o seu instincto reaccionario n'este facto assombroso *uma das cabeças da hydra revolucionaria*. Bem haja esse genio extraordinario, que synthetisa a nova feição das litteraturas e do espirito moderno, Byron, que deixou a voluptuosidade da vida italiana para ir offerecer o seu sangue pela indepen-

dencia da Grecia. O exemplo de Byron impressionou todos os novos talentos, e a sua morte deu um relevo extraordinario aos cantos, em que tanto protestára contra os desvarios reaccionarios e attentados contra os povos feitos pela Santa Alliança. O Romantismo liberal tornou-se byroniano, que os *declassés* da Restauração imitaram na fórma de um scepticismo affectado, como em Alfred Musset. O esforço da Grecia para recuperar a sua independencia influiu para o desenvolvimento do Romantismo liberal; o poeta entendeu ligar os seus cantos ás aspirações do seu tempo. Beranger combate a Restauração do absolutismo faminto e obcecado em canções cheias de malicia, e Victor Hugo eleva-se á phase byroniana. Na lucta do Romantismo, dá-se em França o mesmo facto que na Italia; Baour-Lormiant, chega a pedir a banição dos romanticos como uma garantia da segurança publica. No orgão jornalistico o *Globo*, sob a direcção severa do radical Dubois, a mocidade que se affirma oriunda dos principios da Revolução franceza, estabelece os novos principios de critica, e Goëthe acompanha com interesse esse movimento disciplinado. De 1824 a 1830 o *Globo* exerce uma actividade intellectual que influe sobre o espirito publico; antes da coroação de Carlos x e quando o partido liberal se desorientava com a invasão da Hespanha, apparece o primeiro numero do jornal, como que em substituição das *Tablettes universelles*, supprimidas pelo ministro reaccionario Villèlle. Por effeito d'essa suppressão a joven França congrega-se n'esse centro de elaboração mental, cuja fundação se deveu em parte a Thiers, e o titulo a Pierre Leroux. O *Globo* inicia o publico no conhecimento das sessões da Academia das Sciencias, na critica theatral, na archeologia da Edade Media, na Philologia e na Sciencia das Religiões; affirmando a superioridade politica da França liberta do antigo regimen, intentava alliar-lhe a liberdade da imprensa ingleza e o espirito scientifico allemão. Gui-

zot, Villemain e Cousin, não pertenciam á redacção do *Globo*, mas contribuiam com communicações; tres grupos se empenhavam n'essa empresa de renovação mental, e no restabelecimento do criterio politico; o primeiro, era o dos universatarios, á frente dos quaes estava Dubois, pela sua poderosa iniciativa, e Theodoro Jouffroy, pela critica philosophica, collaborando com elles Damiron, Trognon, Patin, Farcy, Agostinho Thierry e Lerminier; o segundo grupo era formado por mancebos, filhos dos homens da Republica e do Imperio, taes como Charles de Rémusat, Duvergier de Hauranne e Duchatel; o terceiro grupo era formado pela mocidade mais lucida das escolas, os normalistas Sainte Beuve, Vitet, Merimée, Stapfer, J. J. Ampère, e ainda Armand Carrel. Esta geração forte, pela bocca de Jouffroy, ousava dizer aos politicos reaccionarios da Restauração, que a Revolução que elles atacavam dera-se menos nas ruas do que nas *ideias*; [1] aos catholicos, que pretendiam restabelecer o obscurantismo medieval explicava-lhes com uma grande altura moral as leis psychologicas e historicas pelas quaes os dogmas se extinguem. As transformações do Romantismo, que passára da phase *emanuelica* para o *satanismo* byroniano em Victor Hugo, desviaram por algum tempo a elaboração litteraria da direcção e solução scientifica que lhe imprimira o *Globo*. Era preciso substituir a macaquea-

[1] «O estado geral dos espiritos n'esta epoca era o assumpto inexgotavel dos nossos artigos. Tal era o facto que nós consideravamos sob todos os aspectos, facto poderoso que continha todos os outros, centro das nossas investigações, e que os nossos constantes esforços tinham por fim caracterisar e esclarecer como o mais forte obstaculo aos planos da Restauração e a mais forte objecção ás suas doutrinas; porque, apesar da sagacidade dos seus illustres defensores, ella constantemente desconhecia e punha todo o seu orgulho em desconhecer a realidade e a profundidade da Revolução nas ideias. Ella queria tudo attribuir ás paixões individuaes, ás illusões de um momento e representar como um mal passageiro uma renovação social. D'aqui a esperança insensata de tudo reparar a seu modo, e d'aqui tambem a vaidade dos seus esforços.» Ch. Remusat, *Passé et Present*, t. II, p. 208.

ção da Edade Media, que consistia em um guarda roupa cavalheiresco, pela sciencia das origens. Existiam os elementos para esta dissolução do Romantismo. Madame de Staël, chegou á formula, que o nosso tempo tem realisado pela philologia e pela historia: «Nem a arte, nem a natureza se repetem; o que importa no silencio actual do bom senso, é desviar o despreso que se pretende lançar sobre as concepções da Edade Media.» Pela systematisação da Sociologia, por Augusto Comte, a Edade Media foi considerada como uma evolução historica d'onde provieram as instituições modernas; com relação á civilisação greco-romana, representava um novo progresso, a separação do poder temporal do poder espiritual, cuja confusão primitiva se observa ainda na Russia; com relação á sociedade moderna, terminava com a dissolução do regimen catholico-feudal, o primeiro atacado na epoca do Protestantismo, o segundo pela Revolução franceza. Além d'esta concepção lucida da philosophia positiva, seguiu-se o profundo estudo encetado pelos philologos allemães e francezes sobre as poesias lyricas dos Trovadores da Provença e do occidente romanico, e sobre as Canções de Gesta, do norte da França, cuja importancia era ainda ignorada. As questões vagas de escola foram-se abandonando diante da renovação scientifica; a rehabilitação historica da Edade Media, determinada pelo Romantismo, foi tambem uma das causas d'esta transformação litteraria. Mackintosh, que pertence a esta epoca de lucta liberal na politica e na litteratura, caracterisa assim o movimento novo: «A Litteratura d'esta epoca, desde pouco, inspira por toda a parte um interesse particular e uma curiosidade geral. Muitas nações regressaram com uma nova affeição aos monumentos do genio dos seus antepassados. E no meio das circumstancias, que os erros phantasticos de alguns escriptores embaraçam, não temos a receiar os inconvenientes que parecem resultar d'esta tendencia. E,

sobretudo, um modo util por onde se familiarisam os seculos esclarecidos com as bellezas e graças proprias a cada lingua, e com as qualidades originaes que distinguem os primeiros esforços litterarios de cada uma, na época em que ellas tomaram um novo impulso; porque é isto que faz comprehender os caracteres nacionaes.» [1] A transformação do Romantismo provinha de uma transformação social; em todos os paizes da Europa appareceram relacionados os dois movimentos; se a Revolução franceza é o ponto culminante da dissolução do regimen catholico-feudal, os esforços estolidos da Restauração e da Santa Alliança nada poderam contra a aspiração moderna; esmagaram os povos, perseguiram as intelligencias superiores, quizeram restabelecer as fórmas exteriores do antigo regimen, mas a Revolução estava nas consciencias. É por isso que as Litteraturas procuravam outras fórmas, e intentavam servir de expressão a um novo Ideal. Acentuemos rapidamente esse duplo movimento antes de nos fixarmos em Portugal.

Na Russia o Romantismo manifestou-se pela exaltação byroniana; os jovens talentos, aspirando o advento da liberdade politica no seu paiz, reuniam-se em sociedades secretas, e pelas suas composições lyricas soffriam os desterros e os carceres, como Puchkine. Os paizes escravisados, como a Polonia ou a Finlandia, abraçavam a nova poesia, que, como os cantos dos trovadores nas luctas da França municipal, vinha agora proclamar o grito das nacionalidades, acordando-as para a independencia politica. Em volta de Adam Mickievicz reunem-se os estudantes da Lithuania e da Ukrania, e a litteratura torna-se uma linguagem de protesto e de revivescencia nacional; Mickievicz é internado pelo governo russo; Zaleski inspira-se nos cantos populares, emfim o byronianismo lançava os espiritos ingenuos na

[1] *Essais philosophiques*, p. 43. (trad. L. Simon.)

revolta pela independencia da patria e no patibulo. Os poetas no desterro, como Mickievicz e o Conde Krasinski, influem longe da patria com os seus cantos, que conservam na geração nova o espirito de resistencia pela independencia nacional. Até na Finlandia o espirito nacional fortalece-se na propria tradição; em 1806 a Finlandia deixa de pertencer á Suecia para ser submettida por conquista ao Imperio russo. Um movimento nacional fez com que apparecesse essa extraordinaria epopêa do *Kalevala*, que Jacob Grimm considerava comparavel ás epopêas indianas pela riqueza dos mythos, e que Lenormant examina como uma fórma epica do genio turaniano; em 1819 Von Schröters publica as *Finische Runen*, desenvolve-se a paixão pelas origens nacionaes, paixão continuada em 1828 pelo Dr. Lönnrot, que organisa o *Kalevala*. O mesmo facto psychologico se repete na Hungria quando tentou sacudir o jugo austriaco; o genio magyar revela-se esplendidamente no hallucinado Alexandre Petöfi, poeta que arrasta apoz si o povo, e guerrilheiro junto de Bem, vivendo nas lendas da aspiração nacional depois de ter desapparecido em uma batalha. Na Inglaterra, o Romantismo acordava o sentimento separatista da Irlanda e da Escossia em Thomaz Moore e nos quadros novellescos de Walter Scott.

A Italia tyrannisada pela Austria, encontra na litteratura romantica o seu protesto eloquente; os novos escriptores, Pellico e Maroncelli são encarcerados, Berchet refugia-se na Grecia, e Rosseti é banido por ter tomado parte na revolta de Napoles. Mackintosh resume em uma caracteristica fundamental o espirito da litteratura italiana: «Desde Petrarcha até Alfieri, o sentimento nacional da Italia parece ter-se refugiado no coração dos seus escriptores. Quanto mais esse paiz é abandonado pelos seus compatriotas, tanto mais fallam d'elle com enlevo.» [1] Na lucta do Ro-

[1] *Ensaios philosophicos*, p. 81. (Trad. L. Simon).

mantismo, os Classicos, para triumpharem dos seus adversarios, serviram-se do despotismo austriaco; a pleiada romantica proclamava os novos principios litterarios no *Conciliatore*. Este jornal, foi como diz Salfi: «Accusado de excitar os seus leitores á independencia politica por meio da independencia litteraria.» [1]

O Romantismo italiano apresenta as suas phases distinctas de christianismo mystico em Manzoni, e de satanismo em Leopardi, ambos porém com um profundo sentimento nacional. A Italia, depois de ter realisado a sua aspiração de seculos ou a unidade nacional, completa a sua actividade com uma pasmosa elaboração scientifica e philosophica; o Romantismo dissolveu-se em um regimen mental, que põe esse povo ao lado da Allemanha e da Inglaterra em invenção e em trabalho.

A Hespanha não podia perder a feição nacional da sua litteratura sem soffrer primeiro uma decadencia organica infligida pela monarchia, e o esquecimento das suas origens imposto pelo obscurantismo catholico, que condemnava tudo quanto provinha do genio arabe ou do arianismo germanico. Para que a Hespanha tornasse a achar os seus Romanceiros, as suas comedias de capa e espada, as suas novellas picarescas, as suas redondilhas espontaneas, foi preciso que as perseguições politicas do absolutismo lançassem nos carceres e na emigração esses escriptores que até então imitavam os modelos latinos e o pseudo-classicismo francez; deu-se essa pressão nas duas terriveis epocas de 1814 a 1820, sob o governo da camarilha em demencia, como o caracterisa Gervinus, e de 1820 a 1823, durante o dominio do partido apostolico, que atacava os homens superiores para matar com elles o fermento do liberalismo. O Romantismo em Hespanha devia de ser mais uma direc-

[1] *Resumé de l'Histoire de la Litterature italiene*, II, 199.

ção do que uma fórma; mas a ausencia da patria, em que os escriptores se viam separados da communicação com o povo, os desalentos pessoaes nos prolongados desterros, levaram-os para a imitação das novas fórmas, não se elevando acima do Romantismo religioso, que veiu comprometter a causa da liberdade com a falsa miragem de que a Hespanha fôra grande na epoca do poder absoluto da monarchia e do catholicismo. Os que viam mais longe caíam no desalento, como Espronceda, o mais elevado representante do Romantismo liberal da phase byroniana. Depois da invasão da Hespanha pelo exercito francez, mandado por Chateaubriand, os emigrados preferiram quasi todos a Inglaterra; havia perto de oito mil proscriptos, e foi sobre um solo extranho que desabrochou a nova litteratura; a mocidade, que seguia os novos principios litterarios foi espontaneamente arrastada para a independencia politica, convertendo a *Academia del Mirto* na sociedade secreta dos Numantinos, que o despotismo descobriu, prendendo os jovens poetas Escossura e Espronceda. A censura dramatica estava a cargo do boçal padre Carrillo, não menos faccioso que o padre José Agostinho, que pelo mesmo tempo exercia a censura litteraria em Portugal. O Romantismo religioso propagou-se em fórma de philosophia no humanitarismo krausista, e é n'este mysticismo mental que o genio hespanhol se conserva, sem atacar os seus velhos inimigos, a monarchia e o clericalismo com o criterio scientifico.

Em Portugal vêmos repetir-se com os mesmos caracteres o primeiro impulso do Romantismo. O movimento nacional contra a invasão napoleonica não achou ecco na litteratura; estava morta pela censura regia e clerical; vigorava a antiga semsaboria das arcadias. Só depois que a nação tomou conta da sua soberania na Revolução de 1820, é que a mocidade, á frente da qual surgiu Garrett, se sentiu inspirada pela liberdade; o despotismo da Santa Alliança apoia

á traição de D. João VI, que rasga a Carta liberal em 1823, e os homens que adheriram ás bases da constituição soffrem as masmorras ou refugiam-se em França e principalmente em Inglaterra. Foi na emigração de 1823 e 1824, que Almeida Garrett observou a transformação do Romantismo e achou a orientação do seu genio. Depois que o partido apostolico de Hespanha, servindo-se da furiosa Carlota Joaquina, fez com que D. Miguel rasgasse a Carta constitucional de 1826 e se proclamasse absoluto, perseguindo os liberaes com as forcas, o cacete, e o confisco, começou outra emigração, de 1829 a 1831; a esta segunda corrente pertence Alexandre Herculano, que na *Harpa do Crente* soube inspirar-se das luctas pela liberdade nacional, e que conheceu quanto era necessario fundar a Historia de Portugal sobre o estudo das instituições sociaes da nossa Edade Media. Não é uma coincidencia casual o facto de serem os primeiros iniciadores do Romantismo em Portugal esses dois homens, que pela ideia politica da constituição liberal tiveram de procurar asylo no estrangeiro.

§ 4. PORQUE CHEGOU O ROMANTISMO TÃO TARDE A PORTUGAL. — Correndo todas as phases da litteratura portugueza, vê-se que ella nunca tirou os elementos de creação d'esse fundo vital, fecundo e sempre collectivo das *tradições* nacionaes. Em vez de apresentar a originalidade que resulta da elaboração artistica das proprias tradições, só teve em mira imitar as grandes correntes litterarias dos outros povos da Europa. A palavra *imitação* resume a synthese historica da litteratura portugueza; do seculo XII a XIV imitámos o lyrismo provençal; no seculo XV imitámos o lyrismo castelhano; no seculo XVI o lyrismo italiano; no seculo XVII as aberrações castelhanas e italianas de Gongoristas e Marinistas; no seculo XVIII imitámos o regimen poetico de Boileau. Quando no seculo XIX viesse a prevalecer

na Europa a nova comprehensão das litteraturas sob o seu aspecto nacional, em Portugal haviamos tambem imitar o Romantismo. De facto os homens que primeiro entre nós proclamaram as ideias do Romantismo, foram levados pelo que tinham ouvido discutir, a compôr obras de litteratura portugueza com caracter de nacionalidade; mas ao procurarem este caracter, que se não revelava pela historia, desconheceram o valor da *tradição*, e inventaram tradições a capricho, sobre que fizeram romances, dramas e poemas. Comprehende-se que o Romantismo exemplificasse a sua nova concepção das obras de arte, com a rica litteratura hespanhola, com a forte litteratura ingleza, porque estas litteraturas foram a expressão de vigorosas nacionalidades. Em Portugal, nunca os escriptores receberam inspiração das tradições nacionaes, por um motivo muito facil de explicar: porque não tivemos nacionalidade. Vê-se isto nas condições economicas d'esta nação, que foram sempre provisorias e nunca se tornaram organicas: do seculo XII a XIV Portugal tira os seus recursos da reconquista sobre os arabes; no seculo XV explorâmos a riqueza colonial das descobertas de Africa e Açores; no seculo XVI explora-se a India e o Brazil e expoliâmos os capitaes do Judeu; no seculo XVII espremem-se estes velhos recursos e alarga-se o systema de emprestimo; no seculo XVIII expolia-se o opulento jesuita e fazem-se confiscações a suppostos conspiradores; no seculo XIX recorrêmos aos bens dos frades, e explorâmos o colono que regressa rico do Brazil. Essa consciencia intima que um povo tem da sua independencia, é o que se chama *nacionalidade;* e quer na ordem intellectual, quer na ordem economica nada levava a despertar em Portugal essa consciencia. Esta noção estava muito longe do espirito publico, e seria um prodigio achal-a formulada syntheticamente na nossa litteratura. Nenhum dos elementos que constituia esta nação podia ser levado

a encontrar na sua actividade esse recondito caracter de nacionalidade; consultemos os sabios, a aristocracia, a realesa e o proprio povo.

Os sabios occupavam-se em inventar medalhas para eternisarem o *insolitum decus* com que Dom Miguel por decreto de 31 de julho de 1828 concedera á Academia das Sciencias a prerogativa de poderem os seus socios «demorar-se em uma sala, que só dista um palmo da outra em que até aqui eram admittidos. D'esta futilidade fez a Academia o assumpto de uma medalha, e o faria de uma Epopêa, se não se achasse empenhada em sair da palavra — *azurrar* — (o *braire* da lingua franceza) na qual desde longos annos amuou, tentando compôr o Diccionario classico da lingua!» [1] Este artigo tem o grande valor de ser referendado por Alexandre Herculano, que apesar de todos os seus esforços, nunca pôde libertar a Academia d'esse estado de immobilidade. Como é que estes sabios podiam descer a investigar essa frivola cousa chamada espirito nacional?

Pelo seu lado a nobresa deu a sua prova de altura, quando enthusiasticamente pelo acto heroico em que Dom João VI rasgou a Constituição de 1822, desatrellaram do carro os cavallos, e envergaram os tirantes, disputando com santo fervôr quaes se agarrariam á lança para pucharem o monarcha até Lisboa! Elles comprehenderam o valor d'esta traição nos destinos d'este povo, porque alguns vieram reclamar e disputar na imprensa periodica a posse d'essa extraordinaria honra. [2]

A realesa achava-se desprestigiada entre as potencias estrangeiras; a proposito do casamento de Luiz XV, quando se discutiam os differentes projectos, escrevia Mathieu du

[1] *Repositorio litterario*, n.º 4; p. 29. Porto, 1834.

[2] F. Martins de Carvalho, *Apontamentos para a Historia contemporanea*.

Marais: «On ne veut pas l'infant de Portugal, parceque le père est un peu fou.» (III, 173.) É emanado da chancella real esse documento de vergonha nacional, a Carta regia de 2 de junho de 1800, em que Dom João VI manda impedir a expedição scientifica do Barão de Humboldt na America, attribuindo ás suas investigações botanicas, ethnologicas e geographicas o intuito de encobrirem ideias novas que iam perturbar a tranquillidade dos seus fieis vassallos.

O rei achava-se tão vinculado aos seus fieis vassallos, que no momento em que os exercitos de Napoleão caminhavam sobre Portugal, abandonou o seu povo ás arbitrariedades de Junot e depois ás prepotencias de Beresford, refugiando-se no Brazil, onde continuou os disvellos do governo paternal.

O povo recebe o seu rei com lagrimas, depois que os seus conselheiros o acordaram da apathia habitual, dizendo que era tempo de voltar a Portugal, porque a Revolução de 1820... O povo era ainda o mesmo que Lord Beckford retratára na menoridade de D. João VI: «Legiões de mendigos desembocavam de todos os bairros, para se postarem ás portas do palacio e esperarem a saída da rainha; porque S. M. é uma mãe muito indulgente para estes robustos filhos da priguiça, e nunca entra na carruagem sem distribuir por elles esmolas consideraves. Graças á caridade mal entendida, algumas centenas de mandriões bem dispostos, aprendem a manejar as muletas em logar do exercicio da espingarda, e a arte de fabricar chagas, ulceras, e emplastros com a mais repellente perfeição.» N'esta mesma carta accrescenta Beckford: «Nenhuns mendigos egualam os de Portugal, pela força dos seus pulmões, pela abundancia das suas ulceras, pela profusão dos bichos, pela variedade e arranjo de seus farrapos, e pela preseverança invencivel.» Byron ao visitar Portugal, allude a Beckford pela antonomasia da sua obra originalissima o *Califa de Vathek;*

no *Child Harold* Byron retrata a emoção que lhe produziu Lisboa: «Ao primeiro relance, que bellezas Lisboa ostenta! A sua imagem reflecte-se trêmula n'este nobre rio que os poetas mentirosos faziam correr sobre areias de ouro... Mas se se penetra no interior d'esta cidade, que vista de longe parece uma habitação celeste, erra-se tristemente entre uma multidão de objectos peniveis á vista do estrangeiro: choças e palacios são egualmente immundos, e por toda a parte os habitantes patinham na lama. Seja de que gerarchia fôr, ninguem se preoccupa com a limpesa da sua roupa ou das camisas; atacasse-os a lepra do Egypto, ficavam sem se alterar nos seus andrajos e ascorosidade...» [1] Herculano traduziu nas *Lendas e Narrativas* alguns d'estes versos, adoptando-os na sua verdade. Antes da primeira emigração em 1823, o estrangeiro era considerado em Portugal como o *hostis* do mundo antigo; estavamos incommunicaveis com a Europa, [2] com o terror das ideias liberaes. Os livros francezes, inglezes ou allemães só entravam como contrabando, e existia a censura prévia para toda e qualquer publicação. Garrett em 1821 foi levado aos tribunaes por ter escripto o *Retrato de Venus*, [3] e em 1827 soffreu quatro mezes do Limoeiro por collaborar em uma gazeta que era préviamente approvada pela censura. N'estas condições, Portugal realisava na Europa o ideal do Japão ou da China; ter a ideia de fundar uma litteratura para servir de expressão ao caracter nacional, se-

[1] *Child Harold*, cant. I, est. XIV a XXXIII.

[2] Do grande iniciador industrial José Ferreira Pinto Basto, escrevia José Estevam, no seu Elogio historico: «As viagens pareceram-lhe sempre ingratidão ao paiz; a crença no poder estrangeiro um insulto ao nosso pundonor; o emprego dos capitaes fóra do solio patrio, um attentado contra a moral publica; a confiança da inferioridade das nossas coisas, uma fraqueza imperdoavel.» *Mem. do Conservatorio*, p. 21.

[3] Na Pastoral do Patriarcha de Lisboa, de 28 de Janeiro de 1824, commina-se a excommunhão maior aos que lerem o *Retrato de Venus*.

ria realisar o impossivel. O movimento do Romantismo para entrar em Portugal tinha de ser cumplice com a Revolução; mas quando esta força se revelava como um agente dynamico do corpo social, e como tal capaz de fecundar as creações artisticas, o velho habito portuguez preferiu a estabilidade e acceitou o Romantismo como mais um modelo para exercer a sua imitação.

§ 5. COMO FOI COMPREHENDIDO O ROMANTISMO EM PORTUGAL. — Ao indicar as causas fundamentaes que provocaram o apparecimento do genio romanico nas litteraturas modernas, reconhece-se que esta crise dos espiritos foi uma consequencia logica da nova comprehensão da Edade Media pela escola historica do seculo XIX, e ao mesmo tempo, das verdadeiras ideias da Arte e da critica litteraria pela creação philosophica da Esthetica, coincidindo com a reacção nacional dada em todos os povos, já pelo espirito da Revolução franceza, já pelos esforços contra o calculado obscurantismo da Santa Alliança e das Restaurações absolutas. Para que o Romantismo fosse comprehendido e se radicasse naturalmente em Portugal, era preciso que a renovação artistica encontrasse algum d'estes elementos em que se baseasse. Os trabalhos de organisação scientifica e litteraria só começaram depois de terminado o cêrco do Porto em 1833, em que triumphou definitivamente a causa constitucional; mas as ambições politicas fizeram com que os melhores espiritos tratassem das questões de litteratura accidentalmente. O estado em que se achava a sciencia da historia era quasi deploravel; além de Chronicas monasticas e memorias academicas, nunca ninguem se lembrára de formar um quadro completo da Historia de Portugal. Emquanto ás doutrinas litterarias, Francisco Freire de Carvalho glosava Quintiliano; em quanto á renascença do espirito nacional, fabricavam-se lendas phantasiosas, emprega-

vam-se archaismos para simular o sabor da antiguidade, reagia-se contra o uso dos gallicismos com um terror de purista, e o *chauvinismo* era a base essencial de todo o estylo vernaculo. Como poderia ser comprehendido em Portugal o Romantismo com esta carencia absoluta de elementos que dirigissem o criterio?

a) ESTADO DA SCIENCIA HISTORICA

Em 1839, dando conta da publicação de duas Memorias de Frei Francisco de S. Luiz, escrevia Herculano: «Duas chaves unicas, entendemos, abrem hoje o rico thesouro da Historia portugueza: guarda uma o respeitavel João Pedro Ribeiro; outra o illustre auctor das Memorias... Todavia essas mãos robustissimas, que a edade grave não enfraqueceu, já por entre o bulicio d'esta geração que vae passando ufana da sua ignorancia, buscam apoïar-se na borda da sepultura (tarde a achem elles) e quando a providencia houver de consentir que a encontrem, podemos ter por averiguado, que *a Historia nacional ficará por muito tempo no estado em que estes dois sabios a deixaram.*» Pelo trabalho d'estes dois escriptores se vê que apuraram datas, rectificaram alguns factos secundarios, compilaram sem nexo, deixando quando muito monographias subsidiarias; sobre isto continúa Herculano: «Não podemos deixar de lamentar, que os dois modernos luminares da Historia portugueza... se tenham visto obrigados a apurar datas e factos politicos... gastando em indagações de tal natureza aquelle tempo, que com mais proveito teriam talvez empregado em tirar a lume a substancia do passado, isto é, os factos relativos ao progresso da civilisação entre nós, etc.» Entre este espirito compilador, que Herculano lamenta, e as especulações philosophicas de Vico e de Herder, não se conhecia entre nós meio termo: «Bem persuadidos estamos de que

um ou dois homens não bastam para colligir tudo o que é necessario para que se haja de escrever (cremos que tarde será) uma *Historia de Portugal*, segundo o systema de Vico ou Herder: uma historia da civilisação e não unicamente das batalhas, de casamentos, de nascimentos e de obitos; uma historia que alevante do silencio do passado as gerações extinctas, e que as faça, (para dizermos tudo em breves palavras) viver diante de nós.» Decididamente Herculano não formava a minima ideia da concepção historica de Vico e de Herder, que se funda unicamente sobre as causaes dos factos; e por isso condemnando os velhos historiadores portuguezes, diz que o unico manancial historico está «nas chronicas dos diversos institutos monasticos. Sabemos que gravissimo peccado é n'este seculo de luzes fallar em chronicas de frades; mas d'isso pedimos humilissimamente perdão.» E depois de poetisar a missão do monge, prosegue: «Podiamos levar mais longe as reflexões ácerca da utilidade historica d'esses annaes das corporações religiosas, *que ignorantes presumidos despresam, porque para elles só têm merito palavras ócas de philosophantes;*» [1] etc. Tal era o criterio historico que em 1839 se estava formando para succeder ao espirito compilador e estreito de João Pedro Ribeiro e Frei Francisco de S. Luiz. A ideia da historia moderna não foi comprehendida por Herculano como uma sciencia; tendo sómente em vista levantar do pó as gerações extinctas visou ao effeito dramatico, preferindo o Romance historico á propria historia: «Vá aqui mais uma humilde opinião nossa. Parece-nos que n'esta cousa chamada hoje *romance-historico*, ha maior historia do que nos graves e *inteiriçados* escriptos dos historiadores. Dizem pessoas entendidas que mais se conhecem as cousas escossezas lendo as *Chronicas de Canongate* de Walter Scott, do que a sua

[1] *Panorama*, t. III, p. 6.

Historia de Escossia. Tambem ha quem diga que no mais grado quarteirão de historias de França, escriptas até o anno de 1800, não tinha apparecido ainda a epoca de Luiz 11.º como appareceu depois na *Notre Dame* de Victor Hugo.» [1] Em outro logar exprime Herculano este contra-senso com maior fervôr ainda: «*Novella* ou *Historia,* qual d'estas duas cousas é mais verdadeira? Nenhuma, se o affirmarmos absolutamente de qualquer d'ellas. Quando o caracter dos individuos ou das nações é sufficientemente conhecido, quando os monumentos, as tradições, e as chronicas desenharam esse caracter com pincel firme, o novelleiro póde ser mais veridico do que o historiador; porque está mais habituado a recompôr o coração do que é morto pelo coração do que vive, o genio do povo que passou pelo do povo que passa. Então de um dito ou de muitos ditos elle deduz um pensamento ou muitos pensamentos, não reduzidos á lembrança positiva, não traduzidos, até, materialmente; de um facto ou de muitos factos deduz um affecto ou muitos affectos, que se não revelaram. Essa é a historia intima dos homens que já não são: esta é a novella do passado. Quem sabe fazer isto chama-se Scott, Hugo ou De Vigny, e vale mais e conta mais verdades que boa meia duzia de bons historiadores. — Porque estes recolhem e apuram monumentos e documentos, que muitas vezes foram levantados ou exarados com o intuito de mentir á posteridade, em quanto a historia da alma do homem deduzida logicamente da somma das suas acções incontestaveis não póde falhar, salvo se a natureza podesse mentir e contradizer-se, como mentem e se contradizem os monumentos.» [2]

Até aqui vemos a falta de um criterio scientifico da historia; outras descobertas fundamentaes já tinham sido fei-

[1] *Panorama,* t. III, p. 306.
[2] *Panorama,* t. IV, p. 243.

tas na Europa, e que nos revelavam em toda a sua luz á Edade Media, taes como a importancia dos manuscriptos dos Trovadores e dos Troveiros, do lyrismo provençal e das epopêas gallo-frankas, e sobre tudo o problema da formação das linguas novo-latinas. Em Portugal nada d'isto havia penetrado ainda. Os dois luminares da historia portugueza, João Pedro Ribeiro e Frei Francisco de S. Luiz, acreditavam que a lingua portugueza não tinha connexão historica com o latim e era uma derivação do celta; estavam com o velho sonho de Bullet. João Pedro Ribeiro em uma polemica com Frei Fortunato de S. Boaventura (1830) escreve: «Quanto á auctoridade... do conselheiro Antonio Ribeiro dos Santos, principio por dizer, que sempre o respeitei no numero dos philologos do meu tempo; mas não foi por cegueira, antes *por convicção que segui a sua opinião contra o commum, negando á nossa lingua a filiação com o latim.*» [1] Pela sua parte Frei Francisco de S. Luiz publicava em 1837 a *Memoria em que se pretende provar que a Lingua portugueza não é filha da Latina.* Confrontemos estas duas datas, 1830 e 1837 com os grandes trabalhos da philologia romanica; em 1827, Frederik Diez havia publicado o seu livro sobre os *Trovadores*, onde lançou as primeiras bases inabalaveis para o problema da formação das linguas romanicas, e logo em 1836, começou a publicar essa obra extraordinaria a *Grammatica das Linguas romanicas*, onde applicava ás linguas novo-latinas o criterio comparativo de Bopp. Muito depois d'estas datas, Herculano evitava os celtomanos, e acostava-se a outra hypothese gratuita de Bonamy sobre a desmembração de um dialecto geral vulgar que coexistia a par do latim.

Quanto ao conhecimento da poesia da Edade Media, as publicações de Raynouard não foram conhecidas em Portu-

[1] *Reflexões á brevissima resposta*, p. 6.

gal, nem tão pouco se estudou o Cancioneiro publicado por Lord Stuart, onde estava o principal monumento da poesia lyrica portugueza do seculo XII a XIV. Tal era o estado dos conhecimentos historicos n'este periodo do Romantismo; era portanto impossivel comprehender a importancia de uma tradição nacional, e o poder trazer a litteratura ás fontes da sua originalidade. Herculano reconhecia esta verdade, quando escreveu: «Ao passo porém, que a Arte se reconstruia, reconstruia-se a Historia. Ao lado de Goëthe e Schiller, apparecia Herder e Muller; ao lado de Hugo, Guizot e Thierry.» [1]

b) Estado das ideias philosophicas sobre arte

Em Portugal reinou sempre e de um modo absoluto uma só escola philosophica; a doutrina de Aristoteles no seu periodo *averroista* preponderou desde a fundação da monarchia até ao tempo em que a instrucção publica foi entregue aos Jesuitas; houve apenas um intervallo de idealismo platonico em alguns poetas do seculo XVI, e caímos outra vez sob a férula aristotelica do periodo *alexandrista*.

As reformas philosophicas de Pedro Ramos, Bacon, Descartes, Gassendi, as novas theorias de Nicole, Malebranche, Mariotte, Thomasio, Lock, Le Clerc e Wolfio não poderam penetrar em Portugal, como vêmos pelos grandes esforços de reacção da Escholastica do Collegio das Artes. [2] Dom João V escreveu por via do Conde da Ericeira para Inglaterra a Jacob de Castro Sarmento para que traduzisse as obras de Bacon, que elle propuzera; em 1735 veiu para Portugal a primeira folha do *Novum Organum*, mas os que tinham o monopolio da instrucção obstaram a que se abrisse

[1] *Memorias do Conservatorio*, p. 135. (Ann. 1842.)
[2] *Compendio historico do estado da Universidade*, n.º 163.

este novo horisonte á intelligencia. Ficámos amarrados ao póste da *Logica Barreta* ou da *Logica Carvalha;* tal era o campo que encontrava em Portugal a doutrina da Esthetica, que desde Schelling influira no esplendor da litteratura allemã, e levára á verdadeira comprehensão da antiguidade. Em 1835 é que se publicou pela primeira vez uma tentativa sobre Philosophia da Arte, com o titulo de *Poesia: Imitação — Bello — Unidade;* [1] infelizmente o seu auctor tinha recebido uma educação fradesca, e a Logica-Carvalha com grande custo se empaveza com a nomenclatura da philosophia allemã. Esta prioridade pertence a Alexandre Herculano, que depois veiu a possuir-se da mais entranhavel aversão ás especulações metaphysicas. Em todo o caso elle percebeu, que o Romantismo partia de uma renovação philosophica. Escreve Herculano: «Na torrente de opiniões contrarias sobre a critica litteraria que na presente epoca combatem, morrem, ou nascem, tambem nós temos a nossa: e vem a ser parecer-nos que da falta de exame dos principios em que se fundam os differentes systemas procedem essas questões que se têm tornado interminaveis talvez por esse unico motivo. O genio impellido a produzir no meio de ideias vagas e controvertidas sobre as fórmas, as condições da poesia, julga que todas ellas são indifferentes e desvairado se despenha; e o engenho dominado pelos preceitos, que muitos seculos por assim dizer santificaram, contrafaz e apouca as suas producções, temendo cair n'aquillo que julga monstruoso e absurdo. Tal é geralmente o estado da litteratura. — Os que conhecem o estado actual das lettras fóra de Portugal, na França, na Inglaterra e ainda na Italia, sabem ao que alludimos. Trememos ao pronunciar as denominações de *Clássicos* e *Romanticos*, palavras indefinidas ou definidas erradamente, que sómente têm gerado

[1] *Repositorio litterario*, n.° 7.

sarcasmos, insultos, miserias, e nenhuma instrucção verdadeira, e que tambem teriam produzido estragos e mortes como as dos Nominaes e Reaes se estivessemos no XVI seculo. Infelizmente em nossa patria a Litteratura ha já annos que adormeceu ao som dos gemidos da desgraça publica; mas agóra ella deve despertar e despertar no meio de uma transição de ideias. Esta situação é violenta e muito mais para nós que temos de passar de salto sobre um longo praso de progressão intellectual para emparelharmos o nosso andamento com o do seculo. Se as opiniões estivessem determinadas, o mal ainda não seria tão grande; mas é n'um cahos que nos vamos mergulhar, do qual nos tiraremos talvez muito depois de outras nações.»[1] Ao escrever o seu estudo de esthetica, Herculano tinha em vista: «estabelecer uma theoria segura que previna tanto o delirio d'uma licença absurda, como a submissão abjecta que exige certo bando litterario.» Vejâmos essa theoria através de uma linguagem incongruente de quem não sabia proseguir uma ideia e muito menos formulal-a; Herculano considera o Bello o objecto da poesia; considera-o um principio absoluto, cujo criterio é a metaphysica, e ao mesmo tempo redul-o a uma mera relação, por isso que depende da nossa existencia: «Para nós a sua existencia depende da nossa; e a metaphysica influirá sempre em qualquer systema que sobre tal objecto venhamos a adoptar.» Depois d'esta contradicção que revela uma extranhesa dos processos philosophicos, cae em outra ainda mais flagrante: diz que sem philosophia as artes não florescem, e dá essa philosophia como causa da fluctuação dos principios: «Sem levar o facho da philosophia ao seio das artes, sem examinar a essencia d'estas, as theorias formaes ficam sem fundamentos, e é justamente o que tem acontecido. E quando aqui ou acolá se tem tentado sob-

[1] *Repositorio litterario*, p. 54.

pôr-lhe esses alicerces, é á philosophia que os tem ido buscar. Este methodo é quanto a nós o inverso do que se devia seguir, e um grande mal d'ahi resultou: a fluctuação dos principios e consequentemente dos juizos criticos.» Como entender estes tres periodos que se repugnam? N'esta trepidação não podendo avançar, agarra-se ás velhas controversias de Boileau e Perrault, de Lamothe, Fontenelle e Huet, e braveja colerico porque Boileau comparou o *Telemaco* ao romance de *Theagenes e Chariclea*, de Heliodoro; por fim faz-se árbitro da polemica dos antigos e modernos do seculo XVII, com a phrase conciliadora: «Nós devemos em grande parte aos antigos o que sabemos—seria uma ingratidão negal-o. Elles crearam as lettras e as levaram a um ponto de esplendor admiravel; mas por as crear e aperfeiçoar não se deve concluir, que acertaram em tudo ou que tudo sabiam.» O modo de discutir é de uma ingenuidade primitiva; sustenta que o Bello é absoluto, porque: «O europeu, o chim, o hottentote sentirão egualmente que o *Apollo de Belvedere* é bello.» E pela contraria, que não é relativo, porque se podia então equiparar os *Luziadas* ou a *Ulyssea*, ao *Alfonso* ou ao *Viriato tragico*: «Se dissermos que o Bello é relativo e resultado do nosso modo de vêr, da relação particular dos objectos comnosco, da harmonia ou desharmonia dos factos com as nossas ideias moraes, n'esse caso não poderemos affirmar que os *Luziadas* ou a *Ulyssea* sejam absolutamente superiores ao *Alfonso* ou ao *Viriato tragico*.» Depois de exaltar a *poesia celeste* dos *hymnos solitarios* de Lamartine, o *terror delicioso* de Monti, a anciedade que causa a despedida de Picolomini de Schiller, conclue: «Tal é o Bello—para quem o julga em sua modalidade necessario e absoluto; uma ideia opposta repugna e nos afflige: nós queremos que todos os tempos, todos os homens o julguem e gosem como nós, e diremos sem hesitar—o que não fôr do nosso sentir ou carecerá de

gosto ou o terá pervertido.—» Herculano formava em vista d'isto uma ideia do absoluto metaphysico pelo absolutismo politico.

Depois vendo que precisava de phraseologia metaphysica, aproveita-se da nomenclatura de Fichte para mostrar: «que o bello das imagens, o bello chamado physico não existe nos objectos porque a unidade e o movimento da sua existencia seriam destruidas; ... É pois em nós, no mundo das ideias, que o devemos buscar—Um typo independente do que nos cérca, deve existir, com o qual a faculdade de julgar possa comparar o bello de uma imagem particular. *Eu, Não-eu*, eis o circulo das existencias, os dois nomenos, fóra dos quaes nada concebemos—mas nós admittimos o necessario e o uno sem o encontrarmos no que nos rodeia—cumpre pois que elles residam em nós como fórmas da intelligencia.» Como o proprio Herculano o affirmou exemplificando com o Apollo de Belvedere, o Hottentote tambem dirige o seu juizo por este nomeno do *Eu e Não-eu*. A aversão com que Herculano ficou á metaphysica allemã, prova que elle jogou inconscientemente com estas phrases, e que nunca mais viu nos profundos trabalhos de abstracção senão uma reproducção d'este seu capricho.

Herculano applica esse typo do bello á critica da mythologia: «Com effeito onde existem as ficções dos antigos monstros da mythologia? Quem viu um homem ou um cavallo allado como o Amor ou o Pegasso?—Nem se diga que a crença popular lhes tinha dado existencia; isto são palavras que sôam, mas sem sentido... Se a phantasia produzia estas creações, ellas não foram imitadas, logo não têm modelo, logo não são bellas; etc.» Quem concebia assim a creação poetica das mythologias, nunca vira horisontes mais vastos do que as explicações de um padre-mestre de selecta, e isto quando Creuzer, Voss e Lobeck já tinham fundado a sciencia das mythologias comparadas.

Depois de todo este pandemonium, diz: «Tendo até aqui procurado derribar, cumpria edificar agora; etc.» O que elle vae edificar tem em vista — conformar uma theoria rasoavel da unidade com os grandes melhoramentos litterarios. A theoria rasoavel resume-se nos seguintes aphorismos sem alcance:

«A *Poesia* é a expressão sensivel do Bello, por meio de uma linguagem harmoniosa.

«O *Bello* é o resultado da relação das nossas faculdades, manifestada como jogo da sua actividade reciproca.

«A condição pois do *Bello* é a concordancia da variedade da ideia particular com a unidade do geral; etc.»

Depois vae applicar estes principios á *Iliada*, *Eneida*, *Orlando Furioso*, *Luziadas* e *Jerusalem Libertada*, por um modo que chega a causar pena: «Se assim examinarmos toda a *Iliada*, acharemos sempre a ideia de *gloria patria* servindo de nó a este admiravel poema *que hoje se despresa por moda, crendo-se que n'isso consiste o Romantismo.*» O juizo sobre Virgilio é «que sabia mendigar as migalhas de um tyranno e nutrir ideias generosas.» A unidade da *Eneida* ficou preenchida desde que Eneas «escondesse o covil de Romulo com o seu escudo celeste, o fim da sua existencia estava satisfeito, e o poeta podia na serie das variedades buscar as que bem lhe parecessem para com ellas tirar um som accorde com a ideia que o dominava.» A applicação da theoria esthetica de Herculano aos *Luziadas* dá esse logar commum de todas as rhetoricas: «Os *Luziadas* são o poema onde mais apparece a necessidade de recorrer a uma ideia independente da acção para achar a imprescriptivel *unidade*... Não foi, quanto a nós, o descobrimento da India, que produziu este poema; foi sim a gloria nacional.» De Ariosto e de Tasso limita-se a dizer que cantam, um a cavallaria, o outro as cruzadas, isto é «o espirito humano modificado de um certo modo» e «a réplica da Cruz á terrivel pergunta

do islamismo.» Terminando este temerario esforço de querer philosophar sobre arte, Herculano remata com esta vacilante pergunta: «Mas pretendendo destruir o systema da escola *classica*, não sômos nós *Romanticos?* Alguem nos terá por taes....» E reclama: «*não sômos, nem esperâmos sêl-o nunca.*»

Era com esta segurança de doutrinas que o Romantismo fazia ecco em Portugal; como podia ser comprehendido este facto esplendido do nosso seculo, se a uma completa ausencia de trabalhos historicos accrescia uma incapacidade para a minima especulação philosophica?

c) Renascimento de um espirito nacional phantastico

Em todos os povos onde se deu a renovação litteraria do Romantismo, vemos o espirito nacional despertado pela nova concepção da Arte influir na commoção politica, no esforço para a liberdade. Herculano, que esteve fóra de Portugal na epoca da segunda emigração, em 1831, reconheceu esta verdade: «A revolução litteraria que a geração actual intentou e concluiu, não foi instincto; foi o resultado de largas cogitações; *veiu com as revoluções sociaes, e explica-se pelo mesmo pensamento d'estas.*» [1] Portugal tambem atravessou a sua crise politica, abolindo o direito divino symbolisado na divisa do throno e altar, e redigindo a sua Carta constitucional, conforme a imitação ingleza. Esta phase politica precedeu o movimento litterario; o apparecimento do Romantismo entre nós foi um esforço artificial. Herculano descreve em poucas linhas esta epoca de lucta: «A epoca de 1833 foi a unica epoca revolucionaria porque tem passado Portugal n'este seculo. Nem antes nem depois quadra tal epitheto aos successos politicos do nosso paiz; porque só então foi substituida a vida interina da sociedade

[1] Elogio historico de Sebastião Xavier Botelho, (Mem. do Cons.) p. 31.

por uma nova existencia. As forças sociaes antigas desappareceram para dar logar a novas forças; destruiram-se classes; crearam-se novos interesses que substituiram os que se aniquilaram; os elementos politicos mudaram de situação.»[1] Infelizmente, esta revolução partiu da classe media, e as reformas decretadas implantaram-se pelo seu lado exterior. Portugal entrava sob a bandeira de uma revolução liberal em uma outra phase economica da sua historia; tendo sempre vivido sem uma industria propria, sustentou-se, fazendo a natural desintegração dos bens enormes das ordens religiosas. As garantias liberaes jazeram no papel; o habito de viver sob a tutella do despotismo ficou no animo publico e vê-se a cada momento na prepotencia ainda dos mais pequenos funccionarios. Póde-se affirmar que a revolução que triumphou em 1833 foi extranha ao espirito nacional, que estava atrophiado, indifferente á lucta de dois bandos, sem comprehender mais do que uma simples questão de logradouro que se disputavam dois irmãos. As reformas decretadas por um Mousinho da Silveira foram extraordinariamente organisadoras; mas o espirito nacional não existia, o povo estava mudo; o enthusiasmo pela liberdade foi substituido pela avidez da rapina no momento das indemnisações. Os que haviam regressado do estrangeiro, traziam os elementos bastantes para conhecerem o nosso incalculavel atraso. Fizeram-se tentativas individuaes para levantar o nosso nivel intellectual.

O estado de atraso a que chegou Portugal sob o regimen do cesarismo e do obscurantismo religioso, vê-se por esta confissão feita em 1837 pela Sociedade Propagadora dos Conhecimentos uteis: «A nação portugueza, cumpre confessal-o, é uma das que menos tem seguido este movimento progressivo da humanidade. O nosso povo ignora immen-

[1] *Ibidem*, p. 33.

sas cousas, que muito lhe importava conhecer, e esta falta de instrucção sente-se até nas classes que pela sua posição social, deviam ser illustradas. Entre os mesmos homens dados ás lettras se acha falharem repetidas vezes as noções elementares de tudo que não é objecto do seu especial estudo, e a sciencia em Portugal está ainda longe de ter aquelle caracter de unidade, que ganha diariamente no meio das outras nações.» [1] O primeiro esforço para sairmos d'esta atonia, tentou-se no Porto, inaugurando-se em 19 de Dezembro de 1833 a *Sociedade das Sciencias medicas e de Litteratura*; só em 15 de Outubro de 1834 é que se deu á publicidade o jornal que representava os trabalhos d'essa associação. Entre os assumptos escolhidos para serem tratados na parte litteraria, incluia-se: «Um Poema escripto em lingua portugueza com o titulo *O Sitio do Porto*, devendo ser o sr. D. Pedro IV o heroe. O poeta poderá escolher o metro que mais lhe agradar e a divisão do poema em um ou mais cantos.» [2] Sob o despotismo ferrenho de D. Miguel o povo cantava-lhe hymnos obscenos; era a inspiração do terror. No momento em que se respirava a liberdade, não apparecia nenhum impeto espontaneo que a glorificasse. Fundou-se em 1836 a *Sociedade dos Amigos das Lettras*, e em 1837 a *Sociedade Propagadora dos Conhecimentos uteis;* tinham ambas em vista fazer resurgir o espirito nacional. Procuraram realisar este nobre pensamento por meios artificiaes, propagando a monomania dos livros portuguezes do seculo XVI e XVII, a que deram o nome de classicos; estabeleceram um purismo affectado na lingua, renovaram archaismos e bravejaram contra a corrente dos gallicismos; fabricaram lendas nacionaes e inventaram-nas a bel-prazer; inventaram cantos populares; protestaram

1 *Panorama*, t. I, p. 2.
2 *Repositorio*, n.º 1.

contra as ruinas dos monumentos que o governo allienava ou deixava derrocar; e por fim deixaram-se ir com a indifferença publica e atiraram-se á orgia das ambições do poder representativo. A proposito do amor que se devia aos livros classicos, escrevia Herculano em 1839: «Assustam os livros pesados e volumosos do tempo passado as almas debeis da geração presente: a asperesa e severidade do estylo e linguagem de nossos velhos escriptores offende o paladar mimoso dos affeitos ao polido e suave dos livros francezes. Sabemos assim quaes são os documentos em que estribam glorias alheias; ignoramos quaes sejam os da propria, ou, se os conhecemos, é porque extranhos nol-os apontam, viciando-os quasi sempre. *Symptoma terrivel da decadencia de uma nação é este; porque o é da decadencia da nacionalidade, a peor de todas;* porque tal symptoma só apparece no corpo social quando este está a ponto de dissolver-se, ou quando um despotismo ferrenho poz os homens ao livel dos brutos. Desenterra a Allemanha do pó dos cartorios e bibliothecas seus velhos chronicões, seus poemas dos *Niebelungos* e *Minnesingers;* os escriptores encarnam na poesia, no drama e na novella actual, as tradições populares, as antigas glorias germanicas, e os costumes e opiniões que foram: o mesmo fazem a Inglaterra de hoje á velha Inglaterra, e a França de hoje á velha França: os povos do Norte saúdam o *Edda* e os *Sagas* da Islandia, e interrogam com religioso respeito as pedras runicas cobertas de musgos e sumidas no amago das selvas: todas as nações emfim, querem alimentar-se e viver da propria subsistencia. E nós? Reimprimimos os nossos chronistas? Publicâmos os nossos numerosos ineditos? Estudâmos os monumentos, as leis, os usos, as crenças, os livros, herdados de avoengos? Não!—Vamos todos os dias ás lojas dos livreiros saber se chegou alguma nova semsaboria de Paul de Kock; alguma exageração novelleira do pseudonymo

Michel Masson; algum libello anti-social de Lamennais. Depois corremos a derrubar monumentos, a converter em latrinas ou tabernas os logares consagrados pela historia ou pela religião... E depois se vos perguntarem: De que nação sois? respondereis: Portuguezes. Callae-vos; que mentis desfaçadamente.» [1]

Pelo seu lado Garrett, reclamava desde 1827 a admiração dos classicos: «Ninguem acreditará que é o mesmo Portuguez em que hoje se ora e escreve, aquella fluida linguagem de Frei Luiz de Sousa, aquelle idioma tão dôce, natural e porém riquissimo, de Frei Thomé de Jesus; nem os periodos estropeados e *boursouflés* com que hoje se arripiam os ouvidos, são nem sequer longes d'aquellas orações tão redondas, tão gentilmente voltadas do nosso Lucena. Esta exaltação desvairada carece de correctivo... Depois o estudo dos classicos é o complemento do remedio; mas quem se atreverá a receital-o? Já por ahi me chamaram antiquario e Affonsinho; que tanto fallo em vidas de santos e chronicas de frades que ninguem póde lêr. Mas para quem assim me criticar, ahi vae a resposta: *Não estudeis* noite e dia essas chronicas de frades com que zombeteaes; mas a vossa mascavada linguagem morrerá comvosco e co'a meia duzia de bonecos e bonecas a quem agrada, porque mais não entendem.» [2] Pela sua parte Castilho tomou a sério esta superstição, e toda a sua vida foi sacrificada á vernaculidade; para elle a arte só teve um fim, o purismo rhetorico, por onde afferiu sempre os talentos dos escriptores.

Apoz a questão dos classicos levantaram os puristas a questão dos *gallicismos*: «A leitura frequente dos livros francezes, prosegue Herculano, tem corrompido a nossa lin-

[1] *Panorama*, t. III, p. 196.
[2] O *Chronista*, vol. I, pag. 67.

guagem por tal maneira, que já hoje (1837) é impossivel desinçal-a dos *gallicismos*... essa lição dos auctores francezes poz em esquecimento os portuguezes... pela falta de conversar os escriptores nacionaes encurtâmos e empobrecemos as fórmas e os elementos do discurso. Sabemos que muita gente escarnece dos que amam a pureza da lingua;...» E descrevendo os classicos: «estes versam muitas vezes sobre materias áridas e pouco importantes para este seculo. Contam milagres de santos por vezes incriveis, descrevem usanças monasticas, prégam sermões sem uncção, e quando muito pintam pelejas dos nossos maiores em que ordinariamente já de antemão lhes sabemos das victorias.» [1]

Garrett tambem attribue a falta de originalidade da litteratura portugueza á imitação franceza: «Vulgarisou-se esta lingua entre nós, tomou-se por molde e exemplar para tudo; a nossa perdeu-se, e o modo, o espirito, o genio, tudo o que era nacional desappareceu, e tão rapidamente como por encanto.—Este nimio respeito e consideração em que tomámos pois os Portuguezes a litteratura franceza, damnou e empeceu a nossa. D'ahi me parece que se devem empenhar todos os que amam a litteratura portugueza e desejam seu augmento, em estudar tambem a das outras nações, combinal-as umas com outras, sem fazer escola de nenhuma, aproveitando de todas, mas sem delir ou confundir o caracter da nossa propria e nacional.» [2] Tanto a causa do mal como o remedio proposto, provam a nenhuma comprehensão que então havia do que era *caracter nacional*. Esse carácter faltou aos trovadores portuguezes do seculo XII a XIV, aos poetas palacianos do seculo XV, aos quinhentistas, aos seiscentistas e aos árcades; o mal que

[1] *Panorama*, t. I, p. 52.
[2] O *Chronista*, vol. I, p. 16 e 17.

se lhes tornou patente em 1827, tinha acompanhado sempre a litteratura portugueza. Onde estava pois a causa d'esta constante falta de originalidade? Disse-o Wolf: na falta de uma base de tradições sobre que se desenvolvessem as creações individuaes. Por isso em vez de estudarem essas tradições, os novos escriptores foram imitar as outras litteraturas para contrabalançarem a influencia da franceza: «o unico, ainda que incerto correctivo que vejo a este mal, é o fomentar a applicação ás outras litteraturas e idiomas; por onde dividida a attenção, e quebrada a força dos perstigios, revertâmos a sentimentos mais rasoaveis e menos exclusivas opiniões. Assim poderá formar-se uma Escola mais eccletica; e a lingua e a litteratura patria não colherão pouco fructo se assim se conseguir.» [1]

Por isso que os livros dos escriptores nacionaes não eram lidos e o povo estava sem tradições, os escriptores trataram de inventar lendas e cantos populares. Ignacio Pisarro de Moraes Sarmento escreveu um *Romanceiro* pelo gosto do de Segura, mas sem dissimular o artificio litterario; o mesmo fez Serpa com os *Soláos;* Herculano inventou a tradição do convento da Batalha onde tambem forjou um canto popular dito pelos reis Magos, que apresenta como lôa *«obra mui prima de certo leigo affamado jogral d'aquelle tempo;»* [2] Bellermann, no seu *Portugiesische Wolkslieder und Romanzen*, apesar do seu profundo senso critico, acceitou como popular esta contrafacção de Herculano. Este genio inventivo que levava os escriptores do seculo XVI a falsificarem os monumentos historicos e poeticos, dava-se agora com maior força n'esta supposta renascença do espirito nacional; o arcade Castilho fabricava um *Auto* pelo gosto da escola de Gil Vicente, que se dizia ter sido escripto na par-

[1] *Ibid*, p. 239.
[2] *Panorama*, t. III, p. 101.

tida de el-rei D. Sebastião para Africa, pelo guarda-mór da Torre do Tombo Antonio de Castilho. Pelo seu lado Garrett, contrafazendo a poesia popular, como se vê no primeiro volume do seu *Romanceiro*, dizia no frontispicio do romance o *Arco de Sant'Anna*, que achára essa memoria em um manuscripto do Convento dos Grillos na cidade do Porto.

De todos estes inuteis esforços só se conseguiu divulgar por via do *Panorama*, jornal litterario imitado do *Penny Magazine* e que se publicava em numero de cinco mil exemplares,[1] os poucos factos da historia portugueza, necessarios para se crear essa linguagem emphatica e patriotica de todos os livros, de todos os discursos, de todas as poesias, o *berço de Camões*, a *espada de Affonso Henriques e do Condestavel*, o *estandarte das Quinas*, as *terras do Gama e de Pacheco*, as *façanhas dos Albuquerques* e *D. João de Castro*, o *seculo do venturoso D. Manuel*, os *galeões da India*, e *os mares nunca d'antes navegados*. A renascença do espirito nacional limitou-se a esta titilação exterior, que o burguez facilmente adoptou para expressão do seu patriotismo e como esconjuro eloquente e definitivo contra a politica de iberismo.

Edgar Quinet, no seu eloquente protesto contra a intervenção estrangeira chamada por D. Maria II em 1847 contra Portugal, explica a mutua solidariedade entre as tranformações politicas e a renovação litteraria: «Portugal não se contentava com uma imitação estéril, como se julga; o renascimento politico fundava-se sobre o renascimento do proprio espirito portuguez. N'este paiz, que deixára de pensar havia dois seculos, uma vida imprevista brilhava em obras inspiradas pelo amor e pela tradição nacional. Numerosos escriptores surgiam, que todos á uma fortaleciam o seu genio no

[1] *Panorama*, t. I, p. 53; t. II, p. 1.

mesmo sentimento da patria restaurada. Uma côr de independencia bastára para dar ás almas energia; a civilisação morta levantava-se. Quem o acreditaria, se não fosse bem notorio? os ultimos quinze annos produziram mais obras originaes do que os dois seculos passados; e, segundo a expressão de uma homem cuja auctoridade ninguem negará, (Almeida Garrett) nunca se vira no espirito publico um movimento tão profundo, um esforço tão sincero, uma esperança tão viva, uma emoção tão verdadeira, uma inspiração tão indigena desde a epoca dos *Luziadas.*» Em seguida Quinet explica a rasão do movimento: «Se alguma vez houve movimento nacional, era o que se operava em plena claridade. O escriptor conspirava nos seus livros, o deputado na sua cadeira, o povo no fundo das provincias. Quando está assim feito o accordo entre a intelligencia do pequeno numero e a consciencia de todos, não é difficil prevêr as consequencias.» E condemnando então a intervenção armada da Hespanha, Inglaterra e França contra o levantamento nacional que repellia o absolutismo de D. Maria II, exclama: «A nação queria reviver; a rainha acha mais legitimo o governar um cadaver.» [1] De facto, a vida moral da nação acabou depois que a monarchia bragantina chamou para se manter no arbitrio a intervenção estrangeira.

As obras de Garrett, concebidas n'este periodo de transformações politicas em que revivesceu a nacionalidade portugueza, inspiram-se dos sentimentos e agitações do momento, e por isso têm um certo relêvo de realidade. A tragedia de *Catão* liga-se ás aspirações revolucionarias de 1820, quando se proclamou o principio da *soberania nacional;* no *Arco de Sant'Anna*, Garrett combatia a reacção clerical, e segundo ouvimos dizer fazia no typo do Bispo a satyra de Frei Francisco de S. Luiz; no *Alfageme de Santarem*, ti-

[1] *Obras completas*, de Edgar Quinet, t. x, p. 53 a 61.

rava o movimento dramatico das paixões que se debatiam em 1842 entre os setembristas (partidarios da soberania nacional) e cabralistas (partidarios do favoritismo do paço, ou da realesa por graça de Deus). [1]

§ 6. CONSEQUENCIAS CONTRADICTORIAS. — Depois do que temos visto ácerca das condições em que estavamos para abraçar o Romantismo, conclue-se que, tanto pelos trabalhos historicos da Edade Media, como pelas especulações philosophicas sobre Arte e Litteratura, como pela vitalidade do espirito nacional, eramos incapazes de comprehender esse movimento. Os mesmos escriptores, que primeiro presentiram a necessidade de romper com a tradição arcadica, trepidaram no seu intuito, e vociferaram contra o Romantismo; tanto em Garrett como em Herculano, as palavras de condemnação, os protestos de respeito aos modelos constituidos estão em contradição com as obras. Herculano reagia contra a auctoridade da tradição romana, do mesmo modo que as litteraturas modernas estavam reagindo: «*Roma*, que viva e possante não alcançára subjugar inteiramente este cantinho da Europa, cadaver já profanado pelos pés de muitas raças barbaras, *conquistou-nos com o esplendor da sua civilisação que resurgira triumphante.* Netos dos Celtas, dos Godos, e dos Arabes, *esquecemo-nos de todas as tradições d'avós para pedirmos ás cinzas de um imperio morto*

[1] No n.º 64 do *Correio Portuguez* (22 de fevereiro de 1842) se lê ácerca da demora da representação do *Alfageme de Santarem*, lido em fins de setembro de 1841: «por informações que temos por seguras, nos veiu á noticia que o notorio director do theatro da Rua dos Condes (Emile Doux) depois de tres mezes de ensaios demorados e preparativos que nunca acabavam, fôra dizer á empreza — que o *Alfageme de Santarem* era uma satyra dos ultimos acontecimentos que restauraram a Carta constitucional; que os Cartistas ameaçavam que haviam de ir pateal-a e insultar o auctor e a peça, se ella fosse á scena; e que era forçoso por tanto retiral-a infallivelmente.» No n.º 67, Emile Doux veiu justificar-se; Garrett era effectivamente setembrista.

e extranho, até o genio da propria lingua.» [1] Parece que quem applicava assim pela primeira vez a Portugal a lei de Schlegel, comprehenderia a liberdade de movimento do Romantismo. Não foi assim; Herculano considerava: «a ancia da liberdade descomedida, a misantropia, os crimes, a incredulidade dos monstros de Byron são o transumpto medonho e sublime d'este seculo de exagerações e de renovação social.» [2] Herculano entendia, que a palavra Romantismo era usada «*com o fito de encobrir a falta de genio e de fazer amar a irreligião, a immoralidade e quanto ha de negro e abjecto no coração humano*» e por isso accrescenta: «*nós declarâmos que o não sômos, nem esperâmos sel-o nunca.*». [3] Para Herculano o Romantismo limitava-se: 1.°, a amar a patria, em verso; 2.°, em aproveitar os tempos heroicos do christianismo; 3.°, desterrar os numes gregos substituindo-os *pela nossa mythologia nacional na poesia narrativa* e pela religião, philosophia e moral na lyrica. E da intransigencia d'esta sua theoria romantica accrescenta: «Nossa theoria fôra a primeira a cair por terra diante da barbaria d'essa seita miseravel que apenas entre os seus conta um genio—e foi o que a creou—genio sem duvida immenso e insondavel, mas similhante aos abysmos dos mares tempestuosos que saudou em seus hymnos de desesperação:—genio que passou pela terra como um relampago infernal, e cujo fogo minou os campos da poesia e os deixou áridos como o areal do deserto;—genio emfim, que não tem com quem comparar-se, que nunca o terá talvez, e que seus exagerados admiradores apenas têm pretendido macaquear. Fallamos de Byron.—Qual é, com effeito a ideia dominante nos seus poemas? Nenhuma, ou o que é o mesmo, um scepticismo absoluto, a negação de todas as ideias

[1] *Mem. do Conservatorio*, p. 28.
[2] *Panorama*, t. II, p. 123. (1837.)
[3] *Repositorio litterario*, p. 88.

positivas. Com um sorriso espantoso elle escarneceu de tudo...» E depois de muito logar commum de um catholico chateaubrianico, Herculano remata: «De sua escola apenas restará elle; mas como um monumento espantoso dos precipicios do genio quando desacompanhado da virtude. Dos seus imitadores diremos só, que elles farão com seus dramas, poemas e canções em honra dos crimes, que a Europa volvendo a si, amaldiçôe um dia esta litteratura, que hoje tanto applaude. Nossa prophecia se verificará, se, como crêmos, o genero humano tende á perfectibilidade, e se o homem não nasceu para correr na vida um campo de lagrimas e depenhar-se na morte nos abysmos do nada. No meio das revoluções, na epoca em que os tyrannos, enfurecidos pela perspectiva de uma quéda eminente, se apressam a esgotar sobre os povos os thesouros da sua barbaridade,—emquanto dura o grande combate, o combate de seculos —os hymnos do desespero sôam accordes com as dôres moraes; mas, quando algum dia a Europa jazer livre e tranquilla, *ninguem olhará sem compaixão ou horror os desvarios litterarios do nosso seculo.*»[1] Não contente em condemnar tresloucadamente o trabalho da creação das litteraturas modernas, prorompem-lhe dos labios palavras de irrisão contra os esforços para resolver os problemas da Arte: «Rimos hoje com uma paixão insultuosa d'aquelles pobres philosophos realistas e nominalistas, que se travavam em combates e derramavam seu sangue por causa das questões entre as escolas a que pertenciam; mas temos nós por bem demonstrado que, dentro talvez de pouco tempo os nossos descendentes não rirão de nós porque *seguimos differentes seitas e crédos em Philosophia, em Lettras, e em Artes.*»[2] Depois d'estes anathemas contra o espirito moderno

[1] *Repositorio litterario*, p. 88.
[2] *Panorama*, t. III, p. 115.

Herculano continuou a escrever; mas a sua obra não teve uma ideia fundamental, não teve um plano, não educou uma geração. O byronismo, apesar da condemnação de Herculano, prevaleceu na litteratura, e importa por isso julgal-o.

Na evolução do Romantismo, deve-se a Byron essa substituição do sentimentalismo idylico, que se immobilisára como expressão da beatitude christã, pela linguagem de protesto da consciencia contra as violencias praticadas pelo systema de restauração do antigo regimen em toda a Europa; Byron rompeu com esse ideal de convenção, de que tanto se aproveitava o clericalismo, e deu á poesia um destino positivo, fêl-a o grito de aspiração da liberdade, no conflicto do individuo contra a sociedade atrasada, na revolta das nações opprimidas contra a colligação obcecada da diplomacia da Santa Alliança. A concepção de Byron, chamada pelos escriptores academicos *satanismo*, impressionou profundamente as novas intelligencias, e em toda a Europa foi imitada, provocando a manifestação de novos talentos. Teria Byron a consciencia ou o intuito de uma transformação do ideal poetico moderno? Não tinha; elle proprio era auctoritario nas suas admirações por Pope e pela antiguidade; mas a nova concepção provinha de um estado excepcional da sua personalidade. Sem ser um genio, achou-se na situação em que se revela a espontaneidade creadora: offendido no orgulho pela sua primeira manifestação intellectual, offendido nas suas relações com a sociedade ingleza, offendido nos seus sentimentos pela dissolução forçada da familia, acha-se como um *out-law* no mundo moral e procura equilibrar-se, fortalecer-se, procurando em si mesmo uma noção de justiça. Desde que achou essa noção sentiu a necessidade do protesto, e teve a eloquencia da proclamação. Qualquer outro individuo succumbiria; o nobre lord não podia succumbir, porque tinha na mão uma força que actúa poderosamente nas sociedades burguezas — o dinhei-

ro. Um homem que se acha com cem mil libras esterlinas de rendimento, adquiriu um ponto de vista original sobre o universo; bastava contemplar as paixões, os homens, as sociedades por esse prisma tão particular, para comprehender as acções de um outro modo, por um aspecto imprevisto. Byron pintou as cousas como as viu, e o seu modo de vêr assombrou; imitaram-no no traço pittoresco, na phrase de imprecação, no desdem superior do desalento, em tudo, até na dissolução da vida dissipada, mas não tiveram o ponto de vista exclusivo de Byron—o prisma assombroso das cem mil libras de renda. É isto o que explica a influencia do homem sem ter sido na realidade um genio; influencia que se tornou doentia para os outros imitadores medianos, e que ainda subsiste em Portugal e no Brasil, onde se adoece e se morre pela monomania do byronismo extemporaneo.

Pela sua parte Garrett, nas *Lições de Poesia e de Litteratura a uma joven senhora*, tambem propõe os altos problemas da esthetica; mas seguindo os moldes pueris das *Cartas a Emilia;* tinha em vista introduzir entre nós — o tão engraçado quanto proveitoso methodo de Demoustier para ensinar divertindo.[1] O insulso idylico de Demoustier é excedido por Garrett, que convida a sua Lilia ao prazer, a reclinar-se-lhe no seu peito com os braços enlaçados, no sacro manto de immortaes verdores. É isto o que elle diz do *Bello*. Para nos explicar o fim das Bellas Artes, e sem querer «viajar nos intermundios das abstrações chimericas,» invoca o:

Cantor das graças, *Demoustier* mimoso,
Oh vem meus versos bafejar do Elysio!
Traze um sorriso affavel
Da tua dôce *Emilia*,
Torna com elle amavel
O tosco estylo meu.
Mais linda que ella, mais gentil que Emilia
É mais sensivel inda a minha Lilia.

[1] O *Chronista*, p. 100. (1827.)

É depois d'isto que Garrett descreve as diversas escolas litterarias: «E estes são os tres generos de poesia mais distinctos e conhecidos, *oriental*, *romantico* e *classico*. O primeiro é o dos Psalmos, de todos os livros da Biblia, e ainda hoje seguido na Asia. O segundo é o de Milton, de Shackespear, de Klopstock, e de quasi todos os inglezes e allemães. O terceiro finalmente é o de Homero e Sophocles, de Virgilio e Horacio, de Camões e de Filinto, de Tasso e de Racine.—Os poetas hespanhoes antigos escreveram quasi todos no genero *romantico*, ou n'aquelle que outras regras não tem mais que a imaginação e phantasia. *Mas os modernos já se amoldaram ao classico e muitos d'elles têm progredido admiravelmente*. Dos nossos portuguezes tambem alguns afinaram a lyra no modo romantico, porém poucos.

Hoje é móda o *romantico*, é finura,
É tom achar Ossian melhor que Homero,
Gabar Shackespear, desdenhar Corneille.
De Paris os modernos elegantes
Deixam Racine para lêrem Schiller;
Chamam vil servilismo ás regras d'arte,
Antiquario a Boileau, pedante a Horacio.
Só gostam de Irminsulf e de Teutates,
Obscuros sonhos do Escocez sombrio.
E as risonhas ficções da culta Grecia
Aureos numes d'Ascreu sédiços dizem.
Venus e amores, graças e cupidos
Já muito vistos são, já muito lidos.» [1]

É certo, que pouco tempo depois d'isto, Garrett depoz as regras e escreveu o *Camões*, dizendo então, que nem era *classico* nem *romantico*. Como Herculano, viu tambem esta nova phase do sentimento moderno como uma batalha palavrosa de *nominalistas*, e em todos os seus livros chasqueou sempre da revolução litteraria.

Por essas palavras vimos como Garrett mofava do Romantismo; elle sacudia de si os canones rhetoricos que re-

[1] O *Chronista*, p. 180.

cebera na educação de seu tio, lia os modernos monumentos litterarios, imitava-os, dava-se como o inaugurador de uma epoca nova na litteratura portugueza, mas protestava que não era *romantico.* A falta de comprehensão d'este facto que symbolisa a liberdade do sentimento, não obstou a que Herculano e Garrett escrevessem livros que se desviaram do trilho batido até ao seu tempo; mas esses livros não tiveram em vista realisar uma these superior, e os esforços d'estes dois homens longe de se coadjuvarem, cedo se inutilisaram pela desmembração; nenhum teve o dom sublime de vêr robustecer-se em volta de si uma mocidade prestante. Pelo seu lado o árcade Castilho no prologo dos *Quadros historicos*, maldiz com phrases mais duras ainda do que as de Herculano essa espontaneidade do Romantismo que veiu perturbar-lhe o seu mundo idylico. Estes tres homens, em quem a opinião publica via os seus representantes litterarios, separaram-se por pequenos resentimentos pessoaes; Castilho chamára a Herculano, segundo corre oralmente, *esse gallego do chafariz da Ajuda;* por seu turno Herculano feriu Castilho chamando-lhe *cego de corpo e de alma*, e rompia com Garrett por causa do contracto de propriedade litteraria com a França; Castilho disputava a Garrett a antonomasia de principe da lyra, e Garrett ria-se d'elle chamando-lhe *compadre.* Quando vemos a imponente amisade entre um Goëthe e um Schiller, e quanto póde a bem do desenvolvimento de uma ideia a acção continua de um centro litterario, só podemos explicar a dissensão entre Herculano, Garrett e Castilho não tanto pelo caracter de cada um, como pela falta de comprehensão da crise litteraria que se passava na Europa e da qual elles, pela circumstancia do tempo, eram os representantes em Portugal. Com a boa vontade que os poderes publicos tinham então pelo desenvolvimento intellectual d'esta terra, o que se não teria feito se estes tres homens fossem um

pouco mais intelligentes para se propôrem um plano, e mais elevados para se não odiarem! Se mais se não tivesse feito, pelo menos não se veriam em breve esterilisados todos os esforços que cada um tentou parcialmente.

Garrett chega a fundar o theatro portuguez, faz uma cruzada fervorosa para que o governo dote a arte dramatica com um edificio digno; funda o *Conservatorio;* estabelece premios; mas não apparece uma mocidade vigorosa e activa; os dramas nacionaes não se escreveram, e apenas como testemunho de um esforço de regeneração ahi estão de pé sómente as paredes do theatro de D. Maria II.

Herculano procura fundar a historia portugueza; abriram-se-lhe todos os archivos, collocaram-no em um logar privilegiado libertando-o dos cuidados da vida; eil-o que simula desgostos, deserta do commercio das lettras e entrega-se á cultura e negocio do azeite. Ninguem teve ainda um maior poder espiritual sobre este paiz como Herculano, mas nunca o soube exercer. Da renovação dos estudos historicos em Portugal apenas restam volumes fragmentarios, sem uma ideia capital e por isso até hoje illegiveis.

Pelo seu lado, Castilho não teve outro plano litterario senão glorificar por todas as fórmas a sua pessoa. Inimigo da liberdade do Romantismo, abraçou essas doutrinas desde o momento que viu que lisongeava assim a opinião publica; sem plano na sua actividade, nunca manifestou uma originalidade qualquer, e lançou-se a traduzir a esmo. Se os dois escriptores antecedentes não levantaram uma geração, este contribuiu fortemente para corromper as ideias litterarias do seu tempo.

A mocidade que surge por si, e se faz forte pelo estudo e pela moral, nada lhes deve, e isto lhe dá direito de os julgar com impassibilidade.

LIVRO I

ALMEIDA GARRETT

(1799 — 1854)

Na obra da nossa revolução litteraria que se seguiu á revolução politica de 1832, cabe a Garrett o primeiro logar, não porque tivesse uma consciencia plena do facto moral e social que se passára na Europa e se reflectira em Portugal, mas porque possuia essa intuição artistica, com que suppria o estudo, que o levou a comprehender as obras primas da arte moderna e a procurar penetrar-se do seu espirito. Um accidente da sua vida determinou esta elevação do criterio: foi a emigração para França e Inglaterra em 1823, justamente quando lá se debatiam as doutrinas do Romantismo. Sem possuir a erudição indispensavel para fundar a epoca moderna da litteratura portugueza, dirigiu-se caprichosamente pelo seu *gosto;* com esse tino que se tornava a maior parte das vezes uma intuição, conseguiu banir de si o resto das impressões classicas ou academicas que lhe haviam incutido na mocidade; comprehendeu que

o povo portuguez tambem tinha um genio *nacional*, que era preciso determinal-o na poesia e no theatro. Esse gosto ou intuição levou-o até onde era necessario a base scientifica; faltou-lhe esta, e por isso a poesia do povo foi tratada como uma predilecção de artista, e o theatro, sem o vigor de uma these philosophica, reduziu-se á unica corda do *patriotismo*. Comprehendeu que na litteratura portugueza estava tudo para crear, mas o gosto que adivinhava não pôde traçar-lhe um plano, apresentar-lhe uma ideia fundamental emfim, a unidade da obra. A sua vida é o commentario do que escreveu; elegante da epoca da Restauração, ficou sempre frivolo e sensual; a verdade natural traduzia-a no sentimentalismo apaixonado, attingindo a bellesa da phrase pelos habitos da elegancia. Pensador nullo, encobria a falta de educação philosophica com um christianismo á Chateaubriand; decidindo-se sempre pelas ideias generosas, debalde procurava em volta de si uma mocidade em quem influisse. Seduzido finalmente pelas ambições politicas do constitucionalismo a obra d'arte tornou-se para elle um accidente, e ao mesmo tempo ambicionou os titulos, as fitas, as honras para dar realce ao litterato. Dá ao seu estylo uma calculada desaffectação e familiaridade, mas no intimo era verdadeiro e sincero. Faltou-lhe a individualidade que lucta; por ter ido com a corrente da moda não creou as obras primas de que era capaz; por ter vivido com os habitos anachronicos do antigo regimen succumbiu exhausto sem passar pela velhice.

§ 1.—Educação classica de Garrett. (1814 a 1823)

Tendencia liberal do espirito de Garrett.—Direcção classica impressa por Frei Alexandre da Sagrada Familia.—Reage contra o meio absolutista da sua familia.—A vida da Universidade e as tragedias philosophicas e Outeiros poeticos.—Abraça os principios da Revolução de 1820.—Os ensaios de Catão no theatro do Bairro Alto.—Seu casamento com D. Luiza Midosi.—Sua primeira imitação elmanista e depois philintista.—Sua vida em Lisboa até á emigração em 1823.

O homem superior, que representa uma epoca, cumpre a pesada fatalidade de resumir em si, a par das aspirações de que foi o orgão, os velhos preconceitos contra os quaes reagiu, as dissolventes influencias que procurou anullar, e até os proprios erros e aberrações que ajudou a extinguir pela sua missão genial. Ha portanto na vida do homem superior duas biographias contradictorias, que são o resultado do meio d'onde surgiu e do meio que pôde fundar pela sua individualidade. Dá-se isto com Garrett, e não é a menor prova da superioridade reconhecida; como Camões, que seguiu nas suas lyricas a pauta da *medida velha* ou da redondilha peninsular antes de abraçar o subjectivismo petrarchista da escola italiana, assim o auctor inimitavel do poema *Camões*, do *Frei Luiz de Sousa*, e do ardente lyrismo das *Folhas cahidas*, que imprimiu á litteratura portugueza uma direcção nova, começou por ser um reverente imitador dos árcades quando se chamou Jonio Duriense, um frivolo al-

miscarado do seculo XVIII quando imitou Demoustier no *Lyceu das Damas*, um rhetorico *elmanista* quando versejou nos Outeiros poeticos da sala dos Capellos em Coimbra e nos abbadeçados de Odivellas, e finalmente um meticuloso *philintista*, quando o estudo da lingua portugueza se lhe tornou uma necessidade para uma fecunda actividade litteraria. O estudo d'esta phase primeira das manifestações da sua vocação seria negativo e inutil, se n'esse acervo de pretenciosas vulgaridades arcadicas se não descobrissem os esforços latentes de um claro espirito contrafeito pelos respeitos auctoritarios de que só pôde emancipar-se quando se achou de repente em um mais vasto meio mental. Foi esse o fructo das duas emigrações de 1823 e de 1829, a que o forçaram as reacções politicas do regimen absoluto. A obra em que Garrett accentuou a sua individualidade nunca será bem comprehendida em quanto se não conhecer o periodo em que todas as deleterias tradições academicas, pastoraes e sentimentalistas do seculo XVIII o absorveram e o dominaram.

Garrett nasceu no Porto a 4 de fevereiro de 1799, e desde 1810 viveu na ilha Terceira, até vir frequentar os estudos superiores na Universidade de Coimbra em 1814; estes factos exerceram na sua vida uma orientação fundamental, e é por elles que explicaremos esse instincto de liberdade que o fez protestar contra as forcas do Campo de Santa Anna e abraçar o principio da soberania nacional proclamado na Revolução de 1820. O Porto distingue-se pelo seu grande espirito de independencia, como o manifestou quando era um simples burgo industrial, como o revelou reagindo contra a invasão napoleonica, e contra as forcas miguelinas no seu memorando cêrco de 1832; as ilhas são sempre animadas de um sentimento separatista, de uma aspiração á liberdade, e a Terceira provou-o abrindo asylo e fazendo-se reducto dos emigrados liberaes, em 1831; a mocidade de

Coimbra, quando o obscurantismo monachal estupedecia este paiz, representava nos seus passatempos escolares as tragedias philosophicas de Voltaire, lia as obras dos Encyclopedistas mau grado as queixas da Intendencia da policia, e saudava com enthusiasmo a obra do Synedrio. N'este meio em que se achou sempre, Garrett não podia deixar de declarar-se um tanto *jacobino*, e por isso achou-se muito cedo em conflicto com a familia, onde predominava o espirito de reacção clerical, que procurou incutir-lhe na sua primeira educação. Para bem comprehender este conflicto entraremos em algumas particularidades: José Ferreira de Sousa, natural da ilha do Fayal, casado com D. Antonia Margarida Garrett (filha de Bernardo Garrett, natural do Russillon) teve os seguintes filhos: Alexandre da Sagrada Familia, que foi bispo de Angra, Antonio Bernardo da Silva de Almeida Garrett, que foi pae do poeta, e mais dois filhos, que foram conegos da Sé de Angra. [1] Antonio Bernardo casára no Porto com D. Anna Augusta Leitão, de quem o poeta foi o segundo genito; assim a sua infancia decorreu parte na ilha Terceira, parte junto da cidade do Porto, na quinta do Castello e na quinta do Sardão. Na ilha Terceira, em contacto com o erudito bispo e com os conegos seus tios obedecia á educação classica; no Porto, na soltura do campo recebeu a communicação das tradições populares que lhe acordavam uma nova intuição poetica.

Passou Garrett a puericia junto de seu tio D. Frei Alexandre da Sagrada Familia; este veneravel ancião, que escrevia Odes e traduzia Metastasio em segredo, que só admittia actividade intellectual para fechar os seus productos na gaveta, segundo o preceito do venusino, dirigiu os pri-

[1] No livro v das *Contas para as Secretarias* do intendente Manique, fl. 300 (12 de abril de 1799) acha-se indiciado como pedreiro livre um tal *David Garrett*.

meiros estudos do sobrinho e as prematuras tentativas litterarias, que datam de 1814. [1]

Em uma Ode á morte do velho tio, intitulada *A sepultura do bemfeitor*, escreve Garrett:

Oh varão extremado,
Não, não morreste ainda no meu peito:
Tu em minha alma tenra
As sementes primeiras desparziste
Das lettras, da virtude,
Que á sombra augusta do teu nobre exemplo
Tenras desabrochando
Cresceram quanto são: infante ainda
O meu singelo peito
Me avigoraste da constancia tua... [2]

Em uma nota a esta poesia, queixa-se Garrett de não ter sido contemplado em 1821 no testamento de seu tio! «O sabio e virtuoso prelado cuja memoria celebram estes versos, era proximo parente do auctor. Sabemos que foi o *unico* de seus parentes que de s. ex.ª não recebeu dons de fortuna: elle julga porém dever-lhe mais que *nenhum* pelo amor da virtude e das lettras que na infancia lhe inspirou com exemplo e conselho nos primeiros rudimentos de educação que d'aquelle insigne e illustre varão recebeu.» [3] O despeito que transparece sob estas palavras, é apenas produzido pelo desgosto de haver descontentado aquelle velho que o educou, pelo facto de se ter manifestado a favor da conspiração de Gomes Freire. As palavras sublinhadas intencionalmente por Garrett levam a suppôr que alguem na familia teve interesse em afastal-o da sympathia do octogenario bispo. [4] Na divisão da familia portugueza em

[1] *Fabulas*, p. 99. (Obras, t. XVII.)
[2] *Lyrica de João Minimo*, p. 94. (Ed. 1829.)
[3] *Ibidem*, p. 194.
[4] Consignaremos aqui algumas datas sobre Frei Alexandre da Sagrada Familia; nasceu na ilha do Fayal a 23 de maio de 1737; licenciado em Philosophia (humanidades) em 1759, em Coimbra, entra para o Mosteiro de Brancanes em Setubal, onde professou a 13 de junho de 1762. Frei Alexandre cul-

absolutistas e liberaes, Almeida Garrett foi o unico que em sua casa se sacrificou á causa da liberdade. As primeiras revelações do talento de Garrett foram no pulpito a que subiu por uma travessura infantil; ninguem presentia que esse fervor precoce, que parecia leval-o para a vida clerical, seria posto ao serviço da liberdade na Oração á morte de Manuel Fernandes Thomaz, por onde começaram as suas perseguições politicas, e na eloquencia parlamentar da esquerda constitucional setembrista. A educação religiosa e humanista de Garrett deu-lhe uma grande indifferença pelos trabalhos da renovação scientifica do seculo XIX, e por isso não teve um pensamento, uma unidade de plano na sua actividade litteraria. No *Tratado de Educação* descreve os seus primeiros estudos com um certo orgulho, que para um espirito philosophico seria um protesto: «Eu tive a boa fortuna de receber uma educação *portugueza velha*, sólida de bons principios de religião, de moral, de sãos elementos de instrucção, e com quanto fosse mal aproveitada, das melhores que se dão, não direi em Portugal, mas pela Europa.» [1] E mais adiante, referindo-se ás vantagens da educação humanista para os homens que hão de no futuro tomar parte no regimen parlamentar, que tanto carece de uma palavrosa actividade: «O grego e o lâtim são os necessarios elementos d'esta educação nobre. Deixar fallar modernos e modernices, petimetres e neologistas de toda a especie: o homem que se destina ou o destinou o seu merecimento a

tivou a poesia erudita e academica; julgâmos que por isso o confundem com Frei Alexandre da Silva, eremita de Santo Agostinho, conhecido pelo nome arcadico de *Silvio*, quando dizem que elle pertencera á Arcadia de Lisboa. Em 24 de outubro de 1781 foi eleito bispo de Malaca, sendo sagrado a 24 de fevereiro de 1783. Transferido antes da posse do bispado para S. Paulo de Loanda, residiu por tres annos na diocese de Angola, sendo transferido para Angra em 1812. Tinha mais dois irmãos, conego e arcediago, na Sé de Angra, os padres Manuel Ignacio e Ignacio da Silva. Morreu a 22 de abril de 1818

[1] *Tratado de Educação*, p. 4. (Ed. de Londres.)

uma vocação publica, não póde sem vergonha ignorar as bellas-lettras e as classicas.» [1]

Nos prologos dos seus livros, Garrett espalhou com certo desvanecimento todas as particularidades com que se lhe póde reconstituir a biographia. A influencia de D. Frei Alexandre foi corroborada por uma outra pezada auctoridade do hellenista terceirense Joaquim Alves, que adoçava as escabrosidades dos versos da Grammatica de Port-Royal com «a melhor marmellada que ainda se fez,» como se descreve no prologo da *Mérope.* Esta disciplina de grecismo á Joaquim Alves, não decidiu o talento da criança só á imitação inconsciente da tragedia grega, levou-o tambem para a admiração dos lyricos, das peças eroticas de Alceo e de Sapho, que traduziu. Nas *Flóres sem fructo* acham-se bástantes odesinhas de Sapho, como *Bellesa e bondade*, o *Sacrificio*, e de Anacreonte, como *A Lyra*, *Goso da vida*, *A força da mulher*, *A Rosa*, *A Pombinha*, e de Alceo, como o *Inverno*, *A espada do poeta*, cuja leitura lhe teria sido suscitada pelas ponderações admirativas de Joaquim Alves, que não teve a critica bastante de lhe explicar como a maior parte d'essas odes lascivas são falsificações da epoca alexandrina. Ainda embalado pelo fausto da Regencia, que se conservou em Portugal como as velhas modas nas aldeias, Garrett declara-nos a fonte por onde houve o conhecimento de Sapho: «Na elegante collecçãosinha publicada nos fins do seculo passado em Paris, com o titulo de *Oeuvres de Sapho*...» [2] Da traducção de Anacreonte diz com certa jactancia pueril: «os presentes estudos sobre Anacreonte são traduções tão *severamente litteraes* quanto o genio das duas linguas o permitte.» [3] N'esta parte o bom de Joaquim Al-

[1] *Tratado de Educação*, p. 84.
[2] *Flóres sem fructo*, p. 225. (Ed. 1845.)
[3] *Ibid.*, p. 226.

ves serviu de *Pae-velho*, ou segundo o velho calão das escolas, de *Burro*. O lyrismo grego conhecido através d'esta fonte, que acceitava os apocryphos alexandrinos, e traduzido sobre o assucarado francez das edições destinadas para as damas da alta sociedade, afastava Garrett para muito longe da verdadeira poesia. A esta epoca pertence esse manuscripto, de uma esmerada calligraphia, intitulado *Odes* (1814 a 1823) do qual diz o herdeiro do poeta no *Catalogo dos Autographos:* «O indice mostra terem sido cincoenta os assumptos escolhidos. Estes porém nem todos foram escriptos ou não foram traslados para aqui; e d'aquelles que o foram, acham-se muito inutilisados pelo auctor, rasgadas muitas das folhas em que estavam escriptos.» [1] Pertence tambem a esta influencia classica a «*Affonsaida* ou *Fundação do Imperio Lusitano*, poema heroico—Angra, 1814 e 1815.» D'este autographo se lê no citado Catalogo: «Ficou incompleto; consta dos tres primeiros cantos, parte do quarto canto, contendo, ao todo, mil e seiscentos versos. É escripto em verso solto.» [2] Pobre alma, atrophiada pela mechanica poetica dos fazedores de poemas epicos pela pauta de Le Bossu, as tradições populares com que te embalaram a mulata Rosa de Lima e a tia Brigida, é que te conservaram accesa a alampada de Eros, com que Psyche se salvou da obscuridade do mediocre! Foi essa luz que te revelou a existencia dos cantos heroicos d'este povo; foi essa mesma tradição que te fez sentir o colorido das cantigas soltas, que te fez crear essa poesia simples e ardente das *Folhas cahidas*, d'esse lyrismo unico, que nunca as arcadias sentiram. Nas *Flôres sem fructo* intercala Garrett por vezes d'estas cantigas populares, como especie de voltas de velho cancioneiro; exemplo:

[1] *Helena*, p. XXVI.
[2] *Ib*. p. XXV.

Por teus olhos negros, negros,
Trago negro o coração,
De tanto pedir-lhe amores...
E elles a dizer que não. [1]

Suspiro que nasce d'alma,
Que á flôr dos labios morreu...
Coração que o não entende
Não o quero para meu. [2]

Nunca a linguagem individual póde achar estas expressões profundas, porque o sentimento restringe-se á personalidade do poeta. Garrett interpretando em outras quadras estas cantigas do povo, ensaiava-se em um lyrismo nôvo, do mesmo modo que a mão que lança as primeiras lettras segue os traços que tem á vista. Foi esta influencia domestica quem conservou no espirito de Garrett a feição e sentir nacional que o libertou mais tarde das mais auctoritarias convenções.

Estas referencias populares do primeiro lyrismo de Garret são um presentimento genial; foi glosando e commentando os cantos do povo, as serranilhas, os cantares guayados e de ledino, que Sá de Miranda, Christovam Falcão, Camões, e Francisco Rodrigues Lobo, acceitando a parte viva da tradição provençal, se tornaram os primeiros lyricos portuguezes.

Quando Garrett entrou em Coimbra perdeu durante dois annos o dom da poesia; (1814 a 1816) é como as aves que se esquecem do canto ao mudarem de terra. A catadura tyrannica dos lentes, de que Garrett tanto se riu sempre, já nas lições de direito, [3] já de mathematica, produziu-lhe esse estado marasmatico do sentimento, que o conservou silencioso. Garrett vivia na intimidade litteraria do pesado

[1] *Op. cit.*, p. 190.
[2] *Ib.*, p. 153.
[3] Nas *Fabulas*, Garrett ridicularisa os lentes de direito e o seu estupido romanismo:

Frei Francisco de S. Luiz, que o arrastou insensivelmente para a erudição e para o genero didactico, como veremos no *Retrato de Venus*. Reinava em Coimbra a monomania das tragedias, que eram o unico meio que os estudantes tinham para exprimir sentimentos liberaes, mau grado a intolerancia despotica do Bispo-Conde-reitor-reformador D. Francisco de Lemos, que escangalhava os theatros; (1817 a 1818) Garrett sacrificou em parte o lyrismo á imitação das tragedias de Voltaire e de Crébillon, e por tanto voltou á velha influencia classica de seu tio e do pedagogo Joaquim Alves. [1] Mas o fervor liberal que agitava os estudantes de

> Pois segundo mui douto me ensinava
> Meu mestre José Vaz, homem discreto
> E de saber profundo,
> Em toda a sociedade d'este mundo
> Por força hade reger
> O famoso *direito de accrescer*.
> (*Op. cit.* p. 59.)

Em nota accrescenta: «No meu primeiro anno da Universidade era a explicação d'este romanismo um dos pontos mais graves das causas de direito. (*Op. cit.* p. 273.) Esta sciencia da sebenta cathedratica perpetua-se até hoje, em que os trabalhos de Mommsen, Maecqardt e Lange ainda ali são desconhecidos. Garrett deixou nos seus versos alguns traços caracteristicos da vida academica, que ainda encontrámos:

> Verdade é, no Quebra-Costas
> Minha vez escorreguei,
> Fui preso por Verdeaes,
> E á Porta-Ferrea m... ei.
> Mas que doutor fiquei eu,
> Se nunca o Martini li,
> Se o que soube da Instituta
> E do Digesto esqueci?
> (*Op. cit.* p. 77.)

[1] Em um soneto datado de Coimbra de 1819, Garrett chasqueia da tragedia do padre José Agostinho de Macedo intitulada *Branca de Rossi*, dizendo que Sophocles, Euripedes, Corneille, Crebillon, Racine, Voltaire e Alfieri foram por elle annullados, faltando-lhe apenas para o triumpho completo vencer Manuel José de Paiva e Manuel Caetano Pimenta de Aguiar, dois mediocres escriptores dramaticos portuguezes inteiramente obscuros:

> Victorioso o padre a *Branca* ostenta;
> Só para vencer lhe restam dois maganos,
> Mas temiveis rivaes—Paiva e Pimenta!

Coimbra foi o que deu aos versos de Garrett, escriptos n'este tempo, esse lado vivo e natural, que se sente esmagado umas vezes debaixo do mechanismo bocagiano, outras vezes debaixo das construcções archaicas de Filinto; o que ha de acceitavel na *Lyrica de João Minimo* vem do calor revolucionario, que podia mais que a erudição e que o pedantismo cathedratico. Era essa aspiração da liberdade, que reagia contra o estylo inquisitorial da Universidade, que inspirava o grotesco das *Fabulas*.

Um dos caracteristicos mais pronunciados nas epocas de decadencia litteraria é o genero didactico, em que a falta de sentimento procura acobertar-se com o fim scientifico; na litteratura latina os poemas didacticos multiplicam-se ao passo que a ideia do bello se oblitera sob o cesarismo que aproximava Roma do Baixo Imperio; no seculo XVIII, na edade da corrupção politica e do convencionalismo sentimental, repete-se o mesmo phenomeno, em que a pobre poesia vem servir as banaes regras de moral, e a technologia das artes. Era esta a poesia que não encommodava os ocios da auctoridade, e que todos os funccionarios po-

José Agostinho de Macedo era o pontifice litterario do primeiro quartel do seculo XIX, e Garrett atacou-o de frente, como os dissidentes de Coimbra fizeram a Castilho mais tarde; no soneto supracitado e nos versos:

> um tal poeta lá da tua terra,
> Que faz *Orientes* e baptisa *Gamas*...

Em uma nota, Garrett caracterisa-o como: «o mais atrabiliario escriptor que ainda creio que tivesse a lingua portugueza. O rancor que toda a vida professou a quantos professaram as lettras no seu tempo, uma inveja impropria de talento tão verdadeiramente superior o arrastou a desvarios que deslustraram o seu nome e mancharam a sua fama. Nem o furioso e sanguinario que foi em seu partido nem *a perseguição politica de que a mim proprio me fez victima*, poderam mover-me a desacatar n'elle o homem de lettras que todavia honro ainda. Sei que no auctor do *Retrato de Venus*, no redactor principal do *Portuguez*, elle perseguia principalmente o ainda mais odioso auctor do poema *Camões*. Todas as suas offensas porém foram só politicas.» (Obras de Garrett, t. XVII, p. 271.) José Agostinho de Macedo, que attacava Garrett, saudou em Castilho o espirito arcadico que renascia.

diam lêr e até escrever, sem perigo de decairem da graça real. Garrett viu apenas a manifestação exterior d'este facto; De Lille, Esmenard, Darwin, José Agostinho compuzeram peças didacticas, e *Jonio Duriense*, quiz tambem fazer um poema n'esse diapasão. Tal é a origem do *Retrato de Venus*, poemeto em quatro cantos dedicado á glorificação da Pintura: «tanto o poema, como as notas e ensaio são da minha infancia poetica; são compostos na edade de *dezesete annos*. Isto não é impostura: sobejas pessoas ha ahi, que m'o viram começar e acabar então. É certo que desde esse tempo até agora, em que conto *vinte e dois*, por tres vezes o tenho corrigido; e até submettido á censura de pessoas doutas e de conhecida philologia, como foi o ex.^mo^ sr. Sam Luiz, que me honrou a mim e a este opusculo com suas correcções.» [1] As tres correcções de que aqui falla Garrett, são: a copia constando apenas de tres cantos, datada do Porto de 1818, com uma dedicatoria *Aos pintores portuguezes*. N'este periodo estava Garrett dominado pelo furor *elmanista*, como se póde vêr pela dedicatoria do poema:

As primicias do canto, os sons primeiros
Que a furto, a medo balbuciou na lyra,
O vate implume vos consagra, oh vates.

Merecieis Camões, Camões faltaram,
E fraco ousei tomar divino emprego.
Nas debeis azas mal despontam plumas;
Suppriu arrojo tanto o bom desejo:
Valha a materia, se não vale o canto.

Vinga d'um vôo o Pindo a altiva aguia,
Mas do monte nas quebras descansando,
Tambem lá chegará rasteira pomba. [2]

Garrett assignando-se então *Jonio Duriense* revelava a influencia da Nova Arcadia a que obedecia; as emendas d'esta

[1] *Retrato de Venus*, p. 164. (Ed. 1867).
[2] *Catalogo dos Autographos*, p. XVII.

primeira redacção consistiram em despojal-a de todo o mechanismo poetico *elmanista*. A segunda copia data de 1821, «mais augmentada do que a antecedente, mas differente ainda da que serviu para a edição de 1821.» [1] O manuscripto já constava então de quatro cantos, com as notas e *Ensaio sobre a Historia da Pintura*. A terceira redacção é a que corre impressa desde 1822, e que deu causa a um processo judicial em outubro d'esse anno, por um libello do promotor fiscal contra João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett accusado de abuso de liberdade de imprensa no poema do *Retrato de Venus!* Lido o innocente poemasinho custa a crêr como a intolerancia politica se servia de escrupulos religiosos da mais refalsada orthodoxia para descobrir intenções revolucionarias em uma innocente citação de Voltaire ou da *Nova Heloisa*, e nas apaixonadas imitações do poema de Lucrecio, que os encyclopedistas haviam rehabilitado. O *Retrato de Venus* procura repassar-se do espirito poetico do poema *De Natura rerum*, mas não é aos dezesete annos que se chega á comprehensão moral do estado de scepticismo a que as revoluções de Roma e as luctas entre Mario e Scylla arrastaram Lucrecio. Garrett imita o poema na parte exterior, na fabula do que elle se ia desviando pela leitura de Chateaubriand e de Madame de Staël:

> Ficções! ... e áureas ficções desdenha o sabio?
> A douta, a mestra antiguidade o diga.
> Não. *Fabula gentil, volve a meus versos*,
> Orna-me a lyra c'os festões de rosas,
> Que ás margens colhes da Castalia pura:
> Flôres que outr'ora do Epicuro ao vate
> C'o austero assumpto lhe entrançaste amenas,
> Essas no canto me desparze agora. (c. I.)

O poemeto descreve vagamente e com as ideias syncreticas do ensino official a decadencia de Roma, o renasci-

[1] *Catalogo dos Autographos*, p. XVII.

mento das Artes, a tomada de Constantinopla, e em seguida a enumeração dos nomes dos pintores italianos caracterisados com o seu conveniente epitheto; o quarto canto é dedicado aos pintores portuguezes. A intenção erudita do poemeto define-se melhor em um *Ensaio sobre a Historia da Pintura,* glosado de Lanzi e de outros, sem a minima luz propria; segue-se um quadro historico da pintura portugueza, onde com uma doce miragem intellectual avança: «Tem-se escripto muito, e muito controvertido sobre a pintura portugueza e sua historia; mas, tanto nacionaes como estrangeiros (affoitamente o digo) sem critica. O exame de seus escriptos, das obras dos nossos artistas me suscitou a ideia de entrar com o facho da philosophia n'este cahos informe, e desembaraçar quanto em mim fosse com o fio da critica este inextricavel labyrinto.» Raczynski, quando estudava a Arte portugueza, foi atraz d'este programma pomposo, e não pôde conter este delicado epigramma: «L'auteur consacre ensuite quinze pages à l'examen de cette matière, et cite bon nombre de peintres les plus connus...»[1] Annos depois, Garrett pediu aos livreiros Bertrands que retirassem da venda o poema; o animo de lucro da parte de quem se devera importar da reputação do poeta, fez com que o *Retrato de Venus* entrasse na collecção das obras completas de Garrett. É natural que esta mesma causa traga ainda á publicidade o poemeto do *Roubo das Sabinas,* em dois cantos, em verso solto em numero de oitocentos e quarenta versos, escripto em 1820; a *Alfonsaida,* de que já fallámos; e o poemeto heroi-comico em quatro cantos, mas de que sómente escreveu o primeiro e segundo cantos, intitulado *O X ou A Incognita,* de 1821.[2] A autolatria que Almeida Garrett professava foi a causa de não ter inutili-

[1] *Dictionaire historico-artistique du Portugal,* p. 108.
[2] *Catalogo dos Autographos,* pag. XXV.

sado estes esboços de uma vocação que se define; por isso fica tambem sujeito á triste eventualidade de nos mostrar os meios como venceu a corrente da mediocridade do seu tempo que por vezes o envolveu.

Uma das correntes mais fortes quo iam inutilisando o genio de Garrett foi a monomania das tragedias na epoca da sua formatura em Coimbra; quem diria que o admirador de Racine, de Voltaire e de Crebillon, seria o auctor do *Frei Luiz de Sousa*. A tragedia philosophica era a unica manifestação que os homens illustrados tinham então em Portugal para communicarem os seus sentimentos liberaes; o liberalismo, isto é, essa vaga noção republicana mesclada com o indefinido systema constitucional, preponderava em 1817 a 1818, e agitava os estudantes. A marcha da politica europêa produzia entre nós esta especie de phenomeno das marés politicas. Os theatros academicos surgiram para darem expansão aos generosos sentimentos; entre os estudantes que erigiram o theatro do Collegio das Artes em 1813, apparecia agora um novo enthusiasta, João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett. Fundaram um novo theatro na rua dos Coutinhos, e ahi representaram de 1817 para 1818, Garrett, Joaquim Larcher e José Maria Grande, que fazia os papeis de dama. Para este theatrinho escreveu Garrett duas tragedias, *Lucrecia* e *Xerxes* refundição dos *Persas*, que datava de 1811. [1] Entre outras tragedias de Crebillon, representou-se o *Rhadamisto*, traduzido por João Eloy Nunes Cardoso, estudante do segundo anno medico, de Aldeia Gallega. Garrett compraz-se em citar este nome do seu contemporaneo nas *Fabulas* e no *Romanceiro*. Os medicos eram os principaes cultores da tragedia philosophica, porque o estudo das sciencias naturaes lhes dava uma certa independencia intellectual que faltava aos theologos e

[1] *Garrett e os Dramas romanticos*, p. 133.

juristas da Universidade; o lente da cadeira de Anatomia Francisco Soares Franco escrevia tragedias em verso, como a *Herminia*, e o lente da cadeira de Instituições medico-cirurgicas José Feliciano de Castilho fazia representar em sua casa tragedias, como as de Monti, que os filhos traduziam e desempenhavam. Desde 1818 a 1824 suspenderam-se os divertimentos theatraes; [1] foi n'este intervallo que Almeida Garrett refundiu a sua *Merope;* escreveu o primeiro e parte do segundo acto em verso solto da tragedia *Edipo em Colona*, de 1820; os *Arabes ou o Crime virtuoso*, drama de 1821, de que resta parte do primeiro acto; o projecto e esboço das primeiras scenas de um drama em tres actos, intitulado *Ignez de Castro;* principio de acto de *El-rei Serapião;* projecto de uma comedia em dois actos, e principio do primeiro, intitulada *Cifrão*. [2]

Em 30 de junho de 1820 recebe Garrett o grão de bacharel em direito; quando a revolução levada a cabo pelos treze benemeritos, em agosto e setembro d'esse anno, foi celebrada nos *Outeiros poeticos da sala dos Capellos*, em 22 de novembro, Garrett affirmou os seus sentimentos de liberdade recitando uma ode enthusiastica, em que ainda obedece á imitação elmanista. Sae de Coimbra formado em direito em 1821, regressando á ilha Terceira nos mezes de abril e maio; o empenho de um despacho fêl-o n'esse mesmo anno partir para Lisboa. Diz elle no prologo das *Fabulas*: «Os cinco annos da vida de Coimbra passaram, o socego da casa materna a que regressou, cança-o. Elle sae outra vez da sua ilha tranquilla para as tempestades da capital.» Trabalhava-se para a reunião das Côrtes constituintes e discutiam-se as bases da nova Constituição de 1822; D. João VI

[1] *O Theatro em Coimbra*, por F. M. de Carvalho. (*Conimbricense*, n.º 2:355 e 2:356.)

[2] *Catalogo dos Autographos*, p. XV e XVI.

obstinára-se a permanecer no Rio de Janeiro, e os partidarios da liberdade debalde aspiravam a uma justissima solução republicana, diante da prepotencia dos nobres, taes como a casa opulentissima de Cadaval, diante do poder fanatisador das ordens monasticas, e de um exercito ao serviço da realesa. N'estas condições os grandes talentos e as mais heroicas vontades de homens como Manuel Fernandes Thomaz, como José Ferreira Borges, como Manuel Borges Carneiro ou o coronel Sepulveda, deviam ser anullados pelo ludibrio, pela decepção e pela morte. Quando Garrett chegou a Lisboa encontrou os amigos da Universidade; lembraram-se das suas representações de tragedias philosophicas nos divertimentos escolares, e Paulo Midosi foi o primeiro a propôr uma recita de curiosos no theatro do Bairro Alto, offerecendo a sua casa no Chiado para os ensaios. Garrett encarregou-se de fornecer a composição dramatica, e entre dez e vinte dias deu por completa a tragedia *Catão*. Era um assumpto conforme com o estado do espirito publico. Este facto foi um dos mais fundamentaes da vida de Garrett, porque determinou o seu casamento. O *Catão* foi posto em scena em 29 de setembro de 1821, sendo a parte de Catão desempenhada por Joaquim Larcher, a de Marco Bruto pelo proprio Garrett, a de Manlio por Carlos Morato Roma, a de Porcio por Netto, a de Semponio por Mathias Carneiro Leão, e a de Decio por José Frederico Pereira Marecos. [1] O theatro do Bairro Alto era construido no largo de S. Roque no logar occupado hoje pela Companhia de carruagens lisbonenses; convém distinguil-o do antigo theatro do Bairro Alto, onde se representaram as celebres comedias do Judeu. A sala continha duas ordens de camarotes, com uma varanda corrida sobre a se-

[1] Merecem lêr-se os artigos publicados pelo sr. Paulo Midosi com o titulo *Os ensaios do Catão*, publicados em seis folhetins do *Diario de Noticias*, por conterem bastantes factos desconhecidos.

gunda; fôra construido pela direcção do pintor Joaquim da Costa e do carpinteiro Vicente Romano, curioso que veiu mais tarde a fazer parte da companhia. Era proprietario do theatro do Bairro Alto o escrivão do crime d'esse bairro Dyonisio José Monteiro de Mendonça; inaugurou-se o theatro pelos fins de 1815, mas teve de estar um anno fechado por causa do luto forçado pela morte de D. Maria I. Foi um revés que perturbou para sempre a empreza. Quando se tornou a abrir, inaugurou-se com a comedia o *Principe Perfeito*, e era uma das principaes glorias da companhia o sapateiro João dos Santos Matta, que fazia de primeiro galã. Quando esta companhia retirou para o theatro do Salitre, a actividade do theatro do Bairro Alto foi diminuta, revivendo em 1820 com o regresso dos seus actores, sendo emprezario Evaristo José Pereira; foi ephemera esta vida, que durou da paschoa até aos acontecimentos de 15 de setembro de 1820, em que o emprezario se resolveu a voltar para o Salitre. Apenas ali funccionou uma companhia hespanhola, ficando depois d'isto o theatro para sempre fechado. A representação da tragedia o *Catão*, em 29 de setembro de 1821, trouxe ao abandonado theatro do Bairro Alto as principaes familias de Lisboa; diz o sr. Midosi: «Convencionou-se entre as senhoras que a *toilette* seria modesta, e que todas se apresentariam de chapéos. As poucas pessoas da minha familia, que vivem, conservam grata memoria d'esta récita, e que foi tão bem acceita que a 2 de outubro de 1821 representou-se, mas acompanhado, o *Catão*, de uma farça *O Corcunda por amor*, em que collaborou meu pae, porém onde a parte principal coube a Garrett. Vivia n'esta epoca um negociante por nome Luiz Midosi, que tinha uma formosissima filha de treze annos por nome Luiza Midosi.» [1] Na segunda representação em 2 de outu-

[1] Citados folhetins do sr. Paulo Midosi.

bro de 1821 é que Garrett se apaixonou por Luiza Midosi, que contava treze annos e meio; estava ella em um camarote da segunda ordem toda vestida de branco, com um chapéo de setim côr de rosa; Garrett recitou o prologo de *Catão* com os olhos fitos onde ella estava, dando intenção aos versos:

> E tu sexo gentil, delicias, mimo,
> Afago da existencia e encanto d'ella,
> Oh! perdôa se a patria te não deixa
> O primeiro logar em nossas scenas.

Estes versos foram gravados em uma caixa com tampa de oiro e com o retrato de Luiza como se achava vestida na noite de 2 de outubro de 1821. O casamento effectuou-se a 11 de novembro de 1822, mas a felicidade não correspondeu ao enthusiasmo do *coup de foudre*. Depois do casamento D. Luiza projectou um *pic-nic* monstro em Cintra, formado de vinte pessoas, partindo em burrinhos, no velho estylo satyrisado por Tolentino, da casa das sr.as Fricks de Campolide; Garrett escreveu para essa festa passada na quinta da Cabeça, a 8 de abril de 1822, o *Impromptu de Cintra*, ali representado por seu cunhado Luiz Francisco Midosi, que fazia de ingenua, e pelo sogro, que fazia de gracioso. [1] Em 12 de agosto d'este mesmo anno foi Garrett despachado official da secretaria do ministério do reino. O *Impromptu de Cintra* ficou inedito.

Garrett ajuntou a este manuscripto a seguinte nota, que revela as relações especiaes d'essa epoca em que reproduziamos já anachronicamente a galanteria á Luiz XV: «Conservo isto, não pelo que vale, mas para memoria d'estes saudosos dias que, na companhia de amigos, passei no delicioso sitio de Cintra.» [2] Logo em 26 de maio se represen-

1 A data do casamento fixa-se em outros trabalhos, em 11 de novembro de 1822.

2 *Catalogo dos Autographos*, p. XV.

tou outra vez em Cintra o drama de Garrett em dois actos *Os Namorados Extravagantes*. D'aqui foi facil o enredar-se n'essas intrigas de alcova, e em dispender o seu talento em odes confidenciaes, a Julia, a Lilia, a Annalia, que agora succediam ás Delmiras e Marcias, das férias do Porto,

> ...... grato emprego
> De um rapaz amador do bello sexo,
> Enthusiasta e cálido. [1]

Este estado moral e intellectual está cabalmente reflectido n'essa outra obrinha insignificante em que dá *Lições de Poesia* a Julia. Ah, perfumado e empoado Demoustier! até cá este canto beato e triste se estendeu o teu mundo da *sensiblerie* equivoca, dos finos requebros e intercortados suspiros; viestè-nos supprir os Amorinhos lubricos do pincel de Watteau e de Boucher com as tuas allegorias mythologicas, com os teus versos alliados em dôce connubio com a prosa, e com a tua elegancia de braço dado com a insipidez. A boa sociedade portugueza, onde a mulher cumpriu á risca o nosso velho anexim: *Chorar, parir e fiar,* hade respirar satisfeita com as tuas *Cartas a Emilia;* a tua desenvoltura hade-lhe parecer mais pura que os ditos sujos das comedias do Judeu! Entra, suave Demoustier e empôa a cabeça a esta gente, que até hoje só conheceu a cinza da tristesa biblica.

As ideias litterarias de Garrett, antes da emigração em 1823, estão completamente representadas no *Lyceu das Damas — Lições de Poesia a uma joven senhora, 1823;* quatro d'estas lições foram publicadas em 1827 no jornal o *Chronista,* [2] e á parte a insufficiencia d'essa composição, surprehende-nos o encontrar no plano de reproducção das obras

[1] *Lyrica de João Minimo*, p. 39.
[2] Vol. I, p. 109; 152; 177; e vol. II, p. 175.

completas de Garrett, em 1839, ainda annunciado o «*Lyceu das Damas* (inedito) no estylo e pela fórma das *Cartas a Emilia*, de Demoustier, com o fim de aperfeiçoar a educação litteraria do bello sexo.» [1] Pois não progredira visivelmente o poeta depois da emigração de Portugal, que lhe inspirára os poemas *Camões*, e *D. Branca?* Para que voltar a este passado mesquinho da falsa imitação de Demoustier? Garrett tambem se servia da litteratura como meio de galanteria; pertencia á epoca da Restauração, e por isso não quiz anullar esse livrinho que o tornaria sympathico ao bello sexo. No inventario dos seus papeis, a que procedeu seu genro, encontra-se o elenco d'estas *Lições de Poesia a uma joven senhora;* dividiam-se em tres livros: I Principios geraes, contendo: lição 1 *Principio das Artes — o Bello.* 2 *Fim das Artes, prazer e instrucção.* 3 *Poesia, sua antiguidade, seus varios generos.* 4 *Poesia antiga até Homero.* 5 *Homero.* 6 *Hesiodo — Alceu.* 7 *Sapho.* 8 *Anacreonte.* 9 *Pindaro, Corina.* 10 *Thespis, Eschylo.* 11 *Sophocles, Euripides.* 12 *Aristophanes.* 13 *Poesia na Sicilia.*—Livro II. Poesia latina: cap. 14 *Poesia na Italia, Enio, Scipião*, etc. 15 *Plauto, Scipião*, etc. 16 *Aperfeiçoamento da poesia latina pela conquista da Grecia. Lucio, Lucrecio, Catullo.* 17 *Horacio.* 18 *Virgilio.* 19 *Phedro, Persio*, etc.—Livro III. Poesia moderna: lição 20 *Invasão dos Barbaros.* 21 *Meia edade, formação das linguas vivas.* 22 *Poesia do Norte e Meio-dia.* 23 *Trovadores, primeiro elemento da poesia moderna.* 24 *Bardos, segundo elemento da poesia moderna.* 25 *Arabes, terceiro elemento da poesia moderna.* 26 *Biblia, quarto elemento da poesia moderna.* 27 *Formação da poesia moderna, suas divisões. Conclusão.* [2]

[1] *Prospecto*, da casa Bertrand.
[2] Apud romance *Helena*, p. xxxiii: *Catalogo dos Autographos, diplomas, documentos politicos e litterarios*, etc.

Quem lêr este simples esboço suspeita (embora se descubra á primeira vista ausencia de uma noção synthetica e sobre tudo do espirito da historia litteraria) que devem existir n'essas paginas algumas d'essas observações com que Garrett revelou mais tarde a sua intuição artistica. Nem isso; é tudo chato e pueril, como o modelo que se propoz imitar, como esse incolor e insipido Demoustier, cuja traducção portugueza tanto encarece, feita pelo seu patricio Ferreira Borges: «A proposito do amante de *Emilia;* tu já lêste a elegante traducção de suas lindas *Cartas*, com que brindou a nossa lingua o sr. F. B? Não te parece que lhe ficam tão bem os trajos portuguezes áquella sucia de deuses e deusas, que estavam arlequinados á parisiense? Eu por mim, gosto mais d'elles assim: acho mais pilheria ao padre Apollo dando ás gambias atraz de Daphne e gritando com derretida lamuria:

Cruel, eu t'o peço, pára.

«Mas ella não parou, e foi correndo, inda mal! para se fazer n'uma arvore. É tão bonita esta fabula em portuguez: causou-me dobrado prazer do que no original, que, apesar de bello, tem todavia uma certa affectação em que forçosamente cae a lingua franceza apenas a desviam do seu trilho natural e chão. Sempre é lingua de trapos: viva a nossa portugueza, que é outra casta de idioma!» [1] É assim que ensina a sua Lilia e lhe procura desenvolver o gosto. Que estado deploravel este em que traduziamos Demoustier em Portugal, amesquinhando-nos na sua estolidez! Se Garrett deixou um documento incontroverso do seu talento, foi o ter vencido esta falsa direcção em que se achou arrastado. Renan ao estudar o livro de Creuzer sobre a *Symbolica*, dá a Demoustier a importancia de citar-lhe as *Cartas a Emi-*

[1] O *Chronista*, vol. I, p. 155.

lia sobre a Mythologia: «É evidente que a propria antiguidade cessou de comprehender a sua religião, e que os velhos mythos que desabrocharam da imaginação primitiva perderam muito cedo a sua significação. A ideia de fazer d'estas fabulas venerandas um todo chronologico, uma especie de historia divertida e conveniente, não data de Boccacio ou de Demoustier: Ovidio realisou-a em um livro um pouco menos máo do que as *Cartas a Emilia.*» [1] Léo Joubert, ao estudar a *Historia das Religiões da Grecia antiga*, de Maury, accrescenta para o julgamento de Demoustier: «Para um homem de senso e de gosto, o haver folheado as *Cartas a Emilia*, é um desagradavel accidente que se não deve repetir. Não se arrosta duas vezes com o tedio d'estas tolices pretenciosas.» [2] Esta é a verdade; as *Lições de Poesia a uma joven senhora*, que procuravam «fazer amavel o estudo das lettras, e introduzir entre nós o tão engraçado quanto proveitoso methodo de Demoustier, para ensinar divertindo» são como o seu modelo, tolas e pretenciosas. N'aquelle estado de espirito, se Garrett se não tivesse visto forçado a emigrar de Portugal, a sair d'este meio chilro e sensivel, estava perdido para a litteratura; e ainda assim a frivolidade da epoca penetrou-o tão intimamente, que apesar de ter realisado perfeitas creações artisticas, nunca pôde dar á sua obra um plano philosophico.

Extractaremos aqui algumas passagens da lição IV, por ventura aquella, em que tendo de expôr mais factos, estava mais seguro de cair na banalidade. Trata-se da *Historia da poesia antiga;* Garrett ataca o assumpto com este tom:

«Ha poucos modos de vida tão faceis, como o de impostor: e se ha coisa então em que este officio seja facilimo, é em litteraturas e antiguidades:

[1] *Études d'Histoire religieuse*, p. 9.
[2] *Essais de critique et d'Histoire*, p. 101.

«Queres tu vêr como eu cito
Os Egypcios e Chaldeus,
Os Persas e os Hebreus,
E depois os Chananeus,
Mohabitas, Philisteus...

«e outros mais que acabam em *eus*, dos quaes custa pouco a dizer, que foram grandes homens, porém que nada sabemos d'elles?

«Assim fazem quasi todos, e assim faria qualquer agora, enfiando um rosario de inuteis conjecturas antes que chegasse a entrar em materia. Eu que pretendo pouco da fama, e cujo fim é dar á minha discipula:

«Faceis lições do meu saber ingenuo,
Que a doutora cebenta carapuça,
Jámais na lisa frente
Encaixei doutamente;

«eu que adoptei a lettra do elegante Procopio:

Domina judice, tutus ero;
Do meu bem, do meu amor
Só quero gloria e louvor;

«eu por mim contento-me de te dizer, que em poesia o mais antigo que conheço são as composições gregas e hebraicas. Os Gregos foram provavelmente os povos europeus que primeiro cultivaram as bellas-artes. Se a risonha e engenhosa Mythologia dos antigos a houveram elles do Egypto ou da India ou de ambas as partes; se Homero foi tão sómente um traductor, um collector de trovas, n'isso não me metto eu: o que sei, e o que me importa, é que as obras que nos chegaram com o seu nome, as que nos vieram com esse outro de Hesiodo, são as mais completas e antigas que na Europa se conhecem:

«E que me importa a mim que o grego Homero
Não seja o auctor da Illiada divina,
Se eu gósto quando a leio, e lêl-a quero
Apocrypha ou genuina?

Podem essas questões dos antiquarios
Fazer menos formosa
Andromacha saudosa
Quando ás portas de Troya assediada
Co' filhinho nos braços
Vem dar — talvez os ultimos abraços
Ao seu querido Heitor?
Poesia tão sensivel, delicada,
Toda meiguice e amor,
Toda arrobada, languida, ternura,
Perde acaso de sua formosura
Se os criticos em duvidas entrarem,
E altas questões travarem
Sobre o nome do auctor?

«Simples, natural é essa poesia grega; grave e sublime a tempo, e a tempo engraçada e mimosa, sempre elegante. Modelo é e será de toda a poesia classica. Toda ella é sentidos; tudo n'ella lisongeia suavemente: não tem as nossas metaphysicas; tudo o que pinta vêem-no os olhos, palpa-o o tacto; mas quanto mais delicada e difficil é essa maneira de pintar!» Depois d'isto passa a fallar de Hesiodo: «tambem não foi muito mais antigo, é para assim dizer o Dante da poesia classica.» E percorre assim a lista dos aédos gregos: «D'estes cantores divinos ou divinisados, Amphion é o primeiro cuja data é pouco mais ou menos certa...

Co'os magos sons da lyra,
Co'a eloquencia divina
Que a branda persuação no peito inspira,
Aos homens rudes, barbaros ensina
A erguer uma cidade,
E sua bruta fereza
Co'as brenhas a deixar na soledade.»

Lino é caracterisado em poucos traços: «Lino tambem se fez nomeado na Grecia pelo primor com que associava os sons da voz aos da lyra, encordoada então com simples fios de linho, aos quaes elle substituiu as cordas muito mais harmoniosas que ainda hoje se usam.» Bella periphrase para não fallar nas cordas de tripa. «Foi grande impostor Orpheu; inventou que, morta a mulher, a fôra elle buscar ao

inferno, e que Plutão lh'a restituira. Tu sabes esta linda e mui terna historia; não te enfadarei a repetir-t'a aqui assim... Orpheu foi um habil impostor, mas professou uma moral sã, estabeleceu na Grecia as cerimonias religiosas que trouxera do Egypto.»

Como se póde explicar este acervo de frivolidades em um homem que mais tarde deu provas de talento e de tino artistico, senão pela influencia do seu mestre de grego Joaquim Alves, e pela disciplina auctoritaria do seu tio frei Alexandre, que o amesquinharam ao ponto de eleger por modelo a Demoustier? A este organismo viciado, só o tonico de uma viagem ao estrangeiro, para readquirir o senso commum, para respirar na atmosphera das ideias. Se elle não tivesse talento, voltaria á patria curado da monomania de escriptor e tornado homem pratico; se dentro d'aquelle cerebro falseado existia alguma centelha d'esse estado a que se chama genio, ella então alcançará vencer esses vapores carregados do pedantismo pedagogico, e transluzirá na sua naturalidade. As circumstancias favoreceram o desenvolvimento de Garrett; a restauração do absolutismo em Portugal obrigou-o a procurar asylo no estrangeiro, justamente no periodo em que as doutrinas do Romantismo se discutiam nos theatros em novos dramas, nos jornaes em theorias criticas, e em poemas inspirados por um intuito philosophico.

Em 1820 estava já Garrett absorvido pela imitação das fórmas de Filinto Elysio, e com o *sentimentalismo* idylico propagado por João Jacques Rousseau, que se tornára uma monomania naturalista do fim do seculo XVIII. Garrett nascera n'este meio falso, e obedeceu-lhe fatalmente; era moda admirar a natureza, mas a natureza convencional, como uma paisagem de Watteau; em 1820, quando ainda estava em Coimbra, o Jardim Botanico seduzia Garrett como um almo recinto sagrado a Flora:

Aqui, onde o perfume saudavel
Respiro de mil flôres,
Como sinto embeber-se-me a existencia
Em cada trago d'estes,
Que os sequiosos pulmões, té qui só fartos
De ár pestilente e máo,
D'este suave e puro ávidos sorvem,
É com elle o remedio
Ao trabalhado, enfraquecido peito,
Ao mui pausado sangue!

Era este o estylo *naturalista*, que viá as coisas através de epithetos variados, que amava Gessner e Florian; era um poucochinho mais do que o bucolismo do seculo XVI. Garrett commenta esta ode ao *Passeio de madrugada no Jardim Botanico de Coimbra*: «Em 20 de junho de 1820, e na convalescença de perigosa molestia, fui de madrugada respirar o purissimo ár do sitio chamado em Coimbra—fóra de portas. Achei aberto o Jardim Botanico: entrei. Eu e dois ou tres trabalhadores eramos os unicos viventes despertos. Ali, debaixo da palmeira que está no ultimo plano no Jardim, escrevi estas linhas.» [1] D'esta doença falla Garrett nos versos recitados na sala dos Capellos na noite de 22 de novembro de 1820, quando ali se celebrou um Outeiro poetico, como signal de regosijo nacional por se ter acabado o protectorado inglez. O seu collega da Universidade, Castilho, tambem bateu palmas n'este Outeiro cathedratico, ultimo resto de um costume portuguez completamente extincto, hoje substituido pelos discursos academicos, orações de recepção, *toasts*, etc. N'aquelle tempo os metrificadores eram parte obrigada de todas as funcções publicas ou familiares; e era tal o perstigio d'este uso, que os desembargadores, os bispos, os lentes e generaes não dariam prova plena da sua gravidade se não soubessem metrificar uma campanuda Ode epódica, um desalinhado Dithyrambo

[1] O *Chronista*, vol. II, p. 69.

ou pelo menos uma conceituosa Decima. Garrett educado tambem para este genero de tertulias tinha fatalmente de admirar Bocage, o deus dos *Outeiros poeticos;* a admiração consistia n'este tempo em imital-o usando os trópos que lhe eram caracteristicos, e em que residia o segredo da harmonia *elmanista;* escreve Garrett, na composição do Outeiro da sala dos Capellos:

> *Ergo* tardia voz, mas *ergo-a* livre,
> *Ante* vós, *ante* os céos, *ante* o universo,
> *Se os céos, se* o mundo minha voz ouvirem.

Felizmente Garrett contrabalançou esta desastrada influencia pelo estudo das riquissimas construcções dos versos de Filinto; Castilho obedeceu mais tempo ao *elmanismo,* que o fez produzir o insulso poema das *Cartas de Ecco.* Isto basta para discriminar a differença entre os dois escriptores; ambos escreveram as suas primeiras obras dentro de um meio litterariamente absurdo e corrupto, porém Garrett modificou a corrente porque tinha individualidade artistica; Castilho só abandonava uma influencia, quando outra lhe apresentava melhor vantagem de imitação. Garrett descreve a lucta entre a influencia da poetica *elmanista* e philintista: «A metrificação de Bocage, julgam-na sua melhor qualidade; eu a peor; ao menos, a que peores effeitos causou. Não fez elle um verso duro, mal soante, frouxo; porém não são esses os unicos defeitos dos versos. As varias ideias, as diversas paixões e affectos, as distinctas posições e circumstancias do assumpto, do objecto, de mil outras coisas — variada medida exigem; como exige a musica varios tons e cadencias. A mesma medida sempre, embora cheia e boa, o mesmo tom, embora afinado, a mesma harmonia, embora perfeita, o mesmo compasso embora exacto, fazem monotona e insupportavel a mais bella peça de musica ou de poesia. E taes são os versos de Bocage, que nos pertendem

dar para typo seus apaixonados cegos; digo *cegos*, porque muitos tem elle (e n'esse numero que conto) que o são, mas não cegos.» [1] Não haverá aqui uma allusão directa a Castilho, que metrificava então em pleno *elmanismo?* Continúa Garrett: «Mas emquanto Bocage e seus discipulos tyrannisavam o gosto, Francisco Manuel, unico representante da grande escola de Garção, gemia no exilio, e de lá, com os olhos fitos na patria, se preparava para luctar contra a enorme hydra, cujas innumeras cabeças eram o gallicismo, a ignorancia, a vaidade, todos os outros vicios que iam devorando a litteratura nacional.» [2] Castilho, nas *Excavações poeticas* arrependê-se de ter declamado contra Filinto, e nas notas da *Primavera* ataca Bocage e os defeitos do *elmanismo* a que tanto tempo obedecera.

Reinava tambem em Portugal a monomania das traducções; a incapacidade de creação original fazia preferir tudo o que se traduzisse. Bocage e Filinto haviam dispendido as suas faculdades em traduzir, traduzir, traduzir. Garrett teve tambem de luctar algum tempo contra esta corrente, e venceu-a oppondo-lhe bellas creações originaes; Castilho foi arrastado pela mesma absorpção, ficou totalmente n'ella e morreu traduzindo. Garrett caracterisa este estado dissolvente: «Mas de traducções estamos nós gafos: e com traducções levou o ultimo golpe a litteratura portugueza; foi a estocada de morte que nos jogaram os estrangeiros... Esta mania de traduzir subiu a ponto em Portugal, e de tal modo estragou o gosto do publico, que não só lhe não agradaram, mas quasi não entendia os bons originaes portuguezes; etc.» (ib.) D'esta epoca (1820-1824) existe em poder dos herdeiros de Garrett, o *Catullo*, traduzido e annotado, contendo as seguintes odes: A Cornelio Nepote, Ao Pardal

[1] Escripto em 1826. Vid. prologo do *Parnaso lusitano*.
[2] *Ibid.*

sinho de Lesbia, Á morte do Pardalsinho, A Lesbia, a Flavio, A si mesmo, a Furio e Aurelio, a Asinio, a Fabullo, a Calvo Licinio, á Peninsula de Sirmion, Canto nupcial e Epithalamio de Peleu e de Thetis. Este manuscripto traz a seguinte nota autobiographica: «Emprehendi esta versão no meu ultimo anno de Coimbra, 1820 a 1821, e de dezembro a janeiro d'esse anno, ahi traduzi alguns d'esses poemetos; o que tambem fiz pelo mar, na minha viagem á ilha Terceira na primavera do mesmo anno e na curta residencia que lá fiz. Em fevereiro de 1824, em Londres, continuei a obra, e agora me cinjo a ella com mais firmes tenções de levar ao cabo. Havre, 29 de abril de 1824.» [1] A lubricidade da epoca da Restauração é que prendeu Garrett á traducção de *Catullo*, depois de chegar a Inglaterra e França; mas o numero incalculavel de obras primas do Romantismo cedo o desviou do culto exclusivo da antiguidade, e é n'esse anno de 1824 que se operou a profunda revolução psychologica que lhe deu a sua superioridade artistica.

O sentimento artistico de Garrett já antes de 1823 luctava para se emancipar da subserviencia da mythologia; em uma nota a uma ode saphica sobre o *Amor maternal* descreve Garrett este seu esforço: «Dizia-me um certo conhecido dos meus tempos de estudante:—Homem, os teus versos não sei que lhes falta: não te digo que são máos; mas, tão pouca riqueza da fabula! Nem Jupiter, nem Venus, nem Apollo: não sei como pódes fazer versos sem mythologia. Se tu és poeta, que fazes duzias de odes sem invocar uma só vez as Musas!—Eu não sou poeta, (respondi ao meu amigavel Aristarco) no sentido commum. A confessar a verdade, nem me lembra assim de cór de quatro nomes feitos de deuses da fabula. Pinto *d'après nature* o que posso nas minhas regrinhas curtas e compridas; mas nunca

[1] *Catalogo dos Autographos*; apud *Helena*, p. XXVI.

entendi em ser poeta no rigor e certa valia da palavra. Quando comecei a babujar a tal fonte de Aganipe (d'este nome ainda me recordo eu) tinha a mesma mania que tu tens; mas depois certos Allemães e Inglezes que li, fizeram-me perder a devoção aos Santos de Hesiodo. Não reprovo o uso da fabula; mas a tempo e horas. O muito recheio da mythologia dá ás composições modernas um ár de affectação e desnacionalidade pedantescamente ridiculo. Quero fazer versos portuguezes, em portuguez e portuguezmente. Além de que, (como cem vezes te tenho dito,) para mim só e para os meus amigos os faço. Elles e eu temos pouco que haver com Martes e Saturnos, e muito com a natureza e o coração, unicas e verdadeiras fontes da poesia e de todas as bellas-artes. Da poesia (perdôa-me) cá da minha poesia: não fallo da outra que é moda por ahi, de que não entendo nem quero entender, porque me cheira sufficientemente á *Phenix Renascida*, e ao Conde da Ericeira. —O meu critico sorriu-se e eu fiz o mesmo.» [1] Fixâmos a data d'esta descripção autobiographica antes de 1823, por que da Ode que ella commenta traz a seguinte nota: «Boa parte d'esta Ode foi roubada ao seu auctor e publicada com outras coisas que a desfiguram em uma brochurasinha impressa em Coimbra em 1823.»

A viagem á ilha Terceira em 1821 não deixou de despertar-lhe o sentimento, falsificado pelo convencionalismo árcadico; o pobre *Jonio Duriense*, que assim se chamava o poeta filiado no estado pastoral do *Mémnide Egynense*, (Castilho) ficaria mais annos atrophiado no insulso idylio, se o contacto com a natureza o não arrancasse aos Ménalos, aos Pindos e á convivencia do Pegaso. Os versos que escreveu por esta occasião lembram já aquelles naturalissimos e melancholicos do poema *Camões*, que a atmosphera do estran-

[1] O *Chronista*, vol. I, pag. 65.

geiro lhe havia de inspirar. No fragmento da poesia *O Mar*, falla das lagrimas saudosas:

> Que a fio d'estes olhos se deslisam,...
> Co'a ponta do alvo manto ameiga a face
> Que o acre ardor do pranto me ha crestado.

É o mesmo timbre do canto v do poema *Camões;* mas Garrett estava em 1821; saia do banco das escolas onde dominava a chateza arcadica, e por isso ao recordar-se de Coimbra e das flôres dos jardins do Mondego, volta á tradição:

> Por ventura o meu *Jonio* passeando... [1]

Sempre pessoal em toda a contemplação artistica, Garret acompanha esse fragmento com a nota: «Este fragmento foi escripto no mar em longa e penosa viagem nos mezes de abril e maio de 1821.» Era ainda a influencia arcadica que o fazia escrever um poema heroi-comico em quatro cantos, intitulado *X ou a Incognita*, allusivo aos successos de 1821, que não chegou a passar do segundo canto, e que para sua gloria ficou inedito; [2] era mais uma concepção hybrida como a *Benteida* ou a *Santarenaida*, influenciada pelo *Reino da Estupidez*, que se lia bastante em Coimbra.

Na sua vinda para Lisboa, Garrett veiu encontrar accesa a tradição arcadica; eram ainda moda os *Outeiros poeticos*, e a sua vivacidade de rapaz attraiu-o para elles. No prologo da *Lyrica de João Minimo* descreve um *Outeiro poetico* de Odivellas, em que tomou parte: «No verão de 182... succedeu uma tarde de junho, que me encontrei no conhecido café do M. com uma sucia de rapazes, leaes filhos de Apollo; e, como é natural, a nossa animada conversação entrou logo pelos districtos poeticos. Veiu-se a fallar em *Ou-*

[1] O *Chronista*, vol. I, p. 78.
[2] *Catalogo dos Autographos*, p. XXV.

teiros, alegre e engenhoso passatempo de nossos paes, quasi perdido hoje na barafunda das malditas politicas, despresado e mal avaliado por uma mocidade estragada e libertina que tem o descôco de preferir as cartas da *Nova Heloisa* e do excommungado St. Preux ás Eglogas do pastor Albano e da pastora Damiana, [1]—que ousam antepôr os descompostos versos de Francisco Manuel e suas Odes hyeroglipbicas aos retumbantes, altisonantes e nunca assás louvados sonetos da escola *elmanista!*... Vamos a Odivellas ao *Outeiro* de S. João... ha mais de dez annos que se não faz... Vae N. e N. N. que hão-de aterrar tudo com sonetos e colchêas; e já levam provisão de quartetos e consoantes, d'isto que chamam *nariz de cêra*, que servem para todo o mote;... Começaram logo a illuminar-se as janellas das freiras, e a luzir pelas rotulas, pelas grades as airosas toucas e os feiticeiros véos, certamente pouco avaros, que de vez em quando o lampejo de um lindo rosto, de matadores olhos inflammavam a imaginação dos nossos jovens poetas e lhes faziam dizer milhares de coisas bonitas. Era electricidade que se estava esperdiçando:—Vamos a isto; a isto rapazes! foi a voz unanime. E brados de *Mote! Mote*,—aos quaes, depois de breve silencio, respondeu uma voz flautada e sonóra, que parecia mesmo de um cherubim—de que não está costumado a coisas d'este mundo:

Amor seu facho n'esta noite apaga.

«Debandou toda a phalange; passeou-se, esfregou-se a testa, roeram-se unhas até ao sabugo, e afinal—palmas: *Lá vae;* e saiu o soneto... Seguiram-se colchêas e mais so-

1 Garrett refere-se a uma composição de João Xavier de Mattos, que Filinto Elysio citava como sabida de cór pelas peixeiras do seu tempo, e as ladinas das comedias de cordel recitavam.

netos e muitas versalhadas outeiraes de toda a especie e calibre, com muito e mui guloso dôce que as madres nos deitavam, e que, ao menos para mim, não foi a menos agradavel circumstancia da noite.» Aqui fica uma completa descripção do que era um *Outeiro poetico*, que os costumes do seculo XVIII mantiveram entre nós até á epoca do Romantismo. Os poetas que então viviam na intimidade de Garrett eram José Frederico Pereira Marecos, Larcher, Carlos Morato Roma, Paulo Midosi, e alguns outros, cujas obras se perderam. A *Lyrica de João Minimo*, que encerra as composições poeticas de Garrett desde 1815 a 1823, e as *Flôres sem fructo* em que está colligida uma grande parte do que escreveu em 1823, resentem-se d'este estylo arcadico, modificado por um intelligente estudo da metrificação de Filinto Elysio, que revelou a Garrett a melodia do poema *Camões*; as estrophes são quasi sempre em endecasyllabos com os seus hemistichios, com um sentimentalismo de quem abriu os olhos aos horisontes de Rousseau, e com a personalidade de quem ainda respira na atmosphera *sodalitia* de Horatio. Quando Garrett se quer elevar á generalidade do sentimento, cantar um ideal humano, limita-se a estas theses de Academia, como são o amor maternal, a infancia, a soledade, os desejos, etc. As *Fabulas* são egualmente um producto do espirito poetico do seculo XVIII, inspiradas pela leitura do desenvolto abbade Casti. Mas a melancholia romantica facilmente se apossava de Garrett, valetudinario e timido; quando Goëthe, ao escrever o *Werther*, essa concepção de uma forte individualidade, não se póde eximir á fascinação dos poemas de Ossian, como é que o tenue Garrett deixaria de ser impressionado, e para sempre, das aventuras de Fingal e das festas de Selma? Nas *Flôres sem fructo* vem uma traducção de uns trechos do poema de *Oscar*, com uma introducção em verso calcado sobre o mesmo estylo, da qual diz: «fil-a eu para me exercitar n'um genero que nos meus pri-

meiros annos, me parecia o sublime dos sublimes...» [1] Garrett conservou toda a sua vida essa melancholia ossianica; em todas as suas obras predomina o vago scismar de quem tira o ideal de um passado que não torna. Foi esta melancholia, que precisou empregar-se em uma saudade qualquer, que o levou a sentir o passado e a descobrir assim o sentimento *nacional*, que devia produzir o nosso primeiro movimento romantico. Se Garrett não saísse de Portugal, não teria em 1824 escripto o poema *Camões*, e, como Castilho, talvez nunca houvesse comprehendido o espirito da litteratura moderna.

A historia politica da primeira metade d'este seculo é o mais flagrante documento da imbecilidade de um povo. Depois que D. João VI conheceu que o imperio do Brazil lhe escapava, lembrou-se, para não perder tudo, de voltar a Portugal, antes que as Côrtes constituintes o destituissem. Não sabendo coisa alguma da situação politica, a pretexto de um emprestimo mandou a Lisboa o negociante Pereira de Almeida para informal-o secretamente se poderia ainda entrar em Portugal. No dia 3 de julho de 1821 entrava no Tejo a frota com a familia Bragança, d'onde o rei só desembarcou depois de receber auctorisação das côrtes; jurou a Carta constitucional, passou por todas as humilhações e terrores para conseguir apoderar-se do poder executivo. Carlota Joaquina, digna irmã do infame Fernando VII, vendo que não podia apoderar-se do partido liberal, com o qual o rei se conciliára, tornou-se o centro da reacção absolutista contra todas as refórmas inauguradas pela revolução de 1820. D. João VI não era extranho a estes manejos, posto que simulava attender mais os conselhos dos liberaes; mas a nomeação de seu filho o infante D. Miguel para commandante em chefe do exercito é a prova evidente da sua má

[1] *Flôres sem fructo*, p. 226.

fé. Quando o regimento vinte e tres de infanteria saiu de Lisboa para as provincias do norte em observação com receio dos movimentos do exercito do conde de Amarante sublevado contra a Constituição, o mesmo regimento sublevou-se tambem á voz do seu coronel; era um plano concertado. D. Miguel foge do palacio da Bemposta para Santarem, d'onde proclama contra os pedreiros-livres que usurpavam os *inauferiveis* direitos de seu pae; pretendendo ir contra a rebellião de seu filho, D. João VI retira-se para Villa Franca, d'onde é trazido para a capital pelos fidalgos que se substituiram ás cavalgaduras. D. João VI rasgou a Constituição e *acceitou* o poder absoluto; como premio do movimento o Conde de Amarante foi feito Marquez de Chaves, e o infante D. Miguel commandante em chefe do exercito.

Começaram as perseguições contra os partidarios da Revolução de 1820 e da Carta constitucional de 1822; o grande Manuel Fernandes Thomaz succumbiu. Os que recearam a estrangulação nos carceres refugiaram-se nos paizes estrangeiros. Foi em julho de 1823, oito mezes depois do seu casamento, que Garrett emigrou para o Havre acompanhado por sua mulher. Para resistir na sua nova situação acceitou o logar de caixeiro na casa do banqueiro Laffitte, onde recebeu o ordenado de 2:000 francos por fazer a correspondencia estrangeira. Em 23 de agosto d'este anno regressou ainda a Portugal, mas a Intendencia geral da policia houve por bem consideral-o perigoso para a ordem publica, e obrigou-o a abandonar a patria; deu-lhe a honra do desterro. [1] No prologo das *Fabulas* e *Folhas cahidas* escreve o poeta: «A causa do povo é trahida, abandonada... elle não a abandona; prefere o exilio, e em terra estrangeira o ouvimos cantar as suas imprecações, as suas saudades, e a constancia indomita do auctor do *Catão*.» (p. XVII.)

[1] Demittido do seu logar de official da secretaria do Ministerio do Reino, por decreto de 30 de agosto de 1823.

§ 2.—Influencia da emigração de 1823 a 1827

O Congresso de Verona extinguindo a fórma constitucional em Hespanha, determina a quéda da Constituição em Portugal em 1823.—Byron sentenceia Chateaubriand.—Estado politico de Portugal, segundo as reminiscencias diplomaticas de Lord Holland.—Estado da litteratura antes da emigração.—O grande Sequeira abandona a patria.—Relações com Garrett, pelo seu quadro da *Morte de Camões*.—Camões torna-se para os portuguezes uma expressão da patria: Origens do ideal camoniano.—Condições moraes em que foi escripto o poema *Camões*.—Como Garrett comprehendia o Romantismo.—Caracter lyrico-elegiaco d'este poema, improprio da sua feição épica.—Analyse da sua estructura: falta de acção; inferior á poesia da realidade historica; imperfeita comprehensão das tradições nacionaes.—Condições em que foi escripto o poema *D. Branca*.—A lenda do trovador João Soares de Paiva superior em verdade e poesia á phantasmagoria de Aben-Afan.—O typo de Frei Gil mal comprehendido.—A composição do poema *Adozinda*: sentido litterario.—Em 1827, Garrett perde a sua actividade poetica.

O poemeto de Byron intitulado a *Edade de bronze* resume nas suas estrophes repassadas de sarcasmos eternos a indignação que os homens liberaes da Europa sentiram ao vêr decidir-se no Congresso de Verona a ruina das novas garantias constitucionaes: «Tres vezes feliz Verona! desde que a monarchica trindade fez luzir sobre ti a sua santa presença;... Sim, dae vivas! fazei inscripções! levantae ultrajantes monumentos para dizer á tyrannia que o mundo acceita o seu jugo com satisfação.» E accrescenta: «Que extranho espectaculo é este Congresso! parece destinado a aggregar todas as incoherencias, todos os contrastes! Já não fallo dos soberanos,... parecem-se todos como peças batidas no mesmo cunho; mas os belfurinheiros que fazem dançar os bonifrates e pucham pelos cordeis, apresentam mais variedade do que estes rombos monarchas. Judeus, auctores, generaes, charlatães, intrigam ante da face da Europa as-

sombrada de tão vastos designios. Ali, Metternich, o primeiro parasita do poder, capêa a todos; ali Wellington esquece a guerra; ali Chateaubriand accrescenta novos cantos aos seus *Martyres*....» [1] É profundissima a ironia d'esta allusão a Chateaubriand; este apparatoso catholico sustentou no Congresso de Verona que era preciso invadir a Hespanha e restabelecer no throno o despotico Fernando VII; assim aconteceu. A trindade satanica da Santa Alliança vira na constituição hespanhola de 1820 um abysmo para a causa dos bons tempos de outr'ora; o perigo dos seus interesses dynasticos fez convocar o Congresso de Verona. Foi ahi que Chateaubriand, esse Tartufo de genio, se elevou ao seu olympo, convencendo a cabilda diplomatica de que era preciso esmagar na Peninsula a obra da liberdade constitucional. O duque de Angoulême veiu á Peninsula, e depois da tomada de Trocadero, o general francez ajoelhou em terra e entregou a sua espada a Fernando VII, como signal de consummada a hecatomba da liberdade. Fernando VII, que era do estofo dos seus contemporaneos D. João VI, ou Guilherme III, tomou á lettra o symbolo da espada; quebrou todas as amnistias promettidas em presença da Europa, e mandou trucidar Riego, Empecinado, Bessieres, emfim todos os que trabalharam pelo regimen parlamentar. Foi então que a França comprehendeu a sua vergonha; orgulhoso com a *sua guerra de Hespanha*, Chateaubriand caiu do poder, tendo de lançar-se na opposição liberal para combater os que o destituiram. É eloquente este grito de Byron ainda sobre o Congresso: «Eu não sei se os anjos choram; mas os homens choraram bastante... para conseguir o quê? o chorar mais ainda.» [2] Estes prantos partiram tambem de Portugal; a nossa primeira Carta constitucional alcançada

[1] Byron, *Edade de bronze*, estancia IX e XVI.
[2] Byron, *Edade de bronze*, est. I.

pela revolução de 1820, seguiu a sorte da de Hespanha; o nosso Trocadero foi Villa Franca, onde não correu sangue mas o lodo do mais baixo dos esgotos—a falta de dignidade humana. Em 5 de junho de 1823 a obra de Chateaubriand tinha produzido o seu effeito em Portugal. Foi então que começou a emigração. No poema *Camões*, escripto n'estas crises, Garrett allude á sorte de Hespanha:

> .... Eia! vamos
> Deixa o caminho da infeliz Pyrene;
> Taes magoas como ahi vão poupa a meus olhos;
> Assás tenho das minhas. Largo! aos mares...

Em nota accrescenta Garrett: «Quando se escreviam estes versos, todos os horrores da reacção absolutista de 1824 assolavam Hespanha; e em França era thema de todas as vaidades da Restauração o imbelle triumpho do Trocadero. D'ahi a seis annos estava vingada a injuria da liberdade peninsular.» [1] Para se comprehender como estes successos que hallucinavam a França se reproduziriam em Portugal com todas as suas vergonhas, basta conhecer o caracter dos dois actores d'este periodo, D. João VI e sua mulher Carlota Joaquina. Eram naturezas fadadas para a catastrophe. Basta-nos extrair das *Reminiscencias diplomaticas* de Lord Holland algumas linhas:

«Pouco sei ácerca de Portugal e dos portuguezes, que possa ter o interesse da novidade. O rei e a rainha, muito contrarios de principios, de caracter, de procedimento, tinham uma aversão natural um pelo outro. Na realidade, nada havia de commum entre elles a não ser a fealdade repugnante das suas pessoas e as suas maneiras canhotas. O rei era muito bem intencionado, mas fraco e timido; tinha um tal medo de ser governado pelos seus ministros ostensiveis, que se tornava a victima de baixas e obscuras intri-

[1] Poema *Camões*, not. D, c. I.

gas, e os seus conselhos eram sempre vacillantes, irresolutos e incertos. O zelo exagerado da rainha pela causa do despotismo, impropriamente designado pelo nome de legitimidade, parecia ter atenuado a aversão do rei por uma assembléa representativa e uma fórma constitucional de governo. A rainha era vingativa, ambiciosa, egoista, e tinha uma inclinação pronunciadissima por toda a especie de intrigas politicas ou amorosas.—Em geral os homens influentes de Portugal não são privados de talento nem de instrucção, mas a vaidade substitue n'elles a acção de um patriotismo mais illustrado. São animados de pequenas invejas e cheios de perfidias; empregam mais astucia nas negociações com os estados poderosos do que prudencia no governo do seu paiz. Araujo (o Conde da Barca) um homem competente, esperava que, fazendo macaquices á Inglaterra e á França illudiria os projectos de ambas, e acabou por deixar Portugal na subserviencia de uma e por abandonar o seu soberano e o Brazil inteiramente ao capricho da outra. Sousa, Conde do Funchal, desejoso de assimilar no seu paiz as instituições de Inglaterra, e sinceramente affeiçoado á casa de Bragança, conseguiu gastando a sua vida em cabalas com os reformistas e em perseguil-os, o perder as boas graças do seu soberano recusando o posto que o poderia pôr em condições de executar os seus planos. Comtudo as suas ideias eram justas e esclarecidas; mas, com boas intenções, metteu-se em vias pouco judiciosas e muito indirectas para as realisar. Naufragou completamente, e foi-lhe preciso toda a sua jovialidade natural e a sua soltura na conversação para se consolar de todas as decepções politicas e pessoaes a que se viu exposto.» [1]

N'estas condições começaram em 1823 as perseguições aos constitucionaes; Garrett, que escrevera o elogio do

[1] *Souvenirs diplomatiques*, de Lord Holland, cap. VIII, p. 126.

grande revolucionario politico Manuel Fernandes Thomaz, demittido do seu emprego no Ministerio do reino em 30 de agosto de 1823, teve de refugiar-se em Inglaterra. O grande artista portuguez João Domingos Bomtempo, [1] e o gigante estadista José Xavier Mousinho da Silveira, [2] o que lançou as bases das refórmas politicas que transformaram a sociedade portugueza, viram-se forçados a expatriar-se. Durou esta perseguição politica até 1827; foi justamente o periodo mais fecundo da vida de Garrett. Reve-

[1] «Ill.mo e ex.mo sr. A pretenção de *João Domingos Bomtempo*, compositor de musica, que faz o objecto do requerimento incluso, sobre o qual sua magestade é servido mandar-me informar por aviso de v. ex.ª em data de 5 do corrente, tem por fim conceder-se ao supplicante licença para continuar na pratica de admittir em sua casa a sociedade, a que dá o titulo de — Philarmonica — para que do producto das assignaturas que ali concorrem possa supprir a sua subsistencia e de sua numerosa familia.

«Ainda que seja certo que á tal sociedade costuma concorrer grande parte das pessoas da maior gerarchia e consideração d'esta capital, a ella tambem concorrem muitos individuos, que assim como o supplicante não merecem o melhor conceito na policia, por isso mesmo que a titulo de Ensaios mais a miudo se reunem; e assim para evitar que com este titulo se estabeleça alguma Sociedade secreta, entendo que convirá se faça persuadir ao recorrente que tal pratica deve immediatamente cessar. Sua magestade porém ordenará o que fôr servido. Deus guarde a v. ex.ª Lisboa, 10 de julho de 1823. Ill.mo e ex.mo sr. Joaquim Pedro Gomes de Oliveira. — O intendente geral da policia da côrte e reino, *Simão da Silva Ferraz de Lima e Castro.*» (Contas para as Secretarias, Liv. XXII, fl. 28, v.)

[2] «Ill.mo e ex.mo sr. Communicando-me o corregedor de Portalegre, que no juizo da sua correição se achavam pronunciados por associações secretas uns individuos, e entre elles o administrador geral da Alfandega grande d'esta capital, *José Xavier Mousinho da Silveira*, natural de Castello de Vide, que acabou de ser provedor em Portalegre, aonde propagou a seita dos Pedreiros livres, que tinha plantado e promovido em Setubal, quando ali foi juiz de fóra; e onde é constante que estabelecera duas Lojas, d'elles; accrescentando ser um libertino de primeira ordem, e tão escandaloso que nunca ali ouvia missa, e poucas vezes a familia, e um declarado inimigo da religião e dos thronos; annui ao que aquelle ministro requeria, e mandei proceder á prisão dos outros réos que se tinham refugiado para esta capital, porém não me delibero a mandar egualmente proceder á prisão do dito José Xavier, por isso que n'elle concorre a circumstancia de empregado de tal graduação, e foi ha pouco Secretario de Estado, sem que sollicite de v. ex.ª a resolução do que sua magestade queira se pratique a seu respeito. Deus guarde a v. ex.ª Lisboa, 19 de julho de 1823. Ill.mo e ex.mo sr. Manuel Marinho Falcão de Castro. — O intendente geral da policia da côrte e reino, *Simão da Silva Ferraz de Lima e Castro.*» (Contas para as Secretarias, Liv. XXII, fl. 36, v. — 38.)

laram-se faculdades novas, um novo modo de sentir; a sua organisação estava apta para receber as impressões mais delicadas, para se impressionar com as ideias mais generosas. Com rasão o proprio Garrett o confessa, depois de 1827 nunca mais foi poeta. É com o trabalho casual e de simples distracção d'estes quatro annos, que Garrett abre um novo horisonte á poesia portugueza.

A musa de Garrett foi a melancholia; è este o unico sentimento das suas obras de arte, a unica expressão dos caracteres que concebeu, o unico effeito dos seus quadros. Esta melancholia não era uma feição privativa do seu organismo, nem uma consequencia dos desastres politicos, em que se viu envolvido; era uma fatalidade do meio em que nascera e da educação que lhe imprimiram. O povo portuguez foi sempre triste; quando a egreja lhe fixa o entrudo para ter uma breve expansão, mascára-se e pede esmola. Não se passa debalde por tres seculos de queimadeiro fanatico e de garrote cesarista; a sua mudez veiu-lhe do terror da pesquisa inquisitorial e da mordaça da rasão de estado. Este estado de extorção moral foi tão longo que produziu o aleijão physico; quem vê hoje os retratos d'esses homens rijos e corajosos, que tiveram a audacia de crear um parlamento constituinte em 1822, fica assombrado, admirando-se como aquellas caras alvares e grotescas, como esses homens feios, possuiram intelligencias rectas, convictas e decididas. Têm todos physionomias tristes, e a sua eloquencia corresponde-lhes na rudesa lugubre mas forte. A esta manifestação da vida publica, ajuntemos-lhe a escuridão das cidades pela estreitesa das ruas, pela falta de illuminação; as tropelias dos valentões-fidalgos e a excessiva sordidez das ruas, cuja limpesa era feita pela voracidade dos cães vadios; a falta de communicação entre os diversos pontos do paiz por não existirem estradas, e d'aqui a necessidade usual de fazer testamento antes de se metter á jornada; a

infallivel intimidade na familia de um parente frade, que dirigia as consciencias e se tornava o santo casamenteiro; a ignorancia completa de todo o movimento politico que se passava na Europa, e um horror a tudo quanto era estrangeiro, caracterisado com a irrisoria expressão de *modernismo;* os divertimentos domesticos reduzidos a resar-se o terço em commum e em correr aos domingos a via-sacra; a auctoridade paternal fundada sobre o terror, e o amor da mãe em occultar hypocritamente os vicios precoces do filho. Byron teve rasão quando nos chamou povo de escravos, e Garrett reconheceu essa triste justiça dizendo que: «não é muito para lisongear o amor proprio nacional; mas tenha paciencia, que assim não é muito grande a injustiça do nobre lord.» [1] Em 1823 ainda se cantavam nos serões de familia as *modinhas* soturnas do tempo em que Beckford as ouvira ás damas do paço; mas D. João VI era o Jonio d'estes descantes em falsete:

Louvemos todos
O grande Rei,
Que a justa Lei
Jura seguir...

Era assim que se recebia o ultraje nacional com que o monarcha rasgava a Constituição. Mas a *Modinha* não bastava para alimentar a vida sentimental da nossa classe media; a imaginação tambem precisa que tratem d'ella, que lhe dêem mais alguma coisa, além da masticação dos Pater-noster, um livro, por exemplo. Um livro? Não é isso a mina de polvora, a faisca revolucionaria, a attracção do abysmo? Para que se inventaram os *Indices expurgatorios* do seculo XVI e XVII? Para não deixar que o livro nos viesse perturbar as consciencias. Para que se erigiu a *Real mesa censoria* do seculo XVIII? Para que o livro não viesse trazer-nos impetos de sedição contra o paternal governo. Sem-

[1] Poema *Camões*, nota K.

pre o livro negro, o livro maldito, o pesadello do Qualificador do Santo Officio e do Intendente da policia! Mas era preciso deixar a imaginação portugueza repastar-se em algum livro. Um livro, senão morre-se de tedio; as chronicas dos frades e dos monarchas offerecem bons exemplos de liberaes fundações e legados piedosos, e de reconhecidos sacrificios á causa das dynastias. Mas o chronicão não cabe no açafate da costura, e só por si enchia o cesto barreleiro; só se póde lêr n'um pulpito. Os livros dos poetas são escriptos em panegyrico de todas as ephemerides do paço, são obras de occasião e ignoram que existe um sentimento eterno que vibra com todas as aspirações da justiça. A sociedade portugueza precisava de um livro, um livro qualquer que a distraisse, e toda a sua litteratura de sete seculos nada teve que dar-lhe; os *Contos* de Trancoso e o *Feliz Independente* aggravaram-lhe o mal que soffria, augmentaram-lhe a somnolencia. A litteratura franceza da côrte de Luiz XV, sobre tudo a litteratura feminina e sensivel, era a que melhor quadrava á nossa sociedade, no estado geral de idiotismo e chlorose; homens e mulheres devoraram os romances de Madame Cottin; *Clara d'Alba, Malvina, Mathilde, Amelia de Mansfeld* eram os confidentes de muitas lagrimas ingenuas. A Madame Cottin succedeu Madame Genlis, com a sua *Adelia e Theodoro, As Noites do Castello*, com a *Menina de Clermont*, e sobretudo com esse sentimentalismo calculado e frio, insensivel e secco no intimo, tocante e fragil apparentemente, sentimentalismo de sete folegos, como o caracterisa Carlyle ao fallar da Genlis. Era esta a afinação da alma portugueza; chorava-se por um nada, a ternura era um signal de educação fina; a tristesa era uma distincção e uma prova de moralidade. O honrado pae de familia não dava palavra em casa; uma boa mãe educava e vencia os impetos dos filhos chorando; a ternura era o nexo de todas as relações. Este habito constante tornou o senti-

mentalismo, que já de si era falso, uma cousa postiça e mechanica. Os paes levavam os filhos a vêr as execuções na forca da praça; a caridade abria as Rodas para esconder as crianças rejeitadas pelas filhas-familias; ninguem se levantava ao vêr um rei abandonar-nos ao invasor e voltar para o seu povo depois do perigo passado, mas chorava-se muita lagrima dôce, muito dolorido suspiro ao lêr a historia de *Zelia no deserto.* Ah! Paulo Luiz Courier, acorda o senso commum n'esta gente! Carlyle, escangalha este beatifico sentimentalismo, esta immobilidade tradicional! Michelet, descarrega o teu magnetismo sobre estes versos marasmados! Mas estes verbos da intelligencia ainda não tinham fallado; a Europa começava a sair do mesmo estado sentimental em que estavamos. Era preciso que Portugal respirasse o ár livre da rasão e da verdade. Garrett viu-se forçado, pela quéda da Constituição, a refugiar-se no estrangeiro; foi pela emigração que o poeta conheceu que havia horisontes mais largos do que a rhetorica, e que os escriptores nunca haviam escripto na lingua que o povo fallava. Garrett estremeceu ante o espectaculo novo do Romantismo e não o acceitou francamente; a sua antiga melancholia tornou-se mais funda, mas tambem mais verdadeira com a *saudade* da patria. Ao menos era já um ideal com realidade, era um sentimento sem convenção, era uma revelação da vida. Demittido do seu logar de official da Secretaria do Reino em 30 de agosto de 1823, e suspeito ao absolutismo restaurado, pelo facto de ter escripto o elogio do constituinte Fernandes Thomaz, Garrett viu-se forçado a emigrar para Inglaterra, mal com a familia, que era a primeira a condemnar o seu liberalismo. Fraco e valetudinario, o clima de Inglaterra era-lhe uma provação; regressou momentaneamente a Portugal, [1] d'onde foi immediatamente

[1] «Tendo chegado hontem á capital o official da secretaria de estado dos negocios do reino, João Baptista Leitão Garrett, vindo de Inglaterra, e de estar

mandado sair pela Intendencia da policia; o anno de 1823 foi esteril para elle, nostalgico, soffrendo em Birmingham a dura acclimação, e entretendo-se no outubro em passar a limpo os cadernos da sua viagem e a revêr algumas odesinhas de Catullo, que em tempo vertera. Estava longe de toda a concepção litteraria. Em França dardejava na olympica vaidade Chateaubriand, contente porque a estulticia a que elle chamava a *sua guerra de Hespanha* matára a Constituição hespanhola restabelecendo o bestial Fernando VII; por este acto da França expirára tambem a nossa Constituição de vinte e dois a um bocejo de D. João VI. Mas a França comprehendeu o erro, e o ministro teve de fazer-se depois um caudilho da liberdade para tornar forte a sua opposição ao governo. A Edade Media inventou o fablieau do diabo prégador; o nosso seculo viu a tradição morta a pretender dar vida á liberdade. A França tornou-se como a Inglaterra um asylo para os emigrados portuguezes; Garrett expulso então de Portugal veiu para França em 1824, onde encontrou outros foragidos, como o erudito José Victorino Barreto Feio, e o grande pintor Domingos Antonio Sequeira, a quem Raczynski compára com Rambrandt. [1] Sequeira, tendo-se enthusiasmado pela revolução de 1820, e abraçado francamente as ideias da Constituição, entendeu que não estava seguro em Portugal, quando,

ali com individuos portuguezes summamente suspeitosos, taes como os que se evadiram, por occasião da restauração d'este reino; havendo até trazido cartas, das quaes apresentou duas: e sendo o sobredito por si mesmo assás suspeitoso, julgo dever ponderar a v. ex.ª, que, não obstante elle estar debaixo das vistas da policia, seria conveniente fazel-o sair do reino, por isso que estou convencido que a sua presença, especialmente n'esta capital, póde ser nociva á segurança publica. V. ex.ª porém, tomando na consideração devida esta minha ponderação se servirá communicar-me o que el rei nosso senhor determina a este respeito. Deus guarde... Ill.^mo^ e ex.^mo^ sr. Manuel Marinho Falcão de Castro. O intendente geral da policia da côrte e reino, *Simão da Silva Ferraz de Lima e Castro*.—Lisboa 24 de agosto, de 1823.» (Papeis da Intendencia, Liv. XXII, fl. 69 v.)

[2] *Dictionaire historico-artistique du Portugal*, p. 262.

depois de Chateaubriand ter restaurado o absolutismo em Hespanha em 1823, aconteceu aqui, não uma derrota da liberdade como no Trocadero, mas a ignominia humana da jornada de Villa Franca. Sequeira obteve pela influencia com o Duque de Palmella o passaporte e refugiou-se em Paris. Garrett dedicou-lhe uma ode com a epigraphe de Virgilio: *Fuge litus avarum!*

> Bem vindo sejas, oh Sequeira illustre,
> D'essa terra maldita,
> Onde crucificou a Liberdade
> Povo de ingratos servos.
> Tu, que os louros de Vasco e de Campello
> Reverdecer fazias,
> Por aquelle maninho *priguiçoso*
> Que foi terra de Lysia,
> Filho de Raphael, bem vindo sejas,
> A este asylo santo.
> Com o nobre pincel não polluido
> No louvor dos tyrannos,
> Aqui celebrarás antigas glorias
> Da que foi nossa patria... [1]

N'estes versos de Garrett já se vê que duas ideias novas lhe revolucionaram a mente; a primeira foi o espectaculo da actividade que observava, que lhe fez reconhecer Portugal como um *maninho priguiçoso;* e a segunda, o valor das tradições nacionaes para fundar sobre ellas a obra de arte. Garrett deveu bastante á communicação com Sequeira; nasceu-lhe a paixão pelo bello; o pintor trabalhava para a Exposição de 1824, e Garrett começou a trabalhar tambem sobre o seu ideal de saudade. O quadro que Sequeira pintava era a *Morte de Camões;* era uma composição simples e rembrandtesca: o poeta deitado sobre a sua pobre enxerga agita-se ao ouvir lêr as novas que chegam da batalha de Alcacer-kibir; de repente chega ao ponto em que se descreve a derrota do exercito portuguez e a morte de el-

[1] *Flôres sem fructo*, p. 71.

rei D. Sebastião, e possuido do dom prophetico da suprema angustia expira bemdizendo o céo por não sobreviver á liberdade da sua patria. Que movimento para um quadro! mas o pincel que tratava com mestria inexcedivel o *Juizo Final*, bem sabia concentrar todas essas agonias da hora tremenda em um unico vulto. O quadro da *Morte de Camões* influenciou inevitavelmente sobre a imaginação de Garrett. No manuscripto do poema *Camões*, se lê esta nota: «Comecei este poema em 13 de maio de 1824, por occupar e distrahir o atribulado espirito, que em tanto desterro e solidão, e com tão afadigada vida, não sei eu como ainda são o conservo.—Havre, em 9 de junho de 1824. Que coisas não iam por minha terra, em quanto eu cá de tão longe, e tão alheio a taes barulhos, sonhava com as memorias de suas antigas venturas!» [1] Por aqui se vê que a mesma data de 1824 é commum ao quadro da *Morte de Camões* e ao poema; Garrett põe em palavras os traços de Sequeira, representando no fim do poema Camões tambem em um pobre leito:

.... Voltastes? E que novas
Me trazeis?
—Tristes novas, cavalleiro.
Ai, tristes. D'esta carta que vos trago
Sabereis tudo.—Ao vate a carta entrega;
Do Missionario era, que dos carceres
De Fez a escreve. Saudoso e triste,
Mas resignado e placido, lhe manda
Consolações, palavras de brandura,
De allivio e de esperança:» *Extincto é tudo*
N'esta mansão de lagrimas e dôres;
As lettras dizem *tudo; mas a patria*
Da eternidade só a perde o impio
Deus e virtude restam: consolae-vos...»

—«Oh! consolar-me? (exclama, e das mãos tremulas
A epistola fatal lhe cae...) Perdido
É tudo pois!...» No peito a voz lhe fica;

[1] *Catalogo dos Autographos*, p. XVIII.

E de tamanho golpe amortecido
Inclina a frente, e como se passára,
Fecha languidamente os olhos tristes.
Anciado o nobre conde se aproxima
Do leito... Ai! tarde vens, auxilio do homem.
Os olhos turvos para o céo levanta;
E já no arranco extremo:—«Patria, ao menos,
Juntos morremos...» E expirou co'a patria.

Depois d'estes rapidos versos que nos dão uma justa ideia da *Morte de Camões* do protentoso Sequeira, Garrett escreveu a seguinte nota: «É notavel coincidencia, e que muito lisongeia o meu pequenino amor proprio, que emquanto eu, humilde e desconhecido poeta, rabiscava estes versinhos para descrever os ultimos momentos de Camões, o sr. Sequeira immortalisava em Paris o seu nome e o da sua nação com o quadro magnifico que este anno passado de 1824 expoz no Louvre, em o qual pintou a mesma scena. Valha-nos, ao menos, descahidos e esquecidos como estamos, que haja ainda portuguezes como o sr. Sequeira, que resuscitem, de quando em quando, o adormecido ecco da nossa antiga fama.» [1]

A obra de Sequeira foi assim julgada pela imprensa franceza: «Daremos as honras do Louvre ao *Camões* do sr. Sequeira... O rosto do velho poeta n'este quadro é bello; bem entendido, bellesa poetica. Nos membros devorados pela velhice e miseria, por entre a barba desgrenhada, avistam-se ainda os signaes da grandeza de alma, e os vestigios da organisação superior que fazia juntamente o grande poeta, e o guerreiro valoroso. Este quadro, despido de todas as seducções da arte, arrebata muito além do ordinario; o assumpto é representado com singelesa e energia. Emfim, esta tela encerra o que todos os pintores devem procurar,—a verdade e o pathetico.» [2] Podemos affirmar, que o

[1] Poema *Camões*, canto x, not. D.
[2] No *Correio francez*, n.º 264, de 1824. Descripção feita por Serrurs; traduzida na *Carta*, n.º 13, de 1826.

mesmo sentimento que suscitou ao assombroso pintor Sequeira o assumpto da *Morte de Camões* foi o mesmo que actuou em Garrett, que se desculpa da relação accidental entre essas duas maravilhas da arte portugueza, e em Domingos Bomtempo, que ahi compoz a sua Missa de *Requiem* dedicada á Camões. Esse sentimento que inspirou os tres genios refugiados ao mesmo tempo em Paris vae-nós ser revelado pela historia. Em quanto na patria Camões morria abandonado, e os criticos do jaez de Manuel Pires, Verney e José Agostinho ultrajavam a epopêa da nacionalidade, era no estrangeiro que os portuguezes conheciam a profunda relação entre a patria e Camões, a ponto de adoçarem as suas saudades estudando os *Luziadas*. Os factos são por si eloquentes: em 1607, o padre André Bayão, que estava por mestre de rhetorica em Roma, traduzia os *Luziadas* para latim; em 1622 Frei Thomé de Faria, bispo de Targa, emprehendia e publicava aos oitenta annos de edade outra versão latina dos *Luziadas* dedicada á nação portugueza, que estava extincta; em 1624, João Franco Barreto vae á restauração da Bahia, e foi na ausencia da patria que adquiriu esse amor que empregou na revisão dos *Luziadas* em 1631, e que foi a occupação da sua vida, depois que regressou de Paris, onde fôra em 1641 com o embaixador Francisco de Mello. João Pinto Ribeiro, o que levantou o grito da independencia em 1640, commentava os *Luziadas*. Frei Francisco de Santo Agostinho Macedo, que em 1644 estava na côrte de Luiz XIII, traduz tambem para latim o poema dos *Luziadas*. Durante a sua ausencia de Portugal, na côrte de Castella, é que Faria e Sousa se occupára na coordenação dos Commentarios da grande epopêa. Durante a sua assistencia em Paris, é que o Duque de Palmella se distrahia em traduzir para verso francez os *Luziadas*, da qual diz: «que havia encetado em 1806 no verdor da mocidade, animado pelos conselhos de alguns litteratos francezes mais

eminentes com os quaes me achava ligado de amisade, estimulado principalmente pelas solicitações de Madame de Staël...»[1] Os litteratos que fortaleciam o Duque de Palmella no seu intento, seriam Bouterweck, Sismondi, Chateaubriand, e os dois Schlegel, que nas suas obras fizeram sentir a importancia moderna e o sentido actual da epopêa portugueza. N'esse mesmo anno de 1806, Byron escrevia essas mimosissimas:

STANZAS A UMA JOVEN
acompanhando as Rimas *de Camões.*

Ah, cara! por ventura á dádiva, que exprime
O puro affecto meu, darás valor por isso;
São canticos de amor de um ideal sublime,
O thema eterno sempre — o eden e o abysso.

Hão-de achal-o um abysmo a frivola invejosa,
E as solteiras tambem, que ficam para tias;
E a pupilla gentil, que por pudor nada ousa,
Que em fria solidão conta dias e dias.

Em coisa alguma eguala s esses pobres entes;
Lê, querida este livro; ah, lê-o com ternura,
Não é em vão que peço anceios teus vehementes
Para o grande Camões em tanta desventura.

Camões era em verdade um bardo, um genio immenso.
Nada tem de ficticia a chamma que o devora;
Um amor como o d'elle has-de encontrar, eu penso,
Mas nunca o infeliz destino seu, senhora.

A ode de Raynouard sobre Camões[2] foi logo conhecida em Portugal; mas foi longe de Portugal, outra vez em Paris, em 1817, que o Morgado de Matheus fez a opulenta edição dos *Luziadas*, que ha-de ser sempre uma maravilha da imprensa moderna. N'este mesmo anno o espirito nacional agita-se contra o protectorado inglez, e depois das forcas do Campo de Santa Anna, apparece o projecto de um

1 Apud, *Jur.*, Obras de Camões, I, p. 240.
2 Garrett cita-a no seu poema, p. 203.

monumento a Camões, que não foi levado a cabo por causa da má vontade dos governadores do reino na ausencia de D. João VI. Não é acaso esta serie de factos.

Em 1820 o primeiro compositor portuguez João Domingos Bomtempo, vivendo em Paris, onde fizera a sua educação musical, publica a celebre Missa de *Requiem «ouvrage consacré à la memoire de Camões,»* escripta para a festa da inauguração do mallogrado monumento. Balbi caracterisa Bomtempo de talento extraordinario, [1] e era esse mesmo talento que o fazia comprehender como o ideal da patria se representava em Camões. Por tudo isto vêmos, como é que Sequeira em 1823 tambem em Paris pintava o quadro da *Morte de Camões*, e Garrett escrevia o seu poema. Já no fim do seculo XVI os dois portuguezes Benito Caldeira e Henrique Garcez traduziam para castelhano os *Luziadas*, para communicarem aos extranhos entre quem viviam o seu sentimento nacional.

Todos os grandes creadores da nova phase do Romantismo, ao exemplificarem como a obra de arte é tanto mais bella e eterna quanto se funda sobre o caracter *nacional*, interpretaram a epopêa de Camões como a prova mais eloquente da sua doutrina philosophica. Schlegel, affirmando que depois de Homero, nenhum poeta excedia Camões na intuição poetica das tradições nacionaes, concluiu superiormente, que os *Luziadas* suppriam uma litteratura inteira. Raynouard, Thimoteo Lecussan Verdier, Millié, em França, celebram em odes ou traduzindo os *Luziadas*, a gloria de Camões. Em Inglaterra John Adamson, amigo intimo de Garrett, publica em 1820 as suas *Memorias de Camões*. Tudo conspirava para acordar na alma do exilado essa ideia poetica em que o symbolo mais vivo da patria se via concentrado em Camões. Garrett não teve consciencia de que obedecia mais a uma

[1] Joaquim de Vasconcellos, *Os Musicos portuguezes*, t. I, p. 21.

corrente litteraria do que a um affecto patriotico; a prova está em que depois de defender a originalidade do poema *Camões* das reminiscencias do quadro de Sequeira, continuou a defender-se de não ter imitado Lemercier, nem Ferdinand Denis: «Depois de ter o meu poemeto quasi acabado, vi extractos de uma composição de Lemercier, que algum longe de analogia poderá ter com esta: é sobre Homero. Porém é tão excentrico e extravagante em suas coisas e modo o tal Mr. Lemercier, segundo vejo de outras obras suas, que nem procurei lêl-a; sei todavia que o seu plano é diverso, e que nenhuma luz podia dar-me no meu intento.» [1]

A obra de Lemercier, a que allude Garrett, são os extractos dos poemas sobre *Homero*, e *Alexandre*, (1801) que foram publicados com a *Atlantida* em 1823, juntos com o poema *Moysés*, em quatro cantos. Lemercier foi um revolucionario da litteratura moderna, a quem succedeu Victor Hugo tanto no espirito como na cadeira da Academia; elle está ligado á nossa historia litteraria pelo seu bello drama *Pinto*, em que é heroe o grande revolucionario de 1640. Por tanto as excentricidades e estravagancias de Lemercier notadas por Garrett, denotam-nos que o poeta emigrado ainda tinha certos pontos de vista em que dominava a personalidade arcadica de Jonio Duriense. É certo porém, que pelos poemas de Lemercier, viu Garrett que nem só os nomes de cidades ou de reis serviam para titulos de poemas, e que a caracteristica do heroe consistia na individualidade. Garrett defendia a sua originalidade, porque confessando que não acceitava o *Romantismo*, cuidava que a concepção do poema *Camões* era puramente pessoal e não uma consequencia das novas ideias litterarias que viu rea-

[1] *Catalogo dos Autographos*, p. XIX. Este paragrapho é omisso no prologo de todas as edições do poema *Camões*.

lisadas em volta de si. Foi por causa d'isto, que mais outra vez defende a sua originalidade da prioridade de um trabalho do benemerito Ferdinand Denis intitulado: *Scènes de la nature sur les tropiques, et de leur influence sur la Poesie, suivie de — Camões et Joseph Indio*, publicado em Paris em 1824. Garrett escreve mais tarde, arrependido das suas reclamações: «Na primeira edição do meu poema *Camões*, que é d'esse anno, fiz a semsaboria de me pôr a dar explicações em como não tinha nada a minha composição com a do sr. Denis. Consta-me, que entendendo provavelmente mal as minhas palavras, aquelle escriptor, que tambem tem merecido da nossa litteratura, se offendeu d'ellas. Peço-lhe aqui solemne desculpa, e declaro a minha convicção intima de que, assim como eu não sabia de sua obra, nem a vira antes de publicar a minha, o mesmo estou certo que lhe acontecesse.» [1] No *Resumé de l'Histoire Litteraire du Portugal*, de 1826, escrevia Mr. Ferdinand Denis: «Lembrarei aqui, que dois mezes depois da publicação das *Scenas da Natureza sob os tropicos*, nas quaes se acha um episodio sobre a vida do grande poeta, appareceu em portuguez um poema anonymo intitulado *Camões*. Deixo a outros o cuidado de decidir ácerca do merito da obra; o auctor confessa, é verdade, que appareceu só depois de mim, mas que seis mezes antes o seu trabalho estava composto. Dois annos antes, tive eu a honra de lêr o meu episodio em presença de uma numerosa assembléa, em casa de M. Thurot, um dos professores do Collegio de França.» [2] A causa d'estes equivocos encontra-se no estado intellectual que estas palavras de Garrett descobrem: «Não sou *classico* nem *romantico*, não tenho seita nem partido em poesia, assim como em coisa nenhuma; e por isso me deixo ir por

[1] Poema *Camões*, not. I, canto IX.
[2] *Op. cit.*, p. 610.

onde me levam minhas ideias boas ou más, e nem procuro converter as dos outros, nem inverter as minhas nas d'elles.» [1] Em 1825, tanto em politica como em litteratura estava-se n'um d'aquelles momentos decisivos em que todo o homem de bem tinha fatalmente de ter uma opinião e de a sustentar; a liberdade obrigava o absolutismo a fazer concessões, e a verdade atacava as falsas macaqueações das obras da antiguidade.

O que era o poema *Camões* tratado por um *classico*, ahi o temos bem claro n'esses dois cantos em oitava rima, escriptos no fim do seculo XVII por Manuel Lopes Franco, que se guardam entre os Manuscriptos da Academia das Sciencias; basta lêr os argumentos: «Canto I. Expõe-se a materia, falla-se com o heroe que se celebra, implora-se Caliope, mostra-se Camões vaticinado; faz-se Concilio no Pindo para sahir á luz, descreve-se a determinação, etc.—Canto II. Sahe Camões á luz e celebra-se o seu nascimento; procura a Universidade de Coimbra, é illuminado das Sciencias, volve para Lisboa; referem-se os amores que teve com uma dama do paço; pondera-se a força do amor, origem toda do seu desterro.» [2] A ecloga *Cintra*, em que Faria e Sousa concentrou todas as situações da vida do grande épico é tambem uma obra *classica*. Trocar a vida real pela vazia allegoria mythologica, a linguagem de dentro pelo epitheto rhetorico, o sentimento natural pelo molde já auctorisado, por um processo assim, o assumpto o mais poetico, como as desgraças generosas de Camões, só serviu para oitavas e eclogas banaes.

Mas vejâmos agora como Garrett foi arrebatado inconscientemente pelo *romantismo*. O poema *Camões*, exprime um novo estado do sentimento; Garrett começou por tirar

[1] *Catalogo dos Autographos*, p. XX.
[2] Academia das Sciencias (G. 5; E. 21; Part. 4.)

a inspiração do meio e das circumstancias que o tocavam. Olhou em volta de si, em vez de correr atrás dos Faunos:

> Eu vi sobre as cumiádas das montanhas
> D'Albion soberba as torres elevadas
> Inda feudaes memorias recordando
> Dos Britões semibarbaros. Errante
> Pela terra estrangeira, peregrino
> Nas solidões do exilio fui sentar-me
> Na barbacan ruinosa dos castellos
> A conversar co'as pedras solitarias,
> E a perguntar ás obras da mão do homem
> Pelo homem que as ergueu. A alma enlevada
> Nos *romanticos* sonhos, procurava
> Aureas ficções realisar dos bardos.
> Murmurei os tremendos esconjuros
> Do Scaldo sabedor, — fallei aos eccos
> Das ruinas a lingua consagrada
> Dos menestreis, — Perfiz solemnemente
> Todo o rito, invoquei firme e sem medo
> Os genios mysteriosos, as aérias
> Vagas fórmas da virgem de alvas roupas,
> Que as tranças d'ouro penteando ao vento,
> Canta as canções dos tempos que passaram
> Ao som da harpa invisivel, que lhe tangem
> Os domados espiritos que a servem,
> Como o subtil Ariel, por invisivel
> Encantado feitiço.» [1]

N'estes versos, em que Garrett allude á impressão recebida das obras de Walter Scott e de Shakespeare, se vê a concepção exterior que elle formava do Romantismo; era uma especie de guarda-roupa da Edade Media e não a continuação d'essa lucta dos dialectos que procuraram fazer-se valer contra o uso exclusivo do latim classico, e agora continuar essa lucta na expressão livre do sentimento moderno. Os criticos comprehenderam muito cedo esta verdade historica; os artistas não, e teriam inutilisado o problema no ultra-romantismo, se a sciencia da historia não viesse corroborar a aspiração ao natural.

O poema *Camões*, como escreve Garrett em uma nota

1 Poema *Camões*, c. VII.

autobiographica, [1] foi quasi todo composto no verão de 1824 em Ingouville ao pé do Havre de Grace, na margem direita do Sena, indo-o acabar a Paris no inverno de 1824 a 1825; «n'uma agua-furtada da rua Coq-St.-Honoré, passavamos com os pés cosidos no fogo, eu e o meu velho amigo o sr. J. V. Barreto Feio, elle trabalhando no seu *Sallustio*, eu lidando no meu *Camões*, ambos proscriptos, ambos pobres, mas ambos resignados ao presente, sem remorso do passado, e com esperanças largas no futuro.» A amisade de Barreto Feio teve uma decidida influencia sobre a creação do poema *Camões;* n'este tempo estudava na Bibliothèque Royal o exemplar da edição de 1572 para fazer uma edição critica das obras do poeta, encetada em 1826 na casa Didot, mas que não foi por diante, porque lhe foi permittido, em virtude de novas alterações politicas, regressar a Portugal. [2] O estudo critico de Barreto Feio para a biographia de Camões, influiu n'essa parte do poema em que Garrett acceita a errada tradição de ter sido o grande epico perseguido pelo Conde da Castanheira, e de ter amado uma D. Catherina de Athayde, que não é a filha de D. Antonio de Lima. Barreto Feio, apesar da sua erudição latina, possuia o segredo de produzir enthusiasmo pelos nossos monumentos nacionaes; em Hamburgo fez elle apaixonar um negociante portuguez de secos e molhados pela reproducção do theatro de Gil Vicente! [3] A amisade de Barreto Feio e

[1] *Ibid.*, not. D, c. I.

[2] Obras de *Camões*, t. I, p. XXII. Ed. de Hamburgo, de 1834.

[3] Referimo-nos a José Gomes Monteiro, que por occasião do assassinato dos lentes de Coimbra em 1828, abandonou o terceiro anno juridico da Universidade, emigrando para Inglaterra. D'ali partiu para Hamburgo onde chegou a associar-se com o consul e negociante portuguez José Ribeiro dos Santos, auxiliando com os dinheiros da casa as edições de Camões e de Gil Vicente emprehendidas por Barreto Feio. Estes dois negociantes foram escriptores e merecem aqui uma indicação biographica. José Ribeiro dos Santos, nasceu em Villa Nova de Gaia em 1798, e viveu sempre no estrangeiro como consul portuguez, e d'elle resta um *Tratado consular;* estabelecido em Hamburgo com

de Garrett n'este periodo da emigração, tem uma certa analogia com a digressão de Lacurne de Sainte Pelaye e do presidente de Brosses na Italia; como de Brosses, Feio andava preoccupado com o estudo do seu *Sallustio*, ao passo que Garrett compenetrava-se do espirito da nossa epopêa nacional, como Lacurne desenterrava dos velhos archivos as Gestas francezas.

A publicação da versão critica portugueza das celebres *Cartas amorosas de Marianna Alcoforado*, em Paris em 1824, pelo Morgado de Matheus, o opulento editor dos *Luziadas*, era um facto que contribuia para acordar nos emigrados o sentimento nacional. No cemiterio do Père Lachaise se encontravam junto da sepultura de um outro expatriado, mas pelo intolerantismo religioso, o poeta Filinto

uma poderosa casa commercial de secos e molhados, emprehendeu uma expedição scientifica e commercial á Africa, que mereceu ser historiada em um livro por um escriptor allemão que o acompanhava. Na sua ausencia, a casa de Hamburgo suspendeu pagamentos com um passivo de mais de duzentos contos de réis, e ao receber em Angola esta noticia, morreu fulminado a bordo do seu navio *Vasco da Gama*, a 13 de fevereiro de 1842. (Vid. a sua biographia no *27 de Janeiro*, n.º 13, de 1842, Porto, por José Feliciano de Castilho. Bibl. Nacion., Coll. de jornaes, A, 130.)

José Gomes Monteiro nascera tambem no Porto, em 1807; entrou aos dezeseis annos para os cursos de leis e canones da Universidade, fugindo de Portugal, como já dissemos, em 1828. Não tinha a illustração sufficiente para cooperar nas edições de Gil Vicente e de Camões, na epoca em que ellas appareceram. Do trabalho sobre os *Luziadas* falla Garrett referindo-se a Barreto Feio; no trabalho sobre Gil Vicente o auctor allude a outros escriptos anteriores, e n'este caso só estava o erudito Barreto Feio; por tanto o nome de José Gomes Monteiro n'essas edições foi uma como compensação á sua coadjuvação pecuniaria. José Gomes Monteiro, depois da fallencia de Hamburgo, voltou ao Porto, onde exerceu algum tempo o cargo de recebedor de fazenda no bairro de Cedofeita. Os seus trabalhos litterarios resumiram-se a uma traducção frouxa de poesias allemãs, *Eccos da Lyra teutonica*, uma Carta a Thomaz Northon sobre a *Situação da Ilha dos Amores*, baseada sobre um criterio errado, e um volume inedito sobre a realidade historico-allegorica da novella do *Amadis de Gaula*, que em outro logar apreciámos. Attribue-se-lhe uma novella em prosa intitulada *Crisfal e Maria*, que chegámos a vêr, mas não tem o menor merecimento. Foi nos fins da sua vida gerente da livraria Moré, tendo por esse motivo de defender uma traducção portugueza do *Fausto* feita por Castilho. Falleceu a 12 de julho de 1879. Dizia possuir bastantes cartas de Garrett.

Elysio, que Lamartine celebrára em uma sentidissima elegia. Outros, como o Dr. Antonio Nunes de Carvalho, adoçavam as agruras do desterro fazendo investigações nas bibliothecas de Paris e Londres para copiarem os extraordinarios monumentos da litteratura e da historia de Portugal ali archivados.

O poema *Camões* publicou-se em 1825, em Paris, anonymamente, á custa de Antonio Joaquim Freire Marreco, a quem Garrett chama:

> Certo amigo na angustia, que aos tormentos
> Mirradores, que a vida me atrasavam
> Adoçaste o amargor, e com benigna
> Dextra cravaste a roda do infortunio
> Cravo que o gyro barbaro lhe empeça...
> A ti minhas endeixas mal cantadas...

As condições particulares em que Garrett escrevia, imprimiram no poema *Camões* um tom elegiaco tão constante, que lhe dá o movimento subjectivo de uma longa ode. A sua feição lyrica obriga-o a divagar nas descripções, em vez de seguir a marcha natural do poema, que é narrativa. Garrett trabalha sôbre dois factos que a vida de Camões lhe ministra: a chegada a Portugal em 1570 depois de dezesete annos de ausencia, e a sua morte depois do desastre de Alcacer-kibir. Esta realidade excede toda a poesia. Entre estes dois extremos, Garrett preferiu inventar todas as situações do poema. Como o fez elle? A sua tendencia lyrica o explica; recolheu-se na esteril contemplação melancholica, em vez de procurar a realidade para vêr o que ella tinha de ideal. Sigamos a marcha do poema: a acção começa com a chegada do galeão, em que o poeta regressa, ao porto de Lisboa; entram no escaler os passageiros, Camões e um missionario. Quando o escaler larga, é que se notam os choros de um escravo que ficára a bordo; era Antonio, o jáo, amigo de Camões. O poeta insta com o

mestre para que atraque de novo para tomar o seu escravo, o mestre alterca, seguem-se bravatas entre ambos, e o missionario intervem com a sua doçura e consegue que o escravo seja trazido para terra. Os passageiros chegam a terra, cada qual se dispersa, e Camões embrenhando-se pela cidade com o escravo ao acaso, é convidado pelo missionario para pernoitar no mosteiro da sua ordem. Camões dá alguns pardáos ao jáo para procurar albergue, mas o missionario não o consente, e vão todos caminho do mosteiro. É esta a diminutissima acção do primeiro canto, todo dispendido em effusões lyricas. Não tem recursos epicos; é falsa a scena do desembarque, crú o abandono do jáo na cidade para elle desconhecida. E comtudo a realidade historica excede a maior epopêa: Camões chegava á patria, depois de ter perdido no mar, e quasi á vista de Lisboa, o seu grande amigo e poeta, o valente Heitor da Silveira; Lisboa estava quasi deserta, apesar de estar enfraquecida a immensa mortandade da chamada *Peste grande* de 1569; e as portas da cidade estavam guardadas pelos honrados da terra para que não entrasse ninguem doente. Pelas ruas marchavam lugubremente, e com gritos fervorosos e resas hallucinadas, as procissões de penitencia e de acção de graças. É entre esse ruido que Camões desembarca; é entre esse tropel medonho, arrastado por um inexplicavel sabbath, que o poeta pergunta a si mesmo se desembarcou em Lisboa, e vae ao acaso a vêr se descobre a antiga casa humilde de seus paes no bairro da Mouraria, onde encontra ainda viva sua mãe, *«muito velha e muito pobre.»*

Tal é o bello canto que a realidade historica nos revela ter sido este momento da vida de Camões. O canto de Garrett é tenue e descolorido, apesar de toda a sua elevação lyrica.

O canto II do poema *Camões* é theatral, é um d'estes qua-

dros de libretto. Quando os tres se dirigiam para o mosteiro, ouvem dobre de sinos, ais carpidos; e brandões funereos rompem a escuridade da noite. O jáo toma como máo agouro o encontro do saímento; Camões por um presentimento aziago entra no mosteiro; com um movimento desencontrado do féretro, desprende-se do cadaver uma grinalda de rosas que vem cair a seus pés. Camões aproxima-se, vae para vêr quem seja; é uma donzella, amortalhada em vestes candidas, Natercia! Os eccos do templo repetem o nome de Natercia, e o poeta cae sem sentidos em terra.

O caracter theatral d'este canto, resente-se das impressões que em Inglaterra recebera Garrett ao vêr representar as tragedias de Shakespeare; Camões entra em Lisboa, como Hamlet no cemiterio; Hamlet vê aproximar-se um saímento rico e apparatoso, confunde-se na multidão para vêr quem era... «Ah! a minha bella Ophelia! Eu amava Ophelia; as affliçṍes de quarenta mil irmãos todas juntas não egualavam a minha.»[1] É então que Hamlet cae em um mysterioso accesso de furia. A grinalda que Ophelia tecia ao cair na corrente, é essa que aqui róla da cabeça de Natercia e vem cair aos pés de Camões. Póde-se imitar uma scena d'estas, mas não é descrevendo; e Garrett em vez de dar aos seus personagens essas fallas que são relampagos da consciencia, limitou-se ao verso descriptivo.

Garrett pairava no vago da imaginação, porque lhe faltava o apoio historico; Camões chegava á patria em 1570, e desde 1556 que D. Catherina de Athayde era morta. O poeta, como é sabido, tem a liberdade do anachronismo, mas aqui a realidade ultrapassa em bellesa todos os artificios da imaginação: Camões ao chegar a Lisboa, encontra viva sua velha e pobre mãe D. Anna de Sá; o filho tam-

[1] *Hamlet*, acto V.

bem se lhe apresenta pobre e exhausto de forças pelos rudes trabalhos da guerra e dos mares. A casa é humilde, e mal tem onde recolher o bom Antonio, o escravo jáo. A mãe conta-lhe os longos terrores da *peste grande*, e o poeta narra-lhe os naufragios e prisões, os seus desalentos, e como no meio de todos os desastres esperava trazer da India para a sua patria o maior thesouro, um thesouro eterno. Tral-o comsigo, através de todos os accidentes inopinados da sorte que lh'o quiz tirar. É o poema dos *Luziadas*. A boa mãe sorri-se amargamente d'aquella alma sempre generosa e imaginativa. Dias depois Camões recebe um bilhete de uma dama do paço; conhece a lettra; era da formosissima D. Francisca de Aragão, que nos tempos em que frequentava a côrte lhe pedia versos. O que será?

Mas deixemos este elenco rigorosamente historico, para proseguirmos na ficção de Garrett. No canto III do poema *Camões*, o poeta volta a si e acha-se recolhido na cella do missionario, com o jáo velando-lhe cuidadoso. É então que o missionario lhe falla, e Camões reconhecido promette contar-lhe o motivo do seu desmaio. Narra-lhe os combates em Ceuta e no Estreito, como perdeu um olho batendo-se contra os piratas e defendendo seu pae. Volta á côrte e apaixona-se por uma filha do Conde da Castanheira, o terrivel valido de D. João III; pensando em merecel-a entra no Mosteiro de Belem, recolhe-se em contemplação junto á sepultura de D. Manuel, e foi ali que o genio da patria lhe inspirou a empreza que encheu a sua vida. Foi ali que teve a primeira ideia do poema. Quando ia n'esta parte da narração, interrompe-o um mensageiro com uma carta mysteriosa e anonyma, que o convida para comparecer como cavalleiro em uma dada hora e em um dado sitio em Cintra.

No canto IV, prosegue a narração até chegar á historia dos seus amores com Natercia, e como ella mesmo lhe pe-

diu que fosse engrandecer-se nas armas; narra a partida, a viagem tempestuosa, o desterro de Macáo, e como está finalmente na patria tendo realisado a obra do seu pensamento, mas vendo ao mesmo tempo o naufragio de todas as suas esperanças. Antes de partir para o praso mysterioso de Cintra, entrega o seu poema ao missionario para lh'o guardar. Esta situação faz lembrar, ou, talvez foi suscitada pelo episodio da vida de Dante, quando desterrado de Florença entrou no Mosteiro de Santa Croce-del-Corvo, e depois de ter ali encontrado a paz no bom prior Fra Hilario, lhe confiou á sua guarda o deposito da *Divina Comedia*.

O canto v é todo subjectivo e elegiaco; Camões vae a Cintra, e todos os sitios recordam as horas dos seus amores, as passadas illusões; é este canto o que menos acção apresenta, e o que é mais lido e repetido, principalmente pelo retornello:

> Rosa de amor, rosa purpurea e bella,
> Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

Depois de uma prosopopêa á gruta de Macáo, soidão querida, onde o poeta passou dôces horas de tristesa, exalta Cintra, como estancia amena e throno da vecejante primavera. Camões perde aqui o seu typo energico da lucta e declama como um scismador melancholico. É no meio d'este desalento, que o interrompe a voz do missionario, consolando-o, dizendo que lhe obteve uma audiencia de el-rei D. Sebastião:

> — «Mas o livro?
> «Á côrte
> Vim por elle e por vós; commigo o trouxe.

O canto vi é uma longa divagação descriptiva baseada em emoções da historia de Portugal; a acção resume-se no empenho de D. Aleixo de Menezes conseguir do joven monarcha uma audiencia ao poeta para lhe lêr os *Luziadas*. O

canto VII é uma effusão lyrica sobre o *bon vieux temps*, em que Garrett esboça os sentimentos do romantismo; descreve a anciedade dos pretendentes, e como o monarcha e a côrte vão ouvir lêr o poema em uma gruta de Cintra; a leitura é narrada minuciosamente pondo em verso a summa dos cantos dos *Luziadas*, com um ou outro *centão* mais pittoresco. O canto VIII enche-se com este mesmo processo, e sem outro movimento. O canto IX é egualmente pobre de acção: o rei fica maravilhado com os *Luziadas*, não sabe como reconhecer esse prodigio, e pede ao poeta que torne a vêl-o. Camões sae; narra-se a falsa tradição da morte de Bernardim Ribeiro divagando solitario na serra de Cintra, e é n'estas alturas que se torna effectiva a carta mysteriosa: Camões vê-se frente a frente com um Conde, que se declara seu inimigo e que o odeia como rival! Quando Camões ia para cruzar a espada, o Conde declara que não póde erguer ferro para o homem que foi amado pela mulher que elle adorou; que o convidou para vir ali para lhe entregar o retrato de Natercia, porque é um legado de honra que ella lhe pediu antes de morrer. Diante de tamanho cavalheirismo, Camões restitue-lhe o retrato, os odios tornam-se ali em convicta amisade, e choram juntos o objecto que ambos amaram. Camões volta a Lisboa, onde já corre entre doutos e indoutos o seu livro. Esta ideia do legado de honra é perfeitamente á d'Arlincourt; á d'Arlincourt, o dizemos, porque em 1827 Garrett escrevia no *Chronista*, que d'Arlincourt era a segunda celebridade da Europa depois de Walter Scott. No canto X descreve-se Camões na mais atroz indigencia; D. Aleixo de Menezes já não tem influencia na côrte; vê-se a faina da partida do exercito para Africa, e Camões despede-se sobre a praia do missionario que se tornára o seu maior amigo. Depois da partida da expedição, o poeta caminha com o seu escravo Antonio, que pede esmola, as forças alquebram-se-lhe, vem-lhe o tedio

da vida e adoece. É n'esta situação que um mensageiro o procura; é o Conde, que fôra outr'ora seu inimigo, que lhe traz uma carta do missionario, que está no captiveiro de Fez, e em que lhe conta os pormenores da derrota de Alcacer-kibir; Camões ouve lêr, e quando chega ao ponto culminante da catastrophe expira, dizendo que—ao menos morre com a patria. Este lance sublime na verdade da tradição historica, está aqui apoucado ás molas theatraes, perde a sua grandeza, torna-se convencional e recortado.

O poema *Camões* é só isto, com versos frequentissimamente quebrados nos seus hemistychios, para dar um certo movimento á descripção e encobrir a immobilidade da acção; é como uma serie de odes de Philinto, intercortadas por poucos dialogos, e ligadas por um interesse scenico. Os juizos litterarios que existem sobre este poema são ainda as primeiras impressões produzidas pelas leituras de 1825, que têm dominado as novas opiniões até hoje. Nós mesmo nos surprehendemos da differença que vae do nosso pasmo religioso de 1859 á nossa ratificação presente das antigas impressões. A verdadeira obra do genio é a que resiste á ratificação do sentir de cada individuo e de cada epoca. Tudo o mais é obra de occasião, um accidente na historia da intelligencia; n'este plano secundario, o poema *Camões* é do melhor que entre nós produziu o Romantismo. O seu intuito *nacional* tornal-o-ia sagrado, se por ventura o poema tivesse propagado o ideal da patria. Mas não; o amor da patria, a tradição nacional, levou uma direcção errada, converteu-se n'isso que em França, n'esta mesma epoca dos Romanticos, se chamava o *chauvinismo*. (Vid. p. 89.)

Depois de ter feito notar a deficiencia de acção no poema *Camões*, façâmos como Fauriel ao criticar a tragedia de *Carmagnola* de Manzoni, apresentando as condições vitaes para uma outra idealisação. Interrompemo-nos no momento em que o poeta recebe a carta de D. Francisca de Aragão; era

esta dama formosissima e princeza a que mais distinguira Camões na epoca em que floresceu na côrte de D. João III, pedindo versos sómente a elle e despresando todos os outros poetas. Camões cumpre o mandado da illustre dama; era para communicar-lhe algumas palavras de D. Catherina de Athayde, que lhe ouvira antes d'ella morrer no paço: que se um dia Camões voltasse á patria, lhe dissesse que sempre o tinha amado, e que o seu amor a matava. Camões recolhe-se dilacerado e adoece; D. Manuel de Portugal, sabendo da sua intimidade com D. Francisca de Aragão, reata a antiga amisade e promette apresental-o a D. Sebastião para dedicar-lhe o poema. Emquanto o poeta está doente visitam-no os seus antigos inimigos disfarçados e roubam-lhe o *Parnasso*, pensando que lhe subtraíam os *Luziadas*. Quando Camões dá pelo roubo, ergue-se a custo e caminha trémulo para o paço: ia offerecer o seu poema ao rei para o salvaguardar; D. Manuel de Portugal encontra-o e acompanha-o. Vencidas as delongas do Santo Officio, apparecem os *Luziadas;* emquanto o poeta o ia revendo, o jáo cae doente de nostalgia; é o poeta que vella á sua cabeceira, como se conta tambem de Miguel Angelo. As intrigas trabalham contra o poeta, e decidida a expedição de Africa, Bernardes é preferido a Camões para escrever a epopêa do futuro triumpho. Chegada a noticia da derrota de Alcacer-kibir, Camões cae doente; agrupam-se em volta d'elle todos os que seguiam o partido da independencia nacional. Mas o exercito de Philippe II caminha sobre Portugal, e é então que o poeta expira para não vêr a patria escrava. Philippe II ao entrar triumphante em Portugal, quer vêr Camões, engrandecel-o; disseram-lhe que morrera proclamando que acompanhava a patria. Morrera como Sadi; a sua morte hade perturbar para sempre aquelle triumpho.

É isto o que dá o simples esqueleto da historia com leves modificações que pertencem á liberdade artistica. Esta se-

ria a acção verdadeiramente epica de um poema sobre *Camões*, porque elle foi epico na sua individualidade, e não um apathico e melancholico scismador, como os *Adolphos* e os *Obermans* do Romantismo. A historia convence-nos de que a poesia é uma realidade, e que o ideal é a generalidade do real. [1]

A melancholia vaga do typo de *Camões* de Garrett explica-se tambem pela relação intima da obra com o auctor; fallando dos annos da emigração, escreve Garrett: «Passei ali cêrca de dois annos da minha primeira emigração, tão só e tão consummido, que a mesma distracção de escrever, o mesmo triste gosto que achava em recordor as desgraças do nosso grande genio, me quebrava a saude e destemperava mais os nervos. Fui obrigado a interromper o meu trabalho: e dei-me, como indicação hygienica, a composição menos grave. Essa foi a origem de *D. Branca*, que fiz, seguidamente e sem interrupção, desde julho até outubro d'esse anno de 1824, completando-a antes do *Camões*...» [2] No poema de *D. Branca* já Garrett teve em vista imitar o digressivo byroniano; esta sua feição poetica não é menos interessante. Para bem a conhecer temos algumas notas autobiographicas publicadas pelo actual possuidor do *Catalogo dos Autographos* de Garrett. São os fragmentos de uma carta a Duarte Lessa; eis a parte essencial:

«Agora em linguagem chã e corrente: lembra-se d'aquellas nossas conversas sobre antigualhas portuguezas e o muito que d'ellas se podia aproveitar, quem de nossas legendas e velhas historias e tradições fizesse o que tem feito Inglezes e Allemães, que é, vestil-as dos adornos poeticos

1 Acaba de publicar-se em Paris uma tradução em prosa do poema, com o titulo: *Camões, poëme traduit du portugais, avec une introduction et notes par* Henri Faure, *ouvrage orné du portrait de Garrett.* Paris, 1880, in-8.º de XLV —221. É uma edição primorissima. A linguagem em prosa dá um grande relevo á *sensiblerie* da epoca em que Garrett escreveu.

2 Not. D. do canto I.

e sacudir-lhes a poeira do esquecimento com assisada escolha e apropriado modo? Pois desde então, (e já de mais tempo me fervia isto na cabeça) não fiz senão pensar no geito com que me haveria para armar assim uma coisa que se parecesse, mas que de longe, com tanta coisa boa que por cá ha por estas terras de Christo, e que pelas nossas, de tão ricos que sômos, se esperdiçam e andam a monte por desacerto de lettrados e barbaridade de ignorantes.

«Acertou de vir ás minhas mãos um livro portuguez, que para mim foi achado aqui.... Eram as Chronicas de Duarte Nunes: apesar de já lidas e relidas, me deitei a ellas como esfaimado, e lendo e escrevinhando, segundo é meu achaque, deparei na Chronica de D. Affonso III, com a relação da conquista do Algarve; e ao pé logo, em mui concisas palavras, a historia da infante D. Branca, filha d'aquelle rei —que foi senhora do mosteiro de Lorvão, d'onde foi mandada para abbadeça do mosteiro de Holgas de Burgos, que é o mais nobre e mais rico mosteiro de freiras que ha em Hespanha... Com esta infante teve amores um cavalleiro... do qual pariu um filho...

«Deu-me no gôto esta historia; e como lhe não vi impossibilidade poetica, assentei de a ligar com a conquista do Algarve, e fazer d'ahi poema, romance, ou o que mais queiram chamar-lhe, porque de nomes não disputo, e muito menos de nomes dos meus rapazes.

«Ora eis ahi o argumento e origem. *D. Branca* é portanto um personagem historico, e não menos o são D. Payo, mestre de Santiago, e Aben-Afan, rei de Silves, cujo reino dilatei eu por todo o Algarve, que entre diversos reisinhos e principesinhos estava repartido. Nem me pareceu demasiada licença poetica, mórmente em nossos dias, que muito maiores as estamos vendo, e em boa prosa, que não em verso.

«Historica é tambem a caçada e fatal combate das Antas,

em que ficaram mortos os seis cavalleiros de Santiago e o mercador Garcia Rodrigues, defendendo-se até á ultima como homens que eram. Por ventura haverá ahi quem ache este caso ainda mais *poetico;* mas é pura verdade, tal qual a conta Duarte Nunes; e bem o creio eu, que os nossos mercadores d'aquelle tempo, sabiam tanto do covado como da espada, nem se deixavam insultar de cavalleiros com medo de fanfarronadas ou calotear de senhoras a troco de cortezias.

«Não ha lá princezas mouras, no que diz a Chronica; porém metti-lh'as eu, que tambem sou chronista em... minha casa; e uns por outros, Deus sabe quem mais mente, se os poetas, se os chronistas. A ida da rainha D. Beatriz a Castella para a concessão do Algarve é igualmente historica; e emfim, até as brucharias de Frei Gil não são fabulas, pelo menos da minha cabeça. Frei Luiz de Sousa, na Historia de S. Domingos, nos refere miudamente suas feiticerias, pacto com o diabo, e mais coisas, que servem de fundamento ás que imaginei: finalmente sua milagrosa conversão e exemplar penitencia, que Deus permitta sirva de exemplo a todos os nicromantes, bruxos, feiticeiros e encantadores.» [1]

Á parte este estylo da graça portugueza, que ainda se prende com os dichotes de Antonio José, os fragmentos da carta a Duarte Lessa deixam-nos claro a origem do poema *D. Branca*, os seus elementos tradicionaes e poeticos e a intenção do auctor. A concepção do poema saiu de uma leitura, ou antes de um paragrapho da Chronica de D. Affonso III de Duarte Nunes; mas tratar uma tradição nacional não é pôr em verso o que está na prosa ingenua dos chronicons, e muito menos phantasiar á vontade tecendo suppostas lendas. A arte interpreta as tradições nacionaes inspi-

[1] *Catalogo dos Autographos*, p. XXII.

rando-se d'ellas, restituindo-lhes a vida primitiva, as suas côres, interessando-nos, fazendo-nos solidarios com o passado, que é em que consiste o vinculo mais forte da nacionalidade. Era assim que Oelensgleger e Rükert trataram as tradições suecas e germanicas. Garrett leu essas linhas maliciosas da Chronica e pôl-as em verso á sua guisa, como o compositor que no repente melomanico submette ao contraponto as rubricas da opera. *Com esta infante teve amores um cavalleiro*... D'aqui saía completamente toda a verdade e toda a vida da tradição; era preciso estudal-a antes de interpretal-a. Para que inventar uns amores com o mouro Aben-Afan? Na côrte de Affonso III estava em moda o gosto poetico provençalesco da côrte de S. Luiz, que ali aprenderam a imitar os fidalgos que se refugiaram em França por occasião das luctas com D. Sancho II. Eram estes trovadores os que se apaixonavam pelas princezas; em França o tinham aprendido com o exemplo recente do Conde de Champagne por Branca de Castella. Vendo com esta luz a tradição portugueza, encontramos essas notaveis palavras do Marquez de Santillana ácerca de João Soares de Paiva, trovador da côrte de D. Affonso III: «Avia otras (obras) de Johan Soares de Pavia *el qual, se dice aver muerto en Galicia por amores de una infanta de Portugal.*» [1] Como provámos no estudo da escola provençal portugueza, [2] João Soares de Paiva é esse trovador da côrte de D. Affonso III. Com a tendencia lyrica de Garrett, era este um melhor protogonista para o poema de *D. Branca*, mais verdadeiro, mais nacional. Que mundo de sentimentos se lhe revelava só n'esta palavra trovador! Esses receios e segredos do namorado; essas remotas allegorias á dama dos seus pensamentos e occultando sempre o seu nome; essas lendas ter-

[1] *Trovadores galecio-portuguezes*, p. 101 e 102.
[2] Carta ao Condestavel, § XV.

riveis como da dama de Fayel ou de Cabestaing; esses votos denodados; emfim todas as aventuras da terra santa e das biographias do Monge das Ilhas de Ouro! Este é que seria o poema nacional, do tempo de D. Affonso III, o que nos restituiria á vida uma epoca e a tornaria conhecida e amada fóra do dominio da erudição. Ignorando esta realidade poetica, Garrett estragou as tradições épicas da conquista do Algarve com o syncretismo de uma imaginação mal dirigida. O episodio de Frei Gil, o typo do nosso *Fausto portuguez*, está tambem mal aproveitado no poema; Garrett não comprehendeu esta lenda, que por si dava um bello e grande poema, e inutilisou-a em um episodio. Basta lembrarmo-nos de que o *Fausto* se perde irremediavelmente nas lendas allemães, inglezas, francezas, italianas e hespanholas, e que se salva na tradição portugueza por intercessão da *Virgem*, esse *feminino eterno* de Goëthe, com que salva o Doutor pelo pantheismo da arte no fim do seculo XVIII. É inutil dizer aqui o modo de reconstruir sob a intelligencia da philosophia e da arte a tradição do *Fausto portuguez;* este titulo mostra até que ponto Garrett não soube comprehendel-a. Levado ainda pelo respeito de Filinto, [1] e impressionado pelo *Oberon* de Wieland, traduzido pelo foragido do Santo Officio, imitou a procissão grotesca dos frades e das nonas no cerimonial disciplinar da distribuição da pósta de toucinho chamada a *Tremenda*. Qualquer dos contos populares de frades lhe dava uma peripecia mais caracteristica dos velhos costumes. Foi justamente este o episodio que mais quadrou ao gosto do publico e o lado por onde todos conhecem o poema de *D. Branca.*

Já no fim da vida, Garrett comprehendeu que se não soubera aproveitar da lenda de Frei Gil; nas *Viagens na mi-*

[1] A primeira edição de *D. Branca* traz as iniciaes F. E., com a intenção de submetter o gosto autoritario do publico a esta obra attribuida a Filinto Elisio.

nha terra escreve: «Algures lhe chamei já o nosso Dr. Fausto: e é com effeito. Não lhe falta senão o seu Goëthe... Nós precisamos de quem nos cante as admiraveis luctas — ora comicas, ora tremendas do nosso Frei Gil de Santarem com o diabo. O que eu fiz na *D. Branca* é pouco e mal esboçado á pressa. O grande mago lusitano não apparece ali senão episodicamente; e é necessario que appareça como protogonista de uma grande acção, pintado em corpo inteiro, na primeira luz, em toda a luz do quadro... Lembra-me que sempre entrevi isto desde pequeno, quando me faziam lêr a historia de S. Domingos, tão rabujenta e semsabor ás vezes, apesar do encantado estylo do nosso melhor prosador; e eu que deixava os outros capitulos para lêr e relêr sómente as aventuras do santo feiticeiro que tanto me interessavam.» [1]

Estas revelações mostram-nos até que ponto o ter sido embalado com as tradições nacionaes fecunda o genio e a predisposição artistica. Á medida que Garrett avançava na sua carreira litteraria o amor pelas tradições portuguezas afervorava-se n'elle. É por isso que a sua terceira obra da emigração foi a *Adozinda*, poemeto trabalhado sobre o romance popular da *Sylvaninha*. As condições d'este trabalho, intimamente ligado á vida do auctor, encerram a melhor parte da sua educação intellectual. Discutindo o valor poetico das tradições nacionaes com Duarte Lessa, que o fortalecia no plano de tirar d'esses elementos perfeitas obras de arte, Garrett dedicou-lhe a sua primeira tentativa da *Sylvaninha*. Em uma carta, em que expõe algumas observações superficiaes sobre as phases da poesia popular portugueza, faz uma pequena recapitulação dos seus trabalhos tentados segundo o novo espirito romantico: «No meu poemasinho de *Camões*, aventurei alguns toques, alguns longes

[1] *Viagens na minha terra*, t. II, p. 141.

de estylo e pensamentos, annunciei para assim dizer, a possibilidade da restauração d'este genero, que tanto tem disputado na Europa litteraria com aquell'outro, e que hoje coroado dos louros de Scott, de Byron e de Lamartine, vae de par com elle, e, não direi vencedor, mas tambem não vencido.

«*D. Branca*, essa mais decididamente entrou na lice, e com o alahude do trovador desafiou a lyra dos vates; outros dirão, não eu, se com feliz ou infeliz successo.» [1]

Do intuito da *Sylvaninha*, diz: «Creio que é esta a primeira tentativa que ha dois seculos se faz em portuguez, de escrever poema ou romance, ou coisa assim de maior extensão, n'este genero de versos pequenos, octosyllabos ou de redondilhas, como lhe chamavam d'antes os nossos.» [2] Via a poesia popular por este caracteristico exterior, e em vez de a estudar explicando-a pela ethnologia da raça, tratou de contrafazel-a na *Adozinda*. Garrett já a este tempo citava os trabalhos de Grimm, mas não comprehendeu esta profunda observação d'esse sabio: «O homem que quer fazer isoladamente e tirar poesia popular do seu sentimento proprio, erra quasi sempre, poder-se-ia dizer inevitavelmente, n'esta empreza que se propoz desempenhar; raramente ou não fica áquem ou além da justa me-

[1] Lê-se em um artigo de Herculano, *Qual o estado da nossa Litteratura:* «Mas a Portugal não coube o figurar n'esta lide (do Romantismo): A parte theorica da litteratura ha vinte annos que é entre nós quasi nulla: O movimento intellectual da Europa não passou a raia de um paiz onde todas as attenções, todos os cuidados estavam applicados ás miserias publicas, e aos meios de as remover. Os poemas de *D. Branca* e *Camões*, appareceram um dia nas paginas da nossa historia litteraria sem precedentes que os annunciem; um representando a poesia nacional, o *romantico;* outro a moderna poesia sentimental do norte, ainda que descobrindo ás vezes o caracter meridional de seu auctor. Não é para este lugar o exame dos meritos ou demeritos d'estes dous poemas; mas o que devemos lembrar é que elles são para nós os primeiros e até agora os unicos monumentos de uma poesia mais liberal do que a dos nossos maiores.» (*Repositorio litterario*, de 15 de outubro de 1834.)

[2] *Romanceiro*, t. I, p. 4. Ed. 1853.

dida das cousas; ou não a alcança ou a ultrapassa.» As expressões d'essa insondavel eloquencia do povo, reduziram-se na *Adozinda* á phrase elegante e conceituosa; os breves mas fundos traços com que na *Sylvaninha* se colloca a acção, na *Adozinda* converteram-se no descriptivo demorado, paysagista, supprindo por estes retratos do mundo exterior a impossibilidade de vêr para dentro do mundo da consciencia. As narrações, que são a acção e a explicam, ampliam-se no dialogo theatral e de effeito. Portanto, a *Sylvaninha* é uma temivel pedra de toque para a *Adozinda;* uma é a verdade, a outra a convenção, uma a natureza, a outra o artificio, uma a espontaneidade e a outra o esforço. O que ha de bello na *Adozinda*, pertence ao fundo popular; mas a ingenuidade popular nunca póde ser contrafeita, por isso Garrett não attingiu essa justa medida de que falla Grimm. [1]

Almeida Garrett vivia com parcos meios durante a primeira emigração, sem se aproveitar do indulto de 5 de junho de 1824; porém sua mulher D. Luiza Candida Midosi entendeu requerer em fevereiro de 1825 em nome do marido para que lhe fosse concedido regressar a Portugal. Foi o requerimento a informar á Intendencia geral da policia, e na morosidade da informação morreu repentina e mysteriosamente o sordido D. João VI, a 10 de março de 1825, deixando a regencia a sua filha D. Isabel Maria; só em 24 de maio de 1826, é que a Intendencia respondeu que não havia inconveniente em permittir a entrada do proscripto, referindo-se a Garrett com as phrases da mais degradante compaixão. Garrett desconheceu esses documentos secretos da policia, senão nunca teria acceitado um tão ultrajante perdão; [2] a unica cousa que seria a honra do poeta, elle pro-

[1] Esta parte do trabalho de Garrett, continuada no *Romanceiro*, ficou estudada no cap. VII das *Epopêas Mosarabes*.

[2] Reproduzimos aqui esses ignorados documentos copiados do Archivo da Policia, hoje na Torre do Tombo:

«Por aviso de 22 de fevereiro do anno proximo passado (1825) foi sua ma-

prio foi o primeiro a contraditál-a; n'esse documento datado de 24 de maio, se lê: «O bacharel João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, arrebatado pelas ideias do tempo, pela verdura dos annos e pelos excessos de uma ima-

gestade, que Deus tem em gloria, servido mandar ouvir esta Intendencia sobre o requerimento do bacharel João Baptista da Silva Leitão d'Almeida Garrett, em que pretendia voltar a este reino, d'onde por motivos politicos se achava expatriado. Pela informação que inclusa levo por copia á presença de v. ex.ª foi julgado incompativel com a publica segurança o regresso do supplicante, considerando-se perigosa pelos motivos na mesma informação ponderados, a sua existencia em Portugal: Continua por tanto o seu exterminio até agora em que apparece de novo sua desgraçada consorte, implorando a regia clemencia de sua magestade, e invocando a sempre saudosa e respeitavel memoria da beneficencia do fallecido soberano sobre a sua desventurada situação: fundamenta o seu direito á consideração de sua magestade, em principios que as circumstancias do tempo e mesmo as do supplicante hoje fazem mudar de figura a sua pertenção.

O bacharel João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, arrebatado pelas idéas do tempo, pela verdura dos annos, e pelos excessos de uma imaginação ardente, foi como outros muitos (hoje restituidos aos patrios lares) um sectario fogoso dos principios democraticos, que vogaram durante o fatal periodo da Revolução, e que infelizmente hallucinaram as cabeças dos incautos e inexpertos: restaurada porém a monarchia, se retirou de Portugal immediatamente, temendo que uma vingança sanguinaria surgisse d'entre nós, sacrificando tantas victimas, quantas os sectarios do systema constitucional: desvanecido porém este terror á vista das indubitaveis demonstrações de clemencia e piedade com que o augusto soberano, que Deus tem, procurou conciliar os animos dos seus vassallos, olhando mais como effeito de erro do que da maldade, os desvarios da maior parte d'elles. O supplicante regressou por isso á sua patria, donde depois da insinuação da policia, que o julgou perigoso, foi obrigado a sair; e isto antes do regio indulto de 5 de junho de 1824: apparecendo porém este, não foi o supplicante comprehendido nas suas excessões; e não tendo os seus anteriores excessos feito objecto de processo que o condemnasse, foi o supplicante, como muitos, perdoado, e foram portanto relevados os seus desvarios pelo dito decreto de amnistia, em que foi incluido, procedendo unicamente de cautellas da policia a sua expatriação depois do mencionado indulto. E tendo por isso experimentado até agora como castigo dos seus erros, todos os rigores do exterminio e da indigencia; á vista de cujos soffrimentos unicos fructos que o supplicante tem colhido e visto colher a Europa inteira das desorganisadas theorias de que foi sectario, é de esperar que desenganado pela experiencia e atenuado de trabalhos, haja mudado de principios, filhos da inexperiencia e fogo da mocidade, como bem persuade o silencio que elle na sua emigração tem guardado, abstendo-se de imitar e seguir o systema dos outros que não tem cessado de escrever e propagar principios sediciosos; e então não ha motivo para que o supplicante seja excluido da regia clemencia, de cujos effeitos ainda não ha gosado, quando outros, pelo menos em identicas circumstancias, tem aproveitado; não sendo por isso tanto para

ginação ardente foi como outros muitos (hoje restituidos aos patrios lares) um sectario fogoso dos principios democraticos, que vogaram durante o fatal periodo da Revolução...» No fim da sua vida escrevia Garrett esta deploravel pagina

temer o seu regresso, quando em outro tempo se julgou na informação inclusa, não só pela mudança muito provavel do supplicante, mas até mesmo pelo estado actual dos povos, em cuja maioria existe a convicção dos perigos e males certos que as Revoluções constantemente acarretam sobre elles; sendo mui difficil que um homem sem preponderancia e sem fortuna lhe pudesse fazer reviver principios contra os quaes a experiencia tanto os ha prevenido.

Á vista pois das rasões expostas, julgando mudadas as circumstancias que ditaram a primeira citada informação, parece-me não ser o supplicante indigno da real clemencia, para obter o regresso que implora, depois de longos soffrimentos; julgando entre tanto util medida da policia o obrigar a assignar termo de conformar á ordem legitimamente estabelecida a sua conducta e os seus principios, ficando por isso debaixo da vigilante inspecção da policia, para contra elle proceder irremissivelmente logo que afastando-se dos seus deveres se torne por isso indigno da regia beneficencia, a que se acolhe, e merecedor de severa justiça, que deverá punir qualquer reincidencia dos seus excessos.

É quanto se me offerece informar a v. ex.ª sobre o requerimento de D. Luiza Candida Midose de Almeida Garrett, em cumprimento do aviso de 9 do corrente. O que tenho a honra de levar á presença de v. ex.ª para o fazer presente ao governo d'estes reinos, que determinará o que for servido. Deus guarde etc. Ill.mo e ex.mo sr. Fernando Luiz Pereira de Sousa Barradas, 24 de maio de 1826. (Papeis da Intendencia; Contas para as secretarias, Liv. XXIV, fl. 143.

«Satisfazendo ao que o governo d'estes reinos ordena no aviso, que de v. ex.ª recebi datado de 22 do corrente, pelo qual sou mandado informar se haverá algum motivo que deva embaraçar, que João Baptista da Silva Leitão d'Almeida Garrett regresse a estes reinos d'onde foi mandado sair por ordem d'esta mesma Intendencia; incumbe-me expor a v. ex.ª, que os motivos que occasionaram aquella medida da policia, se acham mencionados na Conta da copia inclusa, que subiu á presença de vossa magestade em 7 de março de 1825, na qual se produziram as causas porque na referida época se julgou perigosa a sua presença n'estes reinos, attento o estado de agitação em que se achavam os espiritos em materias e opiniões politicas que os dividia; mas sendo recentemente mandado informar um requerimento de D. Maria Midosi de Almeida, em que pedia a sua magestade licença para seu marido voltar á sua casa, eu expuz na Conta, que dirigi á presença do mesmo augusto senhor, pelo ministerio dos negocios da justiça em 24 d'este mesmo mez as rasões que me pareceram proprias para se haver contemplação e equidade com o mencionado Garrett, permittindo-se-lhe o seu regresso a esta côrte, mediante as cautellas e providencias, que apontei na dita informação; agora porém devo accrescentar, que depois da data d'aquella primeira informação nada mais consta na policia contra o supplicante que obste o seu regresso. Á vista do que, sua magestade se dignará resolver o que bem lhe aprouver. Deus guarde etc. 26 de maio de 1826. Ill.mo e ex.mo sr. Conde de Porto Santo (Papeis da Intendencia: Contas para as secretarias, Liv. XXIV, fl. 151.

para refutar, talvez, a imputação mais gloriosa da sua vida: «É um sophisma de calumnia, por ventura admissivel como epigramma se, republicano e demagogo, o auctor do *Camões*, de *Gil Vicente* e de *Frei Luiz de Sousa*, houvesse alguma hora professado as hypocritas doutrinas do nivelamento social, que tão poucos acclamam com sinceridade e menos ainda com perseverança. *Mas a tribuna, a imprensa e o Conselho o viram sustentar sempre com denodo e dedicação a causa da monarchia, sustental-a como inseparavel da causa da liberdade do povo*, da qual é não menos zeloso e strenuo defensor.» [1]

Pouco depois de regressar á patria Garrett foi reintegrado no seu antigo logar por decreto de 26 de agosto de 1826.

Conferida a regencia a D. Miguel a 3 de julho de 1827, recomeçaram as perseguições politicas. Foi então que Garrett esteve preso no Limoeiro, por um processo intentado contra o jornal o *Portuguez*, redigido por Paulo Midosi, Luiz Midosi, Carlos Morato Roma, Antonio Maria Couceiro, Joaquim Larcher, e Garrett. A composição da *Adozinda* foi um allivio para as suas horas de prisão: «esteve por espaço de tres mezes preso sem mais pretexto do que o de ter tido parte em uma publicação censurada e impressa com todas as licenças necessarias. Não foi preso o censor, nem prohibida a publicação, nem no fim de tres mezes se achou materia de culpa! [2] O latego do absolutismo já se agitava no ár, e para escapar á arbitrariedade só havia o refugio do desterro. Garrett emigrou novamente para Inglaterra, mas esta segunda emigração não foi nada fecunda para as lettras; estava então nos seus trinta annos, relacionado com algumas familias inglezas, já adaptado á vida estrangeira e tomando a emigração como uma excursão, só procurou

[1] *Fabulas e Folhas cahidas*, p. XI.
[2] *Romanceiro*, t. I, p. 19.

divertir-se, *flartar* e vêr mundo. É por isso que em uma nota do poema *Camões* escreve: «Realmente desde esta epoca, (1825) não tornei a emprehender uma obra poetica, não tornei propriamente a fazer versos... Coisas velhas e anteriores, emendei e concluí muitas.» [1] Esta esterilidade poetica foi um terrivel symptoma; a vida sensual da Restauração attraía-o, levou-lhe a ingenuidade moral; a saudade da patria, que tanto o inspirára, não o accommettia agora, envolvido nas pequenas paixões dos outros numerosos emigrados que viviam á solta, sem plano de resistencia, nem ideal politico. Era preciso a forte emoção da realidade da vida para Garrett ser outra vez chamado ao amor da Arte; diz elle, depois de contar a sua longa esterilidade: «A canção á victoria da Terceira, assumpto que faria poeta a burra de Balaam do mais prosaico jornalista, com dois ou tres peccadilhos mais, se tanto, são os unicos (versos) de que me accuso.» Isto nos está indicando qual será o movel da sua terceira e ultima phase litteraria.

Ainda n'essa primeira epoca da emigração, Garrett occupou-se em fazer uma synthese historica da litteratura portugueza, que muito lhe devia servir para determinal-o no caminho da renovação romantica. O *Bosquejo da historia da Poesia e da lingua portugueza*, devia revelar-lhe o espirito nacional nas creações litterarias, mostrar-lhe até que ponto as correntes classicas e auctoritarias da imitação o atrophiaram, e revelar-lhe as condições mais seguras para restituir a esse espirito a sua expressão viva; não foi este o intuito d'esse trabalho destinado unicamente a uma empreza de livraria.

Apesar dos muitos erros do *Bosquejo da historia da Poesia e lingua portugueza*, publicado em Paris em 1827 em frente de uma selecta de excerptos da litteratura portugueza,

1 *Camões*, nota F. do canto x.

este rapido esboço devia considerar-se uma revelação de um grande genio critico, porque não tinha precedentes, porque nunca nenhum escriptor nosso presentira o minimo vislumbre de unidade philosophica n'esta descurada litteratura: Garrett determinava-lhe a sua evolução historica, caracterisava-lhe os principaes escriptores, as feições de cada epoca; mas, tudo isto estava feito já com uma valentia inexcedivel por estrangeiros. De 1805 a 1819 o grande philologo Bouterweck, publicava na Historia da Poesia e da Eloquencia dos povos modernos a *Historia da Litteratura portugueza*, accentuando os traços por fórma que ficarão para sempre definitivos; ainda em 1819 o grande historiador Sismonde de Sismondi, nas *Litteraturas do Meio Dia da Europa*, historiava a vida moral e artistica da litteratura portugueza, seguro nos seus juizos sobretudo quando se encosta a Bouterweck. [1] Em 1825 o erudito viajante Ferdinand Denis publicava o seu *Resumé de l'Histoire litteraire du Portugal*, com aquella lucidez vulgarisadora do espirito francez. Conhecidos estes livros e as condições em que foram escriptos, e a superioridade intellectual d'aquelles que souberam achar a unidade philosophica da litteratura portugueza e a sua connexão com o grupo das litteraturas romanicas que a explicam, é que se conhece o mediano valor do *Bosquejo* de Garrett, composto sobre estes valiosos recursos. Garrett parte ainda dos seguintes preconceitos: da existencia de uma lingua romance, que era o provençal d'onde sairam as outras linguas novo-latinas; da formação do portuguez pela mescla das linguas de todos os povos que invadiram a Peninsula, sem comprehender que não póde

[1] Bouterweck, foi auxiliado com os subsidios materiaes para a Historia da Litteratura portugueza, por um sabio portuguez seu amigo, modificando assim o seu plano, que era tratal-a como um supplemento da Litteratura espanholà; suppômos com algum fundamento que este sabio será Antonio de Araujo, o Conde da Barca, amigo e protector de Filinto.

existir uma lingua sem unidade syntaxica, embora no lexico tenha os mais desligados elementos; ignora a relação dialectal entre o portuguez e o gallego; ignora o periodo da poesia provençal portugueza, e da imitação castelhana, e nem remotamente faz entrar o elemento tradicional na constituição da litteratura. Ainda assim, o *Bosquejo* pertence á primeira epoca da emigração de Garrett, quando a sua actividade intellectual se exerceu motivada pela necessidade de consolar-se pensando e escrevendo ácerca da patria. [1]

[1] O dr. Antonio Nunes de Carvalho era o que então se occupava mais de copiar os monumentos portuguezes dispersos pelas bibliothecas estrangeiras

§ 3. — Da segunda emigração em 1828 até á morte de Garrett

Caracter da segunda emigração em 1828. — Garrett descreve os seus amores em Inglaterra. — Conhece as consequencias da reacção-chateaubrianesca e attribue-a ao Romantismo. — Chama as luctas do Romantismo *guerras do alecrim e mangerona*. — A expedição dos Açores, supposta perda de ineditos. — Durante o cêrco do Porto — O romance historico *Arco de Sant'Anna* e a lenda de Fernão Lopes. — A vida politica desperta ambições desenfreadas em todos os homens prestantes, e inutilisa-os para a litteratura. — Nas *Viagens na minha terra* satyrisa o seu tempo e é a primeira victima dos erros da época: o titulo, as commendas. — A ultima phase lyrica das *Folhas cahidas*. — Relações com a sua vida. — Os ineditos: o romance brasileiro *Helena*. — Garrett condemna a fraca geração que dirige e sente a impossibilidade de organisar escola. — Autolatria deduzida da sua carteira. — Os ultimos momentos de Garrett, pelo seu admirador Gomes de Amorim. — Conclusões.

De todos os males accumulados sobre a nação portugueza pela imbecilidade de D. João VI, que provocou a invasão franceza e nos abandonou depois ao inimigo fugindo para o Brazil com as riquezas publicas, deixando-nos entregues a uma defeza heroica sem recursos, e como premio d'ella escravisando-nos ao protectorado degradante de Inglaterra, de todos esses males não foi talvez o menor o nascimento dos seus dois filhos D. Pedro e D. Miguel. Na côrte do Rio de Janeiro foram os dois principes criados á solta, deixados á espontaneidade de instinctos brutaes, em exercicios de forças e em seducções das damas do paço; para trazer os dois principes á disciplina moral pensou-se em casal-os, e negociou-se os casamentos com duas princezas da familia real da Austria. Por um accidente imprevisto a princeza destinada para D. Pedro morreu, e como principe herdeiro fez-se-lhe o casamento com D. Leopoldina, que era a destinada para D. Miguel. D'aqui se originou o odio profundo entre os dois irmãos, odio alimentado pela mãe D. Carlota

Joaquina, que, pela preferencia exclusiva que dava ao infante, chegou a fazer d'elle o instrumento cego do seu espirito reaccionario. Nas tradições byzantinas da familia, diz-se que para vincular a si o infante D. Miguel, Carlota Joaquina o ameaçava de declarar á nação que elle não era filho de D. João VI. Emfim estes factos revelam como depois da morte inesperada e mysteriosa de D. João VI em 10 de maio de 1826, as cousas se encaminhavam para tremendas catastrophes. D. Pedro estava no Brazil como imperador, e a regencia do reino, deixada em testamento a uma filha do monarcha, mandou-o cumprimentar e pedir-lhe as suas ordens; D. Pedro não se sentia seguro no throno de lá, e mandou para cá a Constituição de 1826, como meio para vir a tomar conta d'isto. Levanta-se então um partido chamado *realista*, excitado por Carlota Joaquina e auxiliado por seu irmão o miseravel Fernando VII; D. Pedro para ir de encontro ao mal nomeia o infante D. Miguel seu logar-tenente no reino e abdica o throno de Portugal em sua filha D. Maria da Gloria. D. Miguel é chamado da côrte de Vienna de Austria, onde estivera desterrado, e desembarca em Lisboa a 22 de fevereiro de 1828. Elle entendia que isto era tambem seu, e depois de jurar a Constituição para tomar conta do poder executivo, dissolve as camaras, simula uma convocação dos tres estados da sociedade antiga, e declarou-se rei absoluto em 30 de junho de 1828. Começou o terror da legitimidade, que durou até ao anno de 1833, soffrendo a morte, o desterro, a emigração, sem fallarmos no confisco dos bens, para cima de quarenta e seis mil e seiscentas pessoas.

Garrett, conhecido pela policia como partidario das ideias democraticas, logo que viu levantadas as forcas e atulhadas as enxovias, refugiou-se em Inglaterra. Sob o suave governo da regencia de D. Isabel Maria, havia Garrett soffrido tres mezes de cadeia como redactor do *Portuguez;* agora com

as forcas miguelinas arvoradas era-lhe impossivel evitar a morte. Bastava para tanto o seu talento litterario, porque a inveja que lhe tinha o padre José Agostinho de Macedo, o auctor da *Besta esfolada* e da *Tripa virada*, que açulava com os seus desregramentos de linguagem os furores dos legitimistas, não hesitaria em fazer-lhe uma tremenda accusação publica para o brindar com o garrote. [1] Em quanto se organisou o exercito liberal, Garrett viveu em Inglaterra assistindo como artista ao trabalho da renovação do Romantismo. A joven rainha D. Maria da Gloria era como a dama dos pensamentos dos voluntarios liberaes, e na preoccupação d'este pensamento Garrett emprehendeu e publicou em Inglaterra um livro ou *Tratado de Educação*, destinado a uma princeza. O livro é pueril, e sem sciencia pedagogica; a falta de philosophia no criterio do auctor é supprida por muita religião e muita moral em phrases vagas e com citações auctoritarias. Tratando da educação scientifica, Garrett apresenta tambem uma classificação das sciencias, base de uma methodologia, abaixo do que já então se conhecia de Bacon ou de D'Alembert. [2]

D'este periodo da emigração é tambem o livro intitulado *Portugal na balança da Europa*, formado com artigos soltos da epoca em que redigia o *Portuguez*, e em que con-

---

1 Segunda vez demittido do seu logar por decreto de 18 de agosto de 1828.

2 Eis o schema d'essa classificação:

I *Sciencias que descrevem os objectos da naturesa*...........	Geologia. Zoologia. Botanica. Mineralogia. Anatomia.
II *Sciencias que analysam suas propriedades*.............	Pysica. Chimica. Physiologia.
III *Sciencias que as applicam aos usos, commodos e gosos da vida*.	Medicina. Architectura. Agricultura etc.

clue pela necessidade do regimen constitucional. A outros trabalhos se refere Garrett, uns deixados na ilha de S. Miguel ao embarcar na expedição para o Porto, em 27 de junho de 1832, outros, como um poema sobre os *Doze de Inglaterra*, uma tragedia do *Infante Santo* e um poema sobre a genealogia dos Menezes, perdidos na barra do Porto em um navio mettido a pique pelas balas miguelistas. A vida em Inglaterra não foi de simples galanteria, como póde suppôr-se pelos episodios contados por Garrett no romance digressivo das *Viagens na minha terra;* as incertezas da causa liberal, as traições, a apathia, tudo levava aquelle espirito a procurar nos trabalhos litterarios uma verdadeira consolação moral. Pertence ao anno de 1828 a primeira colleccionação dos seus versos, que intitulou *Lyrica de João Minimo*, em que se acham reunidos os primeiros ensaios comprehendidos até á epoca decisiva de 1824. Os emigrados portuguezes representaram-lhe em Plymouth a tragedia *Catão;* [1] era uma recordação saudosa da grande epoca libe-

[1] No *Almanach insulano para Açôres e Madeira*, para 1874, encontra-se uma relação d'esta recita do Catão, em janeiro de 1829: «É para aqui memorar muitas das nossas illustrações militares, politicas e litterarias, que se encontravam no concurso dos espectadores. A par de Almeida Garrett, a quem n'esta narrativa cumpre prestar a primeira homenagem, via-se o grande general Conde de Villa-Flor. No mesmo banco com José Estevam e major Menezes, commandante dos voluntarios, estavam sentados Passos Manuel e Passos José. Ali se viam Alexandre Herculano, José da Silva Carvalho, Joaquim Antonio de Aguiar, Marquez de Loulé, Balthazar de Almeida Pimentel, Simão José da Luz, coronel Xaxier, Bernardo de Sá Negueira, Luiz da Silva Monsinho de Albuquerque, Candido José Xavier, Agostinho José Freire, Luiz Pinto de Mendonça Arraes, Antonio Cesar oe Vasconcellos Corrêa, José Maria Baldy, marquez de Ficalho, major Pacheco, Julio Gomes da Silva Sanches, Julio Maximo de Oliveira Pimentel, D. Carlos Mascarenhas, general Pisarro, Joaquim Bento Pereira, João Nepomuceno de Lacerda, Vellez Caldeira, Januario Vicente Camacho, José Victorino Damasio, Joaquim Antonio de Magalhães, Antonio Cabral de Sá Nogueira, Bartholomeu dos Martyres, e outros mais, que não occorrem de momento á nossa reminiscencia.

«Segueiu-se á representação da tragedia a jocosa farça intiulada *Os Doidos*, cgualmente executada com toda a mestria, e sobretudo com inexcedivol veia comica, bem propria para dispertar a expansiva e contagiosa hilaridade, que em geral se manifestou.» Pag. 229.

ral de 1821. Junto de Garrett vivia o seu antigo companheiro Paulo Midosi, em cuja casa se fizeram os primeiros ensaios da tragedia inaugurada no theatro do Bairro Alto. O poeta estava em uma grande elaboração artistica, que precedeu a esplendida revelação do seu genio dramatico: «Em Londres, na ultima emigração, só as reiteradas instancias de meu pae, (Paulo Midosi) do marquez de Ficalho e de Jervis de Athouguia o forçaram á leitura do que escrevia.» [1]

Os emigrados portuguezes reuniram-se na bahia de Belle Isle, d'onde embarcaram a 2 de fevereiro de 1832, para a ilha Terceira. Garrett, alistado no batalhão academico, seguiu para esse unico reducto aberto aos liberaes; nos prologos dos seus livros allude ás mil difficuldades que embaraçavam a expedição e que compromettiam a causa da liberdade, aproveitada por D. Pedro a beneficio de sua filha. Pela sua parte D. Pedro em cartas que escrevia ao Marquez de Rezende, diz que o povo portuguez não faz caso da liberdade, e que o seu pensamento é *constitucionalisal-o* á força. Garrett celebrou em uma ode a victoria de Villa da Praia, e a si mesmo se confere o titulo de Tyrteo: «Que é do Alceo que bramia liberdade, o Anacreonte que zombava com o prazer, o *Tyrteo que precedia as phalanges da Terceira ao pé do pendão azul e branco da joven Rainha dos exilados?*» [2]

Durante a campanha na ilha Terceira, Garrett foi aproveitado pelo governo da Regencia para redigir os decretos de reformas judiciaes e administrativas. Garrett descreve a partida da expedição liberal da ilha de S. Miguel, em 27 de junho de 1832, e falla com saudade das amisades e dos livros que ahi deixou. Fechado no cêrco do Porto, onde to-

[1] P. Midosi, *Os ensaios do Catão.*
[2] Prefacio das *Fabulas e Folhas cahidas*, p. xxi.

dos foram dignamente heroes, e occupado especialmente em trabalhos de secretaria, Garrett occupava-se nas horas de desenfado elaborando o seu lindo romance historico *O Arco de Sant'Anna*, que só acabou dez annos depois d'essa epoca memoravel. O romance é dedicado ao seu commandante o coronel Luna. Garrett enthusiasmara-se tambem com os romances historicos de Watter Scott, que elle desde 1827 recommendava á imitação. [1] Comprehendeu perfeitamente o seu modelo; no campo do romance historico, Herculano considerava-o infundadamente como seu discipulo. No momento em que a cidade do Porto resistia com o mais assombroso heroismo ás forças accumuladas em volta d'ella pelo poder absoluto colligado com o fanatismo canibalesco dos frades, Garrett teve a intuição historica das antigas luctas do burgo independente contra a prepotencia feudal do seu bispo. Com um grandissimo tino artistico aproveitou a lenda do bispo do Porto azurragado por mão de el-rei D. Pedro I, o Justiçeiro, na prosa pittoresca de Fernão Lopes, [2] por ventura estimulado pela festa popular que annualmente

[1] O *Chronista*, vol. II, p. 87.

[2] «Certo foi e nom ponhaes duvida, que el-rei partindo-se d'Antre Doiro e Minho por vir á cidade do Porto, foi informado que o bispo d'esse logar (Porto) que então tinha grande fama de fazenda e honra, dormia com uma mulher de um cidadão dos bons que havia na dita cidade, e que elle não era ousado de tornar a elle, com espanto d'ameaças de morte que lhe o bispo mandava poer; el-rei quando esto ouviu, por saber de que guisa era, nom via o dia que estivesse com elle para lh'o haver de perguntar; e logo sem muita tardança, depois que chegou ao logar e houve comido, mandou dizer ao bispo que fosse ao paço que o havia mister por causas de seu serviço, e ante que chegasse, fallou com seus porteiros, que depois que o bispo entrasse na camera, lançasse todos fóra do paço, tambem os do bispo, como quaesquer outros, e que ainda que alguns do conselho viessem, que não leixassem entrar nenhum dentro; mas que lhe dissessem que se fossem para as pousadas, cá elle tinha de fazer uma cousa, em que não queria que fossem presentes. O bispo como veiu, entrou na camera onde el-rei estava, e os porteiros fizeram logo sair todos os seus e outros em guisa que no paço nom ficou nenhum e foi livre toda a gente. El-rei como foi adeparte côm o bispo, desvestiu-se logo e ficou em uma saia d'escarlata, e per sua mão tirou ao bispo todas suas vestiduras, e começou de o requerer, que lhe confessasse a verdade d'aquel maleficio em que isso era culpado; e em lhe

se celebrava diante do nicho junto do Arco de Sant'Anna, na parte velha da cidade. Garrett possuia o talento dramatico, e por isso o *Arco de Sant'Anna* é animado nos dialogos e cheio de interesse nas situações; o seu inimitavel estylo digressivo, com que aligeira o processo descriptivo, acha-se impropriamente empregado no romance, porque o dilue em excesso e enfraquece o andamento da acção. Quando Garrett, passados annos poz a ultima mão no *Arco de Sant'-Anna* para terminal-o, foi ainda com o mesmo espirito de combate, para acordar o espirito publico contra os meneios do clericalismo. Aqui se vê a differença entre o processo de Garrett e o de Herculano; Garrett inspira-se da tradição nacional, não para a diluir em prosa archaica, mas para tornal-a um meio de expressão por onde a aspiração moderna se póde tornar sympathica.

Em 24 de julho de 1833 entrava em Lisboa o Duque da Terceira, e o triumpho sublime da causa liberal ficava definitivo. Garrett foi então pela segunda vez reintegrado no seu logar de official por decreto de 28 de julho de 1833, co-

dizendo isto, tinha na mão um grande açoute para o brandir com elle. Os criados do bispo quando no começo viram que os deitavam fóra, e isso mesmo o outros todos e que nenhum nom ousara lá d'ir, pelo que sabiam que o bispo fazia, desi juntando a esto a condição d'elrei, e a maneira que em taes feitos tinha, logo suspeitaram que el-rei lhe queria jogar algum máo jogo; e foram-se á pressa ao Conde Velho, e ao mestre de Christus D. Nuno Freire, e a outros privados do seu conselho, que acorressem asinha ao bispo; e logo tostemenente veheram a el-rei e nom ousaram de entrar na camera por a defeza que el-rei tinha posto, se nom fora Gonçalo Vasques de Goes seu escrivão da Puridade, que disse que queria entrar por lhe mostrar cartas que sobscreveram del-rei de Castella a gram pressa; e per tal azo e fingimento ouvéram entradà dentro na camera, e acharam el-rei com o bispo em razões da guisa que havemos dito, e nom lh'o podiam já tirar das mãos, e começaram de dizer que, fosse sua mercê de nom poer mão em elle, cá por tal feito, nom lhe guardando sua jurdição, haveria o Papa sanha d'elle, demais que o seu povo lhe chamava algoz, que per seu corpo justiçava os homens, o que nom convinha a el de fazer por muito malfeitores que fossem. Com estas e outras taes razões, arrefeceu el-rei de sua brava sanha, e o bispo se partiu dante elle com semblante triste e torvado coração.» (*Collecção de Livros ineditos da Historia portugueza*, t. IV, fl. 21 a 23. Chron. de D. Pedro I, cap. VII.)

meçando para elle uma éra nova de trabalho. Havia um fervor de renascença nacional, e uma das primeiras preoccupações de Garrett era a restauração do theatro portuguez e a creação de um Conservatorio. Tudo quanto Garrett podia e valia foi empregado na consecussão d'esta alta empreza; estava no esplendor do genio, e no periodo da mais brilhante fecundidade. Emquanto os seus companheiros das lides do Porto se degladiavam no parlamento, se destituiam e se apoderavam das pastas ministeriaes, Garrett proseguia no empenho desinteressado da fundação do theatro nacional, e era o primeiro a fixar os typos das novas fórmas dramaticas com as bellas concepções do *Auto de Gil Vicente*, do *Alfageme de Santarem* e da *D. Philippa de Vilhena.* [1] N'esta generosa aspiração foi Garrett surprehendido muitas vezes pelas grandes agitações politicas dos setembristas de 1836 e dos cabralistas de 1842; mas o seu pensamento foi realisado integralmente, á custa do enthusiasmo que infundia em volta de si. Como antigo partidario da Revolução de 1820, Garrett seguiu o partido setembrista, que fez reviver a ideia da soberania nacional pondo em vigor a Carta constitucional de 1822.

Garrett por decreto de 14 de novembro d'este anno foi nomeado juiz de segunda instancia commercial: «Garrett tão pouco caso fazia das suas funcções de juiz, que ao velho Francisco, fiel de feitos de João Carlos Vieira da Cruz, antiquissimo escrivão da segunda instancia commercial, já fallecido, quando lhe levava os autos, de que era relator, dizia-lhe:

«—Oh Francisco! que queres que ponha aqui nos autos?

«—Ponha v. ex.ª *Vista ás partes.*

1 Esta parte da actividade litteraria de Garrett é tão importante, que foi tratada em um livro especial intitulado *Garrett e os Dramas romanticos.* (Vid. *Historia do Theatro portuguez*, vol. IV.)

«—Lá vae por tua conta, retrucava ainda Garrett; e escrevia—Vista ás partes.

«Não obstante tamanha repugnancia á magistratura e quizilia á jurisprudencia, a Associação dos Advogados chamou-o desde logo para o seu gremio.» [1]

A profunda admiração que Garrett consagrava ao Duque de Palmella, o chefe do Cartismo, ou partido da Carta outorgada em 1826, prova-nos que elle fez algumas concessões das suas doutrinas da soberania nacional, vindo por essa via a entrar em um ministerio de conciliação na epoca regeneradora de 1852. Nas terriveis oscilações politicas de 1836, 1842, 1846 e 1852, Garrett soube conservar-se entre o partido nacional e o partido do governo pessoal da rainha, recebendo todas as honras, como ministro na Belgica e em Copenhague, como o pariato, e lamentando-se sempre da fatalidade das revoluções. [2] Na celebre legislatura de 1841 proferiu elle a resposta ao Discurso da corôa, conhecida pelo titulo de *Discurso de Porto Pireu.*

Misturando Garrett quasi sempre a sua *personalidade* ás obras litterarias que escrevia, admira-nos o não ter elle publicado Memorias ou qualquer outra relação da epoca fecunda de luctas moraes por que a Europa passava no tempo em que esteve fóra de Portugal. No catalogo dos seus autographos encontram-se umas *Memorias de João Córadinho*, de 1825, que o seu actual possuidor caracterisa de «rascunho em tres capitulos de um conto satyrico allusivo á epoca em que foi escripto.» [3] No mesmo catalogo se encontra citado um *Diario da minha viagem a Inglaterra*—1823, *Birmingham*, lendo-se a seguinte nota logo na primeira folha: «Os primeiros cadernos d'este *Diario* são copiados d'outros que

[1] Paulo Midosi, *Ensaios do Catão.* (Vid. Officio de 12 de novembro de 1841.)

[2] Na reacção cabralina de 1841, Garrett foi demittido do logar de Chronista-mór do reino, em 16 de julho.

[3] Apud *Helena*, p. xxx.

escrevi na minha primeira viagem. Agora para os juntar ao que vou escrevendo e lhes dar egual formato, os trasladei para este livro. Birmingham, outubro 5 de 1823.» [1] No prospecto da edição completa das obras de Garrett publicado pela casa Bertrand, em 1839, aí se cita como devendo formar o novo volume da collecção o seguinte: «*Dois annos da minha vida, Reminiscencias da emigração e Memorias do cêrco do Porto.*» Ainda em 1843 escrevia Garrett, talvez despeitado pela sua demissão de Chronista-mór do reino, de 16 de julho de 1841: «Eu tenho posto termo ou pelo menos, suspensão indefinida a toda a occupação litteraria propriamente dita, para absolutamente me dedicar, emquanto posso e valho, á conclusão de um trabalho antigo, mas interrompido muitas vezes, que agora jurei de acabar: são *Vinte annos da historia de Portugal*, periodo que começa em 1820 e chega aos dias de hoje, mas que não sei se já anda mais enredado e confuso do que o dos mais antigos e obscuros seculos da monarchia. Espero começar a publical-o no fim d'este anno; e nenhum tempo ou logar me sobrará portanto para mais nada.» [2] Esta obra não chegou a ser publicada, porque, segundo os editores, ou antes em nome d'elles diz Garrett, que estava «receioso de arrostar com a audaciosa responsabilidade de historiador contemporaneo.» Nós crêmos que os *Vinte annos da historia de Portugal* nunca foram escriptos, porque no Catalogo dos autographos e ineditos de Garrett não se acha o minimo vestigio d'esta obra. Na litteratura portugueza não existem memorias historicas, porque os nossos escriptores não receberam essa livre educação que nos ensina a julgar o nosso tempo. A historia geral da Europa, desde a Edade Media até hoje, funda-se tanto sobre as memorias particulares, como sobre os documentos. O mais que tivemos foram as

[1] Apud *Helena*, p. XXXII.
[2] *Romanceiro*, t. I, prologo, p. XXIII (ed. 1843).

Relações de viagem e os *Roteiros;* foi por onde Garrett começou, mas não pôde passar além pelo vicio da educação nacional.

No começo da reacção cabralina, que em 1841 acabou de desilludir todos os verdadeiros partidarios da Carta constitucional de 1826, desillusão que Herculano descreve com amargura no novo prologo da *Voz do Propheta,* Garrett entendeu dever retirar-se por algum tempo da politica, e entregar-se á revisão dos seus trabalhos litterarios: «N'esse anno, retirado a descansar no campo de grandes fadigas de corpo e de espirito, deu emfim algumas horas de mais lazer a repassar as composições de sua infancia litteraria, e a escolher as principaes das que, em mais feita edade, lhe tinha arrancado a condescendencia com amigos, ou a irresistivel inspiração de algum objecto ou circumstancia da vida que mais o impressionára. Resmas e resmas de papel lhe vimos destruir e queimar ao fazer d'esta escolha.» [1] D'este trabalho resultou a refundição definitiva da *Lyrica de João Minimo*, das *Flôres sem fructo* e das *Fabulas.*

N'este periodo da vida de Garrett é que collocâmos essa tardia paixão amorosa que transparece no exaltado lyrismo das *Folhas cahidas,* paixão absorvente e fatal, que lhe exauriu o vigor physico e o levou á sepultura. Nada ha de mais ardente na poesia portugueza do que essas estrophes repassadas de sensualidade velada por uma elegancia artistica; sensualidade excitada pela posição social dos amantes, ambos casados e em lucta com a decepção e com o tedio da edade. A mulher de Garrett vivia em Paris; no emtanto o coração do poeta era disputado por duas damas da aristocracia lisbonense, ávidas de emoções romanescas, e orgulhosas por acordarem uma tal paixão no delicado poeta, e de serem cantadas como o seu ideal.

[1] Prologo das *Fabulas e Folhas cahidas,* p. VI.

Na odesinha o *Anjo cahido*, Garrett faz um trocadilho com os nomes occultos d'essas damas:

> Eu só. — E eu morto, eu descrido,
> Eu tive o arrojo atrevido
> De amar um anjo sem *luz*.
> Cravei-a eu n'essa *cruz*
> Minha alma que renascia,
> Que toda em sua alma puz,
> E o meu sêr se dividia. [1]

Mas uma paixão vence a outra, e é n'este conflicto que lhe vem o esgotamento physico:

> Pois essa *luz* scintillante
> Que brilha no teu semblante
> D'onde lhe vem o esplendor?
> Não sentes no peito a chamma,
> Que aos meus suspiros se inflamma
> E toda reluz de amor? [2]

Na pequena ode *Não és tu*, cheia da eloquencia a mais abundante, e da realidade a mais ideal, descreve o seu desalento:

> Era assim: o seu fallar,
> Ingenuo e quasi vulgar,
> Tinha o poder da rasão,
> Que penetra, não seduz;
> Não era fogo, era *luz*
> Que mandava ao coração. [3]

E n'essa outra ode *Seus olhos*:

> Seus olhos — se eu sei pintar
> O que os meus olhos cegou —
> Não tinham *luz* de brilhar,
> Era chamma de queimar;
> E o fogo que a ateou
> Vivaz, eterno, divino,
> Como o facho do destino.

[1] *Folhas cahidas*, p. 142.
[2] *Ibid.*, p. 167.
[3] *Ibid.*, p. 189.

Divino, eterno! e suave,
Ao mesmo tempo: mas grave
E de tão fatal poder,
Que, um só momento que a vi,
Queimar toda a alma senti...
Nem ficou mais do meu sêr,
Senão a cinza em que ardi. [1]

O poema admiravel d'esta paixão, intitula-se *Cascaes;* são oito estrophes em verso de redondilha maior, de uma ardencia e profundidade subjectiva, que, ousamos affirmal-o, em nenhuma litteratura antiga ou moderna poderá achar-se cousa que lhe seja comparavel. Depois d'esses dramas de alcova, Garrett tirou como partido das suas decepções um livro, a que deu o nome de *Folhas cahidas;* metteu-o no prelo em 1851, mas ou pelo receio da inconfidencia, ou pelas novas occupações pela sua chamada ao ministerio, as *Folhas cahidas* só appareceram na publicidade em principios de janeiro de 1853. D'esses versos escreve o poeta: «Não sei se são bons ou máos estes versos; sei que gosto mais d'elles do que nenhuns outros que fizesse. Porque? É impossivel dizel-o, mas é verdade.» [2] O publico leu com avidez as *Folhas cahidas*, que se tornaram um pequeno escandalo: «Em poucos dias porém desappareceram as *Folhas;* — levadas de bons e de máos ventos... voaram.» [3] Com a febre do amor, uma outra febre acabava de consummir Garrett; era a febre da representação e do poder. Visconde, por decreto de 25 de junho de 1851, par do reino por decreto de 13 de janeiro de 1852, ministro dos estrangeiros n'esse mesmo anno, em que se condecorou com varias gram-cruzes,[4] a inanição atacou-o morrendo em Lisboa, em 9 de de-

[1] *Folhas cahidas*, p. 218.
[2] *Ibid.*, p. 116.
[3] *Ibid.*, p. IX.
[4] Gram-Cruz da ordem da Rosa, em 27 de março de 1852; do Nichan Iftiar da Turquia, em 14 de abril de 1852; da ordem de Leopoldo, em 19 de junho, de 1852; da Estrella Polar da Suecia, em 2 de julho de 1852; Balio e gram-cruz do Hospital, em 4 de agosto de 1852.

zembro de 1854. Gomes de Amorim, que o acompanhou até aos seus ultimos momentos, descreve no *Archivo Pittoresco* as minucias com que Garrett mobilou a casa da rua de Santa Isabel, onde procurou tratar-se da sua doença; descreve tambem a solidão em que morreu o poeta, solidão explicavel, porque as damas que o recebiam não queriam que as tomassem por suas amantes.[1] Depois que Garrett expirou, o seu grande amigo e sarcastico Rodrigo da Fonseca Magalhães descrevia assim o passamento: «Morreu como bom christão; abraçado á *cruz*, com os olhos na *luz*.» Eram estas phrases o commentario perpetuo das *Folhas cahidas*.

O estado de espirito em que estava Garrett pouco antes de morrer, e quando já se attribuia publicamente o titulo de chefe da litteratura, vê-se no romance *Helena*, que deixára incompleto e inedito, cujo ultimo caderno tem a data de 3 de setembro de 1853. (p. XXIX.) N'este romance ha uma confissão ingenua da nenhuma influencia que Garrett exercia na mocidade do seu tempo, que, sem uma direcção sensata se lançára nos exaggeros do Ultra-Romantismo; diz elle: «eu escrevo uma historia, não faço versos á lua, debruçado nos balcões ideiaes de uma creação caprichosa e imaginario estylo... devorado pelo verme roedor dos negros pensamentos que balouçam tristemente ao vento da solidão no crepusculo da noite... etc., etc., com tres versos na mesma rima seguida, e um agudo depois em *ão*, coração, desesperação ou similhantes... e imbasbacado fica o Gremio Litterario, o Centro Commercial, e não sei se a Academia depois de regenerada.» (p. 50.) Garrett referia-se ao lyrismo banal da escola de João de Lemos e de Palmeirim, e apodava a mallograda reforma da Academia das

[1] A sua viuva casou em Paris com o negociante Luiz d'Etrillac. Os seus manuscriptos ficaram a uma filha natural do poeta.

Sciencias de Lisboa, de que fôra vogal na commissão organisada em 28 de junho de 1851, n'essa febre papelistica do primeiro momento da Regeneração. A *Helena* foi a ultima obra de Garrett, por ventura o seu enlevo de espirito quando recebeu a derradeira decepção politica, vendo Saldanha atraiçoar o movimento da Regeneração, que se apoiava nas resistencias de 1836, 1846 e 1847, para rehaver o favoritismo da rainha. O romance é localisado a algumas leguas da Bahia, não longe do semicirculo do Reconcavo; Garrett faz isto apenas em duas linhas, á maneira de rubrica theatral, porque a sua imaginação, além de um nome de begonia, de um sabiá ou de um macisso de palmeiras nada mais lhe pôde representar da grande vida da America. Depois que se lêem os romances de um Gabriel Ferry, Gustavo Aymard ou Paul du Plessis, tão plagiados por Mendes Leal no *Calabar* e *Bandeirantes*, é que se vê bem a acanhada organisação dos nossos preconisados talentos. Garrett conhecendo a impossibilidade de pintar a vida da America, transportou para ali as paisagens da Escossia, da Suissa, o conforto inglez e a galanteria franceza. Arranjou um fundo de quadro falso, para desenhar á vontade. As suas descripções resumem-se nas minucias das vestimentas, do serviço de mesa, na disposição da mobilia. Era essa tambem a preoccupação com que se instalára na residencia de Santa Isabel. Garrett dizia com desespero, que qualquer ignorada miss ingleza, apenas vinda do collegio, compunha uma novella com mais vida, graça e invenção do que elle proprio com esforço. Entra aqui por muito a acção do meio.

O sentimento da *Helena* é tambem affectado e de uma tenuidade que chega ao *fade;* Garrett não nascera impunemente em 1799, dentro ainda do seculo XVIII; herdou fatalmente a *sensiblerie* idylica, e só conseguiu uma vez sacudil-a com um impeto natural no *Frei Luiz de Sousa* e nas

Folhas cahidas. A *Helena* tem uma acção sem movimento e faltam-lhe caracteres; incapaz de desenhar um typo, uma entidade moral, em vez de a fazer fallar, obrar, descreve-lhe o fato, as posturas, a edade. N'este romance ha um viajante francez o sr. de Bressac, que estivera nas luctas da independencia da Grecia, e desgostoso se retirára entregando-se dilettantescamente ao amor da botanica; no seu periodo bellico, tivera intima amisade com um mancebo brazileiro, e salvára uma criança de nove annos que adoptára como sua, a quem puzera o nome de *Helena*. Lembrou-se de ir um dia herborisar á America e partiu com a carta do seu amigo, que o recommendava a um tio, o Visconde de Itahe. A situação começa com um monologo de contemplação do Conde de Bressac por uma passiflora que encontrou proximo da Bahia, á qual poz o nome da sua pupilla mysteriosa. No meio d'este devaneio botanico-paternal, é surprehendido por um preto, typo ridiculo, chamado Spiridião Cassiano de Mello e Mattos, que com outros pretos o veiu buscar em uma canôa para casa de seu amo. É recebido na intimidade pelo Visconde de Itahe, que tem uma filha muito linda, chamada Isabel, e uma esposa muito doente chamada Maria Thereza; falla-se do primo que está em Paris, e com quem o Visconde projecta o casamento de sua filha; n'isto a dona da casa morre de inanição. Em consequencia d'isto o sr. de Bressac persuade o Visconde de Itahe a fazer uma viagem até á Europa, e começam a discutil-a. Aqui ficou interrompido o romance pelo fallecimento de Garrett. O desenlace da *Helena* é facil de prevêr, pelas palavras vagas e presentimentos do fragmento: de facto o Visconde vem com a filha á Europa, mas sabe que o sobrinho que tanto amava, e que julgava seu futuro genro, é pretendido pelo sr. de Bressac para a sua pupilla. Trava-se aqui o conflicto de duas paixões, segundo a situação já revelada nas *Folhas cahidas*, Helena morre de romantis-

mo, de Bressac consola-se escrevendo monographias sobre a sua passiflora, e a filha do Visconde regressa á patria sem querer casar, sacrificando a vida á propagação evangelica e emancipação dos escravos. É esta a consequencia logica em harmonia com o espirito do romance e com a orientação do romantismo emanuelico.

Além de outros peccados litterarios, como o elogio em bocca propria, que Garrett usa em todos os seus prologos por falta de consciencia da acção que exercia, algumas vezes caiu no acto infeliz do plagiato, para supprir assim a falta de estudo ou de ideias. Citaremos o facto bem conhecido do artigo de bibliographia sobre o *Romancero espagnol* de Damas-Hinard, publicado na *Illustration* de 16 de novembro de 1844; os factos superficialmente citados n'esse artigo foram traduzidos por Garrett formando o texto original do seu *Opusculo ácerca da Origem da lingua portugueza*, publicado ainda em 1844, em Lisboa. O grande talento artistico de Garrett não tinha outras bases scientificas além das suas primeiras leituras do tempo de Coimbra; para ser dirigente possuia a generalidade de vistas, mas faltava-lhe uma especialidade. Os velhos espiritos especialistas, o erudito exclusivo e maçudo, reagiam contra a seducção do seu brilhantismo, e o cardeal Saraiva ao vêr a leviandade em que caiu Garrett plagiando esse pobre artigo francez, dizia compungido mas glorioso — Elles são assim. Esta phrase caracterisa bem os escriptores portuguezes do Romantismo, plagiaram, imitaram, paraphrasearam, traduziram como quem quer fazer livros sem ter ideias, e quando chegaram a exercer acção não tiveram a consciencia de um destino.

Quando nós vemos a bella organisação litteraria de Villemain ser quasi completamente aniquilada pela ambição politica, como o provou Littré no seu Discurso de recepção na Academia franceza, é quando comprehendemos até que

ponto Garrett foi inutilisado pelo desejo de participar tambem do poder, ser ministro, ter medalhas, dispôr de influencia. O trabalho litterario tornou-se para elle accidental, uma distracção, um desenfado; os que o queriam afastar da politica chamavam-lhe *poeta*, e é triste vêr o poeta declarar que já póde ser *almotacé do seu bairro*, porque já perdeu o dom da poesia! O prazer da creação artistica eleva o homem e dá-lhe o primado entre todas as gerações; o prazer de mandar tem uma certa sensualidade de canibalismo que dura pouco, mas que fascina muito as organisações imperfeitas. E esses poetas ministros, embaixadores, persidentes de republicas, e dictadores momentaneos, são como dizia Comte, vocações frustadas, abortivas, que nasceram estéreis: corromperam a arte e corromperam a politica. No prologo da *Historia de Portugal*, em 1846, Herculano observa a influencia do periodo politico constitucional na esterilidade dos talentos: «os bons engenhos, os que n'estes ultimos tempos a nossa terra tem indubitavelmente produzido, são forçados a viverem na atmosphera mirradora do mundo politico, ou a exercitarem cargos publicos, que lhes consommem o tempo e acanham por fim as faculdades do entendimento.» N'esta terrivel verdade estava incurso Garrett, e com elle tantos eminentes espiritos como Rodrigo da Fonseca Magalhães, Manuel Passos, José Estevam, absorvidos pelos partidos politicos. O proprio Herculano ficaria esterilisado se um despeito profundo o não fizesse acolher-se á tranquillidade consoladora do estudo. A politica a que Herculano se refere não póde ser o facto da participação de um homem ás funcções sociaes do seu paiz, porque essa intervenção dá ao talento o relevo da realidade e de uma philosophia pratica, mas sim o conflicto de pequenos interesses de grupos que aspiram á governação, e a que Augusto Comte chamou com tanta lucidez *os partidos medios*.

As mais bellas inspirações de Garrett são aquellas que se ligam á participação directa da politica de principios: o *Catão* foi escripto sobre as emoções democraticas da Revolução de 1820; o poema *Camões*, nos desalentos da emigração em 1824, depois de rasgada pelo absolutismo a Carta liberal de 1822; o desterro e o carcere despertam-lhe em 1827 a comprehensão da poesia popular e tradicional; o *Arco de Sant'Anna*, é concebido dentro do cêrco do Porto em 1832, n'esse contagio de heroismo; o *Alfageme de Santarem* foi escripto entre as luctas do elemento constitucional puro contra o facciosismo da rainha na epoca da dictadura cabralina em 1842. Esta relação superior entre o espirito e o seu tempo, é que accendeu por vezes em Garrett a faisca do genio, como no *Frei Luiz de Sousa* e nas *Folhas cahidas*, e o torna o primeiro n'essa epoca de renovação litteraria. Desde o fim do cêrco do Porto em 1834 até hoje, a politica em Portugal não foi mais do que a agitação egoista de partidos medios: *intimidar* ou *corromper*, era o meio de exercer a auctoridade, e Costa Cabral pela pressão arbitraria e Rodrigo da Fonseca Magalhães pela dissolução, foram os dois pólos da nossa vida parlamentar. Não havia ideal de liberdade; eram todos conformes em considerar a realesa como a glandula pineal da vida da nacionalidade. Foi por isso que a politica esterilisou os talentos, uns pelo excesso da importancia individual, outros pelo despeito de vaidades não satisfeitas.

LIVRO II

ALEXANDRE HERCULANO

(1810—1877)

Quando um dia a geração moderna procurou relacionar Portugal com o movimento estrangeiro, dando-lhe a conhecer as questões fundamentaes do nosso seculo na sciencia, na politica, na litteratura e na historia, e se organisaram as *Conferencias democraticas*, um ministro constitucional violou o exercicio da liberdade do pensamento, mandando por uma portaria fundada sobre uma consulta do procurador geral da corôa, e por intimação policial, prohibir essas Conferencias. Aquelles que pensavam que a circulação das ideias é o estimulo vital de todo o progresso em uma sociedade, e que explicavam a decadencia e o atraso da sua patria como consequencia da apathia mental, protestaram mas não foram ouvidos. O parlamento estava fechado, e a imprensa jornalistica na espectativa de uma politica de expedientes, deixou passar sem reparo esse ultraje á dignidade de um povo livre. Havia em Portugal um homem que era

ouvido como um oraculo; Herculano era considerado como uma consciencia inquebrantavel, e a sua voz acostumada á energia do protesto, quando se pronunciava fortalecia-se com o assentimento dos espiritos. Nunca ninguem exerceu um poder tão grande, na fórma a mais espontaneamente reconhecida; as opiniões entregavam-se á sua affirmação, como um povo se entrega a um salvador. Tinha o *poder espiritual* sobre a nação. Aquelles que foram violados no seu direito consultaram-no, appellaram para elle em tamanha iniquidade. Alexandre Herculano ao cabo de muito tempo publicou uma Carta, em que dizia que as grandes questões do tempo eram o infallibilismo e o marianismo! que para elle a Democracia eram os miguelistas do cêrco do Porto, quando andavam munidos de sacos para o momento em que podessem entrar na cidade.

Desde esse dia em diante Herculano rompeu com a geração nova do seu paiz, e a esta competia retirar-lhe o poder espiritual, fazendo o processo critico da intelligencia e da missão do grande homem.[1] Herculano ainda teve conhecimento do espirito de severidade que o chamava perante a critica, mas a morte eliminou esse factor social, que pela sua immensa auctoridade e pelo estacionamento em que se deixára ficar começava a exercer uma acção negativa. Hoje, que os que o idolatraram em vida se esqueceram do fetiche quando os convidaram para a subscripção de um monumento, hoje sem paixões, nem violencias de combate, deve-se revisar a obra de Herculano com justiça e trazer á verdade o homem legendario.

[1] Foi este o pensamento do nosso artigo da *Bibliographia critica*, p. 193 a 203; cumprimos um dever moral a despeito das admirações inconscientes, que nos brindaram com a phrase — pedras atiradas á janella de Herculano.

§ I.—(De 1810 a 1830.) Estado do espirito publico desde o principio do seculo até á revolução de 1820.—Hereditariedade e atavismo de Herculano.—Primeira educação no Mosteiro das Necessidades.—O curso de commercio na Academia real de Marinha.—Herculano decide-se pelo governo absoluto em 1828.—Versos contra a Carta constitucional.—Os caceteiros miguelistas e a anedocta do gilvaz.—A expedição franceza ao Tejo em 1831, e a revolta de infanteria 4 a favor dos liberaes.—Herculano acha-se envolvido n'esse movimento; refugia-se na esquadra franceza, e parte depois para Plymouth.—O embarque de Belle Isle.—Como estes successos influiram no seu caracter e talento litterario.

O typo de Herculano indicava a sua naturalidade; havia na sua physionomia e no trato pessoal a secura do *saloio*. Nasceu em Lisboa a 28 de março de 1810, filho de Theodoro Candido de Araujo, recebedor da antiga Junta de Juros. Isto não foi sem influencia na educação que recebeu na Academia Real de Marinha *com destino para a aula de commercio*. O pae de Herculano ficou totalmente desconhecido, mas em um manuscripto de versos do seculo XVIII, que pertenceu á livraria do bibliographo Innocencio Francisco da Silva, [1] acha-se uma Epistola dedicada a Theodoro Candido de Carvalho por um fraco poeta José Peixoto do Valle, em que se exaltam as suas virtudes como dignas da eternidade. A Epistola é realmente extraordinaria, e alguma cousa d'aquella honradez tradicional se conservou na independencia de caracter do filho. A hereditariedade moral é um dos phenomenos que mais deve interessar a critica moderna, sobretudo quando as biographias são consideradas por Maudsley como um dos mais importantes subsidios da psycho-

[1] *Catalogo*, n.º 1:803.

logia.[1] O avô de Herculano, Jorge Rodrigues de Carvalho, era pedreiro e mestre de obras da casa real; como escriptor Herculano conservou sempre uma predilecção pela terminologia architectonica, inspirou-se do amor da architectura no pequeno romance *A Abbobada*, e foi o primeiro a protestar nos seus artitos do *Panorama*, no *Brado a favor dos Monumentos*, contra a indifferença do governo constitucional que deixava expostos á demolição os mosteiros e collegiadas secularisados pela lei que extinguiu as ordens religiosas em 1834. O valimento de Herculano no paço e a sua sympathia pela familia dos Braganças tinha raizes nas antigas funcções de seu avô; e a oscillação do seu espirito entre a causa de D. Miguel ou a de D. Pedro era o resultado de uma affeição indistincta, que a violencia dos acontecimentos e a pressão dos partidos obrigou a definir.

[1] **Ao sr. Theodoro Candido de Carvalho** *

EPISTOLA

Não são heroes, Carvalho, os que na guerra
Cerrados esquadrões rompem, assolam,
Vertendo o sangue humano: os seus triumphos
No meio do terror e da carnagem
São barbaros, atrozes, deshumanos.
Não é heroe o avaro que faminto
Em seu thesouro ceva a vil cobiça,
E em sordida ambição sempre inquieto
Dorme sobresaltado em montes de ouro,
Sem dar um real de esmola ao pobre afflicto.
Não é heroe aquelle que cercado
De dourada baixella em lauta mesa,
Vivendo entre grandezas e gosando
Dos bens que não merece, só procura
Augmentar quanto póde, a dura sorte
Do desgraçado e tristo desvalido,
Sem que d'uma só vez se compadeça
Dos gemidos, dos ais, do pranto acerbo
Do triste orphão, da timida donzella.

* Pae de Alexandre Herculano. (Nota de Innocencio.)

Ao determinar a data do nascimento de Herculano em 1810, fica-se conhecendo o desgraçado meio moral em que foi orientado o seu espirito. Vivia-se na incertesa, no jugo do protectorado de Inglaterra, aspirava-se á liberdade em uma constituinte, sophismava-se essa aspiração com uma monarchia parlamentar para tornar a cair no absolutismo crasso. Geraram-se as naturezas descontentes, os typos azedos e mal humorados; a lucta do constitucionalismo com o despotismo foi ferrenha e cannibalesca; propagavam-se as ideias á *cacetada*, callavam-se os descontentamentos com a forca, e era normal o confisco dos bens dos que seguiam principios oppostos aos dos que usavam do poder. A nação, depois da entrada dos francezes, que saquearam o paiz, e depois da fuga de D. João VI, que levára comsigo para o Brazil todos os dinheiros dos cofres publicos, estava na mais in-

Não são heroes, Carvalho, esses tyrannos
Que na Hyrcania ou no Caucaso creados
Nunca cessam de obrar acções infames,
Que deshonram a terna humanidade.
Heroe é só aquelle que a virtude
A difficil virtude segue honrado,
Que um só passo não torce na carreira
Da magestosa estrada da alta gloria.
Este o caracter teu, Carvalho illustre,
Estas as qualidades que te adornam:
Estes os dotes teus, os teus costumes,
Costumes sãos da edade de Saturno.
Em teu formoso peito se agasalham
As virtudes gentís do Eterno filhas:
A Justiça, a Rasão, a Honra e o Brio.
Um'alma bemfazeja o céo benigno
Em ti depositou: tenção brilhante
De a todos fazer, de amar a todos.
Esta é a lei, Carvalho, que te guia bem,
Que rege os passos teus e que preside
A todas as acções que tu praticas,
E que devem gravar teu grande nome
Em niveo jaspe, a par da eternidade.

José Peixotô do Valle.

(Inedito — Ms. de Poesias varias, p. 397. Cat. n.º 1:803.)

sondavel miseria, entregue a uma Junta que governava em nome do monarcha que abandonou o seu povo ao inimigo recommendando-lhe obediencia cega. D. João VI entregue á preoccupação de organisar a capella real mandando ensinar musica aos pretos, de vez em quando enviava para Portugal uma Carta regia, para não desacostumar o povo da sua paternal soberania. As ordens religiosas, absorvendo cada vez mais a riquesa territorial pelas doações do fanatismo, apoderavam-se das intelligencias educando-as no sentido das doutrinas que mais convinham á sua associação egoista. Reinava a mediocridade nos espiritos e a estupidez nas multidões. Os inglezes, infiltravam-se no paiz, e iam introduzindo nos commandos militares officiaes exclusivamente inglezes, e a um leve golpe de mão provocado pelas circumstancias Beresford convertia Portugal em uma feitoria de Inglaterra. O espirito de revolta que precipitou Gomes Freire, existia na nação contra os inglezes que nos tratavam peior do que os exercitos de Napoleão, e em Herculano no seu escripto de *Jersey e Granville* conserva-se essa nota de patriotica hostilidade; o mesmo contra Byron e o *Child Harold.*

O povo portuguez sabe pouco ou nada da sua historia, mas com um instincto de verdade deixou retratado este periodo de degradação em um pasquim, abafado pela Intendencia da policia:

—Quem perde Portugal?
«O Marechal.
—Quem sancciona a lei?
«O Rei.
—Quem são os executores?
«Os Governadores.

Para o Marechal? Um punhal.
Para o Rei? A Lei.
Para os Governadores? Os Executores. [1]

[1] Archivo da Intendencia da policia, Liv. XVI, fl. 271, de 15 de janeiro de 1817.

Os estudos de Herculano foram incompletos, mas isto longe de prejudical-o causou-lhe a autonomia da intelligencia, e um grande rigor de critica e de methodo. Depois de Pombal ter expulso os Jesuitas o ensino publico ficou a cargo de outras ordens religiosas; os Padres do Oratorio, inimigos dos Jesuitas no fervor pedagogico, acharam nas reformas de Pombal o ensejo de desenvolverem a sua actividade. Floresceram acreditados como mestres; e ao Oratorio pertenciam o grammatico Antonio Pereira de Figueiredo, auctor do *Novo Methodo*, e o padre Theodoro de Almeida, o da *Recreação philosophica* e do insulso romance do *Feliz Independente do mundo e da fortuna*. Este regimen conservou-se até á abolição dos conventos; todos passavam na sua educação pela fieira dos frades. Quem escapava ao prurido da seducção da vida claustral, ficava para toda a vida eivado de uma erudição theologica e casuista. Assim aconteceu a Herculano, que se mostrou sempre versado no conhecimento dos Concilios, das Bullas, dispendendo o seu vigor nas questões clericaes da Concordata sobre o Padroado do Oriente, sobre as Irmãs da caridade e sobre o Casamento civil. Elle frequentára até aos quatorze annos as aulas dos Padres do Espirito Santo no mosteiro das Necessidades, cursando as disciplinas da Grammatica latina, da Logica de Genuense, e da Rhetorica de Quintiliano. [1] Isto bastava para cair em um pedantismo invencivel, se um dia a emigração para França não puzesse Herculano em contacto com a sciencia e com a evolução do espirito moderno; ficou-lhe comtudo essa feição auctoritaria, que a educação catholica pela leitura da Biblia amoldou a um tom parabolico, e com a emphase do psalmo.

[1] No prologo da edição dos *Annaes de D. João III*, de Frei Luiz de Sousa, publicados por Alexandre Herculano, lêem-se estas palavras autobiographicas: «essa congregação celebre, a quem as letras portuguezas tanto devem, *e a quem nós mesmos devemos parte da nossa educação litteraria.*» p. IX.

De 1825 a 1826 frequentou Herculano o primeiro anno do curso mathematico da Academia Real de Marinha, sendo approvado segundo a classificação d'esse tempo, *com destino para a aula de Commercio*, o que equivalia a ter de repetir o anno caso quizesse proseguir no Curso de Mathematica; seguiu a direcção em que o impelliram, e feito o exame do segundo anno obteve da Junta de Commercio uma especie de diploma. Entre os seus estudos regulares cita-se tambem a frequencia da aula de diplomatica na Torre do Tombo, dirigida pelo paleographo Francisco Ribeiro Guimarães.

Estava-se n'essa terrivel epoca de indecisão politica, em que o sophisma do constitucionalismo pela liga do partido monastico com o absolutismo se via exposto a um acto de violencia; D. João VI regressára sem pudor a Portugal, e a nação ainda mais degradada recebeu-o com festas; o estylo das modinhas brazileiras era applicado aos hymnos em louvor do monarcha pela Constituição que jurára.

E tudo assim; D. João VI, especie de Vitellio levado em triumpho, estava por tudo; tanto se lhe dava ser constitucional, despotico ou simples presidente de Republica, comtanto que o deixassem reinar. Deu-se a *Villafrancada;* o povo comprehendeu o prejurio do monarcha, espalhando o pasquim:

> Álerta! álerta!
> Que o rei deserta.

A nobresa exigiu que D. João VI rasgasse a Constituição e se proclamasse absoluto; foram buscal-o a Villa Franca de Xira, e para manifestação de adhesão entranhavel á pessoa do monarcha, a nobresa tirou os cavallos do coche real e puchou-o até Lisboa. Foi uma honra inaudita; durante semanas muitos titulares e militares de altas graduações reclamaram pela imprensa o serem incluidos na lista dos que haviam puchado o coche real. Quem se achar n'um meio as-

sim degradado, antes de ter constituido o seu caracter, se não é uma naturesa moralmente robusta, fica perdido. O homem é tambem alguma cousa feito pelos acontecimentos. Herculano tinha então quinze annos; e por isso não nos admira que, em uma epoca em que era forçosa a decisão por um partido, elle pendesse, como se diz na phrase vulgar, *para a banda do arrocho*. Herculano seguiu primeiramente o absolutismo; quem ousará culpar uma criança saída da escola dos Padres das Necessidades, sem outros conhecimentos além de umas vagas *humanidades?* A corrente era para o absolutismo e na aula do Commercio os alumnos açulados pelos que se sentiam despeitados com o desterro de D. Miguel em Vienna de Austria, gritavam pelo Terreiro do Paço — *Viva D. Miguel rei absoluto de Portugal.*

Em 1828, a 22 de fevereiro, chegou D. Miguel a Lisboa; cantavam-se hymnos exaltados e parodias picarescas:

> D. Miguel chegou á barra,
> Sua mãe lhe deu a mão:
> — Vem cá filho da minha alma,
> Não jures Constituição.

Acompanhava-se cada copla desenxabida com um retornello estridente, cantado ao compasso de cacetadas, e como uma réplica ao *trágala, perro,* do hymno constitucional hespanhol:

> Rei chegou,
> Rei chegou,
> Em Belem
> Desembarcou.

Logo que D. Miguel chegou a Lisboa, sua irmã Isabel Maria, que occupava a regencia, declinou n'elle os seus poderes, e começou então o regimen do terror. A torpe Carlota Joaquina, para tornar o filho um instrumento passivo da reacção absolutista, revelou-lhe que elle não era filho de D. João VI, e que se lhe não obedecesse em tudo o desaucto-

rava declarando o seu adulterio á nação! Os liberaes viam no estouvado Miguel apenas o filho do feitor da quinta do Ramalhão. Não existe na nossa historia uma epoca de maior degradação e insensatez; o facto da independencia do Brazil, por D. Pedro, que se fizera patrono da causa liberal, lançou muitos homens sinceros e ingenuos patriotas na usurpação miguelista; as violencias dos caceteiros, as prisões por denuncias secretas e os enforcamentos converteram muitos pretendidos legitimistas em liberaes. Vacillava-se na onda dos acontecimentos, sem uma clara noção da independencia civil; os partidos, á falta de ideias que os delimitassem, distinguiam-se por affrontosas alcunhas. Os que pretendiam uma Carta constitucional como base dos direitos politicos eram os *Malhados;* [1] os que só reconheciam a soberania na pessoa do rei por investidura divina, eram chamados os *Realistas*, os *Corcundas*, os *Caipiras*, os *Orelhudos*, os *Burros*, ou *Miguelistas*. Vieram ainda azedar mais o conflicto civil as insignias de côres distinctivas, azul e branco para os liberaes, azul e vermelho para os absolutistas, e as cantigas provocadoras, de parte a parte como:

Os Malhados não queriam
D. Miguel por general,
Pois agora ahi o têm
Feito rei de Portugal.

Oh Braga fiel,
Oh Porto ladrão,
Villa Nova jura
A Constituição.

[1] Nome tirado dos cavallos que viraram a carruagem em que andava D. Miguel, a cujo desastre se fez esta cantiga:

Quereis vêr o vosso rei,
Ide vêl-o a Queluz,
Que lá está embalsamado
Para sempre, amen Jesus.

Effectivamente, logo a 13 de março de 1828 dissolveu a camara dos deputados, e a 3 de maio D. Miguel investiu-se da soberania convocando as côrtes á antiga, com o clero, a nobresa e o povo, que em 11 de julho o declararam unico rei legitimo de Portugal. Apênas a cidade do Porto reagiu contra esta monstruosidade, fomentada pelo fanatismo das ordens monachaes e pela imbecilidade das casas aristocraticas. Os municipios fizeram manifestações de adhesão ao monarcha absoluto, e no meio da estupidez publica entendia-se que Portugal só podia existir entregando-se á liga do *throno e do altar;* a liberdade era considerada como uma desmoralisação do seculo, e como tendo já feito perder a Portugal a sua colonia mais rica. Desde a proclamação de D. Miguel, começou o systema de propaganda absolutista pelo espancamento pelas ruas. Os mais hallucinados partidarios do throno e do altar formavam ranchos de *caceteiros*, percorrendo as ruas a todas as horas do dia, cantando o estribilho:

> Fóra, Malhado!
> Chucha! Judeu.
> Acabou-se a guerra
> D. Miguel é rei.

Onde encontravam um liberal conhecido, ou que *tinha cara de ser malhado*, derrubavam-no á cacetada, aos gritos: Viva el-rei D. Miguel I, nosso senhor! Quem não correspondia a este salve era amachucado.

Alexandre Herculano, com os seus dezoito annos estava então no vigor da edade, e não contente de exaltar o rei absoluto como seu senhor, em odes e sonetos emphaticos, que lhe ia depositar nas reaes mãos a Queluz, filiou-se tambem n'um bando de caceteiros. Esta phase da sua vida seria completamente desconhecida, se lhe não ficasse impressa na face uma cicatriz, cuja historia se repete oralmente. Todos os biographos de Herculano guardaram um

silencio systematico sobre esta phase da sua vida; apenas em uma biographia que appareceu na *Actualidade*, se allude á cicatriz, conhecida pelo nome de gil-vaz da feira das Amoreiras. [1]

Conta-se que a scena se passára por occasião da festa do Espirito Santo, na feira annual das Amoreiras, ás Aguas Livres; ali se encontravam os ranchos dos caceteiros miguelistas, e se batiam com outros tambem alentados do campo constitucional. Insultavam-se com ditos: *Fóra, Malhado! Fóra, Corcunda!* E em seguida: *trabalháva o cacete*, como se dizia na linguagem do tempo. Alexandre Herculano pertencia a um grupo de rapazes que andava de rixa com outro pequeno grupo de estudantes liberaes; era valente e destimido, e foi por isso que, quando vieram ás mãos ao anoitecer, lhe atiraram a segurar, dando-lhe uma navalhada no rosto. Dizia-se que lh'a dera um official de marinha, o Galhardo, de quem veiu a ser parente e amigo. Foi talvez por esta circumstancia de haver na sua mocidade pertencido ao partido do absolutismo, que Herculano nunca escreveu a historia d'esse heroico cêrco do Porto, de que elle foi testemunha, e cujos heroes conhecia.

Os talentos litterarios de Herculano achavam-se tambem atrophiados pela persistencia das fórmas arcádicas; se elle não se visse um dia forçado a seguir o caminho da emigração, seria como Costa e Silva, ou como Castilho, não exerceria uma acção tão profunda na renovação da litteratura portugueza da epoca do Romantismo. No seu fervor reaccionario, Herculano incensou o atrabiliario Miguel com va-

[1] «Alexandre Herculano tinha na face uma cicatriz, resultado de um ferimento em 1828 por um individuo com quem tivera uma contenda por causa de uma questão nascida de divergencia de principios politicos. Diz-se que o grande escriptor fôra nos primeiros annos da vida ardente defensor dos principios por que se regia a antiga monarchia, e accrescenta-se que o auctor d'esse ferimento — um official de marinha — foi depois seu companheiro de emigração e seu intimo amigo.» (*Actualidade*, setembro de 1877.)

rios sonetos, cujas copias ainda se conservam por mãos de curiosos; D. Miguel dava audiencias ás quintas feiras nos paços de Queluz, e os poetastros iam ali em caravana offerecer-lhe as suas Odes e Epistolas, trazendo em remuneração cedulas de mil e duzentos e dois mil e quatrocentos réis em papel. Innocencio Francisco da Silva mostrou-nos por lettra de Herculano uma d'estas Epistolas, que elle levava ao beija-mão de Queluz, e Sousa Monteiro, antigo legitimista tambem conservava outras peças d'esta phase litteraria bem como o curioso bibliophilo Rodrigo José de Lima Felner. Ainda se repetem de memoria alguns versos de uma virulenta Satyra intitulada *Os Pedreiros*, em que se apodavam os liberaes da ruina da patria, e se atacava a Carta:

> A Carta maldita, infame e danada,
> Que em março qual burro, já foi tosquiada...

Referia-se ao acto de 13 de março de 1828, em que D. Miguel dissolveu o parlamento e se tornou absoluto. N'essa Satyra fazia Herculano a historia da Carta constitucional, trazida do Rio de Janeiro, onde ficára D. Pedro, por

> Stuart brejeiro, patife da marca,
> Jurado inimigo do nosso monarcha,
> Que já nos fizera perder o Brazil
> Por mão de um tratado vergonhoso e vil...

Referia-se a Lord Charles Stuart, que negociou o tratado da independencia do Brazil, e que em Lisboa mandou copiar o celebre *Cancioneiro do Collegio dos Nobres*, que publicou em Paris quando ali esteve por embaixador; a sua bibliotheca era extremamente rica das mais preciosas raridades da bibliographia portugueza.

Este periodo da vida de Alexandre Herculano servindo para caracterisar o meio social anterior ao cêrco do Porto, meio deprimente em que as intelligencias mais robustas mal se podiam elevar acima dos preconceitos mantidos pela

educação monachal, este periodo tem a particularidade de nos explicar o homem em grande parte da sua ulterior actividade.[1] Por elle se vê que Herculano seguia em litteratura as velhas pautas academicas, e seria um continuador de José Agostinho de Macedo, porque estava em accordo de doutrinas. Como venceu Herculano este meio deprimente? Eis a base d'este estudo litterario.

Uma grande parte da vida moral da mocidade de Alexandre Herculano acha-se esboçada como reminiscencia nos seus versos; e essas composições, que reuniu com a *Harpa do Crente*, são a prova de que era um espirito profundamente poetico, que desabrochou aos primeiros soffrimentos pela liberdade.

A *Harpa do Crente*, publicada em tres fasciculos na primeira edição de 1838, encerra curiosas revelações omittidas nas edições subsequentes em oitavo. O poemeto lyrico *A Semana Santa*, dedicado ao *Marquez de Rezende em testemunho de amisade e veneração*, traz algumas notas de valor autobiographico: «Eis o poema da minha mocidade: são os unicos versos que conservo d'esse tempo, em que nada n'este mundo deixava para mim de respirar poesia. Se hoje me dissessem: Fazei um poema de quinhentos versos ácerca da Semana Santa, eu olharia ao primeiro aspecto esta proposição como um absurdo; entre tanto eu mesmo ha nove annos realisei este absurdo. Não é esta a primeira das minhas contradições, e espero em Deus e na minha sincera consciencia, que não seja a ultima.—Quando eu compuz estes versos, ainda possuia toda a vigorosa ignorancia da juventude; ainda queria conceber toda a magnificencia do grande drama do christianismo, e que a minha harpa estava afinada para cantar um tal objecto. Enganava-me: a *Semana Santa* do poeta não saiu semelhante á Semana Santa da re-

[1] Adiante veremos como destruiu estes seus primeiros ensaios.

ligião.» Em seguida, tomando os mythos do sacrificio como o maior facto do universo, diz que só houve no mundo um Klopstock, e que até á consummação dos seculos talvez não appareça outro: «Porque, pois, não acompanharam estes versos os outros da primeira mocidade no caminho da fogueira? Porque publico um poema falho na mesmissima essencia da sua concepção?—Porque tenho a consciencia de que ahi ha poesia; e porque não ha poeta, que, tendo essa consciencia, consinta de bom grado em deixar nas trevas o fructo das suas vigilias.» [1] Determinada pelo proprio Herculano esta composição em 1829, vê-se que o christianismo idealisado foi uma orientação prematura do seu espirito, e que as suas tentativas de tradução da *Messiada* eram os restos de uma preoccupação da mocidade.

Herculano era intelligente e novo, amoroso e honrado, e por isso não podia deixar de sacrificar-se pela causa da justiça. Na sublime poesia *A Victoria e a Piedade*, exclama, até certo ponto em contradição com os factos, mas cheio de dignidade:

> Eu nunca fiz soar meus pobres cantos
> Nos paços dos senhores!
> Eu jámais consagrei hymno mentido
> Da terra aos oppressores.

Era uma illusão do sentimento, porque mais tarde o soldado do cêrco do Porto declara que na sua amisade por D. Pedro V o ia tornando no seu animo um rei absoluto, que o seria em todo o paiz, para salvação d'este, se chegasse aos trinta annos.

Outras recordações da mocidade vigorosa de Herculano transparecem nas suas *Poesias*, que animam o seu passado com uma luz sympathica. Na bella composição lyrica *Mocidade e Morte*, uma das joias da poesia portugueza, descre

[1] *Harpa do Crente*, primeira serie, p. 32. Ed. de 1888.

ve-se essa grave crise pathologica, que se liga á febre traumatica resultante da aventura da feira das Amoreiras:

Solevantado o corpo, os olhos fitos,
As magras mãos cruzadas sobre o peito,
Vêde-o, tão moço, velador de angustias,
Pela alta noite em solitario leito.

Por essas faces pallidas, cavadas,
Olhae, em fio as lagrimas deslisam,
E com' o pulso, que apressado bate,
Do coração os éstos harmonisam.

É que nas veias lhe circula a febre;
É que a fronte lhe alaga o suór frio;
É que lá dentro á dôr que o vae roendo,
Responde horrivel, intimo cicio... [1]

D'esta crise resultou uma transformação intellectual, e surgiu um homem novo. Herculano amára, como todos os portuguezes, prematuramente, e esses primeiros amores foram tambem cheios de decepção, dando mais relevo á sensibilidade do poeta, e maior poder de realidade á expressão subjectiva do sentimento. Na poesia *A Felicidade* retrata esse primeiro desalento e desorientação da sua vida:

Triste o dom do poeta! No seio
Tem vulcão que as entranhas lhe accende;
E a mulher que vestiu de seus sonhos
Nem sequer um olhar lhe comprehende!

E trahido, e passado de angustias,
Ao amor este peito cerrára,
E, quebrada, no tronco do cedro
A minha harpa infeliz pendurára.

Um véo negro cubriu-me a existencia,
Que gelada, que inutil corria;
Meu engenho tornou-se um mysterio
Que ninguem n'este mundo entendia.

Estes versos são uma revelação fundamental do caracter

[1] *Poesias*, p. 63. Seg. edic.

de Herculano; lidos isoladamente podem tomar-se como uma rajada á Manfredo, de um romantico incomprehendido, mas aproximados de outros despeitos, vê-se que Herculano precisava de um pretexto imaginario, uma catastrophe moral, para justificar as suas queixas de desalento, e as mudanças nos seus planos de trabalho. Aos vinte annos, foi um *véo negro*, um amor trahido que lhe cubriu a existencia; aos trinta e dois annos foi o seu baixel ou *esquife, que esteve a afundar-se* nos parcéis da politica, devendo a D. Fernando o acolher-se a porto seguro; finalmente aos quarenta e quatro annos, o véo negro e o esquife foram substituidos por uma outra cousa, o *truncarem a sua carreira* historica, deixando a gloria litteraria, a unica ambição de sua existencia, como elle proprio confessa. A transformação d'estes motivos mostra a tendencia melancholica do caracter, que um dia havia de leval-o ao isolamento (na quinta de Val de Lobos) e ao tedio (motivo da publicação dos *Opusculos*.) Voltemos ao periodo do primeiro desalento.

Essa poesia é datada de maio de 1837, como se vê na *Illustração*, [1] mas as recordações mais antigas de que trata é que nos interessam.

Apoz essas quadras tão cheias de espontaneidade, segue se uma estrophe em que explica a turbulencia dos seus primeiros annos como quem procurou aturdir-se da desesperança:

> E embrenhei-me por entre os deleites
> Mas tocando-o, fugia-me o goso;
> Se o colhia, durava um momento;
> Apoz vinha o remorso amargoso; etc. [2]

Como forte, Herculano era de uma indole ao mesmo tempo amoravel e rancorosa; revelou-o sempre na complacencia com que aturou Bulhão Pato e Silva Tulio, e como permaneceu irreconciliavel com Castilho! Essa brandura revela-se

[1] Pag. 51.
[2] *Poesias*, p. 218.

nos habitos da sua mocidade; era apaixonado pelas flôres, e quando se deixava impressionar pelos desalentos da emigração, eram para as flôres as suas primeiras saudades. Um dia esse amor da mocidade havia de apoderar-se do velho, e deixaria tudo, os amigos, os livros, a admiração, para seguir através de uma illusão antiga, para ir fazer-se trabalhador da terra, proprietario rural na quinta de Val de Lobos. Na poesia tão repassada de melancholia e de verdade, *Tristesas do desterro*, Herculano allude ás suas affeições que vieram com a edade a tornar-se absorventes:

Arvores, flôres, que eu amava tanto,
Como viveis sem mim? Nas longas vias,
Que vou seguindo, peregrino e pobre,
Sob este rude céo, entre o ruido
Dos odiosos folgares do Sicambro,
Do monótono som da lingua sua,
Pelas horas da tarde, em varzea extensa
E ás bordas do ribeiro que murmura,
Diviso ás vezes, em distancia um bosque
De arvoredo onde bate o sol cadente,
E vem-me á ideia o laranjal viçoso,
E os perfumes de abril que elle derrama,
E as brancas flôres, e os dourados fructos,
E illudo-me: essa varzea é do meu rio,
Esse bosque o pomar da minha terra.
Aproximo-me; o sonho de um momento
Então se troca em acordar bem triste,
. . . .
. . . .
Ai pobres flôres, que eu amava tanto,
Por certo não viveis! O sol pendeu-vos,
Mirradas folhas para o chão fervente:
Ninguem se condoeu: secou-se a seiva,
E morrestes. Morrestes sobre a terra,
Que por cuidados meus vos educára.
E eu? talvez n'estes campos estrangeiros
Minha existencia, o fogo da desdita
Faça pender, murchar, ir-se mirrando,
Sem que torne a vêr mais esses que amava,
Sem que torne a abraçar a arvore annosa,
Que se pendura sobre a lympha clara
Lá no meu Portugal. . . . . [1]

[1] *Poesias*, p. 175.

Em outra poesia *A volta do Proscripto*, egualmente bella pela realidade do sentimento, torna a alludir a essa paixão pelas flôres que cultivava:

> Conta-se que o seu amor fôra trahido,
> E que mirrado achou de amor o myrto,
> Que deixára viçoso, e que saudára
> Desde além do oceano em seu delirio. [1]
>
> Ou o arbusto que outr'ora plantára,
> Que por mim cultivado crescêra,
> Que entre angustias já mais esquecera... [2]

Uma das paixões mais prematuras de Herculano foi a aspiração litteraria; elle o revelou com toda a franquesa no prologo da terceira edição da *Historia de Portugal*, mas já nos seus versos escriptos no periodo da emigração faz vibrar com eloquencia esse sentimento, que era o resultado de uma vocação que se definia. Assim na *Mocidade e morte* exclama:

> Oh, tu, sêde de um nome glorioso,
> Que tão fagueiros sonhos me tecias,
> Fugiste, e só me resta a pobre herança
> De vêr a luz do sol mais alguns dias...
>
> Eu que existo, e que penso, e fallo e vivo,
> Irei tão cêdo repousar na terra?
> Oh meu Deus, oh meu Deus! um anno ao menos;
> Um louro só... e meu sepulchro cerra!...
>
> Dizer posso: Existi; que a dôr conheço!
> Do goso a taça só provei por horas;
> E serei teu, calado cemiterio,
> Que engenho, gloria, amor, tudo devoras!

Só faltava um impulso para que esta vocação abafada pela acção deprimente do meio em que se achava, podesse desabrochar; esse impulso foi a necessidade forçada da emi-

[1] *Ibid.*, p. 207.
[2] *Ibid.*, p. 204.

gração para Inglaterra e França. Adiante explicaremos essas circumstancias em que se achou envolvido. A par da gloria litteraria sorria-lhe tambem a gloria militar; as tradições heroicas da resistencia de Portugal contra as hostes napoleonicas, incendiavam-lhe a imaginação e inspiravam-lhe o sentimento nacional, que era uma das expressões de verdade na sua poesia.

Na ode *A Felicidade*, descreve esta phase ideal da sua juventude:

> Era bello esse tempo da vida,
> Em que esta harpa fallava de amores;
> Era bello quando o éstro accendiam
> Em minha alma da guerra os terrores.

Na poesia a *Cruz mutilada*, retrata com toques tão vivos esse typo do veterano das guerras peninsulares desde a lucta desarrasoada contra os exercitos da Republica franceza até ao triumpho dos exercitos imperiaes; era esse um ideal da sua velhice:

> Cansado, o ancião guerreiro, que a existencia
> Desgastou no volver de cem combates,
> Ao vêr, que emfim, o seu paiz querido
> Já não ousám calcar os pés de extranhos,
> Vem assentar-se á luz meiga da tarde,
> Na tarde do viver, junto do teixo
> Da montanha natal. Na fronte calva,
> Que o sol tostou e que enrugaram annos,
> Ha um como fulgor sereno e santo.
> Da aldeia semideus, devem-lhe todos
> O tecto, a liberdade, a honra e vida.
> Ao perpassar do veterano, os velhos
> A mão que os protegeu apertam gratos;
> Com amorosa timidez os moços
> Saudam-n'o qual pae........
> .... Assim do velho
> Pelejador, os derradeiros dias
> Derivam para o tumulo suaves
> Rodeiados de affectos......... [1]

Quando um dia este sentimento nacional se fortificasse

[1] *Poesias*, p. 125.

com o desenvolvimento da rasão, o poeta tornar-se-ia espontaneamente historiador. Assim aconteceu. Mas esse desenvolvimento foi mais tarde paralysado pela tendencia contemplativa de uma exaggerada educação catholica.

Assim como nos escriptores da Renascença italiana em Portugal existem vestigios da sua antiga adhesão á Escola hespanhola, ou dos versos de redondilha, assim tambem nos dois chefes do movimento romantico se conservam os signaes da sua maneira arcádica, d'onde se desprenderam pelo facto de assistirem no tempo da emigração á renovação das litteraturas romanicas. Garrett precipitou-se no vigor dos annos e contra o sentimento da sua familia no movimento liberal; Herculano, como não tinha em volta de si o estimulo d'essa geração enthusiastica da Universidade de Coimbra, não comprehendeu logo a verdade das doutrinas politicas que mais tarde veiu a seguir. Herculano conservou até ao fim da vida um certo despeito contra esta marcha dos primeiros passos politicos, e á medida que os annos o faziam estacionar, voltava instinctivamente para a preconisação do regimen absoluto, revelando-se como uma naturesa descontente; umas vezes escrevia: «esta geração vae perdida,» [1] e mostrava-se partidario das velhas ideias, outras vezes avivava o passado com uma saudade irreflectida: «Nós, que assistimos á suppressão de uma parte dos velhos mosteiros do Minho, e que vimos as lagrimas do povo, que n'elles encontrava os soccorros da doença e o pão na decrepitude, não sabemos se aquellas lagrimas mentiam, se mentem as theorias dos politicos que escrevem no silencio do seu gabinete... [2] Este ficou o typo do sentimentalismo de Herculano; a educação fradesca reflectiu-se em todas as suas obras. A comprehensão da liberdade nunca se elevou

[1] *Panorama*, vol. III, p. 66 (1836).
[2] *Ibid.*, vol. I, p. 212: *O Minho romantico.*

no seu espirito acima de uma causa de grande perigo social, e para o homem que em Portugal propagou as fórmas da litteratura romantica, essa renovação era a consequencia de uma desorganisação moral: «a ancia de liberdade descommedida, a misanthropia, os crimes, a incredulidade dos monstros de Byron são o transumpto medonho e sublime d'este seculo de exaggeração e de renovação social.» [1] Sem este passado de Herculano não se poderia comprehender a situação de espirito do litterato, nem o retrahimento e despeito contra o seu tempo, nem a incapacidade de dirigir a geração moderna que lhe concedeu o maior poder espiritual que se tem concentrado em um homem. É assim que se tornam explicaveis todas as contradições d'aquelle caracter, aliás sempre sincero. [2]

Não devemos terminar esta epoca da vida de Herculano sem explicar as circumstancias que determinaram uma revolução fundamental na sua vida—a conversão aos principios ou ao partido liberal. A causa de D. Miguel, patrocinada pelos governos reaccionarios de Inglaterra, França e Austria, parecia radicar-se, por isso que fôra possivel ao

[1] *Ibid.*, vol. II, p. 123: *Novellas de cavallaria.*

[2] O absolutismo dos primeiros annos de Herculano não é tradicional; o seu espirito veiu com o tempo a essa orientação primeira. No seu opusculo *O Clero portuguez*, publicado em 1841, explica elle assim a missão historica da monarchia absoluta: «Veiu o seculo XVI: com elle veiu a monarchia absoluta—essa grande civilisadora e moralisadora das nações modernas:—a nobresa e o clero modificaram-se pelo seu influxo—civilisaram-se,—e como a civilisação nada mais é que a fórmula profana do christianismo, o clero começou a ser verdadeiramente christão.» (pag. 3.) A monarchia absoluta, a grande moralisadora das nações modernas! As monarchias de D. Manuel, Carlos V, Philippe II, Henrique VIII, Luiz XIV e Luiz XV, de Leopoldo, com a nobresa da prostituição palaciana e com o clero do queimadeiro, a civilisarem a Europa? isto só por uma fascinação pelo principio do direito divino. Não nos admirará encontrar no fim da vida Herculano julgando a Democracia moderna como um bando de ladrões, como se lê no prologo que poz á *Voz da Propheta;* assim fechou a rotação do seu espirito.

Este periodo da vida de Herculano andava biographado por Innocencio Francisco da Silva em um caderno manuscripto com o titulo de *Aleixo Fagundes Bezerro*, que elle mostrava secretamente aos amigos.

governo absolutista contractar um emprestimo no estrangeiro. Em fins de 1830 e começo de 1831 crearam-se em Lisboa uns regimentos e terços chamados *Ordenanças*, especie de tropa de terceira linha, a que nas provincias correspondiam os *Milicianos;* Herculano foi nomeado tenente de um d'esses terços, sem soldo, apenas com o direito de usar uma farda verde e chapéo de bicos. Á medida que se organisava a resistencia dos liberaes na ilha Terceira, onde se installou o Conselho de Regencia, em 3 de março de 1830, o governo absolutista de D. Miguel redobrava de barbaridade, atropellando com uma incrivel imbecilidade os principios mais intuitivos do direito internacional. A quéda do gabinete de Wellington e o advento ao poder de um ministerio liberal, em Inglaterra, deram á resistencia liberal novas condições de vigor; por outro lado a reclamação da França contra o attentado de que foram victimas Saurinet e Bonhomme, acabára de desacreditar perante a Europa o governo absolutista, que se havia rebaixado pelas mais estupendas atrocidades.[1] Ou pelo trabalho gratuito e forçado das Ordenanças, ou pela repugnancia dos assassinatos contra os liberaes, que se exarcebaram entre 6 de fevereiro e 16 de março de 1831, Herculano entendeu dever abandonar a causa que estava perdida perante a moral e a humanidade. Herculano achou-se envolvido no pronunciamento militar de 21 de agosto de 1831, d'onde resultou o ter de emigrar escondidamente de Portugal. Esta circumstancia da sua vida não anda bem explicada, e por isso insistiremos n'ella.

Ás 9 horas da noite de 21 de agosto de 1831, revoltou-se

[1] N'estes tempos as noticias da resistencia liberal na ilha Terceira acirraram a selvageria miguelina, que o povo resumiu no anexim:

Chegou o paquete;
Trabalha o cacete!

o regimento de infanteria n.º 4, aquartelado no Campo de Ourique, desfilando pelas ruas da cidade de Lisboa, ao som de musicas marciaes e gritando: *Viva a Carta constitucional! Viva D. Pedro IV e D. Maria II.* Herculano morava então em uma casa proximo do Largo do Rato, (n'um pateo á direita da rua de S. Bento, como averiguou o sr. Moutinho de Sousa, em communicação ao *Diario de Noticias)* e saiu para vêr a passagem do regimento de infanteria n.º 4; envolvido na onda de povo que acompanhava o regimento, foi correndo as ruas da cidade; ao chegarem ao Rocio, pela uma hora da madrugada, o regimento foi atacado por outras forças absolutistas que sairam para abafar o movimento, resultando mortes e prisões numerosas. Herculano conseguiu evadir-se, indo bater á porta do antigo amigo de Bocage, Francisco de Paula Cardoso, tambem poeta de gosto arcadico e conhecido na litteratura do primeiro quartel d'este seculo pelo nome de Morgado de Assentis; morava elle em uma casa contigua ao chafariz da Mãe d'Agua, á Praça da Alegria. Em casa de Assentis tambem se escondera n'essa noite o liberal Galhardo, com quem Herculano tivera o conflicto na feira das Amoreiras. Ali ficaram ambos escondidos, até poderem transportar-se para bordo da esquadra franceza do almirante Roussin, que tinha o Tejo bloqueado em virtude de uma reclamação do governo francez. A intimação do governo francez fôra feita em 9 de julho de 1831, e o acto inconsiderado do Visconde de Santarem, recusando-se a todas as explicações, determinou o bombardeamento no dia seguinte á uma hora da tarde. O perstigio do governo absoluto de D. Miguel desfazia-se pelas provas manifestas da insensatez; e a esta orientação dos espiritos se deve attribuir a revolta de infanteria n.º 4, e essa curiosidade que levou Herculano a seguil-a até ao Rocio. No paço da Ajuda corria entre as damas e açafatas que as infantas, Isabel Maria, Anna de Jesus, e Maria da Assumpção seriam levadas

para bordo da esquadra franceza como refens; e as infantas pulavam de contentes, porque esperavam continuar os idylios das quintas reaes de Queluz e de Caxias com a officialidade franceza. A esquadra constava dos baixeis *Le Suffren*, *Le Trident*, *La Marengo*, *L'Algesiras*, *La Ville de Marseille*, *L'Alger;* e das fragatas *Melpomene*, *Pallas*, *Didon;* das corvetas *Perle*, *Égle*, e dos brigues *Endymion* e *Dragon*. Foi a bordo da fragata *Melpomene*, que Alexandre Herculano se refugiou do partido que servira e com quem se achava em casual hostilidade. De bordo da *Melpomene*, que recebia todos os que quizessem emigrar de Lisboa, passou Herculano para um paquete inglez com o lente da Academia de Marinha Albino de Figueiredo, que conhecera nos seus primeiros estudos, com o capitão de cavalleria Christovam Bravo, e com o então já seu amigo Joaquim Rodrigues Galhardo, que veiu a morrer com a patente de general reformado.

Envolvido na corrente da emigração portugueza começada em 1824 e continuada em 1828 e 1831, Herculano tomou parte n'esta terceira phase, quando já as agonias do desterro se achavam temperadas pela protecção a uma causa moralmente triumphante; desembarcou em Plymouth, vindo depois para Jersey, arribando a Granville; esta peripecia da sua vida tratou-a elle em um pequeno escripto das *Lendas e Narrativas;* de Granville transportou-se a Rennes, onde se demorou até 1832 em que tomou parte na expedição de Belle-Isle, que se dirigia para a ilha Terceira, onde era o fóco da resistencia dos liberaes. Logo que desembarcou na ilha Terceira alistou-se como voluntario da rainha, circumstancia a que allude na sua prosa poetica *A Velhice*. [1] Como o governo de D. Miguel era ludibriado pelo senso commum europeu, póde vêr-se em uma carta do grande

[1] *Panorama*, vol. IV, p. 243.

compositor allemão Mendelssohn, datada de Paris de 11 de janeiro de 1832; [1] tudo impellia Herculano para abraçar os principios politicos, que a civilisação de Inglaterra e França, observadas de perto, lhe impunham á consciencia, que era a primeira a protestar contra o passado. Pelo menos assim se caracterisou a si proprio: «Louvado Deus, que entre tantas qualidades ruins de que a natureza não foi escassa commigo, tenho algumas excellentes, e tal é, além d'outras, a de uma consciencia de tão fino tacto e tão sem cerimonia,

1 Mendelssohn, caracterisando o genero litterario do Vaudeville, diz: «Não sei de nada mais prosaico, e comtudo o effeito é absorvente. A peça nova que mantém a voga ao Gymnasio é o *Guitarrista de Lisboa*; é as delicias do publico. O cartaz annuncia um personagem desconhecido, mas apenas elle entra em scena, todos riem e applaudem, e percebe-se que o actor imita até á illusão D. Miguel nas suas maneiras, nos habitos e em todos os seus gestos; demais a mais dá a entender que é rei, por mais de um signal, e eis aqui a peça. Quanto mais o desconhecido procede de uma maneira estupida, ignobil e barbara, maior é a alegria do publico, que não deixa escapar nem um gesto, nenhuma palavra. Uma revolta forçou-o a refugiar-se em casa d'este guitarrista, que é o realista mais dedicado possivel, mas que tem a desgraça de ser marido de uma mulher bonita. Um dos favoritos de D. Miguel forçou esta mulher a encontrar-se com elle na proxima noite, e pede ao rei, que chegou no meio d'este arranjo, a auxilial-o e a mandar cortar a cabeça ao marido: — Com toda a vontade! responde-lhe D. Miguel, e em quanto o guitarrista conhece que tem em casa D. Miguel, e cheio de jubilo se lança aos pés d'elle, o rei assigna a sentença de morte, d'este desgraçado, e assigna tambem a do favorito, porque quer para si a mulher e ficar em logar d'elle. A cada nova barbaridade que commette, nós applaudimos, nós rimos, e este estupido D. Miguel de theatro causa-nos o maior prazer. Assim acaba o primeiro acto. No segundo acto, é meia noite; a mulher bonita está sósinha, bastante inquieta: D. Miguel introduz-se em casa d'ella pela janella, e emprega mil recursos, em pleno theatro, para captar-lhe o amor. Fal-a dansar, cantar diante d'elle; a mulher não o póde aturar, pede-lhe de joelhos que a deixe, até que D. Miguel lhe bota as mãos, e arrasta-a bastantes vezes de um a outro lado da scena. Se a mulher não agarrasse uma faca, e se n'este momento não batessem á porta, as cousas poderiam sair-lhe mais desagradaveis. No desenlace o guitarrista salva ainda uma vez o rei dos soldados francezes que acabam de chegar, e de que D. Miguel tem um terrivel medo por causa da sua bravura e do seu amor pela liberdade. Assim se termina a peça com geral satisfação.» *Lettres de Mendelssohn*, p. 308 (Lettre I) trad. franc. de Rolland.

Como se vê esta composição do *Luthier de Lisbonne* versava sobre os successos que motivaram a expedição franceza de 1831; é natural que os emigrados portuguezes que se achavam em Paris assistissem a esta representação que atraía uma concorrencia continua ao Gymnasio.

que apenas digo ou faço uma parvoice, a sente e expõe com uma admiravel claresa e convincente logica, de modo que sempre tem a habilidade de me fazer titubear e quasi sempre a de me fazer confessar com exemplar humildade, que sou um solemnissimo tolo.» [1]

A emigração foi para Herculano uma transfiguração da intelligencia; surgiu um homem novo. Nas amarguras do desterro o sentimento foi estimulado pela realidade da vida, e eil-o que surge um grande poeta. Em verdade Herculano é um grande poeta; os que o cercaram de admirações como historiador, desconheceram ineptamente a alta superioridade do auctor da *Mocidade e morte* e da *Victoria e Piedade*, e por isso não poderam explicar porque é que Herculano nunca escreveu senão prosa poetica quer na historia critica, quer na polemica politica, e como sendo este o lado impressionavel com que se impoz ao publico, é tambem este o signal da sua falta de disciplina philosophica. As *Poesias* de Herculano trazem impressas as emoções novas da situação em que se achava ao sair de Portugal escravo, e isto bastava para que a sua bella organisação poetica se desligasse para sempre do convencionalismo arcadico. O conhecimento dos poemas de Ossian, que tanto impressionaram Garrett, das canções de Beranger, dos versos de Lamartine e de Casimir Delavigne, ensinaram-lhe a tentar novas fórmas strophicas; mas uma cousa ficou profundamente portugueza, a linguagem da saudade, esse sentimento exclusivo com que nos tornámos conhecidos na Europa. Uma cousa nos surprehende na leitura dos versos soltos de Herculano, é a intima analogia que têm com os do poema *Camões*, de Garrett; ha n'elles o mesmo rythmo, o mesmo arranjo de phrase, a mesma vaga saudade; o *Camões* de Garrett fôra escripto em 1824, e bem podia ser um dos estimulos da sua nova

[1] *Panorama*, vol. IV, p. 242.

idealisação. Mas um facto nos revela que ambos estudaram essa versificação difficil em uma fonte commum: os archaismos, que ás vezes dão tanto relevo poetico á phrase, e que Herculano empregou sempre nas suas reconstrucções poeticas do passado no romance historico, foram adoptados no estudo sempre proficuo das obras de Filinto Elysio. Garrett e Herculano, que inauguraram entre nós as fórmas litterarias do Romantismo, acharam no estudo de Filinto, que no fim da vida traduziu o *Oberon* de Wieland, as indicações do espirito classico para a transformação evolutiva da litteratura moderna. No poemeto subjectivo *Tristesas do desterro*, em que se reconhece a cadencia garrettiana, descreve Herculano as primeiras emoções ao deixar a patria, a saudade que o devorava em Inglaterra, o tedio do desalento em França, e a impressão nova dos phenomenos vulcanicos das ilhas dos Açores, quando foi reunir-se ao exercito liberal na Terceira. Esses versos têm a bellesa do que é vivo:

> Terra cara da patria, eu te hei saudado,
> D'entre as dôres do exilio. Pelas ondas
> Do irrequieto mar mandei-te o choro
> Da saudade longinqua. Sobre as aguas
> Que d'Albion nas ribas escabrosas
> Vem marulhando branquear de escuma
> A negra rocha em promontorio erguido
> D'onde o insulano audaz contempla o immenso
> Imperio seu, o abysmo, aos olhos turvos
> Não sentida uma lagrima fugiu-me,
> E devorou-a o mar. A vaga incerta,
> Que róla livre, peregrina eterna,
> Mais que os homens piedosa, irá depôl-a,
> Minha terra natal, nas praias tuas.
> Essa lagrima acceita: é quanto póde
> Do desterro enviar-te um pobre filho.

Como vimos, a revolta militar em que Herculano se achou compromettido foi em 21 de agosto de 1831, e ainda em fins d'esse mez seguiu caminho da emigração para Inglaterra; Herculano deixa entrevêr esta circumstancia:

Já se acercava o tenebroso inverno;
Vinha fugindo a rapida andorinha,
Para um abrigo te ir pedir, oh patria,
Em cujos valles nunca alveja a neve:
Junto de mim passou: em suas azas
Tambem mandei o filial suspiro.

Pelo dorso das vagas rugidôras
Eu corri além mar por estas plagas.
Pelas antenas, em nublada noite
Ouvi o vento sul, que assobiava
E de ouvil-o folguei. Da patria vinha:
Seu rijo sôpro refrescou-me as veias.
.... Quem, nunca, esquece
O tecto paternal, embora adeje
Ao redor d'elle o medo dos tyrannos?

A nostalgia da sua natureza de meridional é expressa com uma commovente anciedade:

.... Oh, dae-me um valle
Onde haja o sol da minha patria, e a brisa
Matutina e da tarde, e a vinha e o cedro
E a larangeira em flôr, e as harmonias
Que a natureza em vozes mil murmura
Na terra em que nasci............ (p. 169.)

A patria era para elle então um éden; a saudade dos seus torna-se uma paixão que lhe dá mais intensidade subjectiva á linguagem:

Eu, prófugo, como elle, o éden nativo
Perdi; e perdi mais. Despedaçados
Os affectos de irmão, de amante e filho,
Restam-me na alma qual buida frecha,
Que no peito ao cravar-se, estala e deixa,
Caindo, o ferro na ferida occulto ...

Oh meu pae, oh meu pae, como a memoria
Me reflecte, alta noite, a tua imagem,
Por entre um véo de involuntario pranto!
Quão triste cogitar em mim desperta
A imagem cara! A noite, o bom do velho
As bençãos paternaes de Deus co'as bençãos
Sobre minha cabeça derramava,
E ao começar o dia; e ellas desciam
A um coração isempto de remorsos
Onde encontravam filial piedade.

E agora! É-lhe mysterio o meu destino,
Qual o seu, para mim o exilio occulta.
Saciado talvez de dôr e affrontas
Dorme já sob a campa o somno eterno?

....

Ah se um dia raiar para o proscripto
O suspirado alvôr do sol da patria,
E se entre nós de um impio as mãos ergueram
A barreira da morte, ai d'elle! ai d'elle! [1]

No pequeno escripto *De Jersey a Granville*, Herculano descreve com certa graça e humorismo, a que não estava acostumada a lingua portugueza, os dias terriveis da emigração de 1831. Eis o quadro da sua vida de emigrado em Plymouth: «Miss Parker, de Plymouth, era uma donzella de sessenta annos; excellente creatura que nos dera cama e luz por dois mezes n'aquella cidade, mediante a bagatella de tres shellings semanaes por cabeça. A Inglaterra, como todos sabem, é o paiz da franca e sincera hospitalidade. Eramos ahi nove portuguezes, em seis camas e tres aposentos, o que dava certo ár pythagorico e mysterioso á familia, que, dirigida por Miss Parker, podia servir de modelo ás outras ninhadas de emigrados que ainda viviam em Plymouth. Ninguem tinha uma patrôa como nós, e os seus *lodgings* eram a pérola das albergarias de Plymouth. A principio, havia-se encarregado de nos preparar a comida; mas poucos dias podémos resistir aos abominaveis tempêros do paiz.—Miss Parker foi o unico folego vivo da Gram-Bretanha a quem, na minha estada em Inglaterra, devi um beneficio: quando partimos para Jersey, deu-nos um cabazinho, em que levassemos a nossa matalotagem, e derramou algumas lagrimas ao despedir-se de nós.» [2] «Abandonámos emfim o sólo de Inglaterra. Seria pela

[1] *Poesias*, p. 173.
[2] *Lendas e Narrativas*, II, p. 288. 4.ª ed.—Durante a permanencia em Plymouth Herculano entregava-se á poesia, e ahi escreveu em setembro de 1831 o hymno intitulado *Deus*, transcripto em todas as Selectas das escolas.

volta do meio dia quando saltámos no chasse-marée que devia conduzir-nos de Jersey a Saint-Maló, atravessando aquella estreita porção do canal que nos separava da França. Commoda ou incommoda, era necessario aproveitar aquella detestavel jangada para passarmos á França, e isto por duas rasões urgentissimas: a primeira, porque nenhuma outra embarcação havia no porto de Saint-Hélier com destino immediato para a costa fronteira; a segunda, porque o preço da passagem era apenas uma libra esterlina, e uma libra esterlina era o folego maior que podia sair da bocca das nossas bolsas... Nós seguimos, pouco mais ou menos, o rumo do sul, e a mudança do vento, posto que ameaçadora, tinha sido momentaneamente uma vantagem de commodidade: o chasse-marée corria á bolina, e por isso o seu arfar se tornava mais suave. No horisonte, quasi pela pôpa, divisávamos ainda o promontorio de Noirmont, e pela nossa esquerda prolongavam-se quasi imperceptivelmente as costas de França, como uma linha negra lançada ao través dos mares.—O chasse-marée havia-se posto á capa. O vento não consentia já que surdissemos ávante, e o arraes, depois de breve conferencia, á prôa com o seu companheiro, veiu declarar-nos que seria impossivel seguir o rumo de Saint-Maló; que era necessario pôr a prôa nas costas da Normandia, e dirigirmo-nos a Granville; que finalmente ahi poderiamos tocar em terra na manhã seguinte. O chasse-marée, destinado a transportar gado de França para as ilhas do Canal, ia em lastro, e o lastro era de areia. Se não fossem os terriveis balanços da embarcação, a pocilga em que nos achavamos poderia passar ao tacto, unico sentido de utilidade n'aquella situação, por uma praia deserta. Depois de apalparmos por longo tempo em volta de nós, achámos por fim uma véla e alguns cabos, lançados para uma extremidade do areal fluctuante. Ao menos tinhamos um leito, senão macio, mais enxuto que esse com que contavamos.

Uma pouca de areia humida por pavimento, algumas braças de lona por leito, e por agasalho e cobertura a tolda de um miseravel barco, eram, com as trevas que nos rodeavam n'esse momento, toda a nossa consolação e abrigo.» No meio de uma borrasca nocturna foram lançados por cima de restingas «no recife de um ilheu, visinho das costas de Normandia;» a saída foi extremamente difficil, como a entrada havia sido extraordinaria; d'ali partiram já com o sol alto, e em poucas horas aportaram a Granville.

Para todos os emigrados era incerta a sorte dos parentes sob o regimen canibalesco de D. Miguel; e esta situação moral aggravava mais o desalento dos emigrados portuguezes. Como Garrett, Herculano tambem designou os francezes, onde ambos se refugiaram, com o nome ethnico de Sicambros:

> Sob este rude céo, entre o ruido
> Dos odiosos folgares do sicambro
> Do monótono som da lingua sua...

Os folgares odiosos, como se sabe pela carta de Mendelssohn, que já citámos, eram os Vaudevilles politicos, cheios de *couplets* engraçadissimos, e de allusões satyricas aos ministros da Restauração. A saudade da patria era para o poeta desterrado a preoccupação absoluta; mas de repente saiu da sua prostação nostalgica, e perguntou a si mesmo se uma terra escrava podia ser patria do poeta:

> Terra infame! de servos aprisco,
> Mais chamar-te teu filho não sei:
> Desterrado, mendigo serei;
> De outra terra meus ossos serão!
>
> Mas a escravo, que pugna por ferros,
> Que herdará deshonrada memoria,
> Renegando da terra sem gloria,
> Nunca mais darei nome de irmão. [1]

[1] *Poesias*, p. 104.

São vigorissimas estas estrophes da poesia *O Soldado;* o coração do rapaz de vinte e dois annos palpitava com verdade: «Onde é livre tem patria o poeta;» se um dia Herculano incensou a tyrannia, esse facto foi uma fatalidade imposta pelo meio social á inconsciencia dos dezoito annos. Na bella ode *Victoria e Piedade,* descreve outra vez o motivo do desterro forçado, e o embarque na expedição para a ilha Terceira em 1832:

> No despontar da vida, do infortunio
> Murchou-me o sôpro ardente;
> E saudades curtí em longas terras
> Da minha terra ausente.
> O sólo do desterro, ai, quanto ingrato
> É para o foragido,
> Ennevoado o céo, árido o prado,
> O rio adormecido!
> Eu lá chorei, na idade da esperança
> Da patria a sua sorte:
> Esta alma encaneceu; e antes de tempo
> Ergueu hymnos á morte... [1]

Que alento n'essas estrophes com que descreve o alistamento dos voluntarios, e o embarque em Belle Isle, a 2 de fevereiro de 1832, e no dia 10 a partida da armada, para a expedição da ilha Terceira, e o começo da campanha liberal! Pela primeira vez a litteratura portugueza se inspirava dos conflictos da vida nacional:

> Mas quando o pranto me sulcava as faces,
> Pranto de atroz saudade,
> Deus escutou do vagabundo as preces,
> D'elle teve piedade.
> «Armas! — bradaram no desterro os fortes,
> Como bradar de um só:
> Erguem-se, vôam, cingem ferros; cinge-os
> Indissoluvel nó.
> Com seus irmãos as sacrosantas juras
> Beijando a cruz da espada,
> Repetiu o poeta: — «Eia, partâmos!
> Ao mar!» Partia a armada.

1 *Ibid.*, p. 112.

Pelas ondas azues, correndo affoutos
    As praias demandámos
Do velho Portugal, e o balsão negro
    Da guerra despregámos;
Da guerra, em que era infamia o ser piedoso,
    Nobresa o ser cruel,
E em que o golpe mortal descia envolto
    Das maldições no fel. [1]

Os nossos lyricos modernos, que pensam ter feito esquecer Herculano como poeta, nunca temperaram na realidade da vida as suas tintas impressionistas, e por isso procuram o vigor da estrophe na violencia das antitheses e no relevo das imagens. Herculano tira as imagens das impressões novas que vae recebendo; a natureza vulcanica das ilhas dos Açores assombra-o, e ao desembarcar na ilha Terceira os restos dos vulcões extinctos dão-lhe a imagem com que retrata o estado da sua alma:

Eu já vi n'uma ilha arremessada
Ás solidões do mar, entre os dois mundos,
Vestigios de vulcões que hão sido extinctos
Em não sabidos seculos. Scintillam
Aqui e ali, nos areientos plainos,
Onde espinhosas sarças só vegetam,
Restos informes de metaes fundidos
Pelas chammas do abysmo, entre affumadas
Pedras que em parte amarellece o enxofre,
Que a lava em rios dispersou, deixando
Só d'elle a côr em lascas arrancadas
Das entranhas dos montes penhascosos.
A natureza é morta em todo o espaço
Que ella correu, no dia em que, rugindo,
Da cratéra fervente, á voz do Eterno,
Desceu ao mar turbado, e elle, escumando,
A enguliu e passou, qual sumiria
De soçobrada náo celeuma inutil.
Tal é meu coração. Bem como a lava
É o desterro ao trovador. [2]

As viagens para Inglaterra e França, para os Açores e

[1] *Poesias*, p. 113.
[2] *Ibid.*, p. 177.

para as costas de Portugal, foram para o talento poetico de Herculano o mesmo que a viagem do Oriente para Camões e Bocage; deram-lhe um grande poder descriptivo. Na ode bem energica *A Tempestade*, converte o terror da morte em uma esperança:

> Oh morte, amiga morte! é sobre as vagas,
> Entre escarcéos erguidos,
> Que eu te invoco, pedindo-te feneçam
> Meus dias aborridos:
> Quebra duras prisões, que a natureza
> Lançou a esta alma ardente;
> Que ella possa voar, por entre os orbes,
> Aos pés do Omnipotente.
> Sobre a náo, que me estreita, a prenhe nuvem
> Desça, e estourando a esmague,
> E a grossa prôa, dos tufões ludibrio,
> Solta, sem rumo vague.
> ....
> E eu que vélo na vida, e já não sonho
> Nem gloria, nem ventura;
> Eu, que esgotei tão cedo até ás fézes
> O calix da amargura:
> Eu, vagabundo e pobre, e aos pés calcado
> De quanto ha vil no mundo,
> Santas inspirações morrer sentindo
> Do coração no fundo,
> Sem achar no desterro uma harmonia
> De alma, que a minha entenda,
> Porque seguir, curvado ante a desgraça
> Esta espinhosa senda? [1]

Na primeira edição da *Harpa do Crente*, esta poesia traz a seguinte nota: «*A bordo da Juno, na bahia da Biscaya.—Março de 1832.*»

Era uma alma de Tyrteu que se interrogava; no fragor da metralha não podia deixar de ser um valente soldado. Herculano foi um dos sete mil e quinhentos bravos desembarcados no Mindello, e teve a sua parte n'essa epopêa do cêrco do Porto.

1 *Poesias*, p. 89, 91.

§ II. — (De 1832 a 1846.) — Durante o cêrco do Porto: Bernardino Antonio Gomes, Antonio Fortunato Martins da Cruz e José Carneiro da Silva. — *Boleto.* — Alexandre Herculano nomeado em 1833, segundo bibliothecario da Bibl. do Porto. — Logar que occupa até 1836: Trabalhos depois do cêrco: *Repositorio litterario.* — Sociedade de Jurisprudencia. — Jornal da Sociedade dos Amigos das Lettras (Lisboa 1836.) — O cêrco do Porto nos versos de Herculano: *Harpa do Crente.* — A revolução setembrista: 1836. Passos Manuel. — *A Voz do Propheta.* — Vinda de Herculano para Lisboa em 1836; redacção do *Diario do Governo.* — Nomeado bibliothecario da Ajuda e das Necessidades. — Fundação do *Panorama.* Missão d'este jornal. — Os romances historicos (Sociedade Propagadora dos Conhecimentos uteis.) — 1840 deputado pelo Porto. — Conflicto das ambições politicas; não o fazem ministro da Instrucção publica, e retira-se da politica. — Impressão produzida pelos seus romances historicos. — Relações com Garrett e Castilho, e sua dissidencia. — Dependencia da casa real e seus estudos historicos do *Panorama*, como base da *Historia de Portugal.* — Cartas sobre a *Historia de Portugal*, á maneira de Thierry, na *Revista Universal Lisbonense.* — Epoca brilhante de Herculano. — Entra para a Academia das Sciencias de Lisboa.

A lucta pela liberdade inaugurada na ilha Terceira, embora dirigida pelos interesses dynasticos de D. Pedro IV, e coadjuvada por uma parte da aristocracia despeitada, tem o quer que seja de grandioso pelo motivo inicial. Se do lado absolutista o povo era fanatisado para praticar as carnificinas, do lado liberal esses espectaculos de degradação humana da Justiça das Alçadas, faziam com que os mais obscuros ainda se portassem como heroes. O archipelago dos Açores foi o primeiro nucleo da resistencia dos poucos homens livres que usavam o nome de portuguezes, e é essa uma condição mesologica de todas as ilhas, em que predomina o espirito de independencia. D. Pedro IV aproveitou esse primeiro nucleo e dirigiu-se de Belle Isle para os Açores a 10 de fevereiro de 1832; a expedição chegou á ilha de S. Miguel a 22, e desembarcou na ilha Terceira a 3 de março d'esse mesmo anno. No meio dos grandes combates

e de falta de recursos, havia a anarchia das opiniões; uns queriam, depois da adhesão do archipelago ao regimen liberal, que saissem em expedição para a ilha da Madeira, mas D. Pedro IV quiz que se dirigissem para o continente do reino. Foi isso a vista do genio; o Porto tinha em 1829 ficado abandonado ás atrocidades do governo insensato de D. Miguel, e existiam ahi profundas feridas, que insurgiam mais do que todas as proclamações. D. Pedro, que havia mudado a séde do governo da ilha Terceira para S. Miguel a 26 de abril de 1832, ali organisou a expedição com que projectava fazer o desembarque no continente; reuniu as tropas na planicie do Relvão, procedendo ao embarque ás duas horas da tarde do dia 27 de junho. Garrett allude a esta despedida solemne dos amigos da ilha de S. Miguel, e do abandono ali dos seus manuscriptos. Herculano, que pertencia ao batalhão dos voluntarios, ainda não tinha manuscriptos, contava vinte e dois annos, e já admirava o auctor do *Camões*.

Por um motivo estrategico, perfeitamente explicado por Agostinho José Freire, a armada dirigiu-se para as costas do norte de Portugal; avistaram terra entre Vianna e Villa do Conde em 7 de julho, e depois de uma intimação inutil ao commandante das tropas absolutistas da provincia, começou o desembarque na praia do Mindello, que se fez em menos de quatro horas, no dia 8 de julho. Foi sobre a praia que D. Pedro IV entregou ao batalhão de voluntarios a bandeira que lhe fôra offerecida pelas senhoras da ilha do Fayal. Na madrugada do dia 9 entraram no Porto os soldados liberaes, e o povo arrancou immediatamente as forcas da Praça Nova, que funccionavam havia quatro annos para manterem o terror miguelino. Na poesia *O Soldado*, [1] Herculano pinta com delicadas côres esta situação moral dos emi-

[1] Na primeira edição da *Harpa do Crente*, lê-se: «*Porto — Julho de* 1832.»

grados ao chegarem á patria, e a saudade convertida em sanha de irmãos:

Do meu paiz querido
A praia ainda beijei,
E o velho e amigo cedro
No valle ainda abracei.

....

Foi a esperança nuvem,
Que o vento sóme á tarde:
Facho de guerra acceso
Em labaredas arde!

Do fratricidio a luva
Irmão a irmão lançára,
E o grito: Ai do vencido!
Nos montes retumbára.

As armas se hão cruzado
O pé mordeu o forte;
Cahiu; dorme tranquillo:
Deu-lhe repouso a morte.

Ao menos, n'estes campos
Sepulchro conquistou,
E o adro dos extranhos
Seus ossos não guardou. [1]

Já era um bem para o emigrado o poder ao menos ser sepultado em chão portuguez. A campanha da liberdade começava por um revés; o triumpho de Souto Redondo em 7 de agosto seguido de uma inexplicavel retirada em desordem até aos Carvalhos, fez convencer que a causa estava perdida, se se não limitavam as operações á defensiva. As forças eram diminutas e convinha poupal-as, como suprema tactica: eram 8:544 soldados e 2:100 voluntarios, contra mais de 80:000 homens de todas as armas da parte dos absolutistas, além de mais de 40:000 sitiantes em volta do Porto. Às linhas fecharam-se no dia 8 de setembro pelo ata-

[1] *Poesias*, p. 101.

que dos miguelistas no Alto da Bandeira, nas fortificações do norte e á Serra do Pilar. Era uma lucta desegual e desesperada; os livres foram grandes. Herculano, então obscuro voluntario, retrata essas emoções da campanha em que era infamia o ser humano; em um prefacio com que precedeu a edição definitiva da *Voz do Propheta*, referindo-se a uma carga de baioneta, escreve estas linhas de realidade que explicam os seus versos: «Assim vi morrer alguns soldados do 5 de caçadores e de voluntarios da rainhá no temerario reconhecimento de Vallongo, que precedeu a batalha de Ponte Ferreira.» [1] Eis o quadro poetico:

E a bala sibilando,
E o trom da artilheria,
E a tuba clamorosa
Que os peitos accendia;

E as ameaças torvas,
E os gritos de furor,
E d'esses que expiravam,
Som cavo de extertor;

E as pragas do vencido,
Do vencedor o insulto,
E a pallidez do morto,
Nu, sangrento, insepulto;

Eram um cáos de dôres,
Em convulsão horrivel,
Sonho de accesa febre,
Scena tremenda, incrivel!

E suspirei: nos olhos
Me borbulhava o pranto,
E a dôr, que trasbordava,
Pediu-me infernal canto.

Oh, sim! maldisse o instante
Em que buscar viera,
Por entre tempestades
A terra em que nascera.

1 *Opusculos*, t. I, p. 16.—No artigo *A vida soldadesca*, publicado no *Pan.*, t. IV, p. 91, torna a referir-se ao combate de Ponte Ferreira em 23 de julho de 1832.

Que é, em fraternas lides
Um canto de victoria?
É delirar maldito;
É triumphar sem gloria.

Maldito era o triumpho
Que rodeava horror,
Que me tingia tudo
De sanguinosa côr. [1]

....

E os fortes lá jaziam
Co'a face ao céo voltada;
Sorria a noite aos mortos
Passando socegada...

Contrarios ainda ha pouco,
Irmãos, emfim, lá eram!
O seu thesouro de odio,
Mordendo o pó, cederam. [2]

A refrega era dura; não bastavam os combates nas linhas e as granadas chovendo dia e noite sobre a cidade, a fome appareceu com o seu terrivel séquito da cholera morbus e do desalento. Os generaes projectaram abandonar a cidade, como o tinham feito em 1829; mas D. Pedro IV era novo e brioso, não quiz, mandou picar as amarras para a esquadra se fazer ao largo. Na poesia de Herculano transparece este desalento:

Oh morte, o somno teu
Só é somno mais largo;
Porém, na juventude
É o dormil-o amargo;

Quando na vida nasce
Esta mimosa flôr,
Como a cecem suave,
Delicioso amor.

Quando a mente accendida
Crê na ventura e gloria;
Quando o presente é tudo,
E inda nada a memoria!

....

[1] *Poesias*, p. 102.
[2] *Ibid.*, p. 106.

Morrer, morrer, que importa?
Final suspiro ouvil-o
Ha-de a patria. Na terra
Irei dormir tranquillo. [1]

N'essa outra poesia *O Mosteiro deserto*, o poeta descrevendo o abandono dos conventos pelos frades que andavam capitaneando em volta do Porto os povos fanatisados, de trabuco e cruz alçada, como se viu na guerra dos curas contra a Republica hespanhola, traz mais um quadro de batalha com traços de realidade que raras vezes entram na idealisação litteraria:

E á voz das trombetas,
Ao trom dos canhões,
Ao som das passadas
De vinte esquadrões;

E em meio do fogo,
Do fumo alvacento,
Em rôlos ondeando
Nas azas do vento,

De agudas baionetas
A renque brilhante
Tremente avançava
Ao brado de — ávante!

E ao baço ruido
Dos leves ginetes,
No plaino calcando
Da relva os tapetes,

Os ferros cruzados
Luctavam tinindo,
Peões, cavalleiros
De involta ruindo,

E a ferrea granada
Nos ares zumbia,
E aos seios das álas
Qual raio descia.

E aos áres, revolta,
A terra expirrava,
E o globo incendido
Um pouco se alçava.

[1] *Poesias*, p. 108.

E prenhe de estragos,
Com féro estampido,
Mandava mil golpes
Em rochas partido. [1]

No meio do tropel avistavam-se os frades animando os que combatiam contra a liberdade; andavam com a cruz erguida, açulando os irmãos segundo o espirito do versiculo de S. Matheus, que diz «eu trouxe a espada, e vim trazer a desunião entre o pae e o filho, entre o irmão e o irmão; vim metter a guerra entre elles.» O que elles interpretavam nos pulpitos com allegorias, aqui cumpriam-no á letra. [2] Na poesia do *Mosteiro deserto*, traça Herculano este protesto:

Na garganta da serra ou sobre o outeiro,
Pelo pinhal da encosta ou da campina,
N'esse dia de atroz carnificina,
Negros, uns vultos vaguear se viam:
A cruz do Salvador na esquerda erguida,
Na dextra o ferro, preces blasphemando:
«Não perdoeis a um só!» féros bradando,
Entre as fileiras rapidos corriam:

E era o Monge que bradava,
E era o Monge que corria,
E era o Monge, que blasphemo
Préces vãs a Deus fazia;

[1] *Poesias*, p. 190.
[2] «Secretaria d'Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça.
«A El-rei Nosso Senhor constou, por officio que ao intendente geral da policia da côrte e reino dirigiu o corregedor da comarca de Braga, que os religiosos do convento de S. Fructuoso da dita cidade, quando viram que se faziam preparativos para a defeza do reino contra os rebeldes, resolveram que, se as circumstancias o exigissem, ficassem dois d'elles, que se achavam enfermos, guardando o convento, *e os outros se apresentassem armados* e se unissem aos mais defensores da religião, do soberano, e da patria, e tendo merecido a approvação de sua magestade a *louvavel* deliberação destes *bons* religiosos e fieis vassallos que n'isto mostraram conhecer que ninguem deve deixar de expor-se aos trabalhos e aos perigos para um fim tão justo e tão importante: Determina que V. P. Reverendissima assim lh'o faça constar: O que de ordem do mesmo senhor communico a V. P. Reverendissima para sua intelligencia e execução. Deus guarde a V. P. Reverendissima, palacio de Queluz em 22 de dezembro de 1831. Luiz de Paula Furtado de Castro do Rio de Mendóça. Senhor Ministro Provincial dos Religiosos Menores reformados da Provincia da Soledade.»

Vãs, que á tarde, n'esse plaino
No sangue de irmãos retinto
Só restava o moribundo,
O cadaver só do extincto.
E por gandras e por montes,
Aterrados, perseguidos,
Em desordenada fuga
Retiravam-se os vencidos.
E os vencidos eram esses
Que a esperança da victoria
Arrastára, miserandos
A uma guerra impia, sem gloria [1]

....

Essas scenas de pranto e de luto
Quem as trouxe a esta terra querida?
Foi o Monge, que em animos rudes
Installou o furor fratricida. [2]

Uma das batalhas mais decisivas do cêrco foi a de 29 de setembro de 1832, em que entraram em parada 8:384 liberaes, e dentro da cidade 7:140 contra 35:000 miguelistas; venceram os que luctavam pela vida, e d'esse triumpho resultou a força moral da causa da liberdade em todo o paiz. D. Pedro IV conheceu que um dos seus primeiros actos depois da victoria seria a extincção do Monachismo em Portugal, nação atrophiada por esse parasita que a atacou desde a sua origem; de toda a obra do Constitucionalismo foi essa a maior reforma, e a ella, apesar de negativa, devemos todos os fructos que nos ligam ainda á civilisação moderna. Na bella ode *A Victoria e a Piedade*, Herculano, já no fim do cêrco, lembra esses grandes lances:

Fanatismo brutal, odio fraterno,
  De fogo céos toldados,
A fome, a peste, o mar aváro, as turbas
  De inumeros soldados;
Comprar com sangue o pão, com sangue o lume,
  Em regelado inverno;
Eis contra o que, por dias de amargura
  Nos fez luctar o inferno.

[1] *Poesias*, p. 191.
[2] *Ibid.*, p. 199.

Mas da féra victoria, emfim, colhêmos
 A c'rôa de cypreste;
Que a fronte ao vencedor em impia lucta
 Só essa c'rôa véste.
Como ella, torvo soltarei um hymno
 Depois de triumphar,
Oh meus irmãos, da embriaguez da guerra
 Bem triste é o acordar!
N'essa alta encosta, sobranceira aos campos
 De sangue ainda impuros,
Onde o canhão troou por mais de um anno
 Contra invenciveis muros,
Eu, tomando o alaúde, irei sentar-me,
 Pedir inspirações
Á noite quêda, ao genio que me ensina
 Segredos das canções. [1]

Na segunda serie da *Harpa do Crente*, offerecida *Á Rodrigo da Fonseca Magalhães, em testemunho de sincera amisade*, acha-se datada do Porto, em agosto de 1833, a esplendida ode *A Victoria e a Piedade*. Herculano acompanha-a de uma nota omittida nas edições ulteriores: «Este fragmento, que segue, e que servirá para intelligencia dos precedentes versos, pertence a um livro já todo escripto no entendimento, mas de que só alguns capitulos estão trasladados no papel. A guerra da Restauração de 1832 a 1833 é o acontecimento mais espantoso e mais poetico d'este seculo. Entre os soldados de D. Pedro havia poetas: militava comnosco o auctor de *D. Branca*, do *Camões*, de *João Minimo;* o sr. Lopes de Lima, e outros; mas a politica engodou todos os engenhos e levou-os comsigo. Os homens de bronze, os sete mil do Mindello não tiveram um cantor; e apenas eu, o mais obscuro de todos, salvei em minha humilde prosa uma diminuta porção de tanta riqueza poetica. Oxalá que esse mesmo trabalho, ainda que de pouca valia, não fique esmagado e sumido debaixo do Leviathan da politica. Todos nós temos vendido a nossa alma ao espirito immundo do jornalismo. E o mais é que poucos conhecem

[1] *Poesias*, p. 114.

uma cousa: que politica de poetas vale, por via de regra, tanto como poesia de politicos.»

A esta nota, já um pouco despeitada, ajunta Herculano o fragmento do livro que andava em esboço, a que dava o titulo *Da minha Mocidade—Poesia e meditação*, cap...: «O combate da ante-vespera estava ainda vivo na minha imaginação: eu cria vêr ainda os cadaveres dos meus amigos e camaradas, espalhados ao redor do fatal reducto em que estava assentado: ainda me soavam aos ouvidos o seu clamor de enthusiasmo ao accommettel-o, o sibilar das ballas, o grito dos feridos, o som das armas caindo-lhes das mãos, o gemido doloroso e longo da sua agonia, o estertor dos moribundos, e o arranco final do morrer. Os dentes me rangeram de colera, e a lagrima envergonhada de soldado me escorregou pelas faces. O Porto estava descercado; mas quantos valentes caíram n'esse dia! Eu ia amaldiçoar os cadaveres dos vencidos, que ainda por ahi jaziam; porém pareceu-me que elles se alevantavam e me diziam:—Lembra-te de que tambem fômos soldados: lembra-te de que fômos vencidos!—E eu bem sabia que inferno lhes devia ter sido, no momento de expirarem, as ideias de soldado e de vencimento conglobadas n'uma só, como tremenda e indelevel ignominia, estampada na fronte do que ia transpôr os umbraes do outro mundo. Então orei a Deus por elles; antes de irmão de armas eu tinha sido christão; e Jesus Christo perdoára, entre as affrontas da cruz, aos seus assassinos. A ideia de perdão parecia me consolava da perda de tantos e tão valentes amigos. Havia n'essa ideia torrentes de poesia; e eu te devi então, oh crença do Evangelho, talvez a melhor das minhas pobres canções.»

A intuição do artista não o enganou n'este juizo. [1] A

[1] Não podemos explicar porque é que Herculano na edição definitiva dos seus versos cortou todas as referencias pessoaes, tornando o livro menos va-

vida da guerra fizera-lhe desabrochar um genio novo; era essa a poesia por onde devia de começar a transformação da litteratura. Herculano, mais do que a gloria das armas presava a gloria das lettras. Em 5 de julho de 1833 estava já a causa liberal triumphante; Herculano desde mais tempo fôra passado á segunda linha, e impedido no serviço da Bibliotheca publica do Porto, sendo nomeado segundo bibliothecario. Estava então aquartelado em uma casa do Largo da Fabrica (hoje Largo do Correio);[1] na rua dos Loyos, na casa do contraste do ouro se encontrava com os seus intimos amigos e camaradas Dr. Antonio Fortunato Martins da Cruz, Dr. Bernardino Antonio Gomes, José Carneiro da Silva, e outros com quem cooperou na fundação da *Sociedade das Sciencias medicas e de Litteratura*, e collaborou no *Repositorio litterario;* apparecia de vez em quando n'este pequeno cenaculo Almeida Garrett, conhecido affectuosamente entre estes condiscipulos da Universidade pelo *Leitãosinho*. Herculano conheceu-o aqui de perto e foi o primeiro a julgar com justiça a influencia dos poemas *Camões* e *D. Branca*.

Depois do triumpho do cêrco do Porto, e do estabelecimento do regimen parlamentar, todos os espiritos comprehenderam a necessidade de reformar a instrucção geral do paiz, desenvolver o gosto pela leitura, e promover os habitos da associação, meio de se exercitar a liberdade e a

lioso por inintelligivel nos trechos mais inspirados. O rompimento com alguns personagens, seria causa d'esta amputação; de facto Rodrigo da Fonseca Magalhães, e Antonio Feliciano de Castilho, a quem dedicou a terceira serie da *Harpa do Crente*, estão no caso supposto.

[1] Eis o Boleto de aquartelamento de Herculano:

«Rua do Largo da Fabrica, n.os 120 a 130.

Sr. Narciso José de Oliveira.

Aquartelará o sr. Alexandre Herculano de Carvalho e Araujo, 2.º bibliothecario da Real Bibliotheca d'esta cidade, que continúa desde 13 de maio — dando-lhe agua, lenha, sal, luz e cama. — Porto, 2 de outubro de 1833. — *Mello*, coronel de 2.ª, L.ª»

iniciativa particular. Fundou-se no Porto a *Sociedade das Sciencias medicas e de Litteratura*, inaugurada em 13 de dezembro de 1833, em casa do Dr. Antonio Carlos de Mello e Silva, e depois reunida nas suas sessões em uma sala da Academia de Marinha e Commercio [1] (hoje Academia Polytechnica); a contar de 15 de outubro de 1834 começaram a publicação de um jornal, o *Repositorio litterario*, onde se inseriram os trabalhos dos socios. Á Sociedade das Sciencias medicas e de Litteratura pertenciam Agostinho Albano da Silveira Pinto, José Carneiro da Silva, Antonio Fortunato Martins da Cruz e Alexandre Herculano, que viviam na maior intimidade; D. José de Urcullu, e João Pedro Ribeiro tambem contribuiram com algumas communicações historicas para o *Repositorio*, e Frei Francisco de S. Luiz offertou á Sociedade uma memoria biographica sobre Jacob de Castro Sarmento.

Herculano era então segundo bibliothecario da Bibliotheca do Porto, formada da Livraria do Bispo que abandonára a cidade á entrada dos liberaes; no meio dos seus trabalhos de organisação, Herculano contribuiu sempre com estudos criticos, historicos e com poesias para o *Repositorio litterario*. Algumas poesias não foram mais tarde colligidas na *Harpa do Crente*, e é uma d'essas *A Elegia do Soldado*, [2] inspirada pelo sentimento geral da morte de D. Pedro IV em 24 de setembro de 1834; n'essa poesia acham-se trechos bastante eloquentes, com a cadencia solemne dos threnos biblicos:

> Sobre a encosta do Libano, rugindo
> O nóto furioso
> Passou um dia, arremessando á terra
> O cedro mais frondoso;

[1] *Repositorio*, p. 41.
[2] Na primeira edição, da *Harpa do Crente*, de 1838, vem com o titulo *D. Pedro*, mas foi ommittida sem fundamento nas subsequentes edições. A primeira redacção publicada no *Repositorio litterario* diverge fundamentalmente da re-

Assim te sacudiu da morte o sôpro
Do carro da victoria,
Quando cheio de esperanças tu sorrias
Filho caro da gloria.

....

Plante-se a acacia — o liberal arbusto
Junto ás cinzas do forte:
Elle foi Rei — e combateu tyrannos,
Chorae, chorae-lhe a morte!

E dirigindo-se a D. Miguel, — que só veiu a morrer a 14 de novembro de 1866, lança-lhe uma imprecação ultrajante:

Nas orgias de Roma, com teus socios
Folga, vil oppressor,
Folga com os hypocritas iniquos,
Morreu teu vencedor.
Envolto em maldições, em susto, em crimes,
Fugiste, miseravel.
Elle, subindo ao céo, ouviu só queixas
E um chôro lamentavel.

dacção de 1838, cujas variantes aqui apresentamos com referencia aos excerptos intercalados no texto acima:

Pela encosta.........

Plante-se a acacia, *o symbolo do livre*...

Nas orgias de Roma, *a prostituta*,
Folga vil oppressor;
Folga com os hypocritas *do Tibre*
Morreu teu vencedor.
Envolto em maldições, em susto, em crimes,
Fugiste, *desgraçado;*
Elle subindo ao céo, ouviu só queixas
E um chôro *não comprado.*

O final da Elegia traz suprimida a ultima estrophe que está substituida por esta outra;

Para o sol do Oriente outros se voltem,
Calor e luz buscando;
Que eu pelo bello sol que jaz no occaso
Cá ficarei chorando.

Esta poesia vem datada do Porto em novembro de 1834. É pena que seja desconhecida, e que ande desmembrada das *Poesias* de Herculano.

O final da Elegia traz um traço pessoal que não deixa de ter hoje para nós um certo encanto:

> Eu tambem combati: — nas patrias lides
> Tambem colhi um louro;
> O prantear o companheiro extincto
> Não me será desdouro.
> Sagra a vileza adoração aos vivos,
> Maro adulou Augusto;
> Cantor humilde louvará sem mancha
> Depois da morte o justo. [1]

No programma dos assumptos escolhidos pela Sociedade das Sciencias medicas e de Litteratura, acha-se sob o n.º 4.º: «Um poema escripto em lingua portugueza com o titulo de *O sitio do Porto*, devendo ser o sr. D. Pedro o heroe do poema. O poeta poderá escolher o metro que mais lhe agradar, e a divisão do poema em um ou mais cantos.» 5.º «A Historia das campanhas, sitio do Porto e mais feitos do exercito libertador em Portugal e Algarves, depois do desembarque nas praias do Mindello, até á total aniquilação do Usurpador e seus partidarios.» [2]

O modo como estes assumptos estão formulados revelam o criterio inferior que os concebeu, e portanto, que não seriam tratados de uma maneira satisfatoria; nenhum membro da Sociedade de Litteratura emprehendeu o poema projectado nos moldes de uma *Pedreira*. Não faltava sentimento poetico e enthusiasmo pela liberdade; nos versos de Herculano estão as provas eloquentes de como a vida do soldado n'essa grande lucta era já por si um poema. Faltava a critica, ignoravam-se as obras primas das outras litteraturas. Foi Alexandre Herculano o que melhor comprehendeu a necessidade de uma renovação do criterio litterario, nos artigos *Qual é o estado da nossa Litteratura?* — *Qual é*

[1] *Repositorio litterario*, p. 23.
[2] *Ibid.*, p. 8.

o trilho que ella hoje deve seguir? [1] e nos estudos de esthetica intitulados *Imitação, Bello, Unidade.* [2] As ideias de Herculano estavam ainda bastante confusas, mas o seu conhecimento da lingua allemã e ingleza levavam-no a traduzir algumas balladas allemães de Burger e de Schiller, [3] e a imitar Lewis. O exemplo fazia mais do que a theoria. Em um pequeno prologo com que precede a *Leonor*, de Burger, exprime o verdadeiro caracter da litteratura moderna pela obra do poeta allemão: «Burger empregou admiravelmente a poesia nas tradições nacionaes; e é a elle e a Voss, que devemos a renovação d'este genero inteiramente extincto na Europa depois do XVI seculo, o qual na collecção, publicada depois por Herder, se póde considerar como a historia dos terrores e das esperanças, dos preconceitos e dos sentimentos das ultimas classes da sociedade, ou, por outro modo, como a historia intellectual do povo. A leitura de Homero, a cujas obras Burger era familiar e de que mesmo traduziu alguns trechos, o convenceu de que a poesia deve ter, além do bello de todos os tempos, de todos os paizes, *um caracter de nacionalidade sem o qual nenhum povo se póde gabar de ter uma litteratura propria;»* [4] em nota accrescenta: «teremos occasião de apresentar mais extensamente esta verdade tantas vezes menoscabada, esquecida ou ignorada.» Aqui estavam as bases para a transformação da litteratura, e a este criterio deveu Herculano a sua superioridade. Passado esse estado moral que lhe suggeriu tão bellas composições lyricas, a vida da paz levou-o do estudo das tradições nacionaes para a historia e para a polemica erudita; é por isso que em uma carta a Soares

[1] *Repositorio litterario*, p. 4 e 13.
[2] *Ibid.*, p. 53 e seg.
[3] Nas *Poesias* de Herculano, não vem a ballada de Schiller *O Cavalleiro de Toggenburgo*, publicada no *Repositorio*, p. 71.
[4] *Repositorio litterario*, p. 88.

de Passos, escrevia: «Fui poeta até aos vinte e cinco annos.»

Esses vinte e cinco annos estão com toda a sua pujança na *Harpa do Crente*, e foram completados no Porto; quando em 1836 abandonou o logar da Bibliotheca e se fixou em Lisboa, a sua paixão era a historia no romance e na monographia.

Entre as theses propostas para serem discutidas na *Sociedade das Sciencias medicas e de Litteratura*, appareceu este assumpto: *Qual o estado da nossa litteratura? Qual o trilho que ella hoje deve seguir?* Coube a Herculano o «encargo difficultoso» de tratar por escripto esta questão urgente no meio da actividade da transformação das instituições de um povo. Para a primeira parte era-lhe indispensavel fazer a exposição historica da litteratura portugueza; fal-a a traços largos, mas attribue a decadencia da litteratura do fim do seculo XVI e XVII ao abuso das metaphoras recebido da Italia. Não admira esta debil comprehensão em quem tinha só vinte e quatro annos, mas a solução proposta para a reforma é capital: «Um *Curso de Litteratura* remediaria os damnos que devemos temer, e serviria ao mesmo tempo de dar impulso ás lettras.» Herculano já conhecia os cursos de litteratura moderna de Villemain, e sobre elles moldou um plano rasoavel, que só veiu a ser realisado vinte e cinco annos mais tarde no Curso superior de Lettras; por esse meio, diz elle: «encontrariamos finalmente o espirito de liberdade e nacionalidade da actual litteratura.» [1] No ensino da Eloquencia, que julga necessario para um povo que entrou no regimen parlamentar, suggere tambem um ponto de vista sensato, uma compilação dos discursos dos deputados da Constituinte «á maneira da que se fez em França das orações dos representantes nacionaes

[1] *Repositorio litterario*, p. 6.

desde o principio da Revolução.» [1] Em vez de regras theoricas queria o exame dos monumentos de Demosthenes, Cicero, Mirabeau, Pitt, Mackintosk, Burdett, Burke, Sheridan, Canning e Fox.

O conselho era salutar, e bem se vê que Herculano adquirira pontos de vista novos durante esse anno tormentoso da emigração; mas o systema parlamentar era-lhe pouco conhecido. Um systema em que tudo se sophisma, a vontade nacional no voto, e a sua manifestação na maioria do parlamento, deve actuar poderosamente na oratoria! Assim aconteceu; não houve quem tornasse a achar o espirito dos revolucionarios de 1820, mas surgiram os grandes oradores, Costa Cabral, os Passos, José Estevam, em concessão perpetua com a monarchia.

No meio da transformação mental que se operava no paiz, as reformas decretadas officialmente precisavam da cooperação de todas as energias individuaes e collectivas; o que os individuos faziam podemos inferil-o da fundação de associações, como a *Sociedade de Sciencias medicas e de Litteratura*, a *Sociedade de Jurisprudencia*, do Porto, a *Sociedade dos Amigos das Lettras*, a *Sociedade de propagação dos Conhecimentos uteis*, e *Associação dos Advogados*, de Lisboa; os estabelecimentos litterarios propunham as suas reformas, discutindo os professores a reorganisação da Escola medica do Porto, e da Universidade de Coimbra. Este espirito de iniciativa era uma novidade nos costumes portuguezes; era o fructo das tres emigrações do elemento liberal em 1823, 1829 e 1831. Uma corporação persistiu na estabilidade, a Academia Real das Sciencias de Lisboa; falseando a sua tradição revolucionaria conscientemente desempenhada pelo fundador o Duque de Lafões, pelo abbade Corrêa da Serra, os seus membros esterilisaram-se no momento em

[1] *Repositorio litterario*, p. 14.

que procuraram viver do favor official. Ainda era vivo o grande medievista portuguez João Pedro Ribeiro, o fundador da critica diplomatica, ainda a Academia das Sciencias era respeitada pelos trabalhos d'este, de Antonio Caetano do Amaral, e de Trigoso, e já succumbia á sua degradação interna: a Academia das Sciencias adheriu ao obscurantismo sendo a primeira a reconhecer D. Miguel como legitimo monarcha e a tomal-o como seu protector. Elle, que nem sabia escrever o seu nome, assignando as sentenças de morte com o horrifico gatafunho *Migel!* D. Miguel concedeu uma recepção official á Academia em pezo, e por graça especial permittiu que entrassem para uma sala mais interior no palacio, mas contigua áquella em que costumavam ser recebidos os academicos. Cousa estupenda! A Academia teve uma ideia, mandou cunhar uma medalha para perpetuar essa *insolitum decus*, em 1829. Discutiu-se por muito tempo a inscripção latina e a allegoria, e depois de mil vacillações appareceu a medalha gravada pelo francez Dubois. No *Repositorio litterario*, em que collaborava o insigne João Pedro Ribeiro, protestou-se contra esta bajulação da inepcia: «D'esta futilidade fez a Academia o assumpto de uma medalha, e o faria de uma epopêa se não se achasse empenhada em sair da palavra—*azurrar*—(o *braire* da lingua franceza) na qual desde longos annos amuou, tentando compôr o Diccionario classico da lingua!» [1] De facto o primeiro e ultimo volume publicado do grande Diccionario da Academia acaba na palavra *azurrar*, e de 1818, pelo menos, data a circulação da anedocta: A Academia ficou a zurrar. [2] No fim do artigo chasqueando a medalha da Academia, escrevem Herculano e José Carneiro: «o fim do auctor foi ludibriar uma fracção d'este corpo respeitavel, in-

[1] *Repositorio litterario*, p. 28.
[2] Nas *Fabulas e Contos* de Garrett, o segundo intitula-se *Pelo zurro o burro*,

digno de formar parte d'elle, e que amparada pelo estupido poderio do governo d'essa epoca, ousou tecer uma pagina criminosa e ao mesmo tempo ridicula para a historia d'aquella Academia.» [1] Passados annos Herculano veiu a ser vice-presidente da Academia, mas foi-lhe impossivel incutir vigor a essa estabilidade filha da apathia idiotica. Em 1834 o ataque a esse reducto do pedantismo tinha uma rasão de ser, e era pelo sarcasmo que se podia estimular; hoje nem isso. Em um artigo de Agostinho Albano da Silveira Pinto *Sobre a instrucção publica em geral*, lê-se este bello principio: «Ha cento e quarenta annos que Leibnitz disse—que aquelle que fôr senhor da educação póde mudar a face do mundo. A reforma pois da instrucção publica é necessaria, e é tambem necessario que seja prompta; e fôra bem conveniente ter sido já de antemão preparada, para que, terminada a guerra civil e logo que a desejada paz começasse a sarar as profundas feridas de tão sanguinosa e profiada lucta, se podesse offerecer á mocidade portugueza uma instrucção regular e methodica e ao par da instrucção euro-

e n'elle se descreve com as côres as mais picarescas a Academia Real das Sciencias de Lisboa :

> Que producções, que producções! Oh quanto
> Quanto seria mais, se um deus maligno
> Inimigo de guapos academicos,
> Das tres que Deus nos deu potencias d'alma
> Lhes não sacasse duas á surrelfa,
> Deixando só memorias e memorias...
> Quanto seria mais, quanto fulgira
> Em gordos, grossos, grandes calhamaços
> A portugueza, magestosa lingua,
> Se os novos sabios no comêço á empreza,
> A antigas manhas não perdendo o affinco,
> Não encontrassem por desgraça nossa
> Co'um perfido *azurrar*—zurrar maldito!...
> Ficaram no azurrar sempre zurrando.
>
> *Obras de Garrett*, t. XVII, p. 45.

[1] *Repositorio litterario*, p. 21.

pêa, a qual tem de ser o apoio mais firme das instituições politicas...»[1] Para fazer as reformas era preciso estudar, e a ambição politica do parlamentarismo absorvia todas as vocações, apoderava-se dos talentos. Esta orientação dos cerebros passou de paes a filhos na fórma da unica preoccupação dos que estudam—ser empregado publico. Na sua vida no Porto, Herculano achou-se por algum tempo fóra d'este prurido geral; foi ai que teve a concentração para os primeiros estudos historicos. Póde-se dizer, que ai adquiriu o saber especial com que mais tarde se revelou na redacção do *Panorama* e na *Historia de Portugal*, porque quando um dia se deixou levar tambem pela ambição politica e se retraiu pelo despeito, nunca mais estudou e apresentou o phenomeno do estacionamento intellectual.

No *Repositorio litterario* começou Herculano a publicar uma noticia sobre os *Manuscriptos da Bibliotheca publica da cidade do Porto*, em que apparece já o typo dos estudos historicos e biographicos com que mais tarde tanto influiu para a popularidade do *Panorama*. O primeiro estudo é uma noticia de uma recensão mais antiga do livro de Duarte Barbosa, de 1529, para ser comparada com o texto de 1558 publicado por Trigoso. Em um pequeno preambulo refere-se ainda aos passados dias do cêrco: «Os manuscriptos que se encontram n'este estabelecimento nascente, já formam uma collecção preciosa.—Salvos por assim dizer no meio do estrondo das armas, elles poderam escapar de um total naufragio á força de incessantes cuidados que se lhes dedicaram. Espalhados por differentes partes se reuniram n'esta Bibliotheca, da qual constituem uma das grandes riquezas.»[2]

O segundo estudo versa sobre as Chronicas manuscriptas

[1] *Repositorio litterario*, p. 9.
[2] *Ibid.*, p. 110.

de D. Sebastião [1], e determinação do manuscripto de Frei Bernardo da Cruz. Herculano contava examinar uma serie de apontamentos manuscriptos do cruzio D. Fructuoso intitulados *Monumenta rerum memorabilium ab anno 1569*, cujo original, citado por Barbosa Machado, se achava n'aquella Bibliotheca. Circumstancias imprevistas o embaraçaram. Para a Bibliotheca do Porto fez recolher Herculano os principaes thesouros litterarios da livraria de Santa Cruz de Coimbra e dos mosteiros do Minho, depois da extincção das ordens monasticas, e não obstante o immenso trabalho de organisação foi n'esses tres annos que Herculano adquiriu a melhor parte do saber que determinou a sua vocação historica.

Foi em uma Bibliotheca que o insigne erudito Muratori pôde levar a cabo os seus espantosos trabalhos de erudição medieval; quando um dia Herculano por uma intransigencia politica se demittiu da Bibliotheca do Porto, a sua nomeação para as Bibliothecas da Ajuda e Necessidades veiu restituir-lhe as condições indispensaveis para a reconstrucção historica que se tornára o ideal da sua vida, mas faltava-lhe já a tranquillidade moral; achou-se envolvido nos odios e despeitos politicos, peado com as transigencias do paço, invadido por elevadissimos importunos que o queriam honrar tirando-lhe o tempo. É esta uma phase nova que convém historiar, e na qual Herculano ia ascendendo intellectualmente.

A abolição dás Ordens monasticas e a extincção dos Dizimos, foram as duas unicas medidas radicaes que o systema constitucional executou, e que até hoje têm influido sempre na transformação da sociedade portugueza; sem a abolição dos frades, a geração portugueza afundava-se na imbecilidade, e o regimen liberal caía por não achar apoio

[1] *Ibid.*, p. 142 e 150.

nas consciencias; sem a abolição dos Dizimos o trabalho continuava com o caracter de servidão ecclesiastica. O que aconteceu á lei da extincção dos Foraes, que era a lei da libertação da propriedade territorial, que foi revogada por ministros de uma aristocracia reaccionaria, esteve para acontecer á lei que extinguia os frades. Depois de lavrado o decreto que é a gloria de Joaquim Antonio de Aguiar, o Conselho de Estado recusou-se a approvar o decreto, não queria que se extinguissem as Ordens religiosas; esses sophistas do constitucionalismo eram o ardiloso Palmella, o interesseiro Saldanha, e outros do mesmo jaez. Foi n'essas luctas contra as perfidias que D. Pedro IV adquiriu a hyperthrophia de coração a que succumbia em poucos mezes; n'um momento de resolução D. Pedro IV assignou o decreto da extincção das Ordens religiosas, e Joaquim Antonio de Aguiar assistiu na imprensa á sua composição e impressão, sem que os seus collegas do ministerio o soubessem. É por isso que em uma carta de D. Pedro IV ao Marquez de Rezende se lê, que elle havia de dar liberdade a este povo, que não queria saber o que isso era. [1]

A indecisão no espirito publico, se os frades seriam ou não póstos fóra de Portugal, revela-se n'este protesto convicto de Herculano *O Mosteiro deserto*, onde mostra o monge dirigindo ás carnificinas da lucta fratricida:

> Cáia em pó o Mosteiro; e maldito
> O que erguel-o outra vez intentar,
> Se não treme ante as nuas caveiras
> Que insepultas verá branquejar. [2]

Depois d'estes versos eloquentes de Herculano, não se comprehende como empregou o seu estylo poetico fazendo reviver o sentimento de saudade pelas Ordens monasticas.

[1] Manuscriptos depositados na Academia das Sciencias.
[2] *Poesias*, p. 200.

Era uma d'essas contradições tão frequentes nos caracteres que não possuem uma disciplina philosophica em que apoiem as suas opiniões.

Em 1834, Herculano foi mandado a Coimbra para proceder á arrecadação da opulenta Livraria de Santa Cruz. D'este facto dá elle conta no seu artigo a favor dos Monumentos: «Levaram-nos a Coimbra em 1834 obrigações do serviço publico. Residimos ahi quando foi supprimido o convento de Santa Cruz. Correu então a noticia de que se pretendia pedir ao governo que esse bello edificio fosse dado ao Municipio. Mas, para quê? Para a camara o arrasar e fazer uma praça.» [1] Em outro pequeno artigo os *Egressos*, Herculano relata a retirada dos monges de Santa Cruz, e a anedocta de ter ficado no convento um frade entrevado com oitenta annos de edade; quando o mandaram sair respondeu que estava leso, que não tinha para onde ir; quando lhe retorquiram, para casa de algum amigo, o octogenario apontou para um passarinho, que chilreava em uma gaiola, como o seu unico amigo. [2] Herculano declara que saiu apressadamente e que não pôde retêr as bagadas de pranto. Estava-se n'esta indecisão sentimental, e o alimentar o falso ideal do monachismo a um povo atrophiado por elle era vinculal-o para sempre a esse esteio do obscurantismo. A obra sentimental de Herculano, a que elle chamou romances historicos, teve o grave defeito de uma idealisação do monachismo no momento em que a imaginação do povo portuguez tanto precisava esquecer esses bonzos que o haviam bestialisado. A liquidação dos bens das Ordens religiosas, expropriação de thesouros do culto, bibliothecas e objectos de arte de pintura e esculptura, fez-se de um modo tumultuario; o paiz estava extremamente pobre, e os que

1 *Opusculos*, t. II, p. 24.
2 *Ibid.*, t. I, p. 149.

haviam batalhado pela liberdade queriam recompensas. As leis de indemnisação provocaram conflictos, que se agravaram com a revolução chamada de Setembro. Herculano, que deu em chorar os frades nos seus versos e em prosas poeticas, reclamou com energia a favor dos monumentos architectonicos, contra a estupidez que os entregava á demolição dos municipios provinciaes. [1] Mas o brado nunca foi ouvido, porque esse despreso dos monumentos provinha de que a nação ignorava a sua historia. Portanto em vez de um brado de sentimentalismo patriotico, mais força teria uma simples vulgarisação da historia nacional. Foi isso o que se não fez, e ainda hoje não existe um simples resumo de uma *Historia popular de Portugal*, que actue por um criterio justo sobre a consciencia da nação. Esta seria a direcção scientifica; a expansão sentimental communicou-se em fervor, crystalisou-se em phrases feitas, e os brados patrioticos permaneceram estéreis.

Herculano queria a reforma e não a extincção dos frades; para elle a ordem dos Benedictinos devia ser poupada: «Ainda hoje não ousaremos affirmar que a sua conservação fosse inteiramente desvantajosa: deixaremos decidir esta questão gravissima por aquelles que, sem nunca saírem d'entre o bulicio das grandes cidades, julgam os *monges* dos campos pelos frades viciosos das povoações.» [2] Herculano põe aqui em confronto as lagrimas do povo, ao vêr os frades deixarem os conventos, com as theorias dos politicos. Foi por lisongear estes sentimentos de espiritos fa-

[1] «Os velhos mosteiros do Minho e da Beira estão ha muito convertidos em casarias semelhantes a alojamentos de soldados, e os templos veneraveis da Edade Media se derrubaram para em logar d'elles se alevantarem salas ou armazens, de mais ou menos ambito, porém onde nem uma pedra falla do passado, *onde nada respira uma ideia religiosa.*» *Panorama*, t. 1, p. 2. Era esta a ideia fixa do espirito de Herculano ao tratar da educação publica, e das questões philosophicas ou politicas. Como poderia dirigir o seu tempo?

[2] *Panorama*, vol. I, p. 212 (1837.)

natisados que se achavam perturbados com o golpe fundamental do ministro Joaquim Antonio de Aguiar, que Herculano começou a exercer a sua primeira influencia moral; os do campo absolutista d'onde saíra poupavam-o, e os do campo liberal temiam-no. Elle descreve esta situação intermedia: «Reprehendendo o passado em seus absurdos, fômos taxados de impiedade: affrontando-nos com o presente em seus desvarios, nos criminaram de obscurantismo.» [1] «O que levâmos dito é a substancia do que temos escripto ha dois annos, e de que não havemos tirado senão má vontade de homens exclusivos, postoque nos fique a paz da nossa consciencia.» [2] D'aqui um caracter exacerbado, tornando-se sempre descontente, como elle proprio o confessa: «nós, homens de velhos habitos e velhas ideias (sômol-o ainda que o não queiramos acreditar) em uma epoca de transição, condemnados estâmos a deixar escoar a nossa vida no meio da lucta da antiga sociedade que morre e da nova sociedade que assassina.» [3] A sociedade nova é que era assassinada pela velha sociedade do monachismo e do absolutismo; Herculano inverteu as condições do phenomeno, e insensivelmente se achou do partido da que elle julgava victima, complicando o presente que precisava transformar-se apresentando-lhe já nos protestos do libello, já nas imagens dos romances, a figura do passado, que só precisava ser posta na evidencia do processo historico.

Depois da morte de D. Pedro IV, o Duque de Palmella era o senhor do machinismo constitucional; elle fôra a causa da reacção absolutista de 1824, occultando a Carta decretada por D. Pedro IV em 1826; agora tirava partido d'essa mesma Carta para se acobertar com ella e monopolisar o

[1] *Ibid.*, t. III, p. 115 (1839.)
[2] *Ibid.*
[3] *Ibid.*, t. III, p. 67.

poder. A situação politica começada com o parlamento de 1834, e que provocou a revolução de 9 de setembro de 1836 resume-se n'estas palavras proferidas pelo Conde da Taipa na camara dos pares: «A experiencia tinha mostrado que era impossivel sustentar-se qualquer governo patriotico em presença de uma facção, cujos individuos se tinham feito a si mesmos artigos da Carta constitucional; na camara dos pares tinha-se creado uma maioria dos seus intimos; o mesmo acontecia no Conselho de Estado, e nos logares do poder judiciario tinham investido pela maior parte creaturas suas;... as maiorias dominavam tudo, e a marcha dos negocios era impossivel para um ministerio que não pertencesse á facção: Todos os amigos da boa ordem viam com pesar que *um movimento revolucionario era necessario*... Ninguem conspirou; a revolução de 9 de setembro appareceu pela força das cousas; foi um acto espontaneo da população de Lisboa: o seu fim principal era aniquilar a facção que nos dominava; mas como ella tinha feito da Carta constitucional (de 1826) um escudo ao abrigo do qual escarnecia de toda a força moral, era preciso ferir o escudo para ferir o fim: a revolução revogou a Carta constitucional.» [1] A joven rainha D. Maria II era facciosa, e não comprehendia cousa alguma do regimen liberal; a facção de Palmella intimidou-a com as exigencias do povo, representadas na força moral dos Setembristas, e ella entendeu que devia impôr-se á nação tornando os Cartistas (partidarios da Carta de 1826, da facção Palmella) os favoritos da independencia do throno. Em 4 de novembro de 1836, a rainha foge do paço das Necessidades para o paço da Ajuda, demitte o ministerio popular ou Setembrista, e faz desembarcar da esquadra ingleza surta no Tejo uns setecentos soldados com que procura defen-

[1] *Diario do Governo*, de 24 de janeiro de 1837. (Sessão de 21 de janeiro

der-se. Era uma doudice da mulher boçal e mal aconselhada, que se foi aggravando até descambar no mais franco despotismo em 1842, quando entregou a nação ao arbitrio do seu valido Costa Cabral. A nação estava n'um gráo bem infimo de inconsciencia animal; soffreu tudo adorando a sua rainha, e glorificando os grandes miseraveis de avidez sordida e de paixões sanguinarias, que hoje figuram no nosso pantheon constitucional. Edgar Quinet, que passou por este tempo pela cidade de Lisboa, diz nas suas *Vacances en Espagne*, que a cidade lhe deixou a impressão de um povo morto, governado por uma rainha saída do tumulo como continuando a sorte de Ignez de Castro.

Depois que os homens da Revolução de Setembro de 1836 fizeram restabelecer a Constituição de 1822, *com as modificações que as côrtes lhe fizessem*, foi ella mandada jurar em todo o reino em substituição da Carta constitucional de 1826, dada por D. Pedro IV. A Carta de 1822 era mais liberal e prestava-se a menos sophismas, como se observára com a de 1826 nas mãos de Palmella; Alexandre Herculano foi um dos funccionarios que não quiz jurar a Carta imposta pelos Setembristas, dizia elle, para não violar o seu primeiro juramento; requereu a demissão de segundo bibliothecario, e partiu para Lisboa, onde se fixou de vez. N'esta primeira pratica do regimen parlamentar ainda se não conhecia a necessidade das opposições, como estimulo normal do poder, e em vez da discussão franca e da modificação das opiniões, a polemica tomava o caracter de accusação, a opinião exercia-se na fórma de sedição, e os partidos perseguiam-se entre si como se o decahido estivesse fóra da lei. Era um estado transitorio da pratica do systema sem raizes tradicionaes nas instituições portuguezas, e que se adaptava artificialmente á nossa vida nacional. Os espiritos mais lucidos, como Mousinho da Silveira, viam n'estas luctas de facções partidarias o germen de dis-

solução do systema constitucional; Herculano, apenas com vinte e seis annos de edade, e vigorosamente poeta, nada percebeu do que se passava e protestou contra a abolição da Carta de 1826 com dois folhetos intitulados a *Voz do Propheta*, em prosa cadenciada, em pequenos periodos imitando a linguagem biblica, mas modelados sobre os escriptos revolucionarios de Lamennais, *Palavras de um Crente*, (que Castilho por este tempo traduziu do francez) e *Livro do Povo*. A chamada Revolução de Setembro produziu em Herculano um desalento moral, e pela primeira vez descreu dos destinos da patria; esse estado sentimental é só o que se acha na *Voz do Propheta* e mais nada. A prosa biblica fez impressão sobre os conservadores Cartistas, e o nome de Herculano repetia-se; veiu então para Lisboa em fins de 1836. Na poesia *A volta do Proscripto*, usa esta fórma dythirambica, tão expressiva:

> Eis as plagas da saudade;
> Eis a terra de seus sonhos;
> Eis os géstos tão lembrados;
> Eis os campos tão risonhos!
>
> Eis da infancia o tecto amigo;
> Eis a fonte que murmura;
> Eis o céo puro da patria;
> Eis o dia da ventura!... [1]

O proscripto, como o Dirceu das Lyras, achou todos os sitios, mas não as mesmas impressões:

> Conta-se que o seu amor fôra trahido
> E que mirrado achou de amor o myrto... [2]

Herculano como verdadeiro peninsular consolou-se da decepção inesperada idealisando novos amores; na poesia *Felicidade*, descreve essa nova situação da sua alma, que lhe

[1] *Poesias*, p. 206.
[2] *Ibid.*, p. 207.

durou até ao fim da vida; transcrevemos esses traços autobiographicos:

Mas, emfim, eu te achei, meu consólo;
Eu te achei, oh milagre de amor!
Outra vez vibrará um suspiro
No alahude do pobre cantor.

Eras tu, eras tu que eu sonhava;
Eras tu quem eu já adorei,
Quando aos pés da mulher enganosa
Meu alento em canções derramei.

Se na terra este amor de poeta
Coração ha que o possa pagar,
Serás tu, virgem pura dos campos,
Quem virá a minha harpa acordar. [1]

Seguem-se a estas outras estrophes egualmente apaixonadas; esses amores foram longos annos envolvidos no segredo, e só quando em 1867 o auctor do titulo do casamento civil, introduzido no codigo, veiu a casar catholicamente com D. Marianna Herminia Meira, ambos sexagenarios, é que se póde bem explicar a verdade d'esta estrophe:

No silencio do amor, da ventura,
Adorando-te, oh filha dos céos,
Eu direi ao Senhor: tu m'a déste;
Em ti creio por ella, oh meu Deus!» [2]

Para Herculano o amor fôra um motivo de idealisação no meio dos disparatados conflictos politicos entre Setembristas e Cartistas; o seu tédio por esses conflictos não o accommetteu de repente; serviu o seu grupo, teve a sua hora de ambição, até que deixou ir para diante a bacchanal. Em fins de junho de 1837 foi-lhe confiada a redacção do *Diario do Governo*, que então não era o orgão da publicação official dos documentos legislativos; era um jornal de discussão politica como qualquer outro, em que o governo se defendia. Herculano redigiu-o apenas alguns mezes, e isto

1 *Poesias*, p. 219.
2 *Ibid.*, p. 220.

póde explicar-se pelo facto da quéda do ministerio setembrista em junho de 1837, acompanhada de revoltas parciaes, conspirações de despeitados e movimentos do exercito. A persistencia do governo setembrista, até 1839, faz com que Herculano esteja fóra da politica, e se entregue totalmente aos trabalhos de litteratura. Foi este o seu periodo fecundo, e aquelle em que influenciou no espirito portuguez, apaixonando-o pelo seu passado tradicional e historico, provocando-lhe o respeito pelos seus monumentos e a admiração pelos seus escriptores esquecidos. N'este periodo, que começa em 1837 com a fundação do *Panorama* pela *Sociedade propagadora dos Conhecimentos uteis*, é que Herculano disseminou os elementos que lhe deram mais tarde esse extraordinario poder espiritual que exerceu inconscientemente sobre a nação portugueza. No *Panorama*, que se distribuia semanalmente, bem como no *Museu pittoresco*, do Porto, reproduziu-se typographicamente as fórmas do *Penny Magazine*, então em grande voga em Inglaterra, como propagador de litteratura entre o povo. Era um fructo da emigração. Este jornal teve uma grande influencia em Portugal na epoca do Romantismo; no livro das contas da *Sociedade das Sciencias medicas e de Litteratura*, do Porto, acha-se inscripta a assignatura do *Penny Magazine*, e em um artigo de D. José de Urcullu, no *Repositorio litterario*, fallando dos periodicos inglezes, escreve: «Resta-nos dizer alguma cousa de um periodico que pela sua baratesa e prodigioso numero de exemplares (200:000) que se publíca, deve excitar a admiração geral dos nossos leitores. Este periodico é o *Penny Magazine*, que teve principio no dia 31 de março de 1832, e se publíca todos os sabbados por 20 réis cada numero; consta de 8 paginas em 4.° com muitas gravuras abertas com bastante delicadesa em páo.» [1]

[1] *Repositorio litterario*, p. 80.

O *Panorama* reproduziu materialmente em Portugal o *Penny Magazine*, e na parte das gravuras serviu-se dos velhos clichés do jornal londrino; tal ficou até hoje o typo do jornal litterario em Portugal, como se vê na *Epoca, Semana, Archivo universal, Revista universal lisbonense* e *Archivo pittoresco*. Estes moldes batidos esterilisaram-se pela atrophia da invenção litteraria. Herculano foi redactor do *Panorama* até ao n.º 115, [1] mas continuou a contribuir sempre para essa interessante revista durante as duas séries mais notaveis d'essa publicação. A sua saída da redacção deve attribuir-se á participação mais activa que tomou na politica militante. Pela liga de todos os elementos reaccionarios caíu em 1839 o ministerio setembrista, e a rainha D. Maria II viu-se um pouco mais desafogada na sua soberania discricionaria. Casada então com o principe allemão D. Fernando Saxe-Cobourgo, este não podia olhar com indifferença os partidarios da independencia pessoal da rainha; os Cartistas faziam-se valer por este favoritismo do paço. Foi por tanto em 1839, que Herculano saíu nomeado por D. Fernando bibliothecario real das suas livrarias dos palacios da Ajuda e das Necessidades. Herculano considerou esta graça como tendo-o posto a coberto nos seus meios de subsistencia das vacillações dos partidos, que então se perseguiam cortando-se mutuamente os viveres. Em 26 de novembro fez-se uma liga ou especie de fusão temporaria entre os Setembristas e Cartistas, e a este facto se deve attribuir a eleição de Alexandre Herculano como deputado pelo Porto em 1840. A fusão dos dois partidos foi temporaria; do lado dos Setembristas estavam os principaes oradores, taes como os chefes Manuel da Silva Passos, Almeida Garrett e José Estevam, mas do lado dos Cartistas estava a argucia e a violencia material. [2] N'este meio Herculano nada tinha a fa-

[1] *Panorama*, t. III, p. 221.
[2] Acerca d'esta epoca, escreveu Herculano na Carta sobre a *Propriedade*

zer; não sabia fallar em publico, e quando o tentou pela primeira vez estribando-se nos seus apontamentos, José Estevam, com a audacia de estudante de Coimbra, soltou-lhe o terrivel áparte: «Largue a cebenta!» Herculano callou-se e não pôde proseguir. Tinham-lhe os seus correligionarios promettido a creação de um ministerio de instrucção publica, e Rodrigo da Fonseca Magalhães, que só pensava em fusionar os partidos, ou dissolvendo-os com favores ou raptando-lhes as principaes individualidades, não attendeu ao seu comprommisso, d'onde resultou que em 1841 Herculano abandonou para sempre o parlamento, e ficou despeitado da politica.

No folheto, extremamente raro, publicado em 1841 por Herculano, *O Clero portuguez*, elle preoccupa-se outra vez com a questão das Ordens monasticas em Portugal: «Depois, as gerações continuaram a dar o preço do seu suór para as pompas do clero, e a enthesourar a sua má vontade para o dia da vingança. Este chegou, e a colera popular foi cega e bruta como são todas as grandes coleras. O clero ficou litteralmente aniquilado, e nós os homens do povo batêmos as palmas — digâmol-o em boa consciencia — sem saber o que faziamos. É por isso que devem perdoar-nos; Deus á nossa intelligencia, a Posteridade á nossa memoria.» (Pag. 5.) Herculano entendia que bastava uma reforma nos frades, em vez da extincção, e isto por argumentos historicos: «Este estado indicava até onde a reacção po-

litteraria: «estando eu e v. ex.ª (Garrett) na camara dos deputados na legislatura de 1840, tinha v. ex.ª apresentado um projecto de lei sobre aquella materia, (propriedade litteraria). Pertencia eu á minoria da camara, e no seu zêlo por fazer passar uma providencia, que, sinceramente o creio, reputava util e justa, v. ex.ª teve a bondade de fallar commigo e com outros membros da opposição, para que não a fizessemos a esse projecto sobre que ia deliberar-se. D'entre os individuos com quem v. ex.ª tratou o assumpto, recordo-me de quatro, dos srs. Soure, Ferrer, Ma-reca e Seabra, o ultimo dos quaes reluctou antes de acceder aos desejos de v. ex.ª.» *(Opuc.*, II, 60.)

pular devia chegar n'esta parte, indicava que *era necessaria uma reforma e não uma aniquilação.»* (*Ibid.*, p. 11.) Nenhum progresso poderia introduzir-se em Portugal, se as Ordens monasticas persistissem; reformal-as era dar-lhes força para nos atrophiarem mais. Não se atrevendo a pronunciar-se sobre a questão dos Dizimos, no *Panorama*, por causa do regulamento do jornal, no opusculo do *Clero portuguez*, entende que essa suppressão do rendimento ecclesiastico foi ferir os interesses do clero rural, condemnando-o a viver das esmolas da congrua.

As conclusões do opusculo emphatico e cheio de pezadas figuras biblicas, revelam a falsa direcção mental de Herculano, que impreca assim contra os politicos: «o povo, idólatra ha dois dias, é hoje philosopho, d'aquella philosophia da ignorancia e de corrupção, que vós e só vós lhe ensinastes.—Se continuarmos a caminhar assim por esta estrada de perdição, o lio mais forte da sociedade, o *sacerdocio*, desapparecerá; o templo do Crucificado cairá em ruinas, mas a nação ficará esmagada debaixo d'ellas. Ai dos que abominam a cruz, porque a cruz é eterna.» (*Ibid.*, p. 15.) Sente-se aqui outra vez o tom cavernoso da *Voz do Propheta*. Herculano idealisava então o christianismo sentimental, e ao contrario de Chateaubriand deslumbrado pelas pompas da egreja, voltou-se para o typo descripto por Lamartine nos *Deveres civis do Cura*, desenhava com ternura o typo dos parochos ruraes, vestidos de estamenha grosseira como um verdadeiro operario da granja religiosa; d'esses cerebros boçaes diz: «a classe mais respeitavel do nosso paiz morria litteralmente de fome, quando sobreveiu a Revolução de 1836.—Então appareceu uma lei, cujo fim parecia remediar este mal, mas cuja essencia não era senão o resumo da perseguição feita anteriormente ao clero; etc.» Abraçando esta causa poetica do clero secular, atacava assim os inimigos setembristas, onde havia democra-

tas e livres pensadores. Foi n'esta corrente de idealisação clerical que em 1844 veiu a escrever o pequeno romance do *Parocho da Aldêa*, em que pretende fazer para o catholicismo o que Goldsmith fez com o *Vigario de Wakefield* na familia protestante.

A preoccupação saudosa dos frades, que já estavam identificados com a nação portugueza, é que levou Herculano a fazer sentir a sua falta reclamando a favor dos monumentos abandonados, e a tomar os monges como os heroes principaes dos seus romances historicos.

A marcha dos acontecimentos politicos seguiu o seu rumo disparatado; ninguem se entendia, porque não havia ideias. Antonio Bernardo da Costa Cabral logo em 1842 appellou para a força bruta, dando o extraordinario espectaculo de ir ao Porto como ministro revolucionar a guarnição militar. Seguro da força e do favoritismo da rainha, restabeleceu a Carta de 1826, e começou a exercer então sobre o paiz inteiro um systema de pressão que ficou na historia com o nome de *Cabralismo*, e que só pôde ser derrubado por meio de uma revolução bastante séria em 1846. Como o valído de D. Maria II perseguia duramente os Setembristas, que se haviam insurgido, em Torres Novas, os Cartistas tornaram-se Cabralistas. A historia da vida nacional d'este periodo é commovente pelo estado de cretinisação em que se achava o povo, e pela falta de vergonha com que os poderes publicos, sem criterio algum politico, reclamavam a intervenção estrangeira da *Quadrupla alliança*. Do que foi este systema, póde-se inferir por este trecho de uma carta de Herculano escripta ao fim de trinta annos, ácerca da necessidade de pedir a favor dos inundados de Vallada: «Pedia a todos os governos possiveis. Se ainda reinassem os Cabraes, até a esses pedia. Pedia ao Antonio. Mais: pedia ao José. Mais ainda: pedia ao João, que sempre desconfiei que fosse o peior dos tres. Ora, por mais mal que alguem

pense dos ministros actuaes, ninguem de certo os compára com aquelles amigos.» [1] Tal era a impressão d'esse tempo ao fim de trinta annos. Da «situação tranquilla em que se via collocado» escrevia Herculano na advertencia da sua *Historia de Portugal:* «Esta situação vantajosa e excepcional, devo-a a sua magestade el-rei. Elle a creou para mim espontanea e generosamente: espontanea e generosamente m'a conservou, a despeito de *mais de uma procella violenta, que tem ameaçado afundar o meu débil esquife,* porque sou navegante assás rude e inhabil em evitar com arte a furia das tempestades.» [2]

Por aqui se vê que durante esses terriveis quatro annos do despotismo cabralista, Herculano esteve a coberto com o favor do paço. Foi durante estes quatro annos que reuniu os materiaes, e metteu mãos á obra da *Historia de Portugal;* a *procella violenta,* a que allude aqui de um modo vago e mysterioso, [3] que o fez abandonar a politica, depois de 1853 converteu-se em outra allusão egualmente tenebrosa contra os que *truncaram* a sua actividade historica. Era uma natureza poetica e violenta, para quem a melancholia romantica tomou a fórma do descontentamento; em quanto a geração que lhe succedeu seguiu o Ultra-Romantismo, elle tambem foi *ultra* na apprehensão de perseguições á sua pessoa. Villemain viveu como Herculano n'este estado psychologico, especie de vesania hereditaria transmittida sob o terror do regimen absoluto.

Quando Herculano veiu para Lisboa em 1836 e tomou conta por alguns mezes da redação do *Diario do Governo,*

[1] *A Renascença,* n.º 1, Porto, 1878.

[2] *Hist. de Portugal,* tom. I, p. XIV. (1846.)

[3] Na *Illustração,* jornal litterario de 1845, traz Herculano uma carta em que accentúa esta segunda phase de despeito: «não me importa o que vae pelo mundo social. Cheguei a obter a triste tranquillidade de incrédulo politico.» (Pag. 51.) E promettendo a sua collaboração quando outros trabalhos litterarios o não occupem, diz que só um caso o fará faltar á promessa, e é se a *Illustração* se tornar politica.

não achou logo as condições para o desenvolvimento da sua actividade litteraria. A *Sociedade dos Amigos das Lettras*, a que Herculano pertencera,[1] dissolveu-se por *circumstancias imperiosas* em sessão de 15 de novembro de 1836;[2] a fundação da *Sociedade propagadora dos Conhecimentos uteis*, patrocinada pela rainha, e á qual pertenciam todos os homens importantes do constitucionalismo, achou-se com bastantes recursos pecuniarios, e emprehendeu a obra da elevação do nivel intellectual do paiz, tantos seculos atrasado pelo obscurantismo monachal. Esta Sociedade fundou o *Panorama* em 1837, e começou a publicação de alguns ineditos da historia e da litteratura portugueza, taes como, as *Reflexões sobre a Lingua portugueza* do árcade Francisco José Freire, e a *Vida do Cardeal-Rei*. Herculano estava então em todo o seu vigor intellectual; conhecia a litteratura franceza, sabia inglez e allemão, e comprehendia que as tradições nacionaes são o elemento mais sympathico das litteraturas que se renovam com o intuito de estabelecer uma relação entre a sociedade e o escriptor.

No primeiro numero do *Panorama* acha-se esta descripção do estado intellectual do paiz, que motivava o esforço da *Sociedade propagadora dos Conhecimentos uteis:* «A nação portugueza, cumpre confessal-o, é uma das que menos tem seguido este movimento progressivo da humanidade. O nosso povo ignora immensas cousas que muito lhe importava conhecer, e esta falta de instrucção sente-se até nas classes que pela sua posição social deviam ser illustradas. Entre os mesmos homens dados ás lettras, se acha falharem repetidas vezes as noções mais elementares de tudo quanto não é objecto do seu especial estudo, e a sciencia em Portugal está ainda longe de ter aquelle caracter de unidade, que ganha diariamente no meio das outras nações.»

1 Collaborou no n.º 2 do *Jornal da Sociedade dos Amigos das Lettras*, p. 63.
2 *Jornal da Sociedade dos Amigos das Lettras*, n.º 5, p. 160.

No segundo volume do *Panorama* vem uma anedocta que dá ideia do estado dos nossos professores da Universidade de Coimbra: «e outro professor de certa Academia célebre, que dava a rasão de serem as viagens do Brazil mais demoradas de lá para cá, do que de cá para lá, do seguinte modo:—Meus senhores, forçosamente assim hade acontecer, porque para lá desce-se; e para cá sóbe-se.» (*Pan.*, vol. II, p. 2; 6 de janeiro de 1838.)

«Assim a *Sociedade propagadora dos Conhecimentos uteis* julgou dever seguir o exemplo dos paizes mais illustrados, fazendo publicar um jornal que derramasse uma instrucção variada, e que podesse aproveitar a todas as classes de cidadãos, accommodando-o ao estado de atraso em que ainda nos achamos. Sinceramente confessamos a nossa decadencia intellectual...» (*Pan.*, t. I, p. 2. 1837.) Fizeram D. Maria II protectora da Sociedade, formada por um certo numero de accionistas, havendo uma assembléa geral e uma direcção para a administração do capital. O effeito do *Panorama* foi incalculavel: «logo ao 5.° numero se tiravam 5:000 exemplares, caso unico em a historia das publicações periodicas em Portugal.» (*Pan.*, t. I, p. 53.) «Quando este jornal começou a apparecer nada mais era, quanto á fórma, do que uma imitação do *Penny Magazine*...» (*Pan.*, t. II. p. 1.) Em uma circular de 1839, fallando-se da prosperidade do *Panorama*, lê-se: «nem obsta o deixar de ser o principal redactor o sr. Herculano, porque além de continuar a ministrar-nos os seus interessantes artigos, algumas pessoas zelosas da instrucção publica nos têm presenteado com o fructo dos seus estudos...» Entre essas se distinguem Cunha Rivara, F. Adolpho Varnhagen, Trigoso, Silva Leal e outros. [1]

[1] Em 1839 creou-se em Lisboa a *Sociedade Escholastico-Philomatica*, cujo orgão de estudos foi o *Cosmorama litterario;* serviu apenas para ensaiar os habilidosos do jornalismo constitucional.

Por portaria de 26 de julho de 1838 foi permittido á Sociedade o poder imprimir ineditos da Bibliotheca da Côrte. A prosperidade economica era tambem excellente, tendo a Sociedade em valores em 30 de julho de 1839, a quantia de 11:876$520; basta detalharmos algumas parcellas significativas, taes como: Prestações dos accionistas, 1:465$700; assignaturas do *Panorama*, 1:690$560; vendas avulsas do *Panorama*, 1:532$625; assignaturas e vendas avulsas do *Panorama*, pelos correspondentes das provincias, 2:513$415 réis. Em 16 de agosto de 1839 os Estatutos da Sociedade foram reformados, sendo o capital então de 10:000$000, dividido em 2:000 acções de 5$000 réis.

Herculano foi encarregado da redacção do *Panorama* desde 1837; esta circumstancia influiu poderosamente na fórma da sua actividade mental. Seguindo o typo do *Penny Magazine*, era-lhe preciso redigir o pequeno artigo archeologico sobre cousas portuguezas, a biographia historica e litteraria, a monographia, o excerpto classico, e o romance historico, que estava então em moda por toda a Europa. Herculano cumpriu á risca este plano, e o *Panorama* seguiu sempre o mesmo systema, sendo o principal educador da classe media em Portugal e o agente que mais despertou o sentimento patriotico. Com os recursos da *Sociedade propagadora dos Conhecimentos uteis*, é que Herculano publicou em 1838 em tres series as suas Poesias com o titulo de *Harpa do Crente*, o opusculo *Da Escola Polytechnica e do Collegio dos Nobres*, em 1841, e o romance historico o *Eurico*, em 1844; [1] e bem assim a edição da *Chronica de el-rei D. Sebastião*, de Frei Bernardo da Cruz, em 1839, e os *Annaes de el-rei D. João III*, de Frei Luiz de Sousa, em 1844. O periodo da sua actividade artistica está separado

[1] Alguns fragmentos do *Eurico*, «A batalha de Chrysus,» foram publicados na *Revista universal lisbonense*, de 1842–1843.

do periodo da sua actividade historica por um despeito que soffreu no conflicto dos partidos politicos em 1842. O primeiro, que vae de 1837 a 1840, comprehende a serie de todas as suas tentativas de introducção do romance historico em Portugal, tentativas reunidas sob o titulo de *Lendas e Narrativas*, e os primeiros esboços dos dois romances que formam o *Monasticon;* o segundo periodo começa com os estudos para a *Historia de Portugal*, cujo primeiro volume data de 1846 e termina com o ultimo volume da *Origem e estabelecimento dà Inquisição em Portugal*, em 1859.

Herculano «*foi poeta até aos vinte e cinco annos*» como escreveu com grande rigor biographico em uma Carta a Soares Passos; coincide esta transformação da sua capacidade litteraria com o regresso para Lisboa em 1836, e com a natureza especial da actividade exigida para a redacção do *Diario do Governo* e depois do *Panorama*. Não tinha já o ocio de espirito indispensavel para toda a idealisação poetica; o conflicto da soberania nacional da Revolução de Setembro lançou-o no temor da liberdade, e entregou-se com boa fé á causa pessoal da rainha, então acobertada com o nome de Cartismo. Os romances historicos de Walter Scott exerciam por toda a Europa uma fascinação pasmosa; Herculano debaixo d'essa impressão, seguiu o exemplo do auctor de *Waverley*, deixando a poesia a Garrett, como aquelle a deixára a Byron, para se entregar exclusivamente ás narrativas novellescas em prosa. Era esta uma fórma de actividade compativel com os trabalhos da erudição, e até certo ponto um estimulo de curiosidade que o iria attraindo para o campo da historia. Foi o que aconteceu. Herculano iniciou em Portugal a imitação das novellas de Walter Scott, em condições que pouco o coadjuvavam; não tinha uma vida e um sentimento nacional a avivar, porque Portugal estava inteiramente esquecido do seu passado, não estava fortale-

cido com o estudo das tradições, que ainda não haviam sido exploradas, e faltava-lhe esse talento descriptivo de Scott que era por elle proprio excedido no dom maravilhoso do dialogo com que vivifica as peripecias menos fecundas. Tudo isto influiu na fórma pálida e sem relevo dos romances historicos de Herculano, em que o effeito artistico está prejudicado por um esforço, que o estylo rhetorico não consegue encobrir.

O poder de Walter Scott no romance historico provinha de muitas circumstancias que actuavam no seu espirito; na familia ainda persistiam as tradições das luctas pela independencia escoceza; a infancia fôra embalada pelas canções jacobitas de uma velha tia, e pelos contos da gente do campo sobre as atrocidades do exercito de Cumberland, que fizeram que devorasse com encanto todos os velhos romances de cavalleria e novellas da litteratura ambulante, (de cordel) e assim adquirisse essa qualidade que já nos passatempos escolares o tornava um extraordinario narrador. O estudo da philosophia escoceza nos cursos tão fecundos de Dugald Stewart, deram-lhe a disciplina da observação psychologica, e o interesse scientifico pelas tradições populares. As suas viagens pelas montanhas da Escocia, o amor com que colligia as tradições locaes, com que observava os typos do vulgo, fizeram que os seus personagens se tornassem vivos no romance, e as suas descripções pittorescas deixassem a impressão da realidade. É isto o que explica a impressão immensa produzida por Walter Scott na imaginação européa, desde o *Waverley* em 1814 até aos *Contos de um avô a seu neto sobre a Historia de Escocia*, de 1828. O romance historico era um grande elemento para determinar a originalidade nas litteraturas modernas; estabelecendo a idealisação da vida social da Edade Media, separava-a assim da vida moderna, coadjuvando o poder de reconstrucção subjectiva a que não se poderia chegar se fi-

cassemos constantemente parodiando os modelos litterarios da antiguidade greco-romana. Os romances de Walter Scott foram imitados em todas as litteraturas da Europa, e se ás vezes o mestre era excedido na comprehensão da epoca historica como nos *Noivos* de Manzoni, ou egualado como na *Notre Dame de Paris*, de Victor Hugo, (1831) as imitações eram pálidos recortes de personagens conhecidos em volta de uma acção imaginaria, ou o desenvolvimento prolixo de uma lenda, ou ás vezes a localisação de uma aventura de phantasia em uma determinada epoca, mas sem relação alguma tradicional, nem realidade descriptiva. O romance historico decaíu até ao pastiche inconsciente, e tornou-se uma monomania. Herculano obedeceu a esta tendencia geral, e estabelecendo o parallelo entre o romance historico e a historia, chega a dar a primazia ao romance, que mais tarde tinha de abandonar. [1] Os romances de Walter Scott foram lidos em Portugal pelas traducções francezas de Defautcompré, de 1830, e foram uma das principaes alegrias domesticas da sociedade que saía da atonia mental do ascetismo monastico. Ramalho e Sousa, que tambem estivera em Inglaterra durante a emigração, e que conhecia o dialecto escocez, tentou traduzir alguns dos principaes romances de Walter Scott, taes como o *Waverley*, *Quintino Durward*, *Ivanhoe* e *Anna de Gierstein*. Era uma fascinação; Herculano tornára-se o grande amigo de Ramalho e Sousa, e d'elle veiu a herdar os apontamentos do Diccionario que mais tarde vendeu á Academia das Sciencias. Herculano não pôde resistir ao prurido do romance historico, e como o bibliophilo Jacob com relação á historia de França, começou com menos recursos a romantisar a historia de Portugal; no *Panorama* publicou alguns pequenos romances baseados sobre a tradição colligida nas chronicas e no-

[1] *Panorama*, t. III, p. 306; *Ibid.*, t. IV, p. 243.

billarios, como o *Bispo Negro*, a *Dama Pé de Cabra*, e a *Morte do Lidador*. Faltava a Herculano o contacto directo com a tradição viva do povo, e, como um pintor de natureza morta, exagerava as minucias para attingir o effeito da realidade; abusou dos archaismos excessivamente, pondo em circulação no romance a nomenclatura que seria melhor empregada como complemento do *Elucidario* de Viterbo. A historia de Portugal não era conhecida, e as tradições populares, e as particularidades da vida provincial estavam bem longe de serem exploradas e observadas; assim, os romances historicos tanto podiam pertencer á epoca neo-gothica, como á epoca de D. João I, como ao periodo das navegações do oriente. Faltava um trabalho prévio de erudição sobre os Costumes e vida domestica portugueza, analogo ao de Thomaz Whrigt em Inglaterra, e de Paul Lacroix em França. Apenas Garrett começára uma pequena exploração ácerca dos Cantos populares portuguezes no seu *Romanceiro*. Como observaremos nas consequencias de toda a actividade litteraria de Herculano, elle nunca teve uma disciplina philosophica no seu espirito, além da logica dos Padres das Necessidades; por isso faltava-lhe o poder de dar vida e movimento psychologico ás paixões, de metter em acção as lendas, e de fazer fallar os personagens, de os definir pela logica ou condicionalismo dos caracteres. É este o lado inferior dos seus romances, e esta inferioridade explica-nos a sua incapacidade para as composições dramaticas, em que Garrett era tão eminente, e ao mesmo tempo essa falta de graça, de fina ironia, tão necessaria nas linhas descriptivas, tão indispensavel na invenção dos typos. O Mater-Galla ou o Doutor Pataburro, do *Monge de Cister*, é a amostra do esforço violento do espirito de Herculano para ter graça. A falta de verdade no sentimento, por impossibilidade de exercer a analyse psychologica, levava Herculano a reproduzir os sentimentos romanescos que então

predominavam nas fórmas exageradas do Ultra-Romantismo; como *homem de um só parecer*, á Sá de Miranda, Herculano conhecia só uma paixão, o despeito, e todos os seus personagens são individualidades isoladas do seu meio pelo despeito, como Eurico, ou como Frei Vasco. A leitura da *Notre Dame de Paris*, de Victor Hugo, que tomou de assalto as emoções da Europa em 1831, veiu sobrepôr-se no espirito de Herculano á influencia de Walter Scott. O problema do celibato clerical, ou a collisão do amor na alma de Claudio Frollo, collocou-a Herculano na alma de um presbytero imaginario de uma epoca social tão pouco conhecida como a sociedade gothica da Peninsula; a paixão pelos monumentos architectonicos da Edade Media, como revelação da vida moral e intima dos individuos, que Victor Hugo exprime fazendo passar a acção do seu romance na bella egreja de Notre Dame, e que expõe theoricamente no capitulo *Ceci tuera cela*, foi tambem seguida por Herculano no pequeno romance a *Abobada* (1839.) O amor despeitado de Vasco é ainda uma reproducção de Claudio Frollo, como a soltura de D. Vivaldo a imitação de Phebus. Não era esta a fórma do talento de Herculano, e comtudo os seus romances foram immensamente lidos, e sobre elles se baseou a sua gloria, que reverteu em pouco tempo em um poder espiritual sobre a sociedade portugueza; exerceram uma influencia profunda na litteratura, porque todos os talentos que appareceram vieram orientados no sentido do romance historico, em que se esgotaram. No prologo da quarta edição das *Lendas e Narrativas*, Herculano retrata as condições em que se achava a sociedade portugueza quando appareceram os seus romances, e ao mesmo tempo a extensão da sua influencia: «Quinze a vinte annos são decorridos, desde que se deu um passo, bem que débil, para quebrar as tradições do *Allivio de Tristes* e do *Feliz Independente*, tyrannos que reinavam sem émulos e sem conspi-

rações na provincia do romance portuguez. N'estes quinze ou vinte annos creou-se uma litteratura, e póde dizer-se que não ha anno que não lhe traga um progresso.» E em outra passagem do mesmo prologo, referindo-se ao facto da iniciação de um genero novo na litteratura allude á escola do romance historico: «A critica para ser justa não hade porém attender só a essas circumstancias: hade considerar tambem, os resultados de taes tentativas, que a principio, é licito suppôr, inspiraram outras analogas, como por exemplo os *Irmãos Carvajales* e *O que foram Portuguezes*, do sr. Mendes Leal, e gradualmente incitaram a maioria dos talentos da nossa litteratura a emprehenderem composições analogas de mais largas dimensões e melhor delineadas e vestidas. Todos conhecem o *Arco de Sant'Anna*, cujo ultimo volume acaba de imprimir o primeiro poeta portuguez d'este seculo; *Um anno na Côrte*, do sr. Corvo, e o *Odio velho não cansa*, do sr. Rebello da Silva... o auctor da *Mocidade de D. João V*, romance de que já se imprimiram algumas paginas admiraveis, mas que na parte inedita, que é quasi tudo, nos promette um émulo de Walter Scott. Emfim o *Conde de Castella*, do sr. Oliveira Marreca, vasta concepção, posto que incompleta, inspirado pelo exemplo d'estas fracas tentativas, e dos que em dimensões maiores o auctor emprehendeu no *Eurico* e *Monge de Cistér*.» (*Lendas e Narrativas*, I, VIII.)

Herculano reclama que a critica para ser justa deve ponderar os *resultados* das suas tentativas; os resultados foram essa dupla monomania do *romance historico* e do *drama historico*, que esgotou a quasi totalidade dos escriptores portuguezes do Romantismo. Poucos escaparam a essa falsa e tardia corrente, que ainda hoje domina, e que as emprezas editoras exploram lisongeando com phantasmagorias insensatas esta orientação da curiosiadde publica. Os *romances historicos* de Herculano são parodiados com facilidade, e

servem de typo para todas as epocas; a epoca accentua-se com o nome de um rei; a linguagem simula-se com archaismos e com uma construcção redundante; o dialogo destaca-se materialmente por meio de um risco significativo; as paixões reduzem-se a aventuras sem nexo á maneira dos *imbroglios* improvisados do theatro italiano. Eis aqui está a receita, mais ou menos bem servida, segundo a furia de escrever, segundo a preoccupação do estylo; quem perguntar por sentimento e intuição da historia, por preparação philosophica para a analyse das paixões, por intuito na relação da obra com o seu tempo, não é comprehendido e repellem triumphantemente estas questões como theorias allemãs.

Herculano conheceu este vicio desgraçado com relação ao *drama historico:* «Que resulta de se escolherem para objectos de composições dramaticas successos e individuos pertencentes a uma geração e a uma sociedade cuja indole e modo de existir se ignora? Resulta cair-se no vicio do theatro antigo: fazer abstracções e desmentir a verdadeira arte.—Ponham-se ahi em vez d'esses nomes tão conhecidos do fim do XIV seculo, signaes algebricos: cortem-se todas as allusões aos acontecimentos politicos ou pessoas notaveis de então, e o drama pertencerá á epoca e ao paiz que nos aprouver.» [1] Isto mesmo se deve repetir para com o *romance historico;* as imitações que Herculano cita de Mendes Leal, Rebello da Silva, Andrade Corvo e Marreca peccam pelas mesmas qualidades, e n'este sentido servem para a condemnação da obra de Herculano, como *resultados* d'ella. Para alguns escriptores o romance historico tornou-se uma paixão exclusiva, como em Arnaldo Gama, que abandonou a advocacia, morrendo no conflicto de uma sociedade mercantil como a do Porto, esgotado em fazer romances segundo

[1] *Mem. do Conservatorio*, p. 187.

o typo fixado por Herculano, sem vida subjectiva como os do mestre, e superiores em talento aos supracitados.

De facto são esses os principaes romances historicos produzidos depois das tentativas de Herculano, e á parte o de Garrett, todos os outros são falsos no estylo, no sentimento, nos caracteres, sem vida, nem invenção, porque uns não tinham talento, outros não tinham philosophia. Herculano conservava profundas illusões ácerca da sua aptidão no romance historico, pensando que pondo alguns nomes historicos conversando á maneira dos antigos dialogos dos mortos, e entremeando a linguagem de archaismos, fazia reviver uma epoca, como a de D. João I, no *Monge de Cistér*, e a de D. João II, no *Mestre Gil.* [1] O que era a vida na côrte de D. João II póde vêr-se nas relações do Nobiliario de D. Luiz Lobo da Silveira ácerca do terrivel Coudel Mór, e de Fernam da Silveira, [2] para se julgar quanto Herculano andava longe do effeito da realidade; as cantigas do povo em volta da sepultura do Condestavel pintam-nos mais ao vivo a epoca de D. João I, do que as pretendidas scenas da tavolagem; como os amores se comprehenderão nas aventuras de Juan Rodrigues del Padron com a filha de el-rei D. Duarte. Antes de fazer romances historicos convinha estudar as tradições nacionaes e populares (lendas, contos, romances, superstições, anexins, usos, costumes locaes) como fez Jacob Grimm, e depois é que as creações litterarias desenvolveriam esses assumptos. Mas como podia Herculano inspirar-se das tradições portuguezas, se não as conhecia, e interpretal-as litterariamente, se elle já em 1839, descria do futuro da patria? Eis as suas palavras cheias de illusão pessoal e de desalento: «Nós procurámos desentra-

[1] Este romance é attribuido a Ignacio Pizarro de Moraes Sarmento nos *Esboços de apreciações litterarias;* diz-se que Herculano o retocou fundamentalmente.

[2] Vid *Poetas palacianos.*

nhar do esquecimento a poesia nacional e popular dos nossos maiores: trabalhámos por ser historiadores da vida intima de uma grande, nobre e generosa nação que houve no mundo, chamada nação portugueza, a qual ou já não vive, ou se vive, já nem ao menos tem esforço ou virtude para morrer sem infamia.» [1] Isto que Herculano escrevia aos vinte e nove annos, repetiu-o em 1866 na polemica do Casamento Civil; assim como os *sete palmos de terra*, que esperava não lhe negariam, já se acham tambem em verso na *Harpa do Crente*. Já se vê o ponto de vista falso em que considerava a tradição; em vez de interpretal-a como um estimulo de renovação do espirito nacional, abraçava-se a ella como um refugio. Para Herculano a concepção litteraria foi uma querella de antigos e modernos; apoiava-se no passado contra o presente que se demolia pela nova pratica do regimen parlamentar. Não comprehendeu o lado vivo do elemento tradicional.

A tradição é o humus d'onde floresce toda a concepção artistica; é pela tradição que a obra individual se liga ao sentimento da multidão. A verdadeira missão do genio consiste em vivificar com a aspiração nova as velhas fórmas tradicionaes sempre sympathicas a uma nacionalidade. Pôr em romance a lenda antiga, metrificar o conto solarengo, reproduzir o velho archaismo, sem outro intuito mais do que contrafazer o passado na sua rudeza ou ingenuidade, é uma habilidade estéril, mas nunca arte ou litteratura. É um perigo, porque leva uma sociedade a immobilisar-se na contemplação do passado, sem tirar d'esse culto o estimulo de renovação. Os romances e as pequenas novellas de Herculano são esta estreita reproducção imitativa do passado; desalentam em vez de impulsionar. Fortalecemos este ponto de vista com o pensamento de Guizot: «Não ha de-

[1] O *Chronista* (Viver e crêr de outro tempo) *Panorama*, III, 306.

cadencia quando as ideias se agitam; mas quando em um grande imperio a sociedade, que se sente opprimida e doente, não concebe alguma grande e nobre esperança, quando em vez de avançar para o futuro ella não invoca senão as lembranças e imagens do passado, é então que a decadencia é verdadeira; pouco importa o tempo que uma sociedade leva a cair; desmorona-se com uma ruina incessante.» [1]

Na renovação da sociedade portugueza pelo triumpho do systema representativo no cêrco do Porto em 1833, a vida da nacionalidade dependia d'este rompimento brusco com o passado; precisavamos mais de quem nos esclarecesse o futuro do que quem nos revestisse de côres saudosas o passado. A unica força social que poderia conciliar estes dois extremos tão antinomicos seria a litteratura; a imagem do passado seria o symbolo querido por meio do qual se vulgarisassem as ideias novas. Herculano não comprehendeu isto, e idealisando a vida claustral, e as algaradas contra os mouros e as bravatas dos senhores feudaes, fez-se o escriptor predilecto da nação portugueza, mas immobilisou a mocidade de duas gerações que nada comprehenderam d'esse grande periodo de renovação intellectual que vae desde a descoberta do homem ante-historico até hoje. No fim da vida, Herculano, que começára por descrêr do presente por uma doença moral, acabou por duvidar da sciencia do seculo, considerando a nomenclatura de novos factos positivos como uma outra fórma de gongorismo!

Não faltava a Herculano a comprehensão das fórmas do romance historico, como erudito, faltava-lhe o talento como artista. Adheriado á iniciação do regimen parlamentar em Portugal, em que a classe media era chamada pela eleição a compartilhar com a realeza uma parte da soberania, im-

[1] *Hist. des Origines du Gouvern. representatif*, 2.ª leç.

portava manter o respeito d'essa nova conquista da liberdade politica estabelecendo a sua continuidade historica, fazendo sentir como o terceiro estado surgiu das classes servas, como se extinguiram as côrtes, e como o municipalismo foi o unico esteio da vida local, resto quasi apagado da existencia nacional abafada pelo cesarismo. Herculano teve um vago instincto da epoca mais eloquente da historia de Portugal para ser vivificada pelo romance, e a que exerceria uma acção saudavel no exercicio das novas fórmas politicas; aqui o erudito foi superior ao artista: «A epoca dos reinados de D. Fernando e de D. João I é incontestavelmente a mais dramatica da historia portugueza. São-no os factos politicos e a vida civil d'esse tempo; as pessoas e as cousas. A nobreza era chegada ao apogeu da sua grandeza, porque as instituições feudaes que se haviam misturado com a nossa primitiva indole social, tinham tocado então a méta do seu predominio, quando já a sua dilatada agonia começava no resto da Europa: o povo dava signaes exteriores de que existia, e existia robusto; a monarchia esgotava a sua generosidade e os testemunhos do seu temor para com a aristocracia na vespera de dar principio ao duello de morte para que ia reptal-a, e que devia durar cem annos. N'estes dois reinados operou-se uma transformação social: o fim do seculo XIV foi um periodo revolucionario, revolucionario não tanto para as pessoas como para as cousas; os elementos da vida social foram então chamados a uma grande lucta, e, como acontece sempre em similhantes situações, tanto os que deviam ser vencidos, como os que deviam de ficar vencedores combateram energicamente. Os grandes vultos historicos d'esse tempo —os personagens extraordinarios, diriamos quasi homericos, que então surgiram—os caracteres profundamente distinctos e altamente poeticos, quer pela negrura, quer pela formosura moral—todos nasceram da situação social do

paiz; foram o resultado e o resumo d'esta, e por ella sómente se podem comprehender, avaliar e explicar.» [1] Eis achada a epoca em que surge á vida civil a classe popular, com relações profundas com a epoca de inauguração do regimen parlamentar, consequencia d'essa evolução primitiva; é n'este campo que Herculano colloca os seus principaes romances historicos como *Arrhas por fôro de Hespanha*, em que pinta D. Leonor Telles, a *Abobada*, o *Monge de Cistér*, *O Chronista* e *Mestre Gil*. Em 1842, quando Herculano escrevia esse quadro do advento do terceiro estado, entrava com enthusiasmo no estudo historico das instituições da Edade Media portugueza e abandonava o romance; quando se exerceu na actividade novellesca era dirigido apenas por um vago instincto e sem plano. Por isso póde-se dizer dos seus romances historicos, o que elle escrevia dos dramalhões Ultra-Romanticos: «Se porém essas imagens tão aproveitaveis para a arte, fôrem arrancadas do quadro em cujo chão e luz apropriados a ellas, unicamente se devem contemplar, ficam convertidas em desenhos de morte-côr, e o que mais é, perderão os seus lineamentos caracteristicos: serão abstracções; etc.» [2] Nas *Arrhas por fôro de Hespanha* falta a malicia popular, que na Europa inventou os *fabliaux*, e que em Portugal vêmos revelar-se n'esse *rifam de escarnho*, contra os amores tresloucados de D. Fernando:

> Ex vollo vai, ex vollo vem
> de Lixboa para Santarem. [3]

Na *Abobada* falta esse espirito da liga secreta das confraternidades obreiras, das Jurandas, sem o que se não comprehende o deposito da tradição artistica conservado por Affonso Domingues, o architecto da Batalha. Na peninsula

[1] *Mem. do Conservatorio*, p. 134.
[2] *Ibid.*, p. 135.
[3] Fernão Lopes, *Chr. de D. Fernando*, cap. 36.

as *Irmandades* foram o primeiro nucleo de organisação civil, e á medida que as garantias politicas eram reconhecidas pela realesa, ellas dissolviam-se, mantendo-se apenas a tradição nas classes industriaes.

Em uma canção do tempo de D. Affonso III, falla-se já da decadencia das Irmandades, dizendo, que a verdade

> ca de tal guysa se foi a perder
> que nem podemos en novas aver,
> nem já non anda na *Yrmaidade*. (n.º 455.)

As cerimonias symbolicas das Mestrias, ou da *Compagnonage*, que ainda se conservam nos livros populares allemães estudados por Goerres e pelos irmãos Grimm, e de que ainda nos seculos XVI e XVII existiam restos nos emblemas dos officios da procissão de Corpus em Portugal, revelam a intima poesia dos costumes e da vida popular do terceiro estado. Tanto na *Abobada* como no *Mestre Gil*, Herculano não tocou esta fonte original de poesia, por isso os seus romances ficaram sem vida. Os habitos palacianos da côrte de D. João I, precisavam primeiramente ser comprehendidos pela leitura dos poemas da Tavola Redonda, que o rei citava aos seus companheiros de armas comparando-se a el-rei Arthur, que o Condestavel imitava seguindo quixotescamente as virtudes de *Galaaz*, e que D. Duarte colligiu na sua bibliotheca. Falta este elemento no *Monge de Cister*.

Foram estes processos criticos que deram a superioridade a Walter Scott; elle mesmo diz de si no *Waverley*: «Elle tinha lido os numerosos romances poeticos, que desde a epoca de Pulci, foram o exercicio predilecto dos bons espiritos italianos, e havia procurado um divertimento nos innumeraveis reportorios de *Novelle*, que o genio d'esta nação elegante e voluptuosa produziu pelo modelo do Decameron.» (cap. III.) O talento de evocação do passado era proveniente d'esta communicação poetica com a Edade Media, da qual foi um dos reveladores no seu estudo do *Tris-*

tem. Esta falta sente-se especialmente no *Eurico* de Alexandre Herculano.

A leitura dos *Martyres* de Chateaubriand revelou a Herculano a poesia da raça gothica, como em 1810 revelára a Agostinho Thierry o genio dos frankos, incitando-lhe essa pasmosa intuição historica dos *Recits Mérovingiens*. Á maneira dos *Martyres*, Herculano quiz fazer tambem um poema em prosa; os elementos para a vida social e domestica das raças germanicas existiam já bem accessiveis nas Canções de Gesta, como o *Fierabras*, publicado por Immanuel Bekker desde 1829, *Berte aux grands piés*, por Paulin Paris, em 1832, *Garin le Loherain*, em 1833, emfim a sublime *Chanson de Roland*, em 1836; em vez de recompôr a vida collectiva, metteu-se no subjectivismo phantasista, preoccupando-se com a these social do celibato clerical, deixando-se arrastar pela declamação do Ultra-Romantismo.

O *Eurico* é uma imitação do Claudio Frollo, da *Notre Dame de Paris*, transportada para um quadro da Edade Media, no meio de uma sociedade em conflicto de raça e de crença. O modo como Herculano comprehendeu esse conflicto é débil, apagado, e sem ideal; temos uma base de comparação perfeita, uma realidade na collisão dos amores do arcebispo de Toledo, Eulogio, com uma donzella arabe Leocricia, que a converte ao christianismo, refugiando-se ambos no amor mystico e morrendo ao mesmo tempo pelo martyrio. Nos escriptores christãos como Alvaro de Cordova, e nos escriptores arabes citados por Dozy, a historia dos amores de Eulogio é tão bella, a sociedade hispano gothica e arabe do seculo IX está tão viva, que se Herculano estudasse esse assumpto tradicional não se daria ao trabalho de inventar um Eurico ultra-romantico, meditando phrases rhetoricas, e morrendo theatralmente.

No meio do seu fervor romantico, Herculano escreveu e fez representar no theatro do Salitre em 1838 o drama em

prosa *O Fronteiro de Africa, ou tres noites aziagas.* [1] O drama não tem importancia artistica; falta-lhe a linguagem, as situações, emfim o desenho dos caracteres; se Herculano não tinha este dom da visão subjectiva no romance, onde a parte descriptiva supre em grande parte o movimento das paixões, como podia manifestal-o no theatro? O facto da composição do *Fronteiro de Africa* é que é digno de reparo, porque se liga a esse fervoroso movimento produzido por Garrett para a fundação de um Conservatorio geral da Arte dramatica, ao qual pertenceu tambem Herculano [2] como censor. No *Jornal do Conservatorio*, começado a publicar em 8 de dezembro de 1839, Herculano collaborou com alguns escriptos metaphysicos *Da Arte*, (fragmentos) *Tohu-Bohu*, e nas Memorias do Conservatorio com um elogio historico de Sebastião Xavier Botelho, e com extensos pareceres sobre a comedia *A Casa de Gonçalo* e o drama *D. Maria Telles*.

Este quadro da renascença da litteratura dramatica ficou tratado no livro *Garrett e os Dramas romanticos*. Emquanto Herculano philosophou disse deploraveis banalidades, como nos escriptos *Da Arte*, acervo de phrases de uma visão allegorica em que contempla Affonso Domingues, o architecto da Batalha, Grão-Vasco, o pintor do quadro *O Menino entre os doutores*, e Camões, o poeta da epopêa nacional os *Luziadas*. Eis uma amostra d'essa miragem intellectual: «O *substractum* da arte é um só, o *ideal*. As suas expressões é que são varias,—as *fórmas*. Ha pois em cada obra artistica tres elementos distinctos, e todavia inseparaveis: o *ideal*, o *poeta*, a *fórma*. Dá-lhe o primeiro a substancia; o segundo as condições absolutas; a terceira as condições relativas, dependentes do mundo material. O ideal é o mys-

[1] Impresso fraudulosamente no Rio de Janeiro em 1862.
[2] *Jornal do Conservatorio*, p. 108.

terio; o poeta é o vidente; a fórma é a revelação escripta. Os pedantes da Philosophia disseram á Trindade do Evangelho—Mentira!—Os pedantes das Poeticas dirão á minha trindade—Anathema.» [1] Não admira que Herculano viesse a detestar a philosophia, porque não sabia discernir a imagem da ideia. Appareceu em seguida no *Jornal do Conservatorio* uma réplica, parte em prosa e parte em verso, assignada por *Um defensor de Horacio:*

> Quem profana o altar, a cuja sombra
> Te ergueste sacerdote do meu culto?
> E és tu quem me insulta despiedado,
> Sem ao menos pensar não tenho altares?
> Onde achaste a *trindade* do meu culto?
> Onde achaste esses *moldes* tão sublimes
> Para n'elles vazar tuas ideias?
> Esses *moldes* quaes são?—a *Natureza*,
> Te bradará com voz que tu desprésas
> A rasão, se rasão ouvir quizeres. [2]

O «Defensor de Horacio» era Castilho, que reagia contra as novas doutrinas litterarias recebidas da admiração das obras primas do romantismo; elle representou o elemento da reacção classica, ao qual se ligavam todos os espiritos posthumos da Arcádia. Herculano replicou com um artigo sarcastico *Tohu-Bohu, Sonho abphometico, lyrico, phantastico pelo Doutor in utroque Ichheit,* que começa por umas considerações historicas justas, mas termina com uma graça lorpa. As considerações merecem ser citadas: «Estamos em Portugal n'uma posição pouco vantajosa para a nossa litteratura: nem tão isolados dos outros povos, que, todos entrados em nós mesmos e nas nossas cousas sejâmos originaes á força de nacionalidade; nem tanto em contacto com o movimento artistico e scientifico da Europa, que a tempo e compasso entremos nas grandes harmonias do côro ge-

[1] *Jornal do Conservatorio*, p. 29.
[2] *Ibid.*, p. 45.

ral de civilisação que de toda a parte se alevanta: Ouvimos fallar de longe no que vae pelo mundo, e como tafulos de provincia imitâmos ás cégas, exagerâmos quanto nos dizem que é moda na capital, sem vermos primeiro se nos fica bem a moda. D'aqui a sincera devoção com que primeiro copiámos os Italianos, depois os Castelhanos e por fim os Francezes.» E depois de indicar a propagação do movimento romantico da Inglaterra para a Allemanha e da Allemanha para a França, accrescenta: «e nós, como estas colonias longiquas dos Romanos, que obedeciam ainda aos consules de Roma quando já Alarico reinava em Roma, nós religiosamente nos curvávamos ainda diante da sombra de uma auctoridade que já não existia.» [1] Nos outros tres trabalhos que citámos da collaboração de Herculano nas *Memorias do Conservatorio*, acham-se considerações bastante justas, que já aproveitámos na *Historia do Theatro*, taes como o considerar a transformação da litteratura portugueza como resultante das transformações sociaes de 1833, a imperfeição dos dramas historicos por falta de um trabalho de erudição historica a par da idealisação artistica, como se viu na Allemanha com Herder e Müller ao lado de Goëthe e Schiller, na França Guizot e Thierry ao lado de Victor Hugo; finalmente, a falsa linguagem figurada, emphatica e cheia de epithetos, proveniente de uma certa incapacidade philosophica para analysar as paixões, e de falta de imaginação para recompôr syntheticamente os caracteres. O que Herculano dizia com tanto acerto dos dramas ultra-romanticos apresentados ao Conservatorio de 1840 a 1842, cabia-lhe como auctor dos romances historicos, em que o archaismo da linguagem suppria a falta de evocação da epoca ou a intelligencia da tradição que desenvolvia. O trabalho fundamental deveria começar por uma renovação

[1] *Jornal do Conservatorio*, p. 101. (1 de março de 1840.)

philosophica, que provocando a actividade mental influiria na critica doutrinaria e comparativa, na politica e praticamente nas reformas que d'ella derivam, e por ultimo na Historia, como processo do nosso passado. Faltou esta condição primaria, e por isso foram descoordenados todos os movimentos de transformação politica e intellectual; os despeitos e as separações inutilisaram muitos esforços. A falta de critica não fecundou nem disciplinou os escriptores, e Herculano, que se concentrou no trabalho da *Historia de Portugal*, deveu a parte mais justificavel do seu desalento á falta de uma comprehensão e julgamento da critica sobre a direcção da sua obra.

Retirado da politica desde 1842, vivia Herculano na Ajuda, em casa independente destinada ao bibliothecario real; ali no seu remanso de naufrago politico procuravam-no os novos escriptores, e Herculano deixava-se adorar. A mocidade em vez de trazer doutrina vinha pasmada de admiração; quando Herculano se dignava collaborar em alguma das suas ephemeras revistas litterarias, ella ficava com importancia garantida. Na *Illustração* (jornal universal) publicada em abril de 1845, acha-se já um enfatuamento auctoritario em Herculano; elle emprehende uma galeria de *Typos portuguezes*, a começar pelo *gallego;* protestando que nós temos typos nacionaes dá-nos o intuito do *Parocho da Aldêa:* «foi uma experiencia.» Mas o gallego é que é lamentavel; imagine-se uma das mais hirtas e insulsas caricaturas de Nogueira da Silva, na edição de Tolentino, só assim é que se póde imaginar a graça de Herculano, nos longos discursos da *Vida, ditos e feitos de Lazaro Thomé.* Elle bem quer ser ironico, mas cáe na imprecação, e essa no estylo de antigos habitos mentaes, como n'esta phrase em que inesperadamente declama a favor dos frades: «arrosta com o perigo de dizer mal dos frades, mudos, debaixo da campa do monachismo, e dos padres, que só te responderão com uma

lagrima furtiva.» (Cap. 2) [1] A auctoridade romantica de Herculano crescia; escreveu para a creação da Opera nacional o drama lyrico os *Infantes de Ceuta*, posto em musica por Miró expressamente para a Academia Philarmonica, e o Conde de Farrobo, emprezario da Companhia italiana fêl-o cantar na noite de 31 de abril de 1845. Os que assistiam a esse desempenho, escreveram: «A poesia percebia-se pouco...». [2] O dom da graça anda sempre ligado ao talento dramatico, e Herculano não tendo possuido esta qualidade tão caracteristica de Garrett, assim como não pôde dar relêvo ao romance, tambem em historia nunca poderia sair dos moldes severos mas mortos em que escrevia Hallam ou Guizot.

O Conde de Rackzynski, que veiu a Portugal (13 de maio de 1842) e estudou com tanto interesse a Arte d'este paiz, não podia deixar de achar-se em contacto com Alexandre Herculano, que fôra o primeiro a reclamar a favor dos nossos monumentos destruidos por falta da sua comprehensão. O illustre fundador da historia da Arte portugueza, escreve de Herculano estas linhas: «É um dos homens mais amigos da verdade, que eu conheço em Portugal, de uma grande vivacidade de espirito, eruditissimo, escriptor de um merito geralmente reconhecido, de uma imaginação ardente, cheio de zêlo e infatigavel. Foi já deputado ás côrtes. Abandonando a politica pela sciencia, prestou a esta ultima um serviço que a nação não poderá bastantemente reconhecer.». [3] Rackzynski demorou-se em Portugal até 1845, e já em Paris durante o anno de 1847 é que escreveu esse juizo sobre Herculano; conheceu portanto Herculano no seu periodo de fervor litterario, quando, despeitado da politica, no momento em que os Cartistas se tornavam Cabralistas,

[1] *Illustração*, p. 157.
[2] *Illustração*, p. 4.
[3] *Dictionaire historico-artistique du Portugal*, p. 131.

voltou a sua poderosa organisação para a litteratura. A sua imaginação era apreciada pelos pequenos romances historicos publicados no *Panorama*, de que fôra redactor exclusivo até junho de 1839, e na *Illustração*, romances que veiu a colligir sob o titulo de *Lendas e Narrativas*. Occupava-se em organisar o texto do manuscripto de Frei Luiz de Sousa, *Annaes de D. João III*, achados na Bibliotheca real das Necessidades, que a *Sociedade propagadora dos Conhecimentos uteis* mandou publicar em 1844; ainda em 1844 publicou o pequeno drama lyrico *Os Infantes de Ceuta*, e á custa da supracitada associação o romance historico da sociedade gothica na peninsula *Eurico, o Presbytero*. Parte do *Monge de Cistér*, já era conhecido por fragmentos no *Panorama*. A imaginação portugueza narcotisada pelas insipidas novellas do *Allivio de Tristes*, do padre Matheus Ribeiro, e *Feliz Independente*, do padre Theodoro de Almeida, recebeu as suas primeiras emoções dos romances historicos de Herculano. As primeiras impressões são sempre as mais indeleveis. Em 1843 e 1844 já Herculano abandonava o campo do romance historico; embora o *Monge de Cistér* só apparecesse em 1848, a parte principal havia muitos annos que ficára incompleta no *Panorama*. Herculano reconcentrava-se cada vez mais no campo da historia especial; por isso escrevia Rackzynski, talvez sobre notas levadas de Lisboa: «Elle escreve uma *Historia de Portugal durante a Edade Media*, que, sem duvida será uma obra de alta importancia para as sciencias, e mais particularmente para o seu paiz.»

N'esta phrase de Rackzynshi contém-se uma revelação importantissima, e é, que a *Historia de Portugal* em que trabalhava Herculano, (1842-1846) se limitava desde a sua concepção primitiva ao periodo medieval: *durante a Edade Media*. Quando mais tarde em 1863, Herculano veiu desilludir os que esperavam ainda uma *Historia de Portugal* completa pondo no frontespicio da terceira edição «*até ao reinado de*

D. Affonso III, não fez mais do que definir com verdade o plano do seu trabalho, embora continuasse dizendo que contrariedades innumeras lhe haviam truncado o seu lavor historico. Houve por tanto n'estes desgostos uma certa phantasmagoria theatral; Herculano era romanesco.

Em 1836 publicou o professor de historia da Universidade de Giezen, Henri Schaeffer, o primeiro volume da sua bella *Historia de Portugal*, formando parte de um vasto corpo de Historia dos Estados europeus; só em 1839 é que se publicou o segundo volume. A obra foi conhecida em Lisboa, e crêmos que não sem influencia na determinação de Herculano em concentrar os seus estudos dispersos sobre as instituições sociaes portuguezas, taes como Foraes, Bens da corôa e Classes servas. Quando o primeiro volume da *Historia* de Herculano appareceu á luz em 1846, já a obra de Schaeffer foi ali aproveitada pela segurança da sua critica. Foram estes dois volumes de Schaeffer os unicos traduzidos em francez; os tres volumes restantes, publicados ao fim de um longo intervallo, em 1850, 1852 e 1854, cruzam-se com os livros da *Historia* de Herculano, cujo quarto volume, de 1853, ficou o limitte irrevogavel do seu trabalho. [1] Crêmos que o complemento total do trabalho de

[1] A *Historia de Portugal* de Schaeffer foi interrompida em 1839 para o seu auctor metter mãos á *Historia de Hespanha*, da citada collecção. F. Ad. Varnhagen, que era admirador de Herculano, diz da obra de Schaeffer: «estuda profundamente os factos e desassombrado de preoccupações.» *Revista universal lisbonense*, vol. I, p. 23.

Em uns artigos publicados na *Gazeta de Colonia* intitulados *Portugal na Allemanha*, por Hardung, acham-se algumas indicações biographicas acerca de Schaeffer: «Nasceu este destincto historiador em Schlitz, pequena aldêa do Grão-Ducado de Hesse, a 25 de abril de 1794, formou-se no seminario historico de Giessen, e acceitou em 1816 o logar de preceptor em uma familia aristocratica de Darmstadt. Durante sua permanencia n'aquella capital, Schaeffer começou a occupar-se da peninsula iberica. Desde seus primeiros trabalhos, o joven auctor excitou geral admiração por seus profundos conhecimentos da historia de Hespanha e de Portugal. Sendo depois nomeado professor de historia na Universidade de Giessen, esta posição vantajosa lhe proporcionou os meios de emprehender maiores trabalhos. Foi ali que publicou duas obras que fundaram sua

Schaeffer, desalentou Herculano; mas se elle diz que lhe truncaram o seu trabalho, nunca ninguem se serviu do confronto da superioridade de Schaeffer para o enfraquecer. Se a *Historia de Portugal* não passou além de Affonso III, é porque essa obra, como o revelou Rackzynski, nascera nos moldes de uma monographia, cujo titulo define bem o intuito primitivo de Herculano, que não pretendia passar além da *Edade Media portugueza*. A especialisação d'estes estudos é que o relacionou com Luigi Cibrario, auctor da *Economia politica na Edade Media*, com cuja amisade se gloriava, como o revela na Carta a Garrett. Nós julgâmos, que para fazer a historia do estado das pessoas, da propriedade, das fórmas tributarias, das instituições municipaes, da penalidade, era preciso esboçar as transformações historicas da peninsula para se comprehenderem essas justificações de fórmas sociaes romanas, germanicas, arabes e frankas, em Portugal. Foi o que fez Herculano; e sobre tudo o seu intuito revela-se no nobre orgulho com que entende ter inovado esta ordem de estudos: «materias de *historia social*... cujo estudo não receiâmos dizel-o, é quasi inteiramente novo em Portugal...» [1] Os trabalhos de Antonio Caetano do Amaral e de João Pedro Ribeiro, e o *Elucidario* de Viterbo, eram os unicos subsidios para a historia social portugueza, materiaes de erudição, sem a luz da critica comparativa.

reputação litteria. a *Historia de Hespanha*, e a *Historia de Portugal*. Estas duas obras formam uma parte da vasta collecção da *Historia dos Estados Europeus* de Heeren e Uckert.—Como Alexandre Herculano não quer continuar a sua obra monumental e vive em retrahimento philosophico, occupado com a agricultura e alegrando se quando o azeite dos olivaes de Val de Lobos pertence ás melhores marcas do paiz, a *Historia de Portugal* de Henrique Schaeffer, que vae até ao mez de agosto de 1820, é, ainda hoje, o unico trabalho verdadeiramente scientifico que abrange toda a historia portugueza desde as origens da monarchia até aos tempos modernos.

«O livro de Schaeffer, principalmente a parte que trata do estado social do reino nos primeiros tempos da monarchia, é muito estimado; etc.» (Vid. a *Actualidade*, de 1873.)

[1] *Hist. de Portugal*, t. IV, p. V.

Herculano excedeu-os em critica de particularidades, mas não foi mais longe na recomposição synthetica da vida social; faltava-lhe o talento narrador de um Thierry ou de um Michelet, e é por isso que sendo importantes os dois volumes em que trata largamente da sociedade portugueza, são quasi illegiveis pela fórma de allegação juridica em que estão escriptos.

A ideia de servir as doutrinas politicas constitucionaes levou em 1820 Agostinho Thierry a publicar no *Courrier français* as suas celebres *Cartas sobre a Historia de França*, que exerceram uma acção profunda na renovação dos estudos historicos e sobretudo no espirito democratico applicado á critica das instituições sociaes da Edáde Media. A Portugal tambem se estendeu a acção de Agostinho Thierry, e á imitação das *Cartas sobre a Historia de França*, publicou Herculano na *Revista universal lisbonense*, redigida por Castilho, umas cinco *Cartas sobre a Historia de Portugal*, por 1842. [1] Estas Cartas mal revelam a seriedade do historiador de 1846, imitando puerilmente na Carta II o systema empregado por Agostinho Thierry para restabelecer a ortographia dos nomes germanicos, como Theoderich, Theod-mir, Leud-vi-ghild, que Nodier satyrisou acremente. Já se falla dos *Mosarabes*, que deriva da palavra arabe *Atmostárabe*, ou adscripto aos arabes, mas cuja adscripção não póde explicar porque descreve os Arabes como ainda no barbarismo. Na Carta III, discute a questão dos nossos antigos chronistas, se Portugal foi dado em dote a D. Tareja, discussão que foi aproveitada para a nota sexta da *Historia de Portugal;* na Carta IV discute a necessidade de nova divisão das epocas da historia portugueza, e cita directamente a obra de Agostinho Thierry, *Dez annos de Estudos*

1 Na *Rev. universal lisbonense*: I, p. 316, art. 197; II, 262; III, 502, 564, 591; IV, 637, 661; V, 848, 879, 911, 934, 953, 973.

historicos; a Carta v encerra algumas anedoctas sobre os costumes da sociedade portugueza, materialmente extractados e mais nada. Faltava a Herculano esse poder de recompôr a vida moral que tanto fez admirar em toda a Europa as *Cartas* de Agostinho Thierry, e por isso esta influencia do grande historiador do Terceiro Estado foi passageira, submettendo-se ao processo analytico e doutrinario de Guizot. Em todo o caso á primeira influencia da critica historica de Agostinho Thierry deveu Herculano a comprehensão da independencia das instituições municipaes na Edade Media, e os seus constantes protestos contra a absorpção do systema de centralisação administrativa empregado pela monarchia constitucional contra essa instituição destinada a realisar na sociedade moderna o *self-gouvernement.* Foi de Agostinho Thierry que Herculano aprendeu o seu municipalismo, que levou alguns escriptores contemporaneos a illudirem-se com os seus sentimentos democraticos; mas Herculano era exclusivamente monarchico, e por isso para elle o municipio nunca poderia ter outro desenvolvimento mais do que a liberdade dos impostos locaes. Pelo seu monarchismo o ideal da emancipação do municipio ficou infecundo por incompleto, e mais tarde contradictorio pelas suas affirmações anti-democraticas.

No prologo da sua *Historia,* Herculano descreve de um modo bem doloroso as condições em que se acha todo aquelle que emprehender escrever uma historia de Portugal: «As collecções impressas de monumentos historicos, que todos ou quasi todos os paizes possuem, faltam n'este nosso. Documentos avulsos, derramados por obras escriptas em epocas nas quaes as luzes diplomaticas quasi que não existiam, mal podem, ás vezes, pelo errado da sua leitura e por se acharem confundidos com diplomas forjados, ser acceitos como auctoridades seguras. Outro caracter têm os que se encontram nas Memorias da Academia real das Sciencias,

ou nas obras publicadas pelos seus socios; mas esses documentos, na maior parte reduzem-se a simples extractos, como convém aos fins que se propõem os auctores que os citam. Assim, quem se occupar da historia portugueza, hade sepultar-se nos archivos publicos, e descobrir entre milhares de pergaminhos, frequentemente difficeis de decifrar, aquelle que faz ao seu intento: hade indagar nos monumentos estrangeiros onde é que se encontram passagens que illustrem a historia do seu paiz: hade avivar as inscripções, conhecer os cartorios particulares das cathedraes, dos municipios e dos mosteiros; hade ser paleographo, antiquario, viajante, bibliographo, tudo. Como bastaria um individuo sem abundantes recursos pecuniarios, sem influencia, sem uma saude de ferro, a tão grande empreza? Fôra impossivel.» (*Hist.*, t. I, XI.) Ainda hoje esta situação de qualquer historiador portuguez é rigorosamente a mesma; os archivos estão sem inventario, e a Academia das Sciencias não se preoccupa com monumentos historicos. Herculano achou-se em uma posição excepcional, para tratar esta difficil empreza: todos o serviram com boa vontade. Nomeado bibliothecario das Necessidades e da Ajuda, obteve assim os meios de subsistencia para poder dedicar-se ao estudo, facultando-se-lhe a Torre do Tombo, e recursos para explorar todos os cartorios dos mosteiros, cathedraes e collegiadas do paiz; demittiram-se os empregados com que embirrava, imprimiram-se os documentos que serviram de illustração ou apparato ao seu livro, mas toda esta boa vontade converteu-se facilmente em bajulação, e assim enervaram aquella natureza forte tornando-o systematicamente esteril. A difficuldade e o sacrificio eram o estimulo d'aquella natureza; aplanaram-lhe o caminho, foi como quebrar-lhe os braços. Diz Herculano, referindo-se á protecção que acceitou do paço: «Fóra da situação tranquilla em que me vejo collocado, nunca me teria abalançado a uma empreza, que eu

proprio reconheço merecer a imputação de atrevida... Esta situação vantajosa e excepcional devo-a á sua magestade el-rei. Elle a creou para mim espontanea e generosamente.—Se este livro não fôr inteiramente inutil para a gloria da patria, a sua magestade mais que a mim o agradeça a nação.» (*Ib.*, t. I, p. XIV.) Foi esta tranquillidade o que inutilisou Herculano, fazendo-o estacar no limiar da sua construcção; ao paço deve a nação attribuir a interrupção do monumento: como é que Herculano seria grato aos Braganças, fazendo a historia do reinado de D. Duarte, D. Affonso V e D. João II, sem falsear a verdade? De D. João IV, de D. Affonso VI e D. Pedro II, sem se insurgir contra essa dynastia dissolvente? Abandonaria a *Historia* para ficar agradecido. Faltava-lhe o estimulo do protesto.

«Averiguar qual foi a existencia das gerações que passaram, eis o mister da historia.» (*Hist. Port.*, t. I, Introd.) Phrases vagas, que nada significam, porque a *existencia* não se comprehende só por si, mas pelo condicionalismo do meio, e pelas circumstancias que a modificam, e as *gerações* é uma palavra que não encerra a ideia de raça, de povo, de nacionalidade, de gente, tendo especialmente um sentido familista, que é o que sob a fórma de divisões dynasticas e biographias de reis foi seguido por Herculano. Caracterisando os antigos historiadores que faziam paginas rhetoricas sobre a *Historia de Portugal* appensando-lhe falsas tradições á maneira dos agiographos, e dando pelo fervor do estylo imaginoso a medida do seu patriotismo, Herculano sepára-se d'elles por uma caracteristica bem profunda: «Elles tratam a historia como uma questão de partido litterario, *eu apenas a considero como materia de sciencia.*» (*Ib.*, t. I, x.) Foi este ponto de vista o que deu segurança ao criterio de Herculano, consultando as fontes directas dos documentos, e pretendendo explicar as phases sociaes da nação portugueza.

Quando Herculano emprehendeu a *Historia de Portugal*, começada a publicar em 1846, não existiam sómente as monographias de João Pedro Ribeiro, de Frei Francisco de S. Luiz e de Antonio Caetano do Amaral, o ponto de vista geral segundo o espirito scientifico moderno já estava determinado; sem a *Historia de Portugal* de Schaeffer, publicada em 1836, Herculano não se elevaria acima da erudição fragmentaria das monographias. Desde o momento que Herculano sentiu que lhe era impossivel levar a cabo a sua obra, o verdadeiro serviço á patria teria sido o traduzir com franqueza a obra de Schaeffer, que termina na revolução nacional de 1820, esclarecel-a com notas ou additamentos dos seus estudos, e se possivel fosse amplial-a até ao Cêrco do Porto e estabelecimento do regimen parlamentar. Este trabalho, porém, tinha o defeito de tirar o perstigio ao historiador portuguez, e de orientar a nova geração n'essa ordem de trabalhos.

§ III.—(De 1846 a 1866.)—Analyse da *Historia de Portugal* de Herculano. —Desconhece a ethnologia da peninsula, e o porque da desmembração do territorio portuguez.—As luctas polemicas da *Historia de Portugal* orientam o espirito de Herculano no sentido anti-clerical. — A *Historia das Origens da Inquisição em Portugal.* — O *Eu e o Clero*, e a questão da *Concordata.* — Situação da Academia das Sciencias. — Os *Portugaliæ Monumenta.* — Abstenção da actividade litteraria e silencio systematico de Herculano. — Influencia da morte de D. Pedro v no estado de espirito de Herculano. —Retira-se para a vida rural, onde encontra novos desalentos. — A questão do *Casamento civil* em 1866, contradictada pelos actos. — A visita do imperador do Brazil, e o fallecimento de Herculano.—Analyse geral das fórmas da sua actividade — Conclusão.

Para fazer a *Historia de Portugal* estavam traçados os principaes lineamentos, e publicados os documentos que interessam directamente as origens nacionaes; Florez, na *España Sagrada*, tinha publicado os principaes Chronicões; Masdeu, na *Historia critica de España*, discutia com profundidade a ethnologia peninsular, e as epocas historicas dos romanos, dos germanos e dos arabes; Roussew Saint-Hilaire applicava os novos methodos historicos á constituição da unidade hespanhola. A *Historia de Portugal* estava implicitamente tratada como um capitulo da historia de Hespanha; as relações de dependencia, de desmembração e de autonomia politica explicam-se pelos accidentes de unificação ou desmembração dos outros estados peninsulares. Portanto o periodo dos primeiros seculos da monarchia portugueza é realmente o mais facil para o historiador, por causa dos inumeros recursos estrangeiros. O trabalho de Herculano consistiu na severidade do methodo scientifico, abandonando a credulidade dos nossos chronistas beatos. Para a comprehensão moderna da organisação romana na peninsula, existiam os bellos trabalhos de Savigny sobre a *Historia do Direito romano na Edade Media*, e para o conheci-

mento da organisação da sociedade germanica os luminosos Ensaios de Guizot e a sua *Historia da Civilisação em França;* para a civilisação arabe, condemnada pelos chronistas peninsulares, mas rehabilitada pela critica de hoje, existiam os vastos estudos de Hammer e de Dozy; para a constituição das povoações segundo as cartas communaes, existiam os ricos documentos publicados por Muñoz y Romero. Não era preciso talento para tratar os primeiros seculos de Portugal, bastava a capacidade para uma intelligente compilação de tão abundantes e preciosas fontes. Desde que Herculano teve de entrar na vida intima do povo portuguez, contida nas Inquirições de D. Affonso III, desde que achou uma renascença na epoca de D. Diniz, o trabalho desligava-se dos subsidios da historia de Hespanha, e era de força caminhar sósinho. Não será este tambem um motivo por que não quiz avançar?

Herculano, para justificar o abandono das origens dos primitivos povos que habitaram o territorio portuguez, como um conhecimento sem proveito para a explicação do facto da unidade nacional, funda-se nos erros de methodo que prejudicaram as investigações de Frei Bernardo de Brito e nos preconceitos que até certo ponto viciaram as Memorias de Antonio Pereira de Figueiredo, Antonio Caetano do Amaral e Paschoal José de Mello. Mas quando estes eruditos escreveram ainda não estava creada a linguistica ou a philologia comparada, que é a verdadeira chave para reduzir os nomes de logares ás fórmas conhecidas das linguas d'essas differentes raças; nem tão pouco se conhecia ainda a raça chamada turaniana ou iberica, que precedeu na Europa as migrações áricas. Tambem os phenomenos de persistencia de qualidades ethnicas, ou de recorrencia aos typos primitivos, ainda não estavam determinados pela Antropologia, e por isso toda a investigação deveria consistir quando muito em entender bem os geographos antigos,

como Strabão, Ptolomeu, Pomponio Mella, Plinio, *Itinerario* de Antonino, Avieno, e Silio Italico, corrigir-lhes os textos viciados dos manuscriptos antigos, e organisar os differentes mappas da peninsula segundo as epocas em que cada um escreveu. O erro de methodo consistiu em fazer syntheses prematuras, subordinando a evolução das raças da peninsula á antropologia mosaica, e determinando como persistente através de tudo o typo iberico; e com relação a Portugal, fixando a tribu *Luzitana*, assim chamada pelos Phenicios, como o typo originario e ideal da nossa raça. Herculano fugiu d'estas investigações, que fizeram «malbaratar tantos estudos e tantos talentos historicos verdadeiros» (I, 12) mas a sua abstenção proveiu da ignorancia da linguistica, da antropologia e da falta de applicação da critica moderna á interpretação dos geographos gregos e romanos. A falta da ethnographia das raças antigas da peninsula é que fez com que Herculano não tivesse comprehendido este phenomeno de oscillação social, que se dá na peninsula, na *desmembração* e na *unificação* politica dos seus differentes estados. Schaeffer começando a sua *Historia de Portugal*, conhece que o facto da unificação d'este paiz, entre os outros estados ainda desaggregados, é o «enigma de uma revolução que se fez com bem pouco ruido.» Como explicar esse enigma? Tal é a missão do historiador; e a solução só a poderá encontrar nos caracteres ethnicos que distinguem as raças. Se esse facto de unificação se fez com tão pouco ruido, é porque era favorecido por condições naturaes, porque essa apparente revolução estava na ordem das cousas. O cosmopolitismo semita (phenicios, carthaginezes, mouros e arabes, e mesmo os judeus) não se fez sentir nos povos que se tornaram independentes sobre o sólo portuguez; e este facto é de alta importancia para dirigir a investigação das raças que se integraram no nosso typo nacional.

Nos phenomenos historicos, assim como nos phenomenos de ordem physica, nenhuma energia se extingue, e o saber restabelecer a cadeia da evolução é o que caracterisa a capacidade do historiador. Differente é a immobilidade persistente do Luzitano, segundo os historiadores do seculo xvi, e dos eruditos do seculo xviii, e differente é a consideração dos phenomenos ethnicos de recorrencia, de tradição e de orientação peculiar. É este ultimo ponto de vista o que se deriva da sciencia moderna. Os caracteristicos de nacionalidade fixados por Herculano são illusorios: as *raças* sem o cruzamento com outras não produzem aggregado nacional com consistencia e vida historica; a *lingua* é o producto que uma raça mais facilmente abandona, e a prova é a promptidão com que os povos conquistados adoptam a lingua dos conquistadores, como a extensão da lingua latina nos dialectos romanicos, e do Arabe na peninsula e entre os Persas; existem nações com diversas linguas, como a Austria, a Suissa, a Italia, e a circumstancia do territorio é tambem accidental, como se viu antes da unificação da Italia e da Allemanha; existem mesmo nacionalidades sem territorio, como o Judeu, ou abandonando o seu territorio originario, como as nações formadas da corrente das migrações germanicas. Não nos admira, portanto que na parte da geographia antiga de Portugal, a obra de Herculano nascesse atrasada, sem mesmo uma clara exposição dos geographos gregos e romanos.

Expondo as suas ideias ácerca do organismo collectivo de uma nacionalidade, Herculano vacillava na determinação dos caracteres de um povo e do condicionalismo que o mantém em aggregação; a sua historia devia de ser tambem vacillante e sem um ponto de vista. Diz Herculano: «Muitos e diversos são estes caracteres, que podem variar de uns para outros povos; mas ha tres, pelos quaes commumente se aprecia a unidade ou identidade nacional de diversas ge-

rações successivas. São elles — a raça — a lingua — o territorio. E na verdade, fóra d'estas tres condições, a nação moderna sente-se tão perfeitamente extranha á nação antiga, como á que nas mais longiquas regiões vive afastada d'ella.» (*Hist.*, I, 13.) Com estes principios, que mostraremos contradictados pelos factos, é que Herculano se dirigia na investigação do passado historico de Portugal; como a raça dos Luzitanos teve diversos cruzamentos, e como o territorio da Luzitania variou segundo as epocas da conquista e administração romana não condizendo com o territorio sobre que se fixou Portugal, e como os dialectos d'essas tribus celticas apenas se conservam em raros vestigios toponymicos, Herculano concluiu que desappareceram e degeneraram totalmente, e que nada influiram na orientação do aggregado nacional.

A falta dos estudos de ethnologia peninsular influiu na errada architectura da *Historia de Portugal*, de Herculano, que começa a sua narrativa pela morosa e quasi illegivel exposição do dominio arabe e da reconquista neo-gothica, até que o Condado portuguez se separa autonomicamente. A dissolução do dominio arabe não a explica, porque se lhe fosse accessivel esse problema comparado com a dissolução da unidade romana e da unidade gothica na peninsula, descobriria a tendencia *separatista* dos povos peninsulares, tendencia que produzia a independencia de Portugal, cuja conservação como individualidade nacional constitue propriamente a essencia da sua historia. Depois de tratar dos conflictos dynasticos até D. Affonso III, (Livro I a VI) Herculano enceta um novo trabalho, a *Historia social portugueza*, descrevendo em mais de volume e meio a structura dos municipios romanos, do colonato, das classes servas, da divisão territorial administrativa, da condição civil das classes populares, origens dos concelhos, typos foraleiros, e emfim o systema judicial e tributario. (Livro VII, P. I a

III, e Livro VIII, P. I a III.) O modo como isto é feito, méramente descriptivo, sem a luz do criterio historico-comparativo, e sem a prévia preparação do estado de civilisação da peninsula e das condições que determinaram a separação da nova nacionalidade portugueza, torna-se de uma aridez invencivel e sem intuito para a comprehensão da origem das nossas instituições. Assim para Herculano, a *desmembração* de Portugal da unidade momentanea Asturo-leoneza é incomprehensivel, porque ora a attribue ao Conde D. Henrique, aos planos superiores com que defende D. Thereza pela perspicacia politica, e a seu filho D. Affonso Henriques, ora crê nas forças immanentes ao proprio Condado, que motivavam a sua *desmembração*. Na explicação das instituições romanas, ignora as conclusões sobre as origens da civilisação árica, e sepára essas instituições como differentes da constituição social germanica, quando têm typos similhantes e identicos, provenientes do mesmo tronco d'onde esses povos se destacaram; d'aqui a impossibilidade de comprehender os municipios e o colonato. Na exposição das instituições germanicas, desconheceu os resultados historicos determinados por Savigny ácerca da unidade das instituições sociaes dos godos, lombardos, frankos, saxões e burguinhões, instituições que variaram depois segundo a epoca e territorio do seu estabelecimento definitivo em nacionalidades; conseguintemente, não explicou a origem das classes servas por uma decadencia dos *homens livres* germanicos, mas por uma elevação do escravo antigo, que attenuou o seu estado pela servidão da gleba, e por tanto nem conheceu as Irmandades, (Arimania) e se as conhecesse não comprehenderia o seu caracter de resistencia; para Herculano havia tambem um unico typo de feudalismo, o francez, e porque o não via rigorosamente egual na peninsula, não comprehendia o que elle considerava fórmas accidentaes do feudalismo; sem conhecer o desenvolvimento

da banda guerreira sobre a banda agricola dos germanos, não póde explicar a realeza com caracter electivo, a sua tendencia para tornar-se *heriditaria*, e na peninsula a sua dependencia das *côrtes*. Com relação aos Arabes, Herculano não soube destacar o elemento *mauresco*, que provocava a revivescencia de qualidades ethnicas do antigo elemento iberico, e por isso a definição das origens do elemento popular, a que os escriptores hespanhoes chamaram *Mosàrabe*, foi vagamente esboçada por Herculano como um facto existente, mas sem raizes senão a do encontro de duas sociedades que se odiavam, a sociedade arabe triumphante e a sociedade gothica decaida mas fortificada pela crença christã. O ponto de vista christão falsificava-lhe na historia a comprehensão philosophica, e por isso a colligação e e unificação das monarchias com o catholicismo servindo-lhe de regimen policial, nunca lhe appareceria como a causa de se não terem formado Estados federaes na peninsula, e por tanto de terem produzido a decadencia inevitavel d'estes povos.

Descrevendo os caracteres de uma nacionalidade Herculano indica o *territorio*, e limita-se a transcrever os dados dos geographos antigos, sem corrigil-os, nem tirar do territorio as deducções do methodo tão severo de Ritter. Pelo territorio se explica um dos porquê da nacionalidade portugueza; esse territorio acha-se dividido pelos geographos antigos, principalmente por Strabão, nas seguintes zonas:

a) Uma parte estendia-se desde o Cabo Nerio ou de Finisterra até ao Douro; era ao que propriamente se chamava a Galliza ou o territorio dos Callaecos.

b) Outra parte estendia-se desde o Douro até ao Tejo, e d'este rio até ao Guadiana, ou propriamente o territorio da Luzitania. (Opinião tambem recebida por Ptolomeu.)

c) Outra estendia-se desde o Ana até ao Sacrum, e era a Turdetania. (*ab Ana ad Sacrum Turditani.* Plin. e Ptol.)

Tiremos as deducções para o facto da nacionalidade; a tendencia de aggregação nacional começou a organisar-se na região de Entre Douro e Minho, onde existia um elemento ethnico de raça árica (distingue-se pela cohesão nacional) sobretudo as colonias gregas e romanas, como se vê pelo regimen emphyteutico da propriedade, que ainda prevalece no Minho. A importancia d'este facto exige uma maior comprovação. Segundo os geographos antigos desde o Douro até ao Cabo de Finisterra o territorio era totalmente habitado por colonias gregas; fallando do Rio Lima, diz Silio Italico, «que corre pelo terreno dos Gravios.» Tambem Plinio diz «*grecorum soboles omnia.*» Este facto que ainda hoje se authentica na belleza esculptural das mulheres da Maia, de Vianna, de muitas povoações das costas do norte, apparece em muitos usos populares privativamente gregos, como os *Jardins de Adonis*, (trigo grelado) em um grande numero de inscripções lapidares a deuses hellenicos, e em um grande talento architectonico, como notaram Roquemont e Raczynski. Diz Strabão, na descripção da Hespanha: «Nos que vivem junto ao Douro observam-se muitos rasgos da vida e costumes dos Spartanos ou Laconios.» E um pouco adiante: «Os Lusitanos ou Gallegos... fazem seus casamentos ao estylo dos gregos.» A fronteira luzitanica fixada pelos geographos antigos nas margens do Douro é um facto bem significativo, que só pelas colonias gregas do norte se póde comprehender; os gregos e phenicios andaram sempre em conflicto nas suas expedições maritimas e commerciaes, até que pela violencia da sua situação os gregos fizeram-se substituir na lucta chamando os romanos e entregando-lhe as suas colonias, para assim se acharem de frente os phenicios com esse novo poder. Portanto os limites dos luzitanos determinam-se no ponto em que os phenicios na occupação da peninsula iberica, já então por causa d'esse novo povo chamada Span, se encontraram com as colonias gre-

gas do norte. E isto que se deduz do antagonismo dos dois povos, verifica-se na conquista arabe, em que o dominio sarraceno se não elevou tambem acima do Douro. Esse dominio arabe propagou-se facilmente sobre o territorio onde existira a dominação phenicia; era uma revivescencia semita, e foi tambem o mais difficil de conquistar tanto para os romanos, como para os neo-godos. Aqui temos os elementos heterogeneos bem caracterisados para se estabelecer uma aggregação nacional. Assimilou-se facilmente a região central (vid *b*) a titulo de libertação do dominio arabe, e conservou-se a aggregação pela acção vigilante das ordens de cavalleria. Por ultimo a terceira região, como refugio dos arabes foi conquistada pelas incursões maritimas, em que o genio da nova nação se manifestava com uma certa consciencia historica na conquista dos *Algarves d'além-mar* (em Africa) no reinado de D. João I.

Do lado da Hespanha dava-se tambem o phenomeno da differenciação ethnica pelo apoio dos Pyrenneos, conservando a raça primitiva mais pura ou estacionaria (Bascos e Aquitanios); do lado de Portugal estabeleceu-se um certo cosmopolitismo, uma facil assimilação de raças progressivas (ex. normandos e frankos) e capazes de aproveitarem os estimulos da visinhança do mar. O typo iberico hespanhol, determinado pelo antropologista Paul Broca como analogo ao berber da Africa, vêm-nos explicar a rasão da facil cohabilitação dos phenicios, das colonias mauritanas, do elemento carthaginez, das colonias scythicas administradas pelos romanos, dos Alanos (elemento scythico que acompanhou os germanos) da facil conquista arabe, e pelo grande numero de povoações maurescas que acompanharam a invasão sarracena, a formação do typo ou raça *Mosarabe*, com a persistencia dos caracteres ethnicos primitivos.

Sobre a persistencia dos caracteres ethnicos primitivos de um povo através dos seus diversos cruzamentos e trans-

formações historicas, diz o illustre antropologista Paulo Broca: «A nação cruzada que resulta d'este mixto, adoptando a lingua, os costumes, a nacionalidade da raça estrangeira, póde esquecer com o andar do tempo até a existencia dos seus antepassados autocthones, cujos caracteres physicos continuam por tanto a predominar no seu seio; mas ás vezes recordam-se, como o provam os Celto-Scythas mencionados por Plutarcho e os Celtibericos da peninsula hispanica.» [1] Das migrações e elementos celticos que entraram na população dos estados da Europa, o mesmo illustre antropologista chega á seguinte conclusão: «O que se espalhára por toda a Europa não era uma raça, mas uma civilisação, que, por assim dizer, se tinha inoculado de povo a povo, porque o bem inocula-se como o mal.» [2] Esta affirmação reforça extraordinariamente o primeiro facto da persistencia dos caracteres ethnicos do Celtibero; um facto analogo, mas ainda de uma fórma mais abstracta se dá com o dominio romano, em que os caracteres exteriores da civilisação, a lingua, o direito, a administração e a cultura foram recebidos pelos povos peninsulares, sem que existissem familias romanas na peninsula mas sim colonos submettidos ao imperio. Se vêmos do lado ethnico dar-se uma transformação constante nos povos ibericos, adoptando a cultura celtica, phenicia, romana, wisigothica e arabe, o que prova o seu caracter eminentemente progressivo, pelo lado antropologico vêmos apparecerem condições de persistencia e revivescencia do seu typo iberico nos elementos scyticos dos Celtas, no turaniano do phenicio, no colonato romano, nos alanos dos wisigodos e nos mouros dos arabes. Aqui podemos repetir com Paulo Broca, que os caracteres physicos persistem no Celtibero, e que estas repetidas con-

1 *Mem. d'Antropologie*, t. I, p. 368.
2 *Ibid.*, p. 370.

dições de revivescencia fizeram com que o Celtibero não se esquecesse da sua origem.[1] Por consequencia é no genio ethnico que se deve procurar a tendencia *separatista* dos povos peninsulares, que é o caracter fundamental da sua historia politica, e cujo conhecimento e disciplina constituirá a fórma da civilisação definitiva d'estes povos.

Comparando os pequenos estados da peninsula aos estados independentes da Grecia, Strabão explica por esta causa a dominação dos Iberos por outros povos invasores: «Este mal, pois, actuou com mais intensidade entre os Iberos, porque ao seu caracter emprehendedor unem a desconfiança que têm uns para com os outros, e contentando-se em fazerem-se invasores de propriedades alheias, e propriamente salteadores, atrevidos sómente para pequenas emprezas, nenhuma cousa emprehendiam em grande, não se tendo reunido em grandes communidades. Porque é certo que se conseguissem sustentar-se mutuamente, nem os Carthagineses, nem antes d'elles os Tyrios, que invadiram a sua região apresentando forças superiores, teriam podido dominal-os, como fizeram de uma grande parte. Nem depois dos Tyrios os Celtas, que são chamados Celtiberos e Berones, nem depois d'estes o salteador Viriato, nem Sertorio, nem nenhum outro intentaria nem conceberia a ambiciósa pretenção de dominal os.»[2] E explicando o genio separatista pela influencia do territorio, continúa Strabão: «Porque nem a natureza do terreno é para reunir muitas cidades por ser estéril, e porque uma grande parte d'elle está fóra de communicação e sem civilisação, nem tão pouco o modo de vi-

[1] O illustre antropologista ainda affirma: «Ora a observação prova, que as linguas se extinguem sempre mui lentamente e que a maior parte dos povos da Europa occidental tem muitas vezes unidade de lingua, *conservando sempre o seu typo* a despeito mesmo dos crusamentos que experimentaram.» *Ibidem*, p. 383.

[2] Strabão, versão Cortés y Lopes, *Diccionario geographico y historico de la España antigua*, I, 104.

ver, nem os costumes de toda a Iberia são como os que se observam em toda a costa maritima do nosso mar, e assim não podem ser indicio de grande numero de cidades. Pois em geral, os que vivem em pequenos povoados costumam ser bravios, e n'este estado se acha a maior parte dos Iberos; de modo que nem as proprias cidades suavisam os seus costumes a não ser com difficuldade, por isso que as montanhas da Iberia e as suas muitas brenhas offerecem ensejo para se atacarem uns aos outros.»[1] Da sua falta de trabalho agricola, falla Strabão referindo-se outra vez ao genio indomavel dos Iberos: «homens, que se criam sem precaver as necessidades, antes vivem pessimamente á maneira de féras attendendo só á necessidade presente; etc.»[2]

No povo hespanhol persistem ainda hoje todos estes caracteres; a indole de salteador, desenvolvida nas guerras contra os romanos, reappareceu na lucta contra os arabes, nas *guerrilhas* das guerras napoleonicas, e os *cabecilhas* como Viriato, reapparecem como o Cid, ou como os generaes carlistas. A tendencia separatista, explica profundamente o genio hespanhol, nas suas revoltas e pronunciamentos, e em todos os accidentes da sua historia nacional. Ainda persiste o costume das povoações isoladas, *povoas* ou *aldeias*, o despreso pelos trabalhos agricolas, os odios locaes, e o descuido do futuro, como se vê pela maxima ou adagio popular: «Quem vier atraz que feche a porta.» Dos Iberos do norte, hoje Bascos, diz Strabão: «pois aqui não só se differenciam por seu valor, senão tambem por suas crueldades, e por certa especie de furor proprio das féras.»[3]

A persistencia do espirito separatista é o caracter quasi

[1] *Ibid.*, p. 113.
[2] *Ibid.*, p. 114.
[3] *Ibid.*, p. 115.

exclusivo da historia dos povos peninsulares, que oscilla no movimento de *unificação* e *desmembração*. As raças que precederam os Romanos, como acabámos de notar, viviam em pequenas communidades, e pela acção administrativa e organisação do colonato, os Romanos deram-lhe a sua primeira *unificação* politica, cuja tradição se conservou na cultura hispano-romana, que debalde se tem querido converter em raça. Circumstancias especiaes determinaram a invasão germanica da peninsula; e a Hespanha desmembra-se outra vez em estados autonômos dos Vandalos, Suevos e Alános. Opera-se outra vez uma segunda *unificação* (642–649) pela acção preponderante dos Godos, mas resistem a essa força unificadora os Asturos, Cantabros e os Bascos, povos em quem persistia mais puro o caracter ethnico primitivo, sendo por isso os primeiros que resistiram aos Arabes, quando estes no fim do seculo VII determinaram uma nova *desmembração* da peninsula. Como semitas, os Arabes, apesar de se assenhorearem profundamente da peninsula, nunca poderam attingir a unificação politica, desmembrando-se nos reinos de Toledo, Badajoz, Sevilha, Granada, Malaga, Almeria, Murcia, Valencia, Denia e Baleares. Começa a *unificação* outra vez com o esforço da reconquista christã ou neo-gothica, coexistindo com a desmembração das Asturias e reino de Leão, ligando a Galliza, Portugal e Castella, e Navarra com o Aragão, prevalecendo a desmembração, no reino de Castella, no de Aragão, no de Portugal, no condado de Galliza e no condado de Barcelona. Um systema natural se ia estabelecer nas *Confederações*, como a do seculo XI entre Leão, Navarra e Castella, e no seculo XIII entre Aragão, Castella e Navarra, mas appareceram as ambições monarchicas e as preoccupações dynasticas, perturbando a organisação racional dos estados da peninsula. As ambições monarchicas, sob a fórma de conquista fizeram *unificações* violentas, como a de Sancho Magno, jungindo a

a Navarra, Castella e parte de Leão; como a de Affonso VII, fundindo Castella, Leão, Aragão, Navarra e os condados de Barcelona, Urgel, Foix, Pallas e Montpellier; e como Fernando com a Castella, Leão e Galliza, Zamora e Toro. As preoccupações dynasticas, pelas fórmas da vontade testamentaria, *desmembravam* outra vez os povos unificados, como vêmos nos mesmos monarchas citados; Sancho Magno faz em 1035 a desmembração deixando a Navarra ao seu primogenito, Leão e condado de Castella ao segundo filho, Aragão ao terceiro, o senhorio de Sobrarbe e Ribagorza ao quarto. Affonso VII deixa Castella a Sancho, Leão a Fernando, Aragão é repartido por Jayme Conquistador entre seus dois filhos. Fernando deixa Castella ao primogenito Sancho, Leão a Affonso, Galliza a Garcia, Zamora a Urraca, Toro a Elvira. As usurpações monarchicas entre irmãos tambem foram uma causa transitoria de unificação, como as usurpações de Sancho (Castella, Leão, Galliza, Toro, Zamora) unificadas em seu irmão Affonso até Affonso VII. (1157) Em quanto os estados peninsulares fluctuaram n'esta oscillação politica de *unificação* e *desmembração*, Portugal attingiu muito mais cedo as suas condições de estabilidade; deve attribur-se isto não só á preponderancia de elemento árico em Portugal facilmente aggregado ao Celta maritimo, como á circumstancia do meio historico, (situação separatista até Fernando e Isabel) como ao estimulo da proximidade do mar, que pelas navegações nos trouxe as condições economicas da independencia nacional. Eis aqui o facto capital da *vida historica* do povo portuguez; todo o trabalho deve visar a pôr em relêvo este grande destino em quanto á consciencia nacional, e a deduzir a necessidade da fundação do Federalismo peninsular emquanto á constituição politica. Toda a erudição que não vise a uma demonstração é estéril; a mediocridade fortalece-se no methodo exclusivo do *nihil præter facta*, como se os factos desconnexos po-

dessem perceber-se mais do que as lettras baralhadas de um alphabeto. Mas o rigorismo dos factos não obsta a que se não erre ou na particularidade ou no ponto de vista; é facil o exemplificar estes dois casos em Herculano: ácerca do rescripto pontificio que legitimou o casamento de D. Affonso III com D. Beatriz tendo ainda viva sua mulher a condessa Mathilde, diz Herculano: «Do mesmo modo que succede com outros documentos capitaes para a historia d'este reinado, *ignora-se a existencia d'este rescripto pontificio que deferiu á supplica*, apenas sabemos indirectamente que ella não foi baldada.» [1] Estes documentos estavam publicados pelo visconde da Carreira, [2] sem comtudo o historiador querer corrigir o seu texto. Se Herculano, na direcção dos *Monumentos historicos* da Academia empregasse a sua extraordinaria influencia para a acquisição do Cancioneiro da Vaticana, aí acharia grandes elementos para a historia da conjuração aristocratica que deu o throno a D. Affonso III. Em quanto aos erros de ponto de vista indicaremos a comprehensão da vida politica do Terceiro Estado, tão necessaria para a intelligencia das *Côrtes* portuguezas; diz Herculano: «Aqui observamos sómente que em França data do reinado de S. Luiz a convocação dos delegados burguezes aos parlamentos, e a modificação do direito de revindicta ou guerra privada (Guizot, *Civilis. en Franc.*, lect. 44 e 45) e que estes factos de grande significação social, postoque então de menos importancia pratica, se repetem em Portugal como reflexos no reinado de D. Affonso III.» [3] Ha aqui a distinguir dois factos fundamentaes, que Herculano confunde; já no tempo de Carlos Magno e seus successores se convocavam os estados, costume que se obliterou com

[1] *Hist. de Portugal*, t. III, p. 73. (2.ª ed.)

[2] Collecç. n.º XLVI, Bullas: *Qui celestia simul*, de XIII das kal. Julii, ann. II., e *In nostro proposuistis*, III Non. Julii, ann. II (1262.)

[3] *Hist. de Portugal*, t. III, p. 52 (ed. 2.ª)

a preponderancia do regimen feudal; no tempo de S. Luiz o costume de chamar á participação do governo a nobreza, o clero e o terceiro estado avivava-se segundo o augmento do poder real, mas essas tres ordens eram convocadas *separadamente* e era em *separado* que cada uma emittia o seu voto. A ideia da convocação *simultanea* dos tres estados, reunidos em commum para deliberarem, e constituindo esse poder novo dos *Estados geraes*, pertence a Philippe o Bello, (1302) [1] que encetou esta via politica, até então desconhecida nas monarchias, mas com origens no *mallum* germanico. Se as classes servas que se tornaram povo surgissem á vida politica por se elevarem da escravidão, este facto accidental da convocação simultanea dos Estados geraes ficaria infecundo para a liberdade moderna; como as classes servas eram os *homens-livres* germanicos decaídos pelo desenvolvimento das instituições feudaes, desde que a realeza se separou do feudalismo pelo facto da *hereditariedade*, havia apoiar-se n'estas classes restituindo-lhes as suas antigas garantias. É isto o que nos explica a evolução das instituições modernas; em um ensaio de Herculano, *Do estado das classes servas na Peninsula desde o VII até ao XII seculo*, [2] insiste em querer achar n'essa situação servil uma modificação benefica da escravidão. No conflicto da realeza com o poder senhorial, fundando-se os cadastros da nobreza, chamados *Livros de Linhagens*, unicamente para submetter essa classe altiva *á nobreza do fôro de el-rei*, viu Herculano n'esse facto apenas um meio de obstar aos impedimentos canonicos. No estudo das Classes servas, refere-se Herculano, em 1857, á sua situação desalentada, dizendo que só conhece abnegação e zelo pela sciencia «aquelle que n'esse duro lavôr deixou passar os melhores dias da sua

[1] Bechard, *Droit municipal au Moyen-Age*, e Boutaric, *La France sous Philippe le Bel*.
[2] *Annaes das Sciencias e das Lettras*, t. I, p. 381, (1857).

vida, sem saber o que a mocidade tem de gozos, a edade viril de ambições, e a velhice de vaidades, e cuja recompensa unica será escrever-lhe na campa: *Aqui dorme um homem que conquistou para a grande mestra do futuro, para a Historia, algumas importantes verdades.*» [1] Herculano projectou este seu epitaphio em 1857, no vigor dos quarenta e sete annos; se tivesse renovado o methodo da erudição historica como um Savigny, como um Jacob Grimm, competiam-lhe essas palavras. Mas que verdades historicas achou, mesmo com relação a este pequeno povo? O seu christianismo e o seu monarchismo lhe perturbaram sempre a boa vontade do criterio. Os escriptores estrangeiros reconhecendo-lhe a sua probidade scientifica, consideram-no apenas como o primeiro producto das instituições livres iniciadas em um paiz morto.

Na revista *The Dublin University Magazine*, n.º 160, de fevereiro de 1847, a *Historia de Portugal* de Herculano foi perfeitamente comprehendida; attende-se ai em primeiro logar á influencia das instituições liberaes sobre o escriptor: «Quando reflectimos que é sómente ha poucos annos que existe alguma cousa que se assimilhe á liberdade de fallar ou de escrever, o apparecimento de uma obra tal como a do sr. Herculano é uma prova da aptidão dos seus compatriotas para tomar parte no progresso litterario e scientifico da moderna Europa, e que, não obstante a tarefa e o exito até hoje infeliz das suas instituições liberaes, o são juizo e as opiniões illustradas vão fazendo progressos.» O critico inglez referia-se aqui aos grandes esforços dispendidos em implantar as instituições liberaes em 1820, 1826, 1829 e 1832, e aos erros politicos da monarchia constitucional, que pela tendencia para o absolutismo provocou o movimento de 1836, as reacções de 1842, a revolução de

[1] *Ibid.*, p. 587 (reproduzido nos Opusculos.)

1846 e a intervenção armada de 1847. Effectivamente tudo isto atrasava a manifestação da intelligencia portugueza; e a obra de Herculano, tinha aos olhos da Europa o grande valor de demonstrar como qualquer cousa que se assimilhe á liberdade de fallar ou escrever transforma os espiritos. No juizo da citada revista acham-se estas phrases fundamentaes: «nós reputamos o sr. Herculano inquestionavelmente o primeiro dos historiadores portuguezes, não esquecendo nunca de que é inferior a Barros em energia e eloquencia, e até talvez lhe não seja superior em profundidade de saber...» Isto chocou profundamente o escriptor, mas era verdade.

Embora escripta com o criterio scientifico, a *Historia de Portugal* ficou atrasada por incuria do seu auctor; (1846-1877) n'essa obra nada se falla sobre a antiguidade prehistorica da peninsula, nem nos bellos trabalhos sobre os Iberos publicados nas Memorias da Academia de Vienna, nem sobre a onomatologia phenicia e celtica d'este territorio, tão importantes para determinar as raças que o habitaram; não quiz aproveitar-se do Corpo das Inscripções latinas publicado por Hübner, que derramam tanta luz sobre as divisões administrativas da peninsula, nem tão pouco dos grandes trabalhos de Waitz sobre os povos germanicos e sua constituição social. Na Grammatica de Diez teria achado a verdade para ratificar a sua ideia sobre a formação dos dialectos romanicos fallados actualmente em Portugal e Hespanha. A *Historia de Portugal* ficou stereotypica; a sciencia progrediu, e ella ficou como prova do estacionamento de um espirito.

Pelo seu espirito catholico e pela falta de um criterio positivo da historia, Herculano não podia julgar com verdade as grandes epocas da civilisação humana d'onde a nossa pequena nacionalidade portugueza surgira. Citamos um exemplo com relação á decadencia romana e invasões germani-

cas: «Foi um mundo que desabou com toda a civilisação antiga, resumida e contida n'elle. Deus soltou a torrente das novas migrações, e estas, descendo do septemtrião para o Meio Dia da Europa, renovaram quasi inteiramente as sociedades decrepitas, depois de demolirem e de arrasarem quasi tudo o que representava o passado. D'aquella revolução immensa nasceram as nações modernas.» (*Historia de Portugal*, Introd.)

Este periodo representa um systema completo de comprehensão historica. Em primeiro logar a rhetorica falsa só procura o grandioso, sem se preoccupar de que os mundos não desabam, e que uma sociedade é um conjuncto moral, que se não póde equiparar a um aggregado material, senão como uma metáphora, mas nunca em metáphora de metáphora. Essa noção de Bossuet, em que nos apparece Deus soltando a torrente das invasões é boa para o pulpito e não para a historia, onde o pensador procura as causas complexas e intimamente relacionadas dos movimentos que se operam nas sociedades humanas. Por ultimo, a civilisação romana não se extinguiu, porque continuou a escrever-se em latim, e os codigos romanos continuaram a ficar em vigor;[1] se essa civilisação soffreu foi mais por causa do christianismo, que desviou o curso da actividade humana para um estéril mysticismo, do que das proprias invasões barbaras, fanatisadas por esse mesmo christianismo.

[1] Diz admiravelmente Savigny, e isto revela o criterio da *escola historica*, não comprehendido por Herculano: «A questão da duração do direito romano traz comsigo a necessidade de examinar a duração do proprio povo em quem e para quem o direito existiu, e nós não podemos admittir a persistencia do direito sem constatar previamente a persistencia da nacionalidade e da administração romana. Se a nação romana desappareceu sob as ruinas do Imperio do Occidente, não haveria nem necessidade nem possibilidade de conservar a legislação romana. O mesmo aconteceria pouco mais ou menos se os vencidos tivessem perdido a liberdade pessoal ou a sua inteira propriedade; nenhuma rasão de existencia para uma legislação sem objecto. — Ajuntae, que a persistencia da legislação presuppõe a persistencia da organisação judiciaria, não

Na sua obra *Estudos sobre os Barbaros e a Edade Media*, Littré unicamente dirigido pelo criterio da continuidade historica chega a um resultado opposto ao de Herculano, que acreditava na demolição da sociedade antiga pelos invasores germanicos, e na possibilidade d'esses povos barbaros ainda inventarem fórmas sociaes mais perfeitas. Littré restabelece a correlação das phases da sociedade moderna deduzindo-a dos elementos romanos: «Se a vida do imperio não fosse truncada pelos barbaros, se, depois do desenvolvimento religioso e do christianismo houvesse o tempo bastante para operar-se um desenvolvimento politico, póde-se affirmar que elle se effectuaria pelos ricos, pelos poderosos, pelos aristocratas, que teriam reclamado e exigido direitos politicos e intervenção no governo. Assim uma *solução feudal* estava na natureza das cousas mais do que se tende a acreditar; e bem longe de espantarmo-nos da *instituição do feudalismo* é preciso vêr n'ella o producto de condições officiaes desde longo tempo determinadas. Isto é tão verdadeiro, que esta solução não prejudicou em cousa alguma a evolução total; porque o *feudalismo* produziu a *communa*, e por sua vez a *communa* produziu a *democracia*.»[1] Não se póde pôr com mais claresa as duas sociedades romana e germanica em relação historica; na primeira o desenvolvimento da grande propriedade *(latifundia perdidere Italiam)* formava o germen de um novo pòder senhorial, cuja

sendo possivel admittir nos reinos da conquista a administração da lei romana sem juizes e tribunaes romanos.» Estes principios, que foram applicados fundamentalmente nos grandes trabalhos de Savigny, respondem aos que pretendem pintar a Edade Media como uma éra de decadencia, attribuindo á Philosophia positiva a interpretação de um progresso, como necessidade de provar a doutrina da continuidade historica. Herculano imitava apenas o processo da escola historica de Savigny no estudo das instituições sociaes, mas sem comprehender o seu espirito, que era o interpretar os factos pela lei de continuidade. O conflicto entre a *escola historica* (Savigny) e a *escola philosophica* (Gans) acabou desde que a metaphysica foi apeada por Augusto Comte completando a synthese scientifica pela creação da Sociologia.

1. *Op. cit.*, p. XII. 2.ª ed.

evolução foi interrompida pelas invasões germanicas; mas a conquista conservou o systema da grande propriedade, e consequentemente a reacção das classes servas contra o feudalismo, a sua organisação administrativa em communas e o reconhecimento do seu poder politico em democracia. Herculano nada viu d'esta evolução, porque no seu estudo sobre *As Classes servas da Peninsula*, julgava-as como escravos que se elevaram, em vez de achar o facto positivo da decadencia dos *homens-livres* durante o desenvolvimento do feudalismo.

Com principios tão falsos de criterio historico como é que Herculano havia de considerar a invasão arabe da peninsula, a civilisação d'esta grande raça semitica, e as monstruosidades e devastações praticadas pela reconquista christã, senão como cousas explicaveis por um providencialismo superior aos destinos humanos. Por isso a *Historia de Portugal* deriva-se da chronica, conservando o seu espirito nos pequenos factos accidentaes das biographias dos monarchas, e quando pretende entrar no funccionalismo das instituições sociaes não sabe achar o seu nexo e fica na monographia particularista em que os factos sem luz se tornam quasi illegiveis. Uma vez perdido o pensamento da Historia, isto é, não achado o principio philosophico da *Historia de Portugal*, continuar seria uma violencia por assim dizer automatica; Herculano obedeceu a essa falta do estimulo que vem de um pensamento, e deixou-se ficar na inercia, abandonando a *Historia de Portugal* como um edificio interrompido não pela falta de material mas pela falta de destino.

Não se conhecia em Portugal a critica historica, quando Herculano emprehendeu a sua grande obra; a historia nacional baseava-se sobre um certo numero de tradições claustraes, sem a poesia da elaboração anonyma, e falseadas pelos intuitos de um destino privilegiado reservado pela pro-

videncia a este povo. Fiados no perstigio d'estas tradições que já no meado do seculo XVI eram conhecidas, como o *Sonho do Quinto Imperio do Mundo*, e que o padre Vieira tentou explorar na epoca da Restauração de 1640, os poderes publicos muitas vezes abandonaram a defeza da nação á eventualidade dos acontecimentos, seguros de que a providencia manteria por meios divinos o nosso destino no futuro da humanidade. Quando o exercito francez occupava já o territorio portuguez, tendo o seu quartel general em Abrantes, na côrte de D. João VI *estava tudo como d'antes*; como disse o proloquio popular, ignorava-se que estavamos já envoltos na catastrophe. As tradições mais queridas dos eruditos d'este paiz obcecado pelo catholicismo, eram a parodia do lábaro de Constantino ou o apparecimento de Christo a Affonso Henriques assegurando-lhe a victoria na batalha de Ourique, a fidelidade de Martim de Freitas, o pacto das côrtes de Lamego, especie de Carta Magna dos portuguezes, e uma invencivel credulidade na vinda de D. Sebastião da ilha encantada, como Arthur da ilha de Avalon; esta ultima, sobretudo, é que tinha profundas ramificações populares por se ligar aos restos mysticos do culto solar do polytheismo indo-europeu. Reagindo contra este estado mental, Herculano fortaleceu-se na concepção moderna considerando a historia «como materia de sciencia,» mas exaggerou a severidade da critica repellindo incondicionalmente as tradições como falsidades. Diz elle com uma certa altura: «Não ignoro o risco da situação em que me colloquei, Ha muitos para quem os seculos legitimam e santificam todo o genero de fabulas, como legitimam e santificam todo as dynastias nascidas de uma usurpação. Aos olhos d'estes, as cãs da mentira são tambem respeitaveis. A critica, dizem elles, mata a poesia das antigas eras, como se a poesia de qualquer epoca estivesse nas patranhas mui posteriormente inventadas. São excellentes talvez as suas intenções; não

sei se o mesmo se poderá dizer da sua intelligencia. Para estes o meu livro será um grande escandalo, e melhor fôra deixarem de o lêr.» (*Hist.*, I, p. IX.) Herculano previu a tempestade, porque conhecia o horisonte intellectual portuguez; diz elle: «Conto com as refutações, conto, até, com as injurias.» Assim aconteceu; veiu o volume a publico, a severidade do methodo fez lêl-o com interesse, não encontraram n'elle a narração do apparecimento de Christo a Affonso Henriques, não acharam dramatisada a lenda gratuita de Martim de Freitas, não viram acatadas com auctoridade legal as Côrtes de Lamego, que os partidarios do absolutismo miguelino consideraram o palladio a que não resistia o constitucionalismo de D. Pedro IV, e insurgiram-se contra o escriptor e contra o livro. Choveram opusculos por varios padres e eruditos monacaes [1] do theor e fórma que Herculano definira no prologo da sua obra: «Muitas d'estas refutações, já o prevejo, hão-de estribar-se na opinião de historiadores e antiquarios, *eruditos*, *illustres*, *gravissimos*, *profundos*, e com todas as mais classificações que se costumam aggregar ao nome de qualquer escriptor moderno, quando, na falta de monumentos ou diplomas legitimos se querem sustentar opiniões absurdas ou infundadas.» (*Hist.*, I, p. X.) Para que citar essa folhetada estéril e illegivel, se ella representa o atraso dos estudos historicos em Portugal? [2] Os prégadores serviram-se do pulpito lançando á

[1] Raczynski, que escrevia em 1847, no seu *Diccionario historico-artistico de Portugal*, diz: «Bastantes pessoas accusam o sr. Herculano de ter procurado diminuir a gloria de Portugal, porque pretende que a batalha de Ourique não foi uma grande batalha; porque acha que a lingua portugueza deriva do latim; porque elimina os sonhos e milagres, e não adopta, a proposito de Egas Moniz, as chronicas e a tradição.» Eram estes os unicos topicos da accusação contra a Historia de Herculano; a resposta era continuar a applicar o mesmo criterio scientifico, por isso que Raczynski considerava o primeiro volume como «um exemplo de critica sã, de boa fé, e de applicação.»

[2] Póde vêr-se no *Diccionario* de Innocencio essa lista de folhetos que os curiosos colligem com sacrificio. No vol. III dos *Opuscúlos* encontram-se os libellos e réplicas de Herculano, armados com um grande apparato de patrologia.

execração publica o nome de Herculano, que veiu pouco depois a ter a gloria de ser inscripto como livre pensador pela Congregação do Index. Foi a melhor recommendação para Herculano n'este recanto da peninsula ser recebido como egual na phalange dos homens de sciencia da Europa. Herculano era catholico, e encommodou-se com essa lucta clerical, como se vê pelos seus virulentos opusculos de réplica *Eu e o Clero*, e a *Solemnia verba*. De facto esse encommodo representava ainda uma subserviencia intellectual, e ao mesmo tempo uma crise da consciencia; Herculano fechou-se em um christianismo tradicional, que para elle foi moral e philosophia da historia, foi poesia e foi sciencia, foi liberdade e emancipação racionalista. Esta crise, levando-o a atacar a egreja no Concilio de Trento, determinou uma tendencia theologica nas suas questões historicas; assim foi n'esse espirito de combate anti-clerical que historiou a parte diplomatica das *Origens da Inquisição em Portugal*, que desvendou ao paiz a torpeza da *Concordata* de 24 de julho de 1854 sobre o Padroado do Oriente, que luctou contra a introducção das irmãs de caridade francezas no seu *Manifesto ao partido liberal*, e que por ultio mredigiu os artigos sobre o *Casamento civil* e os Opusculos com que os fundamenta. Foram os absolutistas que fizeram Herculano liberal; o mesmo se póde dizer do clericalismo, que pela sua propaganda estupida contra o sensato historiador, o tornaram de ferrenho catholico em christão semi-deista.

Podia-se applicar o verso de Virgilio á polemica levantada pelos padres contra o auctor da *Historia de Portugal*: *Tantae ne animis celestibus irae!* Cabe por ventura tanta colera em animos sagrados? Herculano fizera tão pouco. Além d'essas poucas palavras já citadas do prologo, apenas escreveu nas notas da obra: «Discutir todas as fabulas, que se prendem á jornada de Ourique fôra processo infinito. A apparição de Christo ao principe antes da batalha estriba-se

em um documento, tão mal forjado, que o menos instruido alumno de diplomatica o regeitará como falso ao primeiro aspecto (o que facilmente poderá qualquer verificar no Archivo nacional, onde hoje se acha.) Parece, na verdade impossivel que tão grosseira falsidade servisse de assumpto a discussões graves.» (*Hist.*, I, p. 486.) Das Côrtes de Lamego diz de passagem: «Faremos a devida justiça a esta invenção de alguns falsarios do seculo XVI, quando tratarmos da historia das instituições e legislação do berço da monarchia.» (*Ib.*) Padres e miguelistas reagiram com força de improperios, e Herculano uma vez desviado do seu trabalho e perturbado, não continuou a publicação da *Historia de Portugal;* foi esta posição que o tornou sympathico ao paiz inteiro, e foi assim que acabou de concentrar-se n'elle o grande *poder espiritual* de que se achou espontaneamente investido. O *odium theologicum*, que dirigiu a polemica a favor do Milagre de Ourique, ainda latejava ao fim de vinte annos, como se viu nas palavras do *Siglo futuro*, de Madrid, por occasião da sua morte.

A severidade da critica historica não exclue uma clara interpretação do fundo de realidade que existe nas lendas e tradições; Herculano exaggerou essa severidade com prejuizo do effeito pittoresco que falta na aridez das suas discussões e argumentações innumeras. A lenda de Egas Moniz, de Martim de Freitas, são accidentalmente alludidas, sem lhes investigar as fontes mais remotas, sem interpretar os vestigios symbolicos; da primeira, remonta á redacção mais antiga do *Livro velho das Linhagens* do seculo XIV, da segunda redul-a ao mytho da lealdade dos antigos cavalleiros. Existem tradições analogas na historia de outros paizes, que merecem ser comparadas. Se Herculano proseguisse na sua historia, eliminaria outras tradições que chegaram a influir profundamente na fórma da nossa actividade historica; assim a crença nas *Ilhas encantadas* ou

encobertas, que apparece em tantas doações regias, foi um dos grandes estimulos das nossas expedições maritimas; a lenda do *Preste João*, isto é, da existencia de um reino christão na Asia, foi tambem um dos motores que levaram os nossos viajantes do seculo XV a emprehenderem a empreza do caminho da India.

Foi Jacob Grimm que com a sua extraordinaria erudição e intuição poetica comprehendeu o quanto ha de verdade nas tradições; bastava a nossa actividade historica ter sido determinada por algumas d'essas lendas tradicionaes para merecerem ser discutidas. Apesar de reconhecer e demonstrar a falsidade das Côrtes de Lamego, Herculano prometteu discutil-as porque desde o seculo XVII foram a base effectiva da Constituição politica de Portugal. N'este caso se acharam muitas lendas forjadas, mas que chegaram a exercer acção sobre o espirito publico. Acceitar as tradições como historia é um syncretismo de incapacidade mental; rejeital-as por maravilhosas e embusteiras é uma critica estreita sem uma lucida comprehensão philosophica.

Com relação ao caracter critico da *Historia de Portugal*, onde as tradições e as lendas são totalmente eliminadas e nem sequer discutidas, podemos applicar o seguinte pensamento de Littré: «A lenda nada tira á dignidade da historia, com toda a certesa; e mesmo, para quem a sabe apreciar, ella é uma parte accessoria sem duvida, mas importante. Sem a lenda, o historiador não póde representar nem o aspecto moral, nem as concepções, nem as crenças, nem o ideal de uma epoca antiga; com a condição porém que a não tomará por uma historia real, mas por uma historia ficticia que diz respeito aos sentimentos e ás ideias, não aos factos.»[1]

Herculano viu discutida ineptamente a sua *Historia de*

[1] *Études sur les Barbares*, p. 169.

Portugal, e sentiu que a sua actividade litteraria desde 1836 não exercia acção alguma sobre o espirito publico, apesar de ser profundamente admirado. Em 1851 quebrou o seu protesto de 1845, em que se declarára permanecer na «triste tranquillidade de incrédulo politico;» o que se passava em volta de Herculano era tão lamentavel, que elle escrevia em 24 de julho de 1851: «Em civilisação estamos dois furos abaixo da Turquia e outros tantos acima dos Hottentotes. Agitámo-nos no circulo estreito de revoluções incessantes e estéreis; a legalidade tornou-se um impossivel, a acção governativa um problema insoluvel.» Herculano, que em 1836 se decidira sinceramente contra a soberania nacional pela Carta outorgada, em 1851 reconheceu que tinha sido ludibriada a sua boa fé; o cartismo transformára-se na violencia pessoal do *cabralismo:* «facção saida do partido Cartista, e que ainda hoje conserva, aviltando-o, esse nome que já teve alguma gloria.»[1] No prologo da ultima edição da *Voz do Propheta*, Herculano faz a historia d'este ludibrio, a que succedeu um outro, que decidiu o seu rompimento definitivo com a politica. Herculano acompanhou Salnha no primeiro pensamento da Regeneração, mas descobriu logo a perfidia d'esse movimento.

Na lucta contra a restauração subrepticia do governo cabralista identificado com o poder pessoal de D. Maria II, restauração que se fez a despeito dos lamantaveis acontecimentos de 1847, o Duque de Saldanha foi o chefe do movimento liberal que venceu e tomou posse da situação do paiz em 1851, com o nome de Regeneração. N'este anno fundou o professor João de Andrade Corvo o jornal politico *O Paiz*, no qual Herculano teve uma collaboração activa; appareceu o primeiro numero em 23 de julho, com um programma negativo, em que apparecem algumas das ideias

[1] *O Paiz*, 24 de julho de 1851.

exclusivas de Herculano: não quer a centralisação administrativa, nem uma exclusiva acção executiva nos ministros, nem contractadores dos rendimentos publicos, cujos privilegios e corpo fiscal são um estado no estado, nem o excesso do funccionalismo, nem o abandono do Padroado portuguez do Oriente, etc. Os artigos politicos de Herculano conhecem-se materialmente pelos longos periodos cheios de incidentes, pela polemica imprecativa e pelo desvanecimento da erudição historica, na fórma de dissertação pezada. Acham-se ali paginas preciosas para a historia politica desde a Revolução de Setembro de 1836 até á Regeneração em 1851, em que Herculano se confessa desilludido de Saldanha, que ludibriou o paiz; foi esta a causa da terminação do jornal no fim d'este mesmo anno. A leitura dos artigos do *Paiz* revela-nos as doutrinas politicas que Herculano professava; algumas sendo profundamente justas estavam viciadas no seu espirito por preconceitos de educação e de habitos mentaes que as tornavam inefficazes. Herculano queria: 1.º A restauração das fórmas municipaes, como meio de reagir contra a centralisação administrativa. Nada mais justo, e foi por este lado que ao manifestar-se em Portugal o espirito republicano, Herculano foi por algum tempo considerado como um dos seus esteios. 2.º Que as eleições fossem a representação das localidades, pela entrega do mandato a individualidades locaes. Era um vago presentimento da fórma mais clara do *mandato imperativo*. 3.º Considerava o corpo diplomatico como inutil, desde que na Europa acabaram os *segredos de estado*, e que a liberdade se fundava, quer nacional, quer internacionalmente no regimen da publicidade.

A estes principios tão justos, que ás vezes dão alguma solidez á sua critica, allia-lhes preconceitos invenciveis de um espirito desequilibrado. Em um artigo intitulado *A Desegualdade e a Democracia* (*Paiz*, 30 de agosto de 1851)

sustenta como inexequivel a egualdade politica, considerando as doutrinas democraticas como utopias individuaes, censurando como de vistas sem alcance as doutrinas de Tocqueville. Mais tarde, no prologo á *Voz do Propheta* Herculano examinou outra vez o que era a Democracia, e sobre vinte e quatro annos de reflexão concluiu que era a ladroeira. Outra ideia deprimente, e corollario do principio anterior, era: que a Monarchia era a unica condição de ordem e de progresso para Portugal, e que nas differentes revoluções observára sempre a identificação do povo com a causa do throno. Herculano tirou partido d'esta affirmação atrasadora, vivendo encostado ao paço desde 1839, e pelas suas sympathias pessoaes com D. Fernando e D. Pedro v, podemos consideral-a como uma noção pratica para elle, mas não com valor theorico. Mas, peor ainda do que a negação da Democracia e do que a apotheose da Monarchia, é a sua consagração constante da causa da religião, que elle considerava como base essencial para refundir a geração futura, para educar o povo e para regenerar o destino da nacionalidade. N'este campo foi estabelecendo uma divisão entre o Christianismo e o Catholicismo, entre o clero opulento e os parochos ruraes, enlevando-se em uma idealisação da confraternidade evangelica, considerando «a Civilisação como a fórma profana do Christianismo,» [1] e fazendo consistir a actividade futura da humanidade na *religiosidade*. Estas ideias, que propaga nos primeiros annos da redacção do *Panorama*, em 1851 chegaram a actuar mais intimamente no seu espirito, porque analysando o estado de decadencia da instrucção popular propõe como meio de elevação do nivel intellectual «*padres virtuosos que propaguem os principios suaves e eminentemente liberaes da verdadeira religião.*» [2] Com o tempo o seu espirito retrocedia; e

[1] *O Clero Portuguez*, p. 3.
[2] *O Paiz*, n.º 84, (1851.)

se a sua negação da Democracia em 1851 se tornou para elle nos sacos dos ladrões em 1873; se o seu amor da Monarchia chega a manifestar-se em 1863 na confissão de que se D. Pedro V vivesse mais tempo se tornava para elle absoluto, o mesmo phenomeno se dá com a preoccupação religiosa, considerando em 1871 como questões vitaes do seculo XIX o Immaculatismo e o Infallibilismo, e tendo verdadeiro pezar de não encontrar no pequeno oratorio do lar a delicia espiritual de uma crença nunca discutida.

Em 1856 ainda lamenta a extincção das ordens monasticas: «A extincção, por exemplo, das ordens monasticas, ao mesmo tempo que despresava direitos legitimos, os que os monges tinham ás suas dotações, e condemnava á miseria muitos individuos innocentes e respeitaveis, atirava para o mercado ou desbaratava sem tino e sem previsão um enorme cumulo de propriedade territorial, que, alienada por um systema sensato e previdente, teria sido dez vezes mais util á prosperidade geral do que realmente foi.» *Estudos sobre algumas questões sociaes, principalmente relativas á Agricultura.* (*A Patria*, n.º 47, 1856.)

«Movia á piedade a situação do clero regular; causava graves apprehensões a desorganisação do secular;» *Ib.*

Em um artigo publicado no *Paiz* em 7 de outubro de 1851, propoz Herculano, que era um serviço patriotico o colligirem-se os diversos documentos historicos dispersos nas camaras municipaes, nos cartorios das sés, collegiadas e corporações extinctas, fazendo archivar na Torre do Tombo aquelles que interessassem á historia patria. Esta sugestão foi attendida, e o proprio Herculano, cuja *Historia de Portugal* estava interrompida no seu terceiro volume desde 1849, foi encarregado pelo governo de visitar todos os archivos do paiz, com plenos poderes para colligir e reclamar tudo o que entendesse a bem dos monumentos historicos. Durou a expedição scientifica de Herculano dois annos; na

Carta aos Eleitores de Cintra allude a esta epoca, que poderia ter sido saudavel e fecunda para a sua intelligencia: «Durante mezes no decurso de dois annos, tive de vagar pelos districtos centraes e septemtrionaes do reino.» N'esta viagem tão instructiva para um historiador, pelo conhecimento directo dos varios typos da ethnologia nacional, pela confrontação dos usos, pela persistencia dos costumes, pela interrogação das tradições poeticas dos romances, dos contos, dos anexins, dos symbolos juridicos, das superstições vulgares, das differenciações dialectaes, de tudo quanto é preciso para apresentar um povo vivo na historia, Herculano nada viu senão os Chronicões, e o quadro lugubremente pezado das miserias publicas,[1] de que apenas transcreveremos essas linhas que se ligam á sua paixão historica: «Vi definhados e moribundos os restos das instituições municipaes, que o absolutismo nos deixára.» D'essa viagem de dois annos e do trabalho historico, tirou Herculano a lição, que poderia ser util se elle a não viciasse com a sua preoccupação monarchico-religiosa,—que a restauração da vida municipal é «a expressão da vida publica do paiz e garantia da descentralisação administrativa, como a descentralisação administrativa é a garantia da liberdade real.»[2] Foi por esta opinião historica, que o espirito moderno em Portugal na sua phase metaphysica se enganou conferindo a Herculano esse immenso poder espiritual, da mesma fórma que os christãos sentimentaes o reconheceram tambem como um vidente.

Na volta da sua viagem das provincias, ao fim de dois annos, é que Herculano publicou o seu quarto volume da *Historia de Portugal.* (1853.) Quando estava mais habilitado com documentos, e quando o publico se interessava já pelo

[1] Carta ácerca das freiras de Lorvão, de 1853.
[2] Carta, de 22 de maio de 1858 (*Jornal do Commercio*, n.º 1:399.)

conhecimento do passado nacional, Herculano resolve truncar o seu trabalho.

Já vimos as condições em que Herculano se separou da politica em fins de 1851; a publicação do quarto volume da *Historia de Portugal* era uma conciliação com as lettras: «Illusões de um momento o affastaram das occupações litterarias a que se dedicára com intimo affecto; mas asperos desenganos o reconduziram ao tranquillo retiro d'onde não devera talvez ter saido.» [1] Á parte os effeitos de estylo, de que sempre abusa, Herculano descreve a tempestade contra o primeiro volume da *Historia* como uma cousa passada, considerando como um erro o ter perdido tempo em refutação de libellos sem sciencia; por tanto não foi a polemica passada que o fez depôr a penna de historiador. Um novo motivo veiu azedar o seu descontentamento. Da primeira polemica, escreve elle: «O auctor do livro foi accusado de tudo: de impio, de inimigo da patria, de vendido aos estrangeiros, de ignorante, de orgulhoso, e até de falsario. O livro, esse, propriamente não foi accusado de nada; porque para haver accusação contra o livro, cumpria provar (ou tental-o ao menos) que taes ou taes entre milhares de monumentos em que elle se estribava ou não existiam, ou eram falsos, ou mal interpretados;...» E mais adiante: «Como homem que é, o auctor teve a fraqueza de repellir essas aggressões, e de retardar assim a continuação do seu trabalho.» (1846-1849.) «Assim elle commetteu um duplicado erro (cumpre confessal-o aqui) malbaratando o seu tempo, e dando vulto a cousas, que, consideradas á luz historica e litteraria eram insignificantissimas.» [2] Os textos arabes apresentados pelo professor de arabe do Lyceu de Lisboa, Antonio Caetano Pereira, discipulo de Frei João de

[1] *Hist. de Port.*, t. IV, p. V.
[2] *Hist. de Port.*, t. IV, p. VII.

Sousa, por onde queria demonstrar que a escaramuça de Ourique fôra uma grande batalha campal, acharam-se sem authenticidade diante da critica competentissima do arabista hespanhol D. Paschoal de Gayangos. O opusculo de Antonio Caetano Pereira fôra levado para Madrid por D. Sinibaldo de Mas, que o offertou a Gayangos, e este em 2 de janeiro de 1852 escreveu uma longa carta a Herculano provando a ignorancia que Pereira tinha do arabe, e como atropellou os textos para servir o seu intuito. Foi um triumpho completo, de que Herculano tirou todas as consequencias; Antonio Caetano Pereira perdeu a cadeira de arabe, sendo dada a Augusto Soromenho, que estivera seis mezes em Madrid junto de Gayangos como subsidiado do governo.

Herculano achava-se em 1853 em toda a sua gloria; esperava-se que proseguiria na publicação da *Historia*. De repente surge um novo embaraço, um pretexto para interromper a obra; como o seu livro era estimado e se julgava indispensavel para a elevação do paiz, poz-se em *grève* no trabâlho historico. Procura-se o motivo, mas elle proprio declarou terminantemente que sendo-lhe indispensavel proseguir na investigação de documentos para a sua *Historia* no Archivo da Torre do Tombo, não podia ali entrar com honra em quanto se achasse como guarda-mór o conselheiro Macedo! Que fazer? D'este homem, contra quem atirava um repto mortal, escrevera Herculano no primeiro volume da *Historia:* «Muito devi ao conselheiro Macedo, secretario perpetuo da Academia, facultando-me sem restricção o uso da sua livraria, tão rica e escolhida em tudo, principalmente em trabalhos historicos modernos . . .» [1] O conselheiro Joaquim José da Costa Macedo, era um dos fundadores da historia da Cosmographia e Geographia da Edade

[1] *Op. cit.*, I, p. XII.

Media, citado com altos elogios por Avezac, pelo Visconde de Santarem e por Major, que lhe chama *eminente sabio portuguez;*[1] já se vê que a confissão de Herculano não era de favor. O rompimento de Herculano puramente pessoal, não deveria ser attendido, se contra Macedo se não apresentassem factos analogos aos que a paixão bibliographica fez praticar ao sabio italiano Libri. O conselheiro Macedo foi pois demittido de guarda-mór da Torre do Tombo, e n'este intuito a Academia das Sciencias secundou os esforços de Herculano, para que a *Historia de Portugal* podesse ser continuada; os materiaes para o quinto volume chegaram a ser colligidos, (fragmentos da Parte I do Livro IX)[2] mas desde 1853 em diante tudo ficou suspenso; lamentando-se da dissolução social, das cousas e dos homens, Herculano confessava aos que o admiravam que o trabalho ficaria irrevogavelmente truncado! Tudo se moveu para o demover d'aquella tyranna resolução; no prologo da edição de 1863, Herculano confessa que até o rei D. Pedro v foi ao pé d'elle pedir-lhe para continuar a *Historia*. Em 1854 ainda imprimiu uma pequena dissertação sobre a *Origem provavel dos Livros de Linhagens*, que mais tarde serviu de prologo á edição d'esses livros nos *Portugaliæ Monumenta historica*, publicados á custa da Academia das Sciencias; n'essa dissertação segue um errado caminho, crendo que os livros de Linhagens se organisaram para libertar as relações da vida social dos ataques dos impedimentos canonicos que íam até ao sexto grão de parentesco, ao passo que pela luz do criterio comparativo se vê que os Livros de Linhagens nasceram com a independencia do poder real, quando o direito de conferir nobresa se tornou um dos direitos exclusivos da soberania no seculo XIII.[3] Por este es-

[1] *Vida do Infante D. Henrique*, p. 196. Trad. port.
[2] *Historia da Fazenda publica nos primeiros tempos da Monarchia.*
[3] Esta opinião demonstrámol-a na *Historia do Direito portuguez*, 1868.

tudo se deduz, que trabalhava já na epoca nova de transformação politica do reinado de D. Diniz; mas a publicação n'esse mesmo anno de 1854 do livro sobre a *Origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal*, revela tambem que um despeito profundo o fizera tomar esse assumpto historico como um ataque aos seus inimigos, e que o clericalismo na sua fórma particular de jesuitismo é que se tornava a preoccupação exclusiva de um espirito que se julgava perseguido.

Os despeitos de Herculano contra a politica ou contra a litteratura e historia, observam-se claramente nas suas relações com a Academia das Sciencias, e isto faz comprehender esse estado de um temperamento bilioso que lhe dava ao caracter a fórma do descontentamento. Vimos como em 1835 escrevera da Academia das Sciencias, dizendo que ficára no trabalho do Diccionario a *Azurrar;* em 21 de fevereiro de 1844, a Academia elegeu-o seu socio correspondente da Classe de Sciencias moraes e Bellas-Lettras; estava-se então no fervôr admirativo do *Eurico*. Pertenceu durante sete annos á Academia, para a qual nada trabalhou, porque andava occupado com a publicação dos tres volumes da *Historia de Portugal;* (1846-1849) em conflicto pessoal com o secretario perpetuo da Academia requereu para ser omittido do catalogo dos socios, sendo-lhe satisfeita a vontade em votação da assembléa geral de 19 de fevereiro de 1851. Foi durante este anno que collaborou activamente na redacção do *Paiz*, voltando por desillusão politica outra vez ao remanso litterario. Em 13 de fevereiro de 1852 foi novamente eleito socio effectivo da quarta secção (Historia e Antiguidades) da segunda classe (Sciencias moraes, politicas e Bellas Lettras) pela commissão encarregada por decreto de 7 de janeiro de 1852 dos trabalhos preparatorios para se constituirem as secções das classes de que se compõe a Academia. Nomeado socio da Acade-

mia de Turim em 1850 e da Academia de Historia de Madrid em 1851, era uma vergonha que estivesse de fóra da Academia das Sciencias de Lisboa, quando se trabalhava na sua reforma; a entrada de Herculano em 1852 foi uma *graça*, que pezou sobre a Academia. Em 31 de janeiro e em 8 de março de 1855 foi eleito vice-presidente da Academia, e declarado *socio de merito*, em assembléa de 14 de junho do mesmo anno, com a quantia annual de duzentos mil réis. Em rigor, Herculano não havia trabalhado na Academia até este tempo, e a sua elevação a socio de merito, embora merecida, era um favor pessoal para contêl-o; a reeleição para vice-presidente da Academia em 27 de dezembro de 1855, é indicio de que se demittira antes de tempo. Tendo já abandonado a continuação da *Historia de Portugal*, emprehendeu á custa da Academia a publicação de um corpo de documentos historicos, comprehendendo os documentos juridicos, codigos e leis consuetudinarias, e os documentos litterarios, pequenos chronicons e monumentos de litteratura; esta collecção era moldada sobre as fórmas seguidas por Pertz, nos *Monumenta germanica* da Academia de Berlin, mas infelizmente Herculano preoccupou-se mais com a publicação dos documentos que illustravam a sua Historia do que com as necessidades dos que de futuro trabalhassem n'este mesmo campo. A publicação começou em 1856, tendo Herculano o subsidio mensal de quarenta mil réis, pelo trabalho dos pequenos prologos que precedem os monumentos historicos; quando um dia, ao fim de alguns annos de interrupção dos monumentos, um academico perguntou pelo estado da publicação, Herculano escreveu despeitado á Academia e mandou demittir-se. Desde que Herculano resolveu suspender o trabalho da *Historia de Portugal*, fundou em 1856 a expensas e com um subsidio mensal da Academia das Sciencias essa vasta compilação de Documentos para a *Historia de Portugal*, em que

visava principalmente fortalecer com provas a parte da obra que deixára escripta. Tal é a origem dos *Portugaliae Monumenta historica;* uma grande parte d'esse trabalho dispendeu-se improficuamente em reproduzir documentos já conhecidos como o *Codigo Wisigothico*, os *Livros de Linhagens*, alguns pequenos *Chronicons*, e as *Ordenações* de D. Duarte; a parte principal, os *Foraes* e os *Diplomas de contractos*, é que representa um verdadeiro serviço. A parte não publicada é que deveria ter sido entregue aos que estudam, como são os *Obiturarios*, para a orientação da chronologia da nossa historia, as *Inquirições* de Affonso III, para o conhecimento do estado e vida social no seculo XIII, e o grande *Cancioneiro da Bibliotheca do Vaticano* completado pelo *Cancioneiro da Ajuda*, para a vida intellectual da aristocracia das côrtes de D. Affonso III, D. Diniz e D. Affonso IV, completando este corpo litterario com as inapreciaveis traducções das grandes lendas da Edade Media, como a *Visão de Tundal*, [1] e a *Historia de Barlaam e Josaphat*, [2] que se acham entre os Manuscriptos da Livraria de Alcobaça, parte na Bibliotheca nacional, parte na Torre do Tombo. Herculano não empregou a sua extraordinaria influencia para se proceder á publicação d'esse pasmoso monumento do *Cancioneiro da Vaticana*, onde se encerra a vida moral e importantissimas allusões historicas a essa revolução de palacio que fez substituir D. Sancho II por seu irmão D. Affonso III; foi preciso que um joven philologo, o Dr. Ernesto Monaci nos restituisse o grande livro das nossas origens litterarias, base da descoberta do texto authentico, que se julgava perdido. Esta segunda phase de descontentamento com a Academia, liga-se já ao estado melancholico do seu espirito na vida do campo. Vivia na catastrophe.

[1] Catalogo da Livraria de Alcobaça, Cod. n.º 244: *Historia do Cavalleiro Tunguli*. Outra versão, Cod. n.º 266: *Historia do Cavalleiro Tubuli.*
[2] *Barlaam e Josaphat*, no Cod. n.º 266. (Na Torre do Tombo)

Em 1855 era Herculano presidente da Camara municipal de Belem; as ideias que havia exposto nos seus artigos politicos e no exame das antigas instituições municipaes faziam crêr que lhe seria sympathico o exercicio d'esta magistratura electiva. Prestou-se-lhe esta homenagem. Deu-se porém um pequeno conflicto entre os trabalhadores da Camara municipal e a sentinella da porta do quartel de artilheria n.º 1, ácerca da collocação de um columnello para a illuminação do concelho. Herculano officiou immediatamente ao governador civil de Lisboa, para que ou dissolvesse a Camara ou punisse o official que déra á sentinella a ordem de impedir os trabalhadores. [1] O que elle exigia era inexequivel, porque a classe militar tem um fôro especial, que não póde ser invadido pela auctoridade administrativa; debalde lhe representaram que a dissolução da Camara era uma inconveniencia, sobretudo quando se propagavam no publico os terriveis boatos da febre amarella, em uma occasião em que os intelligentes esforços eram precisos. O presidente com os demais vereadores insistiram pela dissolução da Camara, o que foi levado a effeito por decreto de 31 de outubro de 1855. Em um officio para o governo civil, de 13 de outubro, Herculano, além de outros commentarios pejorativos, lança estas phrases, que são uma variante da sua preoccupação de catastrophes: «Quando nas altas regiões do poder se desmente por tal modo as regras mais triviaes do bom governo; quando se tolera que os instrumentos da ordem publica se convertam impunemente em instrumentos de anarchia; quando assim estalam os laços da vida civil, ao homem honesto, mas inhabilitado pela sua condição social para obstar a esses abusos extremos, só resta encerrar-se no sanctuario da vida privada e deplorar a ruina da republica.» [2] Não era caso para tanto; á custa

[1] Officio n.º 644. Publicado no jornal *A Patria.*
[2] *A Patria,* n.º 25, de 1855.

d'este conflicto, aggravado por phrases, se libertou Herculano dos encargos da presidencia municipal;[1] voltou outra vez ao remanso litterario da Ajuda. D. Pedro v, tambem preoccupado com velleidades litterarias, conhecia os trabalhos de Herculano, e quiz conhecel-o de perto. Pintavam-lh'o como um homem intratavel por um entranhado e desmedido orgulho, e pela linguagem brusca de um caracter indisciplinado; D. Pedro v foi procural-o ao seu gabinete de trabalho e travou com elle uma intimidade louvavel, mas sem vantagem para o seu espirito. Começou por lhe pedir que tornasse a metter mãos ao trabalho da *Historia de Portugal*, que o paiz inteiro consagrára. Herculano descreve estas relações pessoaes com o joven monarcha com um desvanecimento que pinta o homem theatralmente catoniano; diz elle, que tentou um ultimo esforço para retomar os habitos litterarios em 1855: «Se, porém, o tentei confesso ingenuamente que não foi para servir o paiz. Outros sentimentos me impelliram a isso. Foi na affeição de D. Pedro, no desejo de lhe comprazer que achei alentos para galgar de novo a ingreme ladeira d'onde me tinham precipitado; foi animado por elle que prosegui em ajuntar materiaes, não para levar a cabo os ambiciosos designios concebidos na edade das audacias, mas para concluir o quadro sincero da epoca mais obscura da nossa deturpada historia; para deixar no mundo um livro em vez de um fragmento.»[2] Por aqui se vê que a *Historia* estava planeada sómente dentro dos limites da Edade Media portugueza, e que a parte da organisação da fazenda publica é que era o remate final da obra. Mas a intimidade de D. Pedro v foi para Herculano uma paixão exclusiva que lhe absorveu o tempo: «Era uma d'estas affeições individuaes, modestas e desinteressadas,

[1] A publicação dos documentos d'este conflicto passado um anno no jornal *A Patria*, revelam um certo alarde que andava a par da sua modestia.

[2] Prologo da 3.ª edição da *Hist. de Portugal*, de 1863.

que nascem como uma flôr singela, nos pedregaes da vida.» [1] E accrescenta ao lyrismo em que se deixava cair: «nem me pejo de confessar que elle começava a exercer já sobre o meu espirito aquella especie de absolutismo moral, que, provavelmente, havia de exercer, se vivesse, no geral dos animos; singular especie de absolutismo, que encerrava a esperança da regeneração dos costumes publicos, e conseguintemente, a unica esperança da manutenção da nossa autonomia e da nossa liberdade; etc.» Ou estas palavras têm um sentido mystico, ou Herculano fechava o circuito das suas ideias politicas voltando por sentimento ás ideias que nos seus primeiros annos abraçára pelo perstigio da tradição. O pensamento fundamental da vida de Herculano «sonhos dourados da ambição litteraria, unico dos vãos idolos do mundo a que fiz sacrificios» [2] estava concentrado no plano da *História de Portugal;* porém este trabalho não era para servir a sua nação nem a sua epoca, mas uma divida pessoal á realeza! Se elle o não confessasse com uma absoluta franquesa não ousariamos suspeital-o. Escreve Herculano na citada prefação: «Quando ha dezesete annos publiquei a primeira edição d'este volume, destinava o encetado trabalho ao estudo de um principe, então na puericia... pagava assim uma divida contraida com o pae. Fôra a este que eu devêra uma situação isempta de pesados encargos, a qual me tornava possivel dedicar a maior e melhor parte do tempo ao duro e longo lavor que hoje exige a composição historica.» Nós hoje entendemos que os seiscentos mil réis de ordenado de bibliothecario da Ajuda foram para Herculano um desastre, porque lhe tirou o estimulo de escrever a historia de Portugal para os portuguezes; isto é condemnando a realesa ligada com o catholicismo, que atro-

1 Todos os extractos autobiographicos que seguem são de 1868.
2 Prefação de 1863 na 3.ª edição da *Hist. de Portugal.*

phiou este povo extinguindo-lhe a sua vida autonoma e local pela reforma dos Foraes no tempo de D. Manuel, a sua vida intellectual entregando-nos aos Jesuitas e aos Inquisidores no tempo de D. João III, finalmente a sua vida nacional, submettendo-nos aos hespanhoes no tempo do Cardeal D. Henrique, ou aos exercitos de Napoleão pelos absurdos diplomaticos de D. João VI. A historia *ad usum Delphini* não podia ser isto.

A aproximação de D. Pedro V de Herculano, foi tambem resultado de uma reacção contra as intrigas palacianas que procuravam affastal-o de um espirito intransigente no meio das tergiversões da politica constitucional; Herculano, para pintar a amisade que trazia para elle o monarcha, relata essas intrigas na alludida prefação: «Na procella em que naufragou o meu pobre livro, o nome do soberano fôra murmurado em voz baixa, associado aos satellites da reacção, calumniado, como o tinha de ser depois... Malquistar o soberano com o cidadão era grande, era nobre; mas era incompleto; completava-se malquistando o cidadão com o soberano. Infelizmente a tentativa falhou.» — «A alma do rei era d'essas. Buscou-me e desceu, como diria o mundo, a justificar-se, porque nunca inquiriu se para chegar do throno ás regiões do dever ou da justiça era preciso descer ou subir. Movia-o, além d'isso, o instincto proprio da sua edade e da sua indole. Queria sondar o abysmo de orgulho, de odios implacaveis, de impiedade, de paixões impetuosas de que lhe fallavam com susto.» Depois accrescenta: «o rei achára que todas estas negruras de feroz plebeu se reduziam a uma sinceridade talvez rude, e a sinceridade, ainda rude, tinha para elle o attrativo do novo, do impensado.»

Os que estavam em volta de Herculano conheciam-no, elle é que se não conhecia a si; de facto o orgulho insondavel transparece nas suas palavras. Senão veja-se como

elle julga a sua rudesa theatral pelo effeito de attrativo que produzia no animo do monarcha, e pelo effeito salutar: «Achava onde retemperar o animo lasso do incessante espectaculo da condescendencia interessada, do applauso grosseiro que vale o insulto...» Mas inconscientemente vae subindo n'este diapsão, e chega a contrapôr á *soberania* do rei a soberania da sua propria intelligencia, como explicação da intima familiaridade que lhe dispensava D. Pedro v: «Não tinha ciume de uma soberania superior á sua, a da razão, nem o humilhava a dignidade humana, que equivale no subdito á magestade do rei.» [1]

São extraordinariamente assombrosas estas palavras, mas são um relampago para dentro de um caracter; ellas nos explicarão tantos factos de modestia theatral revelados na imprensa pelo proprio Herculano, que assim augmentava a esphera do seu poder espiritual sobre a sociedade portugueza.

Os motivos do silencio systematico de Herculano, resumem-se na phrase brusca mas verdadeira de Diderot — um escriptor só se cala quando não tem ideias; para nós esse despeito litterario de Herculano era um estado psychologico, que se repetia periodicamente, como vimos na sua situação lyrica e na sua phase politica. Só poderia ter disciplinado o seu espirito pela educação scientifica e philosophica, mas á primeira oppunha-se o seu exclusivo humanismo, e á segunda o fervôr das crenças christãs, que fechava as suas syntheses em effusões poeticas. Herculano imaginou-se tracasseado pelo jesuitismo acobertado em todas as repartições do estado; mas isto, embora elle o diga, é inacreditavel, porque dispunha da amisade intima do monarcha, e porque tudo quanto desejou foi sempre cumprido á risca. A critica exercia no espirito de Herculano uma ac-

[1] Prefação, p. XIII. Ed. 1863.

ção perturbadora; o facto de apparecerem dois disparates escriptos pelo padre Recreio contra a *Historia de Portugal*, levou Herculano á hallucinação na carta ao patriarcha de Lisboa, *Eu e o Clero*, e nas réplicas tremebundas da *Solemnia Verba*. A polemica sobre a *Historia de Portugal*, por ter excluido a lenda milagreira de Ourique provoca a exclamação sincera: *Oh tam magna nihil!* A *Historia* ficou interrompida porque nascera limitada ás instituições sociaes da Edade Media, como o proprio auctor o dá a entender no prologo de 1863; o desgosto da censura clerical foi um pretexto que se tornou *pose* de effeito, systema tão peculiar em Herculano, mesmo nos seus actos *publicados* de abnegação. Um espirito intelligente que procura actuar sobre a evolução do seu tempo nunca succumbe diante da critica, seja ella enervante pela bajulação fetichista, ou demolidôra pela má fé e pela perversão calculada. Acima de tudo, o escriptor serve as ideias; se o louvam e assim lhe augmentam o seu poder espiritual sobre o seu tempo, esse poder é para ser empregado a favor da maior efficacia das ideias propagadas; se o deprimem, quanto mais flagrante fôr a injustiça, mais se estabelecerá a necessidade de verificar a accusação, nascerá o conflicto das opiniões, e assim se consegue por um meio indirecto uma certa actividade mental em que se produz a maior somma de ideias. Para o escriptor que visa ao fim social, o seu trabalho está sempre fóra do alcance da violação moral; porque, emfim, não é um homem, que, com duas palavras de despeito póde dirigir a opinião de uma collectividade, nem impôr á admiração qualquer nullo. A opinião fórma-se lentamente, e dissolve-se tambem de um modo lento. Todos os que pensam e escrevem deviam ter sobre estes accidentes da vida litteraria uma completa disciplina de espirito; nem um despreso obcecado de despeito pessoal, nem um impressionismo doentio e esterilisador.

Herculano abandonára a politica em 1851, e a participação aos cargos publicos em 1855; mas a preoccupação religiosa absorvia-a; elle via lavrar em Portugal o jesuitismo, introduzir-se nos conselhos da corôa, e apoderar-se outra vez dos destinos da nacionalidade.

Herculano attribuia a suspensão da sua *Historia* a machinações clericaes: «Excedendo pouco á edade de trinta annos quando delineei os primeiros traços de uma empreza ousada, dotado de organisação robusta, medindo os horisontes da existencia não tanto pelo compasso dos annos, como pela intensidade dos esforços de que me sentia capaz, se duvidei de que chegasse a completar o edificio cujos alicerces lançava, tinha firme fé em que o subiria a uma altura, na qual fosse comparativamente facil a outrem pôr-lhe o remate. Tal foi a origem d'este livro. A sua sorte, porém, devia de ser diversa da que eu previra.»

Em seguida refere-se ás animadversões que a obra suscitára, e revela que o seu objectivo na réplica foi o partido clerical: «Ao livro sem intenção politica fiz seguir um que a tinha. Vendo no partido que engrossava a occultas, e que, antigo, se recompozera com elementos novos, um perigo para a sociedade, trouxe á luz uma das mais negras paginas da sua genealogia e que, se não é o seu eterno remorso, hade ser a sua eterna condemnação perante Deus e os homens. Os tres volumes da *Historia do estabelecimento da Inquisição* provaram sem réplica possivel, uma verdade importante para a solução da lucta que agita a Europa...

«Em toda a parte e com todos encontrei a reacção influente que me reduzia ao silencio e á inacção. Inhibido de proseguir, sem o sacrificio completo da dignidade e sem risco certo da honra, na collecção dos materiaes para a vasta edificação que emprehendera, tive a final de ceder e de fechar a bem curta distancia os limites da imprudente empreza.

«Não o fiz sem lucta: disputei palmo a palmo a minha vida intellectual. N'essa lucta achei sympathias e allianças por todo o paiz, sobretudo entre a mocidade das provincias mais intelligentes e energicas, as provincias do norte.— D'além do Atlantico mais de uma voz amiga procurou consolar o maldito da reacção e dos poderes publicos, que a serviam. Algumas d'essas vozes saíam do seio do sacerdocio; uma descia do throno. Um principe extranho que présa mais e conhece melhor os dias de grandesa e de gloria d'este paiz do que a maior parte dos filhos d'elle, apressou-se a offerecer ao perseguido um asylo junto de si. Se não acceitei a offerta, a que a fraternidade litteraria e a nobre maneira porque era feita tiravam todos os vislumbres de humilhação, foi porque ainda esperava que não podessem privar-me dos ultimos sete palmos de terra patria a que todos temos direito.

«Do mesmo modo que por meios indirectos me fôra tirada a possibilidade de continuar a *Historia de Portugal*, foi-me emfim indirectamente restituida.

«Era tarde.» N'este despeito é que se demittiu de vice-presidente da Academia das Sciencias. [1] «Quiz proseguir e não pude, ou para melhor dizer, desejei e já não sabia querer.»

Esta ideia o fazia pôr em relêvo as intrigas diplomaticas para o *Estabelecimento da Inquisição em Portugal;* este livro interrompido desde 1855 foi lançado como um repto ao partido clerical, mas ficou sem ecco, não se leu; d'aí talvez a demora de quatro annos para o ultimo volume. A historia da *Origem da Inquisição em Portugal* é uma discussão de attribuições canonicas dos bispos, e das negociações diplomaticas com a curia, extraídas de documentos de refalsado espirito. Quanto a um ponto de vista superior so-

[1] Carta ao ministro do Reino pela 2.ª classe da Academia, 1856.

bre esta tremenda instituição, nada! A parte dramatica, os processos do Santo officio, com as grandes catastrophes dos Autos de fé, a revelação dos costumes e vida domestica, e estado da sociedade portugueza através d'esses documentos, nada d'isso tocou Herculano; foi á parte morta e estéril da diplomacia, e deixou o largo campo do funccionamento da instituição que atrophiou esta desgraçada nacionalidade.

A *Historia das origens e estabelecimento da Inquisição em Portugal* foi começada antes de 1852; a obra era um repto contra o partido clerical e contra a reacção pessoal que falsificava o constitucionalismo. O prologo d'este livro tem a desconnexão e o estylo de um exaltado artigo de fundo jornalistico, mas é precioso para a revelação do estado de espirito de Herculano sobre os acontecimentos da Europa depois de 1848. A agitação socialista e apprehensões da burguezia que acceitou as tropelias monarchicas pelo terror das novas aspirações «abriu caminho e subministrou pretextos por toda a Europa a uma reacção deploravel.» Herculano diz que á sombra d'estes movimentos começa a *reacção moral*, ou propriamente o ultramontanismo; o seu livro era destinado a salvaguardar-nos do perigo futuro, mostrando-nos o seculo XVI, em que se deu a alliança da monarchia e do clericalismo, como o da maior degradação moral, e das maiores monstruosidades á custa do indifferentismo geral. D'esse passado Herculano vê ainda um resto nos *exercitos permanentes* «nascidos com o absolutismo e só para elle, e com elle deviam ter passado para o mundo da tradição.» Contra este erro politico oppõe Herculano uma ideia justissima «aniquilamento d'essa força bruta, encarregada nominalmente de cumprir um dever, que é, que não póde deixar de ser commum a todos os cidadãos,—a defeza da terra natal.»

A *Historia da Inquisição em Portugal* era da parte de Herculano um aviso contra a reacção do clericalismo. Po-

rém, como fez essa *Historia?* «Podiamos escrever a *Historia da Inquisição*, d'esse drama de flagicios que se protrahe por mais de dois seculos. Os archivos do terrivel tribunal ai existem quasi intactos. Perto de quarenta mil processos restam ainda para darem testemunho de scenas medonhas, de atrocidades sem exemplo, de longas agonias. Não quizemos. Era mais monotono e menos instructivo. Os vinte annos de lucta entre D. João III e os seus subditos de raça hebrea, elle para estabelecer definitivamente a Inquisição, elles para lhe obstarem, offerecem materia mais ampla a graves cogitações. Conhecermos a côrte de um rei absoluto na epoca em que a monarchia pura estava em todo o seu vigor e brilho; conhecermos a côrte de Roma na conjunctura em que, confessando os seus anteriores desvios, ella dizia ter entrado na senda da propria reformação, e podermos comparar isso tudo com os tempos modernos de liberdade.» (Pag. XIII.) Eis aqui está o livro; uma discussão pezadamente canonica contra a usurpação da jurisdicção dos bispos a quem competia exclusivamente o julgamento das causas de heresia, e em seguida uma exposição intrincadamente diplomatica das negociações de D. João III com a Curia para introduzir no seu reino o novo tribunal do Santo Officio. A simples leitura de um processo inquisitorial, d'esses quarenta mil archivados, encerra mais lição do que todos esses tres volumes, que difficilmente se podem lêr, da obra de Herculano. Ao fim de tanto trabalho Herculano interrompeu-se e só depois de quatro annos é que terminou a obra, conscio da sua inefficacia.

O livro não produziu impressão, porque logo em 1857 se deu a usurpação do Padroado portuguez no Oriente pela curia romana. Herculano saiu a terreiro com o seu opusculo *A Reacção ultramontana*, em prosa desalentada, mas com a predilecção do assumpto em que revelava a sua erudição dos canones; o effeito do protesto foi tambem nullo

nas regiões do poder, porque logo em 1858 teve de protestar em um *Manifesto ao Partido liberal* contra a introducção das irmãs da caridade francezas.

Estes protestos, em estylo semi-biblico, em desalento sobre o futuro da nação, influiam sobre a sua lenda pessoal; Herculano estava já em estado de mytho; procurava-se nas suas palavras um sentido mystagogico. Foi assim que os eleitores do circulo 26, de Cintra, se lembraram votar em Herculano nas eleições de 1858. Herculano escreveu então uma Carta, de 22 de maio, por meio do *Jornal do Commercio*, [1] em que declara ter recusado essa honra do mandato que lhe quiz conferir um circulo da Beira, e que não acceita agora o mandato dos eleitores de Cintra, porque não pertence a essa terra, e a sua opinião é que só existem *deputados locaes* (de campanario) capazes de satisfazerem as necessidades dos circulos junto do parlamento. A ideia é absurda, porque todo o talento que nascesse em um sitio insignificante só podia ser deputado local adaptando-se pela longa permanencia a essa localidade. Quanto distava Herculano da ideia tão clara e tão justa do mandato imperativo! Era isto o que elle queria sem o saber dizer.

Fez um grande effeito sobre o paiz esta abstenção de Herculano, resignando o mandato de deputado por Cintra; fez ainda mais ecco a rejeição de uma medalha da Torre e Espada, que lhe quiz conferir D. Pedro v. Era uma abnegação catoniana, que ninguem saberia, se elle proprio não fizesse alarde da sua modesta superioridade acima das honras; na carta aos eleitores de Cintra dá-lhes a saber que rejeitou o diploma de deputado por um circulo da Beira, e pelo *Jornal do Commercio* dá a saber ao paiz que recusou o diploma de deputado por Cintra. O mesmo processo segue na rejeição da grã-cruz de S. Thiago, onde diz tam-

[1] N.º 1:399, de 23 de maio de 1858.

bem em carta ao *Jornal do Commercio* (n.º 2:752): «El-rei o sr. D. Pedro v, que Deus tem comsigo, *procurou-me um dia para me pedir*, dizia elle, um favor. Era o de acceitar a Commenda da Torre e Espada. Recusei, e com a sinceridade que elle encontrou em mim, expuz-lhe amplamente os motivos da minha recusa. Aquelle grande espirito, complexo de extrema doçura, de alta comprehensão e de profundo sentir, debateu sem se irritar, as ponderações, talvez demasiado rudes, que lhe fiz. Concluiu por me dizer, que cada um de nós podia proceder n'aquelle assumpto em harmonia com as proprias convicções. Que elle cumpria o que reputava um dever de rei, e que fizesse eu o que a consciencia me ditasse.» Esta revelação autobiographica é um relampago de luz para a modestia e abnegação theatral.

Por carta régia de 17 de maio de 1861, foi nomeado Herculano par do reino; não era honra que se não tivesse dado a mercieiros retirados do commercio, e recusou tambem. Na carta alludida diz: «Deixo de parte a historia da recusa do pariato.» Por fim, logo que D. Luiz subiu ao throno quiz honrar o amigo intimo de seu irmão com a grã-cruz de S. Thiago, instituida para o merito scientifico, litterario e artistico, em 1862; Herculano escreveu ao *Jornal do Commercio:* «Veiu depois a Grã-Cruz de S. Thiago. Fiz o mesmo que fizera a respeito da Commenda. Nem mais nem menos. Tinha motivos para crêr que a iniciativa da mercê vinha de el-rei. Procedi n'essa hypothese do mesmo modo que procedi com el-rei D. Pedro.» [1] Esta necessidade de explicações diante do publico, que pasmou com a heroica abnegação, fazem-nos tomar a sério estas palavras ironicas do proprio Herculano a proposito do seu despreso pelas honras civicas: «No immenso consummo que se está fazendo,

[1] *Jornal do Commercio* n.º 2:752, de 7 de dezembro de 1862.

que se tem feito ha trinta annos, de fitas, de insignias, de fardas bordadas, de titulos, de graduações, de tratamentos, de rótulos nobiliarios, o homem do povo, que queira e possa morrer sem esta classificação, *deve adquirir em menos de meio seculo extrema celebridade.*»[1] Herculano contava cincoenta e dois annos, e nunca ninguem em Portugal chegára como elle a esse gráo de celebridade que se torna uma gloria nacional, e o reconhecimento do maximo poder espiritual conferido espontaneamente a um individuo. A morte de D. Pedro v acabou de aggravar o estado psychologico de Herculano, que rompeu com a relação da capital refugiando-se em Val de Lobos.

D. Pedro v era o amigo intimo de Herculano; admiravam-se mutuamente, mas as admirações foram estéreis. Com a morte do joven monarcha, Herculano achou-se solitario, e isso influiu para deixar o emprego do paço. Em uma carta a monsenhor Pinto de Campos, escreve-lhe logo depois da perda do seu amigo: «V. s.ª espanta-se de que eu nada escrevesse a respeito da morte de D. Pedro v. Não crê v. s.ª na profundidade da afflicção do pae que póde escrever sobre o tumulo do filho? Se eu tivesse um filho e me morresse, não me custava mais a morte d'elle do que me custou a d'aquelle pobre rapaz. Era commigo, aqui, n'este mesmo humilde aposento onde escrevo a v. s.ª que aquelle martyr, que esta terra nem comprehendia nem merecia, vinha muitas vezes buscar lenitivo, e onde muitas vezes o não encontrava, porque nem sempre podia esconder-lhe que o meu desalento ácerca do futuro era mais profundo do que o d'elle. Era uma amisade desinteressada como nunca teve rei nenhum, como nunca ninguem achou em rei. Se este seculo póde produzir santos, elle era-o. A minha affeição por D. Pedro começava a degenerar em pai-

[1] *Jornal do Commercio* n.º 2:732, de 7 de dezembro de 1862.

xão, e eu a perceber como se póde ser fanatico. Desconfio de que se continuasse a viver chegaria a fazer de mim o que quizesse. Felizmente aquella alma pura, aquella grande intelligencia não podia querer senão o justo e honesto; infelizmente Deus não quiz que esta ultima luz da esperança alumiasse os horisontes de uma nação condemnada a morrer. Era uma especie de profanação dizer em um livro o que eu sinto a respeito d'elle. Não se alinham phrases a similhante proposito. D. Pedro é para mim uma d'aquellas recordações que se levam até ao tumulo, e que aí se escondem, como o perfeito avâro leva o seu ouro e o enterra n'um logar solitario. Fez-me commendador da Torre e Espada, cousa que se dá a poucos, não lh'o acceitei. Deu-me um retrato seu e o *Ancien Régime* de Tocqueville, annotado por elle; acceitei-os e guardo-os. São cousas pequenas que me cabem na cova; hão de ir commigo.» Estas palavras denotam uma boa alma, mas revelam a incapacidade para espirito dirigente; nunca se achou em uma tão perfeita harmonia o *poder espiritual* com o *poder temporal*, como quando o joven rei D. Pedro v ía fumar o seu cigarro junto de Herculano na vivenda da Ajuda. Pedro v admirava Herculano, e se este tivesse ideias e conhecimento dos grandes progressos do seu tempo, o joven monarcha poria em obra todas as sugestões do mestre; mas Herculano estava despeitado com o seu tempo, com o seu paiz e com a sociedade que o cercava, era um doente moral, e se Pedro v estava desalentado no seu governo (como se prova pelas notas comparativas ao livro *Grèce contemporaine*, de Abont, o desalento de Herculano era ainda mais profundo, e não servia senão para enfraquecel-o.

D. Pedro v era eminentemente sympathico á nação pela sua moralidade e aspiração de justiça; a coragem e abnegação que revelou por occasião da febre amarella de Lisboa fanatisou o povo. Esperava-se do joven monarcha uma

acção profunda sobre a transformação d'este paiz; os jornalistas ibericos sonhavam n'elle a personificação da unificação dynastica da peninsula; afixaram até cartazes proclamando: *Viva D. Pedro V rei absoluto.* Vimol-os em Coimbra, ainda esfrangalhados pelas esquinas em 1861. A geração nova, a esperança futura, estava n'esse estado de espirito; não nos admira a sua consequente esterilidade. Nas suas boas intenções D. Pedro v cercava-se das primeiras intelligencias do paiz; por algumas cartas de Herculano, sabe-se que o joven monarcha ía bastantes vezes conversar e fumar para o quarto de estudo do seu regio bibliothecario e historiagrapho. Como aproveitou Herculano esta situação excepcional para dirigir a consciencia de um rei, facto extraordinario, que aspirava a exercer o poder de um modo justo e fecundo? Herculano desalentou-o com um pessimismo catholico e estreito, e nunca se prestou a servil-o na propagação dos estudos scientificos. O seu estado de espirito resume-se n'esta phrase estylosa, que era a synthese philosophica a que chegára: «O calor parece ir-se retirando d'este musculo chamado o coração humano, *á medida que o Christianismo se vae alongando das consciencias.*» [1] Sem sair d'esta orientação religiosa dada por Herculano, D. Pedro v o mais que podia ser era metaphysico; e com a educação exterior que se costuma entre nós dar a um principe simplesmente para figurar em recepções officiaes, o ser metaphysico era o cumulo da superioridade.

Em um despacho secreto do embaixador hespanhol Pastor Diaz, de 10 de dezembro de 1859, acha-se o retrato de D. Pedro v como metaphysico; o embaixador hespanhol, para captar-lhe as boas graças fallava-lhe «de filosofia transcendental *que no es possible eludir cuando se tiene el honor de entrar en coloquios con este soberano.*» Descreve com tra-

[1] Carta de 17 de dezembro de 1876.

ços picarescos uma conversa entre o emprezario Salamanca e D. Pedro v, na qual o rei «habia dicho con el mayor aplomo, que los caminos de hierro paralizaban las primeras industrias, que se daba demasiada importancia á la civilizacion que podian aumentar, y que Portugal y España no tenian industria, ni comercio, ni necessidades para sostener los ferro-carriles.» Em seguida Pastor Diaz resume as ideias fundamentaes da metaphysica do joven monarcha: «que el mediodia de la Europa eran pueblos caídos y gastados que ya no servian para nada, que no tenian actividad, ni iniciativa, ni entusiasmos, y que la raza latina habia dado de si todo lo que podia... » Pastor Diaz explica em parte estas afirmações porque *«era hijo de un alleman»* [1] mas não sabia explical-as como a obra da exploração catholico-monarchica sobre os povos meridionaes. D. Pedro v via os resultados de uma certa decadencia, mas era-lhe impossivel reconhécer as causas historicas. Isto anullava toda a sua boa vontade; para a renovação politica obstavam os seus respeitos religiosos, para a renovação intellectual, prejudicava-o a indisciplina metaphysica, que viciava os seus pobres aphorismos economicos. Por fim as fórmas constitucionaes envolviam-no, e as conveniencias de camarilha ataram-no; não tinha a edade e experiencia bastante para poder harmonisar-se com a Carta, nem a critica para saber julgar os que o cercavam. Da sua dotação tirava todos os annos trinta contos de réis para as urgencias do estado; era uma medida de expediente. Foi por esta fórma que mandou fundar o Curso Superior de Lettras como uma faculdade humanista, composta de tres cadeiras para aproveitar as aptidões dos homens que elle intellectualmente mais considerava; as cadeiras eram: 1.ª *Historia geral e patria*, destinada para Herculano; 2.ª *Litteraturas grega e*

[1] Ap. *Mi Mission en Portugal*, p. 204.

latina, para o seu antigo perceptor de grammatica latina e portugueza Viale; 3.ª de *Litteraturas modernas da Europa, e especialmente a portugueza*, reservava-se para o grande purista e rhetorico Castilho. Era o melhor que o joven rei podia conceber. De facto Herculano não tendo feito discipulos com os seus livros, poderia levantar uma geração litteraria com o ensino oral; recusou-se formalmente a esse trabalho, apesar da insistencia sublime de D. Pedro v! Castilho não quiz ser menos do que Herculano, e recusou tambem a nomeação de professor de Litteratura, dizendo que empregava melhor a sua capacidade fazendo traducções paraphrasticas. Assim ficou atrophiado na origem um pensamento generoso, e a fundação tornou-se um arsenal de rhetorica espectaculosa, sem acção sobre a nossa transformação intellectual.[1]

Herculano pertencia como socio correspondente ao Instituto de França, e merecia essa honra; mas estava illudido ácerca do motivo da sua nomeação. Essa honra foi solicitada pelo sr. Dantas, quando pertencia á embaixada portugueza de Paris, e elle proprio escreveu a pequena biographia do escriptor, que se distribue lithographada pelos socios do Instituto para fundamento da proposta e da votação. Pelas suas relações com Prosper Merimé e com outros escriptores francezes, o sr. Dantas conseguiu essa distincção scientifica para o nosso paiz; em geral os francezes ignoram o movimento intellectual dos outros povos, e o nome de Herculano era-lhes extranho, se o sr. Dantas não provasse o seu alto valor. Na carta a monsenhor Pinto de Cam-

[1] Este joven monarcha tinha a velleidade litteraria; quando morreu, correu a tradição que deixára trinta volumes de escriptos inéditos. No seu fetichismo pelo monarcha, Herculano exclamava com uncção patriarchal: *Perdia as noites a escrever, em quanto os outros dormiam!* Com uma malicia natural, que era uma das formas do bom senso de Castilho, este parodiou o dito de Herculano: «Coitado! passava as noites sem dormir, para fazer dormir os outros.» De resto esses pretendidos inéditos nunca appareceram.

pos, de 2 de junho de 1862, Herculano escrevia ingenuamente: «No Instituto de França ha homens que me estimaram, e que *sem eu solicitar me associaram áquella corporação illustre*, e que hoje me são pouco affectos, porque não pensam como eu.» Para a Academia de Berlim admittir Herculano, empenhava-se el-rei D. Fernando, mas nada se conseguiu; em verdade Herculano era extranho a estas solicitações, mas conclue-se de tudo que sem a legenda dos amigos e dos fanaticos admiradores nunca o verdadeiro merito consegue abrir por si o caminho na vida.

Na sua carta a monsenhor Pinto de Campos, de 2 de junho de 1862, falla «*das pontualidades cortezãs em que sou fraco official;*» de facto era-o, porque a sua morte proveiu d'essa impericia. Sabendo da chegada do imperador do Brazil a Lisboa, depois da viagem de recreio pela Europa, veiu immediatamente da sua quinta para cumprimental-o, quando ainda se achava meio convalescente de uma constipação; a etiqueta palaciana obrigou-o a descobrir-se, e assim começou a pneumonia dupla, que em poucos dias o levou á sepultura. Herculano era systematicamente abstemio; este falso preconceito hygienico levou-o gradualmente a uma profunda anemia que o fez succumbir ao primeiro ataque inflammatorio. Uns leves conhecimentos das leis geraes da biologia, tel-o-iam fortalecido com um regimen saudavel que lhe prolongaria a vida até um alto cume; mas não é impunemente que se condemna a sciencia de um seculo, chamando-lhe gongorismo de phrases. Foi victima da sua propria condemnação.

Desde 1855, como se póde fazer idéia pela predilecção dos estudos de agricultura publicados por Herculano na *Patria*, o seu espirito olhava para a vida dos campos como um idylio de tranquillidade moral. Como um Cincinato moderno, Herculano fallava em deixar a penna, para ir agarrar-se á charrua. Elle laborava n'esse preconceito economico,

que a riqueza de Portugal lhe deve advir exclusivamente da producção agricola, sem se lembrar que o desenvolvimento das pequenas industrias locaes, até hoje abandonadas á espontaneidade popular e á persistencia tradicional, são o verdadeiro elemento da formação de valores capazes de se augmentarem pela troca com os productos estrangeiros. Com a morte de D. Pedro v, e com o despeito contra a sociedade do seu tempo, Herculano resolveu abandonar o logar de bibliothecario real, refugiando-se na sua quinta de Val de Lobos, que adquirira com o pequeno capital produzido pelos seus livros. O mesmo exemplo foi seguido pelo medico do paço o Dr. Bernardino Antonio Gomes, que egualmente se despediu do serviço real e comprou a quinta de Ladeiras, tambem proximo de Santarem. Um, homem de lettras, outro, homem de sciencia, nenhum conhecia as relações do saloio com a terra; para o saloio a terra hade sustental-o sem trabalhar, e quando essa está já bem esterilisada, passa para outra, abandonando-a ao proprietario, que se desgosta vendendo-a a quem tenha ainda illusões sobre o rendimento da agricultura. É por isso que o que adquire propriedades em volta de Lisboa, começa logo por dispender em vez de colher, e como nunca póde ressarcir as perdas, toma como resolução ultima o desfazer-se a tempo de bens que só trazem desgostos. A situação de Herculano como proprietario agricola foi assim; precisou logo de dinheiro, para começar a reparação dos estragos do saloio. Isto influiu na sua actividade, propondo á Academia das Sciencias a compra dos apontamentos para um Diccionario portuguez, que lhe deixára em testamento o finado traductor de Walter Scott, Ramalho e Sousa. A venda fez-se, ficando Herculano a receber o juro de dez contos, ou seiscentos mil réis por anno. Mas a terra não lhe levava tambem só os meios produzidos pela litteratura, produzia-lhe profundos desalentos, effeito da solidão, de

modo que o vácuo intellectual revelava-se pelo tedio dos longos serões de inverno.[1] Para sair d'este estado doentio do espirito, e ao mesmo tempo para acudir ás urgencias da terra, é que emprehendeu a compilação dos seus pequenos escriptos ou Opusculos, dispersos em um trabalho de trinta annos pelos diversos jornaes, *Repositorio*, *Panorama*, *Revista peninsular*, *Revista Universal lisbonense*, *Illustração*, *Semana*, *Annaes das Sciencias e das Lettras*, *Paiz*, *Patria*, etc. O descontentamento que o fez romper com a politica, com a litteratura e historia, tambem o atacou no isolamento do campo, onde as mil seducções da sua gloria o iam provocar, como se viu na visita do imperador do Brazil a Val de Lobos. A confissão d'este tedio é uma curiosa pagina psychologica:

«Para o velho que vive na granja, na quinta, no casal, como que perdidos por entre as collinas e serras do nosso anfractuoso paiz, ha na existencia uma condição que todos os annos lhe prostra o animo por alguns mezes, doença moral, mancha negra na vida rustica, facil de evitar nas cidades. É o tedio das longas noites de inverno; das horas estéreis em que o pezo do silencio e da soledade cáe com duplicada força sobre o espirito. Para o velho do ermo, n'esses intervallos da vida exterior, a corrente impetuosa do tempo parece chegar de subito a pégo dormente e espraiar-se pela sua superficie. A leitura raramente o acaricia, porque os livros novos são raros.—Nas interminaveis noites de inverno, a inercia da intelligencia, que vaguêa no indefinito sem o norte da realidade, vae-se convertendo pouco a pouco em intoleravel tormento; tormento no qual ha por fim, o quer que seja da cellula circular e esmeradamente branqueada onde o grande criminoso é entregue, sósinho, á euménide da propria consciencia. N'esta extremidade, por

[1] *Opusculos*, t. I, p. VII.

mais somnolenta e obscurecida que esteja a mente, por mais que ella ame o repouso, o trabalho do espirito, ainda o mais árido, é preferivel, cem vezes preferivel, ao fluctuar indeciso no vácuo.—Foi por isso que comecei a ajuntar os *disjecta membra* de uma grande parte do meu passado intellectual; a accrescentar, a cortar, a corrigir, a completar. Vencido o primeiro inverno, vi desapparecerem os marcos negros junto dos quaes cumpria que longamente me assentasse ao cabo de cada um dos poucos estadios que ainda me restam a transitar pela estrada da vida. Que esta confissão ingenua sirva para ser absolvido da especie de correria que, apesar dos mais firmes propositos, faço, ainda uma vez, na republica das lettras.» [1]

Estas palavras encerram o desalento de uma ultima illusão; na sua mocidade Herculano revela a paixão pelo trabalho da terra, pela cultura das flôres, (vid. p. 236) e aborrecido da gloria litteraria encontrou tambem o tedio da vida campestre. Em uma Epistola de Castilho, datada de 20 de dezembro de 1830, ha esta preciosa referencia á predilecção agricola de Herculano:

> Larga o sacho ao frenetico Alexandre,
> Se Schiller e o Phantasma o deixam livre;

E em nota accrescenta: «O nosso amigo Alexandre Herculano, em principio de estudos ainda a esse tempo, mas em quem já se admirava o infatigavel fervor do trabalho, assim mental como corporal, porque já então, como ainda hoje, as suas horas de desenfadamento eram dispendidas em cavar e jardinar.» «No estudo da lingua allemã andava todo e na sociedade do sr. Assentiz fazia ás noites leitura da sua traducção do *Phantasma* de Schiller.» [2] *O tedio das*

[1] *Opusculos*, t. I, p. VII e IX. (1873.)
[2] *Excavações poeticas*, p. 16.

longas noites de inverno veiu-lhe destruir a ultima illusão que o acariciára—o remanso da vida campestre; isto acabou de o definir. Era uma natureza descontente.

Uma cousa parecia caracterisar em Herculano a centelha do *genio*, e foi isso talvez o que exerceu uma acção fascinadora sobre o espirito dos seus admiradores: nunca se mostrou satisfeito. Diderot definiu profundamente o genio n'essa phrase—*une âme qui se tourmente;* Herculano vivia em continuo descontentamento, e se este estado de espirito proviesse da apprehensão do futuro, da febre da iniciação, seria proclamado apesar de todos os seus êrros, um genio. Mas esse descontentamento era o testemunho da sua inferioridade; a falta de disciplina mental revela-se n'elle de um modo involuntario pelas contradições de toda a sua vida, que o punham em conflicto com os seus maiores amigos, de quem se afastou irreconciliavel, taes como Garrett, Castilho, Marquez de Resende, Rodrigo da Fonseca Magalhães, Oliveira Marreca e Seabra. Escrevendo sempre em todos os momentos graves da historia contemporanea, que a geração ia perdida, que não acreditava no futuro da patria, que não servia o seu paiz, voltava-se para o passado, avivava a tradição do monachismo, e perturbava a emancipação da sociedade civil com um deismo christão com que acobertava a falta de criterio philosophico. Esse descontentamento, que se traduzia ás vezes por uma modestia ostensiva, rejeitando com apparato as honras sociaes, era em geral um estado de despeito de um espirito que não sabia deduzir dos actos descoordenados das pessoas a marcha progressiva das cousas. Filho da ultima epoca do absolutismo, explicava a historia pela vontade dos individuos, e o progresso social pelo que ha de mais retardatario—o influxo religioso; a nação atrasada conferiu-lhe por isso o poder espiritual, de que elle se sentiu investido, mas de que não soube usar.

O silencio de Herculano na litteratura fôra tambem um systema de celebridade mythica. Rossini, o grande compositor da escola italiana, calou-se para sempre, quando conheceu a profundidade de pensamento da escola allemã que começava a preponderar na musica moderna; não se quiz empenhar em uma lucta do genio creador. Em Portugal ninguem se alevantára acima de Herculano, e o silencio do escriptor tornou-se uma das fórmas do despreso pela sua sociedade; era um protesto como o do militar que quebra a espada no meio de uma campanha sem bravura. Mas aqui a efficacia da acção augmentava com o isolamento individual do iniciador; Herculano não o entendeu assim.

Desgraçado do escriptor que não se apaixona pela sua obra, tirando d'ella propria o estimulo para o trabalho; um dos grandes espiritos do seculo XVIII, ao terminar a sua *Historia da Decadencia do Imperio romano*, declara: «Não dissimularei que tive uma primeira emoção de alegria n'esse momento em que me achava desembaraçado, e que ia talvez firmar a minha reputação. O meu orgulho abateu-se logo; e uma humilde melancholia se apoderou de mim, ao lembrar-me que me separava do antigo e agradavel companheiro da minha vida, e que, fosse qual fosse a duração que a minha obra alcançasse a vida do historiador de ora em diante seria breve e percaria.» A mesma emoção se dá com Michelet, ao acabar a sua *Historia de França*, considerando-se elle proprio filho da sua obra. Mesmo, quando a injustiça ou os desastres nos assaltam, um pensamento dominante, a preoccupação de um trabalho que se tornou uma manifestação da nossa vida, é o apoio moral mais seguro que se póde descobrir; ali o sentimento foge ás emoções doentias, ali a rasão se exerce, mantendo o equilibrio contra as violencias exteriores que a perturbam. Para Herculano o trabalho não foi nada d'isto, postoque declare que a gloria litteraria foi a sua unica ambição no mundo. Quem

visar a dirigir o seu tempo, a ir de encontro aos erros, a fundar disciplina moral, não póde aspirar á gloria litteraria; para obtêl-a é necessario lisongear a epoca que só merece cauterio, e que paga a lisonja lançando-se na admiração fetichista. Herculano conseguiu a admiração fetichista, e isso cortou-lhe a actividade, deixou-o sem estimulos mentaes.

Contra esta admiração publica oppoz Herculano um silencio systematico, abandonando as lettras; na carta em que em 1862 recusa a grã-cruz de S. Thiago falla do «*longo silencio, que tenho guardado, e que espero continuar a guardar ácerca das questões politicas e das questões litterarias...*»

O seu silencio era sybilino e a nação queria ouvil-o; foram perturbal-o com uma nova honra, nomeando-o para a Commissão revisora do Projecto de Codigo Civil, do seu antigo amigo Antonio Luiz de Seabra; fôra nomeado para a revisão da redacção litteraria dos artigos, mas cabe-lhe a gloria de ter feito a redacção do titulo sobre aguas. Em 1865 escreveu no *Jornal do Commercio* a carta dando parte ao publico de que redigira no Codigo a emenda relativa ao Casamento civil a proposito de umas inepcias do Duque de Saldanha, de quem estava separado desde 1851; d'essa polemica que se agitou na imprensa, resultaram os opusculos intitulados *Estudos sobre o Casamento civil*, publicados em 1866, e desde 22 de dezembro d'esse anno inscriptos no Index dos livros prohibidos pela Congregação de exame de Roma. Era a ultima honra que lhe faltava; essa mesma o procurou para envolvel-o no nimbo de um livre pensador, que não era.

A questão do *Casamento civil* em 1865 foi aproveitada por Herculano para lançar aos ventos uma epistola prophetica. Vejâmos que relações existiam entre Herculano e esta conquista do civilismo. A legislação civil portugueza estava na mais profunda immobilidade, consignada nas *Ordenações*

do Reino dadas a este paiz sob o dominio hespanhol! É pasmoso, mas é um grande facto historico. Como existiam codigos civis europeus, como o francez e o sardo, era facil glosal-os, e apropriarmo-nos d'elles confeccionando uma cousa; assim se fez por um processo absurdo encarregando d'essa alta missão um jurisconsulto, e submettendo depois a obra a uma commissão sem plano, sem capacidade philosophica e historica. D'aqui resultou um constante conflicto entre o redactor do Codigo civil e a Commissão revisora, e um producto morbido filho de emendas, alterações, supressões e toda a qualidade de accidentes que provoca o parlamentarismo. Herculano fôra nomeado officialmente como membro da Commissão revisora; pensámos nós que fôra para servir a patria com as suas luzes historicas ácerca das instituições do passado para se fazer evolutivamente a transição para o civilismo moderno, mas o historiador não deixa illusões sobre os seus actos. Diz elle, na celebre carta ao *Jornal do Commercio*, de 1 de dezembro de 1865: «Fui membro da Commissão revisora do projecto do Codigo civil. *Se acceitei esse longo e laborioso encargo, não foi para servir o paiz. O paiz não precisa dos meus serviços.*» Isto é pasmoso, sobretudo quando se aproxima d'essa outra declaração ácerca da *Historia de Portugal*, escripta para uso do principe, em que diz que a patria não lhe deve nada. Depois continúa na carta: «Acceitei, porque m'o pediu o proprio auctor do projecto primitivo do Codigo...» O jurisconsulto Antonio Luiz de Seabra pediu a assistencia de Herculano para a questão de linguagem, uma das difficuldades da redacção imperativa dos artigos; Herculano complicou o trabalho com a paixão dos archaismos, e introduzindo provincianismos particulares na redacção de artigos de auctoridade geral.[1] A final o Codigo civil saíu estropeado da com-

[1] Citaremos as palavras *gaivagem* e *alcorcas*, do art. 462.º do Cod. Civ.

missão; compilado dos codigos modernos, era quasi impossivel que não reproduzisse alguma das grandes conquistas do espirito civil moderno; foi assim inconscientemente que se introduziu n'elle a ideia do casamento reduzido á sua base historica e philosophica de um *contracto*. Herculano complicou o problema com uma proposta, que alterou capitalmente essa ideia moderna: o casamento conservaria um duplo caracter de *sacramento* para os catholicos, e de *contracto civil* para os não catholicos, e a lei devia reconhecer esta antinomia, acatar a usurpação da egreja, tornando o contracto civil de natureza excepcional, para os não catholicos. D'aqui resultou a impossibilidade de pôr em pratica essa disposição nova do Codigo civil, e o recurso de um sophisma addiando esse progresso pela dependencia de um regulamento, que só appareceu ao fim de doze annos. Na referida carta ao *Jornal do Commercio*, Herculano cáe na ingenuidade de declarar: «de uma proposta que fiz derivou a divisão do casamento em religioso e civil, embora no desenvolvimento legislativo que devia tornar essa divisão uma cousa pratica, bem poucas disposições se contenham de iniciativa minha, e, até a alguns désse voto em contrario.» Ninguem viu a triste consequencia d'este erro de fazer coexistir no mesmo Codigo dois principios antinomicos, o contracto civil e o sacramento; levantou-se a polemica na imprensa; o marechal Saldanha, que se tornára o caudilho do clericalismo, saiu com um folheto a favor do sacramento. Herculano, que desde a falsificação do movimento da Regeneração de 1851 rompera com o militar empavezado, irritou-se contra essa theologia da caserna, e na alludida carta exclama: «Ha dois ou tres dias, voltando do campo, e de campo assaz remoto e solitario para não chegar até lá o ruido dos negocios do estado, vim encontrar a opinião publica da capital singularmente agitada. Fallava-se por toda a parte na legislação relativa ao casamento contida no pro-

jecto de Codigo civil... *A theologia encostava-se ás hombreiras dos quarteis*...» Herculano não podia perder este ensejo para trovejar propheticamente: «Alheio e indifferente ha muito a todos os debates politicos; desenganado até das lettras, que foram a minha primeira e ultima illusão, não esperando nem crendo no futuro da terra onde nasci, deveria conservar-me extranho a este singular debate...» Mas não se conservou, porque era um momento espectaculoso; veiu explicar a sua doutrina, dizendo que tentára «*pôr de accôrdo o sacerdocio e o imperio.*» De que modo? Partindo de que o acto do casamento civil se achava já legitimado na *Ordenação*, Liv. IV, tit. 46, § 2.º, em que se dava á *mancebia* a sancção juridica! Monstruoso. «Na *Ordenação* o que o absolutismo fizera fôra elevar a *mancebia* á dignidade de matrimonio.—A commissão acceitou, pois, o principio perfilhado pela monarchia absoluta.—Expurgando-o das asquerosidades de que vinha polluido, cercando-o, como contracto civil, das garantias, das formulas, das condições dos contractos, dava-lhe aquillo de que carecia, a gravidade e a auctoridade moral...» Herculano para justificar esta triste comprehensão da lei civil, escreveu tres opusculos *Estudos sobre o Casamento civil*, em que os canones se debatem atrapalhadamente com a legislação consuetudinaria, para mostrar que o casamento civil é a elevação da *mancebia* á altura de dignidade juridica! Mais lhe valera ter ficado calado, do que vir assim perverter o criterio publico, insuflando nos espiritos a deploravel ideia de que o contracto civil do casamento, a unica concepção universal e sublime pela continuidade historica das civilisações, é, perante uma religião transitoria, cheia de mythos atrasados e de superstições degradantes, uma legitimação inicial da *mancebia*. Assim procedia o grande homem na conciliação do sacerdocio e do imperio; o mais pasmoso é a illusão do espirito publico que julgou vêr em Herculano um iniciador da liberdade de consciencia.

Herculano contradictou immediatamente as doutrinas sobre o casamento civil, casando em 1867 catholicamente, escolhendo para padrinho um pobre que encontrou á porta da sé.[1] A maior força na propagação dos principios consiste no exemplo; e o que fizera com relação á emancipação civil fêl-o tambem contra as doutrinas da negação da propriedade litteraria, que sustentára contra Garret em 1851, vendendo á Academia das Sciencias os apontamentos de um Diccionario portuguez que lhe legára o traductor portuguez de Walter Scott, André Joaquim Ramalho e Sousa. Outras contradições e antinomias de caracter poderiamos expôr, mas as que ficam bastam para explicar tanto no homem como na sua obra, que provinham da falta de uma disciplina philosophica, que elle suppriu no seu espirito por um vago sentimento religioso; e essa falta encobre-a por uma naturalidade simuladamente rude mas no fundo theatral, e pela emphase de um estylo figurado, que visa a impressionar pela condemnação do presente e pela recomposição poetica das crenças que se dissolvem.

A missão da Philosophia acha-se assim descripta no prologo do *Monge de Cistér*, de 1848, quando a nação imbecilisada soffrera a invasão estrangeira chamada pela sua monarchia: «Com a rapidez da cholera ou da peste, corre por todos os angulos de Portugal e encasa-se em todos os povoados uma cousa hedionda e torpe, que, inimiga do passado e do futuro, se chama illustração, que tendo por logica o escarneo, e por syllogismo o camartello, se chama Philosophia. Deus a mandou ao mundo como mandou Attila ou a Inquisição, como um verbo de morte. Seu mistér é apagar todos os santos affectos da alma e incarnar no coração,

[1] Isto não foi sem influencia na falta de vigor em que ficou esta parte do Codigo civil, que só em 1878 pôde ser regulamentada.

em logar d'elles, um cancro para o qual nossos avós não tinham nome, e que extranhos designaram pela palavra egoismo.» Estas palavras authenticam uma completa indisciplina mental, e um enfatuamento que tornava incapaz de subordinal-a. De facto durante muitos annos a Philosophia foi para o espirito publico portuguez uma cousa medonha, de que se fallava a medo, e era synonimo de *abjecção*, como Republica era synonimo de anarchia. Assim se pervertiam as ideias fundamentaes, e o resultado foi o ter a nação descido até ao ultimo gráo da inconsciencia, como se vê pela pratica dos sophismas do Constitucionalismo. Os espiritos dirigentes íam com a onda.

A falta de uma philosophia que lhe dirigisse o criterio, resente-se em todos os pontos de vista historicos de Herculano; testemunha de uma profunda transformação social e litteraria, renovada em 1830 depois da quéda da reacção systematica da Santa Alliança, que pretendia abafar os principios da Revolução franceza, Herculano vê n'esse grande facto a consequencia de um individualismo criminoso, de um um egoismo selvagem, que só póde ser temperado pela abnegação do christianismo: «O caracter estampado na frente do seculo actual é o individualismo, ou mais claro, o egoismo. O furor dos diversos bandos civis, que pelejam por sustentar umas fórmas de governo ou por derrubar outras, e as luctas das opiniões litterarias, scientificas e religiosas, não são por certo resultado de convicções profundas, como eram as Cruzadas, ou as Reformas protestantes nos tempos de uma fé viva.» [1] Convém restabelecer a verdade.

O facto das Cruzadas foi uma doença de hallucinação similhante ao millenario, á feiticeria e aos semeadores de peste; quando a Europa entrou na corrente do criticismo

[1] *Panorama*, t. II, p. 107.

protestante, decaíu nas consciencias o poder catholico-feudal, cuja dissolução se completou na politica pela grande Revolução de 1789. Todos os factos que se seguiram depois, vieram d'este impulso, e Herculano não podendo estabelecer a sua intima continuidade não conseguiu comprehendel-os; quando o regimen da sciencia se generalisava pela fundação da chimica, da biologia e das descobertas industriaes como a applicação do vapor, da telegraphia e de outras que multiplicaram as relações e a actividade do homem, o impulso da fé já não podia motivar as determinações humanas, mas sim as convicções demonstradas. Foi assim que esse individualismo, que preponderou durante o largo periodo da dissolução do regimen catholico-feudal, veiu a ser tambem disciplinado, quando a Sociologia, systematisando os complexos factores sociaes, estabeleceu o accordo entre as forças staticas da sociedade ou o collectivismo, e as forças dynamicas ou o individualismo, ou melhor, na coexistencia da conservação e da revolução como condição do progresso. As instituições modernas surgiram d'esta dissolução, não comprehendida pelo nosso historiador.

Herculano apoiando-se unicamente na estabilidade do passado, tinha medo da liberdade, e mostrava sentir a falta do absolutismo e da superstição, porque eram as garantias da ordem: «Em tempos de servidão, o poder absoluto dos reis e ministros era para o homem o que para a criança fôra o pae, o aio ou o mestre—o temor ficava sendo ainda elemento de vida publica; então o clero continha o povo no aprisco da superstição; e a superstição tambem então se julgava elemento social. Quebradas as antigas fórmas de governo, não por nós mas pelo seculo, achámo-nos geração livre, com a educação e com todas as reminiscencias do passado: corrompeu-se o povo não porque a sua indole fosse má, mas porque forçosamente se havia de corromper. Qual é o homem que nascido em ferros e em ferros levado até

á educação viril, se não torne licencioso, restituido de salto á liberdade natural?»[1]

O que vemos com relação á politica reflecte-se tambem nas concepções de Herculano ácerca da litteratura: a civilisação sendo para elle a fórmula profana do Christianismo, o Romantismo só podia significar a Arte christã. Aqui o erro é desculpavel, porque esta ideia prevaleceu algum tempo na Europa.

Em geral dá-se tambem ao Romantismo o nome de *Arte christã;* os criticos especiaes, desajudados das noções positivas da Sciencia das Religiões, suppozeram que a especulação moral e subjectiva que se exprime no Romantismo pela complexidade de sentimentos, era um novo estado da consciencia humana provocado pela elevação religiosa do Christianismo; d'aqui determinaram como caracteristico da Arte romantica o *vago,* o *indefinido,* como esforço para definir morphologicamente essas entidades metaphysicas da immortalidade, na alma, e do infinito, em Deus. Sobre estas bases ôcas fizeram-se theorias criticas, chamando ao Romantismo o Christianismo na arte; esta phase acha-se bem representada pela escola *emanuelica* dos romanticos francezes, e aquelles que generalisaram mais estas abstracções, como os poetas da Allemanha, fizeram um ultra-emanuelismo, foram pantheistas. Para restabelecer a verdade no problema, convém ter presente, que o Christianismo é um factor que se não póde eliminar, mas que ainda não está comprehendido. O que representa o Christianismo como religião moderna? Uma consequencia reflexa do estado dos espiritos, e não uma acção directa; por isso Christianismo e Romantismo são manifestações simultaneas d'esse estado. As religiões antigas, como o polytheismo védico e grecoromano, eram formadas sobre mythos tradicionaes; esses

[1] *Panorama,* t. II, p. 211.

mythos foram elaborados em personificações, allegórias, symbolos, e as suas fórmas foram decaindo em lendas, contos, epopêas e outras fórmas tradicionaes das litteraturas d'esses povos. Á medida que os mythos íam decahindo do respeito sagrado, as religiões foram perdendo a sua base, e dissolvendo-se; é por isso que o brahmanismo soffre no seu seio uma transformação profunda, o buddhismo, e o polytheismo greco-romano é facilmente substituido pelo christianismo. Eis o grande facto: importa explical-o. Em vez da base *mythica*, o espirito humano procurou para a sua crença uma base *moral;* tal é o pensamento d'essas duas religiões, buddhismo e christianismo, tão analogas nas suas fórmas dogmaticas e cultuaes. O desenvolvimento das especulações moraes fez triumphar o christianismo sobre o polytheismo mythico da civilisação greco-romana, e essa mesma especulação na fórma de subjectivismo sentimental desenvolveu as manifestações litterarias do Romantismo, differenciadas por esse caracter das litteraturas classicas. Por tanto, a critica explicando o Romantismo pelo Christianismo syncretisou os factos, elevando a causa aquillo que tambem era um resultado. A passividade mystica do christianismo, que recebeu nos claustros a fórma litteraria, é similhante a essa impressionabilidade doentia da escola byroniana das litteraturas romanticas; differem apenas no fim individual. Os que sentiram essa impressionabilidade, e praticaram a especulação subjectiva do sentimento, como Petrarcha, Dante, Miguel Angelo, Shakespeare, Diderot, têm todos os caracteres de Romanticos, postoque a consciencia d'esta renovação só apparecesse no seculo XIX.

Havia em Herculano uma incapacidade philosophica para julgar bem o seu meio social, e sobretudo para poder disciplinar uma geração. A exclusiva educação clerical deu-lhe a comprehensão ascetica sobre o mundo exterior; o retrato que faz da sociedade portugueza, immensamente carregado

em 1839, mais carregado ainda em 1851 nos artigos do *Paiz*, ainda mais desalentado no prologo do quarto volume da *Historia* em 1853, e no prologo de despedida de 1863, repete-se com mais violencia na carta sobre o Casamento civil de 1865! Sempre a condemnação, e nunca um ár de esperança; era para quebrar todas as energias. No artigo sobre o Christianismo escreve, em 13 de julho de 1839: «Portugal converte-se em paiz de barbaros; o assassinio é um desafogo; a dobrez um merito, o prejurio um calculo de interesses, e apenas o parricidio será um feito, não horrendo, não abominavel, não maldito, mas digno de se reprehender nos jornaes.» [1] Proclamava a necessidade de educar a geração nova como via directa para a transformação do futuro, e apresentava o Christianismo como a panacêa exclusiva: «julgámos poder alevantar a voz em favor da religião, que tão esquecida anda em o nosso Portugal.» E em seguida lança sobre o futuro este olhar de previsão, que denota a falta de criterio: «Ainda está occulto no provir qual será o symbolo universal do Christianismo; mas a missão do presente é a *religiosidade*.» [2] D'este feitio a sua direcção sobre os espiritos foi uma calamidade. Em 1851, em artigo de 29 de outubro, no *Paiz*, escreve estes traços sobre o estado de Portugal:

«A historia politica é uma serie de desconchavos, de torpezas, de inepcias, de incoherencias indesculpaveis; ligados comtudo por um pensamento constante, o de se enriquecerem os chefes de partido! Ideias, não se encontram em toda essa historia, senão as que esses homens beberam nos livros francezes mais vulgares e banaes. Hoje achal-os-eis progressistas, ámanhã reaccionarios; hoje conservadores, ámanhã reformadores; olhae porém com attenção e encontral-os-eis sempre nullos.

[1] *Panorama*, t. III, p. 219.
[2] *Panorama*, t. II, p. 108.

«A historia da nossa industria é a historia da lucta entre o trabalho e a administração. Quando o tem querido proteger os governos só têm sabido contrarial-o. Lêde a pauta da alfandega, as leis dos foraes, esse cahos de leis incoherentes e parvas que se têm feito, e vereis sempre a mesma ignorancia dos principios economicos geraes, ignorancia da indole e necessidade do paiz....

«A historia da instrucção publica é similhante ás outras. As escolas superiores têm de estar em defesa permanentemente contra as aggressões dos politicos ignorantes, que as consideram como inimigas suas irreconciliaveis.—As escolas primarias, a instrucção do povo, a mais essencial de todas para o bem da nação, essa, abandonada, esquecida, perseguida pelos tartufos politicos e não tendo força para luctar com elles succumbiu...»

O remedio que apresenta, é derivado da mesma preoccupação religiosa, quer «*padres virtuosos*, para propagarem os principios suaves e eminentemente liberaes da verdadeira religião.»[1] E ha que numero de annos havia já Augusto Comte demonstrado que os progressos têm uma evolução normal, primeiramente scientificos, depois moraes e consequentemente economicos? Quem quizer transformar um povo, antes de refrear-lhe coactivamente os costumes dê-lhe noções verdadeiras das cousas, isto é, sciencia, que a moral e a industria brotarão d'essa energia mental. Por fim, Herculano já comparava Portugal aos ultimos dias da decadencia do imperio romano, comparava-se aos anachoretas, e comparava Lisboa a Nicêa discutindo subtilezas theologicas quando os devastadores lhe demoliam os muros.

Uma cousa attenúa estas jeremiadas; eram parte obrigada do seu estylo, que precisava de metáphoras violentas,

[1] *Paiz*, n.º 84, de 1851.

de paradigmas historicos de effeito, para encobrirem a falta de abstracção e de analyse subjectiva.

No prologo da terceira edição da *Historia de Portugal*, especie de testamento litterario de Herculano, declara elle que a gloria litteraria fôra a unica ambição que o movera e a ultima que o abandonára. A nação inteira reconheceu unanimemente essa gloria, quando o escriptor se entregava a uma absoluta abstenção de actividade intellectual; essa descrença era a posse de um poder sem destino. A *gloria*, a que se visa, é um estimulo diverso da *vocação*. Como em outro logar dissémos: «A vocação litteraria resulta de uma organisação especial; é essa sacrosanta fatalidade que leva um homem a usar e gastar o seu corpo sacrificando-o á actividade da intelligencia; a vocação litteraria levava Anquetil Du Pérron a sentar praça por dinheiro e a ir servir na India, para lá descobrir o zend, resistindo a todas as seducções das bayaderas, affrontando os climas inhospitos da Asia, para estudar os dogmas das religiões da India, e enriquecer a sciencia da Europa com o livro do *Avesta;* foi a vocação litteraria, que fez morrer Ottfried Müller debaixo do ardente sol de Delphos; foi tambem a vocação litteraria, que levou Agostinho Thierry a cegar sobre os monumentos da Historia de França, e que o fazia dizer, ante o Instituto, quando já não podia continuar o seu trabalho, perto de morrer: — Eis aqui o que eu fiz, e o que eu faria se tivesse de recomeçar a minha carreira; eu tornaria a tomar aquella via que me trouxe a este estado. Cego, e soffrendo sem esperança e quasi sem allivio, eu posso dar este testemunho, que da minha parte não será suspeito. Ha alguma cousa que vale mais do que os gosos materiaes, que é melhor do que a fortuna, melhor do que a saude, é o sacrificio pela sciencia. — Para o progresso do homem sobre a terra, estas palavras valem mais do que o achado da mais pura moral. Que diriamos de um Littré, d'esses dois sán-

tos obreiros Jacob e Guilherme Grimm, de um Pedro José Proudhon, ou de um Raspail, e de tantos outros? Venerandas sombras que passaram imprimindo direcção ao seu tempo; mas não se queixaram, e trabalhavam por isso mesmo que havia quem divergisse das suas opiniões.»[1] A vocação não se preoccupa com a gloria, pelo contrario o conflicto com o meio social, com as ideias preconcebidas, com as opiniões estacionarias, é uma condição natural para o desenvolvimento da sua energia. Natureza melancholica, um pouco tendendo para a vesania periodica da perseguição, o que se explica pelo temperamento irritavel, que se caracterisava vulgarmente como orgulho, e pelo resto de orientação da tremenda crise do absolutismo, Herculano não sentia na sua actividade o apoio inabalavel de um destino, Depois da polemica do *Milagre de Ourique*, em que déra um relêvo pasmoso ás inepcias de alguns padres obtusos, julgou-se victima de uma vasta conspiração clerical, contra a qual nem o proprio governo tinha força para o proteger! Resolveu não progredir nos seus estudos historicos, dizendo que lhe haviam quebrado a penna nas mãos. No prologo dos *Opusculos* explica o seu isolamento: «Após largos annos consummidos na vida agitada das lettras, em que o meu baixel mais de uma vez fôra açoutado por violentas tempestades, tinha, emfim, ancorado no porto tranquillo e feliz do silencio e da obscuridade.» Herculano gosava os effeitos theatraes d'esta abdicação em que «o espirito sentia bem a propria decadencia.»

Para Herculano proseguir na *Historia de Portugal* faltava-lhe um ponto de vista; escrever para apurar datas de casamentos, de bullas e rescriptos que regularisavam os interesses de principes, é um mistér bem ingrato. Comprehende-se que, nas luctas politicas da França em que o pas-

[1] *Bibliographia critica*, p. 196. (1873.)

sado reagia pela Restauração contra os principios de 1789 que se expandiam na sociedade moderna, Agostinho Thierry se lance ao estudo da historia como a um campo de batalha, para sustentar que a Democracia de hoje era nascida d'essas classes servas que luctaram contra os barões feudaes. É assim que se acha vida na historia, que se reconstrue o passado. Como é que Herculano podia comprehender a vida politica de um povo atrophiado pelo catholicismo, se elle era um christão fervoroso e poetico? Como julgar a instituição da realeza, que atacou as garantias locaes foraleiras, se elle era sinceramente monarchico? Como apreciar os Municipios, se elle acceitava a centralisação administrativa do constitucionalismo com pequenas restricções? Sem o intuito de um processo, de um inquerito, de um protesto, mesmo, não se faz historia; Herculano tinha só o ponto de vista da veracidade diplomatica, e por isso o tedio que produz essa obra fundamental, que ninguem lê, porque não tem encanto, atacou-o tambem a elle, aborreceu-se do trabalho e abandonou-o. No seu desalento chronico, Herculano chegou tambem a perder as esperanças sobre a marcha progressiva do seculo XIX: «Na minha decadencia intellectual vem-me ás vezes ao espirito a suspeita de que este seculo vae acabar nos braços do *gongorismo scientifico*, como o XVI expirou nos braços do gongorismo das phrases e das imagens.»[1] Os grandes problemas da atomicidade, da equivalencia mechanica do calor, da analyse spectral, da physica sideral, da synthese chimica, da histochimia, da physiologia e pathologia cellular, do transformismo, da evolução organica, da psychologia experimental, a constituição scientifica dos factos sociologicos, na linguistica, nas religiões comparadas, na archeologia pre-historica, na antropologia, ethnologia, na mesologia, elementos con-

[1] Carta a Andrade Ferreira, de 15 de junho de 1872.

crêtos de uma nova sciencia — a Sociologia, toda esta somma de esforços que asseguram ao homem uma nova consciencia, eram para aquelle espirito dirigente os symptomas de *gongorismo scientifico!* A consequencia d'este estado mental foi a impossibilidade de actuar sobre o seu tempo, e de educar uma geração.

Acceitando o ponto de vista, que Herculano tentava escrever uma vasta *Historia de Portugal*, e não uma monographia das *Instituições sociaes da Edade Media portugueza*, as proporções que delineára, e o processo extremamente analytico seguido, não só tornavam a sua realisação incompativel com a acanhada vida de um só homem, como tornavam essa obra gigante absolutamente illegivel, sem acção sobre o espirito e a educação publica, valendo unicamente para ser consultada de um modo parcial e sempre com menos vantagens do que qualquer monographia. «Portugal, como já em outro logar dissémos, é o paiz que mais desconhece a sua historia; d'aqui resulta o abandono da tradição nacional na arte, o despreso pelos seus monumentos, a separação lamentavel entre os escriptores e o povo, a falta de convergencia e de plano na actividade politica dos que exercem a auctoridade, e, o que é mais triste, da parte da nação a incapacidade de julgar as instituições abusivas que atrophiaram a sua energia, e a apathia com que se submetteu sempre a toda a ordem de tropelias da realeza, que ainda em 1847 chamou sobre Portugal uma invasão ou intervenção estrangeira para manter-se na sua pósse dynastica. O maior serviço que se póde fazer a esta nação é recordar-lhe a sua historia; d'ella se derivam todos os estimulos de renovação intellectual, moral e economica; porque os factos do seu passado são bem eloquentes para convencerem de que, pela influencia secular do jesuitismo se atacou mortalmente a manifestação da intelligencia portugueza, pela extincção das *côrtes* se abafou a vida nacional

partindo a orientação da vida publica da devassidão palaciana, e pelo regimen do absolutismo-cesarista dispenderam-se as riquezas nacionaes em faustos e fundações estupidas, em tratados que arruinaram para sempre a nossa industria, e em um systema administrativo das colonias cujo fim era o engrandecimento dos governadores ou fidalgos arruinados, que íam pela rapina official desempenhar as suas casas.

«Pôr em relêvo a historia d'esta pequena nacionalidade, é fornecer-lhe as noções que hão-de determinar os seus actos de transformação e de progresso; os povos não se movem pela vontade dos tribunos, nem os agitadores têm esse pòder fascinador que arrasta as multidões como outr'ora se julgava. Dizia um ministro francez, a proposito dos levantamentos populares, que antes de se procurarem os chefes se procurassem as ideias que sugeriam esse movimento. Se os tribunos têm acção sobre um povo n'uma dada hora, é só porque exprimem com maior clareza a ideia que está na consciencia de todos. É por isso que em um povo apathico e atrasado, como o portuguez, todos os esforços para o seu desenvolvimento serão improficuos em quanto elle não adquirir as ideias que hão de ser o estimulo ou o determinismo da sua propria acção. Para fallar a este povo sem interesses, em grande parte alheio ás conquistas do seu tempo, a lição mais agradavel e persuasiva é a da sua historia; encadeiem-se-lhe os factos e elle comprehenderá a rasão da sua independencia para luctar por ella, perceberá como reduzido a beneficio de uma familia se immobilisou em feudo, e saberá pela expressão da sua soberania fundar um regimen de liberdade politica, e sacudir todas as invasões da esphera civil, simplificar os serviços publicos, e explorar as fontes vivas da sua riqueza.» [1]

[1] *O Positivismo*, vol. II, p. 140.

Este deve ser o criterio do historiador, em quanto á sua acção pratica e emquanto ao intuito philosophico; para conseguir este fim, o historiador tem dois caminhos, segundo as condições em que trabalha, ou emprehender o resumo ou condensação accessivel ao tempo e á intelligencia do vulgo, ou começar as suas investigações partindo dos successos modernos para a antiguidade. Para se fazer um bom resumo é indispensavel uma obra fundamental onde fiquem as provas dos factos com toda a sua amplitude, e essa obra fundamental nunca a tivemos porque as chronicas monasticas e officiaes só consignaram o que convinha ao catholicismo e á monarchia conciliados em explorar os povos peninsulares. Sob o ponto de vista de lição era pela historia moderna que se devia começar, investigando a causa da transformação do regimen absolutista em liberal desde a introducção das ideias francezas ou jacobinismo até á transigencia provisoria do constitucionalismo inglez. Todo esse miseravel reinado de D. João VI, a falsificação do movimento sublime de 1820, o terror miguelino de 1828, a epopêa do cêrco do Porto, a dictadura perpetua atacada em 1836, 1846, 1847 e 1851, prevalecendo sobre a vontade nacional o arbitrio de D. Maria II, que eloquentes factos para darem á nação a resistencia que torna um povo livre e emprehendedor! Estava Herculano em estado de emprehender este trabalho tão proficuo? Possuía todos os elementos concretos; tinha sido testemunha immediata dos successos, conhecia os homens, os caracteres, e sentia as grandes indignações da justiça. Era, acima de tudo, ouvido com adhesão espontanea. Porque não fez esse grande serviço nacional? Porque se deixou amputar pela dependencia; acceitou o favor do paço em 1839, e não tratou de emancipar a sua consciencia d'esse deismo estreito que o fazia considerar a civilisação humana como a formula profana do christianismo. Isto, que não fez á nação, tambem o não fez para si,

consignando as suas Memorias, que seriam de uma immensa luz para a historia do constitucionalismo portuguez. Preferindo refugiar-se no passado mais remoto, ao emprehender a *Historia de Portugal «destinava o encetado trabalho ao estudo de um principe então na sua puericia...»* [1] Significa: «Ad usum Delphini!»

A erudição tambem tem ás vezes a importancia das manifestações do genio, como em Cujacio, em La Curne de Sainte Pelaye, em Muratori, em Jacob Grimm; a educação autodidacta de Herculano encaminhava-o para este ideal. A discussão da *Chronica de D. Sebastião*, de Frei Bernardo da Cruz, a edição da *Chronica de D. João III*, de Frei Luiz de Sousa, a edição do *Roteiro de Vasco da Gama*, e por ultimo o plano dos *Portugaliæ Monumenta historica*, da Academia das Sciencias moldados pela collecção dos *Monumenta Germanica* de Pertz, revelam a capacidade bibliologica de Herculano, e se elle se houvesse limitado ao campo da erudição historica teria sido o mais digno continuador dos trabalhos criticos e paleographicos de João Pedro Ribeiro. Assim teria exercido uma acção profunda sobre a renovação dos estudos historicos em Portugal, e teria educado com a severidade scientifica a geração que o admirou até ao fetichismo.

Havia muito que fazer, e nunca a Herculano faltaram os recursos para a publicidade; n'este campo elle teria exercido a sua actividade até ao fim da vida, e achar-se-ía cercado de discipulos formados na pratica das recensões dos monumentos portuguezes ineditos. O conhecimento da renovação historica da primeira metade d'este seculo tentou-o; seduzido pelas vistas de Agostinho Thyerry, de Guizot, e pelo exemplo de Schaeffer, que escrevera uma bella *Historia de Portugal*, e de Roussew Sainte Hilaire, na *Historia*

[1] *Hist. de Port.*, t. I, 3.ª ed.

de Hespanha, quiz metter em obra as suas Memorias sobre as antigas instituições sociaes portuguezas; quiz tambem ser historiador. Para isto tinha apenas a severidade critica, mas nenhum poder de evocação do passado, nem a aptidão synthetica para relacionar a nacionalidade portugueza com as transformações politicas da peninsula e com o movimento geral europeu. Assim ficou em tudo a meio caminho; os seus trabalhos de erudição, não espantam como os de um Florez ou de um Muratori, e a sua *Historia* pouco se eleva acima de uma monographia, de cujos moldes pretendeu desligar-se. O seu trabalho não influenciou o bastante para educar uma geração, e quando um dia se achou investido inconscientemente de poder espiritual sobre este paiz, não soube exercel-o, porque não tinha uma comprehensão philosophica das necessidades d'este povo, e essa esterilidade de vistas, essa impossibilidade de dirigir os que se lhe entregavam foi tambem uma das causas do seu retraimento, e do ostracismo voluntario a que se condemnou.

Os verdadeiros homens de sciencia, os espiritos superiores conhecem-se pela sua influencia, influencia que se avalia pelo numero e grandeza dos discipulos. Citemos alguns exemplos: João Müller, o creador da Physiologia moderna, tem como discipulos Bischoff, Henle, Nasse, Schwan, Koeliker, Dubois-Reymond, Reichert, Virchow e Haeckel! O grande philologo Boeckh levanta o genio de Ottfried Müller e de Dissen; a superioridade de Savigny faz desenvolver a capacidade extraordinaria de Jacob Grimm e os eminentes Guilherme Grimm, Eickhorn, Dirksen, Hasse, Unterholzner, etc.

Póde-se dizer que um homem influe sobre o seu tempo, quando é um Herder, um Lessing, um Darwin ou um Meyer; mas isolar-se n'uma individualidade theatral, como Herculano, recebendo as bajulações de mediocridades que nem sabiam avaliar o seu methodo historico, é ter sido in-

fecundo. A acção de uma robusta individualidade reflecte-se fatalmente sobre uma geração; o apparecimento dos grandes compositores allemães, Weber, Mayerbeer e Poizl, tiram a sua originalidade da direcção do abbade Vogler, um dos compositores mais originaes da Allemanha. Emfim os exemplos são sem numero. Em volta de Herculano só se agruparam mediocridades, para quem era de uma inesgotavel complacencia; frequentava-o Rebello da Silva, no retiro patriarchal da Ajuda; dedicou-lhe o seu romance historico *Odio velho não cansa*, mas nem por isso deixou de escrever esse vergonhoso livro dos Fastos da Egreja, sem adquirir a severidade do methodo scientifico na historia; com Mendes Leal enganou-se elle tomando os *Homens de Marmore* como original, e julgando-o um genio dramatico, elle que foi em tudo um rhapsodista; emfim, aturava Bulhão Pato, saudando-o pelo insulso poema da *Paquita*, que ousou um dia parodiar o estylo digressivo de Musset e de Byron; até o proprio Silva Tullio, que sem se saber como se elevou a socio de merito da Academia das Sciencias sem ter escripto cousa alguma, se tornou um dos seus mais intimos commensaes, sugerindo-lhe a venda á Academia do manuscripto do Vocabulario de Ramalho. Outros ainda mais obscuros captaram a complacencia do *Mestre*, cujos ditos escreviam em notas e propagavam com uncção, fortificando por meio d'essas legendas da amisade deslumbrada o poder espiritual que elle já possuia. Herculano vivia na lenda, e em todo o Portugal e Brazil era considerado como o limite maximo da capacidade portugueza, como um assombro; as suas obras eram lidas com recolhimento e orgulho. Era uma emoção que se não discutia; quando Herculano morreu estava n'esse estado mental que só se define pela palavra moderna, que exprime uma cousa moderna, *Infallibilidade*.

Em que serviu Herculano a sociedade portugueza, que

tanto precisava de impulso para se reorganisar desde que entrou no regimen do parlamentarismo? Revocou-a ao seu passado, fallou-lhes dos frades, fallou-lhe das resistencias heroicas contra os mouros da fronteira, fallou-lhe do cavalheirismo dos capitães da Africa, emfim inspirou-lhe um patriotismo negativo, que arredava o espirito publico da corrente das ideias modernas. Em vez de proclamar a necessidade do conhecimento da *renovação philosophica* que se operava na Europa em 1832, esterilisou-nos na contemplação de um christianismo pessoal, meio poetico e meio heterodoxo; em vez de provocar o estudo das *sciencias naturaes*, unico meio de fazer progredir e fecundar uma geração, fechou-se em um humanismo romantico com que deslumbrou a mocidade; em vez da acção directa, metteu-se em um systema de despeito pejorativo, e extinguiu a sua capacidade politica tornando-se apaniguado do paço. Chegou a ter o maximo *poder espiritual* sobre a nação portugueza, mas não soube usal-o para dirigir uma epoca. É que esse poder não tinha uma origem racional e organica; esse poder espiritual era o resultado do fetichismo por um homem. Poucos serão os cerebros capazes de resistir a essa aura inebriante da consagração publica; Herculano caiu em uma autolatria inconsciente, que uns chamavam altivez de caracter, e outros o cumulo da vaidade. Todos amaram e respeitaram Herculano, mas ninguem lhe deveu uma ideia. Leiam-se os seus livros, as obras poeticas, litterarias ou historicas; qual a *ideia* que d'aí saiu fecundando o espirito moderno? Nada, debaixo d'essa rhetorica emphatica, mas patriotica; nenhuma noção iniciadora para a consciencia, debaixo d'essa acumulação de factos concretos e de processos polemicos a que elle chamou historia. Ninguem poderia impulsionar mais a evolução da nacionalidade, se é que tivesse a comprehensão do poder espiritual de que se achava investido.

O estacionamento intellectual dá-se tambem nos cerebros os mais disciplinados pela participação scientifica; todos os antigos professores e naturalistas da escola taxonomica de Cuvier são de um desdem intolerante contra a philosophia zoologica, e principalmente contra o transformismo darwiniano. D'onde se vê que é preciso que passe esta geração estacionaria para que as novas theorias entrem na circulação do ensino pratico; por isso Comte e com elle Maudsley entendem que a morte é um factor natural do progresso, pela eliminação d'aquellas individualidades que possuem o maior poder social na edade em que já não avançam. E quando essas individualidades se acham investidas de um immenso poder espiritual sobre a sociedade do seu tempo, e, sem saber usar d'esse poder, condemnam pelo descontentamento da edade as gerações que entram no conflicto da vida, a morte é para elles um bem, porque é a consagração da gloria, e para a sociedade uma causa de progresso, porque cessa de actuar uma força dissolvente. Foi este o caso de Herculano. Só os espiritos dirigidos por uma perfeita educação philosophica, que sabem julgar-se e julgar as condições do meio social, é que podem dizer como Littré, saudando os novos obreiros da philologia em França: «Quando se é velho, e prestes a deixar a carreira, que satisfação em voltarmo-nos para aquelles que vêm, e em prestar bom testemunho á obra dos novos!» [1] Em 1858 escrevia Herculano no prologo das *Lendas e Narrativas*, elogiando a geração dos ultra-romanticos: «E todavia, apesar do immenso talento que se revela nas mais recentes composições, quem sabe se, entre os nomes que despontam apenas nos horisontes litterarios, não virá em breve alguem que offusque os que nos deixaram para nós sómente um bem modesto logar?» Aos quarenta e oito annos de edade,

[1] Préface de la *Gramm. historique de la Langue française*, p. XIX.

Herculano ainda acreditava na possibilidade de se manifestar uma geração mais forte, porque elle mesmo ainda se sentia progressivo; mas os que o cercavam tantas homenagens lhe deram, que o enfraqueceram, enojaram-n'o, e elle envolveu no seu despreso soberano os novos que mais tarde appareceram sem o apoio das correntes officiaes.

A educação fradesca de Alexandre Herculano no Mosteiro das Necessidades, a que allude mais de uma vez, nunca foi modificada por uma reorganisação mental scientifica; era simples humanista, segundo o sentido antigo d'esta palavra; quando passou o periodo da sua actividade litteraria no romance e na erudição historica ficou-lhe um despreso profundo pelas sciencias modernamente constituidas, de que não pôde tomar conhecimento, e uma orientação intellectual no sentido da theologia dos seus primeiros annos claustraes. Para elle a linguagem philosophica era apenas periodos sonoros, e as modernas doutrinas scientificas uma nova fórma de gongorismo; é o que se lê em uma carta: «Ando tão alongado da litteratura actual e está este espirito tão velho, (mais velho ainda que o corpo) que frequentemente me escapa o sentido de muitas cousas que por aí se escrevem, caindo-me a mente cansada e gasta, na singular illusão de não achar senão periodos, aliás sonoros ou moldados pelas fórmulas de uma obscura philosophia.—Na minha decadencia intellectual, vem-me ás vezes ao espirito a suspeita de que este seculo vae acabar nos braços do gongorismo scientifico, como o XVII expirou nos braços do gongorismo das phrases e das imagens.» Isto já não é o estacionamento, é o passado condemnando o presente; é o maior poder espiritual que existiu n'este paiz desauthorando as noveis intelligencias que fallavam em cousas novas, como Prehistoria, Ethnologia, Linguistica ou Glottologia, Mythographia, Symbolismo comparativo e origens poeticas ou Paleontologia sentimental, Esthetica, Mesologia, Demographia,

Sociologia, Realismo na Arte, e outros elementos da profunda renovação scientifica d'este seculo. A geração nova precisava ser fortalecida, já que não podia ser dirigida por Herculano. E o que elle fez, condemnando as tentativas de renovação mental, repetiu-o reprovando o novo criterio politico da Democracia na carta sobre as Conferencias do Casino e no prologo em que precede nos Opusculos a *Voz do Propheta*, declarando com longas demonstrações dos concilios que as questões vitaes do nosso seculo eram o *Immaculatismo* e o *Infallibilismo*. Herculano caíra na primitiva orientação theologica, como se vê; reappareceu esse estado no motivo da composição do livro sobre as *Origens e estabelecimento da Inquisição*, (1854 a 1859) na polemica da *Reacção ultramontana*, (1857) no *Manifesto ao Partido liberal*, (1858) e nos *Estudos sobre o Casamento civil* (1865 e 1866.) Ficou n'esse theologismo, e entre os seus papeis acharam-se como ultimos escriptos *quatro cartas contendo uma extensa discussão sobre assumpto religioso*, e tres capitulos *Sobre a conversão dos Godos ao catholicismo*.

Herculano não se elevou acima da metaphysica christã, e n'este estado de espirito com uma simples noção de critica historica omittira por simples bom senso a relação do milagre de Ourique na *Historia de Portugal*. Foi quanto bastou para que o clero portuguez lhe fizesse uma guerra dos pulpitos e da imprensa reaccionaria, atacando-o como se fosse um Feuerbach. Herculano continuou acreditando na divindade de Jesus, chegou a mandar construir na sua vivenda de Valle de Lobos uma capella; mas apesar de tudo, os seus actos de caridade evangelica e as suas affirmações deistas não obstaram a que algumas obras suas fossem incluidas no Index, e que a imprensa reaccionaria de Hespanha escrevesse isto por occasião da sua morte: «Nós, porque não dizel-o?—quando vemos quebrada pela morte a penna de um impio, louvâmos a misericordia

de Deus, que livra a sociedade de um inimigo, e pedimos ao céo pela alma do desgraçado que mallogrou seus talentos sacrificando-os á revolução.»[1]

Estas palavras têm o grande valor de um facto psychologico, porque demonstram que a moral do christianismo já hoje é inefficaz para dirigir as paixões dos seus adeptos. Na morte de Stuart Mill tambem os catholicos procederam do mesmo modo em Inglaterra, dizendo: «M. J. Stuart Mill, que acaba de prestar as suas contas, teria sido um escriptor inglez notavel, se a consciencia de si proprio, que lhe era innata, junta a uma extrema presumpção, não fizesse d'elle um biltre litterario de primeira ordem. A sua morte não é perda para ninguem, porque era um incredulo, mas um incredulo amavel e um perigosissimo sujeito. Bem depressa estes «luminares do pensamento» que compartilham as suas opiniões se irão encontrar com elle, e isto será bem bom para a Egreja e para o Estado.»[2] São estes os cheiros que escapam involuntariamente da gangrena da hypocrisia, mal acobertados com o almiscar beato e sensual de todas as sacristias. As phrases contra Herculano são acima de tudo uma prova de estupidez; porque Herculano não foi um livre-pensador, nem acompanhou a evolução da ideia revolucionaria depois de 1833; e pela predilecção dos seus estudos canonicos e de historia ecclesiastica, se não entendessemos que o deprimiamos com isso, para melhor dal-o a conhecer chamar-lhe-íamos—um padre da egreja.

Por um capricho de caracter, Herculano quiz ser *abstemio;* a falta de hygiene na vida do campo, aggravou a anemia em que se deixára caír, e nos ultimos annos de Valle

[1] *El Siglo futuro*, de Madrid. Ap. *Diario de Noticias*, de 21 de setembro de 1877.

[2] *D'um Ecclesiastico com vinte e oito annos de exercicio.* (No *Church-Herald* de 14 de maio de 1878.) Spencer na sua *Introducção á Sciencia social*, p. 393 tirou a luz que se encerra n'este facto.

de Lobos soffria por vezes febres sezonaticas, que o enfraqueciam profundamente. Na segunda viagem do imperador do Brazil a Portugal, Herculano entendeu do seu dever ir comprimentar o amigo que lhe offerecera o asylo do seu imperio; [1] desacostumado das etiquetas palacianas arrefeceu durante a espectativa da audiencia e recolheu-se a casa com uma pneumonia dupla. Não tinha o sufficiente vigor para ser tratado, caindo immediatamente na consumpção adynamica; no dia 12 de setembro de 1877, á meia noite, os medicos em conferencia julgaram-n'o irremediavelmente perdido, e no dia 13 aggravou-se progressivamente o seu estado, entrando na agonia ás cinco horas da tarde até ás dez em que succumbiu. Aquelle amor que Herculano revelava nos seus versos, a sympathia pelas plantas, foi a sua ultima preoccupação; sabendo que ia morrer pediu aos que o rodeavam que lhe abrissem a janella para vêr as arvores. A noticia da sua morte causou uma impressão immensa; todas as celebridades do mundo official se dirigiram a Santarem, para irem ao cemiterio da Azoia acompanhar o ultimo despojo do homem que em Portugal foi mais admirado. Durante dias a imprensa jornalistica explorou a emoção, mas nenhum dos admiradores do typo lendario mostrou haver estudado as obras de Herculano; nenhuma voz se levantou explicando o homem com a severidade que compete aos que ficam na historia. Fallou-se em um monumento, abriram-se subscripções, fez-se um silencio em volta do mytho, que se rompeu por alguns signatarios reclamarem o seu dinheiro quando notaram que ficára tudo em nada. Estes factos encerram uma significação profunda, que poremos em relêvo como a conclusão do presente estudo.

Em uma sociedade apathica intellectualmente e economi-

[1] A pedido do imperador consta que Herculano escrevera a sua *Carta sobre a Emigração;* vid. *Opusculos*, t. IV.

camente, como a portugueza, submettida a todas as tropelias de uma realeza parasitica occupada em sophismar as garantias constitucionaes, o ter *poder espiritual* sobre uma sociedade n'estas condições deploraveis é um symptoma claro de mediocridade. É porque essa intelligencia lisongeou de algum modo as forças staticas de conservação que preponderavam na sociedade portugueza; é porque com o seu trabalho não incommodou a apathia mental incutindo-lhe ideias, obrigando-a a pensar, a discutir, a ter opiniões, a estimular-se para a acção. Herculano era *monarchico*, com intimas relações de favor com o paço, e por isso como historiador ao estudar as instituições portuguezas, em vez de procurar n'esse problema das origens os elementos de evolução para as transformações iniciadas pelo regimen liberal, escreveu para uso de um principe, declarando que a nação nada lhe devia porque não fôra para ella a sua obra. Herculano era tambem um *catholico*, com uma erudição de canonistas e santos padres, fallando contra a extincção das ordens monasticas, dizendo que a instrucção só podia alcançar-se á custa de padres instruidos, prognosticando que o futuro da civilisação era a religiosidade, e por isso a analyse historica serviu-lhe para manter a veneração immovel do passado.

Quando se observa nos viajantes e diplomatas estrangeiros o quadro da sociedade portugueza d'esta epoca tão esteril do constitucionalismo, e nos lembrâmos que ella conferiu a Herculano indisputavelmente um absoluto *poder espiritual*, é então que cessa a illusão que perverte a critica, illusão que fazia achar no homem uma superioridade reconhecida unanimemente. A actividade de Herculano examinada com um intuito philosophico leva a deduzir uma conclusão importante ácerca da missão do escriptor: As sociedades humanas compõem-se de forças de conservação, naturaes e instinctivas, as quaes deixadas a si mesmas ten-

dem para uma espontanea immobilidade; todo o homem capaz de ter ideias, fallando, escrevendo, phantasiando, imaginando, inventando, deve ter em vista impulsionar essas forças staticas, tomando-as apenas como factos reaes que modificam as concepções subjectivas. Só assim é que essas forças de conservação se podem aproveitar como bases de ordem; é por isso que o escriptor, o artista, emfim todos os que pensam por si devem ser revolucionarios, como impulsos individuaes contrabalançados pela collectividade estavel. Quem não cumpriu esta missão por instincto proprio, ou quem a não comprehende e põe as suas forças intellectuaes ao serviço do passado, exercendo uma acção improgressiva, só póde ser admirado pelos que estiverem do lado da inconsciencia.

LIVRO III

A. F. DE CASTILHO

(1800—1875)

A superstição do estylo, o culto e admiração pelas pompas rhetoricas são um symptoma terrivel em uma sociedade; ou não existe liberdade intellectual para poder ter ideias, para communical-as, e se exerce a palavra em phrasés sonóras sem sentido, ou realmente domina uma atonia mental, uma incapacidade de formar juizos, e se adoptam opiniões preestabelecidas, sobre tudo aquellas que têm o apoio da auctoridade official. O seculo XVII em Portugal foi o seculo da rhetorica e dos oradores; o seculo XIX, em que o constitucionalismo deu importancia á burguezia pela necessidade das maiorias, serviu-se da antiga rhetorica para envernisar as banalidades que supprissem a falta das ideias. Fez-se estylo nos relatorios, nos artigos de fundo do jornalismo e nas obras de litteratura, e acceitava-se submissamente a opinião apoiada por uma auctoridade official do mundo politico ou litterario. Comprehende-se que o seculo

do gongorismo fosse rhetorico, porque diante das fogueiras da Inquisição, não havendo entre nós liberdade intellectual quando ella se exercia com vigor nas Academias da Europa, a palavra servia unicamente de objecto e fim do discurso, contornava-se, virava-se, porque nada havia a dizer. O talento oratorio gastou-se todo em Sermões, em que o cerebro humano desceu aos maiores contrasensos. A incapacidade da analyse scientifica e da concepção subjectiva conhece-se n'esse falso lyrismo seiscentista, e na predilecção exclusiva dos poemas-chronicas. Esta situação mental, conservada durante todo o seculo XVIII, até ás primeiras communicações com a Europa em 1824 e 1828, persistiu na sociedade portugueza reorganisada pelo constitucionalismo. O vicio palavroso do regimen parlamentar manteve a necessidade da rhetorica na litteratura; ninguem se occupava com as ideias, bastava o estylo para a reputação e futuro de um homem. O exagerado humanismo da Universidade e da instrucção elementar, manteve o habito de dispensar as ideias preferindo os effeitos da palavra. Foi n'este meio que Castilho se tornou um grande escriptor pelo estylo, pela vernaculidade, pelo sabor quinhentista, pelas phrases arredondadas de locuções obsoletas; uma vez reconhecido como auctoridade, facil lhe foi converter-se em pontifice litterario, atacar a liberdade do Romantismo preferindo a convenção arcádica, impôr á burguezia, que precisa ter alguma cousa que admirar, reputações sem fundamento.

A morte de Garrett em 1854, e o silencio systematico de Herculano em 1859, deixaram Castilho em campo como o luminar dos novos; os seus juizos conferiam talento, o vulgo acceitava essas consagrações, e os mediocres cercavam-no, glorificavam-no para alcançarem a vénia, que os dispensava das duras provas da vocação. Achou-se assim fundada uma pedantocracia, a que se deu o nome de *Elo-*

gio mutuo. As primeiras ideias que circularam perturbando este éden da idiotia pareceram um attentado; Castilho transigiu com o Romantismo traduzindo Goethe e Shakespeare, mas já era tarde, a critica scientifica apeou-o. Entrava-se em um outro regimen mental, em que ponderava a sciencia e a philosophia, fócos de ideias que collocaram os novos em dissidencia com um passado que se prolongára muito além do seu momento historico.

§ I. (De 1800 a 1834.) — Nascimento e lendas da infancia de Castilho. — Influencia do accidente desgraçado da cegueira sobre o seu talento e caracter. — A piedosa confraternidade de Augusto Frederico de Castilho. — Primeiros estudos; a poesia abafada pela rhetorica; persistencia da tradição arcádica nos seus ensaios. — A acclamação de D. João VI em 1817, assumpto do seu primeiro poema. — Castilho maldiz os principios da liberdade e da egualdade. — Em 1820 celebra no Outeiro da Sala dos Capellos em Coimbra a conquista da soberania nacional. — Em 1824 exalta nos mesmos Outeiros poeticos a restauração do absolutismo. — Retiro no priorado de S. Mamede da Castanheira do Vouga desde 1826 até 1834. — Influencia do poemeto de *Ecco e Narciso* na sua vida.

Quasi todos os agiographos encetam a vida dos santos dando-lhes sempre paes honrados, em quem a propensão da virtude se ía sublimando até á predestinação dos filhos. O mesmo se deu com Antonio Feliciano de Castilho, segundo o intuito da sua laboriosa genealogia appensada á versão do drama *Camões;* veiu á luz com o despontar do seculo, nascendo em Lisboa, a 26 de janeiro de 1800, do Dr. José Feliciano de Castilho, lente da faculdade de medicina e principal redactor do *Jornal de Coimbra*, e de sua mulher D. Domicilia Maxima de Castilho. O seculo surgiu impulsionado por novas doutrinas politicas, e pela constituição de novas sciencias, que tendiam a fazer terminar o regimen revolucionario; mas esses dois poderes que se dissolviam, o catholicismo e a monarchia, que se achavam sem destino em a nova era scientifica e industrial, perturbaram com medonhas reacções a evolução da Europa, e a monarchia entrou na renovação das grandes guerras, e o catholicismo n'essa colligação obscurantista que desceu até ao absurdo da infallibilidade. Amedrontado pelo ecco das luctas sociaes, Castilho não querendo comprehender o seculo nas suas fluctuações de principios e de crenças, adheriu ao lado statico

das instituições, cantou a monarchia absoluta, retirou-se de corpo e alma para a admiração dos exemplares antigos cuja predilecção adquirira nos seus primeiros estudos, e preferiu sempre a imitação á invenção. A sua infancia está ornada com as doces lendas domesticas; ora se conta a sua fraqueza valetudinaria, já a precocidade da sua retentiva, tradições sempre coloridas e animadas pelo suavissimo espirito de familia, e que exerceram uma grande acção na fórma d'aquella individualidade.[1] Eis um precioso dado autobiographico: «Encetava eu a carreira do estudo, e tão menino, tão menino, que o ouvirem-me já lêr e verem-me formar caracteres, era (nunca a minha vaidade o esqueceu) um thema de admirações e de felizes prognosticos para os parentes e amigos da familia.»[2]

A reputação de Castilho foi um producto d'essas lendas domesticas propagadas por seus irmãos; na supposta biographia hespanhola de Cadiz exalta-se o talento de Castilho para as Mathematicas, apaixonando-se pelo geometria, apesar de cego. Comparam-n'o ao genio extraordinario de Samderson, retratado por Diderot, e a Salinas, tambem cegos. Nas *Excavações poeticas* produz-se um testemunho de Joaquim Machado de Castro em que o insigne esculptor da Estatua equestre fica tão assombrado com os talentos do menino cego para a esculptura, que escreve uma jaculatoria a pedir a Deus pela sua saude, e á nação para que aproveite aquelle prodigio. Embalado nos frócos da lenda onde Castilho viveu comparado tambem a Homero e a Milton, quando saiu

1 «Adquirida uma certa aura de reputação pelas insinuações lisongeiras que os proprios membros da familia lhe dispensavam pela imprensa, adquirida com facilidade e sem critica por parecer desacato a extranhos o quebrar-se o perstigio de uma adoração cega e inconsciente cimentada por affeições domesticas, a familia Castilho assegurou-se em breve da solidez e fortaleza das bases, em que ella poderia assentar o edificio de uma escola litteraria inteiramente sua.» Graça Barreto, *A questão do Fausto*, p. 67.

2 Castilho, na *Chave do Enigma*, p. 204 do *Amor e Melancholia.*

d'ella para ser analysado pela critica desprevenida só deixou a nú uma inconsciente mediocridade. O que Castilho seria sem as lendas fraternas podemos descobril-o pelo typo de um outro poeta tambem cego, natural do Porto, e quasi octogenario Antonio Joaquim de Mesquita e Mello. No seu poema em oitava rima *O Porto invadido e libertado*, diz Mesquita e Mello: «O auctor teve a desgraça de cegar quando contava apenas um anno de edade, e na de dezenove annos em que agora se acha, (1815) soffre ainda aquella triste sorte.» Mesquita e Mello vivia improvisando em saráos familiares e morreu desconhecido depois de 1875; se tivesse irmãos que o proclamassem genio seria um segundo Castilho. [1]

Os primeiros annos do poeta correram esquecidos na amenidade campestre, distraído á sombra das arvores de uma quinta dos arredores de Lisboa (Lumiar); ali disfructou a saudavel liberdade e soltura da meninice, convalescendo em folguedos innocentes. É certo porém que estes campos áridos, que se pulverisam com as ventanias constantes de julho e agosto, esta pobresa de seiva, esta devastação systematica do saloio que esgota a terra não lhe consentindo um pêlo de verdura, contribuiram bastante para lhe darem uma ideia mesquinha da natureza, quando por uma calamidade lamentavel veiu a perder uma das suas mais immediatas relações com ella.

Em uma nota ao Epicedio á morte de D. Maria I em 1816, lê-se: «O auctor caiu por uma grande escada, tendo um anno de edade; padeceu de vermes muito, e alguns annos teve tosse convulsiva pela edade de quatro annos, que lhe durou muito, e á força da qual deitou grande quantidade de sangue pela bocca.» Os cuidados assiduos de uma tão atribulada infancia, nas crises perigosas que atravessou,

[1] Castilho cita em um dos seus livros este metrificador.

os carinhos e condescendencias para com uma criancinha doente, as vontades adivinhadas, os caprichos satisfeitos, fizeram-n'o impertinente, acintoso, qualidades que mais tarde se desenvolveram por causa de uma fatalidade, a *cegueira*. É impossivel poder julgar com inteira justiça o merito litterario de Castilho, comprehender a sua individualidade e dar a rasão dos seus defeitos, sem considerar a influencia d'este accidente pathologico que modifica profundamente a natureza moral.

Na alludida nota do Epicedio de 1816 se lê: «Na edade de seis annos teve sarampão, que começando a sair se lhe recolheu. Começaram então chagas grandes mui doridas por todo o corpo; incharam-lhe as capellas superiores dos olhos, e ganharam volume maior que um ovo de pomba, e dureza de pedra: em todo o tempo esteve cego havendo tal aperto das capellas sobre os bugalhos dos olhos, que pelo espaço de dois annos não foi possivel descobrir um unico ponto d'estes, sabendo apenas se era dia ou noite; mas conservando-se sempre ás escuras, porque a luz lhe fazia dôres horrorosas. Passados os dois annos, a beneficio de banhos de mar, começou a melhorar de quasi todos os incommodos, e começaram a desinchar as capellas dos olhos; restou-lhe porém até hoje, dezeseis annos de edade, e terá sempre alguma adherencia da palpebra ao globo no olho direito, de que está absolutamente cego, cicatrizes e opacidade no olho esquerdo, por onde distingue apenas vultos e côres, mas não objectos mais pequenos, nem lettras. N'este máo estado o auctor tem em seus irmãos, que se applicam egualmente que elle, quem lhe leia; e tem esperança de continuar na vida de lettras a que seus paes o dedicam.» A publicação do Epicedio, como se vê pela nota extractada, foi para chamar a attenção sobre o pequeno prodigio, de quem se dizia que aos sete annos compuzera um poemasinho sobre as *Flôres*, e que fôra educado por

uma mestra D. Escholastica, e brincára com uma primita da mesma edade. Cegou em uma edade em que elle mesmo nem sabia o que perdia. É este o momento mais poetico da sua vida! Quem não hade protegel-o, amparal-o, estender-lhe a mão, dar-lhe as fallas mais meigas, abrir-lhe o seio, a alma, quando a fatalidade lhe cerrou a porta para todas as alegrias. Criança e cego! faz lembrar aquella dolorida e sentidissima lenda allemã da filha de um rei, cega de nascença, e que não sabia que o era; todos lhe occultavam essa infelicidade. Um dia foi o seu noivo que lhe descobriu o segredo e a infeliz princeza morreu de melancholia. Assim estava aquella pobre alma no meio de tantas caricias e meiguicés da familia, e assim viveu não conhecendo a profundidade da catastrophe, até que distracções mais intensas, paixões de si vãs, como a pretenção litteraria, o absorveram completamente e lhe povoaram a obscuridade. Aqui temos o primeiro motivo do litterato; o tempo desenvolveu a pericia, a acuidade de outros sentidos deu-lhe a harmonia quasi sempre irreprehensivel dos seus versos; a imaginação que reconstitue as cousas e que procura adivinhar as intenções ensinou-lhe essa prosa digressiva e cheia de incidentes, sem ideias, mas agradavel. A situação excepcional do seu espirito não lhe deixou ter um plano, e manteve-o além do termo natural em uma prolongada *puerilidade*. D'este modo ficou sempre criança, e é este o caracteristico por onde se determinam todas as suas bellezas e defeitos. A graça, a frescura, a promptidão, uma brandura que parece ingenuidade, mesmo os impetos indomaveis da indignação, o animo reservado e rancoroso, não foram mais do que as qualidades peculiares dos tempos infantis fixadas no homem pela situação já descripta.

No Elogio historico de seu irmão Augusto Frederico de Castilho, escreve o poeta estas linhas autobiographicas: «Uma enfermidade cruel me havia ferido e derribado: eu

pendia mais de meio para a sepultura. O meu setimo anno parecia não dever completar-se: as lagrimas maternas e muitas outras caíam abundantes sobre mim; e uma pobre criancinha, que só por instincto podia adivinhar o que era ser irmão, o que era ser amigo, e o que fosse morrer, não só chorava como os outros (contam-n'o quantos admiraram aquella criança sublime) mas cercava-me de affagos, de caricias, de disvellos quasi maternos, renunciava os seus passatempos para estar commigo;... Emfim, passou a morte, e eu levantei, como que já de dentro da sepultura, esta cabeça fadada a muitos mais longos infortunios; levantei-a, mas lá dentro tinha-me ficado a melhor parte d'ella: os meus olhos se voltaram para o céo e não n'o viram; os braços de meu irmão me apertaram e eu não vi meu irmão!» [1] Sobre esta dedicação sympathica, tão frequente entre irmãos, disserta Castilho retratando Augusto Frederico, e contando os seus mutuos estudos litterarios: «Dois annos contava eu apenas na vida, quando junto de mim, e mais para mim do que para todo o mundo, nasceu a meus paes o seu quarto filho. Desde essa hora até á ultima da sua existencia terrestre, eu fui o seu companheiro inseparavel...» [2] «os dois annos que eu demais contava tinham de pôr forçosamente no principio uma differença de alcance entre as nossas comprehensões. Nas primeiras disciplinas elle foi o meu livro, eu o seu mestre; o latim, a eloquencia, a poetica, a philosophia racional e moral, e as linguas, assim entre nós as aprendêmos sob a direcção de mestres abalisados...» [3] «O trato assiduo das chamadas humanidades, o commum das nossas occupações e passatempos, e a confraternidade ou identidade dos nossos gostos, para logo fizeram desapparecer d'entre nós toda a differença de an-

[1] *Mem. do Conservatorio*, p. 38.
[2] *Ibid.*, p. 37.
[3] *Ibid.*, p. 39.

nos;... Entrados no mesmo dia e hora alumnos ás escolas de Direito da Universidade de Coimbra, que tinhamos de cursar inseparaveis até o fim, sentimos a forçosa necessidade de dar de mão ás amenidades litterarias tão do nosso uso e natureza.»[1] Depois da formatura em canones Augusto Frederico foi despachado prior de S. Mamede da Castanheira do Vouga, e Castilho acompanhou-o, vivendo com elle n'esse retiro durante oito annos, até ao triumpho da causa liberal.

Castilho deu-nos a chave do seu caracter desconfiado e malicioso; elle não ouvia sómente a linguagem das palavras, interpretava tambem as *intonações*, e d'aqui instinctivas más vontades, e o habito constante de uma ironia, que se tornou como habitual, uma especie de perfidia. Diz elle: «A voz humana, não é sómente, como ao vulgo parece, uma interprete dos pensamentos; ella o é principalmente das affeições e movimentos inarticulados do nosso animo; as palavras não são, porque assim o digâmos, senão o corpo da phrase, e os gestos o seu trage; mas o calor e a alma do discurso é o tom que o acompanha, e alguma outra cousa ainda mais subtil, mais indefinivel e mais sem nome que o repassa. Para comprehender bem a fundo esta verdade, é mister haver feito por necessidade e por espaço de tão largos annos, como eu, um não interrompido nem distraido estudo sobre a expressão fallada. Aquelles a quem sua desgraça houver iniciado n'esta sciencia, adivinharão muitas virtudes e não menos vicios, muitas excellencias e não menos vilanias pelo méro som e modulação da voz humana; para os habituados a vêr pelos ouvidos, difficilmente se achará cortezão ou comediante, que, por mais que estude dissimulações, lhe possa dar trocados ou falsificados os sentimentos, que lh'os elle não conheça; permitti-me pois a triste

[1] *Mem. do Conservatorio*, p. 40.

vaidade de me julgar n'esta materia bom juiz...»[1] É importantissimo este facto psychologico; referindo-nos á *cegueira* de Castilho nunca tivemos outro intuito a não ser a deducção das modificações que este facto exerce nas fórmas da intellectualidade. É pasmosa a intuição como Castilho descreve essa outra linguagem de que a palavra é o corpo material; a sciencia moderna da philologia descobriu que antes da linguagem fallada, ou da *palavra*, existiu o periodo da *intonação*, e o periodo da gesticulação, progredindo-se evolutivamente de um para o outro. As naturezas que reunem estas tres linguagens possuem o dom da eloquencia. Castilho era eloquente não pela espontaneidade mas pela precisão e correcção descriptiva; o poder de comprehender as multimodas *intonações* da palavra, dava-lhe ao criterio uma tendencia pejorativa, uma desconfiança, que revelava em ditos profundamente sarcasticos. Na sua mocidade compararam-n'o ao celebre cego inglez Samderson, cuja biographia psychologica foi escripta admiravelmente por Diderot; as exigencias da vaidade foram-n'o identificando a Homero e a Milton. Com a repetição d'estas cousas tomou-as como uma realidade effectiva.

Começou por comprehender a litteratura como uma nobre ociosidade, que dava communhão e convivencia com os espiritos elevados; bastava-lhe constancia e pachorra para fazer o mesmo que todos os que tinham poetado. Só um grande habito ou uma espontaneidade fervente póde emancipar a imaginação da mechanica aborrecivel da metrificação. Castilho começou por fazer versos muito harmoniosos; continuavam a toada bocagiana, e o que estes tinham de fluencia, os outros disputaram em esmero de correcção; os adjectivos serviam para colorir e fechar o endecasyllabo, e tapar os vãos deixados pela deficiencia do pensamento.

[1] *Mem. do Conservatorio*, p. 39.

Conversava-se sobre a habilidade da criança, *ad sodales*, louvava-se, applaudia-se; os encomios foram-n'o soprando em ambições. Muitas vezes as desgraças que assignalam os genios, deslumbram a imaginação dos que se acham feridos pela sorte, e consolam-os assim persuadindo-os que são tambem eleitos, e columnas de fogo no deserto da vida. O genio é a falta de consciencia das forças que se agitam dentro do individuo, e ao mesmo tempo a afflicção d'essa lucta, que a humanidade admira em creações eternas; é um aleijão que opprime o que o traz, e a que nós fazemos a apotheose, que invejâmos sem saber que fogo lento géra essa febre de inspiração, essa hallucinação de luz que o faz vêr em todos os tempos, em todos os logares, com uma intuição prophetica, que assombra; o genio é como uma harpa eólia, através da qual perpassam as ondas sonoras das gerações, que a vão ferindo e desferindo para ouvirem o canto das suas tristezas, dos seus desejos, dos seus sentimentos.

Estes são almas de excepção e não nascem em qualquer presepe, nem vem ao mundo pelo acaso de uma noite lubrica; apparecem quando as circumstancias os evocam, para virem dar fórma e impulso ao tempo que precisa renovar-se. Castilho não teve o horoscopo do genio, nem o decurso da sua vida lhe deu essa transfiguração sublime. Por si, elle nunca se esqueceu de se fazer passar por isso, provocando os seus amigos para que o proclamassem principe dos poetas contemporaneos.

O talento é o poder realisador, a consciencia das fórmas; qualquer, pelo habito machinal póde chegar a dominal-as, tornar-se independente d'essa attenção que attenúa as faculdades inventivas. Aqui a habilidade chega a fazer-se admirar. É sobre estes dados psychologicos que se foi formando o talento de Castilho.

Eil-o nos estudos da boa latinidade, recebendo o pó sa-

cudido da cabelleira do supersticioso cultor que se extasia ante as bellezas dos exemplares que vae descobrindo ás noveis intelligencias.

A continuidade de repetir os mesmos trechos, a certas horas do dia, com minucias de etymologista, torna a admiração habitual, sem carecer de fundamento, dá-lhe uma intolerancia fanatica, que distingue todos os mestres de latim. O seu mestre José Peixoto ensinava e brandia a férula nos Geraes, especie de Lyceu que havia ao Cunhal das Bollas, na rua da Rosa. (Outubro de 1810 a 1815.)

Latino Coelho no seu panegyrico de Castilho retrata este importante personagem, que tanta influencia teve sobre o talento do traductor de Ovidio. A unica apreciação consistia em desentranhar das palavras sentidos que o auctor nunca tivera; era uma casuistica da arte, em que se gastava muito engenho, e mais nada. Isto se chamava a educação classica; entendia-se que o privilegio do latim dava direito a ignorar tudo o mais; era elle que fornecia todo o apparato de citações, e que fazia retumbar as salas das academias. Esta era a sciencia que não compromettia, que não precisava de *censura*. A corrente das ideias que abrilhantam o seculo XVIII acha-se anathematisada entre nós em todos os escriptores contemporaneos d'ellas. Para comprehendel-as, era indispensavel pensar, e as intelligencias do Meio Dia, principalmente na peninsula, são morosas, e conservam a tradição do *quietismo* religioso. Da leitura dos escriptores da pura antiguidade formaram-se os gordos commentarios que abafavam os textos, os scholios, as controversias, as notas, os argumentos, e de tudo isto saíu uma sciencia formal chamada *Rhetorica*.

Sciencia dos Quintilianos declamadores, firmava-se em bases convencionaes, com as quaes se graduava a intensidade das emoções, dos transportes, como quem dá a um registo, ou possue uma valvula de segurança! Era esta

uma parte da educação liberal, trazida do *quadrivium* da edade media para as academias do seculo XVIII.

O espirito classico, que impoz na lucta da edade media o latim ao uso das linguas nacionaes, triumphou em Portugal.

Castilho foi frequentar, como diz o seu panegyrista: «Nos geraes do Bairro Alto a *Rhetorica* com Maximiano Pedro de Araujo Ribeiro, que ali a professava, com tanto esplendor e eloquencia, quanta é possivel em mestres de oratoria, quasi sempre opulentos de exemplares, pobrissimos de engenho e invenção. Era Maximiano um cultor apaixonado do velho Quintiliano, bom humanísta, e achacado da enfermidade de fazer versos, ora originaes, ora versões de escriptores da antiguidade. Traduziu Persio e Juvenal. Calculava rhetoricamente os seus enthusiasmos em odes pindáricas, de que ficou pouca memoria. Escrevia comedias de propria lavra, de que não resta hoje recordação no theatro nacional. Era Castilho o seu discipulo amado, como aquelle em quem reluziam visiveis mais lumes de poesia. A Castilho tomava por confidente dos seus desafogos metricos, e a elle elegia por auditorio o Pindaro ephemero do Cunhal das Bollas. Tinha por Cicero um amor que raiava em adoração. Ás bellezas nativas, que um simples mortal hade achar desprevenido nos discursos do celeberrimo orador, juntava Maximiano perfeições, que elle proprio esquadrinhava, calumniando de sublime as expressões mais triviaes e familiares que o orador escrevia sem pretenção. A estes tempos de vida litteraria pertencem os primeiros versos portuguezes de Castilho.»

É chistoso este retrato escapado da penna do habil estyllista Latino Coelho.

N'estes ditosos tempos matavam-se as horas compondo epistolas sobre a amisade, aos annos felizes dos conhecidos, odes genethliacas no nascimento dos principes; não havia desembargador que não poetasse, não havia chinó

tão bem ajustado debaixo do qual se não fosse aninhar um soneto. Os versos eram bem medidos, bem esteiados e engommados com epithetos, havia admirações de transportes, emfim a *turba vatum* ia nas pégadas de Horacio como os bons carneiros de Panurgio. Castilho seguiu o movimento; elle mesmo na *Primavera* descreve-nos a amisade e admiração que tributava ao sabio Antonio Ribeiro dos Santos, mais conhecido pelo nome arcadico de Elpino Duriense. Foi levado na torrente, por falta de individualidade; é uma primeira consequencia do seu caracter de infancia; não teve força para resistir, não alcançava mundo fóra das estreitas paredes da Rhetorica, do mesmo modo que as crianças limitam o universo ao quintal da casa em que nasceram. A dependencia continua em que tambem a desgraça o collocára, a necessidade incessante de uma mão que o guiasse, tiraram-lhe a energia da virilidade; como carècia de amparo quando seguia, não concebia como o espirito podesse progredir sem a tutella da auctoridade; curvou-se a ella, reconheceu-a, foi com os mestres.[1]

Viu na poesia o que todos os demais viram, um brinquedo infantil, como torres de cartas; não era a expressão profunda e séria das paixões humanas, mas um meio de entreter os intervallos das palestras familiares, do mesmo modo que as charadas e adivinhações.

Os poetas não sabiam o que era a dignidade do pensamento; empenhavam todo o seu esforço em cantar os grandes á sombra dos quaes iam vivendo; este defeito macúla as melhores composições de Diniz, Quita, Garção, Dias Gomes, e Filinto; tornaram insensivelmente a poesia uma cousa official, cerimoniosa, das festas da côrte; isto se vê nos volumes das composições dos socios da *Academia dos Obsequiosos do logar de Sacavem.*

[1] Vid. *Primavera.*

Castilho, como criança, foi embalado na dôce illusão da origem divina da realeza; cantou-a com toda a ingenuidade da sua alma; na morte de D. Maria I concorreu, com todos os poetas, com o seu *Epicedio* chorado e miserado.[1] Quando cantou, depois do *le roi est mort*, o *vive le roi* no poema extenso á coroação de D. João VI, não se esquece de lembrar que já cantou ou carpiu a defunta rainha na sua urna cineraria. Era um serviço lembrado á magnanimidade do rei.

Reinava n'este tempo tambem despoticamente o petulante padre José Agostinho de Macedo; fundára á maneira de Adisson, um *Espectador portuguez* para fustigar os que se rebellavam contra a sua theocracia. Representava entre nós a litteratura franceza do seculo XVIII; tragedias racinianas, odes á Rousseau, poemas didacticos á imitação do insonso Delille, voltairiano orthodoxo, o atrevido padre affectava em tudo uma erudição de encyclopedista. Lêra no *Ensaio sobre os Epicos*, de Voltaire, dois desacertos sobre Camões, e tratou de os repetir em Portugal. Levantou-se a polemica com Pato Moniz. Pela defeza do poeta nacional, vê-se que nenhum lado o comprehendia; era preciso que surgissem Humboldt, Schlegell e Quinet, para nol-o apresentarem como a epopêa unica que acompanha o movimento da Europa moderna na Renascença. José Agostinho de Macedo era tão vingativo como orgulhoso; atacava em tudo e por tudo o pobre Pato Moniz; procurou aviltal-o demonstrando que o seu *Epicedio* á morte de D. Maria I era inferior ao de uma criança; Castilho não comprehendeu o fim para que o elevavam comparando-o a Pic de la Mirandola, a Tasso e a Pascal; não sabia que o atiravam á cara de um bom homem. Assim começaram os seus primeiros creditos, e póde-se dizer que conservou na litteratura por-

[1] No *Jornal de Coimbra*, n.º I, P. 2.ª 1816.

tugueza esse espirito de reacção acobertado com um classicismo doutrinario e impertinente, que José Agostinho de Macedo sustentára nos sermões e nos libellos politicos. Se as individualidades se continuam na historia, o auctor da *Besta esfolada* e das analyses dos *Lusiadas* transmittiu o seu espirito ao auctor da *Tosquia de um camello* e da *Preambular* do poema *D. Jayme.*

Nunca a lyra desceu tão baixo na mão dos poetas cesareos, como no poema em tres cantos: *Á faustissima acclamação de sua magestade fidelissima o sr. D. João VI, ao throno: Poema dedicado ao mesmo senhor por seu auctor Antonio Feliciano de Castilho.* [1] A bajulação chega tambem a enfadar os mesmos que procura engrandecer, quando desce abaixo de um pudor conveniente. Só uma falsa ideia do sentimento e da poesia, e uma errada comprehensão dos modelos antigos, podia delinear assim um edificio composto de tres pilhas de seiscentos e sessenta e tres versos, setecentos e sessenta e seis, e mais seiscentos e cincoenta e tres com outros cincoenta versos da dedicatoria, ao todo, mil setecentos e trinta e dois versos para cantar o mais supinamente alvar de todos os heroes, D. João VI.

O proprio panegyrista Latino Coelho, não póde deixar passar esta noticia sem uns laivos maliciosos de verdade: «Mas D. João VI era o rei mais bondosamente prosaico, de quantos se têm assentado no throno portuguez. Mediocre na prosperidade, e mediocre ainda no infortunio, nem admirava pelas suas acções, nem interessava pelas suas desventuras. A sua côrte podia ser uma comedia de intriga, mas repellia infelizmente para a nação todas as ambições da tragedia purpurada. Um rei, que reina antes de o ser, embarca ao estrépito dos francezes, que indireita para o Brazil, escoltado pelos seus cortezes alliados, que se acclima

[1] *Jornal de Coimbra* de 1817, vol. XI, n.º 59; parte II.

á sombra dos coqueiros, que desconhece com um cosmopolitismo verdadeiramente assustador o menor assomo de nostalgia, que prosegue em se deliciar no Rio, como d'antes na pavorosa Mafra, com a melodia soturna do cantochão; que depois ouvindo rugir ao longe o tigre popular, reparte o seu animo entre condescendencia e terrores, que acceita as bases da Constituição, com a sinceridade de um Manuel Borges, e depois com monachal sinceridade as anulla sem azedume e sem pezar; um rei que a si decreta a corôa de imperador, e pede, nos seus receios dynasticos, a toga de presidente da republica; um rei assim é um exemplo seguro para moralistas, mas é o pessimo dos assumptos para poetas. É a burguezia coroada com todos os accidentes afortunados ou adversos da sua despoetisada condição.» [1]

Eis o digno ideal para o interprete da dôr pungente e da acerba magoa que rasgou o peito da infeliz Lysia, quando viu Maria excelsa, o esplendor das Musas, tornada cinzas funereas. Tal é o espirito d'essa poesia.

Este poema á coroação do monarcha é um mixto de allegorias mythologicas, ainda abaixo das pinturas das salas da Ajuda que representam D. João VI levado pelos tritões dentro de uma concha. [2]

Segundo a Lyra de Castilho o magnanimo João só devia suster as rédeas do Imperio Universal; é por isso que não lhe póde negar seu canto; um canto sublimado ao Grande, ao Augusto Heroe, ao Pae da Patria, ainda não disse tudo, ao Nume d'ella. Quer remontar-se *ab jove principium*, não

[1] *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil*, vol. II, p. 178, (1860).

[2] «*Jean VI sur une coquille.*—Tel est le sujet d'une peinture qui se voit dans la sale d'audience, qui représente le retour de ce souverain du Brésil en 1821. Le roi se tient debout sur une conque, et il est acompagné de sa nombreuse famille. On ne peut rien voir de plus ridicule. C'est Foschini qui s'est rendu coupable de ce crime de lèse-majesté.» Raczynski, *Les Artes en Portugal*, p. 268.

sabe d'onde começará a dar principio ao canto. A mente limitada de mortal, o engenho da especie humana não poderão tecer todos os louvores, porque a natureza não dá cem boccas, nem um cento de linguas, nem uma voz de ferro, que egualem o assumpto.[1]

Isto faz lembrar o canto de Vidigal no poema do *Hyssope*, quando, depois de escarrar e pôr os olhos em alva, começou a beliscar na pansa da bandurra, para exaltar até aos astros a camara municipal de Elvas por mandar deitar quatro gatos de ferro em um sino rachado. Se alguma vez Castilho se mostrou um genio foi n'este poema, em que inconscientemente se eleva ao mais alto comico.

O poema vae-se desdobrando em myriades de versos, requebrados, campanudos, cuja harmonia é dada por aquella inspiração que o poeta Waller descobriu quando cantou a morte de Cromwell, e a elevação ao throno de Carlos II.

O nascimento do monarcha é brilhante de despejo: viu a luz primeira no suave maio, quando a esposa de Titão saiu mais bella derramando orvalho no carro d'ouro; n'esse dia Lampso soberbo e Phaetonte ufano, surgiram com garbo novo do Oriente, e foram assim pisando o Esquadrão dos astros com mais vaidade; até as Pleyadas refulgentes se adornaram com novos resplendores, e Scylla e Charybides

[1] Dos vassallos o bem, o bem da Patria;
Se a Patria exulta; se largando o luto
No throno assenta dos Avós herdado
Magnanimo João, que só devia
Do Imperio Universal suster as rédeas,
Não podéra eu tambem negar meu canto
Ao grande, Augusto Heroe, ao Pae da Patria,
E mais que ao Pae da Patria, ao Nume d'ella.
CANT. I, V. 70, etc.

A mente do mortal, o engenho humano
De todos o louvor jámais tecêra:
Cem boccas, linguas cento, e voz de ferro
Natureza não dá, que o assumpto egualem.
V. 87.

deram treguas ao mar, na montanha de Encelado cessaram as labaredas; parecia que mostrava ao mundo uma universal primavera. No averno pararam os supplicios, e as filhas da Noite nos rios infernaes tinham suspendido os horridos flagellos. Esquecia dizer que o Fado sobre o molle berço bafejou-o ao cingir a fronte com frondosos nardos, para que a inveja não podesse escurecer o briho e a gloria das futuras acções.

As Graças tomaram-n'o em seus braços e o nutriram aos seus niveos peitos, e no puro leite d'ellas bebeu os nobres sentimentos, dos quaes bem que do fecundo germen brotam mil feitos immortaes, que servem de honra á patria e de brazão e de esmalte ao Throno.[1] O poema vae todo martellado n'este diapsão.

> Nasceste Grande já: Teus Altos Feitos
> Fizeram-te maior: a Gloria herdada
> D'outra gloria immortal cobrir soubeste.
> v. 104.

> Ao mundo ostentas piedade augusta,
> Sagaz prudencia, rectidão, justiça,
> Um genio liberal, affavel, brando
> Da santa paz o amor, da guerra o odio.
> v. 121.

Egual a Castilho n'esta idealisação de D. João VI só encontramos o metrificador portuense João Evangelista de Moraes Sarmento (1773–1826) do qual transcrevemos para aqui alguns versos como termo de comparação:

> Teu nome, João Sexto, só teu nome
> Na bocca de um dos lusos resoando
> Basta a accender d'amor Vesuvio intenso.
> A ideia de quem és sópra em nós outros,
> Faisca que electrisa os seios d'alma,
> Que o sangue em ondas faz revêr nas faces,
> Que escalda a mente, e que alvorota os pulsos,
> Para affrontar por ti mil mortes juntas.
> A ideia de quem és, mais alta sempre
> Ao Globo, que a teus pés, teu mundo roda,
> É eixo d'ouro, eixo inconcusso, eterno.
> (*Poesias*, p. 130.)

[1] Canto I. v. 129 até 170.

A falsidade do ideal disputa competencia com aquella Deosa que lhe appareceu n'um extasis sublime sustendo na dextra um brilhante facho similhante ao da Tocha Oriental «a formosa e candida Verdade,» que o fôrça para que surja, brade e rompa o silencio, e levante nas azas do louvor os Grandes Feitos do Monarcha Excelso.[1] Isto parece uma caricatura grotesca em vez de um encomio para apregoar os feitos de D. João VI, que não passou de escavar rapé n'um dos bolsos do collete, e desentranhar frangãos assados das algibeiras do casaco. A leitura d'este poema faz-nos lembrar uma estampa do frontispicio das grossas edições da *Academia da Historia portugueza*, ou os frescos estupidos que estão nas salas do palacio da Ajuda.

N'este tempo a poesia descera ao mister de pregão mercenario, pedia-se esmola em verso; isto vemos nos sonetos de Garção, nas satyras de Tolentino. Sobre este ponto diz o testemunho insuspeito de Latino Coelho: «Quando o poeta canta o povo, como Beranger, recebe a moeda do povo, a gloria; quando se lembrava outr'ora de cantar os reis, á similhança de Boileau, conseguia a magra pensão do poeta cesareo. Castilho recebeu uma rendosa mercê em paga da sua oblata.»[2] D. João VI remunerou burguezmente aquella inspiração burgueza que o fazia seu Nume, e despachou o poeta para o logar de escrivão, com a renda annual e vitalicia de quatro mil cruzados. Estes factos definem o artista, caracterisam a sua feição.[3]

[1] Dedicatoria do poema, v. 2, 5, 20.
[2] *Revista* citada, p. 179.
[3] Decreto da mercê:
«Por effeito da minha real munificencia, com attenção ao distincto talento que tem manifestado Antonio Feliciano de Castilho, e á grande applicação com que se dedica ao estudo das sciencias na Universidnde de Coimbra; Hei por bem fazer-lhe mercê da propriedade de um dos officios de Escrivão e Chanceller da Correcção de Coimbra, que se acha vago, não tendo ficado filhos legitimos do ultimo proprietario; e sou outrosim servido conceder lhe faculdade para nomear serventuario, sendo pessoa apta e approvada pela mesa do de-

N'este poema, que é um aviltamento da arte, o maior monumento da sua decadencia, canta-se a fugida do rei para o Brazil, e o temporal que a esquadra soffreu na altura das ilhas;[1] canta-se o Decreto de 10 de fevereiro de 1792 em que D. João VI resolveu assistir e prover o despacho dos Negocios em nome da rainha sua mãe, e assignar por ella durante o seu notorio impedimento, não se fazendo alteração na ordem normal e chancellaria.[2]

Nas notas ao poema, as paginas vem recheadas de Decretos, Portarias, Regulamentos, Provisões, Officios, Cartas regias, Resoluções, Diplomas, Alvarás, Editaes, Avisos da Secretaria, todos os papeis officiaes expedidos durante o reinado do monarcha celebrado. É d'aqui que tira a marcha do poema, que não tem acção; já o exalta por dar a liberdade aos presos pelo nascimento da princeza, já o engrandece por fazer no logar da Azinhaga, termo de Santarem, um deposito de rezes vacuns, por crear a companhia de veteranos e o monte pio litterario, e providenciar a favor dos expostos e mestras de meninas em Lisboa, e a

sembargo do paço. A mesma mesa o tenha assim entendido, e lhe mande passar os despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro, em 8 de junho de 1819. Rubrica de sua magestade.—Registada a fl. 26.» (Publicado nas *Excavações poeticas*, fl. 64.) Desde este decreto data a annullação da sentença formulada por Garção:

> Almotacé que queiras ser de um bairro
> Excluido serás sendo poéta.

Os obreiros das Côrtes de Vinte, foram levados para a inauguração do constitucionalismo, que se havia de perder nas mãos das mediocridades litterarias e dos palavreadores metaphysicos. Isto tornou inefficaz esse sublime movimento nacional; e não ha litterato, com dois ou trez folhetins, e alguns versos que não tenha sido ou não queira ser ministro.

A tensa da propriedade de um officio de escrivão tornou-se no longo reinado de D. Maria I e regencia de D. João I o pagamento dos encomios dos poetas; a José Daniel Rodrigues da Costa, auctor do *Almocreve das Petas*, e protegido do Intendente Manique, foi-lhe tambem dado o officio de escrivão em Portalegre.

[1] Verso 272, I.

[2] Verso 350, I.

barra de Aveiro, e o encanamento do Cávado, e a diligencia entre Coimbra e Lisboa, e as commendas, titulos, e prebendas com que assignalou varios individuos, tudo isto fórma uma especie de Chronica em verso, desdobrada aos olhos munificentes do soberano. Toda a insistencia sobre este poema, não deixa vêr a minima parte dos seus ridiculos e degradações, nem tão pouco deixa bem patente um exemplo para fugirem os futuros escriptores. Ha porém um lado que defende Castilho; tinha a fraqueza de criança, e deixou-se levar pelos que lhe aconselharam este meio de tornar-se protegido. O modo como elle julga os factos da sua epoca, são o ecco das palestras domesticas que ouvia; maldiz a Constituição hespanhola por querer estabelecer a responsabilidade real, e diz que a *egualdade* e a *liberdade* são um criminoso orgulho, cujos principios têm desterrado a paz do mundo inteiro e manchado de sangue as purpuras dos reis; era isto ao que se chamava ideias francezas. [1]

Pouco depois de Castilho ter escripto esse protesto contra a liberdade moderna, deu-se uma tranformação no seu espirito, e os livros dos encyclopedistas operaram uma momentanea visão de Saulo. A nova comprehensão da liberdade, que o levou a figurar nos improvisos do Outeiro poetico da Sala dos Capellos em 1820, quando a nação portugueza, pondo termo ao dominio inglez de Beresford, reassumiu os seus destinos, acha-se assim descripta n'esta pa-

[1] Ó criminoso orgulho, os teus principios
Tem desterrado a páz do inteiro Mundo,
De sangue as Régias Purpuras manchado,
Abatido as Nações ao jugo, á morte.
Quem primeiro sonhou louca *egualdade*,
E *livres* quiz deixar de todo os homens,
Bebido tinha da corrente escura
Do Gallo insano, que veloz se alonga
Lá junto ás altas, invernaes Celenas.
Canto I, v. 291, 299.

gina autobiographica: «O suão da philosophia do ultimo seculo tambem por nós, como por todos, havia passado. E as crenças da nossa infancia pareciam estar sêcas; digo, pareciam, porque de crenças taes sempre lá ficam vivas algumas sotterradas raizes, que, ao primeiro sôpro do céo, reproduzem e renovam o perdido, e ás vezes com melhoria; mas emfim, por então eram nullas: perdôo eu a quem taes livros desalmados nos entregou, ou nos entregou a elles antes de corroborado o entendimento; foi a crueza não menor, senão muito mais atroz, que a de lançar crianças ás féras do monte; e Deus perdôe, se póde, aos que, sem terem por si a desculpa de ignorancia, se põem a escrever taes livros, á luz do sol de Deus, respirando o seu ár, e saboreando-se em todos os seus beneficios. Deus lhe perdôe, e a mim, que arrastado de seu exemplo, tambem levei meu pequeno engenho, como victima ao horrendo altar do nada; entoei, como hymnos á razão, vaidosas e insensatas parodias dos Livros Santos; e das sublimes inspirações de Moysés, perante quem os maiores homens acurvam o joelho, fiz em ridiculos versos um passatempo de presumpçosos e nescios, mais um arrimo a suas impiedades, mais um enxêrto na immensa arvore da insipiencia para d'elle brotarem fructos de perdição.» [1] Na *Collecção de Poesias recitadas na Sala dos Actos grandes da Universidade de Coimbra*, nas noites de 21 e 22 de novembro de 1820, apparecem os taes ingenuos fructos de perdição; entre os poetas que celebraram os acontecimentos do dia 17, figura Antonio Feliciano de Castilho com alguns Sonetos e Odes contra o despotismo:

> Despotico poder já nos não dóma:
> Ante taes feitos, que serão na historia
> Dias dourados, quaes viu Grecia e Roma?

[1] *Memorias do Conservatorio*, p. 48.

N'este afamado Outeiro, que celebrava as bases da Constituição portugueza tomadas da hespanhola, figuraram Augusto Frederico de Castilho, com seu irmão, estudantes do quarto anno de Canones, José Frederico Pereira Marrecos, Pedro Joaquim de Menezes, José Maria Grande, José Maria de Andrade, Fernando José Lopes de Andrade, o padre Emygdio, e João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett. Eram estes os novos espiritos, que liam as obras dos encyclopedistas, e que se apaixonavam pelo principio da soberania nacional, proclamado na Revolução de 1820; Castilho ia com a corrente, e quando em 1823 D. João VI rasgou brutalmente a Constituição de 1822, a Universidade de Coimbra, como reducto da estabilidade, foi a primeira a saudar a reacção do absolutismo, celebrando um novo Outeiro poetico para exaltar a restauração do despotismo. Castilho foi levado a recitar poesias n'este desgraçado Outeiro, e nas *Excavações poeticas*, reconhece a sua lamentavel contradicção, attribuindo-a á auctoridade paternal e a uma prevenção de segurança. [1]

N'este correr da inspiração, alentada pelas classicas e infatuadas tradições de todas as arcádias, este culto intenso pelas Musas, nove senhoras muito respeitaveis e condescendentes ao appello do cantor palaciano, não podia deixar de se conservar sempre vivo em outras lyras. Castilho começou a ser então festejado nos *Outeiros poeticos*, velha usança, que de todo passou de moda, e deixou ao abandono os poetas que ficaram hoje a suspirar pelas brisas. Os mirantes, pela eleição de alguma nova abbadessa, bordavam-se de luminarias, e de véos alvejantes que fluctuavam nas virações da noite; a multidão apinhava-se no adro, e ao som de escarros constipativos e maliciosos, lá se escutava uma

[1] *Op. cit.*, p. 41, artigo transcripto do n.º 17 da *Guarda Avançada*, de 1835, explicando-se ácerca dos que o exprobavam de haver saudado a reacção absolutista de 1823.

voz afflautada e argentina, que declamava docemente no ár a terna divisa do—*Lá vae mote.* Os poetas apressavam-se a glosal-os, com a mesma presteza de quem sabe apanhar mosquitos no ár. A poesia, d'este modo, resumia-se em um bom provimento de rimas, para salvar nos acasos da inspiração; o verso por si lá se endireitava com um *nariz de céra,* com mais uma palavra, com mais um prolongamento na intonação da voz.

Pertencem a esta escola os bons versos de Bocage e de João Xavier, e os repentes sarcasticos do Lobo da Madragôa.

Estes versos dos *Outeiros* politicos explicam-nos como Castilho foi irresistivelmente arrebatado para as composições dramaticas, que estavam no maior furor da moda em Coimbra desde 1816 até 1825; a tragedia voltairiana era o meio subrepticio de dar largas ao sentimento da liberdade, que o absolutismo reinante procurava abafar por todos os modos. Castilho tambem escreveu d'essas tragedias á João Baptista Gomes, temperadas com todas as figuras e tropos do *elmanismo.* O theatro n'esta crise politica adquire certo interesse entre os estudantes e os filhotes. Em casa do Dr. José Feliciano de Castilho, que então morava ao Arco de Almedina, onde é hoje o club, fizeram-se bastantes representações particulares de 1824 a 1825; tomavam parte n'estas representações os filhos do cathedratico, e Joaquim José Dias Lopes de Vasconcellos, com Antonio Dias de Oliveira, que foi ministro em 1837, e actualmente ainda juiz do Supremo tribunal de justiça. Castilho, que seguia as pisadas de Monti, traduziu d'este poeta a tragedia *Aristodemo,* em verso, cujo typo era desempenhado por Augusto Frederico de Castilho, que foi padre. Castilho escreveu depois outra tragedia em verso, em cinco actos, intitulada *Canace,* que ficou ignorada, e *A festa do Amor filial,* drama em dois actos, tambem inedito.

De 1825 para 1826 arranjou-se um novo theatrinho na rua do Sargento-Mór, em Coimbra, em casa de José Antonio Rodrigues Trovão, com frente para o caes; a tragedia de La Mothe, os *Machabeos*, traduzida por João Baptista Gomes, e as comedias de Goldoni, *A mulher amorosa*, *O Pae de familia*, e um auto moderno de *Santo Antonio* formaram o principal reportorio; em uma d'estas récitas é que um tal Francisco Ignacio de Almeida veiu á scena recitar uma Ode de Castilho. Feitas estas representações, conflictos intimos dissolveram a sociedade dramatica, e uma nova se organisou para levar á scena a opera comica *Os Tamanqueiros*, escripta por Pigault Lebrun. N'este tempo, como sabemos pela confissão de Garrett no *Chronista*, Pigault Lebrun era considerado em Portugal como o terceiro homem de genio do seculo, hombro com hombro com Walter Scott; a sua opera comica foi traduzida na parte da prosa por Antonio Ferreira de Seabra, e na parte metrica por Antonio Feliciano de Castilho. O lente de musica da Universidade e mestre da capella da sé, Francisco da Boa-Morte regia a orchestra; a musica da opera era arranjada pelo organista João José Borges;[1] o estylo da *modinha* do seculo XVIII predominava despoticamente, a ponto de algumas chegarem até nossos dias, como a *Joven Lilia*, agarrada á musica da *Semiramis* de Rossini, ou a de Garrett, *Sobre um rochedo, Que o mar batia*, etc.

A poesia, que não era então outra cousa mais do que o artificio da metrificação, tornou-se uma parte obrigada das festas reaes; casamentos, anniversarios, coroações, exequias, eis os assumptos obrigados das Musas. Em Hespanha este habito servil tomára o nome de *Certamen*, e em Portugal chamava-se-lhe *Outeiro*; nas festas religiosas, como

[1] *O Theatro em Coimbra*, (1550-1830) por Francisco Martins de Carvalho. (Conimbricense, ann. XXXII, 1870.)

milagres, canonisações, padroeiros, era uma cerimonia indispensavel o congresso dos poetastros, a que se chamava tambem á maneira italiana uma *Academia*. O uso d'este divertimento litterario, pela sua frequencia na Italia, Hespanha e Portugal, foi introduzido pela educação dirigida pelos Jesuitas, que impozeram á Europa um absoluto humanismo. O *Outeiro*, pela sua origem religiosa, conservou quasi sempre esse caracter e era essencialmente freiratico; servia para celebrar as eleições dos abbadeçados, foi usado tambem entre as pompas budhicas da procissão do Corpo de Deus, [1] desde 1719, e nos regosijos politicos, como no celebre Outeiro da sala dos Capellos em Coimbra em 1822. O ultimo representante dos Outeiros poeticos foi Castilho, que ainda em 1867 propunha a sua restauração, a proposito da estatua a Bocage: «Vão longe aquelles dias dos tão afamados *Outeiros poeticos* de Portugal; já tambem agonisavam quando os eu alcancei; mas eram donosa occupação e bom estimulo de engenhos, em quanto a juventude era juventude, e a politica nos não tinha a todos e de todo dessalgado; mas quem nos diz que ao pé do vosso Bocage resuscitado, não poderiam, se os evocasseis vós, resuscitar egualmente aquelles certames nocturnos dos engenhos, no dia ou no triduo do anniversario do monumento? E se resuscitassem, não seria esse um facto bem fecundo?...» [2] Castilho seguira a primeira vibração liberal de 1820, e d'essa epoca restam d'elle documentos litterarios, como *O Tejo*, Elogio dramatico aos annos do serenissimo sr. D. Pedro, principe real, em 1820, e uma *Ode á morte de Gomes Freire*, a primeira victima da liberdade portugueza. Tambem pagou homenagem a essa deploravel fórma litteraria dos Elogios dramaticos, em um que se intitula *A Liberdade*, e nos

[1] Dr. Ribeiro Guimarães, *Summ. de varia Historia*, t. IV, p. 39

[2] *Cartas do ex.mo sr. A. F. de Castilho e da Camara de Setubal*, p. 10, Lisboa, 1867.

versos que se distribuiam pelos theatros nos espectaculos de gala, taes como a Cantata: *Os ais do povo luso emfim venceram*, que se espalhou no theatro da Rua dos Condes por occasião do regresso de D. João VI do Brazil, em 1821. É tambem d'este mesmo anno o Canto: *Agora que dos Céos o longo espaço*, no qual faz a descripção das festas pelo anniversario da Revolução de 15 de setembro de 1820; e a Cantata: *Emquanto a patria dôcemente gosa*, que se distribuiu no jantar Constitucional dado na Sala do Risco, no Arsenal de Marinha em commemoração do dia 24 de agosto de 1820.

A morte de D. João VI em 1826 veiu truncar repentinamente os planos do despotismo, por meio de uma conciliação da soberania nacional com a monarchia da *graça de Deus*, com esse producto hybrido da *Carta outorgada* por D. Pedro IV. N'este anno Augusto Frederico de Castilho, ordenado de presbytero, fôra despachado parocho da egreja de S. Mamede da Castanheira do Vouga, do bispado de Aveiro; Castilho refugiou-se da transformação constitucional junto de seu irmão, onde se conservou até ao fim do cêrco do Porto. D'esta epoca da sua vida falla o poeta autobiographicamente: «Emquanto nós ai disfructámos em ocios quasi sempre estudiosos as delicias da natureza, da confraternidade, e de geral estima, as nuvens das tempestades politicas amontoadas ao longe, depois de largas assolações por todas as outras partes começaram tambem de ameaçar um monte, que por tão inaccessivel lhes houveramos...» [1] «De oito irmãos que ao todo eramos, só dois, elle e eu permaneciamos ainda intactos das perseguições, fructo amargo, mas indispensavel das grandes crises dos estados.—A hora da perseguição era pois inevitavel e soou; meu irmão, que a tempo a presentiu, desampára commigo

[1] *Memorias do Conservatorio*, p. 48.

o seu remanso de oito annos, (1826-1834) a amisade entranhada de todo um povo, e o templo onde o cadaver, sempre chorado de nosso pae nos ficava sob a luz perpètua da alampada...» Na vida solitaria de S. Mamede da Castanheira do Vouga «dormia descansado, traduzindo *Ovidio*, romatisando, fazendo os seus castellos—bebendo n'esse retiro o vinho da frasqueira de um conego, aprendendo do seu criado Francisco[1] quando se plantavam as couves...» Era uma vida perfeitamente arcádica «catechisado pagão por Chompré.»

A vida na residencia de S. Mamede da Castanheira do Vouga foi um periodo de remanso mental que confinou Castilho no mundo do idylio; partiu de Coimbra para a serra com seu irmão padre em 23 de outubro de 1826, indo habitar o pással na antiga quinta das Limeiras dos Condes da Feira.[2] Namorado da Ecco mysteriosa do convento de Vairão, Castilho identificava-se com a antiguidade; escrevia no *Templo das Musas*, que era uma palhoça no Alto da Pedra Branca, fóra do passal, á beira do sobreiral de S. Sebastião;[3] estava inteiramente occupado em fazer traducções dos classicos latinos: «À esses annos da serra pertencem pois, como já n'outras partes declarei, as traducções das *Metamorphoses* e dos *Amores* de Ovidio, muitas das bagatellas encorporadas nas *Excavações poeticas, Noite do Castello* e os *Ciumes do Bardo.*»[4] O campo influiu no caracter idylico do escriptor, pendendo para a frivolidade, e elle o confessa: «todas quantas aspirações benevolas eu vim a patentear nos dois livrinhos que ainda hoje amo, *Felicidade*

[1] D'este criado e caseiro de S. Mamede, Francisco Gomes, grande borda d'agua, que havia enterrado tres priores, aprendeu Castilho esse sabor vernáculo da sua linguagem, que ás vezes chegava ao plebeismo. *Excav.* p. 16, not. 10.

[2] *Amor e Melancholia*, p. 204: *Chave do enigma.*

[3] *Ibid.*, p. 349.

[4] *Ibid.*, p. 348.

pela Agricultura e *Felicidade pela Instrucção* não são senão reminiscencias d'aquelle praso da minha vida.» Era no retiro do *Templo das Musas*, que Castilho escutava o ruido da artilheria na acção da Ponte do Marnel, e o bombardeamento continuo do cêrco do Porto; o poemeto da *Noite do Castello* traz a assignatura da «Residencia parochial de S. Mamede da Castanheira do Vouga, 4 de junho de 1830.» Com o triumpho da causa dos liberaes, Castilho saiu do seu retiro para acompanhar o irmão padre que se envolvera na politica parlamentar; pelo seu lado proclamou-se tambem liberal, publicando um opusculo com a *Epistola ao Usurpador na saída de Portugal*, onde mimosea o vencido com estas phrases:

> Em hora má, do porto desaffêrres
> Ó principe das trevas.........
> ....
>
> Em tres vezes má hora a prôa infanda
> Commetta o mar, co'as Furias por Nereydas,
> Por galerno os tufões, e ao leme a parca.
> ....
>
> Sequioso o cadafalso te pedia;
> Mas foi lei do Senhor na infancia do homem:
> Não matarás Caim! — Deram-te a vida,
> Porque enchentes de sangue generoso
> Co'um pouco sangue vil se não remiam...

Este opusculo vendia-se a 60 réis; n'esse mesmo anno publicou outra *Epistola ao Povo nas Eleições de 1834*, onde proclama:

> Povo, oh nobre sem fausto, oh rei sem jugos,
> Vate plebeu, que de plebeu se présa
> Te envia o pensamento, o amor, os sustos.

O *vate plebeu* encarregou-se de desmentir estas palavras organisando uma remotissima genealogia no drama *Camões*, e fazendo-se no fim da vida visconde do seu nome. N'esta Epistola Castilho indica ao povo em quem hade votar, lem-

brando que fujam d'aquelles que trouxeram da emigração o estrangeirismo:

> Procura os que já bons, entrando em ferros
> Mais dos ferros no horror se acrisolaram;
> Procura os que deixando os patrios muros,
> Peregrinos por terras de estrangeiros,
> Nos andaram sciencia enthesourando,
> Emquanto os mais ou fôfos volteavam,
> Ou com o feio de acções nos desluziam,
> Ou suppondo polir-se o unico estudo
> Punham no perverter seus patrios modos,
> O trajo, a mesa, o somno, o amor e a lingua;
> Estes, do chão natal profanadores,
> Longe do pensamento, os outros se amem
> Que amaram só do Extranho o que nos sirva,
> Nunca o seu jugo!..........

Castilho, no tirocinio da Universidade, filiou-se na escola, para a qual tinha já tão bons preparativos. Acreditou-se nos Outeiros de Santa Clara e Therezinhas; mais tarde, quando os Outeiros passaram para o theatro, tambem lá foi colher seus louros, exaltando a grandeza com que D. João VI jurou as bases da Constituição e em seguida como as rasgou; parece que se juràra ou encartára poeta cesareo da casa Bragança-Bourbon, pelo que vêmos do *Tributo saudoso á memoria do Libertador*, e no *Transito do sr. D. Pedro V*. Tudo verduras de uma infancia perpetua, que se desdobra em uma prolixidade de fructos.

Vejâmos agora como Castilho sente e ama a natureza; deve-lhe apparecer com aquella transparencia e graça dos sete annos. Já dos trabalhos anteriores se descrimina qual hade ser o genero de assumptos da sua predilecção.

A *fabula* desenha-se-lhe á phantasia graciosamente, como um brinco infantil; escolhe o mais infantil de todos os assumptos — o amor não correspondido de uma terna nympha por um mancebo cruel. Foi n'umas férias de Coimbra, que deu começo ao poemasinho florianesco das *Cartas de Ecco e Narciso*, que influenciou na sua vida.

A mythologia é de todas as creações a que tem menos recursos poeticos, quando se ignora a concepção que ella traduzia. O sentimento do *maravilhoso* é o primeiro que se manifesta no homem, é o primeiro tambem que dá fórma á sua poesia. Esses typos do velho olympo são como conchas sem perola para os que só conhecem a mythologia pela rotina das Academias; no fogo da inspiração o muito que consegue é deixar-nos sómente um pósinho calcinado que qualquer sôpro espalha. Era e foi assim que Castilho comprehendeu a antiguidade, através de Ovidio, que só procurava engraçadas aventuras, scenas lascivas, jogos, brincos, transformações de amores, para divertir uma sociedade sem crenças, e uma corrupção ameaçada pelo tedio; a mythologia pelas *Cartas a Emilia* é uma galanteria, um thema para requebros de phrase e ternos versinhos de Demoustier, peior ainda que as seccas e absurdas indicações do Diccionario de Chompré. Um falso conhecimento das fórmas e das imagens falsificou-lhe a expressão do sentimento.

A mythologia é uma phase dos symbolos materiaes que exprimem o sentimento religioso, depois de ordenados e de determinada a unidade d'elles. É um facto humano, inconsciente, que Pythagoros, Empedocles, Xenophanes e Thales procuraram interpretar; umas vezes o simples nome de um phenomeno constituia-se em realidade independente pela audacia da metáphora: *Nomen, numen*. Outras vezes a lei dos phenomenos naturaes véla-se sob uma fórma dramatica, sacramental dos mysterios eleusinos; as differentes interpretações de um mesmo facto considerado em civilisações differentes dão-lhe uma existencia multipla; o modo de perpetuar um successo, e pelo decurso do tempo perdida a memoria d'elle e conservada apenas a fórma que o lembra, tudo isto encerra as causas de transformação e o sentido do polytheismo grego. O orphismo de Pythagoras, o systema

evhemerista, o exclusivismo de Dupuis e de Creuzer, a erudição de Voss e de Lobeck, elevaram á altura de uma sciencia antropologica isto que para alguns desasisados parece uma curiosidade, uma ficção divertida creada pelos poetas, como um *deus ex machina* para valer aos seus heroes nos lances difficeis.

A mythologia comparada tem encontrado nos symbolos religiosos de todos os povos uma unidade que leva á lei da sua formação; e esses typos ideados na India, na Persia, na Grecia, na Etruria exprimem uma poesia, a da primeira impressão do mundo, do regosijo da vida, da apparencia das realidades, um sentimento puro não viciado por nenhuma theologia convencional e arbitraria. É o que não sabem os poetas das Arcádias, os Mémnides Eginenses. [1]

As *Cartas de Ecco e Narciso!* a primeira obra que Castilho escreveu intencionalmente para o publico, fructo das lições de José Peixoto, seu mestre de latim e de poesia «e muito bom poeta latino e portuguez.» Foi esse eximio interprete do Lacio Pindo, que lhe excitou n'alma o primeiro amor das Musas da sábia Roma; foi elle que lhe fez exprimir na patria lingua, os altos versos de Virgilio, o cantor de Eneas, e os sons da lyra venusina, e os ternos queixumes do amante de Corina. Oh! bem hajas interprete facundo, eximio Peixoto. [2] Ensinou-lhe a conhecer a antigui-

[1] Nome poetico de Castilho na Arcádia de Roma.

[2] Graças, graças a ti, Peixoto eximio,
Do Lacio Pindo interprete facundo!
Tu foste, quem primeiro o amor das Musas
Da sábia Roma me excitaste n'alma!
Os altos versos do cantor de Eneas,
Os sons dá lyra, que afamou Venusa,
Do amante de Corina as ternas queixas,
Me fizeste exprimir na patria lingua.
Em cantos que inda então soltava a custo.
Oh vate, cuja mão plantou meu éstro,
Olha com brando rosto os fructos d'elle.

Cart. de Ecco, p. 10, ed. 4.ª

dade, as nobres e vetustissimas tradições dos homens primitivos, como engraçadas allegorias, finos tropos, que se prestavam facilmente á mechanica do verso. Andava n'este tempo em voga o chato e assucarado livro de Demoustier intitulado *Cartas a Emilia sobre a Mythologia*. Era tambem moda o systema de cartas a Sophia, a Heloisa, restos do seculo XVIII. Olhada a mythologia por outra qualquer face, a não seguir os trabalhos de Vossio, Dupuis, Creuzer, Guigniaut, Preller, ou Otfried Müller, ella só apresenta uma serie de puerilidades engenhosas, que deleitam a imaginação e nos desenfadam dos cuidados da vida. Aquelles vultos serenos do Olympo hellenico desenharam-se-lhe na phantasia como figurinhas recortadas, visualidades caprichosas do paganismo.

É esta a tendencia infantil; Castilho procurou reproduzil-as, como quem aviva uns traços mal debuchados que se apagam. A escolha da acção mede o artista: *Ecco* é a alma do poeta, solitaria, não tendo no mundo quem lhe responda á expansão que a lança para a natureza que se lhe esconde.

Castilho tinha um sentimento vulgar, e as tradições classicas da escola não o deixavam comprehender as cousas. O amor grego, indefinivel, artista, como o achamos na *pederastia*, não o podia fazer sentir o José Peixoto; ainda Otfried Müller não tinha encetado esse trabalho. Ha na mythologia hellenica o amor com um caracter de fatalidade invencivel, é um destino diante do qual se verga. O forte, o heroe triumpha d'elle, não o conhece; ama o fraco, aquelle não sabe resistir e se deixa ferir; ali a mulher conserva ainda o seu ideal indiano de perfeição a *fraqueza;* é ella que é vencida pelo amor.

Esta é a base de todos os mythos, é o que explica as uniões desnaturaes de Pasiphae, de Biblis, os impetos vertiginosos de Phedra, de Sapho; *Ecco* entra tambem no côro das suas irmãs prostradas pelo amor.

Na paixão de *Ecco e Narciso* é que apparece o *pathos*, que só se encontra mais tarde nas obras de arte; a verdade da alma da Grecia transparecia brilhante nas creações populares. A educação litteraria de Castilho, a tutella forçada em que se achava sob a *virga ferrea* da auctoridade magistral, empeciam-no de descobrir estas cousas, achadas pela critica moderna. O Ovidio, cujas *Metamorphoses* estava já traduzindo, (1836) apresentava-lhe a serie d'estes violentos amores, não como um accesso natural e franco da alma antiga, mas como enredos licenciosos, devaneios lubricos dialogados declamatoriamente para excitar a sensualidade das damas romanas em quanto as escravas liam no toucador d'ellas.

Os mestres, e os mesmos poetas illudiram-n'o; acreditou n'elles com a boa fé de criança. Sem se lembrar de que nos tempos ante-homericos era desconhecida a escripta, e que nos poemas homericos nem uma só vez é claramente citada, concebeu abstrusamente *Ecco* pelo tom da pastoral de Longus, e pôl-a a escrever os seus requebrados galanteios pela casca das arvores do bosque.

A fórma de *Carta* tinha sido adoptada por Pope, para os insulsos anhelos que poz na bocca de Heloisa e Abailard. A Carta presta-se ao monologo vago, scismador, tempestuoso, como é a poesia romantica; era a fórma menos grega que podia escolher. A serenidade da arte classica, a harmonia de todas as partes absorvendo-se na perfeição do conjuncto, a nitidez dos traços, das côres, deixando predominar em todas as creações um aspecto visivel, particularmente esculptural, nada, nada d'isto se encontra n'esse innocente livro das *Cartas d'Ecco;* a frescura primitiva, a suavidade, a natureza espontanea e simples, está ali substituida com um colorido de adjectivos — de gentil, amavel, formoso, lindo, bello, juvenil, terno, doirado, cruel, tyranno, ingrato, e isto variado segundo as exigencias da metrificação.

Os versos nem uma vez se quebram, estão inteiriçados pela promptidão dos epithetos. Aquellas iras, ameaças, arrojos e esperanças são ainda de uma alma infantil; é por isso que o assumpto se esgota depois da primeira carta, até á puerilidade. Ecco *escreve* no tronco de um choupo, que cresce nas *verdes* margens de um *sereno* rio augmentado pelas *ternas* lagrimas que chora. No delirio da paixão, ella não se esquece das figuras da rhetorica do mestre Maximiano para medir as emoções:

Em lagrimas, em ais consummo os dias,
Em lagrimas, em ais as noites vélo.

Ecco vae queixando-se, e invocando o exemplo dos animaes que tambem amam; o rei dos animaes não se envergonha de arrastar os grilhões que o amor lhe lança. É uma comparação de maior para menor, mas não importa; o que Ecco aspira é encher os campos com filhos formosos como Narciso, e ornar as florestas com novas Nymphas que vençam as Nymphas suas rivaes. [1] Desculpe-se pela candura e ingenuidade da alma do poeta; as circumstancias foram-lhe prolongando a infancia; faz ideia da vida, pelo arranjo domestico; privado da vista nunca póde abandonar o lar, ama-o, enfeita-o como um typo de um quadro flamengo. Tem um ideal burguez de commodidade, que lhe faz escolher de preferencia por Mecenas D. João VI, o mais completo de todos os alarves.

Narciso, não sei porque influição amorosa, foi lêr a epistola da sua incognita Amadora, e lhe envia páz e saude, ao fazer da resposta. Depois começa a tirar-lhe da cabeça essa

[1] Tu que pódes encher os nossos campos
De filhos, como tu, formosos todos;
Tu, que pódes ornar estas florestas
De Nymphas novas, que estas Nymphas vençam,
Esta gloria a ti mesmo hasde negar-te?
Pag. 34, ediç. quarta.

hallucinação. Dá graças ao céo, porque desconhece o amor, o Monstro, de cujo facho tem ouvido citar os barbaros effeitos. Pede-lhe que não se fie n'elle; que é pequeno infante mas é boliçoso e amigo de brincar; que só tem alegria em cravar fundas settas, e exulta com o pranto e os ais que arranca. Elle géra cuidados, e faz murchar os prazeres, faz do somno pacifico uma guerra, e anda acompanhado do receio, da inveja, do odio e do ciume voraz. O amor é filho da rocha caucasea, do tigre hyrcano e de Megeras. Á vista d'isto pede-lhe que se deixe de imaginações: e para mostrar em factos a verdade, não se esquece de retorquir tambem com a sua figurinha de rhetorica:

> O mundo para mim é todo graças,
> Angustias para ti é todo o mundo.[1]

N'este ponto está esgotado o assumpto; tudo o mais não tem movimento; gira sempre no mesmo eixo; o poeta continúa os monologos como uma criança inquieta, que se não cansa de assoprar freneticamente em um assobio de feira até quebral-o. O poema é todo d'este feitio do mais teimoso elmanismo. O amor ali é uma cousa ainda não sentida, nem tão pouco adivinhada. O esmero dos versos, regrados, cadenciados, adjectivados, metaphorisados, tem uma doçura que nausêa; são como a linguagem de uma criança que dá uma lição bem sabida. Foi este o livro que lhe deu nome em Portugal e no Brazil, e aquelle que serve sempre de antonomasia; foi por isso que nos demorámos na apreciação d'elle. Apesar de toda a mythologia academica d'este livro, o auctor ousou chamar-lhe *romance.*[2] O resto do livro é digno de compaixão pelas futilidades da puericia.

A carta que o auctor recebeu de uma senhora, pelo cor-

[1] Pag. 42.
[2] Pag. 165.

reio de Lisboa, defendendo o seu sexo atacado nas *Cartas d'Ecco*, fórma uma lenda revelada na *Chave do Enigma*, do *Amor e Melancholia*.

O *Processo de Cythera*, em que a mais nova das graças, Aglaia, vem accusal-o, servindo de representante das Senhoras portuguezas toca o ridiculo; o auctor defende-se em outro discurso, e depois escuta a sentença concebida n'estes termos:

«O Supremo tribunal de Cythera depois de haver attentamente ouvido o discurso recitado por Aglaia, contra o Poeta Auctor das *Cartas d'Ecco e Narciso*, assim como a sua defeza apresentada pela sua Musa, declara que o accusado está innocente; e como tal determina que o seu credito publico lhe seja restituido por todo o Imperio de Amor: ordenando egualmente, que a accusadora convencida, como o foi, da calumnia, seja por tres dias privada de tomar parte nas Festas de Cythera, e nunca mais seja vista por Mancebo algum durante a sua estada no banho. Cythera, 1 de abril. —Venus.—Os Prazeres.—Os Jogos.—Os Amores.» Eis o resultado de um espirito que não póde soltar-se livre das faixas; é esta a causa de tudo aquillo de que a gente hoje sê ri. Foi uma boa sociedade a d'esses tempos; estas graças fizeram as delicias dos serões nas familias. Sobre este pedestal o proclamaram genio. Não faltaram imitações dos poetastros do reino, *Marcias* e *Branderinos* escrevendo suas confidencias. Era mais um passo além do *Piolho Viajante* e do *Feliz Independente*.

Castilho não concebia a poesia como a expressão subjectiva dos sentimentos; estava privado de contemplar o mundo exterior, e tendia constantemente para elle. Imaginava a natureza como a vira aos sete annos, por isso a sua poesia tinha «por objecto apresentar-nos os mais risonhos quadros campestres animados com toda a doçura e sublimidade do sentimento.»

Castilho não imagina a differença na ordem de factos que exprimem o *bello*, ou que exprimem o *sublime*. Dá-nos metáphoras e imagens de similhança por ideias; assim a poesia é a «Primogenita das Musas; nasceu no meio das florestas, creou-se entre os Amores ao seio da Natureza, cresceu nas cabanas simplices dos primeiros homens. A sua fronte sempre risonha e serena não se coroôu de louros, mas de rosas e de murtas; os seus passos eram ligeiros, o seu ár elegante, sem affectação de magestade, o seu trajo um véo transparente. Foi ella e não Pan, quem offereceu a primeira flauta aos pastores, quem lhes ensinou a tirar d'ella sons faceis e harmoniosos. Os primeiros cantos que ella inspirou, tiveram por objecto descrever o amor em todas as suas differentes situações, e pintar os campos em todos os seus pontos de vista mais agradaveis.» [1] Quem faz esta ideia da poesia não podia elevar-se acima das *Cartas d'Ecco e Narciso*. O poemeto affectado produziu uma grande emoção na sociedade portugueza, atrazada e piegas, que vira sempre na leitura um perigo.

Castilho já então aconselhava á mocidade que evitasse o movimento *romantico*, dizendo-lhe: «cantae a ternura, o amor, o prazer e a felicidade.» Eis o ideal do bucolismo estafado das pastoraes calcadas sobre a *Daphne e Chloe* de Longus; é um genero falso, impossivel, ridiculo, insipido.

Castilho sente de vez em quando uma saudade da natureza que se lhe furta; vae para ella, e engana-se, sonha em toda a parte um rio que corta os prados ao longe, um rebanho que pasce no valle, um bosque extensissimo e frondoso cujas cimas são meneadas por um zephyro; agora ouve as aves a saltar de ramo em ramo ou por entre as flôres tão gentís como ellas; além vê um pastor coroando com murta e rosas as tranças da sua bella pastora. Finge valles

[1] *Cartas d'Ecco*, p. 19.

ornados de violetas, florestas onde as nymphas estão juntas, e mil Faunos que habitam as grutas. [1]

Depois dos sete annos Castilho não tornou a communicar com a natureza senão através de Florian, e dos idylios artificiaes e de uma ingenuidade tola de Gessner. Elle nos diz que é pela estrada florida de Gessner que se póde ir até ao seio da natureza.

A falta de individualidade facilita-lhe o fallar pela bocca dos ternos pastores, não é preciso sentir quando o som das frautas, o aroma dos festões, os gemidos das grutas vêm encher sonorosamente o verso. É tudo quanto póde dar a poesia chamada pastoril. Agora entendem-se melhor as harmonias brandas, melifluas da sua *Primavera.*

É um d'estes livros que trazem o sello do esquecimento, como os insectos de um dia de calor, que bailam em uma

[1] Se a natureza me negou seus quadros;
Se os fracos olhos meus não descortinam
O sublime espectaculo dos campos;
Se de uma rocha no elevado cume
Não me é dado sentir, gosar prazeres,
Vendo um rio, que ao longe os prados corta,
Vendo um rebanho, que no valle gira,
Vendo um bosque extensissimo e frondoso,
Cujas cimas um Zephiro menêa,
Vendo as aves voar de um ramo em outro
Por entre as flôres tão gentis como ellas,
Vendo como um pastor de murta e rosas
Corôa as tranças da pastora bella,
E um beijo em premio docemente furta,
Se não me é dado, contemplando o mundo
Vêr, ah! vêr quanto é grande a Natureza,
Co'as Musas meditando eu sinto e góso
Novas scenas, phantasticas, risonhas.
Finjo mil valles, que violetas ornam,
Planto florestas, aonde ajunte as Nymphas,
Faço um rio correr por entre um bosque;
Que em si retrata a abobada pendente,
Que o tolda e guarda, e d'onde cheiro as flôres;
Mando mil Faunos habitar as grutas,
Dou rebanhos ao campo, aves á relva,
E graça a todo o mundo, e luz ás sombras.
Cartas d'Ecco, p. 16.

restea do sol vinda por entre a folhagem do arvoredo; é uma *Primavera* breve e duvidosa como a de um paiz sem vida. Cita-se por ser uma das corôas da gloria de Castilho; não se ataca a gloria do homem desmerecendo o livro que teve uma influencia funesta sobre o gosto de todos e é preciso modifical-a. Ha nas *Cartas de Ecco e Narciso* um lado real, que tornou sympathico o poemeto.

Este livro liga-se á historia intima de Castilho, e deu causa ao seu casamento com uma senhora reclusa do convento de Vairão, a qual, como se lê na biographia hespanhola: «se arrojó á escribirle á Coimbra donde residia, estas palabras:

«Si se os presentase una Ecco
«Imitarieis vos a vuestro Narciso?»

«puso despues una firma supuesta y las señas, para que si queria le dirigiese la respuesta... La respuesta fué cual merecia una declaracion que asi lisongeaba el amor proprio del poeta; entablaron los dos amantes correspondencia, sin saber el afortunado ciego quien era la que se habia pagado del, hasta que al cabo de mucho tiempo hubo de descubrir el nombre de su embozada amiga...; [1] no obstante varios obstaculos en que no tuvo parte alguna la voluntad, retardaron su himeneo hasta el año 1834... Vivió con ella poco mas de dos años... Murió su esposa en 10 de febrero de 1837; y él ha prometido escribir un libro entero dedicado á su memoria.» (p. 6 e 7.) Foi na constancia d'este matrimonio que escreveu os *Ciumes do Bardo*. Este successo começado pela puerilidade innocente das *Cartas de Ecco a*

[1] Na *Chave do enigma* explicam-se melhor estas allusões; a carta recebida por Castilho fôra de 27 de setembro de 1824, remettida de Azurara, correio de Villa do Conde. (p. 222.) O nome supposto era Maria da Expectação Silva Carvalho, e o nome verdadeiro D. Maria Isabel de Baena Coimbra Portugal. (p. 244.)

Narciso, terminou com uma cerimonia tambem pueril da hecatombe da correspondencia amorosa, sobre as cinzas da qual mandou pôr uma pequena lápide que está em um quintal de uma casa de aluguer em Lisboa; o livro promettido reduziu-se ás prosas piegas do *Amor e Melancholia*.

Castilho guardou fielmente a tradição arcádica; sempre criança, e de passo tibio e mal seguro, teme aventurar-se pelos mundos da litteratura subjectiva do Romantismo, que se aproveita dos sentimentos novos da edade moderna para as suas creações artisticas. Todas as allusões dos seus prologos referem-se ao movimento de Garrett no impulso dado á litteratura nacional. Fazendo profissão de fé mythologica, lembra-se da invocação da *D. Branca* e da inspiração que abjurava os «Aureos numes de Ascreo, ficções risonhas — da culta Grecia amavel» e diz que não se alista «debaixo das bandeiras triumphaes dos modernos espanca-numes.» [1]

O renascimento da critica, da historia, da philosophia, do direito politico, as invenções, as revoluções que agitaram o seculo que se abria, tudo para o poeta dos idylios eram loucuras, desvairamentos, ruinas. Elle mesmo se sente infante no meio d'este ruido de cyclopes: «quando me olho e me vejo a brincar com flôres e cordeiros, ao tempo que em redor de mim estão no chôco tão grandes destinos do mundo, não me lastimo, porém rio-me, e cuido estar vendo *em mim proprio um menino*, que por um dia de tempestade, enthesoura conchas e fórma lagôasinhas na praia, emquanto andam á vista galeões alterosos á lucta com os elementos, e na mesma praia uns pasmam, outros se aterram, outros suspiram pelo instante do naufragio para se arremessarem aos despojos, apenas o mar os cuspir.» [2] Fique embora na dôce illusão da sua poesia pastoril; é aí, n'esse mundosi-

[1] *Primavera*, pag. 41. (1837.)
[2] *Ibid.*, p. 43.

nho, reminiscencia da quinta ajardinada dos arrabaldes de Lisboa onde lhe correu a infancia, que elle se mostra aos amigos. Na *Primavera* diz que teve a intenção de retratar-se na sua face moral, conservando-a tal como cantára aos vinte e cinco annos.[1] De vez em quando o poeta torna-se intolerante com o seu bucolismo; mal diz o tempo, porque se não volta para as cabanas das serranias. Quando o genero bucólico era deslavado mas innocente, supportava-se; assim, violentando a que o admirem, dá vontade de limpar o rosto d'essas falsas caracterisações.

A verdadeira, a intima poesia da natureza só se encontra reproduzida na primeira impressão virginal nos poemas da India. O divino poema do *Ramayana* eleva, beatifica o que o escuta; sudra que o ouvisse lêr, ficava n'esse instante livre.

Na Grecia, a poesia da natureza não foi achada nem por Daphnis, Stesichoro ou Theocrito; a vida pastoral tem ali tambem um caracter aryano, profundo; o boi, cantado nas theogonias orientaes, entra nas legendas da vida pastoricia dos reis da edade heroica. Anchises era pastor da Troada, Paris do monte Ida; o sceptro era o cajado desfolhado; os heroes derrubam os monstros que andam roubando os bois. Assim foram as velhas lendas de uma vida que passára, avivando as saudades do passado, e dando expressão a esse sentimento. A poesia veiu revelal-o na sua fórma mais ingenua; um dialogo de pastores sobre a lavoura, sobre os rebanhos, uma aposta, a alegria das cearas, as torrentes, as calmas, compunham os successos de uma vida tão simples como pacifica. Suppoz-se assim uma *edade de ouro*, hypothese gratuita que deu origem á tradição litteraria do bucolismo. O poema de Hesiodo, os rudimentos do theatro hellenico, alguns personagens da tragedia classica são o

[1] *Primavera*, pag. 30.

fundamento da arte de Theocrito! arte convencional e estreita, com que o vate de Syracusa chega, á custa de muito esforço, a tocar a brandura e amenidade campestre. Elle não copía directamente da natureza; canta sobre as reminiscencias da Sicilia, no bulicio de Alexandria, no palacio dos Ptolomeus, com os outros poetas a quem Timon o Sillographo chama melros fechados em uma gaiola. Theocrito obedece a toda a metralha de preceitos impostos pelos grammaticos, e no meio das adulações, poeta da côrte de Hieron e de Ptolomeu, vem aliviar-se e desabafar, aspirando a vida desassombrada dos campos. Egger, nas *Memorias de litteratura antiga*, diz que é favor demasiado o chamar-lhe genio pelos seus idylios.[1] Todos os poetas pastoris seguiram as pisadas de Theocrito, serviram-se do mesmo molde; viram a natureza através do prisma baço dos seus idylios. Na renascença dos modelos da antiguidade, com as tragedias, com as epopêas, com a comedia, floresceu tambem o idylio; por si chega a formar um genero dominante, infectando a litteratura italiana, franceza, hespanhola e portugueza. Todos os nossos poetas lhe sagraram suas lyras; Bernardim Ribeiro domina o bucolismo; os poetas francezes imitam os antigos e fazem dos quadros campestres uma aguarella descorada que serve de typo n'esta tradição litteraria; Racan, Sagrais, Mad. Deshoulières e Fontenelle lançam as balisas ao genero pastoral.

Estes dialogos de pastores absorviam sempre a musa dos poetas cesareos. O proprio Salomão Gessner, o genio pastoril da Allemanha, é accusado pelos seus de ter imitado os francezes, que tambem o reproduziram mais tarde. Com uma alma sempre infantil, e já de si tambem poeta cesarêo, Castilho não podia faltar á tradição bucolica; elle confessa abertamente essa predilecção pelo genero, e declara

[1] Obr. cit., pag. 267.

todo o desvanecimento que tem pelos seus mestres Florian e Gessner: «Alguma cousa farão para aqui palavras do meu Florian, que, porque d'elle são, as verterei de muito boamente.—Oh, se nós podessemos lêr em seu original texto os bons auctores d'essa Allemanha, enlevar-nos-ía a tanta singeleza, a tanta doçura por onde de todas as outras se extremam suas obras! Em conhecer a natureza, e especialmente a natureza campezina, levam-nos elles uma infinita vantagem: amam-n'a mais devêras, retratam-n'a com tintas mais fieis. Todos os nossos poetas pastorís nada têm que vêr com as méras traducções de Gessner. Ninguem jámais fecha a *Morte de Abel*, os *Idylios* ou *Daphnis*, sem já se sentir mais soffrido, mais terno, mais mavioso, e porque tudo diga, mais virtuoso que antes da lição. Não respira senão moral pura e facil, e virtude d'aquella que logo vem trazendo bemaventuranças. Fosse eu parocho de aldeia, que sempre á estação da missa, havia de lêr e relêr Gessner aos meus freguezes: e por certissimo tenho que todos meus aldeões se fariam probos, todas minhas parochianas castas, e ninguem me havia de ao sermão adormecer.—Isto dizia de Gessner Florian, digno de o louvar pelo mui bem que o sabia comprehender e seguir. Isto não o escrevia eu, nem o dizia, mas amplamente o sentia n'esse bom tempo que já lá vae. Gessner não era para mim um nome, senão um individuo presente, um suavissimo contubernal; nem já as suas obras me eram livros, mas realidade, vida e mundo.» [1] Estes poetas pastorís têm uma innocencia de leite, navegam em mar de rosas, vêm uma deosa em cada nuvem.

Castilho descreve a influencia de tão mirificos modelos: «Muito aproveitei em tão boa escola: como poeta não, que bem o sabem, meus leitores; como homem sim, que d'isso

[1] *Primavera*, pag. 10. (1837.)

tive mui cabal e experimentada certeza. Minhas nativas propenções benéficas se arraigaram; *minha interior aspereza*, que todos de si a têm, se amolleceu; sentia-me palpitar no peito um coração da edade d'ouro; esvoaçava-me na cabeça uma alma inteira de Arcade; compunha todo o meu economico futuro de uma choupana, um pomarinho e pombas mui brancas e cordeiros mui nédios; em summa, se Florian fosse meu parocho, propôr-me-ía nas suas homilias como um santo da sua bemaventurança.» [1] Que engraçada infancia! prolongada ainda até aos trinta e cinco annos de edade do poeta! Mas Florian é um ecco amortecido de Gessner; o mesmo poeta pastoril da Allemanha, na opinião do profundo Herder, [2] de Augusto Schlegell, e de João Paulo Richter não dá pelas plantas de Theocrito. Elle não tirou dos Alpes, nem das cabanas, nem das bozinas dos pastores o delicioso colorido da natureza; segundo João Paulo é uma especie de requeijão fresco da aldeia, que os francezes acclimaram ao pé do *superfino idylico de Fontenelle.* [3] O primeiro erro de todos estes poetas bucólicos estava em não collocar o mundo pastoral fóra da decantada edade de ouro; estavam fóra da sociedade civil, sem paixão, n'uma beatifica monotonia. Quando se concebeu que a poesia do idylio não consistia em frescas fontes, esconsos valles, frondentes arvoredos, ciciosos regatos, fissipide armento, e ternas queixas de enamoradas pastoras, mas na simplicidade e no remanso da vida, então é que poderam haver escriptos como *Hermann e Dorothea* de Goëthe, foi então que Schiller pode abrir o seu poema da *Resignação* com este verso: «E eu tambem nasci na Arcadia» não menos energico que o «E eu tambem sou pintor» de Corregio. Estas são as creações puras do *Romantismo;* mas Castilho desa-

1 *Primavera*, pag. 14.
2 *Obras completas*, 2.ª parte, pag. 127, 142.
3 *Poetica*, t. II, pag. 140,

tou com elle, odeiava-o de morte. Até disse: «Quando será que outro homem, da laia e costumes dos nossos velhos, possa dizer na sinceridade da sua alma:—Se fosse parocho, leria Byron ou Schiller á estação da missa, para tornar castas e probas as minhas ovelhas?[1] A immensa felicidade cansa; é preciso contrastes, agitações, para que a creação do artista corresponda ás multimodas volições, e encontradissimas impressões que se passam no individuo.

Os idylios gessnericos, e os dos seus imitadores estafam pela monotonia da felicidade; é sempre o mesmo tom, a vibração da mesma corda; nos de Castilho este defeito torna-se insuportavel pela prolixidade e abundancia dos versos e minucias dos detalhes; é como estas caricias forçadas de uma pessoa que nos está encommodando; é como quem mata uma sêde vivissima das calmas com um copo de agua morna.

A *Primavera* foi escripta (1822) sob o influxo dos pastores Elmiro, Anfrizo, Josino, Auliso, Salicio, Albano, Franzino, que ornavam de grinaldas e festões a cabeça do Mémnide Eginense, entre o descante da *Minha Lilia morreu* ensoado no violão do padre Leitão. É n'este livro, de todos, aquelle em que o poeta se mostra mais criança. Causa dó o lembrar que foi preciso lêl-o; uma pagina avulsa qualquer, basta para ficar odiando para sempre o *genero pastoril*. As qualidades de criança, a frescura, a graça, a espontaneidade e uma ignorancia feliz, a candidez, a expansão e alegria, deviam realçar n'este assumpto; o poeta teve a força de dominar todos estes instinctos, e com o intuito de imitar Florian e Gessner, deixou apparecer sómente a loquacidade e a indiscrição.

A predilecção por Gessner e Florian, na França explica-se pelo exaggerado *sentimentalismo* propagado por João Jac-

[1] *Primavera*, pag. 14.

ques Rousseau, que fazia dizer a Voltaire, que o auctor da *Nova Heloisa* desejava andar de quatro pés. Foi quando se viu a poesia separada da religião, e em logar d'ella fabricado um Olympo, não com a sympathia sensual da Renascença, como diz Taine, nem com o espirito archeologico moderno, mas por conveniencia; era uma especie de giria grega e latina tão necessaria como um chinó; citavam-se as musas e as graças, como quem faz cartinhas de namorado; havia um diccionario mythologico como um codigo de pragmatica palaciana. [1]

A inspiração de Castilho alentava-se exclusivamente da tradição do seculo XVIII; exaggerou ainda mais todos estes defeitos; elle proprio nota em si um *estiramento de periodos.*[2] Ali a natureza está revestida de páphias allegorias; povôam Faunos os montes, andam Dryadas á escuta pelos arvoredos, brinca com Flora um Zephiro inconstante, a Aurora abre o roxo mez das flôres, Hamadriades, Nayades, Silvanos, os ledos Eisos, a amorosa Venus, Vertumnos insoffridos, Castalias fontes, Favonios subtis, todo o sacro povo morador do Olympo, com os dons de Pomôna enfeitam a natureza inteira. Na sua ingenuidade *infantil,* com que, na ebulição do pleno seculo XIX, o poeta procura chamar para o mundo dos idylios, não se contenta só em aconselhar o leite e o mel dourado, elle mesmo se transporta a esse mundo: «Metti-me pythagorico aos vinte e tres de

[1] «On vit alors le spectacle le plus extraordinaire et le plus ridicule, la poésie séparée de la religion, dont elle est le fond naturel et l'element intime, l'Olympe restauré non par sympathie archeologique, comme aujourd'hui, mais par convenance, pour remplir un cadre vide et ajouter une parade de plus à toutes celles dont ce siécle s'était affublé. Il y eut une sort de jargon grec et latin convenable au même timbre qu'une perruque; on employa Appollon et les Musses comme l'hemistiche et la ceсure; on mit en œuvre l'Amour et les Graces comme les cédrats confits et les billets doux; il y eut un dictionnaire mythologique comme un code du savoir-vivre et les pauvres dieux antiques arriverent á cette humiliation extrême de servir de pastiches et de paravents.» Taine, *La Fontaine et ses Fables,* p. 224.

[2] *Primavera,* p. 36.

agosto do anno de 1822, tendo sido gastos os mezes, que desde a feitura do Poema decorreram até esse, em acabar de me resolver e apparelhar para tão grande façanha; e permaneci na observancia do voto até vinte e tres de agosto do seguinte anno. Acabei o noviciado, e em logar de professar, despedi-me.» [1]

A impossibilidade da vida aconselhava, tornava evidente a falsidade do ideal. Castilho é como um d'estes poetas da decadencia classica na litteratura do Imperio em França; pertence á escola descriptiva, didactica, e com uma procurada melodia de versificação embala os ouvidos para não ouvirem as pequeninas comparações de cousas futeis; Delille, o mestre de todos estes pseudo-poetas, passava em revista todas as descripções e ufanava-se de ter feito doze camellos, quatro cães, tres cavallos, seis tigres, dois gatos, muitos invernos, immensos estios, innumeras primaveras, cincoenta e seis occasos, uma infinidade de auroras: Castilho faz tambem o seu inventario.

A sua *Primavera* é uma *bemaventurança* de fátuos; não tem acção, e como póde têl-a um livro que se compõe de «Todos os amores de que se urde e tece a domestica felicidade, se acham aqui representados por um modo que se recommendam e d'elles se embae de mui bom grado o animo: o amor filial, o paterno, o materno, o conjugal, a amisade, até o affecto aos animaes, arvores, flôres, e mais creaturas de Deus, companheiras nossas n'este mundo, que vem de envolta com a recreação.» [2]

Sempre uma nauseabunda doçura, uma lymphatica brandura! Fiquem por uma vez destruidas estas funestas influencias dos poetas didacticos do Imperio. A *Primavera* deveu o acolhimento á falta de leitura que soffreu a nossa

1 *Primavera*, p. 284.
2 *Ibid.*, p. 44.

sociedade. Tinhamos apenas chronicas succulentas de frades! O pobre livrinho era um manná. Depressa mereceu as honras de occupar um logar no çafatinho de costura, ao pé dos romances moraes, enternecidos, graciosos da Cotin e da Montolieu, que então se traduziam por cá, e andavam em moda. As leitoras amaveis estavam restrictas ás *Mil e uma noites*, ao *Grandisson*, ás *Novellas* em que não apparecia uma dada vogal, e nas faltas suppria o *Flos Sanctorum* ou tragava-se a Biblia em familia.

Foi isto o que deu largas ao poeta: festejaram-n'o com cartas anonymas, a ponto de não poder sustentar o papel do *Narciso.* É este caso a origem do *Amor e Melancholia* ou a *Novissima Heloisa*, (1828) que o auctor mais tarde explica loquaz e puerilmente na *Chave do Enigma*, na prosa que acompanha as insonsas quadrinhas. Castilho não conhecia a Heloisa da legenda, nem o livro de Rousseau, senão, não se atreveria a baptisar com esse titulo comprommettedor um livro banal, frio e mal feito; as quadrinhas parecem sortes da noite de S. João, ou d'estes ternos disticos que então era de costume bordar nos lenços de assoar ou pôr no papel dos rebuçados; exprimem scismaticos enlêvos e brandos queixumes que levavam á piedade os meigos corações dos quinze annos, e se cantarolavam em *Modinhas.*

Kinsey, capellão de lord Aukland, que viajou em Portugal em 1827, no livro que escreveu d'esta viagem, precioso pela grande quantidade de informações colligidas, que hoje são para nós historicas, descreve como n'este tempo estavam ainda em todo o seu vigor as Modinhas brazileiras; cantava-se a letra da *Joven Lilia abandonáda*, de Castilho, adaptando-a a uma ária da *Semiramis*, de Rossini. Kinsey, que julgou Castilho sem a influencia das lendas domesticas, falla d'este costume da sociedade portugueza: «As modinhas portuguezas são peregrinamente bellas e simples, não só emquanto ás palavras, mas até pela com-

posição da musica. São geralmente expressão de algum sentimento amoroso, terno ou melancholico, de desespêro ou esperança, e seu effeito é tal que, quando bem acompanhadas pela voz á guitarra, chegam a arrancar lagrimas dos ouvintes, apesar de acostumados á sua frequente repetição.»

Este mesmo enthusiasmo achamos nos viajantes com relação aos cantos lyricos peruanos. As relações de Portugal com a côrte do Rio de Janeiro durante o governo de D. João VI fizeram reviver a *Modinha* brazileira, mas tendia já para a sua decadencia pela confusão das árias tradicionaes com as *fioritures* das operas italianas. O *Amor e Melancholia* de Castilho é uma serie de quadras amorosas em estylo de modinha, que se vulgarisou na sociedade burgueza por ter apparecido n'esta corrente de um genero que se extinguia.

Melhor lhe fôra ter subido á pyra fumegante com as dôces cartas a que respondia; o seu fumo iria formar em volta do auctor um vago nebuloso, uma lenda engraçada, já que a realidade o humilha. Mas em roda do poeta levantava-se uma arte turbulenta, devastadora; havia um excesso de vida que elle não sentia, era o *Romantismo*.

§ II (1836 a 1854.)—Castilho faz uma transigencia provisoria com o Romantismo: *A Noite do Castello*.—Imprecações contra as doutrinas litterarias do Romantismo.—Castilho regressa de novo aos estudos classicos.—Os *Quadros historicos*.—As *Metamorphoses* de Ovidio traduzidas.—A poesia arcádica nas *Escavações poeticas*.—Castilho, antigo setembrista chasquêa o movimento de 1846 no opusculo comico da *Chronica certa de Maria da Fonte*.—No meio das perturbações politicas de 1847 vae á Ilha de S. Miguel.—Fundação da Sociedade dos Amigos das Letras.—O Drama *Camões* e *Felicidade pela Agricultura*.—A propaganda da *Leitura repentina*.—Polemicas virulentas. Vae ao Brazil em 1854.— Consequencias da morte do Garrett: Castilho impõe as traducções do latim, e funda a pedantocracia portugueza do Elogio mutuo.

Não vale apresentar novamente o quadro do renascimento de todas as litteraturas da Europa na abertura do seculo XIX; era preciso o hymno do *Secuol si rinuova*.

A grande individualidade alcançada pelas revoluções liberaes e pelo desenvolvimento dos estudos scientificos, assignala uma transformação brilhante de que a humanidade só teve consciencia nas suas creações,—na litteratura. Como *subjectiva*, realisando sentimentos que se não previnem, e cujos impulsos não podem ser calculados nem medidos, a Arte romantica não teve modelos, era essencialmente livre. Foi d'esta liberdade que cada litteratura tirou forças para *nacionalisar-se*. O Romantismo não se implantou sem lucta; lucta travada, renhida, como provocam sempre as ideias novas; ao cabo viu-se ao sol da verdade que os que debatiam contra eram velhos academicos, que já se não podiam desacostumar da senda aristotelica. Estes se chamaram os *classicos*, não com o nobre sentido que lhe deu Goëthe, mas como simples contraposição aos *romanticos*. Diz Goëthe na sua correspondencia com Eckermann: «A determinação da poesia *classica* e da poesia *romantica*, que agora se adopta por esse mundo, e que é causa de tantas

discussões e dissenções, é, no que respeita á essencia, minha e de Schiller. Eu tinha adoptado para a poesia o processo objectivo, o unico que me pareceu bom. Schiller, que pelo contrario, procedia de um modo todo subjectivo, julgou seu methodo melhor, e foi para se defender contra mim, que escreveu o seu tratado da poesia sentimental e da poesia simples. Os Schlegell apoderaram-se d'esta distincção e levaram-n'a mais longe, de fórma que hoje se estende por todo o mundo.» [1]

As bellas traducções dos romances de Walter Scott por André Joaquim Ramalho e Sousa, a traducção do *Oberon* de Wielland por Filinto e pela marqueza de Alorna, foram as primeiras disposições para o Romantismo; passaram por assim dizer desapercebidas. É a Almeida Garrett que se deve a renovação da moderna litteratura portugueza. Castilho viu-se no meio d'este espirito novo, como o dormente da Roma pagã que acorda na Roma do christianismo. As suas primeiras palavras foram de maldição aos perturbadores da serenidade da velha Arcadia. Viu que não podia dizer d'elles, nem de Schiller o que Florian dizia de Gessner; essa leitura não podia tornar castas e probas as suas ovelhas. Vejamos o pavoroso quadro d'essa invasão nos valles e amenidades do seu idylio, tal como nol-o descreve circumstanciadamente no prologo dos *Quadros Historicos de Portugal* (1838):

«A actual litteratura (onde a ha) em desconto de seus outros grandes peccados de scepticismo religioso e, o que mais forte e indisculpavel é, de *scepticismo moral*, [2] tem in-

[1] *Ejesspraeche unt Eckermann*, 203; João Paulo, *Poetica*, t. II, p. 436.

[2] No prologo da segunda edição das *Viagens na minha Terra*, respondeu a esta allusão Garrett com as seguintes linhas: «Tem sido accusado de *sceptico*, é uma accusação mais absurda, que só denuncia, em quem a faz, ou grande ignorancia ou grande má fé. Quando o nosso auctor (Garrett) lança mão da cortante e destruidora arma do sarcasmo, que elle maneja com tanta força e dextridade, e que talvez por isso mesmo, conscio do seu poder, elle rara vez

troduzido e refinado muito conhecimento de relações das partes e individuos do mundo entre si; e d'ahi nos ter expremido para o coração uma quinta essencia mui pura de interesse e affecto universal, misturada com uma decima essencia subtilissima de egoismo esterelisador (não sei como diga, para que a entendam a verdade que me abafa.)

«Depois que a Musa se chrismou em Natureza, e largou por velhos os graves cothurnos e fidalga falla do seu tempo; depois que se fez cosmopolita, *liberal* e *plebea*, prestes para tudo, para banquetes de cynicos sobre a lamagem nas tabernas, para a adoração profunda do Eterno; para dançar núa com as prostitutas, ou voar pelos alcantís e espinhos de todas as difficuldades ou de todas as virtudes; depois que disse na sua nobre ou delirante ambição: *Tudo é meu*, e cravou no meio do mundo espantado bandeira livre de conquistadora que, remontada pelos céos, vae tremular por cima da cabeça de Deus; depois que olhou para o espectro do Passado, e lhe cuspiu na face e riu; para o embrião do Futuro, e lhe atirou veneno e riu; e disse ao Presente:— Dança ao redor de mim, porque eu te abri o magestoso manancial de todas as dôres impias,—e riu; levantou-se entre todos os seus ministros uma grande confusão, porque

toma nas mãos—veja-se que é sempre contra a hypocrisia, contra os sophismas, e contra os hypocritas e sophistas de *todas as côres*, que elle o faz. Crenças, opiniões, sentimentos, respeita-os sempre. As mesmas suas ironias que tanto férem, não as dirige nunca contra individuos: vê-se que despréza a facil vingança que, com tão poderosas armas, podia tomar de inimigos que o não poupam, de invejosos que o calumniam, e a quem, por cada dicterio insulso e ephemero com que o tem pertendido injuriar elle podia condemnar ao eterno opprobrio de um pelourinho immortal, como as suas obras. Ainda bem que o não faz! mais importantes são as suas obras, e quanto a nós, mais punidos ficam os seus émulos com esse desprezo do homem superior que se não apercebe da sua malignidade insulsa e insignificante.

«Voltando á accusação de *scepticismo*, ainda dizemos que não póde ser *sceptico* o espirito que concebeu, e em si achou côres com que pintou tão vivos, caracteres de crenças tão fortes como de Catão, de Camões, de Frei Luiz de Sousa,—e aqui n'esta obra (Viagens) os de Frei Diniz, de Joanninha, da Irmã Francisca.» p. VII.

se ouviram os gemidos do Provir, os lamentos do Passado, as blasphemias do Presente.»—Estes dislates, com pretenção a estylo biblico, enójam. «Uns, almas generosas nascidas para amar, disseram:—Nós procuraremos salvar tudo isto pelo amor. Outros, almas indomaveis nascidas para o triumpho, disseram:—Nós assignalaremos as rodas do nosso carro sobre estes tres cadaveres do Tempo. E a poesia lhe disse:—Ide e os bafejou a todos.

«O povo, que só das palavras alheias compõe a sua sabedoria, (absurdo) corre aos theatros a aprender, como se consumma, explica e defende o adulterio, o incesto, a traição, o perjurio, o parricidio, o fatricidio, o infanticidio, o regicidio, o deicidio, horrores que o grande Solon nem quizera se julgassem possiveis, para lhes prevenir penas em suas leis; palavras de agouro e maldição, que semelhantes ás que uma antiga religião defendia, nunca haviam sair de humanos labios.» É com estas mesmas palavras que o clero fanatico tem amotinado as turbas contra todos os progressos. «O mesmo povo abre livros, e n'elles se encontra com os mais formosos quadros de toda a imaginavel brandura.» Aqui a jumenta de Balaam obrigou o falso propheta a fallar verdade. «Por um ouvido um demonio lhe inspira como se embotam os punhaes, para que a ferida seja mais vagarosa; como se farpam, para que mais dôa; como se hervam, para que não sare; por onde se hão de embeber e quanto sangue hade manar, quantas fibras descozer-se, quantos gemidos e arrancos ouvir-se, com que gestos, com que sorrisos e palavras se hade desesperar a agonia, como é que o pé se lhe hade pôr sobre os olhos para que não veja o céo. No outro ouvido, um anjo lhe insinúa que a felicidade toda assenta na paz interior, a paz interior na virtude, a virtude no amar sempre a todos e a tudo, no amar sem outro fim senão o proprio amar. Appareceram á porfia os sophismas do parricidio nos *Salteadores* de Schiller (este não podia tor-

nar com os seus poemas mais probas e castas as ovelhas de Florian) e os extremos da affeição a um pobre cão no *Jocelyn* de Lamartine; (admirava-se, porque entendia como christão que os cães devem ser tratados como os tratava Malebranche) os horrores de uma *Justina*, e as piedosas magoas de um *Leproso de Aoste; Catherina Howard* e as *Prisões* de Silvio Péllico. Que digo? o mesmo livro, e quasi o mesmo momento, muitas vezes combina estas repugnancias: o famoso monstro litterario intitulado *Nossa Senhora de Paris*, por Victor Hugo, é um libello diffamatorio e infernal contra a natureza humana, e juntamente um Evangelho do amor materno. É a lucta perpetua do Bom e do Mau Principio: são os dois extremos do homem, nefandamente amarrados entre si pelo genio do homem; imagem d'aquelle supplicio, inventado por um antigo rei de Italia, o desprezador dos Deoses, como lhe chama Virgilio, o vivo abraçado com um cadaver, os labios que respiram e gemem pregados n'uns beiços mudos que exhalam morte, e os olhos que vêm sobre dois globos que olham sem vêrem. Esta é a incomprehensivel, a espantosa litteratura da nossa edade! Oh quem soltasse este vivo, porque o contacto d'este defuncto o não contaminasse! Oh quem enterrasse este morto, porque a presença d'este vivo lhe não aggravasse a condemnação! Homens innovadores, sublimes, infernaes, *Romanticos*, algozes do coração, *da alma e da fé*, que resplandeceis na vossa gloria como Satanaz em seu throno de fogo, *eu* escriptor desconhecido do mais pequeno recanto do mundo; *eu*, cujas galas poeticas são tão mesquinhas que por minhas mãos as rasgo sem dó; *eu vos desprézo*, e por uma fama sete vezes mais alta do que a vossa, por thesouros sete vezes mais fartos de que vos rendem as vossas phrases magicas, não quizera ser o que sois; que assim como inventastes um veneno infallivel para cada virtude, não inventastes outro para a vossa propria consciencia, teme-

rosa tem de ser a vossa ultima hora na vida.»[1] Se o escriptor tivesse consciencia do que diz, responder-se-lhe-ía, que os *contrastes* que formam o processo artistico do Romantismo, não são filhos de um systema exclusivo de elocução quintilianesca; os *contrastes* apparecem sempre onde ha verdade na arte. Mesmo em Homero, Achilles apresenta esta doçura de caracter: «Porque choras tu, Patroclo, como uma criança que ainda não sabe fallar, que corre atraz de sua mãe e que a segura pela saia, a detem e a contempla chorando para que a leve ao collo.»[2]

E o mesmo heroe diante de Heitor mostra esta impetuosidade indomavel: «Cão, não me suppliques de joelhos, nem pelos meus parentes. Oxalá que a minha colera e o meu coração me levassem a dilacerar e a comer a tua carne crua, pelo mal que tu me fizeste.»[3] Os *contrastes* na poetica moderna, como se acham principalmente em Victor Hugo, não têm este fim immoral que lhe acha o classico agoureiro; tendem constantemente a mostrar-nos que a natureza não conhece o feio, nem produz aleijões; o que ha de mau é uma creação nossa, das nossas circumstancias, e por isso no fundo das cousas repugnantes, onde existirem ainda alguns vestigios da natureza, lá póde transluzir o bello. É a isto o que se chama um *ideal de reflexão*, emquanto o bonito é um ideal immediato, evidente em si mesmo.

Fallando do *Roi s'amuse*, explica Victor Hugo o pensamento d'este modo: «Tomae a disformidade physica a mais feia... illuminae por todos os lados, pelo clarão sinistro dos *contrastes*, esta miseravel creatura; e depois dae-lhe uma alma, e dotae esta alma com o sentimento mais puro que séja dado a homens, o sentimento paternal; o sêr dis-

1 *Quadros historicos*, p. 4, 5, Edição brazileira.
2 *Illiada*, XXII, 345.
3 Id. XVI; 6.

forme tornar-se-ha bello.» E quem negará a perfeição moral, a sublimidade da alma de Triboulet, o degradado bobo, sempre verdadeiro, mesmo interpretado na musica por Verdi?

O *Romantismo*, denominado por Victor Hugo o *liberalismo na litteratura*, foi condemnado na sua essencia por Castilho: «A *liberdade* e *egualdade* que, para nivellar a face da terra, vão apagando a figura e pulverisando o sêr proprio de tantas cousas, já invadiram e senhorearam a litteratura.» [1] Em França a lucta do *Romantismo* tinha levado Baour-Lormian, Jouy, Arnault e Etiénne, a pedirem ao rei Carlos x, em janeiro, a proscripção do *Romantismo;* entre nós Castilho ameaça os Romanticos, que affligem a banalidade enthronisada, com as penas do fogo eterno e com a agonia da hora da morte. Quando Castilho proscrevia Schiller por não servir para tornar probas e castas as suas ovelhas; um folhetinista francez, fallando desdenhosamente do theatro de Schiller, dizia que quem escreve a *Donzella d'Orleans* merecia ser açoitado no pelourinho. Em toda a parte o *Romantismo* soffreu uma lucta assim ridicula; as *xenias* de Goëthe e Schiller, as digressões sarcasticas de Byron, os epigrammas de Victor Hugo, foram confirmando aquelle aphorismo oriental: «A verdade é grande, ella prevalecerá.» Contra a bagagem de regras desligadas como os ossos de um esqueleto, e mais que tudo mal comprehendidas pelos que se arrogaram o nome de classicos, apresentou Victor Hugo o prologo de *Cromwell;* ali os esmaga com o pezo da ignorancia d'elles; aos discipulos de La Harpe, que ainda se regulavam nas suas composições pelo codigo épico do padre Le Bossou, e traziam presentes a definição de Voltaire, que o gosto não é para a poesia outra cousa mais do que os enfeites para as mulheres, mostrou-lhes que o gosto

[1] *Quadros historicos*, pag. 6.

era a rasão do genio, que se revoltava contra a poesia amaneirada, arrebicada, empolvilhada, já velha no seculo XVIII, e que vinha disputar competencias de mocidade com a alma que se renovava. [1] Em 1837, quando o *Romantismo* entre nós tinha sido implantado por Garrett, quando a nossa litteratura havia sido enriquecida com um theatro nacional, com o *Camões, D. Branca*, e estava em elaboração o *Alfageme*, com a *Harpa do Crente* de Alexandre Herculano, com o *Eurico* e *Monge de Cistér*, Castilho descrevia os estragos do *Romantismo* n'este tom:

«A poesia amavel, a que nas mãos e seio nos vinha offerecendo ramilhetes, fructos no regaço, amores nos olhos, e nas fallas consolações, affastou-se d'entre nós, onde ainda a alguns poderia aproveitar, e assim como outras muitas boas artes e prendas, foi reclinar-se á espera na beira da torrente dos dias, d'onde não volverá, sem que primeiro se restaurem muitas optimas cousas e todas suas, que o mundo velho tinha produzido. Mas d'onde virão estas cousas? Do mesmo mundo velho? mal o creio, que o novo quebrou a ponte que os juntava, e riu de ufania vendo abysmar-se fabrica que assim parecia eterna. Renascerão por tanto da propria natureza da terra, da indole da alma humana que já uma vez as produziu, ou do sopro do céo: renascerão tarde; renascerão quando nós já não formos; renascerão talvez diversas, mas renascerão. E quaes são estas cousas do mundo passado cuja perda tanto dóe ás Musas e á Virtude? são as formosuras e magnificencias da religião, o respeito aos finados e a seus sepulchros, ás lições da experiencia, ás obras dos antigos homens, a veneração ás cãs, o quasi culto ás mulheres, a benevolencia e sociabilidade, o aferro dos usos e modas patrias, o amor do estudo, que nós dissipámos com as leituras ephémeras, e o

[1] *Cromwell*, pag. 54, ediç. de 1580.

amor do torrão natal, nobre, fecundissimo sentimento, mas impossivel onde se vive sem muita brandura, e sem firme certeza de permanecer. Tudo isto se perdeu para nós e não sei que bens haja em seu logar posto a *Philosophia*.» [1] É d'este modo que nas aldeias se revolta o povo contra qualquer ministerio; estas palavras são malevolentas.

O genero pastoral absorvera-lhe todas as predilecções; pela innocencia imbecil do mundo dos idylios, procurou Castilho sustental-o delatando ao publico fanatico e nada instruido, as creações *romanticas* como immoraes e scepticas. Em verdade, o genero pastoril leva a este refinamento, como se póde observar na velha farça do *Advogado Patelin*, onde o typo astuto, vesano, solerte do camponez Agnelet, chega a pregar um logro ao trapasseiro *Advogado*, que acabava de enganar o honrado burguez commerciante. Levam a isto os idylios do campo. Demais, quando menos se esperava, o poeta, falto de individualidade, e transigindo com todos os poderes, declara-se alfim *romantico* no poema da *Noite do Castello* e no poemeto dos *Ciumes do Bardo*. Escreve com as exigencias do publico, e porque vê *que as passadas obras não occupam meia hora os homens graves e bons juizes;* o partido horaciano e caturra dos contubernaes pede *que torne* ao seu *primeiro caminho*, por fim sem inspiração propria não sabe *como contentar a todos*. Conhecendo que as suas obras tinham o defeito da prolixidade desconnexa, a que chama *estiramento do periodo*, Castilho conta-nos assim a primeira tergiversão da sua Musa:

«Saíram a *Noite do Castello* e *Ciumes do Bardo* muito mais contraidos e apanhados em cousas e palavras (sujeitos a um plano, quer dizer com isto) do que estes poemetos (*Primavera* e as *Cartas de Ecco*), pois comtudo muitos

[1] *Primavera*, pag. 20, ediç. 2.ª Herculano tambem concebia assim a philosophia. Vid. supra, p. 383.

houve e ha; que por isso mesmo ficaram preferindo os antigos e até os velhos opusculos (Epicedios a D. Maria I, e o poema á *Acclamação de D. João VI*.) A cada hora me diz um, que torne ao meu primeiro caminho; outro que não desampare o novo: uns, que estas ultimas obras se não lêem senão de escasso numero; outros, que as passadas não occupam meia hora os olhos dos homens graves e bons juizes. Oh! quem reconheceu nunca a verdade da fabula do *Velho, do rapaz e do burro*, como o triste, que para expiação talvez de algum grande peccado, entrega e desampára a publico os partos do seu tinteiro! Pois que não póde ser contentar a todos, ir-me-hei como e por onde o meu juizo, gosto e natureza me levarem.»[1] A arte d'este modo não tem elevação, nem um fim sério; é um caminhar ora a cavallo, ora com um burro ás costas, segundo o exige o gosto do publico; d'este modo o artista é ainda o que pede esmola em verso, como os velhos poetas palacianos. A arte assim dá só estiramentos de periodos, e a dependencia dos modelos para imitar, e o culto das tradições de escola com que se proteger. O artista é o que faz o gosto, o que domina e educa o seu tempo; a mediocridade anda tacteando as conveniencias, evitando ir contra as rajadas que lhe podem arrancar as pennas fingidas com que se empavona.

No prologo da *Noite do Castello*, de 29 de novembro de 1835, confessa a sua deserção litteraria: «Commetti sim compôr um poema *romantico*; mas não abjurei o *classico*. Não sou transfuga dos velhos para os novos arraiaes; mais depressa como explorador os entrei.»[2] E no prologo do *Amor e Melancholia*, da edição de 1861 accrescenta: «Nascido, creado, ajuramentado na escola classica, devendo só a ella o primeiro favor que achei no publico, fanatisado pe-

[1] *Primavera*, pag. 36.
[2] Ed. de 1861, pag. 9.

los velhos genios da antiguidade, só cheguei mais tarde a fazer justiça a este livre e creador movimento da nossa éra. Rendi-me fascinado pelos seus perstigios, arrastado pelo caudaloso exemplo, inspirado pelos dictames da propria rasão.» É de 1836 a traducção das *Palavras de um Crente*, de Lamennais, por Castilho, o que significa que o seu romantismo em litteratura correspondia ao *setembrismo* em politica.

A *Philosophia* ou a independencia intellectual, e a *Liberdade* ou a independencia politica, levantaram ao brilhantismo que hoje tem em toda a Europa, a litteratura moderna. Castilho olha a philosophia como uma causa de ruinas,[1] e diz que os que sonham com liberdade mentém ou deliram.[2] Vejâmos quem assim pensa como póde contrafazer a poesia de um seculo agitado pelas conquistas dos eternos principios, pelas grandes applicações nas maravilhas das descobertas: a poesia das almas fortes e das almas doentes, a poesia suave e crente de Lamartine e dos *lakistas*, e a poesia tumultuosa, desoladora, afflictiva, vertiginosa de Alfred Musset, Heine, Espronceda e todos os da escola chamada *satanica!* Castilho deu justamente, sem o saber, um poema romanesco, a *Noite do Castello*, e um poemeto impetuoso, byroniano, os *Ciumes do Bardo;* o primeiro é uma edade media recortada, cujos sentimentos são inspirados pela impressão que então exerciam os romances de Madame de Radcliffe; os *Ciumes* são uma pagina intima e sem grandeza; o sentimento que procura communicar, em vez de tomar uma fórma natural e sublime, como o comprehendeu Shakespeare, esvae-se em imprecações e pragas e monologos de fraqueza. No ciume do Othello, não se vê a offensa pessoal; elle vinga não a affronta propria, mas a jus-

[1] *Primavera*, pag 21.
[2] *Quadros historicos*, pag. 9.

tiça e o dever que foram ultrajados; é executor bem contra sua vontade, mas obedece a uma força moral que lhe vem da consciencia. O pobre *Bardo*, traça o manto de uma maneira chateaubrianesca e vae bravejar aos ventos, ameaçar os áres, vendo o mundo através de um vexame que em parte talvez o merecia. Os *Ciumes do Bardo*, pela sonoridade do verso, lêem-se uma vez; d'ahi lhe vem o acolhimento do publico; lidos segunda vez desfazem-se como um papel doirado que se descolla. O defeito provém todo de o auctor ter renegado da catholica religião do classicismo e transigir com a seita dissidente que tomára a litteratura de assalto.[1]

Nas luctas da escola romantica existe um homem de talento, que empregou a sua auctoridade a favor dos canones antigos, e veiu depois queimar os incensos do seu éstro ás conquistas da liberdade e da intelligencia. É Monti; elle foi em ponto grande o que é Castilho em proporções mais acanhadas. Como Monti, Castilho é o ultimo representante da Arcadia, com um idylio assucarado, de fórma alindada, celebrando todos os pequenos interesses dos epithalamios dos altos personagens; a sua elegancia e correcção têm o quer que é de receita, a que se chama *elmanismo*. Monti celebra a morte do republicano Basseville, para tirar d'aí condemnações contra a França; Castilho maldiz por seu turno a revolução franceza para exaltar D. João VI. Monti faz-se o poeta dos successos da côrte imperial, obtendo por essas bajulações pingues tenças, honras de historiographo e outras achegas; Castilho recebe tambem de D. João VI a pensão de uma rendosa escrevaninha. Monti depois de amal-

[1] A falsidade d'este poemeto póde explicar-se por este facto da Biographia hespanhola de Castilho attribuida a Thomaz Gomes, impressa em Cadiz, e reproduzida na *Gaceta de Madrid*, e no *Eco del Commercio*: «en este corto espacio (1834–1837) gosó Castilho de todos los atrativos de la vida de los amantes... su esposa le sirvió de madre, de amiga y hasta de maestro.» Pag. 7.

diçoar a republica, chorando *o maior dos reis e o rei mais dôce*, revolta-se contra *o sangue do vil Capeto*, sugado nas veias dos filhos *da França*, mas Bonaparte triumpha em Marengo, e já o poeta saúda o *rival de Jupiter*. Pela sua parte Castilho depois de prebendado pelo despotismo, obriga a sua Musa a cantar tambem a liberdade, nos versos a Gomes Freire, e depois do triumpho do cêrco do Porto, no *Tributo saudoso á morte do Libertador*. Monti perde o seu titulo de historiographo; Castilho com a quéda dos privilegios no systema liberal ficou tambem sem a tença, como se lê na sua biographia em hespanhol: «pues el oficio dado por D. Juan VI a nuestro poeta se abolió, sin que el gobierno actual le haya dado la indemnizacion que se acostumbra en casos tales.» (p. 5.) Na sua velhice, Monti arrepende-se de ter adoptado a melancholia de Ossian despresando os deoses da mythologia; Castilho tambem na velhice abandona as pastoraes para traduzir com affectada vernaculidade as obras capitaes do romantismo. Monti e Castilho primam pelo bem acabado da fórma e pela versatilidade das ideias, das convicções e do caracter, pela pretenção a puristas da lingua e pela incapacidade de tratarem scientificamente os problemas da philologia.

O *Romantismo*, ou a revolução moral e sentimental que se deu nas litteraturas modernas da Europa, no principio d'este seculo, foi como um renascimento do espirito livre, espontaneo e creador da edade media. O genio da revolta, que inspirava os *fabliaux* e as grandes legendas seculares, reappareceu na fórma de um exagerado *subjectivismo*. Os escriptores servis, afferrados ás praxes academicas, limitados á imitação do classico, oppozeram-se com todas as forças á nova manifestação do sentimento. «A caracteristica da edade media em litteratura, segundo Frederico Schlegel, é a lucta entre o espirito antigo, refugiado na lingua latina, e o espirito novo, que transparece nas linguas nacionaes.»

No *Romantismo* dá-se a mesma lucta; mas em vez de ser a emancipação das linguas vulgares, é a liberdade do sentimento, que procura manifestar-se sem convenção.

Travou-se a lucta na Allemanha nos fins do seculo XVIII, communicou-se á Inglaterra e á França, e só chegou a Portugal o ecco do que ía lá fóra muito depois da emigração, em 1835. Os embaraços para a introducção do *Romantismo* em Portugal acham-se resumidos em Castilho, a rhetorica velha e cansada condemnando o ideal da arte determinado pela philosophia.

É por isso que lhe cabem algumas paginas n'este livro, como ao que mais contribuiu para a decadencia e esterilidade da litteratura portugueza, não só pelos seus constantes protestos academicos, como por ter apadrinhado uma geração de mediocres que tanto custa a extinguir.

Hoje a litteratura não é já uma nobre ociosidade, de apparato brilhante, com que se entretem a pompa das academias, e se engrandece o luxo das côrtes dos monarchas magnanimos; não é tambem aquillo que Cicero julgava, quando a definia como uma distracção liberal, um consolo intimo, domestico. Em quanto se pensou assim, não se passava das fórmas pautadas, dos panegyricos, das dissertações futeis, da archeologia de curiosidade, de sentimentos convenientes, da tragedias regulares não ultrapassando as tres unidades; discutia-se o merito comparativo dos antigos e modernos, serviam-se da erudição homerica para demonstrar que Mentor já invocava com saudade os tempos antigos; havia um certo numero de metáphoras convencionaes, um *Deus ex machina* para os poemas; via-se apenas as fórmas externas, os processos mechanicos com que os melhores escriptores, mais classicos por assim dizer, tinham o segredo de mover, de deleitar; de arrebatar, como quem tem os fios com que se fazem saltar os bonifrates. Quem via a litteratura d'este modo fazia uma ideia falsa, e por

isso todas as suas creações eram falsas na origem. Hoje viu-se que a litteratura era mais do que isto, era uma creação humana, e como tal revelava o caracter do povo que a tinha sentido. Esta comprehensão nota-se na tendencia geral de todos os espiritos em voltarem-se ao estudo de todos os livros em que o genio do homem apparece mais independente das regras artificiaes, os poemas seculares, anonymos, as formações das legendas, o estudo dos mythos.

Sob este ponto de vista, a litteratura estuda-se para satisfazer a necessidade do espirito, que procurá constantemente descobrir o homem tornando os seus actos conscientes. Taine, na *Historia da Litteratura ingleza*, abriu este plano, fazendo as applicações das descobertas recentes; determina as duas raças, saxonia e normanda, uma terrivel, violenta, batalhadora, a outra branda, susceptivel de todas as modificações; o caracter impetuoso do norte acha-o representado em Shakespeare, Marlow, Ben Johnson, Milton e Byron; o caracter normando, imitador, com tendencias classicas, reflecte-se em Pope, Addisson, Dryden. A litteratura tem hoje esta importancia; a philosophia da arte, a Esthetica veiu dar-lhe altura e consciencia. Pela litteratura chega a definir-se o caracter historico de uma epoca, muitas vezes melhor do que pelas chronicas officiaes que mentiam á verdade para não divulgarem as intrigas que formavam as ephemerides da côrte.

As obras de arte têm o poder maravilhoso de não poderem ser falsificadas; fallam mais alto do que todas as oppressões, delatam os crimes mais escondidos á posteridade pela influencia que sentem.

Os jesuitas, que inventaram uma theologia no seculo XVI, e uma moral no seculo XVII, como diz Michelet, não produziram apesar dos maiores esforços uma obra de arte. O despotismo de Carlos V e de Philippe II, infunde um abaixamento da dignidade, acanha o vôo espontaneo da

inspiração, e a litteratura do seu tempo é como um aleijão de um homem que sae da polé e se ri para desarmar os seus algozes; a litteratura *picaresca* não é mais do que isto, é uma delação da atrocidade politica contra o desenvolvimento social. Assim a litteratura é como o templo onde ficam impressas as pégadas dos falsos sacerdotes que entram de noite e ás escondidas para comerem as viandas postas diante dos idolos de barro. É pela litteratura que procurâmos a decadencia successiva do caracter portuguez, como uma manifestação local de um grande mal organico, o Constitucionalismo bragantino. Para este fim basta-nos tomar como typo o poeta e prosador Castilho; todos os defeitos dos ultimos escriptores acham-se n'elle em germen.

As fórmas particulares da arte têm uma analogia intima entre si; na architectura, esculptura, pintura, musica e poesia, a lei das transformações de uma explicam a transformação de todas as outras; em Miguel Angelo se encontra a successão natural e logica na marcha ascendente da sua inspiração; depois de esculptor descobre a pintura, espiritualisa as aspirações vagas na poesia, e é por fim architecto. É por isso que nos serviremos de um exemplo da pintura, para fazer comprehender qual é a posição de Castilho n'este ultimo periodo da litteratura portugueza.

Elle apparece-nos como Lebrun na côrte de Luiz XIV. Lebrun tem a inspiração do seculo do monarcha que se dava o sol por symbolo; no meio de uma pompa ficticia as suas creações são tambem falsas; o colorido é como o dos cosmeticos que purpureavam a face das velhas marquezas que provocavam acintosamente a sensualidade do monarcha; as composições têm o arranjo de uma pequena intriga de amores de alcova; elle borda e entretece com as flôres fingidas da sua palheta esta festa lugubre e forçada do despotismo devasso. A côrte admirava-o, a Academia respeitava-o, as tapeçarias pediam-lhe rascunhos, os estofos, os

monumentos eram segundo o seu alvitre, era elle que corrigia os planos.

A epoca não via no artista uma unica reprehensão, não a despertava da lethargia moral em que caíra, não a encommodava, antes a lisonjeava, e lhe acerava os desejos. Em paga d'esta transigencia, dava-lhe a gloria e rendimentos pingues, e o despotismo sobre os outros artistas que queriam competir com elle. Todos estes caracteres se encontram reproduzidos em Castilho como poeta e prosador. Tanto a Lebrun como pintor, e a Castilho como litterato, o que faz illudir algum tanto com uma grandeza ou superioridade apparente, é a pequeneza e vulgaridade d'aquelles que se deixaram influenciar, e não tiveram ao menos a força para renegarem os mestres, e abjurarem da auctoridade. Mas sobem de ponto cada vez mais as analogias da comparação.

Aquelle genio terrivel, de creação profunda, alma de Miguel Angelo baldeada na côrte de Luiz xiv, Puget, foi perseguido porque as suas composições tinham um quê de forte e energico no meio da mollicia que o despotismo do monarcha gerára; Luiz xiv chamava-lhe um *obreiro mui caro;* Lebrun ao menos sabia condescender com as villanias, era por isso o inimigo nato de Puget.

Uma sociedade decadente não póde comprehender a alta inspiração de um verdadeiro artista; o *Milão de Crotona* só foi apreciado por uma mulher, que ao vêl-o disse sómente —coitado! O grupo de *Andromeda* libertada por Perseu, cuja belleza consiste nas fórmas delicadas, pequeninas da mulher, foi desdenhado justamente no que elle tinha de mais bello e de verdade. Não era para aquelles olhos costumados ás trevas das pequenas intrigas o verem o «marmore de uma alvura de neve.»

Assim a arte convencional de Lebrun, de etiqueta, respeitadora dos usos constituidos, conservadora da rotina,

immobilisadora de todas as tendencias, era uma maldição continua a toda a innovação, a todo o espirito independente. Ella lucta para apoucar os genios firmes de Le Sueur, Claude Lorrain e Poussin, o que a arte franceza tem de mais bello. As transformações artisticas levam aos mesmos resultados; depois de todos os esforços para a formação de uma litteratura no seio de um povo que aspirava, ao cabo da lucta, a liberdade da moderna Europa, Castilho, como estes espiritos inertes e sem coragem que desanimam os outros, resume em si todos os caracteres de Lebrun, proclama-se o pontifice da immobilidade e da rotina. Tendo procurado a formação do séu talento litterario, como e em que tempo appareceu nas lettras, qual a sua primeira inspiração, qual o seu ideal da poesia, as qualidades que o fizeram estyllista, como o estyllo é o mais alto gráo a que o elevou o esforço, como comprehendeu a antiguidade que adoptára, renegando as ideias do seu tempo, determina-se a influencia que exerceu na litteratura, e pela mediocridade dos discipulos, apresentaremos os symptomas de uma degeneração lenta que se operou de dia para dia em Portugal.

Assim cabe perfeitamente a Castilho a parte que tomou na litteratura moderna, ser o ultimo e mais declarado inimigo da revolução moral chamada *Romantismo*, e ao mesmo tempo o que mais corrompeu a geração moderna pela sua falta de consciencia litteraria. [1]

Em todas as composições de Castilho apparecem sempre os caracteres d'aquella *infancia* de sua alma; não envelhece, parece-se com esses monges bretãos que tinham recebido o bastão do peregrino que dava uma perpetua

[1] Esta missão parece ter sido adivinhada admiravelmente por Quinet ao descrever o movimento de inspiração *nacional*, na litteratura portugueza de 1824 a 1846: «que cette litterature n'était pas une oeuvre d'académie, mais un cri d'esperance, qu'elle s'accordait trop bien avec les instincts de la foule pour ne pas concourir à ranimer ce peuple,—à moins qu'il ne se trouvât à point nommé quelque grand meurtrier pour l'assassiner au préalable.» *Oeuvres*, t. x, p. 59.

mocidade. Porém esta infancia foi sempre desbaratada, ou melhor, nunca nos deixou vêr d'ella mais que os seus defeitos. Como criança ama o descriptivo e o excesso de colorido; não fórma plano, vae ao acaso da inspiração; é digressivo e interrompido de incidentes do discurso o estylo; é imitador e de preferencia traductor. A mesma *infancia* nunca lhe deixou ter uma individualidade propria, a dependencia de amparo tornou-o tambem moralmente fraco; bem o conhece e defende-se com ella, respondendo á este juizo de um estrangeiro:

«Entre os poetas hoje vivos em Portugal (1829) notaremos Castilho, que apesar de cego desde a meninice, se tem todavia incessantemente applicado ás bellas-lettras e ao cultivo das Musas. As suas *Heroides*, no estylo de Ovidio, é uma das suas obras mais notaveis. Dá provas de notavel talento em alguns outros trechos poeticos, que todavia não são em geral considerados como bons; de facto é muito pobre de originalidade, e o seu modo de colorir não é conforme á verdade da natureza; as suas phrases, postoque habilmente torneadas, são talvez monótonas, e é apenas á harmonia dos seus versos que deve a sua fama como poeta.» [1]

Quando no *Portugal Illustrado*, M. Kinsey disse, que Castilho não tinha o sentimento da natureza e que a pintava mal, o poeta defende-se d'este modo: «este descriptivo é

[1] W. M. Kinsey, *Portugal illustrated; in a series of Letters*. London, 1829; «Among the living poets of Portugal may be remarked Castilho, who, though blind from his cradle, has nevertheless incessantly applied himself to the belles-lettres and the cultivation of the Muses. His *Heroides*, in the style of Ovidis one among the most remarkable of his works. He displays considerable talent in some other pieces of poetry, which, however, are not generally regarded as good; in fact he is very deficient in originality, and his mode of colouring is not after the truth of nature; his lines, though they are happily turned, perhaps, are monotonous, and it is only to the harmony of his verses that he is indebted for his poetical fame.» *Review of the litterary history of Portugal* (p. 525-564.) Extraimos esta citação do livro de J. de Vasconcellos *O consummado Germanista*, p. 25, por isso que o livro de Kinsey é extremamente raro.

desbotado e de côres pouco vivas e proprias se com o de Gessner ou Kleist se compára, mas é o melhor que eu soube; eu que nem podia ir-me pelos campos fazendo, como de si dizia Kleist, caçadas poeticas de imagens, nem discorrel-os como Gessner, de lapis na mão. Já póde ser que padre Kinsey, ou o seu ponto (informador) não houvessem de se me avantajar muito, se lhes coubesse tirar ás escuras, ou quasi, o retrato da natureza:»[1] Castilho descobre em toda a parte esta fraqueza, com uma simplicidade que desarma; na sua vida domestica parecia vêr-se aquelle quadro de interior, Milton entretido pela leitura de suas filhas: «Uma mulher, toda boa, toda extremosa, tomou unicamente a peito o vingar-me da natureza; cerca-me de continuo, como um anjo, de amor e de luz; empresta-me olhos para eu vêr o mundo e as obras dos seculos...»[2]

A perda de sua esposa (1 de fevereiro de 1837) foi como diz em um *post scriptum* de um prologo, o maior infortunio da sua vida, uma perda de que em nenhum tempo o coração se poderá consolar: «Quebraram-se as forças para continuar no trabalho, bem como se esvairam muitos, antes todos, meus projectos.»

Nos *Quadros historicos* (1839) lamenta a morte de um modelo de irmãos, que o coadjuvava no que dizia respeito ao revolver, apurar e digerir todos os successos, deixando-lhe o estylo e a poesia, que é o quem tem principalmente a obra.[3] Todas estas circumstancias o privaram da virtude masculina e superior da individualidade; fizeram-n'o um espirito pueril, entretido com combinações de *Mnemonica*, fazendo-o apaixonar por bagatellinhas como um *Tratado de Metrificação*, e o uso dos versos com letra pequena. O *Methodo repentino* é nobre na intenção, mas piégas.

1 *Primavera*, pag. 40.
2 *Primavera*, pag. 290.
3 *Quadros Historicos*, pag. 245.

Por toda a parte as traducções occupam um valor secundario na litteratura; reconheceu-se a impossibilidade de trasladar com uma precisão geometrica para uma lingua os sentimentos, por si indefinidos, expressos nas differentes cambiantes das palavras e fórmas prosódicas de outra lingua. Todas as traducções modernas são em prosa, porque servem para estudo, e é a prosa que dá a mais ampla liberdade ao pensamento. Para traduzir uma obra de arte é preciso sentil-a novamente, e quem sabe sentir é creador tambem, e inventa por si.

Com esta esterilidade de alma e sem recursos de imaginação, Castilho lançou-se aos poetas antigos; serviu-se d'esta abundancia de phrases que trazia de memoria ordenadas em fórma de vocabulario, ia-as baralhando pacientemente, e com o acinte de quem pensa enterter o vazio do espirito e a solidão do isolamento, seguia ora *verso a verso* o poeta que torturava, ora lhe dava tratos de polé na redundancia de *paraphrases*.

Traduziu, como um grammatico sem vêr o intimo das palavras; [1] começa por não comprehender o poeta que traduz. Ovidio foi o primeiro que lhe veiu á mão, sem escolha, casualmente; versando-o com mão diurna e nocturna chegou a apaixonar-se por elle, a tornal-o o seu dilecto. Para os

[1] Na traducção que fez dos *Fastos* de Ovidio, lib. VI, v. 660, acceita o texto n'esta forma:

> Adde quod *Edilis* pompa qui funeris irent
> Artifices solos *jusserat* esse decem,

quando desde o tempo de Gothofredo (*Fontes quator Juris*, not. á X Tabula) se restituiu o texto historicamente:

> Adde quod *Edictis* pompa qui funeris irent
> Artifices solos *jus erat* esse decem,

por isso que se referiam ao direito consuetudinario das Doze Tabuas. É esta a critica que falta nas traducções de Castilho, e é por isso que o reconhecem como um verboso paraphraseador.

que não são latinistas, para lêrem Ovidio bastava-lhes qualquer traducção ou de Panckouke ou da collecção Nisard. Castilho diluindo cada hexametro do Sulmonense, em tres endecasyllabos portuguezes, tornará mais conhecido o exemplar antigo? Se elle mesmo não comprehende mais do que as palavras; e essas mesmas palavras são como senhas sacramentaes cujo valor não alcançam os profanos que as repetem. Castilho começou pelas *Metamorphoses* em 1841. «As Metamorphoses, diz um profundo critico moderno, nenhum livro melhor do que ellas mostra quanto se ignorava a antiguidade heroica e divina. Estas nobres legendas, todas animadas de vagas ideias philosophicas, da mais larga e da mais pura poesia, tornaram-se nas mãos de Ovidio lindos contos ornados de felizes antitheses, perfumados de espirito e galanteria, que uma dama romana dispenderia voluntariamente no seu toucador.»[1] Agora comprehende-se como Castilho obedeceu á sympathia que o uniu a Ovidio; espirito futil, sem profundidade, conhecendo a fabula pelas explicações do Diccionario de Chompré, (Vid. p. 436) não vendo mais do que brilhantes nadas das imaginações antigas que adoravam falsos numes, era lhe facil pôr em vulgar essas personificações allegoricas, cujo processo de poetisação já estava ensinado pela rotina da estafada rhetorica das Academias do seculo XVII e XVIII. Que esses poetas academicos não comprehendessem a *fàbula*, e a reduzissem a um armazem de metáphoras d'onde extraíam todos os trópos para as suas odes saphicas, pindaricas, epodicas, alcaicas, percebe-se, porque, intelligencias vulgares, desbaratadas em frivolidades, não tinham assistido à descoberta dos grandes poemas da India, da epopêa germanica, das theogonias do norte, factos que engrandecem o seculo; não podiam por isso partir da unidade das tradições para a lei da

[1] Taine, *Essai sur Tite-Live*, pag. 17.

sua formação, nem descobrir como os povos perpetuam os dogmas religiosos, o direito, as descobertas, os successos, n'essas creações espontaneas de symbolos, legendas e mythos. Castilho vive n'um mundo phantastico, ignora o presente e amaldiçôa-o. O espirito moderno ri-se d'elle, como o povo de Roma se riu dos dormentes que despertaram em meio de uma sociedade nova, com outros usos e costumes. Depois dos trabalhos de Kreutzer, de Guigniaut, de Preller sobre a mythologia, a opinião de Taine sobre Ovidio não precisa de demonstração. O seculo XVI, a *moderna antiguidade*, comprehendeu Ovidio como simples pagão, e tratou de lhe salvar o texto e de apural-o com commentarios eruditos; no seculo XIX este homem esforçou-se em voltar ao passado, até se tornar um rhetorico da decadencia. De um gosto convencional, sente-se pela inclinação do caracter um litterato byzantino; a *Arte de Amar* é uma composição erotica sem valor, uma lisonja á depravação romana. Na traducção dos *Fastos*, melhor do que em nenhum livro, se encontra o gráo de ignorancia dos homens que em Portugal escrevem; Castilho convidou mais de cem escriptores para commentarem o texto; tudo o que ali se lê é ou traduzido das encyclopedias, tirado de Jacob, das notas dos scholiastes; ha muita minucia, muita citação, mas faltam só vistas novas; não apparece um unico resultado da critica moderna, nenhuma apreciação da philosophia de arte, nenhuma interpretação da moderna sciencia da Mythologia; ainda cá não chegára esse movimento. Castilho maldiz todos os traductores de Virgilio: João Franco Barreto, Leonel da Costa, Lima Leitão, Barreto Feio, Odorico Mendes, todos o interpretaram mal; Castilho insulta-os, deprime o trabalho d'estes homens, e ameaça-nos com uma nova traducção. E como poderia elle comprehendel-o, quando só se achava capáz de traduzir melhor os termos da lavoura, e em menor numero de versos? Virgilio não é isto que entre nós se pensa.

É preciso uma alma pura de toda a inveja, simples, boa por natureza para avalial-o, para aspirar aquelle perfume de melancholia que fez com que elle presentisse o christianismo. Como é que um grammatico póde traduzir este hemistichio divino: «Sunt lacrimae rerum» quando para elle a arte é um mister e uma lisonja á corrupção de um novo Baixo Imperio? Ao menos o grammatico de Ravena, que jurava pela infallibilidade de Virgilio, tinha mais alma para comprehendel-o do que um que o parodia em palavras mentidas.

O sentimento de Virgilio só póde ser comprehendido depois de se conhecer como elle alimentou e por assim dizer refrescou a alma humana durante todo este periodo de aridez theologica, de sevicias feudaes, que formam o decurso da edade media. A egreja chegou quasi a levantar-lhe altares; S. Paulo vem ao tumulo de Virgilio, e chora por não ter chegado mais cedo, para salvar uma alma tão pura, tão apta para receber a doutrina do christianismo. Depois de se haver estudado a Renascença é que se achou desenvolvido n'ella o genio de Virgilio; foi, por assim dizer, um conhecimento *a posteriori*.

Dante diz n'um dos tercetos da *Divina Comedia*, dirigindo-se ao seu guia: «por ti eu fui poeta, por ti eu fui christão.» E Virgilio adiante, vendo-o perturbado e querendo fortalecel-o, diz-lhe que um espelho não reflectiria melhor todas as emoções que lhe vêm á face. É a alma da Renascença, o espelho em que se viu representada. Castilho não formou ideia do que séja a Renascença moderna, nem da acção que ella teve na Europa; ficou d'este modo privado de lêr o melhor e o mais profundo commentario de Virgilio. Uma palavra de Dante, uma legenda grotesca de Virgilio na meia edade, fazem-no-l'o comprehender melhor do que todos os scholios de Donato, Servio ou Despauterio. Até sómente com a bondade natural se comprehende me-

lhor Virgilio, do que com toda a ferramenta de palavras e synonymias. Como a raça celtica o comprehendeu!

Que melhor commentario de Virgilio do que esta bondade celtica, feminina, incompativel com a indole vaidosa, e acerada por uma inveja incessante. Castilho ficou privado do melhor criterio para avaliar Virgilio;[1] é um traductor fiel, e tanto como estes pintores chinezes que entendem que a verdade da pintura está em saber o numero de nevruras que tem uma folha, e limitam toda a sua arte a um processo mechanico de reproducção servil. Muitas vezes as analogias dos caracteres fazem com que conheçamos melhor o que estudamos. Castilho modernamente representa-nos o mesmo que Pope na litteratura ingleza; o traductor do *Homero*, tinha uma maledicencia de homem rachytico e descontente, não conhecia amigos, nem affeição diante do seu orgulho e vaidade litteraria; para elle a poesia não é mais do que uma gymnastica de palavras, em que, com apparencias de propriedade de expressão, encobre o vazio do artificio. Castilho, entre nós tem tambem a perfeição da symetria, da lima que desgasta as saliencias do diamante, procurando contornal-o para o metter dentro do engaste da rhetorica mesquinha.

Causas fataes e irremediaveis obrigaram Castilho a permanecer em uma perpetua infancia. Quem o accusa por isso? o que obriga a pôl-as em relêvo, é o apresentarem isto que é uma incapacidade como faculdades superiores. Do seu genio pueril e infante provêm todas as suas obras litterarias, taes como o tratado de *Mnemonica*, o *Cerebro artificial*,[2] o *A B C repentino*, os versos de lettra pequena, o

[1] Vide o admiravel livro de Comparetti *Virgilio nel medio evo*, verdadeiro modelo de erudição em que as lendas virgilianas são explicadas sob o ponto de vista das origens.

[2] Esta invenção, acha-se a pag. 136 da *Noite do Castello*, em nota. Ed. de 1864. Na *Questão do Fausto*, p. 69, o sr. Graça Barreto queixa-se de nunca ter encontrado esta novidade nas obras de Castilho; é por isso que a indicamos.

seu anachronismo idyllico, a tendencia irresistivel para traductor, isto é, a necessidade de ir pela mão de quem teve primeiro o trabalho de pensar; a abundancia esteril do seu estylo, e sobretudo uma necessidade absoluta de adulações. O meio influiu tambem na sua mediocridade.

As profundas perturbações politicas causadas pelas tendencias absolutistas de D. Maria II, que de 1842 a 1846 iniciára pela facção cabralista um regimen de violencia, produziram um levantamento popular nas provincias do norte, conhecido pelo nome de *Maria da Fonte*. Por este tempo Castilho escreveu um opusculo de 57 paginas intitulado *Chronica certa e muito verdadeira de Mıria da Fonte, escrevida por mim, que sou seu tio, o Mestre Manuel da Fonte, sapateiro do Pezo da Regoa, dada á luz por um cidadão demittido que tem tempo para tudo.* É um folhetim politico. A tempestade do absolutismo desencadeou-se com o golpe de estado chamado a—emboscada de 6 de outubro,—e seguiu-se o levantamento nacional, contra o qual a rainha chamou uma intervenção armada estrangeira em 1847.

É uma das infamias da monarchia. No meio d'estas agitações Castilho foi residir na ilha de S. Miguel, por convite do Visconde da Praia, o homem a quem a cultura açoriana mais deveu. No remanso da ilha, Castilho occupou-se em collaborar no *Agricultor michaelense*, onde escreveu umas prosas poeticas intituladas *Felicidade pela Agricultura;* cooperou para a fundação da Sociedade dos Amigos das Lettras e Artes, em Ponta Delgada, para cujas escolas escreveu os *Primeiros exercicios de leitura*, e as *Noções rudimentares*, com varios Hymnos, sendo a musica de alguns composta pelo amador João Luiz de Moraes Pereira. Logo em 1848 levantaram-se em volta de Castilho ruidosos conflictos litterarios, que motivaram folhetos, hoje desconhecidos, como o *Thecel, ou o Castilho em zero*, e a virulenta réplica *Ou eu, ou elles*. D'esta epoca de permanencia na ilha de S.

Miguel resultou a traducção ou apropriação do drama francez *Camões* de Victor Perrot e Armand Dumesnil, que Castilho quiz fazer passar por original até 1849. No opusculo de Anthero do Quental *A dignidade das Lettras e as Litteraturas officiaes*, acha-se um extraordinario juizo critico d'este trabalho, suppondo-o original: «É um dos mais formosos dramas do theatro portuguez e a unica admiravel e inatacavel obra do sr. Castilho — o drama *Camões*. Nunca se dirá bastante d'esse livro surprehendente, que excede muito o *Camões* de Garrett no estudo da epoca, na interpretação do verdadeiro caracter do heroe, na intelligencia intuitiva do genio da nação, e no grande espirito poetico e dramatico que anima todas as scenas, salas amplas e luminosas de um maravilhoso palacio de poesia.» [1] Chama-se a isto impôr como opinião uma primeira emoção irreflectida. Confrontou o critico o texto francez com a paraphrase portugueza? Nem suspeitava da existencia do drama de Perrot e Dumesnil, e por isso as deturpações de Castilho pareceram lhe surprehendentes intuições de genio! O drama é falso diante da historia: Camões não conhece sua mãe, que morrera de parto! ama uma filha do Conde da Castanheira, que ainda encontra viva no regresso da India! recebe esmola de uma preta, que o sustenta; Castilho contentou-se em intercalar na sua paraphrase uma pequena comedia em redondilhas, *O Auto da boa estrêa*, composto sob o nome do Dr. Antonio de Castilho, guarda-mór da Torre do Tombo e amigo do quinhentista Antonio Ferreira, composição que fingiu achada por Luiz Filippe Leite e que serviu para illudir a boa fé critica de José Maria da Costa e Silva. Conseguido este fim, como se vê no artigo O Dr. Antonio de Castilho, do *Ensaio biographico critico*, o *Auto da boa estrêa* foi então intercalado na paraphrase do drama

[1] *Op. cit.*, p. 45.

Camões.[1] Eis aqui a unica obra inatacavel de Castilho, segundo a critica de Anthero do Quental.

Durante os dois annos de residencia na ilha de S. Miguel é que Castilho se apaixonou pelas questões de pedagogia, e em 1850 transforma o *Methode de Lecture*, de Mr. Lemare, no seu pequeno livro intitulado *Leitura repentina, Methodo para em poucas lições se ensinar a lêr com recreação de Mestres e Discipulos.* Com o tempo Castilho persuadiu-se da propria originalidade, e a sua tentativa começou a ser chamada *Methodo portuguez Castilho.* Nós seguimos a critica de Herbert Spencer contra a superstição usual que faz julgar a leitura como o fim da instrucção; se os que dirigem a instrucção publica, governos e padres, são os primeiros a impedirem tudo quanto possa embaraçar a emancipação intellectual e moral, a leitura ficará sempre uma arte esteril e uma aptidão sem destino. Mas aproveitando a superstição usual, Castilho fez um grande ruido sobre a *Leitura repentina*, envolveu-se em polemicas virulentissimas, como a *Tosquia de um camello* (José Crispim da Cunha) em 1853, 1855 e 1856, arvorou-se em apostolo indo ao Brazil em 1854,[2] e conseguindo por fim ser nomeado Commissario geral das escolas do Methodo repentino, pelo que recebeu até á sua morte um conto de réis de ordenado annual. Da sua invenção dizia Castilho: «Tambem eu fiz uns *Lusiadas;* só uns; foi esta carta de alforria da puericia. Não cantei os portuguezes passados, mas forcejei por que houvesse portuguezes futuros, o que não vale menos, se é que não vale mais.»[3] Infelizmente Castilho sobreviveu o bastante para vêr provada a inefficacia da apregoada maravilha, e notando que os *Lusiadas* continuavam a ser o

[1] Ainda em 1870 o sr. Romero Ortiz no livro *La literatura en el siglo* XIX, caiu no mesmo engano.

[2] *Chave do Enigma*, p. 212.

[3] Carta de 29 de março de 1867 á Camara municipal de Setubal.

que eram, atacou o poema como não servindo nem sequer para cartilha de escola.[1] João de Deus, que se tornou tambem um apostolo da leitura, foi atacado como imitador do methodo de Castilho n'estas phrases: «Faremos vêr que tudo, que por aí tem apparecido de methodico e racional, é essencialmente filho do *Methodo portuguez.*» João de Deus replicou com uma fina ironia, que encerra a critica do processo para a leitura repentina: «Do *Methodo* apenas sei uma regra, que um dia me recitou com admiração um fervoroso apostolo do celebre pedagogo:

«*A, e, i, o, u*, vozeiam
Quando em cima o páo lhes vem;
Mas vão quasi caladinhas
Quando carapuça têm.»

«Sem querer por esta particularidade julgar da analyse que presidiu ao trabalho do sr. Antonio Feliciano de Castilho, é certo que *vozeando* as vogaes tanto com páo, como sem páo em cima, (sem páo, mais vezes incomparavelmente,) e não indo quasi caladinhas quando têm carapuça; nem a fórma nem a ideia me convidavam a utilisar-me.» Castilho no meio da sua esteril propaganda, foi eloquente nos protestos contra a *pancada*, que era parte obrigada da pedagogia portugueza, e resto persistente da tradição do ensino jesuitico, que ainda sob outras fórmas se conserva nas nossas escolas. A *pancada* passou de moda, e não foi pequeno progresso, porque a nossa infancia foi passada sob a pressão d'esse terror branco da disciplina das primeiras lettras.

Conseguido o Commissariado do methodo repentino, Castilho visou a uma acção directa sobre a litteratura portugueza; achava-se só em campo. Garrett fallecera em 1854, e desde 1859 Herculano fechára-se em um silencio syste-

[1] Carta preambular do poema *D. Jayme.*

matico, odiando todas as manifestações litterarias. Com a propaganda a favor do monumento a Bocage em Setubal em 1857, e com a anedocta philantropica que se liga á Epistola á Imperatriz do Brazil, o nome de Castilho avocava a si a admiração dos novos; em 1861 foi a Coimbra visitar os sitios poeticos da sua mocidade, e em um sarão litterario no theatro academico recebeu as homenagens da nova geração. Faltava-lhe tudo para ser dirigente; o trabalho da sua ultima epoca litteraria (1858 a 1875) foi exclusivamente de traducções, de livros atrasados, como *Os Amores de Ovidio*, (1858) *Arte de amar*, (1862) *Fastos de Ovidio*, (1862) *Lyrica de Anacreonte*, (1866) *Georgicas de Virgilio*, (1867) sem a minima acção sobre o espirito publico. Uma cousa lhe restava para impôr a sua supremacia litteraria em ambos os hemispherios—o estylo.

Um dos seides que o cercava chegou a sustentar na *Revista Contemporanea*, que era elle e não Garrett o verdadeiro principe da poesia moderna;[1] por uma dôce illusão da edade veiu a considerar-se um pontifice litterario, passando bullas de indulgencia aos que se apresentavam nas lides da imprensa. Era moda trazerem todos os livros que se publicavam uma carta ou breve da infallibilidade do mestre; ninguem podia ser lido sem trazer a chancella sacrosanta só obtida por bajulações e negação absoluta de novidade. Reinava a dôce paz no santo mundo das lettras, Castilho e o seu rebanho todos conformes em dar e receber o incenso de apparatosos ductos. Comtudo a litteratura da Europa avançava, e novos principios foram introduzidos no mundo pelos pensadores, tendo fatalmente de produzir em dado tempo os seus resultados.

Foi então que appareceram alguns escriptores desconheci-

[1] No 1.º vol. das *Lendas e Narrativas* Herculano reclama para Garrett esta primazia, como quem sabe que se lha disputa arteiramente o seu logar.

dos, que pensavam e escreviam com independencia; era preciso detel-os nos seus impetos iconoclasticos (1865); já se não podiam fazer accusações de *gallicistas*, descobriram outra—de *nebulosos*. Accusaram-os do crime de introduzir o espirito allemão na litteratura. Crime estupendo. A Allemanha, ha mais de sessenta annos, tem-se tornado a iniciadora da actividade intellectual da Europa; os estudos historicos, a critica sobretudo, a philosophia, as sciencias naturaes, tem experimentado um impulso brilhante; os sabios de Alem-do-Rheno deixaram a lingua latina, usada nos trabalhos eruditos pelos Scaligeros e Wolfius, pela linguagem vernácula, mais susceptivel de exprimir todas as cambiantes do pensamento, por isso que era aquella em que se pensava; tornou-se uma especie de algebra, como tal incomprehensivel ao vulgo. N'um estudo sobre Otfried Müller, diz Hildebrand, o traductor da *Historia da Litteratura grega*: «Por muito tempo ainda, franca e altamente se reconheceu ha alguns annos para cá, que o principal trabalho dos philologos francezes, inglezes e italianos será com effeito o de implantar e aclimar nas suas patrias as conquistas positivas da sciencia allemã, antes de curar em continuar esta corrente de estudos; e a vereda que ainda se conhece tão imperfeitamente, tem necessidade de ser sériamente preparada. É o que se comprehendeu, e o de que se occupam com um notavel desinteresse. Grandes talentos que pareciam destinados a abrir vias novas, dedicam-se a esta obra de interpretação e de iniciação; estendendo á Europa civilisada riquezas que só pertenciam a um povo, exaltam-lhes o valor pela clareza e com essa fórma com que as revestem, de que têm sós o segredo.»[1]

Estas palavras de Hildebrand exprimem o facto que caracterisa a transformação do Romantismo na Europa, e que

[1] *Historia da Litter, greg.*, Introd. xxvi.

mais cedo se operou na Allemanha, como o vimos nas palavras de Gervinus: «transição da poesia pará a sciencia e do Romantismo para a critica.» Foi em 1865, que o Romantismo emmanuelico recebeu em Portugal o primeiro ataque da critica, e a poesia a primeira aproximação da sciencia e da philosophia, na lucta litteraria conhecida pelo nome de *Escola de Coimbra.* Estavam acostumados entre nós a considerar a litteratura como um divertimento, sem relação com o meio social; escrevia-se por uma habil curiosidade, e a synthese do talento resumia-se n'esta phrase: *um estylo á procura de uma ideia.* O movimento d'esse espirito novo foi acompanhado em quanto deu escandalo; como não provinha dos individuos mas da epoca, o seu triumpho consummou-se apesar da indifferença publica e das conspirações do silencio. É por isso que póde já ser historiado nas suas tres phases critica, democratica e philosophica.

Como todos os homens que ultrapassam a media da existencia se tornam retardatarios nas suas opiniões, Castilho condemnou a manifestação da moderna intelligencia portugueza, e arvorou-se em chefe, desde 1865 até 1875, em que morreu, do grande grupo dos auctoritarios que constituem a *Pedantocracia portugueza.* Tudo quanto era mediocre achou apoio em Castilho, não com o intuito de animar os talentos indecisos, mas de perverter o juizo e amesquinhar os talentos provados. Castilho nunca disse uma palavra do grande lyrico João de Deus, e dos que se lhe seguiram só deixou cair equivocos monosyllabos. Diante dos impulsos de iniciação litteraria, tornou-se mais ferrenho traductor, e traductor na fórma quasi inutil de paraphrasta. As traducções não tinham um fim, um intuito, um qualquer espirito de revelação artistica; agarrava-se ao primeiro livro que lhe caía debaixo da mão. Hoje era espalmado Anacreonte de uma traducção franceza em prosa para sonorosos versos portuguezes, mas sem nos darem uma commu-

nicação com o ideal da Grecia; ámanhã atacava as comedias de Molière recebendo da Academia das Sciencias os proventos de metade das edições, que se espalhavam com abatimento por todos os alfarrabistas; por fim lembra-se de Goethe, e para affirmar que tambem tinha o sentimento romantico, traduz o *Fausto* de uma qualquer edição franceza, sem a minima preparação prévia, e com a mais ingenua confissão de inintelligencia da obra. Esta versão foi-lhe fatal; a nova escola revolucionaria esmagou-o, e a todos os seus defensores, na chamada *Questão faustiana,* a que adiante alludiremos. Não se querendo dar por vencido, abalançou-se á traducção do drama de Shakespeare, *Sônho de uma noite de S. João;* imagine-se como um acanhado humanista de convento, sem saber inglez, comprehenderia a elevação artistica d'essa concepção baseada sobre as tradições celto-saxonicas! Castilho sentiu perder-se-lhe o seu poder espiritual, e que a mocidade o evitava; a sua morte teve essa opportunidade, que Augusto Comte considera uma condição necessaria de todo o progresso humano. O juizo ácerca do seu merito resume em uma palavra, que se conservará como a fórmula definitiva da sua individualidade litteraria —era um *árcade* posthumo.

§ III.—(De 1865 a 1872.)—A pedantocracia portugueza dirigida por Castilho.—Dissolução metaphysica da Escola de Coimbra contra a apathia mental do atrazado meio romantico.—Phases da Escola dissidente de Coimbra: *a*) Periodo da indisciplina poetica na Universidade, e sua presistencia actual; *b*.)—Periodo de critica historica e comparativa, propagado ao Porto. *c*)—Periodo de sentimentalismo democratico em Lisboa, e disciplina em opinião positiva.—O advento da Philosophia positiva.

Sob a influencia dos tres principaes vultos da transformação romantica da litteratura portugueza, formou-se em Lisboa uma sociedade com o titulo de *Philomatica*, á qual pertenceram Rebello da Silva, Mendes Leal, Lopes de Mendonça, Luiz Augusto Palmeirim, Antonio de Serpa, Latino Coelho, Andrade Corvo, então ainda jovens, e cheios de esperanças. A esta mesma phalange pertenceram os jornaes litterarios *A Epoca* e a *Semana*. Em vez de se pôrem ao corrente do movimento scientifico da Europa, trataram de seguir as pizadas dos mestres; continuou-se a escrever *romances historicos*, á maneira de Herculano, *criticas litterarias* á maneira de Castilho, poesias pelo gosto da escola do *Trovador* de Coimbra. A *Sociedade Philomatica* teve o vicio organico da emphase rhetorica, e do fetichismo litterario; não tratou nenhum socio de adquirir para o seu espirito uma qualquer disciplina philosophica, e em philosophia contentavam-se com o theologismo-metaphysico christão; em politica eram todos monarchicos e idolatravam sem motivo a casa de Bragança; nos estudos historicos contentavam-se com phrases de um patriotismo banal, que se reflectiu essencialmente no lyrismo d'esse tempo. Faltou á *Sociedade Philomatica* o conflicto de opiniões, e uma clara comprehensão das necessidades moraes da sociedade portugueza; os jovens escriptores não a elevaram, mas eleva-

ram-se a si, tornam-se jornalistas do mesmo partido monarchico, e representantes do povo por chancella official, esterilisando-se nas transigencias da ambição do poder, que escalaram por turno. A *Sociedade Philomatica* converteu-se espontaneamente n'uma liga de ambições politicas pessoaes; perante o paiz fez-se por muitos annos um simulacro de opposição parlamentar, e sem trabalho scientifico apoderaram-se de todas as commissões rendosas da Academia das Sciencias e dos differentes ministerios; Rebello da Silva publicava uma *Historia de Portugal* subsidiada pelo governo; Mendes Leal continuava na Academia as collecções encetadas pelo Visconde de Santarem; Latino Coelho seguiu a mesma vereda pelo ministerio da guerra, etc. Todos se julgaram grandes homens e talharam-se entre si purpuras do genio; o publico costumou-se ás celebridades não discutidas, porque a imprensa de Lisboa illudia systematicamente a provincia. O periodo do *Elogio mutuo* corria sem protestos. Quando um dia a provincia reagiu contra este marasmo mental, o facto foi repellido em Lisboa com uma virulencia desesperada.

Todos os movimentos sociaes provêm na maior parte das noções que motivam os actos da vontade individual; se uma sociedade estaciona, se uma fórma de governo se esterilisa, se uma litteratura decae na corrente da mediocridade, é porque essa sociedade, esse governo, essa litteratura não têm ideias. É o que se observava em Portugal, victima de um constitucionalismo conservado pela ausencia de criterio politico, e com uma litteratura banal e sem intuito, inspirada por uma ignorancia absoluta de qualquer aspiração da sociedade. Como provocar n'estas condições interesse ou curiosidade pelas ideias? Agitando os espiritos, dissolvendo as admirações, quebrando os velhos modelos ligados a ideaes de convenção; era o legitimo *Sturm und Drang* do romantismo.

Proclamar qualquer ideia no meio d'esta beatitude intellectual do *Elogio mutuo*, contradictar a critica dogmatica dos parallelos litterarios, era como um attentado contra a patria, contra a ordem politica e até contra a moral. Diz Spencer: «Nenhuma revolução nas ideias se faz sem dilaceração»; [1] por isso algumas affirmações dos escriptores dissidentes de Coimbra em 1865 provocaram sarcasmos dos velhos mestres, que se converteram em polemicas acerbas e em violencias materiaes, chegando até a eccoar no parlamento portuguez os presagios por esse symptoma de dissolução! [2] É tempo de se estudar este movimento de dissidencia, originado pela introducção de um espirito novo em Portugal, e que foi por algum tempo conhecido pelo nome de *Escola de Coimbra*. Divide-se em tres phases caracteristicas esse movimento inaugurado pela renovação de um criterio intellectual: a primeira phase, que começa em 1865, foi exclusivamente poetica e metaphysica, concentrada em Coimbra; a segunda phase, que começa em 1868, manifestou-se no Porto com a propagação de trabalhos historicos em que se applicavam os novos processos da critica comparativa; a terceira phase, data de 1871, iniciada em Lisboa pelas *Conferencias democraticas do Casino*, em que preponderava ainda a indisciplina metaphysica, que foi inutilisar-se no mysticismo societario, até que começa a nova orientação mental pela propagação da Philosophia positiva, que levou os phenomenos apparentemente desvairados da politica a subordinarem-se ao criterio da Sociologia, acabando com a perturbação revolucionaria.

O unico ponto do paiz onde se julgaria encontrar alguma actividade mental, alguma aspiração generosa, era n'esse fóco de mocidade e de efflorescencia moral, em Coimbra,

1 *Primeiros Principios*, p. 122.
2 Referimo-nos a um discurso do sr. Thomaz Ribeiro.

entre as gerações academicas, formadas do que ha de mais vigor e de mais futuro em cada provincia. Infelizmente a morte politica infligida a Portugal com a intervenção armada em 1847, pezava tambem sobre a mocidade de Coimbra, trocista e sem comprehensão das necessidades do seu tempo; quando entrámos em Coimbra em 1861, ainda chegámos a vêr coladas pelas paredes proclamações impressas que diziam: *Viva D. Pedro V absoluto.* A mocidade percebia assim a historia, e affirmava a sua affeição aniquilando o futuro. Quando depois da morte de D. Pedro v, o seu successor passou por Coimbra, a mocidade academica jazia então na mesma insensatez, e por uma commissão composta além de outros estudantes, de Vieira de Castro, foi-lhe entregue uma Felicitação onde se lêem estas assombrosas palavras: «Os filhos da Universidade de Coimbra, ao tactearem n'esta hora com a mão o solo do seu paiz, sentem lá dentro no coração de todo elle a febre vertiginosa do enthusiasmo, e o anciado estremecimento dos grandes jubilos! Passa o Rei e a Rainha de Portugal!... Logar pois á Academia de Coimbra, alma de vinte annos, alma tambem enamorada, que tem uma crença, um braço e uma ideia para vir depôr como oblata n'esse trajecto, aos pés da sua Rainha e do seu Rei!» A baixeza excede os disparates, da Academia com as mãos pelo chão, e das phrases incisivas em estylo de canto de papagaio. A Academia de Coimbra estava em um tal gráo de inconsciencia. O rei respondeu á Felicitação, arvorando-se em antigo poder paternal, do velho estylo da chancellaria de D. João VI: «Sáem do coração as manifestações da vossa dedicação. Do coração as agradeço e retribuo.—Retribuo-as e agradeço-as tanto mais, quanto mais espontaneas, tanto melhor, quanto abrangem tudo o que no mundo *Me* disvella—*a Minha familia como homem, a Minha grande familia como Rei.*» E antes de concluir affirma, que «*os mais invejaveis titulos*

dos soberanos são hoje (1863!) *os de paes e amigos do seu povo.*»[1]

Ninguem poderia suspeitar que no meio d'esta geração nulla, existiam consciencias isoladas que se insurgiam, e que reagiam ousadamente contra a dissolução d'esse deploravel meio. Essa reacção manifestava-se pelo protesto, como o da Sala dos Capellos em 1862 contra a disciplina inquisitorial da Universidade; pela formação de sociedades de livres-pensadores como a do *Raio;* por uma linguagem cheia de aspirações servidas por uma metaphysica, que se applicava á critica litteraria, á poesia, á politica, a tudo. Vivia-se em uma atmosphera de ideias recebidas de Proudhon e de Hegel, e comprehendia-se a historia pelas narrativas emocionaes de Michelet, e a poesia pela audacia descriptiva de Victor Hugo. Castilho presentiu que não podia ser adorado n'esse meio mental, e lançou-lhe um raio da sua colera classica, destituindo os *nebulosos*, confundindo as novas ideias com os disparates de linguagem dos universatarios que «tacteavam o solo do seu paiz.» Anthero do Quental, pretextando abstenção de intuitos litterarios, replicou de um modo directo aos apodos de Castilho; tinha ainda a incoerencia de ideias e preoccupação do estylo, de que nunca se libertou, mas essa réplica em fórma de carta produziu uma grande impressão sobre o publico.

Na Carta *Bom senso e bom gosto* escrevia Anthero do Quental atacando a pedantocracia: «Refundem-se as crenças antigas. Geram-se com esforço novas ideias. Desmoronam-se as velhas religiões. As instituições do passado aba-

[1] Um documento ainda mais vergonhoso para a mocidade academica, é essa Representação de abril de 1864 ao Rei, pedindo-lhe o *perdão de acto*, com o seguinte fundamento: «*Voar depressa ao centro da familia para juntos orarmos a Deus pela dilatação das vidas do Rei e da Rainha de Portugal; para o céo deixar cair orvalho benefico sobre a existencia tão cara e tão necessaria do principe D. Carlos.*» Os poderes publicos não se achavam então n'este gráo de idiotia, e a Representação não foi attendida.

lam-se. O futuro não apparece ainda. E, entre estas duvidas, estes abalos, estas incertezas, as almas sentem-se menores, mais tristes, menos ambiciosas de bem, menos dispostas ao sacrificio e ás abnegações da consciencia. Ha toda uma Humanidade em dissolução, de que é preciso extrahir uma Humanidade viva, sã, crente e formosa.—Para este trabalho é que se querem os grandes homens. Sairão esses heroes das Academias litterarias? das arcadias? das sine-curas opulentas? dos corrilhos do elogio mutuo? Sairão as aguias das capoeiras? Saltarão as ideias salvadoras do choque das maledicencias e dos doestos? Nascerão as dedicações do crusamento das vaidades? Darão a grande novidade os ledores de Horacio? Inventarão as novas formulas os que decoram as phrases rabugentas dos livros bolorentos que chamam classicos? E os Socrates e os Epictetos descerão para as suas missões das cadeiras almofadadas, das rendosas conezias litterarias, das prebendas, das explorações?—Fóra d'essa atmosphera corrupta, e, quando não corrupta pelo menos esterilisadora, é mais provavel encontrarem-se as condições que precisam para viver e crescer os homens uteis e necessarios ás transformações do espirito humano.» A Carta produziu um grande effeito pelo que tinha de vagas generalidades envoltas em uma deslumbrante pompa oratoria; era a edade das expansões lyricas, e n'ellas se dispenderam os primeiros esforços. Tinha o seu tanto de evolutivo; nada ha mais efficaz para estimular a apathia mental do que a seducção artistica. [1]

[1] O Dr. Corrêa Barata, na *Revista de Coimbra* (n.º 1, 1.ª serie, 1879) escreve sobre esta epoca: «Em que peze a muitos é forçoso reconhecer esta grande metamorphose. E não nos percamos em especulações philosophicas sobre as origens, as causas ou os antecedentes d'este facto, nem sobre os perigos, as esperanças que d'aqui podem advir. Estejamos certos de que na determinação serial do futuro que se prepara ha mais logica, do que na confecção artificial dos nossos systemas.

«Eu já quasi não fui de uma epoca que era considerada entre os academicos como a edade heroica do pensamento. Então degladiavam-se *escolas*, e an-

A indisciplina metaphysica iniciada pela escola de Coimbra na fórma de aspiração revolucionaria accentuou-se principalmente na poesia; pela primeira vez na litteratura portugueza deixou a poesia de inspirar-se do ideal do christianismo, foi rasgadamente anti-clerical, socialista, republicana-vermelha, humanitaria. O lyrismo pessoal envergonhou-se das pequenas emoções do individuo e vibrou os grandes protestos humanos; o erotismo amoroso substituiu-se pela paixão do sacrificio, pela hallucinação e enthusiasmo pela liberdade. Cantaram-se as dôres dos povos oppressos, como a Polonia e a Irlanda, cantaram-se as revoluções sociaes, e as novas fórmas politicas da Hespanha e da França. Para uma mocidade que não estava acostumada a pensar, que não sabia converter a sua aspiração revolucionaria em opinião democratica, a poesia era o unico meio de exprimir irresponsavelmente essa aspiração, e o modo mais efficaz de orientar os sentimentos no sentido de um mais elevado intuito. No *Parnaso portuguez moderno* está representada esta phase revolucionaria mas importantissima da poesia portugueza, que precedeu a adhesão consciente e positiva ás ideias democraticas; a phase foi provisoria, e nem podia deixar de sêl-o, mas exerceu a acção fecunda de um impulso novo, para tirar a poesia do sentimentalismo egoista, para dar-lhe fórmas mais espontaneas e vigorosas, imagens mais profundas, verdadeiras e pittorescas, emfim alargar-lhe os espaços da idealisação. Assim ficou a poesia transformada nas suas normas para receber as sugestões altruistas provenientes da moderna concepção positiva do

dava em voga a philosophia dos Kant, dos Hegel e dos Fichte. Diz Jules Soury, que estes philosophos tambem foram no seu paiz como que os semi-deuses de uma era mythologica. Cá como lá passaram essas imaginosas theorias do mundo, do homem e das cousas. Dos brilhantes espiritos que sairam então da Universidade, alguns aí estão bem conhecidos, os quaes, se me não engano, já soffreram esta transfiguração que os aproxima do positivismo das concepções hodiernas. D'esses tempos são, entre outros muitos, Anthero de Quental, etc.

universo; depois d'essa phase revolucionaria, metrifica-se bem, com vigor, com audacia, com colorido, a poesia páira em vez de arrastar-se, e só lhe falta que os talentos que a modulam se fortifiquem por uma educação intellectual. As *Odes modernas* de Anthero de Quental representam o primeiro impulso revolucionario; muitos outros livros e innumeras poesias dispersas pelas ephemeras revistas litterarias dos ultimos quinze annos, pulsam a mesma corda sem monotonia, com uma certa uncção mystica de justiça, e póde-se já dizer com alguma influencia sobre o espirito publico.

A Escola revolucionaria de Coimbra, inaugurada na poesia, estava sujeita a uma grande responsabilidade — o trabalho sério; não se póde ficar inertemente rapaz de esperanças, e era preciso aproveitar uma certa hostilidade da opinião publica para lhe fallar a verdade sem rodeios. A primeira cousa a fazer, era fundar uma *disciplina critica* para dissolver a falsa admiração, uma das principaes causas da nossa decadencia intellectual. No começo d'este seculo, quando os factos da Revolução franceza tinham desorientado os espiritos, Francis Jeffrey, o fundador da *Revista de Edinbourg*, comprehendeu primeiro do que ninguem a necessidade de dirigir o senso critico, e a elle se deve o desenvolvimento e triumpho do partido liberal em Inglaterra. Philarète Chasles, historiando a vida d'esse homem extraordinario, parte d'este seguro ponto de vista: «O senso critico ligado ao senso moral por liâmes profundos, ou antes, sendo um o modo intellectual do outro, ambos são accordes em negar a mentira, para que cada um possa assegurar as bases do verdadeiro, acreditar no que merece crença, amar o que merece ou impõe o amor, emfim dar á vida humana o seu fim serio, e o seu destino real de fé, de pensamento e de acção.» Na historia intellectual da Allemanha, como o observa Gervinus, a elaboração poetica do romantismo dissolveu-se em critica e sciencia, e foi por essa via.

que o povo allemão caminhou para a consecussão da liberdade politica. Na lucta do espirito moderno contra a reacção estupida da Restauração em França, que pretendia restabelecer na sua fórma exterior o antigo regimen, foi pelos processos criticos iniciados pela mocidade do *Globo*, dirigida por Dubois e Jouffroy, que esse espirito orientado pelos principios de 1789 pôde manter as conquistas da liberdade civil. As leis psychologicas exercem-se com a mesma fatalidade. Depois da transformação da poesia, era essencial fundar a *disciplina critica;* para as Litteraturas, a base critica consiste em começar o seu estudo pelo elemento tradicional, partindo d'aí para avaliar as concepções individuaes segundo a mais alta comprehensão d'esse elemento; [1] para a Politica, a disciplina consiste em restabelecer o encadeamento historico, e vêr até que ponto está de accordo com as ideias, muitas vezes realisadas nas instituições de outros povos. [2] Para reagir contra o fetichismo das individualidades, que exercem sobre a opinião publica um poder de perversão, o processo critico consiste em seguir o systema empregado por Eckermann, pintar o individuo no que elle tenha de mais intimo ainda, comtanto que se descubra o determinismo dos seus actos. A Escola de Coimbra manifestou-se no Porto em uma phase exclusivamente critica.

Os factos são como os objectos, precisam de uma distancia conveniente para serem bem comprehendidos; em quanto a pedantocracia portugueza atacava com a sua longa auctoridade os esforços d'aquelles que tentavam uma renovação litteraria e scientifica n'este paiz como que affastado das

[1] Tal foi o pensamento da colleccionação do *Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez* (1867-1869) da realisação da *Historia da Litteratura portugueza* (1869 a 1874) e da critica comparativa na revista Bibliographia da Historia e Litteratura.

[2] No desenvolvimento das doutrinas democraticas interrompidas com a morte de Henriques Nogueira, o restabelecimento da continuidade historica faz prevalecer o criterio ethnico do *Federalismo*.

correntes de civilisação, os grandes escriptores francezes, italianos e allemães viam o que esses mesmos innovadores não se attreviam a vêr, viram na unidade dos seus esforços individuaes a manifestação de uma Escola vigorosa pela affirmação revolucionaria, embora pequena pelo numero. Essa Escola chegou n'este paiz a ter um nome de ludibrio; chamaram-lhe *Coimbrã*, por causa da dissidencia da sua origem; só os escriptores estrangeiros, que a conheceram no seu periodo de desenvolvimento logo que se propagou ao Porto, é que a consideraram na sua força evolutiva e organicamente transformadora, chamando-lhe *Escola critica*. A contar de 1872 é que começa o verdadeiro interesse da imprensa estrangeira pelo que se estava passando na litteratura portugueza; em Portugal só muito tarde se sentiu a realidade de uma transformação nos sentimentos, nas ideias, na linguagem e nas affirmações politicas e litterarias da geração moderna; tacitamente se acceitou a sua superioridade, e só em 1876 e 1877 foi reconhecida com franqueza. Alexandre da Conceição na *Evolução* [1] de Coimbra, Ramalho Ortigão nas *Farpas*, [2] e Horacio Esk Ferrari, na

[1] «A litteratura despe a desbotada tunica romantica, expressão artistica das etherisações incoerciveis do espiritualismo philosophico, e conscia da sua grande missão evangelisadora, apossa-se das altas verdades da philosophia e do movimento scientifico contemporaneo para as mostrar, adornadas com todos os primores da poesia e com todos os esplendores do enthusiasmo, ás multidões sequiosas de novos ideaes.

«Em Portugal, digamol-o sem devaneios de patriotismo obscuro, mas tambem sem pessimismo rabujento — esta immensa transformação nas idéas e no ponto de vista critico acha-se já brilhantemente affirmada nos estudos historicos e litterarios, e nas concepções poeticas e artisticas; para o demonstrar bastará, entre muitos, citar os nomes dos srs. Anthero do Quental, Theophilo Braga, Oliveira Martins, Luciano Cordeiro, Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz, Guerra Junqueiro, etc.

«Ha dez annos que se manifestaram os primeiros symptomas d'esta formosa evolução litteraria, e já hoje *a nova escola* conquistou os direitos de cidade, posto que seja ainda olhada como suspeita pelos espiritos timidos e educados no velho regimen auctoritario.» (*A Evolução*, n.º 1.º: Introduc. Coimbra, 1876.)

[2] «Sendo os homens que escrevem ordinariamente superiores aos homens que lêem, a funcção da publicidade é predominar nos espiritos — ou seja lison-

Hegemonia portugueza,[1] proclamam a supremacia da nova escola. Apoiemos os seus juizos com a auctoridade dos sabios estrangeiros, que primeiro souberam comprehender este movimento.

A propagação da *escola revolucionaria* no Porto come-

geando os, ou seja combatendo-os. Toda a obra litteraria dá um d'esses resultados; ou se adapta ás opiniões existentes e as consolida, ou reage sobre ellas e as decompõe. Toda a litteratura ou é *conservadora* ou é *revolucionaria*. Queremos dizer: ou transige passivamente com as condições do meio social ou se debate contra o obstaculo que a influencia désse meio lhe impõe.» Em seguida Ramalho Ortigão caracterisa de um modo lucido estas duas correntes litterarias em Portugal:

«Nos tempos modernos, sob os dominios despoticos, em quanto a obra do pensamento foi disciplinada pela policia clerical e monarchica, como succedeu em Portugal durante o imperio do Santo Officio, a litteratura deixou egualmente de ser o livre producto artistico e converteu-se n'um poder do Estado, o mais enervante para a imaginação, o mais dissolvente da intelligencia e da dignidade humana.

«Portanto: a primeira condição social para a existencia de uma litteratura compativel com o progresso é a liberdade.

«Todo o escriptor portuguez actual nasceu n'esse meio propicio. Todavia, por uma fatalidade physiologica, por um effeito de hereditariedade, falta-nos a orientação cerebral da independencia. O nosso espirito conserva o stygma servil, o signal da marca que, em muitas gerações que nos precederam, foi deixando a grilheta da oppressão mental. A nossa tendencia de escriptores é ainda hoje, geralmente, para lisonjear a rotina, para comprazer com o vulgo, para seguir as correntes da credulidade geral. A maior parte dos individuos que fazem um livro, tem nas precauções da fórma, no rebuço das opiniões, na doblez do estylo, o ar miseravel de pedintes que solicitam venia para divertir inoffensivelmente o respeitavel publico.

«Entre as aberrações eminentes d'essa tendencia geral, como por exemplo os srs. Anthero do Quental e Guerra Junqueiro na poesia, o sr. Theophilo Braga na historia e na critica, o sr. Oliveira Martins na Economia politica, a sr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho no folhetim—apparece-nos o sr. Eça de Queiroz no romance. *Na pequena Litteratura portugueza destinada a ser um agente na evolução das idéas e dos costumes, um elo no grande encadeamento das causas e dos effeitos sociaes, Crime do Padre Amaro* representa a obra mais profundamente caracteristica, etc. *As Farpas,* nova serie, t. VIII, p. 79 a 81. Lisboa, 1877.

[1] A influencia d'este progresso scientifico (a phase essencialmente evolutiva porque está passando a nossa instrucção superior) cada vez é mais sensivel na Litteratura. É interessante o que a este respeito diz no seu livro *Mi mision en Portugal,* o sr. Fernandes de los Rios, escriptor em tal caso insuspeito, e o modo como elle chama a attenção dos hespanhoes para este novo movimento litterario que se opera em Portugal, a exemplo, diz, do que se passa em França e na Allemanha.

çou propriamente em 1868; em 1873, na Imprensa portugueza, fundou-se a *Bibliographia critica de Historia e Litteratura*, como um orgão directo de combate. Os intuitos são bem claros: «A publicação da *Bibliographia critica* parte apenas de um desejo: o de vêrmos o nosso paiz entrar no grande movimento scientifico europeu, de que anda tão afastado, principalmente no que diz respeito ás sciencias historicas e philologicas.» Ácerca dos obreiros, dizia a introducção: «É muito pequena a collaboração que esperamos dos nossos conterraneos; mas ainda assim *teremos sempre ao nosso lado o pequenissimo numero de mancebos portuguezes que têm comprehendido a seriedade da sciencia;* etc.» A Bibliographia critica foi generosamente acolhida na Allemanha, Italia, França, Inglaterra, Russia e Hespanha. Transcrevendo aqui as palavras de alguns sabios estrangeiros, deixaremos authenticada com a sua voz auctorisada esta phase da *Escola revolucionaria*, desenvolvida no Porto.

Na *Revue critique de Histoire et Litterature*, dirigida pelos professores eminentes Michel Bréal, Gaston Paris, Monod e Morel Fatio, no numero do 1.º de janeiro de 1873 escreve o grande romanista Paul Meyer:

«Portugal é hoje o paiz da Europa em que os estudos scientificos estão mais atrasados. A influencia de Inglaterra não se faz lá sentir senão sob o ponto de vista politico e commercial, o movimento litterario do estrangeiro é ali pouco conhecido, e a cultura nacional acha-se em decadencia. Seguramente no que respeita o estudo da antiguidade

«Se a litteratura influe poderosamente no viver intimo das sociedades modernas, d'ellas tambem é certo que recebe a inspiração e a indole. Ao ler as mais notaveis producções dos nossos primeiros escriptores contemporaneos, ninguem dirá com verdade que esta ultima phase da nossa litteratura revela a desorganisação de uma sociedade.

«É esta a opinião que fazem de nós as nações civilisadas, é esta a opinião que á propria Hespanha se impõe, como uma verdade que conta, por os dias que passam, os argumentos que a confirmam.» *A Hegemonia de Portugal na Peninsula iberica*, p. 20. Lisboa, 1877.

ou do Oriente, a Hespanha occupa um logar pouco elevado relativamente aos outros paizes europeus; mas, ao menos no que toca á historia nacional ha em Madrid e em Barcelona um movimento scientifico importante. Portugal, que não tem como a Hespanha a desculpa de um estado politico pouco favoravel aos tranquillos trabalhos da erudição, fez pouco para a sua propria historia. É, graças aos trabalhos de M. Ferd. Denis, em França, de F. Wolf, de Bellermann, de M. Fried. Diez, na Allemanha, que a litteratura de Portugal é conhecida; foi na Allemanha (em Stuttgart, na Bibliotheca do *Litteraturischer Verein)*, que foi impresso o *Cancioneiro* de Garcia de Resende, cuja edição original, publicada em 1516, é por assim dizer inaccessivel, pois que se não conhecem senão quatro ou cinco exemplares. Emfim, era em Paris (na casa Aillaud) que os sabios portuguezes que tinham conservado o culto da sua litteratura e da sua lingua, faziam ha vinte ou trinta annos imprimir as suas obras. É pois com verdadeira satisfação que annunciamos uma revista publicada no Porto, a *Bibliographia critica de Historia e Litteratura*, que se propõe exactamente o fim que proseguimos do nosso lado ha sete annos, e que desde os seus primeiros passos, a julgar pelos dois fasciculos que temos á vista, se colloca a uma altura que não foi certamente nunca attingida por nenhum periodico de Portugal, nem de Hespanha. A Advertencia pinta sob côres sombrias o futuro que prepára para si um paiz cujo nivel intellectual desce: a sua prosperidade desapparece, a sua nacionalidade mesmo está em perigo. Todavia não ha rasão para se entregar a vistas pessimistas. Sem duvida é triste vêr um distincto litterato, o visconde de Castilho, produzir uma traducção do *Fausto* e declarar no seu prefacio como a cousa mais natural do mundo, que não sabe allemão e executou a sua versão sobre traducções francezas. Mas o remedio está ao lado do mal. Esse remedio é

aquelle que temos muitas vezes empregado aqui mesmo e a que não estamos proximos a renunciar: uma critica severa, sem piedade para os presumpçosos. E nós vêmos pela *Bibliographia*, que essa critica não faltou á obra do alludido traductor, porque lêmos no primeiro fasciculo d'essa revista um exame muito apropriado d'essa traducção, e no segundo a analyse de um largo livro sobre o *Fausto* escripto por um erudito portuguez que parece muito competente...

«Os redactores da *Bibliographia* não se illudem provavelmente ácerca do genero de successo que os espera: não metamorphosearão em verdadeiros sabios os que julgam sêl-o já;—o exercito de professores na maioria insignificantes—de que se falla na Advertencia, ficará o que é. O mesmo succede entre nós, e sem duvida n'outras partes.

«Uma experiencia já longa demonstrou-nos que a critica é sem effeito sobre aquelles que não estão preparados para receber o seu ensino. Mas, apesar d'isso não se deve menos apreciar sem franqueza os máos livros; em primeiro logar chega-se assim ás vezes a fazer-lhe diminuir a producção, o que é já um resultado desejavel. Depois sobretudo, uma critica rigorosa, procedendo methodica e dogmaticamente, é de um excellente effeito sobre aquelles que não são objecto directo d'ella. Fornece em fórma de demonstração um ensino pratico dos mais uteis, e assim se fórma uma escola de homens novos que podem um dia contribuir utilmente para a regeneração de um paiz.»

Mr. Paul Meyer não conhecia a marcha da escola revolucionaria portugueza senão pela fórma disciplinadora da *Bibliographia critica;* Mr. Gaston Paris, na *Romania* (n.º 6, de 1873) já conhecia mais amplamente os productos da geração nova, e apreciando a severidade e justiça da critica, exclama: «Il faut bien augurer du succès de l'œuvre de regeneration intellectuelle à laquelle se sont voués en Portugal, avec autant de courage que de talent, MM....»

E accrescenta: «*L'ecole critique* a à lutter non seulement contre la malveillance qu'eveille partout une critique indépendente et rigoureuse, mais contre une inintelligence satisfaite qui oppose à ses efforts le plus reluctant des obstacles, l'inertie; mais il est impossible qu'elle n'exerce pas, par sa science, par sa bonne foi, par son énergie, une influence considerable sur la jeunesse, et qu'elle ne se trouve pas tôt ou tard en nombre suffisant pour mépriser les ataques ineptes dont elle est l'object. (Loc. cit, p. 278.) Em nota accrescenta: «On ne peut en avoir une idée quant on ne les a pas vues. La plupart des injures adressées à nos amis sont celles que servent en tout pays aux defenseurs de la routine: les auteurs manquent de politesse, de goût, de style, et surtout de patriotisme; ce sont des fils adoptifs de l'Allemagne, ils feraient rougir leurs aieux, etc.»

Na Allemanha tambem foram saudados com enthusiasmo os esforços da escola revolucionaria portugueza; o dr. Edmundo Stengel, da Universidade de Marburgo, publicou na *Algemeine Zeitung*, de Augsburgo:

«Portugal offerece-nos tambem agora uma prova evidente e agradavel da propagação da nova sciencia (a baseada sobre o methodo historico comparativo)—e é este o mesmo paiz que até hoje era adverso e antipathico ás relações scientificas com as outras nações e que até havia cercado o seu mercado de livros com uma muralha da China, pois que era impossivel obter por intermedio dos livreiros as novas publicações portuguezas. A *Bibliographia critica de Historia e Litteratura*, cujos primeiros tres fasciculos tenho presentes, resolveu-se finalmente a propagar de uma maneira decidida o methodo scientifico iniciado na Allemanha e os resultados por elle obtidos, e combater por outro lado a escola que até agora tem dominado em Portugal, a qual não tem criterio scientifico. É este um proposito louvavel, e tanto mais, quanto é pequeno o numero d'aquelles

seus compatriotas que hão de auxiliar o redactor, manifestando elle de mais na applicação pratica do seu proposito um tino critico seguro, independentemente de toda e qualquer sympathia ou antipathia pessoal.—O valor principal da *Bibliographia*, para o leitor estrangeiro consiste decerto nos artigos que tratam de productos de litteratura portugueza, todavia merece o juizo dado sobre os outros livros, em geral á altura das questões tratadas, a attenção dos sabios estrangeiros, assim como os eruditos additamentos espalhados aqui e acolá.» (Supplemento ao n.° 30 da *Gazeta geral de Augsburgo*, de 30 de janeiro de 1873.)

A missão da *Bibliographia critica de Historia e Litteratura* consistiu em estabelecer relações com a sciencia européa, dando a conhecer os trabalhos da moderna escola, que em Portugal estavam abafados pela *conspiração do silencio*. Na inauguração dos estudos na Universidade de Berlim em 1875, o Dr. Goldbeck referiu-se louvavelmente á transformação litteraria que se passava em Portugal, bem como o eruditissimo Gubernatis na *Rivista européa*.

Muitos escriptores estrangeiros, correspondendo ao intuito da *Bibliographia critica*, offereceram algumas das suas obras aos collaboradores d'este jornal, estabelecendo-se assim uma admiravel fraternidade litteraria; citaremos os nomes de Mr. Littré, Coussemaker, August Reissmann, Carolina Michaëlis, Wilhelm Storck, D'Avezac, Asenjo Barbieri, Emilio Hubner, Theodoro Mommsen, Platão de Vaxel, Reinardsttoetner, Ascoli, G. Muller, Stengel, E. Teza, Pasquale Garafolo, Monaci, Adolf Gaspary, Giuseppe Pittré, Mortillaro, Ad. Mussafia, Amador de los Rios, Hermann Suchier, Dr. Lucking, Dr. Grober, Gaston Paris, Paul Meyer, Bataillard, e outros não menos distinctos, para quem a evolução litteraria portugueza mereceu apoio e franca sympathia. A *Bibliographia critica* acabou com o primeiro volume (1873-1875, pag. 1 a 390, in-8.° grande) por difficul-

dades economicas, mas ficou o impulso; póde-se dizer que a escola de Coimbra fortalecida pelo trabalho scientifico e litterario no Porto, assegurou o seu triumpho decisivo, entrando no magisterio.

No livro de Fernandes de los Rios, *Mi Mission en Portugal*, ao referir o desenvolvimento da escola revolucionaria, allude aos «pontifices que excomulgaran iracundamente á Quental, Braga, Oliveira Martins y otros hombres de la escuela nueva, por haber revelado la verdad critica.» [1]

Fernandes de los Rios desculpa-se de não historiar largamente esta transformação litteraria, que passava desapercebida á pedantocracia portugueza; as suas palavras têm um grande valor, não só porque nos apresenta como exemplo á Hespanha, mas porque deixa provada a realidade de uma escola com unidade moral, embora os seus obreiros se achem desmembrados por effeito de uma longa indisciplina mental. Eis as palavras do severo diplomata, que assistiu em Portugal a este movimento no periodo em que a pedantocracia mais o desvirtuava:

«La forma que me he visto obligado á dar á este libro y la necessidad de hacerme cargo hasta de las miserias puestas en juego para que el pueblo portuguez me crea, distincto de lo que soy, ha robado á estas páginas el amplo lugar que debia tener en ellas el estudio de *la evolution litteraria, que se está operando en el occidente peninsular*. Para la nacion que en los albores del siglo XIX produjo á Quintana, a mediados del á Espronceda, y que oy se halla entregada, á las corrientes de un lirismo banal, reducido á madrigales inspirados en los salones de un mundo gastado, viejo, absurdo, farsante y testarudo como los alquimistas de la edad media,—habia de ser altamente sorprendente la noticia de la regeneracion litteraria nacida en

[1] *Op. cit.*, p. 654. Paris, 1877.

Coimbra, en un estrecho circulo de jóvenes, estendida á Oporto, de alli á todo Portugal, y que algun dia llevará á España la tendencia nueva de Francia y principalmente de Alemania, á abandonar las queridas pero ya secas fuentes de una inspiracion gastada, para descobrir en los principios que agitan á la edad contemporánea la base de un sentimiento, que en vez de alimentar-se de sueños é instituciones caducas, busca en los hechos luminosos de la razon la inspiracion social y naturalista, la aspiracion á la verdad y á la justicia; que en lugar de dudar y fantasear afirma y combate; que halla en las acciones, triviales á primera vista, de la vida ordinaria, un caracter y una significacion universales, una tendencia general á obedecer el mandato de nuestro tiempo, las exigencias de la civilisacion. Si no me queda espacio para revelar *esa evolucion de las letras portuguezas*, completamente ignorada en España; sino puedo hacer un paralelo entre nuestro estancamiento literario y el movimiento de nuestros vecinos; entre el camiño, que ha hecho y hace su escuela nueva y el justo tedio que nuestro público siente, á los que intentan entretenerle con ayes melancólicos ó afectaciones humoristicas, á los que sienten, piensan, creen y esperan como en la edad en que nuestros mayores se consagraban á la improba tarea de matar el tiempo, tampoco he de omitir esta indicacion que sirva de busca-pié, á los que quieran saber, y no se arrepentirán de averiguarlo, lo que literariamente está pasando en Portugal.» [1]

Fernandes de los Rios estivera por embaixador em Portugal durante o reinado de Amadeo; elle tratára com todos os nossos litteratos, e os seus esforços constantes para estabelecer as relações litterarias entre Portugal e Hespanha, tornaram-o capciosamente suspeito de *iberismo*. Fernandes

[1] *Mi Mission en Portugal*, p. 654.

de los Rios em 1871, no ultimo de março, reuniu a maioria dos litteratos portuguezes, e foi o objecto principal d'esse certame auspicioso a leitura da traducção por Castilho do *Fausto* de Goëthe. Os jornaes desentranharam-se em toda a especie de elogios hyperbolicos á traducção, mas nenhum soube mais tarde defendel a das severas criticas de Graça Barreto, Adolpho Coelho e Joaquim de Vasconcellos, com que acabaram de demolir o pretendido mestre. Fernandes de los Rios teve, n'essa noite esplendida do palacio do Calhariz, ensejo de vêr em toda a sua imbecil ingenuidade a pedantocracia portugueza, e alguns dos cooperadores da nova escola revolucionaria. Um facto lhe não escapou, e foi quando começou «á creer que ni los literatos nacidos en Portugal y establecidos en Lisboa se conocian unos á otros.» (p. 646.) O motivo d'esta separação era organico; havia uma dissidencia nos espiritos e nas concepções, que já se revelava nas obras litterarias. A dissidencia dava-se no campo politico, pela proclamação franca das ideias democraticas, nas conferencias e no lyrismo; dava-se na historia pela critica philosophica, e pela consistencia dos factos que conduziam á emancipação do passado; dava-se na philologia, pela inauguração de novos methodos, na archeologia artistica pela investigação das tradições, e na creação do romance pela observação realista. Era esta a *evolução da litteratura portugueza*, rapidamente entrevista pelo embaixador hespanhol, e que elle veiu a conhecer melhor ao passo que foi verificando o valor dos ataques da pedantocracia, já na *conspiração do silencio* da parte dos velhos, já pelos ultrajes sem tregua da parte dos jovens que elles assulavam contra os novos obreiros. Quando se déra a reunião litteraria do Calhariz já o movimento da *nova escola* se desenvolvia no Porto.

A dissolução metaphysica, iniciada em Coimbra pelo lyrismo byroniano, com ideal politico e humanitario, que se

substituiu ao romantismo emanuelico, reappareceu em Lisboa sob a fórma de *aspiração revolucionaria;* a fundação da terceira Republica franceza produzia esta corrente dos espiritos, que se manifestou pelas Conferencias democraticas do Casino em 1871. Nas bases d'essas Conferencias, se pretendia: «Ligar Portugal com o movimento moderno, fazendo-o assim nutrir-se dos elementos vitaes de que vive a humanidade civilisada. Procurar adquirir a consciencia dos factos que nos rodeiam, na Europa. Agitar na opinião publica as grandes questões da Philosophia e da Sciencia moderna. Estudar as condições da transformação politica, economica e religiosa da sociedade portugueza.» Este programma foi truncado pela auctoridade, que mandou fechar as Conferencias, ficando assim reconhecida a existencia da ideia revolucionaria. Sem esta consagração proselytica, as Conferencias cairiam no vago, porque se fluctuava ainda n'esse estado de metaphysica revolucionaria da tradição de 1848, e a prova está no facto de terem os seus promotores abraçado o mysticismo societario, que enfraqueceu até hoje todos os esforços para a transformação politica. Na democracia européa dera-se felizmente a alteração do criterio sentimental de 1848, pela noção da relatividade em politica, pela substituição das aspirações indisciplinadas em opiniões positivas.

A revolução de 1848 fundava-se sobre aspirações socialistas e não sobre opiniões politicas; o sentimentalismo democratico alliado á metaphysica revolucionaria, fez renascer as tradições do deismo de Robespierre, e a lenda napoleonica da guerra como um poderoso elemento de civilisação; aproveitando-se d'essa dupla corrente, é que um Bonaparte póde commetter o mais execrando prejurio á face da Europa, destruir a Republica que lhe estava confiada, perseguir os representantes do poder legislativo, metralhar os cidadãos nas ruas de Paris, fazer as proscripções das cons-

ciencias justas, e assentar sobre estas bases o seu Imperio, que foi reconhecido de prompto pelas monarchias da Europa. Aproveitando-se das theorias socialistas, e elle mesmo declarando-se socialista, obteve essas estupendas manifestações plebiscitarias, com que o suffragio universal foi sophismado, e com que legitimou o poder roubado á nação; acobertado com a lenda napoleonica, quiz seguil-a e lançou a Europa no regimen da guerra, n'essa série de carnificinas que envergonham a historia da ultima metade do seculo XIX, desde a guerra da Crimeia até á guerra da Prussia. N'este conflicto de uma politica cesarista e de uma metaphysica revolucionaria, o espirito francez foi tomando consciencia da sua ignominiosa situação, e debalde procuraria libertar-se d'ella de repente, se essa politica cesarista com uma preoccupação dynastica não lançasse a nação em uma aventura de guerra, e essa metaphysica revolucionaria não secundasse o grito—a Berlim, a Berlim! Foi no meio das ruinas do imperio, nas luctas das tres monarchias que sonhavam uma restauração, que as noções da Philosophia positiva começaram a exercer a sua poderosa disciplina. Eis o que diz Laffitte: «Seja como fôr, uma transformação consideravel se deu desde 1870, quer sob a influencia dos graves acontecimentos que acabavam de ter logar, quer pela acção lenta e desappercebida da doutrina positiva, fazendo recuar gradualmente a metaphysica democratica. O espirito relativo penetrou nas massas populares, e graças á intervenção preponderante de um homem de estado de alta valia, M. Gambetta, prevaleceu de uma maneira mais ou menos confusa sob o nome de *opportunismo*.» [1] As relações de Gambetta com Littré, e a applicação constante do criterio positivo nos discursos do grande estadista, revelam que se procurou fundar a Republica não em uma mudança

[1] *La Revue Occidentale*, (III anno, n.º 1, 1880) p. 156.

instantanea mas por uma evolução gradual; d'este modo as classes conservadoras viram na Republica uma condição de paz e nos novos republicanos homens de governo. Abandonado o sentimentalismo democratico, a Republica deixou de ser proselytica, não exerceu perturbação sobre os estados monarchicos, e d'esta fórma a diplomacia europêa não machinou conflictos contra a sua existencia. A democracia entrou em uma phase nova, convertendo as aspirações revolucionarias em opiniões, e é por este claro exemplo que está actuando em todos os paizes.

Em Portugal os varios elementos do partido republicano vão comprehendendo isto, substituem a agitação pela doutrina; deve-se isto em grande parte tambem á propagação da philosophia positiva.

No seu livro, *A Philosophia experimental em Italia*, o professor Espinas apresenta o seguinte problema: «Não é sem interesse o saber se o Positivismo, tomamos a palavra na sua mais lata significação, depois de ter attraído a acquiescencia de um grande numero de espiritos eminentes em França, em Inglaterra e Allemanha, obterá as mesmas adhesões nos dois paizes onde encontra adversarios os mais solidamente estabelecidos, a Italia e a Hespanha, á medida que estes dois paizes de antiga cultura retomarem o curso de seus destinos intellectuaes.» A Italia, apesar de estar ainda infecta pelo papado, entrou no regimen de mentalidade positiva depois da dissolução espontanea do idealismo allemão, que viera emancipal-a da theologia; foi pelos pacientissimos trabalhos experimentaes que se fundou o criterio scientifico que traz os espiritos superiores á disciplina positiva. A renovação scientifica de um Moleschott, Herzen, Mantegazza, de Lambroso, Tamburini e Luciani, preparou o caminho para a elaboração philosophica da synthese positiva; proclamou a nova doutrina na Italia, Villari, em 1866, no estudo *A Philosophia positiva e o Methodo his-*

torico, seguindo-se os dois potentes espiritos Angiulli e Ardigo; este ultimo, é considerado o Herbert Spencer da Italia, pela vastidão das suas syntheses. Vê-se portanto como o positivismo se expande na Italia por uma evolução natural: dissolução da mentalidade theologica pelo idealismo metaphysico, e dissolução d'este pelo regimen experimental scientifico.

Na Hespanha continental ainda se está no conflicto das emoções theologicas com as idealisações metaphysicas; e embora comecem a vulgarisar-se as descobertas da sciencia experimental, a philosophia positiva está ainda longe de encontrar adhesões nos espiritos por falta de uma garantia de liberdade, e pelo atraso da educação publica. Comtudo na lingua hespanhola existem bellos livros de philosophia positiva, como a *Politica* de Lastarria, mas o seu apparecimento nas Republicas hespanholas basta para explicar essa actividade mental.

Em Portugal a Philosophia positiva foi inaugurada em 1872 em um curso de Esthetica, no Curso superior de Lettras; a sua facil propagação proveiu da sua opportunidade. A educação polytechnica e medica, proseguida como um modo de vida, não fundou entre nós uma actividade scientifica, mas deixou muitos espiritos em dissidencia profunda com os vestigios da mentalidade theologica que se conservam nas instituições, e com a inanidade metaphysica das faculdades humanistas. A Philosophia positiva foi abraçada entre nós como uma fórma de emancipação intellectual, e tende a radicar-se como base critica, sobretudo n'aquillo que Augusto Comte mais recommendava para a propagação d'essa philosophia, as *applicações*. [1]

1 Na revista *Philosophie positive*, Mr. Littré dá conta d'esta renovação mental:

«En Portugal, comme en Espagne, la theologie dessécha l'intelligence nationale, et comprima l'éssor des sciences positives Les grands évènements qui

A analyse da vida contemporanea, o romance, a poesia, a critica litteraria, a synthese historica, a pedagogia, as noções politicas, tudo se revivifica por essa poderosa philosophia; escusamos de citar aqui os nomes dos obreiros d'esta nova orientação, porque elles são os primeiros no magisterio portuguez, na propria Universidade estacionaria, nas escolas de medicina, e assignam os livros mais actuaes da litteratura contemporanea. Emfim a unanimidade produzida pela base scientifica disciplinada pelo criterio philosophico revela-se esplendidamente em um facto que hade ser na historia da nacionalidade portugueza o marco de uma éra nova—o Centenario de Camões, em 1880.

s'accomplirent au début de l'ère contemporaine, dissiperent sans retour, même dans les deux pays tenus si longtemps à l'écart, un régime attardé; et ce qui y succéda, ce fut la metaphysique, surtout celle que nous connaissons ici aussi, et qui cherche une conciliation entre les sentiments catholiques et les évidences scientifiques. Enfin la philosophie positive y penetra en s'emparant l'abord de quelques esprits tout préparé par le milieu général où vit l'Europe moderne. De sorte que, dans un intervalle de temps très court et sans l'empire de circonstances particulières, on voit se succéder le régime théologique, le regime metaphysique et le régime positif selon la formule de M. Comte. Notez bien ceci: l'Espagne et le Portugal furent arrêtes court par la théologie, à l'approche des sciences positives, qui, partout ailleurs, firent de si étonnants progrès dans le courant du XVI siècle et du XVII. L'éffet de cet arrêt fut désastreux; rien plus ne germa dans ces deux pays, qui, à en juger par leur grand éclat au XVIII siècle, aurait apporté un puissant contingent à l'oeuvre commune. C'est du reste une expérience sociale complète: le régime théologique indument prolongé, à tout stérelisé; mais il a été vaincu par la situation générale; les esprits, benignement mis en possession d'une liberté relative, se sont portés par transition, vers la doctrine la plus voisine, à savoir, la metaphysique; et enfin la science, qui s'y transplante de toute part y amène sa fille unique et legitime, la philosophie positive.»

FIM

NOTAS

A pag. 124, nota 4. — Sobre Frei Alexandre da Sagrada Familia seguimos as datas consignadas na obra do sr. Albano da Silveira Pinto, *Resenha das Familias titulares*, pag. 46. Em um precioso artigo do sr. Augusto Ribeiro *O Bispo Frei Alexandre, tio de Almeida Garrett* (no *Commercio de Portugal*, n.º 247) o nosso patricio corrige a data de nascimento do velho prelado collocando-a em 1736. O sr. Albano da Silveira Pinto, a quem seguimos, dando o anno de 1737, accrescenta intencionalmente entre parenthesis: «a data que está designada no seu retrato, na Bibliotheca nacional de Lisboa diz 1736: não é a que consta dos papeis de familia.»

A data 13 de junho de 1762 é a da sua profissão, como dissemos; a data 11 de junho de 1761 apresentada pelo sr. Augusto Ribeiro como a em que tomou o habito em Brancanes, é tambem a seguida pelo sr. Albano, e que omitiramos por ser uma minucia inutil.

A pag. 137, linha 30: Onde se lê Luiz Midosi, lêa-se José Midosi.

A pag. 138, linha 15: Onde se lê Depois do casamento, lêa se Antes do casamento.

INDICE

HISTORIA DO ROMANTISMO EM PORTUGAL

LIVRO II

ALEXANDRE HERCULANO

(1810 — 1877)

LIVRO III

A. F. DE CASTILHO

(1800 — 1875)

DECLARAÇÃO

A propriedade d'esta obra **Historia do Romantismo em Portugal**, no Brazil, pertence ao Ill.mo Sr. Domingos Alves Bebianno, negociante, morador na rua de S. Pedro n.º 122 Rio de Janeiro.